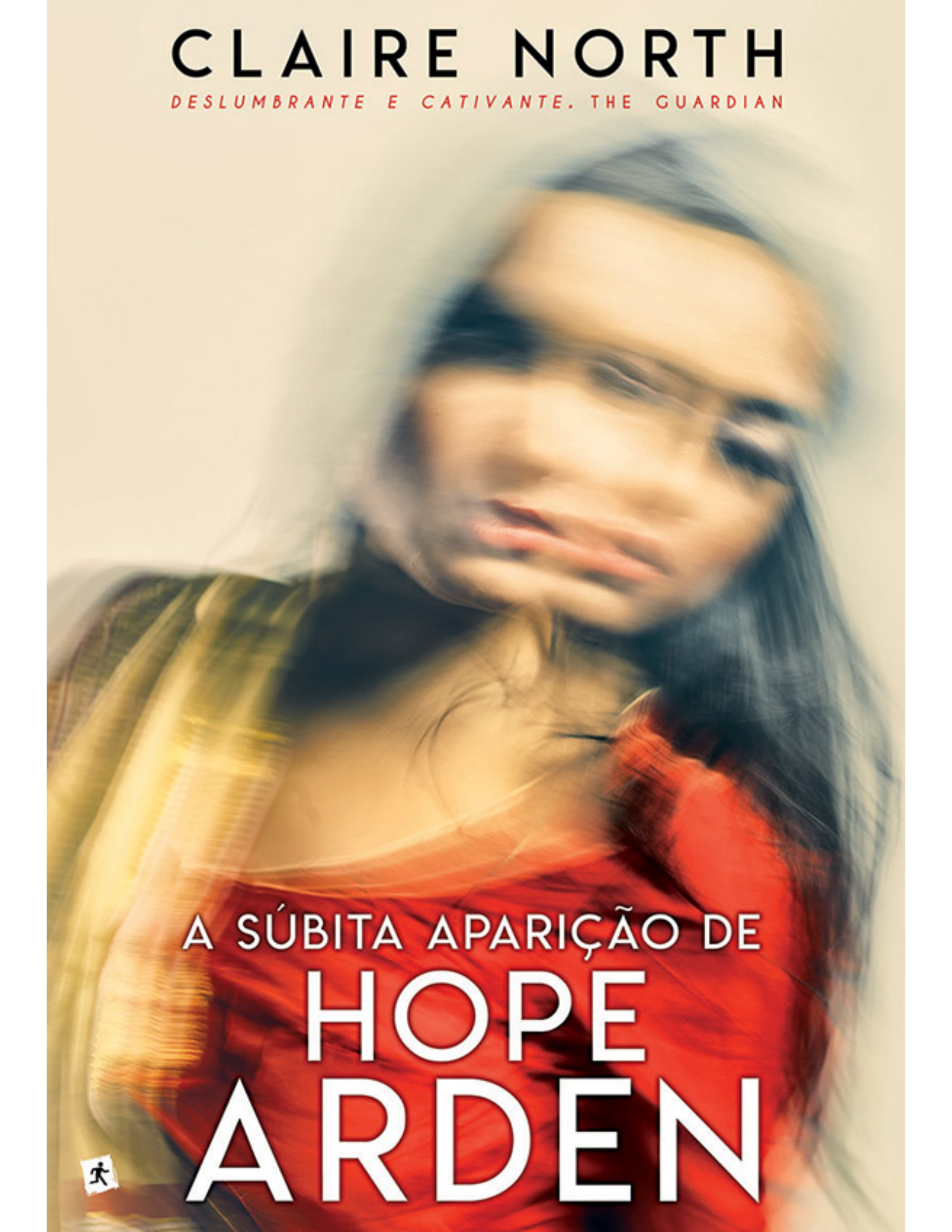




CLAIRE NORTH

DESLUMBRANTE E CATIVANTE. THE GUARDIAN

A SÚBITA APARIÇÃO DE
**HOPE
ARDEN**





FICHA TÉCNICA



TÍTULO: *A Súbita Aparição de Hope Arden*

AUTORIA: *Claire North*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2020 Edições Saída de Emergência

Título original The Sudden Appearance of Hope © 2016 Claire North.

Publicado originalmente no Reino Unido por Orbit, 2016

TRADUÇÃO: *Teresa Martins Carvalho*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

DESIGN DA CAPA: *Ana Passos Nascimento*

IMAGEM DA CAPA: *Arcangel / © Jari Hindstrom*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Maio, 2020*

ISBN: 978-989-773-292-8

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

CAPÍTULO 1

Disseram eles, quando morreram, que nada mais conseguiam ouvir além da gritaria.

Faço correr a tinta pela página, vejo o mundo através das janelas do comboio, nuvens cinzentas sobre a Escócia, e conquanto a gritaria continue ainda, não me incomoda. Já não.

Escrevo isto para ser lembrada. Julgar-me-ás, ao ler isto? Quem és tu? Mentiroso, impostor, amante, ladrão, marido, esposa, mãe, filha, amigo, inimigo, polícia, médico, professor, criança, assassino, padre? Descubro-me quase mais animada por ti do que estou por mim própria, sejas tu quem fores.

Sejas quem fores: estas são as minhas palavras.

Esta é a minha verdade.

Escuta, e lembra-te de mim.

CAPÍTULO 2

O mundo começou a esquecer-me tinha eu dezasseis anos.

Um lento declínio, um pedaço de cada vez.

O meu pai, esquecendo-se de me levar à escola.

A minha mãe, pondo a mesa para três, não quatro. «Oh», disse ela, quando eu entrei. «Devo ter pensado que não estavas em casa.»

Uma professora, a Menina Tomas, a única pessoa da escola que se importava, plena de fé nos seus alunos, esperança pelos seus futuros, esquece-se de dar caça ao trabalho de casa em falta, de fazer as perguntas, de escutar as respostas, até que, finalmente, não me dei mais ao trabalho de pôr a mão no ar.

Amigos, cinco que eram o coração da minha vida, com quem sempre me sentava, e que um dia se sentaram noutra mesa, não dramaticamente, não com ares de «vai-te lixar», mas porque olharam através de mim e viram uma estranha.

Uma dissociação entre nome e cara, assim se denomina o registo. O meu nome é lembrado, mas o elo quebrou-se; o que é Hope Arden? Um rabisco de tinta sem passado; nada mais.

Primeiro esqueces a minha cara, depois a minha voz, e depois, por fim, lentamente, esqueces as minhas consequências. Dei um estalo a Alan, o meu melhor amigo, no dia em que ele se esqueceu de mim. Ele correu da sala para fora, horrorizado, e eu corri atrás dele, corada de culpa. Quando finalmente o encontrei, ele estava sentado no corredor do bloco de ciências, de face afogueada, esfregando a cara.

— Estás bem? — perguntei.

— Sim — respondeu ele. — Dói-me um bocadinho a cara.

— Desculpa.

— Tudo bem; tu não fizeste nada.

Olhou para mim como para uma estranha, mas tinha lágrimas nos olhos quando falou. De que se lembrava ele então? Não de mim, não de Hope Arden, a rapariga com quem crescera. Não da palma da minha mão na sua cara, não da minha gritaria até voar cuspo, *lembra-te de mim, lembra-te de mim*. A sua dor estava a diminuir, levando com ela a memória. Ele sentiu mágoa, fúria, medo, estas emoções brilharam-lhe nos olhos, mas de onde vinham elas? Ele não o sabia já, e a memória de mim desmoronou-se quais

castelos de areia à beira-mar.

CAPÍTULO 3

Esta não é uma história de ser esquecida.

À medida que se desvanecia a memória de mim, o mesmo acontecia a uma parte da minha pessoa. Quem quer que seja essa Hope Arden que se ri com os amigos, sorri com a família, namoriska com o seu bem-amado, se ressentido com o patrão, triunfa com os colegas — essa deixou de existir, e tem sido surpreendente para mim descobrir quão pouco de mim ficou para trás, depois de tudo isso arrebatado.

Se é que as palavras na página são a única parte de mim que pode ser lembrada, e eu vou escrever algo que sobreviverá depois de eu me ir, isso deveria importar.

Uma história de Perfeição, então.

Para ti, começa em Veneza. Essa foi certamente a primeira vez que o mundo tomou consciência do que isso era. Mas para mim, e o papel que eu nela iria desempenhar, a história começou mais cedo, no Dubai, no dia em que Reina bint Badr al Mustakfi se matou no seu quarto de hotel no sétimo piso do Burj al Arab Jumeirah.

Dado que o quarto custava £830 por noite, e dado que se tratou claramente de um suicídio e portanto de uma gafe social, o corpo foi removido à pressa pela porta de serviço horas depois de ser descoberto. Uma empregada de limpeza nepalesa foi mandada esfregar o pior das marcas, mas Reina fora prestativa ao cortar a artéria femoral num banho quente, e portanto apenas umas quantas toalhas e o tapete da banheira tiveram de ser queimados.

Eu soube que ela tinha morrido porque a sua prima, Leena, não parava de gritar. Não chorar — simplesmente gritar. Em narrativas posteriores deste acontecimento, ela não diria as palavras «A minha prima Reina matou-se, e por esta razão», mas em vez disso «A minha prima Reina matou-se, e eu jamais recuperei do golpe».

Eu não gostava lá muito de Leena. O que tornou muitíssimo mais fácil roubá-la.

Gostava de Reina. Ela não sabia que éramos amigas, mas tudo bem — não me importo com estas coisas.

Entrei à força na morgue para onde tinham levado o corpo de Reina, um nome falso na etiqueta no dedo do pé, a pele tão cinzenta como a marquesa

de aço em que jazia. Vasculhei as roupas que lhe tinham removido, folhee um caderno de notas de curiosas ideias e comentários sobre pessoas que passavam, dei comigo nas suas descrições: *Mulher, pele como leite em café, profundo, diluído. Lenço cor-de-rosa, unhas cortadas bem rentes, alta e empertigada, mala na mão esquerda, olha para todos sem vergonha, não se rala que a fitem fixamente.*

Tirei o caderno de notas, apertei-o contra o coração, depois pu-lo no bolso, uma coisa a estimar e guardar a salvo.

O telefone dela estava num saco de plástico transparente junto aos seus sapatos, e o código desbloqueador foi fácil de adivinhar pela mancha oleosa que os seus dedos tinham deixado ao deslizar no ecrã. Tirei-o, e sentei-me nos degraus da morgue na sombra abrasadora, folheando mensagens e emails, procurando algo cruel ou um grito de dor para explicar porque estava Reina agora fria no silencioso edifício atrás de mim.

Apenas encontrei o Perfection porque me enviou uma notificação num lampejo.

Passaram quarenta e oito horas desde que foi ao ginásio pela última vez — esse corpo não ficará perfeito por desejo!

Uma aplicação, correndo no fundo do seu telefone.

Cuidado com o que compra hoje — essa última loja arrebatou-lhe os seus níveis recomendados de gordura saturada por hoje! Sabia que a gordura saturada é uma das primeiras causas de problemas cardíacos?

Que diabo de aplicação era esta?

Abri-a, curiosa.

Crie o seu eu perfeito.

A interface era simples, agilizada. Sem acessórios, sem personalização.

Perfeição é real. Perfeição é agora.

Um polícia dirigiu-se a mim, perguntou-me se estava perdida. Desliguei o telemóvel, meti-o no bolso, sorri e disse não, desculpe, foi só uma tontura.

Ele disse, gentil e calmo, «Toda a dor humana que experimentará na vida já foi experimentada por seres humanos vivos e seres humanos ainda por nascer. Não há prontidão para ela, nem atenuar do sofrimento, mas minha senhora, valha o que valer, acho que deveria saber que toda a humanidade passada, presente e futura está consigo agora, ao seu lado».

Sorri e agradei-lhe, e fugi antes que ele pudesse ver-me desatar a chorar.

*

Nessa noite, deitada de barriga para baixo no hotel, mar em baixo, poeira em cima, inscrevi-me no Perfection.

Dei um nome falso, um endereço de email improvisado num café.

Ao aderir, ganhei automaticamente quinhentos pontos; o suficiente para um desconto de \$5 numa bebida vitamínica de uma marca acreditada. Pingou a minha localização pela rede sem fio, posicionou-me num raio de cinco metros, encontrou uma loja de produtos naturais num raio de oitocentos metros que aceitaria o meu vale.

Avance mais depressa — ligue a sua vida.

Pedi uma fotografia minha. Forneci a fotografia de uma estranha, tirada do Facebook.

Com base nisto, informou-me de que eu tinha um corpo maravilhoso, mas que podia ser tornado perfeito.

Considere alterar a sua alimentação — eis algumas dicas.

Encontre o exercício perfeito para si!

Um questionário. Preenchi-o, e fui informada de que o exercício perfeito para mim era corrida de meio-fundo. Providenciaram-me uma lista de treinadores adequados, juntamente com a quantidade de pontos que ganharia ao inscrever-me em qualquer um destes clubes certificados pelo Perfection.

Ligue a sua vida, lembrava-me. Crie o seu eu perfeito.

Pedi-me os meus detalhes bancários.

Ao dar a esta aplicação acesso aos seus registos financeiros e despesas, o Perfection pode ver o seu verdadeiro eu. Crie a sua carreira e hábitos de vida perfeitos, com conselhos personalizados.

Recusei-me a inserir os dados, e quando voltei a espreitar na manhã seguinte, tinha perdido duzentos pontos.

A Perfeição é dura, dizia. O poder está dentro de si.

Fechei a aplicação e restringi-lhe o acesso ao meu telefone.

CAPÍTULO 4

Coisas que são difíceis quando o mundo se esquece de nós:

- Sair a dois
- Arranjar emprego
- Receber atenção médica consistente
- Obter um empréstimo
- Instrução certificada
- Obter uma referência
- Ser servido em restaurantes

Coisas que são fáceis quando o mundo se esquece de nós:

- Assassínio
- Roubo
- Espionagem
- Crueldade casual
- Aventuras de uma noite livres de angústia (c/ preservativos)
- Não dar gorjetas

Durante uns tempos depois de ter sido esquecida, brinquei com a ideia de me tornar uma assassina a soldo. Imaginei-me em macacos de couro, abatendo os meus alvos com espingarda de *sniper*, o meu cabelo escuro ondeando ao vento. Chui algum me poderia apanhar; ninguém saberia o meu nome. Eu tinha dezasseis anos, e ideias peculiares quanto a ser «fixe».

Então fiz algumas pesquisas, e descobri que um contrato de assassinio pode ser adquirido por €5000, e que a maioria das pessoas que trabalhava neste campo eram homens brutais em fatos de treino de nylon. Não havia quase de certeza glamorosas raparigas a despejar um frasquinho de qualquer coisa na bebida do vilão; beberetes alguns em que espões trocassem entendimentos crípticos, deusa alguma de morte, mulher misteriosa alguma. Apenas um lampejo de brutalidade no escuro, e o cheiro a pneus sobre alcatrão.

Mais tarde, ao aconchegar-me no meu saco-cama sob a escada da biblioteca, fechei os olhos e interroguei-me como é que chegara à conclusão

de que o homicídio era aceitável. Na minha condição, privada de família e esperança, sabia já que seria pelo crime que eu sobreviveria, mas significaria isso que a vida humana perdera a sua santidade? Visualizei a cena de matar um estranho, e descobri que era mais fácil do que matar um amigo. Depois adormeci, e em sonhos homens bateram-me, e eu tentei agredi-los de volta, e não consegui, o meu braço petrificado no ar, o meu corpo impotente.

Força, força, força, gritava a minha mente adormecida. *Força! Força! FORÇA!*

E eu sem me mexer mesmo assim, e quando acordei de manhã, descobri que alguém mijara na extremidade do meu saco-cama.

CAPÍTULO 5

Tens o Perfection?

Memórias — preciso de explicar o que se passou antes, para me explicar a mim? Talvez. Há uma palavra que Reina usava por vezes — peregrinação.

Peregrinação: uma viagem feita por razões exaltadas.

Um ato sagrado.

E depois ainda, pesquisa no Google: *Peregrinação é*

- *uma coisa fora de moda*
- *um desperdício de tempo e dinheiro*
- *importante ainda*

Tem o Perfection, perguntou ela, e onde foi isto?

Dubai, uns dias antes de Reina morrer. Um hotel numa ilha artificial; o Burj al Arab Jumeirah. Quando entrei, um homem ofereceu-me uma toalha de mãos fria, uma mulher ofereceu-me tâmaras numa bandeja dourada, o rececionista perguntou se eu iria desejar um dos *Bentleys* do hotel. Com a diária mais barata, £650 pagavam o quarto mas, por tão pouco, o criado particular poderia ser um tudo-nada rude e não se tinha acesso ao salão VIP. É aqui que começa? Penso que é.

— Tem o Perfection? — perguntou Leena e, atrás dela, Reina suspirou. — O CEO vem ao Dubai. Temos aqui um vicejante mercado de investimento; não se julgaria que companhias como esta precisassem de investimento, mas uma coisa como o Perfection vai ser global, vai ser mega, eu sei, mudou a minha vida! Vou obter tratamentos!

Cinco mulheres em divãs no spa, o mar azul como o céu matinal, o céu do meio-dia branco como a Lua da meia-noite, enchendo as janelas a toda a volta. Bebidas em camadas multicoloridas trazidas por mulheres do Bangladesh com sorrisos luminosos, cabeças baixas. Das cinco que estávamos a ser servidas, só duas eram do Dubai, uma princesa qualquer-coisa-qualquer-coisa-de-qualquer-lado com um inglês sem mácula e a sua prima Reina, que talvez não fosse princesa mas era difícil dizer, que tinha um blog sobre reforma social e direitos das mulheres e era, de acordo com Leena:

«Maravilhosa, não é simplesmente maravilhosa?, mas quem me dera que

fosse um pouco mais... bem, sabe...»

Um gesto, abarcando a figura silenciosa de Reina, que ao contrário de todas nós restantes usa fato de banho, não biquíni, e jaz deitada no divã com o portátil aberto, sobancelhas franzidas no topo do nariz.

— Os tratamentos destroem-te a alma — replicou Reina suavemente do seu portátil, sem levantar os olhos. — Os tratamentos destroem quem és.

— Querida — exclamou Leena —, há quem veja isso como uma coisa boa.

O olhar de Reina ergueu-se vivamente, encontrou o da prima, susteve-o, desviou-se. — Eu quero simplesmente ser eu mesma — murmurou.

— Mas isso é suficientemente bom? — cismou Leena. — Ou é apenas egoísta? — Fui sentar-me ao lado de Reina, perguntei-lhe em que estava a trabalhar enquanto as outras relaxavam à sua volta.

— Esta é a minha *jihad* — replicou Reina, sem levantar os olhos do portátil. — Esta é a minha peregrinação.

Jihad: luta. Esforçado empenho no caminho de Deus.

Sempre gostei de conhecimento. Faz-me sentir que sou real, parte de qualquer coisa apesar de tudo.

— Ontem a polícia deteve uma rapariga de catorze anos acusada de sexo fora do casamento com um vendedor de gelados — cismou Reina, a falar para o computador, tendo aprendido há muito que mais ninguém lhe daria ouvidos. — Ele violou-a, e será deportado. Ela vai para a prisão por adultério. Não posso aceitar que os direitos das mulheres sejam culturalmente relativos.

— Está a ver! — exclamou Leena, rolando no divã de modo a que a mulher filipina que lhe aplicava a tatuagem corporal metálica-platina lhe chegasse à nuca. — A Reina é simplesmente tão... tão... bem, simplesmente!

*

— Tem o Perfection?

Uma mulher americana, Suzy ou Sandy ou Sophie ou algo do género, que jazia deitada, costas nuas, queixo para baixo enquanto finos pedaços de folha de ouro lhe eram delicadamente pincelados na pele, criando redemoinhos e curvas coloridas de milhares de dólares que seguiam os

contornos da sua perfeitamente esfoliada, perfeitamente bronzeada, perfeitamente tonificada, perfeita carne.

Inclinei-me para fora do divã para ver de que falava ela.

— É uma aplicação — explicou, voltando-se para eu ver. — Uma ferramenta de saber viver, uma forma de criar um eu melhor. Inscreve-se, dá-lhe acesso aos seus dados e ela ajuda-a a melhorar!

— Que espécie de dados? — perguntei.

— Oh, tudo, realmente. Cartões de fidelidade, milhas aéreas, compras online, contas bancárias. Quanto mais informação ela tiver, melhor a poderá ajudar. Tipo, quando eu me inscrevi, tirei uma fotografia minha e ela conseguiu definir a minha altura, peso, tamanho de calçado, tudo — é uma inteligência, uma autêntica inteligência. E nessa altura eu tinha excesso de peso, quero dizer — bem, não vou dizer-lho! — mas encontrou melhores ementas para mim, bons treinadores, porque é isso que interessa, não é? E de cada vez que atinge um objetivo, tipo, alcançar o seu peso perfeito ou comprar os sapatos perfeitos num revendedor da aplicação, obtém pontos, e após determinado número de pontos, obtém uma experiência para assinantes!

— Que espécie de experiência?

— Oh, simplesmente fabulosa, fabulosa. Com quinhentos pontos, tive direito a um corte de cabelo grátis no Pike and Ion, foi sensacional, eles simplesmente sabem de cabelos. Com dez mil, obtive trezentos dólares de gastos no outlet SpringYou no centro comercial, *trezentos!* Não podia crer, mas, claro está, a aplicação soube o que eu comprei, e só por comprar as roupas certas, tive automaticamente um bónus de quinhentos pontos. Já vou em cinquenta e dois mil pontos, e mal posso esperar para ver o que aí virá.

Sorri e disse que soava maravilhoso, fabuloso, como é que eu podia usar uma coisa daquelas na minha vida.

— Tem de a ter! — exclamou ela. — Já é tão bonita, com um nico de trabalho, poderia ser perfeita também!

Sorri. Este era o meu terceiro dia na companhia destas mulheres, e a primeira vez que me viam. Eu era boa a ser obsequiosa.

*

E nessa noite,

— Tem o Perfection? — perguntei a Reina, enquanto corríamos juntas no ginásio só para mulheres, removidos lenços de cabeça, o suor ensopando-nos o cabelo.

— Sim — cismou ela —, tenho. É algo em que a minha família porventura investirá.

— É tão bom como as pessoas dizem?

— Suponho que... pode ser.

— Não soa convencida.

— É... a Leena fez-me inscrever-me, disse-me que eu era... sabe como por vezes as pessoas dizem palavras que deveriam ser terríveis, mas como conhecemos as pessoas e a forma como as dizem, não são? Só que, claro está — acrescentou ela —, são realmente.

— Que palavras? — perguntei.

— Oh, o costume. Gorda. Desmazelada. Enfadonha. Nada atraente para os homens. Sem graça nas festas. Frígida. Claro que não devia interessar, são coisas dela, não minhas.

Olá — tem a certeza que este é o restaurante certo para si? Eis a nossa lista de fornecedores recomendados com a garantia Perfection!

Continuámos a correr. Então ela disse: — Dantes pensava que bastava que gostassem de mim por ser eu.

Quase me ri, mas havia tal tristeza nos seus olhos, e eu estava sem fôlego, de modo que não ri. Em vez disso: — As pessoas que veem quem você é gostam de si por si, estou certa disso.

Ela sorriu, e olhou ao longe, e não voltámos a falar nessa noite.

CAPÍTULO 6

Porque viera eu para o Dubai?

Especificamente: para roubar a família real. O meu alvo era o diamante Crisálida, a peça central de um colar criado em 1912 para Afise Lakerba, mulher de Mehmed VI, o último Sultão Otomano. Quando a monarquia foi abolida, as joias entraram num frenesim pelas leiloeiras de todo o mundo, possuídas em etapas por gigantes da petroquímica, vedetas de Hollywood e a mulher do presidente da Colômbia antes de, tornadas infinitamente mais valiosas pela sua história, retornarem ao Médio Oriente através da tia de Leena, Shamma bint Bandar, uma das quase quatro mil descendentes reais da Casa de Saud.

Porquê esses diamantes?

Porque três equipas distintas se tinham habilitado a eles nos últimos cinco anos, e fracassado. O seu fracasso significava duas coisas: um desafio e um comprador.

É fácil, na minha posição, ser amadora com estas coisas. Parece-me que o frisson é maior quando o puzzle se encaixa. Por capricho, roubei certa vez o relógio de pulso do presidente do Paraguai, mas apenas rendeu \$250 e o frisson não foi nada comparado com o dia em que roubei £98.000 num assalto a um casino que se desenrolou sem mácula, a mais perfeita execução de um belo plano, com meses de preparação. Na minha linha de trabalho somos nós que criamos os nossos próprios picos.

Shamma bint Bandar vinha ao Dubai a uma festa de celebração com os criadores do Perfection, e com ela vinha o Crisálida.

Leena era a minha porta de entrada, mas enquanto eu borboleteava à sua roda, Reina captava-me cada vez mais a atenção.

*

— Ainda não nos conhecemos — disse eu a Reina, da quarta vez que fomos correr juntas. — O meu nome é Rachel Donovan.

E de novo: — Ainda não nos conhecemos — disse eu, quando nos sentámos juntas a ouvir um recital de música popular síria num bar abaixo do hotel. — Mas tenho muito prazer em conhecê-la.

— Eu pertenço a uma família importante, de certo modo — explicou ela

com um suspiro, enquanto partilhávamos manga servida numa cama de gelo picado. — Mas neste lugar isso não significa nada. Estou a tentar ser melhor.

— Melhor em quê?

— Em tudo. Melhor a falar com as pessoas. Melhor a aprender, entender, expressar-me e perceber os outros. Melhor aparência, melhor forma de pensar, simplesmente... melhor. É uma coisa boa por que me esforçar, não?

Já considerou comprar alguma destas revistas transformadoras de vida? Leia histórias inspiradoras de mulheres que encontraram as suas Vidas Perfeitas!

— Sim. Acho que é.

— Eu tenho um blog.

— Acho que já o li.

— Já? Poucos o fizeram — devia estimá-la bem. Demasiadas vozes todas ao mesmo tempo na internet, aos gritos, o tempo todo simplesmente aos gritos, às vezes é difícil ser-se ouvida. Às vezes penso que o mundo está cheio de gritaria.

Eu disse... algo. Algo sensaborão, tentando encontrar palavras melhores, palavras adequadas como a mulher a comer manga com Reina bint Badr al Mustakfi deveria ter dito, mas de alguma forma, no decurso da nossa conversa, eu deslizara para fora do meu papel, e só Hope Arden permanecera, e ela muito pouco tinha a dizer por si mesma.

— Pensei por uns tempos que lutaria para encontrar o meu lugar — cismou Reina, fitando nada em especial. — Agora apenas quero ser feliz onde estou.

*

No dia seguinte estava morta.

Copiei os seus emails para o meu computador; atirei o seu telemóvel ao mar.

Emails dos seus pais, preocupados com ela. De um par de amigos, esperando que ela estivesse bem, fotografias de famílias felizes, crianças a crescer, não é maravilhoso?

De grupos de ativistas fazendo campanhas por direitos civis, direitos dos

imigrantes, responsabilidade ambiental, reforma legal, etc.

Do próprio Perfection, um lembrete automaticamente gerado.

Vemos que se tem atrasado no seu regime de beleza e compras, dizia. Perdeu quatrocentos pontos na semana passada. Lembre-se: a perfeição está na mente assim como no corpo. Só você pode escolher ser perfeita. Eis algumas histórias inspiradoras de pessoas perfeitas do 106, para ajudar a encorajá-la a entrar nos eixos de novo.

Um link — fotografias, homens, mulheres. Lindos — todos lindos. Dentes, cabelos, lábios, sorrisos, tórax, seios.

Antónimos de frígida: amistosa, adorável, recetiva, ardente, amorosa.

Li tudo até ao fim do seu pequeno caderno de notas manuscritas.

Leena é feliz, escreveu ela. É incrivelmente feliz. É estúpida, e preguiçosa, e mimada, e chata, e talvez a determinada altura percebeu-o, e então encontrou maneira de esquecer que percebia o que quer que fosse. Pensei que talvez a sua confiança fosse uma fachada, um escudo para se proteger da sua própria mágoa, mas vejo agora que a superfície é a verdade, as profundezas são as superfícies.

Ontem comi fora sozinha, mas quando olhei para a conta, vi que tinham sido pedidos dois pratos, e que eu não pagara.

Hoje, o Perfection enviou-me fotografias de uma modelo num casamento, para me lembrar do que eu poderia ser. Quando ela fode um tipo, gritará ele de êxtase quando se vem? Gritará ela? Penso que me é destinado pensar que ela grita.

Esta noite a gritaria é estridente. Tão estridente.

Estas foram as suas últimas palavras. Sentei-me à beira-mar e observei as ondas durante uma hora, depois duas. Interroguei-me se lhe agradaria, saber que alguém estava a pensar nela. Interroguei-me se ela estaria feliz, dado o que eu intentava fazer. Esperava que estivesse, e depois de muito pensar, queimei o seu caderno de notas e atirei as cinzas ao mar.

CAPÍTULO 7

Tipos de roubo: assalto, carteirismo, roubo por encontrão, roubo automóvel, arrombamento, grande golpada, suborno rápido, falsificação, roubo de identidade, furto em lojas, recetação, desfalque, estelionato, saque, furto, gatunice.

Actus reus: ato doloso.

Mens rea: mente dolosa.

Uma mulher inocente pode levar a cabo *actus reus* ao pegar por engano na mala de outra mulher. Uma mulher culpada comete *mens rea* quando o faz deliberadamente. Um pode ser uma responsabilidade civil; só com ambos é que a matéria chega a um tribunal criminal.

Eu não queria ser uma ladra.

O meu pai era bófia; às vezes vinha encontrar-se comigo na esquadra. A maioria das pessoas estavam lá por coisas feitas enquanto bêbedas, pedradas ou desesperadas. Uma delas, um traficante de droga, abriu-se num sorriso quando lhe tiraram as impressões digitais, e riu-se para o sargento e chamou-lhe «meu» e disse «Não vai a lado nenhum, vai ver!» e tinha razão, e acenou ao sair da esquadra, «Mais sorte para a próxima, meu», corrente de ouro ao pescoço, ténis encardidos nos pés.

O único ladrão que vi tinha dezassete anos de idade, e embora eu tivesse apenas catorze, pareceu-me novo. Era branco como uma almofada, magro como um palito, e oscilava entre inação e violência qual cata-vento num tornado.

Agora: quieto, ombros descaídos, joelhos dobrados, pés virados para dentro.

Agora: debatendo-se, esperneando, contorcendo-se, deixando-se cair no chão, tentando bater com a cabeça contra o balcão.

E agora: quieto, silencioso.

E agora: gritando, gritando, foda-se, foda-se, gritando, sem palavras só foda-se, foda-se, gritando.

E agora: por de mais calmo. Por de mais silencioso. Fitando uma porta trancada.

Nesse dia, o meu pai deveria supostamente levar-me a ver um filme, mas teve de voltar ao serviço para ajudar a aplicar restrições ao miúdo na cela. Deixaram-no embrulhado como uma carpete por vinte minutos, libertaram-

no para evitar o risco de sufocação, e o papá levou-me finalmente ao cinema, mas o filme já tinha começado, e na noite seguinte o miúdo foi levado para o hospital depois de esmagar o crânio na parede da cela.

— Às vezes as pessoas dizem que é fácil — cismou o meu pai, enquanto me conduzia para casa da nossa saída falhada, um desconexo e apoloético monte de batatas fritas meio comidas no meu colo. — É mais fácil roubar do que trabalhar; é mais fácil mentir, safar-se com isso. Às vezes têm razão. Às vezes — demasiadas vezes — o sistema simplesmente não está calhado para aqueles que não têm nada melhor. Os desistentes e os viciados; os que não têm para onde ir. Às vezes é mais fácil fazer trapaça, porque a vida é dura. Mas temos de ter os amigos e família e gente à nossa volta que nos ama e se rala, e temos de ter esperança, grandes esperanças para o futuro, ideias quanto ao que queremos, porque se tivermos tudo isso, então a vida torna-se mais fácil — não fácil, só um tudo-nada mais fácil — e podemos ver que fazer trapaça é desespero, e o desespero é duro.

Eu não disse nada, ainda danada com o meu pai por ter mais uma vez sido vítima de demasiado trabalho, demasiadas promessas não cumpridas.

Ele não disse mais nada durante o resto do percurso, e não ligou a rádio.

CAPÍTULO 8

No dia seguinte à morte de Reina, a Princesa Shamma bint Bandar chegou ao Dubai, trazendo consigo o diamante Crisálida. Observei, as malas já feitas, quando Leena foi ao encontro da sua tia e respetiva comitiva à porta do hotel.

— Querida, estás linda! — exclamou a tia, e, *guinchinho*, tanto a contar-lhe, oh meu Deus, tem sido fabuloso, respondeu Leena.

Ninguém mencionou Reina.

Permaneci um bocado ao sol, ignorando o táxi que o porteiro chamara para me levar ao aeroporto.

— Minha senhora? — disse ele, e como eu não respondesse: — Minha senhora, ainda quer o táxi?

— Não, obrigada — respondi, e surpreendi-me com a certeza na minha voz. — Penso que talvez ainda tenha coisas a fazer aqui.

E assim falando, peguei na minha mala e voltei a entrar no hotel.

*

Reuni ferramentas para o meu crime.

A segurança pode localizar um batedor a léguas, mas a segurança nunca se lembrou de mim tempo suficiente para se interessar. Persegui rainhas e príncipes, troquei apertos de mão com diplomatas e espões, e ninguém olhou duas vezes. Nunca ninguém olha duas vezes para mim.

O explosivo plástico, adquiri-o a um ex-perito em demolições que fora despedido do seu emprego no Qatar depois de oito trabalhadores terem morrido no seu turno.

— Ali há sempre gente a morrer — explicou ele, ao entregar a mercadoria num saco de fechar com cordão. — As pessoas são mais baratas que o aço. O que interessa isso? Fizeram de mim um bode expiatório. Hipocrisia; a morte do intermediário.

*

Desligar a eletricidade no momento certo foi mais difícil, mas longe de ser impossível. O vírus para a tarefa, comprei-o a um fornecedor chamado BarbieDestruiuALua. Ela — esperava que fosse uma ela — não teve

pruridos em vender-mo através da darknet, dado que, tal como salientou, *Chui, ladrão, espião ou bobo, jamais me irás dar com o rasto.*

E o quê exatamente, perguntei, estava eu a comprar com os meus bitcoins?

É um conceito roubado à CIA, explicou ela. Eles usaram-no no Irão para desligar o seu programa nuclear, mas acabaram com as trombas desmascaradas. A CIA é uma corja de pintinhos do caralho. Os da NSA é que impõem respeito.

Estabeleci um timecode, e implantei o vírus no portátil de um engenheiro novato a passar por um infeliz e, conforme se verificou, completamente irracional trauma romântico.

— A minha mulher anda a dormir com outro homem! — choramingou, enquanto partilhávamos sushi e chá verde no café japonês com paredes forradas de pseudogatos cor-de-rosa de olhos arregalados. — Ela nega, e eu digo-lhe que lhe perdoarei se ela o admitir, mas ela não admite, de maneira que eu jamais lhe perdoarei, jamais, até ao dia em que ela morrer.

Sorri, passando o sushi por soja. Nunca embeber demasiado o sushi; um chef gritou-me certa vez por este pecado, mas a criada de mesa pediu desculpas por ele, explicando que a sua salamandra favorita morrera nessa manhã, e ele era um homem de grandes paixões. Percebo muito bem, respondi. Pode ser devastador, perdermos uma salamandra que amamos.

— Claro está que não consigo encontrar qualquer prova da sua traição — suspirou o meu quase-de-certeza-não-cornudo engenheiro novato. — Mas isso só prova quão bem ela a encobre!

Implantei o vírus no seu portátil enquanto ele foi mijar, e no dia seguinte, sem o saber, carregou-o para os computadores de subestação em que trabalhava juntamente com as suas folhas de horas de trabalho e uma série de poemas de trazer por casa sobre as paixões do amor desprezado.

CAPÍTULO 9

Profissionalismo criminal; é mais do que boa prática.

Jamais roubar por raiva, e contudo Reina estava morta, e o Crisálida tinha vindo para o Dubai e por isso...

Inspirar. Contar cada respiração. Uma inspiração — uma expiração.

Contar até dez.

Frequência cardíaca: 76 BPM.

Pressão sanguínea: 118/76. Sistólica/diastólica. Em 1615 um médico chamado William Harvey publicou *Exercitatio Anamotica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus* — *Do Movimento do Coração e Sangue nos Animais*. Os Chineses e os Indianos já lá tinham indiscutivelmente chegado antes, mas só em 1818 é que Samuel Siegfried Karl Ritter von Basch inventou o esfigmomanómetro.

Conhecimento é poder.

Conhecimento é liberdade.

Conhecimento é tudo o que eu tenho.

Não há nada neste mundo que me possa dominar, salvo eu própria.

*

Dias de perseguição no Burj al Arab Jumeirah.

Numa segunda-feira eu era uma estranha que Leena conhecera junto à piscina. Numa terça-feira era uma estranha no spa. Na quarta-feira era uma estranha que a abordou durante o jantar. Roubei o telemóvel de Leena, copiando toda a sua informação e associando o seu cartão SIM ao meu. Ela ia nos 634.000 pontos no Perfection.

Por agora estará a sentir o rejubilar que só pode provir de saber que se está a aproximar do pináculo de potencial. As suas metas não são sonhos — são verdades que você poderá, irá e deverá obter para se tornar o seu perfeito e verdadeiro eu!

Uma mensagem escrita no seu telemóvel:

Não posso crer que a Reina nos tenha feito isto! Porque seria ela tão estúpida?

Após vinte minutos de separação do seu telemóvel, Leena começou a entrar em pânico. Entreguei-o de volta a um dos seus seguranças, que suspeitou de mim como sendo alguém nefasto, mas eu já desaparecera e ele esqueceu-se.

Não é invisibilidade que eu possuo; é mais um constante pestanejar da mente.

— Temos todos o Perfection! — sussurrou-me Suzy-Sandy-Sophie-Qualquer-Coisa ao ouvido enquanto estávamos na sala de aromaterapia. — Até as princesas! Eu sou de Ogema, Wisconsin, e o meu pai vendia utensílios de cozinha em segunda mão na garagem, mas agora estou aqui e janto com realeza e simplesmente não há que deixar isso subir-nos à cabeça, pois todos eles são simples pessoas, realmente, ainda que sejam muçulmanos!

Sorri e disse: — É uma mulher muito tonta, não é? — e quando a boca lhe caiu de angústia e raiva, eu saí da sala de aromaterapia direita para a piscina de água fria, onde me deixei afundar, a cabeça a latejar com a mudança de temperatura enquanto contava até cinquenta, e depois vim à superfície e respirei, e deixei-me afundar de novo, contando para trás até zero.

Porque dissera eu aquelas palavras?

Um lapso de profissionalismo; imperdoável num trabalho. Observei a minha pele de galinha da água gelada, senti a pressão formar-se no fundo do nariz e censurei-me.

Eu dominava-me, sempre, independentemente de tudo. Disciplina em tudo.

Quando regressei à sala de aromaterapia, Suzy-Sandy ainda lá estava, deitada numa toalha branca. Abriu um olho quando entrei, não viu qualquer ameaça, fechou-o de novo.

— Olá — disse eu, sentando-me no banco em frente dela. — Sou a Rachel; sou nova aqui. Como é que se chama?

*

À noite, conheci Leena pela primeiríssima vez, pela décima sexta noite de enfiada, e, tendo já prática, avancei logo com: — Adoro o seu vestido.

Abordagens prévias: *Estou interessada nesta cidade fabulosa. Trabalho*

em finanças. Estou interessada no Perfection. Estou a escrever um artigo sobre as mulheres do Dubai. Conheci Reina, lamento a sua perda.

Nenhuma resultara, conquanto a menção ao Perfection me tivesse deixado mais próxima disso. Por vezes a verdade é que a rota trivial é a mais bem-sucedida, pelo que:

— Adoro o seu vestido.

— Adora, é fabuloso, não é?

— É Vera Wang?

— É! E o seu é...

— Dior.

— Simplesmente, adoro Dior.

— Quem é que não gosta?

Palavras vazias.

Eu sou o meu sorriso.

Eu sou os meus lábios.

Baixo a cabeça ao falar com ela, de modo que os meus olhos tenham de olhar para cima, parecendo maiores, mais redondos, mais atrativos. Animais lendo animais. As minhas joias, o meu vestido, o meu corpo, todos falam por mim, uma mulher com a pele quase tão escura como a da minha mãe, usando o perfume perfeito para a noite perfeita à beira-mar. As primeiras impressões contam, quando são tudo o que se tem por que viver.

Eu sou a ruga de deleite ao canto dos meus olhos. Eu sou a mulher que ela quer que eu seja. — Simplesmente, adoro moda — disse por entre os meus lábios reluzentes. — Você é a mulher com mais estilo aqui este ano.

Informação, pairando:

Vera Wang; estilista, antiga patinadora artística.

Al Maktoum, a família real do Dubai, descendentes dos Al Falasi da coligação de tribos Bani Yas.

— Você é maravilhosa — exclamou Leena. — É mesmo a espécie de pessoa que adoro conhecer.

*

Uma vez que se tenha a presa, mantê-la debaixo de olho. Só quando já não me veem é que as pessoas me esquecem.

Mantive-me perto de Leena, fluí com a sua comitiva, ri das suas piadas,

partilhei as minhas opiniões sobre moda, celebridades, viagens. «As pessoas perfeitas, as roupas perfeitas, as palavras perfeitas, as férias perfeitas!», exclamava ela, e em seu redor toda a gente ria.

— Eu estou com a Prometheus — explicou um homem com um fato Nehru branco e dourado, um cocktail gelado numa mão. — Queremos mesmo que o Perfection seja bom para as pessoas, as ajude a viver vidas melhores. Com a ajuda correta, qualquer pessoa pode ser perfeita!

Sorri e ri, e pensei noutra espécie de correção, explanada por um príncipe indiano há muito morto. Visão correta, sabedoria correta, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. O caminho óctuplo. *Samyanc* em sânscrito; correção como indica a completude, a unidade, a coerência. (Pode igualmente ser usado para expressar a noção de perfeição.)

Leena e eu circulámos juntas numa sala com treliça de ouro, chão de mármore, flores frescas — orquídeas, lilases salpicados de branco. Uma festa no seu apogeu, quase nem um lenço de cabeça à vista, homens e mulheres misturando-se livremente, um estandarte numa parede — *O Futuro É Perfeito*. Os criados eram indianos e do Bangladesh, atraídos dos campos de trabalho ocultos no deserto. Expatriados por todo o lado.

Eu era especialista em títulos do governo, mas agora mudei-me para os futuros globais...

...a questão dos seguros é que...

Porque lhe chamam «paraíso fiscal»? Quero dizer, não se apercebem como é que a imprensa reage a palavras como essa?

...o petróleo é demasiado curto prazo. Certo, há agora dólares à farta, mas eu quero que os meus miúdos se metam nos direitos digitais.

Os Emirados Árabes Unidos têm uma população algures entre 75 e 85 por cento de expatriados. O que fazem tantos estrangeiros a uma sociedade? *Volvos* em Abu Dhabi, o MacDonald's dá uma boa saída à noite? Ou será que a cultura morde de volta exaltando antigas virtudes: os poemas de Dhu al Rummah, a música de Umm Kulthum, as palavras dos *Hadith*, as tradições dos povos das areias?

Um pouco de ambos, talvez. As canções de Umm Kulthum reinterpretadas ao estilo de Beyoncé.

Contei relógios de ouro.

Contei telemóveis.

Contei passos até à porta.

Olhei, e vi o colar que viera de tão longe roubar, não já no seu estojo sensível à pressão, sensível ao movimento, sensível ao calor, mas usado ao pescoço de Shamma bint Bandar, que neste preciso momento beija um homem de elegante fato preto na face, felicitando-o pelo seu árduo trabalho. Aqui, esta noite, o Crisálida foi posto no seu devido uso; a vaidade torna as pessoas vulneráveis.

«Acabei de começar os meus tratamentos», explicou uma mulher com saltos de quinze centímetros, as partes de trás dos seus tornozelos incrivelmente finas, as barrigas das pernas gravadas ao de leve com uma linha de prata translúcida onde o cirurgião cortara, apenas visível quando a luz sobre ela incidia. «É incrível, simplesmente incrível, mudou a forma como vejo o mundo.»

Ela usava um vestido que afundava à frente, atrás, dos lados, deixando pouco mais que umas alças taticamente colocadas sobre os ombros. O homem com quem ela falava usava adorno de cabeça branco sustido no lugar com ouro, veste branca, barba preta cortada num V perfeito em torno do queixo, e uma adaga cerimonial decorada de rubis. Parecia que teriam de se esforçar para comunicar, mas ele exclamou: «O meu primeiro tratamento foi um espanto! O meu motorista veio buscar-me a seguir, e pela primeira vez vi-o. Não apenas ele, mas *ele*.»

Avancei. Circulei, contando.

Roubar joias a um ser humano é mais fácil para mim do que roubar de um cofre. As câmaras de vigilância CCTV lembrar-se-ão do meu rosto, o cofre precisará de peritos que o arrombem, os sensores de movimento requererão ferramentas de ludibriamento. Não posso executar grandes golpadas, mas devo esperar pela oportunidade de agir, sozinha, sem auxílio, correndo riscos que qualquer um temendo que o seu rosto fosse reconhecido jamais correria.

Circulo, circulo, circulo na sala.

Conto os homens da segurança de notório preto — onze — e os homens de segurança mais discretos misturados com a multidão — quatro que eu veja.

Conto xeques jordanos de vestes brancas, príncipes sauditas de elegantes fatos de seda, homens da embaixada americana com manchas de suor embebendo-lhes as camisas debaixo dos braços, investidores chineses

tirando selfies contra o fundo da cascata interior do salão de baile, sorrindo para a câmara na extremidade do bastão.

Conto mulheres que prefeririam não estar ali, os lábios sorrindo mas os olhos não. Conto relógios de pulso que custam mais que o salário anual dos criados que os invejam, e o número de vezes que ouço as palavras «capitais próprios» ditas em voz alta. (Trinta e nove.)

Conto câmaras de segurança.

Conto os passos até à Princesa Shamma, e o valor de \$22 milhões da peça de joalharia que lhe rodeia o pescoço. O meu interesse em Leena foi-se, agora que me meteu na festa, e ela já está bastante bêbeda. A tia não está.

Estás pronta?

Conto os segundos, coloco-me na posição perfeita para a minha jogada, solto os pés dentro dos seus ridículos sapatos de salto alto, que apenas serão um estorvo quando o momento chegar.

— Desculpe?

A mulher fala inglês com um ligeiro sotaque americano que é pura escola internacional: apátrida, esplendoroso. Fito-a surpreendida, assimilando o seu vestido de colarinho subido de estilo chinês, adornado com dragões de prata em fundo preto; o cabelo preto penteado ao alto com uma desordem que só pode ter custado um dinheirão; a pulseira e brincos de prata, o rímel preto, o sorriso cauteloso. O escuro em torno dos olhos fá-los parecer mais fundos do que são; os brincos suspensos fazem-lhe o pescoço parecer mais longo. Após uma noite a beber, seria uma pálida criatura com tamanho de estorninho¹, mas agora, neste lugar, é o luar sobre saltos altos.

— Está sozinha? — perguntou-me. — Conhece alguém?

Pensamento instantâneo: é uma mulher da segurança? Por que outro motivo haveria alguém de me observar o tempo suficiente para descobrir a minha solidão, sem esquecer a minha existência? Mas ela permanece à precisa distância física requerida para ser audível, sem intrusão, continua a sorrir polidamente, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Eu... não — balbuciei. — Não conheço ninguém.

— É britânica?

— Sim.

— Está aqui em trabalho?

— Sim, com o British Council.

Uma mentira, lesta e fácil. Estou aqui para promover o estado britânico. Espalho pelo mundo a palavra de Shakespeare, a história do críquete, as memórias do colonialismo e o gosto de peixe e batatas fritas. Sou uma mensageira da boa vontade. Sou uma adjunta da arrogância nacional. Quem sabe?

A mulher, sempre sorrindo, não disse nada.

— O que faz você? — perguntei, da boca para fora, para encher o espaço.

— Estou na investigação.

— O que quer isso dizer?

— Estudo o cérebro humano.

— Isso soa... grandioso.

Pela primeira vez, um repuxar do canto da sua boca que bem podia ser um sorriso querendo tornar-se real. — Todo o pensamento é retroalimentação e associação. Deparando-se com crescente stress social, o corpo responde como faria a qualquer alarme. Os capilares constingem-se; o ritmo cardíaco eleva-se, a respiração acelera-se, a pele fica quente, os músculos contraídos. O charme vacila ante a hipertensão. A partir deste momento de rejeição social, instauram-se trilhos no cérebro para reforçar uma ligação entre socialização e ansiedade. Desenvolve-se uma série de assunções que conduzem a uma perceção dos sistemas sociais como ameaçadores, desencadeando uma resposta de ansiedade. Todo o pensamento é retroalimentação: às vezes essa retroalimentação pode tornar-se demasiado ruidosa. Faz parte do 106?

— Não sei o que isso significa.

Um lampejo de surpresa, e depois: — Tem o Perfection?

— O quê? Eu... não.

— Não diga ao meu irmão.

— O seu irmão é...

— Ele procura fazer uma versão que promova os valores islâmicos. Cinquenta mil pontos por fazer o *hajj*; quinhentos pontos por qualquer débito direto para caridade, e por aí fora. Eu disse que não estava certa de que Deus funcionasse dessa maneira, por algoritmos de recompensa e vales de compras, mas aqui estamos nós... — Um suave erguer das mãos, palmas para cima, como se erguesse a sala dos seus alicerces para a examinar. — E ao que parece, tudo vai... muito bem.

Ela julgara saber o que queria dizer “muito bem” em tempos, mas pela expressão dos seus olhos, o tempo presente está a redefini-lo.

Abri a boca para dizer oh, a sério, é fascinante — mas não há tempo. O vírus implantado há nove dias numa subestação elétrica ganha vida no momento certo, e deita abaixo uns 30 por cento da eletricidade do Dubai.

Um tremeluzir, quando as lâmpadas se obscurecem, seguido de um restabelecimento quando o gerador de emergência do hotel assume a carga. O som da música declina, depois revive, as vozes oscilando emudecidas, e logo sonoras de novo na breve calmaria. Os olhos da mulher tremeluzem para o teto, depois para as janelas, olhando através da água para onde se apagou um padrão de luzes através da costa.

Trinta, vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete...

— Subestação — cismou ela. — Provavelmente um simples tropeção.

— A minha amiga tinha o Perfection — disse eu, e fiquei surpreendida ao ouvir a minha voz, ver os olhos dela voltarem-se para mim. — Na altura, não me pareceu que fosse infeliz.

— Lamento — disse a mulher. — Como é que ela se chamava?

— Reina.

...dezanove, dezoito, dezassete, dezasseis...

Abri a boca para dizer algo mais, algo banal, e em vez disso dei comigo a oferecer a mão, que ela apertou. — Chamo-me Hope.

— Filipa — respondeu ela. — É bem mais interessante do que faz por parecer.

— E você mais do que as pessoas pensam?

Ela meteu para dentro o lábio inferior, os olhos elevados para o teto, como que procurando um brilhante fio de seda de uma teia de aranha tangível. — É exatamente isso, penso eu. Exatamente isso.

...seis, cinco, quatro...

Sete passos até à tia de Leena, o agarrar do colar em torno do pescoço é fácil, pratiquei de olhos fechados no mesmo enquadramento durante três horas a noite passada. Estão três pessoas entre mim e o meu alvo, agora quatro, a alteração da sala jogando em minha desvantagem.

Abro a boca para dizer algo que importe; mas na confusão de passagens de serviço e não tão seguras assim portas trancadas abaixo do hotel, a minha pepita de Semtex explode por fim.

A explosão não abanou o edifício; mal gerou potência de fogo suficiente

para perfurar os cabos aos quais estava acoplada. Fez-se uma escuridão instantânea, como mãos em torno do pescoço. Será uma questão de momentos até que alguém suspeite de manobra suja, uma questão de minutos até que os engenheiros deem com o problema. Os geradores, quando os inspecionei numa das minhas rondas noturnas envergando um uniforme de empregada da limpeza, são concebidos para sobreviver a terremotos e furacões. A reparação não será difícil.

Uma falta de reação na sala — uns quantos suspiros, um ligeiro arquejo, mas nada de gritos ou pânico. Os cortes de energia acontecem; é simplesmente a vida.

Viro-me, mãos adiante enquanto os meus olhos se adaptam à obscuridade, palpo caminho entre seda e veludo, passando por renda e pérolas, contando os passos, cinco, seis, sete, sem pressa, até sentir o roçar de uma cintura contra a minha mão e ouvir o pequeno tomar de fôlego de uma estranha à minha frente.

— Princesa Shamma? — digo em árabe, modulado com o sotaque da minha mãe.

— Sim? — responde a dama.

Levo-lhe uma mão ao pulso, aperto-lho com força, e com a outra arranco-lhe o colar do pescoço. Fácil; praticado. Ela fica surpreendida, mas apenas pelo inesperado contacto no seu braço. Os olhos seguem sempre o movimento maior; o corpo responde sempre à sensação maior — qualquer prestidigitador o sabe.

Arranquei os diamantes, soltei-lhe o pulso e afastei-me.

Quarenta e sete segundos se passaram até que a tia de Leena desatasse a gritar.

¹ No original, possível trocadilho com a palavra *starling*, que significa estorninho mas poderia igualmente significar estrelinha. (N. da T.)

CAPÍTULO 10

Nem sempre fui o que sou agora.

Em tempos, era lembrada.

Tinha amigos e família, professores e trabalhos de casa.

Era má aluna e tudo bem.

Nunca chegarás a grande coisa com a tua atitude, disse o professor de Geografia.

Não é a tua disciplina, pois não?, disse o de Matemática.

Escreve-o de uma vez!

Um dia a Inglês, foi-nos dito que tínhamos de falar durante um minuto de um tema à sorte. A rapariga à minha frente, Emma Accrington, tirou as palavras «escritórios de espaços abertos» do chapéu sobre a secretária da professora.

«Não sei o que isto é», explicou ela, contorcendo-se penosamente diante da classe que a fitava. «Acho que é como um escritório, mas sabem como é, ao ar livre e isso tudo. Tipo, todos vão lá para fora e tipo, há animais, sim? Tipo, galinhas e vacas e assim?»

A classe riu-se, e ela riu-se também, reconhecendo o absurdo daquilo tudo, e quando a professora me mandou falar a seguir, eu ainda estava a rir, e não consegui dizer uma palavra sobre o meu tema — passear cães — pois as lágrimas corriam-me pela cara.

Achas-te engraçada?, perguntou a minha professora ao pôr-me de castigo. *Achas que alguma vez farás alguma coisa de mérito?*

Mérito: a qualidade que torna alguma coisa desejável ou valiosa.

Meritório: que tem as qualidades que merecem ação ou consideração.

Caracterizado por boa intenção, mas destituído de humor.

Uma pessoa notável numa esfera particular.

Sinónimos: virtuoso, bom, ético, de princípios elevados, de pensamento justo, nobre, reto, venerável, consciencioso, fidedigno, seguro, exemplar.

Antónimos: desonroso, indigno. Ninguém.

Eu tinha quinze anos, e ao ir a pé para casa através do inverno pardacento, sabia que de nada era meritória.

Quando chegou o relatório da escola, o papá ficou silencioso. Fiquei à espera que gritasse comigo, mas ele não gritou. A minha mãe gritou até chorar. A sua pele era escura como mogno queimado, o cabelo já grisalho

nas tēmporas, cortado bem rente ao crânio. Usava um avental de cenouras e couves-flor quando cozinhava, coisa que fazia cinco noites por semana a não ser que o papá estivesse no turno da noite, caso em que cozinhava ele antes de sair para o trabalho. Tinha eu dez anos, ela disse: — Agora vais aprender a cozinhar! — e eu pressenti que esta não era uma questão a debater. Nyaring Ayun-Arden, a minha mãe, era coordenadora do serviço de clientes do gabinete concelhio de habitação e era uma boa cozinheira, embora gostasse de sardinhas acima de tudo.

«É simplesmente maravilhoso!», exclamava. «É peixe, numa lata, por 16 centavos!»

O meu pai dizia que tinha conhecido a minha mãe num evento comunitário.

A minha mãe ria-se e dizia: «Assim lhe chamas tu!»

Eu ignorava-o como uma tola piada de adultos, até que um dia a minha tia Carol sussurrou: — A tua mãe atravessou a pé o Sudão e o Egito, andou até chegar a Istambul, veio para este país na caixa de um camião e arranjou trabalho a fazer triagem de roupas para hotéis, mas acabou a pedir esmola depois de lhe dizerem que não podiam pagar a imigrantes o salário mínimo. O teu pai agarrou nela, pô-la numa cela para passar a noite, deu-lhe chá e uma refeição de micro-ondas. Três anos depois, ela estava a dirigir o balcão de receção do grande gabinete concelhio no centro da cidade, e ele acabara de ser promovido a sargento. O teu pai tinha-se esquecido dela, mas ela não se esquecera, não a tua mãe, e foi a sorte dele.

No ano em que eu nasci, a irmã da minha mãe, deixada para trás no Sudão, deu igualmente à luz e chamou à sua filha Sorrow. A minha mãe, sem saber disto, ou sequer que a sua irmã estava viva, chamou-me Hope. A família dela era nuer, mas para lhes facilitar a vida o meu avô insistira que aprendessem todos árabe, na esperança de que os filhos entrassem um dia para a função pública. A função pública não os quis, mas a minha mãe cantava-me em árabe no berço, e praguejava em árabe, e andava de um lado para o outro do quarto ralhando comigo em árabe, com as palavras, primeiro numa língua, depois na outra: — Hás de falar em muitas línguas e ter as oportunidades que eu não tive!

Em criança, ouvia estas palavras como uma condenação. Ela não tivera oportunidades, pelo que agora me forçava, a sua filha, a viver a vida que ela não pudera viver. Só depois de ter perdido a minha família é que eu

compreendi o que ela estava a tentar dizer.

— Um bófia casar com uma imigrante, especialmente naqueles tempos — cismava a minha tia — diz muito do amor deles. Mas a verdade é que o teu pai sempre foi bom homem em primeiro lugar, e bófia em segundo; por isso é que a sua carreira tem sido tão lenta. E a tua mãe... sempre acreditou nas pessoas. Por isso te chamou Hope.

CAPÍTULO 11

Saindo descalça de um roubo no Dubai.

Não saio diretamente do hotel, não ainda. Se o fizer, alguém com muita paciência poderá visionar as imagens das câmaras, verificar quem lá estava quando a energia faltou, quem é que não estava quando voltou. A comparação resultaria na minha cara.

A maior parte das forças policiais não tem tempo, e tempo é dinheiro. Mas a polícia do Dubai é comandada pelo príncipe fulano que é parente do príncipe sicrano, e conquanto um roubo insignificante, um pequeno assalto, um toque de abuso sexual ou doméstico pudesse resvalar por falta de tempo e energia, ninguém pousa um dedo num membro da família real.

De modo que esperei.

Pus os diamantes num saco de plástico no autoclismo da terceira retrete na casa de banho das senhoras do piso térreo. Nos filmes de gangsters de Hollywood, um tolo trapalhão e o seu insinuante filho tropeçarão na minha mercadoria roubada; seguem-se artimanhas, surge o amor e eu acabo como uma vilã, mulher fatal porventura, já que me é narrativamente impossível ser outra coisa que não uma predadora sexual, bem como uma mestra do crime.

Assim sendo, a polícia, quando chega, começa imediatamente a interrogar o pessoal do hotel, puxando homens feitos pelo colarinho, berrando na cara das criadas filipinas, enquanto os expatriados e dignitários se misturam em estado de choque e excitação, pois esta é simplesmente a coisa mais emocionante que acontece desde há muito tempo e deliciar-se-ão com ela durante anos.

Um homem no átrio, gritando ao telefone. A mulher toda vestida de preto está postada atrás dele, observando sem expressão.

«Na porra da minha festa!», berra ele. «Na porra da minha festa roubou-lhe a porra das joias, sabes o que esta porra nos faz, sabes que porra acabamos de perder...?!»

As portas do elevador fecham-se, cortando-o da minha vista.

No meu quarto deito-me na cama, costas direitas, braços sobre o peito.

Respiro.

Uma vez.

Duas vezes.

Observo o reflexo da água no teto.

Disciplina.

Diariamente: alguma forma de exercício.

Diariamente: alguma forma de interação social.

Disciplina.

Fecho os olhos, e respiro.

CAPÍTULO 12

Fui esquecida quando tinha dezasseis anos.

Porquê nessa altura?

Os meus pais amavam-me, não havia dúvida. Mas quando a minha irmã nasceu, necessitava de atenção quase constante. A pequena Gracie, que aos quatro anos apanhou sarampo de um miúdo do infantário cuja mãe julgava que a tríplice viral era veneno.

«Veem?», vociferou ela quando a minha irmã foi levada a correr para as urgências com 41°C de febre. «Ela levou a vacina e que bem lhe fez?»

Pensei que a mamã ia dar-lhe um estalo, e quando o papá me levou a casa, a mamã ainda sentada na UCI, ele quase abalroou um ciclista, e tivemos de esperar na faixa do bus durante dez minutos enquanto ele retomava o fôlego.

Aos médicos são ensinados os três cês para diagnosticar o sarampo: carraspana com tosse, conjuntivite e coriza (nariz entupido para ti e para mim). Podíamos igualmente acrescentar um K — os pontos de Koplik. Aglomerados de lesões brancas na mucosa bucal. Parecem pequenas marcas brancas, como grãos de sal, pelo interior da bochecha junto aos molares. A deteção precoce pode conduzir a um rápido diagnóstico antes de se instalar a plena infecciosidade. Nós não os detetámos precocemente; não sabíamos procurar.

Aos 42°C os órgãos começam a ficar lesados. Foi-me permitido faltar à escola, e desejei pela primeira vez não faltar, enquanto o exantema alastrava a todo o corpo de Gracie.

Só passados quinze dias é que a minha irmã foi autorizada a vir para casa. Ao fim de nove meses, era óbvio que ela sofrera lesões cerebrais. A mãe da criança não vacinada apareceu três dias depois de tirarmos Gracie do infantário. Ficou à porta, uma mulher pequena com um lenço de arco-íris, e falou baixinho com a minha mãe, e no fim estava a chorar, e a mamã também, embora nem uma nem outra levantasse a voz, e nunca mais a vi.

Acho que começou então, nos meses e anos que se seguiram ao sarampo.

Lentamente, um pedaço de cada vez, comecei a diminuir, e o mundo começou a esquecer.

CAPÍTULO 13

Treze horas depois de colocar os diamantes na casa de banho das senhoras, fui buscá-los de volta, e dei saída do hotel.

O autocarro Dubai-Muscat era um lustroso expresso com ar condicionado que viajava a uma imutável e enfadonha velocidade pelo meio da gigantesca e esparsa autoestrada ao longo de seis horas e meia, duas das quais passadas num labirinto de passagens fronteiriças. As autoridades emiradenses olharam de relance para o meu passaporte americano e não se interessaram. Os indianos e paquistaneses que rumavam a Omã eram sujeitos a várias horas de especulação.

— Acontece o tempo todo — disse a mulher ao meu lado, mascando diligentemente sementes de girassol enquanto estávamos sentadas sobre as nossas malas à porta do barracão da alfândega. Cuspiu as sementes para um lado, e abriu-se num largo sorriso cheio de dentes. — Você tem sorte; o seu país é rico. Ninguém quer saber do que fazem os ricos. Ei, quer ouvir uma coisa engraçada?

Claro, porque não?

Ela abriu-se num desastre dentário de sorriso e, num inglês de sotaque carregado, entoou: — Fazem os golfinhos alguma coisa alguma vez à toa? Não! Fazem-no à toninha! — e riu-se até as lágrimas lhe rolarem pela cara.

*

O autocarro ziguezagueou através das montanhas, uma terra de nenhures de estradas vazias antes da fronteira de Omã, onde apresentámos a nossa bagagem para ser revistada. Ninguém se dignou abrir o pote de loção de bronzear na qual os diamantes estavam cuidadosamente acondicionados; os cães detetores de droga não encontraram nada de interesse ao farejarem ao longo da fila. Os serviços de imigração de Omã estavam alojados num palácio falso árabe, que devia mais da sua arquitetura à Disney do que a Sinan Pasha.

— Sozinha? — perguntou o inspetor.

— Sim.

— Casada?

— Não.

— Tem alguém com quem ficar?

— Sim.

— Mas não é casada?

— Não.

Os seus lábios franziram-se ligeiramente de desagrado, mas embora eu fosse uma mulher solteira, viajava num autocarro público pelo que, não encontrando razão diplomática satisfatória para me rejeitar, deu-me o visto.

*

Na estrada tudo era amarelo.

Durante algum tempo contei carros; depois contei arbustos, depois não havia nem uns nem outros para contar e fitei a poeira e interroguei-me quantos grãos de areia seriam soprados para o mar todos os anos, e se se poderia construir uma pirâmide com eles. A costa de Omã fora escavada e semeada de robustas árvores verdes-escuras e esparsos campos beges inclinados, mas a poeira insinuava-se por cada alpendre de casa de cada desconhecida povoação que abraçava a estrada.

*

Palavras quando penso em Muscat:

- Acolhedora — cremalheiras de carne, sorrisos em cada porta, as palavras «tem de conhecer a minha mãe» são ditas com genuína alegria.
- Quente — a brisa marítima parece fazer ricochete em terra, o braseiro seco do deserto escaldando-nos as costas.
- Dividida — não tanto uma grande cidade, como uma série de pequenas cidades, reunidas por estradas entupidas por sobre colinas pronunciadas.
- Unificada — cada rua deve respeitar um determinado estilo, cada repartição obedecer a estritas leis arquitetónicas.
- Velha e nova — antigas tapeçarias em baixo; ar condicionado em cima. Pés nus, cabeça coberta. Janelas de arabescos, tetos abobadados, um lugar simultaneamente encantador e absurdo.

*

Os nomes de ruas em Muscat eram quase inexistentes. O hotel em que dei entrada indicava o seu endereço como «4.º edifício depois da estátua do navio do lado esquerdo de frente para o mar», antes de se alargar para mais largos golpes de área e distrito.

Sentei-me a uma varanda de frente para o oceano, e bebi café turco, os pesados grãos roçando-me os dentes. Não era a minha primeira escolha de hotel, mas isto não era o Dubai; nem todos os lugares aceitariam uma mulher não casada, viajando sozinha.

Nesta bolha de calmaria abrigada do mundo, liguei a televisão e vi as notícias. O roubo no Dubai corria apenas como notícia de segundo plano nuns quantos canais, a polícia confiante de um rápido sucesso nas suas investigações. Os detalhes eram esparsos; até a internet parecia estar emudecida quanto ao assunto. Só um fragmento tinha o seu interesse — uma entrevista com um homem de nome Rafe Pereyra-Conroy (CEO da Prometheus), que se voltou diretamente para a câmara e disse: «Sentimos pessoalmente este assalto aos nossos amigos e generosos anfitriões, e tudo faremos em nosso poder para ajudar a trazer o criminoso à justiça.»

Estudei-lhe o rosto, e não vi nele nada digno de nota. Desliguei a televisão.

No lavatório da casa de banho, lavei a loção de bronzear dos diamantes, depois dispu-los num lençol branco, escrevi a data e hora num pedaço de papel junto a eles, tirei uma fotografia do conjunto, e tratei de procurar vender a minha mercadoria roubada.

*

Num cibercafé em Muscat, liguei o meu portátil à tomada Ethernet na parede, carreguei a fotografia dos diamantes para o computador, e postei a imagem num anúncio na rede Tor.

Vende-se: diamantes Crisálida, valor est. \$2,2 milhões. Consideradas todas as ofertas para além de \$450.000.

Assinei como _porquê e, feito isto, fechei de novo o portátil, meti-o na mala, e fui procurar companhia.

CAPÍTULO 14

A recetação de um objeto roubado é mais importante do que o roubo.

Vídeos DVD, relógios, telefones, relíquias de família, peças avulsas de ouro e prata — um prestamista disso se encarregará, por baixo preço. Na Florida, um juiz decretou que os prestamistas não precisam de devolver mercadorias roubadas sem terem a hipótese de serem ouvidos num processo civil. O crime disparou, bem como o número de prestamistas.

«Há uma ligação entre pobreza, crime e prestamistas?», perguntou uma jornalista de Miami, enviada a cobrir a história como parte de uma série sobre o declínio da América.

«Minha senhora», replicou o xerife local, «caga quando come?»

No Reino Unido, tal observação teria constituído uma ofensa digna de despedimento. Dizer o que se pensa em público, quanto mais falar com referências a funções corporais, não é coisa feita pelas Classes Dominantes. Nos EUA, tão vivas imagens são tranquilizadoras; quase tão tranquilizadoras como ver um xerife com uma *AK-47* a passar de carro pelo bairro. Partindo do princípio, claro está, de que o bairro é de classe média e branco.

«Caga quando come?» Um professor da Universidade de Nova Iorque que subornei com *chao min* e um sarau de Elgar em troca dos seus conhecimentos de criminologia riu-se. «É a caca feita de biocarbonos complexos? É a natureza uma maravilha, é o corpo humano compreendido? É-o a sociedade? São-no as pessoas? São rudes e excessivas simplificações de entrincheirados problemas socioeconómicos precisamente o que está errado com este país polarizado? Sim, que diabo!» Cacarejou rejubilante ante esta revelação, e arrebanhou mais uma carga de massa chinesa. «Sabe porque é que os peritos não têm uma resposta fácil? Porque a porra de um perito é o tipo que sabe quão complicadas são a porra das questões.»

Mais tarde — com ele já mais sóbrio — perguntei-lhe as coisas que queria realmente saber. Crime organizado. Interpol. Lei e pegadas digitais; tudo o que um estudante de criminologia em formação poderia querer perguntar. E porque não dizer-me? Ele conhecia a minha cara; criminoso algum se teria atrevido a ser tão ousado.

Como se vendem diamantes roubados?

«Enviam-se para o correio», explicou um arrombador-de-cofres-tornado-

homem-de-leis croata, cuja perícia era contratada por forças policiais, universidades e, assim o sussurrou enquanto jazíamos sentados à beira do Mar Adriático, «por alguns espões mas jamais russos ou judeus, *jamais*, juro pela vida da minha mãe».

Eu comprara a sua sabedoria por \$5000 e uma garrafa de champanhe, e agora ele emborcava a bebida enquanto o Sol se punha nas nossas costas e o céu húmido se enchia de um rosa difuso. «Eu não quereria ser correio. Nunca sabe onde se vai meter — o problema não são os chuis, são os tipos do outro lado do contrato, quero dizer, pode ser qualquer um, qualquer um; mas é o correio que corre o risco, graças a Deus, ouvem-se histórias. Mostre-me um tipo simpático, e ponha-lhe um diamante de dez quilates à frente e eu mostrar-lhe-ei um monstro, nem mais.» Um estalar de dedos, uma golada de champanhe, a luz do Sol através da taça. «Sabe qual é a diferença entre um ladrão profissional e um amador?»

Não. Não sabia.

«Um profissional sabe quando cair fora. O contrato é bom de mais; o cofre difícil de mais; os porcos ruidosos de mais. Tudo bem. Minimize as suas perdas. Não passa da porra de dinheiro, percebe o que quero dizer?»

E se o contrato for avante?

«É-se pago. Talvez 5 a 10 por cento se se tiver sorte. O melhor que alguma vez recebi: 20 por cento do valor do diamante, e isso foi coisa única, ímpar, jamais acontece. Mas o tipo que o tem agora, o recetador, tem de movimentar o produto. De modo que o envia para a Índia, ou África, talvez. Moçambique; talvez Zimbabwe? Eles por lá têm esta coisa, este processo de Kimberley, que supostamente protege as pessoas que minam diamantes e essa merda, mas o que faz é produzir burocracia. De modo que se cortam os diamantes, uma, duas vezes, talvez dez, vinte vezes, dependendo do que se pretende. E obtém-se um belo certificado novo em folha enquanto saímos para o mundo dizendo que esta pedra é autenticada reluzente e limpa, e expedimo-la para a América ou China ou Brasil, e vendemo-la, valendo menos do que valia antes mas sabe como é, é o preço do negócio.»

É pois um negócio com base na confiança?

«Claro, claro. Tem que se confiar no correio, que tem de confiar no comprador, que tem de confiar nos tipos a quem vende. Tem tudo a ver com confiança, e porque não teria? Se se quebrar a confiança, acaba-se na prisão

ou morto ou ambos, de modo que se confia para sobreviver e ficam todos bem.»

Sorri e enchi-lhe outra taça de champanhe.

*

Confiança: crença de que alguém é fidedigno, honesto, verdadeiro, bom.

Tais crenças são formadas com o tempo, e ninguém no mundo se lembrava de mim tempo suficiente para em mim confiar. De modo que fiz tudo por mim própria, e fi-lo sozinha.

CAPÍTULO 15

Muscat, fitando o mar.

Eu queria vender diamantes, sabia que havia compradores algures, um mercado mesmo à espera de comprar.

Fui à darknet.

*

Havia oitenta e sete respostas diferentes ao meu anúncio quando fui verificar ao fórum.

Destas, cinquenta e uma eram um desperdício de tempo de imbecilidades, desde o insultuoso ao manifestamente falso. Com isso restavam trinta e seis contactos suscetíveis de consideração.

Descartei as dez melhores e as dez piores ofertas de imediato. Uma oferta, de dois milhões de dólares, tresandava a qualquer idiota companhia de seguros ou serviço de segurança, e a segunda melhor, de \$1,8 milhões, vinha acompanhada das palavras: *Pode confiar em nós para proteger o seu anonimato.*

Eu não confiava em ninguém, e ninguém merecedor do meu tempo assumiria o contrário a meu respeito.

Voltei a minha atenção para ofertas mais convincentes, variando de \$650.000 a \$900.000 em várias moedas. Duas ofereciam pagamento em bitcoins, o que tinha os seus atrativos, mas uma solicitava-me que expedisse os diamantes para a África do Sul; um risco que não estava disposta a correr.

Das ofertas que permaneceram na mesa, escolhi as quatro mais prováveis: uma oferecendo bitcoins, uma oferecendo câmbio em qualquer cidade que eu desejasse, uma que requeria expedição para a Índia, e a última perguntando-me se estava interessada no pagamento através de um casino em Macau.

Macau saiu da corrida quando o comprador pediu um encontro preliminar num iate privado ao largo da Tunísia. O comprador em bitcoins caiu fora quando o pressionei para dar detalhes logísticos. Entre a Índia e o onde-quer-que-queira, fui para a opção mais preguiçosa.

A mercadoria tem valor histórico, escrevia o onde-quer-que-queira,

correndo pelo punho de mugurski⁷¹. *Estou ao serviço de um colecionador. Onde gostaria de se encontrar?*

*

Dois dias de exploração em Muscat.

A localização ideal: um lugar público, para minimizar as probabilidades de ser roubada. Um lugar discreto, de modo a podermos inspecionar a mercadoria um do outro com privacidade. Um lugar longe de câmaras de vigilância CCTV, mas com acesso a transporte e fuga. Escolhi o *souk* Muttrah. Outrora, poderia ter sido um sítio de vielas fedendo a mijo e ladrões, de esquinas enegrecidas e becos sem saída, mercadoria em derrocada e fumo; de sonhos fantásticos que corriam na imaginação de poetas e pintores do Ocidente, enchendo-lhes os sentidos de incenso. Agora era uma armadilha turística para compradores que ainda tomavam «brilhante» por «antiguidade»; chão cuidadosamente limpo e betão. Onde estavam os exóticos banhos de damas desnudas que assombravam as obras de Ingres e Matisse, onde estava o *djinn* das *Mil e Uma Noites*, a mística sobrenaturalidade de *Al Aaraaf*? Pois bem, tinham sido excluídos do mercado pelo preço do mercado imobiliário, e conquanto os escaparates estivessem ajoujados de mercadorias, regatear mal renderia um desconto de 10 por cento, mesmo que se fosse americano e o preço inicial exorbitante.

Vagueei através de escaparates com sedas e caxemiras suspensas, algumas mais genuínas que outras. Inspecionei colares de ouro, e colares de quase ouro, e gordas pulseiras de ouro nenhum dispostas em reluzente esplendor, tabuleiros tão apertados uns contra os outros no escaparate que o vendedor tinha de estar postado direito como uma vara no minúsculo espaço entre as suas mercadorias. Flanei por entre grandes sacas castanhas de curcuma e açafrão, cravo-da-índia e canela; tabuleiros de tâmaras, tinas de azeitonas, tetos de que pendiam lâmpadas de vidro cujos quebra-luzes estavam perfurados de luas e estrelas. Abri caminho entre tilintantes caçarolas de cobre e contorci-me em torno de manequins ataviados de *abayas* em azul e preto. Um vendedor estendeu-me uma faca curva metida num estojo embutido de joias e vociferou em inglês: — Você, você, linda senhora, americana, sim, o melhor, o melhor, eu vendo o melhor!

Outro apanhou-me a olhar para um pequeno bule de chá cor de laranja

sobre uma mesa com uma miscelânea de bricabraque e exclamou: — Para o seu marido! —, ao passo que, do outro lado do corredor apertado, um velho de barba branca nada disse enquanto eu examinava um jogo de xadrez esculpido em pedra-sabão jaspeada, até que por fim ergueu a cabeça ante a minha contemplação e declarou suavemente: — Só deve comprar se jogar.

— Tem razão — respondi. — Com certeza.

Escolhi o meu lugar, com fartura de gente, fartura de cobertura, sem câmaras de segurança à vista; um café vendendo *shisha* e chá, onde nos podíamos ocultar atrás da privacidade de cortinas de damasco e estruturas de treliça em pau-rosa, com nefastos negócios a fazer.

*

Regressei ao quarto de hotel. No computador aguardava-me prova de fundos de mugurski71.

Bem como uma nova mensagem.

Byron14: Porque atacou a Prometheus?

Em circunstâncias normais, uma mensagem de um estranho é algo que eu ignoro. A solidão tem conduzido a muitos erros na minha vida. Fechei o computador e ignorei-a.

Duas horas depois, ao verificar se mugurski71 tinha oferecido mais alguma coisa:

Byron14: Sei que está a fazer negócio com mugurski71.

Considerarei a mensagem por um momento, dei a volta ao quarto, abri a janela para escutar o mar, e voltei ao teclado.

_porquê: Não discuto questões de negócios.

Byron14: Porque atacou a Prometheus?

_porquê: Não sei o que quer dizer.

Byron14: Roubou o Crisálida a Shamma bint Bandar no lançamento do novo produto da Prometheus no Dubai. Humilhou Pereyra-Conroy; envergonhou a sua

companhia.

_porquê: Quem é Prometheus?

Byron14: É o Perfection. Mugurski71 trabalha para a Prometheus.

Afastei-me novamente do computador, vagueei pelo quarto, bebi água fresca, agarrei nos dedos dos pés e distendi-me até os ouvidos me zumbirem, sentei-me novamente.

Byron14 estava à espera, paciente, no outro lado da linha.

_porquê: Qual é o seu interesse?

Byron14: Ao roubar o Crisálida do seu evento, humilhou a Prometheus. Eles estão a assistir os Emirados nas suas investigações.

_porquê: Isso não responde à minha pergunta.

Byron14: Acedeu a encontrar-se com mugurski71?

_porquê: O que quer?

Byron14: Mande um fantoche. Contacte-me uma vez isso feito.

Foi tudo.

CAPÍTULO 16

Deitada acordada na escuridão abrasadora de um verão de Muscat.

Sem pregar olho.

Os ladrões são propensos a paranoia. O carro na noite, os passos nas sombras; confiança. Em quem confiar? Em praticamente todo o pequeno crime, ódio é uma palavra tão boa como honra. Ódio aos chuis, ódio à lei, ódio ao mundo. Por esta razão, o mediano assaltante de três vinténs atirado por três anos para Petonville não vai trair os comparsas, porque, embora sendo todos sacanas traidores, eles não são os chuis, o chiqueiro, a imundície, e ainda que não sejam amigos, não deixam de ser comparsas.

Sobe o crime, sobem as apostas, sobem as razões para traição.

Uma corrida noturna por Muscat, e três homens de branco chamando: *Ei, linda senhora, tu quente, tu doce, tu quente?*

Estes homens serão porventura casados, matarão porventura outro homem à pancada só por olhar para as suas esposas, as suas irmãs, as suas filhas, mas quando uma solitária mulher ocidental caminha pelas ruas de Omã, é trigo limpo, porque as mulheres ocidentais são assim, não são? Devem ser, para andarem como andam, falarem como falam.

Tu doce, tu quente?

Fugazmente, sinto o medo de ser uma mulher numa terra estrangeira.

Eu sou a rainha das aulas experimentais; autodefesa, meia dúzia de diferentes formas de artes marciais; disparei uma pistola num rancho no Nebraska, uma espingarda no Kentucky. Trago uma lanterna na mala que poderá, com muito pouco esforço, transformar-se numa arma de contundente impacto numa emergência, e estou preparada para magoar alguém, para realmente magoar, se a minha segurança for ameaçada.

Continuo a correr, e conto os passos enquanto o faço, vinte e sete até os homens estarem completamente fora de vista.

*

Fui apanhada por chuis três vezes na minha carreira.

Da primeira vez, tinha dezassete anos, e fui pega em flagrante a roubar num grande armazém de Birmingham. O segurança que me agarrou não me largou o braço até a polícia chegar. Tiraram-me o nome (falso), endereço

(falso), e quando descobriram a mentira, o sargento olhou-me nos olhos e disse: — É uma pena, boneca, pois temos de te fazer passar pelo sistema.

Puseram-me no banco traseiro do carro da polícia e conduziram vagarosamente para a esquadra. Encolhi-me para baixo, calada, ouvindo os polícias lá à frente a tagarelar sobre o jogo, do que a patroa dissera, como um desejaria ter mais tempo para ver os miúdos, o outro estava preocupado com o pai. Quando chegaram à estação, um disse: «Vai um chá?»

«Joia», replicou o outro alegremente, e, assim falando, saíram do carro sem olhar para o banco traseiro, trancaram as portas e lá foram para a sua pausa para o chá, deixando-me sentada lá atrás, esquecida, interrogando-me o que ia eu fazer agora.

No fim, um oficial deu comigo, e chamou os condutores do carro, e perguntou-lhes o que diabo se passava. Não faziam ideia; lembravam-se de ter sido chamados para um roubo numa loja, mas não estava lá ninguém para ser detido.

«Então que diabo faz ela aqui?», clamou o superintendente. «Quem é ela?»

Eu disse: — Estes homens agarraram-me simplesmente na rua, agarraram-me e disseram que iam fazer umas coisas e não sei porquê, não paravam de falar de uma maneira que eu só pensei que se calhar estavam bêbedos!

Depois chorei, o que, dada a situação, não foi muito difícil, e os chuis deixaram-me ir, e pediram-me que não reclamasse.

*

Da segunda vez fui apanhada através da darknet.

Eu tinha vinte e quatro anos, e fora a Milão pela comida e pela moda. Primeiras impressões — a minha vida tem a ver com causar uma boa primeira impressão. Quando uma tentativa falha, vou-me embora, e reinvento-me, e volto para tentar de novo. Conquanto as primeiras impressões possam ser a única coisa que tenho, pelo menos é-me dado praticar até darem certo.

Milão durante a semana da moda está cheia de estranhas multidões em locais improváveis. Dobra-se uma esquina e lá estão eles, jovens e espantosos, usando sapatos incríveis e ridículos chapéus, à espera de

verem alguém-que-conheça-alguém-que-seja-amigo-de-alguém a desfilar na passadeira vermelha. Os modelos abundam, mas são surpreendentemente difíceis de localizar nas ruas sem a maquilhagem e beicinho, desaparecido o glamour, andando com as pernas, não com os quadris. É um exercício de transformação, coisa que eu estava determinada a estudar.

Entrar na festa de comemoração da Dolce & Gabbana foi fácil. Entra-se como criada e, uma vez lá dentro, muda-se para um vestido. Nesse ano, usavam-se golas altas, saias curtas, e o visual era estampado caxemira cruzado com *Star Trek*. Reparei em cada mulher de poder, em cada modelo amarinhando por aquele gorduroso varão, e copiei os seus sorrisos e os seus passos, um pé diante do outro, em perfeita linha reta, dos dedos aos calcanhares.

Foi um rancoroso capricho que me levou a roubar Salvatore Rizzo, sessenta e nove anos de idade e o rei da beleza.

— Uma pena, uma pena — disse ele, olhando para mim. — Podias ser alguém, mas não és alguém, não tens a cara, os olhos, os lábios; e a seres alguém, serias alguém por esta altura.

Pensei em dizer o que pensava, e não disse. Tinha vinte e quatro anos de idade, e estava a aprender o profissionalismo.

— Estas — disse ele, passando os dedos primeiro pela gargantilha de ouro e safiras de uma modelo, depois pela linha da clavícula, depois pela curva do braço — são as Lágrimas da Czarina. Foram usadas por Alexandra da Rússia no dia em que o Palácio de Inverno caiu. Sabes quanto valem?

Aproximadamente seis milhões de dólares, pensei. — Oh, não — repliquei. — Quanto?

— Para as pessoas comuns — dinheiro. Para mim — a alma humana. A rapariga que usa isto não é simplesmente bonita, é extraordinária, é um ícone, um ícone do que deveriam ser as mulheres. As mulheres deveriam ser belas, deveriam ser diamantes, nós deveríamos venerá-las, deveríamos desejá-las, deveríamos necessitar de ser desejados por elas, deveríamos mantê-las a salvo e polidas e perfeitas, é nisso que eu acredito, é por isso que eu luto, sou um feminista, estás a ver, é a única coisa que é importante na vida. Mulheres. E beleza. E a alma.

Sorri e interroguei-me se algum dos seguranças presentes estaria armado.

No bar, uma modelo de Riga, de dezassete anos, sussurrou: — Disseram-me que devia dormir com ele, mas a minha amiga deixou-o fazer-lhe coisas

e depois foi mandada para casa sem ser paga, de modo que vou simplesmente continuar a trabalhar, manter o controlo, e chegar ao topo da maneira difícil.

— Porque fazes o que fazes? — perguntei.

— Dinheiro — respondeu ela. — Se conseguir continuar com isto, poderei pagar a universidade, mas é duro — é uma vida dura, temos de mudar tudo o que fazemos, como comemos, como falamos, como fazemos exercício, como dormimos, como andamos; tudo. Mas às vezes, quando desfilo na passarela, e todos olham para mim, sinto-o.

— Sentes o quê?

— Sinto que... pois. Foda-se. Sou um espanto do caraças. Sou forte como o caraças. É o que significam as roupas, estás a ver? Quando são boas, sinto-me mais eu, e sou imbatível.

É o que o sorriso significa também, pensei, os lábios selados no lugar. Sorrio, e não digo o que penso, porque quando me restrinjo nas minhas ações, sou mais do que eu própria: sou imparável.

— O que queres estudar? — perguntei.

— Redesenvolvimento urbano.

— Não moda?

Ela encolheu os ombros. — De moda já eu sei. Mas não sei o bastante de ligações de transporte público.

Por um momento, o sorriso torna-se genuíno. — Devias estudar — disse eu. — A mim parece-me uma excelente ideia.

Três horas mais tarde, dei com ela sem sentidos atrás do bar. Alguém lhe vertera alguma coisa na bebida, e tinha as cuecas rasgadas. O hospital disse que não havia sinais de penetração, mas a agência mandou-a embora, pelo sim pelo não. Duas horas mais tarde, as Lágrimas da Czarina desapareceram do quarto de Salvatore Rizzo, levadas por uma mulher de cuja cara ninguém se podia lembrar.

*

Padrão de comportamento usual.

Pus as joias roubadas à venda, acedi a uma troca num café em Viena, cheguei, pedi *sachertorte*, e passados cinco minutos estava a olhar pasmada para um mandado de prisão e para um homenzinho com os primórdios de

uma careca prematura que disse: — Tinha algum casaco?

Tão aturdida estava eu com a situação, com o enxame de polícias em meu redor e a pequena multidão de turistas de olhos postos em mim através da janela do café enquanto as algemas eram postas, que não registei a pergunta de imediato.

— O quê?

— Um casaco — repetiu ele pacientemente. — Está muito frio lá fora.

— Junto à porta. O azul.

— Este casaco?

— Sim.

Apalpou-o rapidamente com a mão de alto a baixo, nada encontrou de interesse, passou-mo pelos ombros. — Muito bem então.

Sentou-se ao meu lado na viagem de carro para a esquadra, e foi aplaudido pelos agentes vienenses ao conduzir-me para dentro. Tiraram-me as impressões digitais — um problema. Os computadores lembravam-se de mim. Teria de ter mais cuidado depois disto.

Na sala de interrogatório perguntei: — Porque é que bateram palmas quando entrou?

O alemão dele tinha um ligeiro sotaque que não consegui situar; nem a vivacidade precisa de Berlim nem o lento arrastar de Viena. — Ando atrás de um ladrão de joias há três anos — replicou. — Apanhá-la é uma coisa e tanto. Deseja chá, café?

— Não pertence à polícia local?

— Interpol.

— Julgava que a Interpol era apenas uma coisa de que se falava nos filmes.

— Nos filmes, há menos papelada — replicou ele com um suspiro. — Escrever emails e ordenar folhas de cálculo não vende bilhetes de cinema, embora eu tenha algumas bases de dados bem excitantes.

Para minha surpresa, sorri, examinando este polícia com novos olhos. Era uns dois ou três centímetros mais baixo que eu, com braços longos e pescoço atarracado, com uma firme constelação de três pequenos sinais chatos junto à orelha esquerda. Tinha as unhas cortadas dolorosamente rentes; tê-las-ia roído em criança?

Onicofagia: hábito compulsivo oral de roer as unhas. Aplicar um verniz químico nas unhas para evitar o roer. Benzoato de denatónio: o sabor mais

amargo conhecido do Homem.

— Como é que se chama? — perguntei, surpreendida por me ouvir falar.

— Sou o Inspetor Evard.

— A Interpol tem inspetores?

— Somos polícias além de mangas de alpaca.

Falava suavemente, ombros curvados, nariz adunco e olhos estreitos, focado através da sua aura de polido alheamento. O meu medo de ser presa começava a diminuir ante o pensamento mais racional. As hipóteses de fuga pareciam altas. Isto era apenas um ligeiro revés, sim? Por outro lado, ele tinha as minhas impressões digitais, e agora uma fotografia também.

Ele observou-me, a observá-lo, e disse finalmente: — O seu alemão tem sotaque.

— Também o seu.

— Podemos falar noutra língua?

— Eu prefiro espanhol.

— O meu espanhol não é lá muito bom.

— Então está bem alemão.

— Gostaria de uma bebida?

— Café, por favor.

Tirou-me as algemas e saiu da sala. Fiquei sozinha.

As paredes eram beges. Não havia espelho de duas faces, mas uma câmara CCTV apontada à mesa. A porta era de metal azul carregado e estava trancada. Levantei-me, andei até estar diretamente postada sob a câmara, e comecei a contar.

Sessenta segundos: o meu rosto começaria a desvanecer-se.

Cem segundos: o Inspetor Evard começaria a interrogar-se porque tinha dois cafés nas mãos.

Duzentos segundos, e os polícias que tinham aplaudido o Inspetor Evard por ter feito a sua detenção já teriam esquecido a razão do aplauso. Talvez o tivessem aplaudido por recuperar as Lágrimas da Czarina, à espera de serem restituídas ao seu iníquo dono. Talvez as suas mentes fabricassem já uma história, os diamantes recuperados mas o correio fugido, meia vitória por agora.

Esperei, de costas comprimidas contra a parede, câmara CCTV acima da minha cabeça.

Esperei uma hora, e duas, e quatro, sem me mexer, sem emitir um som,

fora da linha de visão da câmara.

Esperei até às onze da noite, quando por fim martelei na porta da cela e bradei no meu melhor alemão: — Tirem-me daqui! Idiotas, onde está o meu cliente?

Após uns minutos de chinfrim, veio alguém a correr, e a porta da sala de interrogatório foi destrancada. Um agente atónito fitou-me e, antes que ele pudesse falar, eu exclamei: — Onde está o meu cliente? Estou aqui à espera há uma hora!

Confusão, dúvida: o que fazia esta mulher, com roupa fina, trancada numa sala de interrogatório? — Onde está o seu superior? — acrescentei, passando por ele na direção da receção. — Diga-lhe que desejo fazer uma reclamação... oh, a casa de banho!

Enfiei-me pela porta da casa de banho antes de o chui poder dizer alguma coisa, e ele, o tolo, não me seguiu. Dentro da casa de banho esperei outros cinco minutos, depois lavei o rosto, endireitei a camisa, puxei o cabelo para trás e caminhei para fora da esquadra, passando pela receção, costas direitas, cabeça alta.

Ninguém me seguiu.

*

No dia seguinte, os cabeçalhos dos jornais informavam da recuperação das Lágrimas da Czarina, mas que, infelizmente, o ladrão se evadira. Dois dias mais tarde, segui o Inspetor Evard da esquadra para o hotel em que estava alojado, um edifício quadrado e cinzento em Donaustadt, e quando ele saiu para jantar, saquei do meu casaco e das minhas botas de inverno, e segui-o noite dentro.

A neve caía, dez centímetros no chão, um estaladiço que se agarrava às botas e encharcava as calças e me deixava os joelhos roxos. Silenciava os elétricos, esvaziava os passeios, fazia as luzes amarelas atrás de cada janela parecerem quentes e longínquas. Enfiei as mãos enluvadas debaixo das axilas e segui-o, e por vezes Evard via-me, e por vezes virava-se, só para me ver de novo pela primeiríssima vez.

Agora.

E agora.

Mas nunca *de novo*.

Caminhou até uma Gasthaus de diminuto gabarito, uma sala de teto baixo escavada sob um edifício de apartamentos de betão, onde serviam bebidas espirituosas checas que cheiravam a anis e sabiam a xarope para a tosse, e cervejas alemãs cada uma no seu copo especial, e salsichas cozidas e vegetais cozidos e galinha panada e sabores vários sob o signo da couve. Instalou-se a um canto e para desgosto do criado pediu apenas meio quartilho de cerveja vulgar, e *schnitzel* com batatas fritas. Depois de ele ter terminado a sua cerveja, sentei-me à sua frente e disse: — Desculpe, é o Inspetor Evard?

— Sim, mas eu...

— Eu sou a Joy — disse eu, de mão estendida num cumprimento. Uma mão que se estende, a maior parte das pessoas aperta-a instintivamente; a rejeição requer uma tomada de decisão consciente. — Conhecemo-nos em Milão, lembra-se? Eu sou uma fotógrafa de imprensa freelance, vi-o e pensei...?

Ele não se lembrava, mas a mente trata de preencher as lacunas. Estivera em Milão, certamente, no rasto do ladrão das Lágrimas da Czarina. Por vezes conhecia jornalistas. Os sobrolhos franziram-se-lhe, como se esquecera ele de mim? Bem — quem é que se lembra do fotógrafo?

Deixei que os pensamentos se desenrolassem atrás dos seus olhos e disse então: — Parabéns por recuperar as Lágrimas da Czarina, li sobre o assunto nos jornais.

— Obrigado. Teria sido melhor se a tivéssemos detido, mas... obrigado.

— A? O ladrão é uma mulher?

— Temos a cara dela em CCTV de uma dúzia de roubos diferentes. Ela tem-se tornado preguiçosa — impressões digitais, ADN.

— Posso oferecer-lhe uma bebida?

— Ia voltar para o hotel, tenho um voo cedo...

— Claro; não há problema.

— Menina... Joy, foi o que disse?

— Joy, sim.

— Surpreende-me não me lembrar de si.

— Cruzámo-nos fugazmente, em Milão, e havia imensa gente nesse dia.

— Bem — murmurou ele —, bem. Espero voltar a vê-la.

Assim falando, levantou-se, e eu segui-o a uma distância de vinte metros através da noite e da neve que caía, e fiquei postada diante do seu hotel até

a luz se acender no seu quarto, e senti-me feliz, extasiada mesmo, como a novata na escola que finalmente fez um amigo.

CAPÍTULO 17

Uns quantos anos mais tarde, estava sentada junto a um tanque de água rasa corrente à sombra da Grande Mesquita Sultão Qaboos, a cabeça coberta, os pés nus, pensando em nada de especial, e em tudo em particular. Mesmo à sombra, as pedras ainda estavam quentes do sol do meio-dia, mas o ardor sabia-me bem na pele.

Deusas do Sol:

- Amaterasu, que se separou do seu irmão deus da Lua, Tsukuyomi, depois de ele ter chacinado Uke Mochi.
- Bast, deusa leão do pôr do Sol.
- Shapash, juíza dos deuses que se recusaram a brilhar até Baal ressuscitar de novo.
- Brígida, deusa celta do coração que, quando o seu filho morreu, chorou e cantou simultaneamente e foi mais tarde adquirida pela Igreja Católica como santa cujos poderes jazem em lareiras a arder e poços sagrados.

Não sentia necessidade de rezar, e interroguei-me se alguma deusa do Sol olharia por mim mesmo assim.

Pensava em Byron14, e mugurski71.

Pensava nos diamantes Crisálida, escondidos no meu quarto de hotel. Porque os roubara eu? A princípio fizera parte de um plano, um desafio, algo a fazer. Mas Reina morrera e eu estivera preparada para partir até que alguém falara em...

Perfeição.

E a Princesa Shamma bint Bandar era perfeita, assim como Leena, e Reina não era e morrera e talvez...

...com a sabedoria da retrospectiva...

...eu tivesse deixado um tudo-nada de despeito infetar o meu profissionalismo.

Despeito: hostilidade maliciosa. Ânsia de magoar ou humilhar.

Byron14 tinha uma agenda. Isso não tornava Byron14 necessariamente ruim.

Estive sentada pensativa por uma hora e meia, até o movimento do Sol me tirar a sombra da cara e a minha pele começar a queimar. Depois entrei num espaço de pedra branca e candelabros de cristal, e interroguei-me se fora esta simples opulência, esta elegante extravagância, que o Profeta tivera realmente em mente ao pregar, e escutei uma palestra em inglês sobre a interpretação dos *Hadith*, e fechei os olhos enquanto o mulá falava, e pensei um pouco mais ainda.

CAPÍTULO 18

Diz-se muita porcaria a respeito da darknet.

Dados criptografados, difíceis (mas não, notem por favor, não impossíveis) de localizar. Espreita sob a internet, esse fervilhante terreno público de dados monitorados e tweets, como o submarino sob o navio de cruzeiro. Ali, dissidentes políticos postam vídeos de semelhantes seus sendo chacinados pelos poderes constituídos; aqui, os operários fabris de Yunan levados ao desespero, os seus momentos finais exibidos à medida que se atiram das janelas mais altas. As suas mortes são filmadas por um smartphone e passadas pela Grande Firewall da China; o homem que morreu nesse dia fez o teu computador, que foi barato — irás tu, sabendo do seu sofrimento, comprar noutro lado? (Mas foi barato! Tão espantosamente barato!) Os governos usam a darknet para negociarem e comunicarem longe de olhares curiosos. A Marinha dos EUA inventou-a, e através dela tratados são resgatados, verdades reveladas.

Anónimos envergam a sua máscara de Guy Fawkes e deitam abaixo servidores governamentais e corporações gigantes, lutam por contendas mesquinhas e nobres causas. Hoje um ataque digital contra o governo russo em retaliação pela morte de um jornalista que falou abertamente sobre a Ucrânia. Amanhã um servidor da polícia será eliminado na Scotland Yard, apagando registos de um dos seus e, incidentalmente, assegurando a liberdade de dois perpetradores de assaltos agravados, três arrombadores e um violador.

As causas são por vezes cegas, diz-se. Por vezes as pessoas magoam-se na luta pela liberdade.

Livre de ver pornografia infantil.

O meu website tem mais de 40.000 críticas positivas e mais de 3000 imagens!!

Ou talvez:

Heroína, não cortada, placa de 2kg direta do Afeganistão. Da mais alta qualidade, cuidadosamente acondicionada e expedida. Fazer ofertas por favor com o seguinte título, «Lance de leilão».

Não há ato demasiado degradante, violência alguma que não possa ser concedida na darknet. Paga em USD, euros, bitcoins ou ienes, alguém, algures, tornará os teus sonhos realidade.

*

No dia em que eu ia trocar diamantes no valor de \$2,2 milhões com um utente anónimo que dava pelo nome de mugurski71 num café em Omã, apostei em Byron14, e enviei um engodo no meu lugar.

O seu nome era Tola, e tinha sido traficada da Tailândia há quatro anos para o serviço doméstico. O seu passaporte fora tomado pela agência que providenciara o seu trânsito, o salário retido por «requerimentos de segurança» e, após três semanas na casa em que labutava, o pai de cinquenta e quatro anos de nove filhos tentou violá-la. Ela mordeu-lhe a orelha com força suficiente para ele ter de levar pontos, e foi presa. Uma vez fora do hospital, o homem não apresentou queixa, mas a agência que traficara Tola indemnizou-o pelos danos e meteu Tola num bordel no deserto antes de o cheque ser sequer disponibilizado.

— Sou bonita — disse ela, quando telefonei. — Tenho bom francês.

Disse-lhe que fosse ter comigo ao *souk*, e deixei um telemóvel na mesa do café onde a transferência deveria ter lugar.

Através da câmara do telemóvel, observei o rosto dela, ora nítido ora desfocado. Ela não pegou no telefone, não o examinou, não expressou curiosidade por nada. Apenas se sentou e esperou, as suas feições imobilizadas em ínfimo movimento, como um pedaço de filme deteriorado numa bobine.

Do meu telefone a umas lojas de distância, enviei a localização dela para mugurski71 e esperei.

Eles chegaram em dezassete minutos, e no momento em que o fizeram verificou-se ser obviamente uma cilada. O homem que entrou no café era suficientemente respeitável: fato de linho creme, óculos escuros, cabelo com entradas na fronte alta e lenço de seda dobrado no bolso do casaco. Os sete homens armados que se posicionaram à volta da pequena loja e passagens próximas nem sequer se dignaram esconder as armas; um, um idiota que merecia perder os testículos no inevitável deslizar de dedo no gatilho, tinha uma arma alojada no cinto das calças.

Tudo isto eu observei ao andar entre eles, apreciando as vistas do mercado como uma boa turista. No meu ouvido podia ouvir uma conversa desenrolando-se no café da qual me senti feliz por não fazer parte.

Onde está a mercadoria?

Boa. Boa boa.

Onde está?

Conhece sítio perto aqui? Eu conheço sítio perto aqui.

Percebe o que eu estou a dizer?

Boa boa. Sim, claro, muito boa.

Tola inclinando-se sobre a mesa, uma mão estendida para acariciar a coxa do comprador. Uma estalada; ele rechaçou-a, ela recuou, agora com expressão de animal ferido.

Disquei o número do telemóvel no café.

mugurski71 atendeu.

— Sim?

— Demasiadas armas no espaço — disse eu. — Os diamantes dizem adeusinho!

Ele tentou falar, mas eu desliguei, retirei a bateria e o cartão SIM, e atirei-os para o lixo ao sair.

*

Deixei Omã nessa noite, roubando um bilhete a uma passageira de um cruzeiro destinado ao Mar Vermelho. Não podia usar o camarote da passageira: ela entrara no barco à custa de gritos, e foi imediatamente dada busca ao clandestino. Mas podia sentar-me no bar, pedindo uma série de mistelas avulsas isentas de álcool e esperando que a segurança desistisse e declarasse «Talvez o tenha perdido, minha senhora», antes de levantarmos ferro. Não podia trazer bagagem suscetível de atrair as atenções, pelo que andei por todo o lado com a minha mercadoria roubada, e fiquei acordada até às 3 da manhã, quando finalmente consegui passar pelas brasas durante a projeção de uma má comédia romântica na sala de cinema de sessões contínuas do navio.

Durante o dia, dormitei num terraço com vista para o mar, enquanto os motores rugiam acima de mim e roncavam abaixo. Comprei um biquíni na caríssima loja a bordo, mudei-me na casa de banho, nadei na piscina exterior do paquete, lavei-me nas fontes que jorravam de cada lado do convés, sequei ao sol, conheci um pregador e a sua mulher, um comandante aposentado da RAF, uma ex-professora de sapateado e os seus quatro detestáveis filhos, um homem que informou estar no comércio de

«mercadorias» e que eu suspeitei ser traficante de armas, e um grupo de atores estudantes que diariamente levava à cena a «feliz matiné para os miúdos!» (*O Amigo Gigante*) e depois à noite, no mesmo palco, apresentava o «espetáculo dos crescidos para a cultura» (*Ricardo III*).

— Eu faço o papel de Rei Ricardo — sussurrou um em tom conspiratório. — É um papel e tanto, quero dizer, uma coisa e tanto, e tipo, um papel fabuloso, simplesmente fabuloso, mas aqui entre nós, sinto-me mais feliz a ser um brócolo falante na matiné.

— Não me tinha apercebido de que havia brócolos falantes em *O Amigo Gigante*.

— Nem eu! Mas foi essa a inspiração do encenador.

*

Um casal na sala de jantar da primeira classe, uma beleza como acho que nunca vira. O resplendor dele, em vez de obscurecer o dela, parecia realçá-lo, e a sala inteira virou-se para olhar quando entraram. Criados acorreram para satisfazer os seus desejos — que foram uma desenxabida opção vegetariana e uma obscura bebida proteica — e o tempo todo ela teve o queixo pousado nas costas da mão e riu-se das piadas dele com o som agudo da prata a bater num vidro de cristal, e não olhou para a cara dele, varrendo sim a sala, qual animal receoso de predadores na erva.

Abordei-os por curiosidade, disse-lhes que era produtora na BBC, e desculpem-me a intrusão, mas não os vira na televisão?

— Ainda não — replicou o homem com um sorriso deslumbrante.

— Oh, uma produtora, que maravilha! — exclamou a mulher, e umas curtas frases depois e um par de referências ao meu amigo diretor-geral e quão excitante era conhecer novos talentos, estava à mesa deles.

— Simplesmente adoraria aparecer na televisão — exclamou ela. — Não pela fama, percebe, mas simplesmente porque acho que teria tanta coisa importante a dizer.

O seu companheiro juntou-se-lhe quando eu mencionei o *Top Gear*, perguntando se eu tinha conhecido os rapazes, conduzido os carros.

— São uns queridos, mesmo queridos; a química que veem no ecrã, é real, toda ela, é mesmo tão real — menti. — Interessa-se por carros?

Ora se interessava, interessava sim, acabara de comprar o seu primeiro

Jaguar...

— Ele queria um *Ferrari* — exclamou a patroa — mas eu não o deixaria fazer uma tal asneira.

Escutei-os durante algum tempo, metendo pelo meio umas ocasionais e perfeitas mentiras e abjetas bajulações, até por fim a mulher se inclinar para diante e dizer: — Tem o Perfection?

— Ora não, claro que sim. Conquanto não o use há algum tempo.

— Mudou. As. Nossas. Vidas — entoou ela.

— Mudou as nossas vidas — corroborou ele.

— Esta viagem — acesso de elite, promoção VIP à primeira classe. Ele disse, «precisa de uma pausa», e sabe?, tinha razão, quero dizer, claro que tinha, seguia-me com GPS, sabia que eu passava um tempão no trabalho...

— Um tempão... — entoou ele em estribilho.

— ...«as férias perfeitas para o seu eu perfeito», dizia e, bem, não são? Quero dizer, não são mesmo?

— Não sentem que vos venderam um pacote? — inquiri.

— Claro que nos venderam um pacote — replicou ele, eriçando-se à noção de que pudesse haver ideia neste mundo que não lhe tivesse ocorrido primeiro a ele. — Todas estas empresas de cruzeiros e empresas de férias, estão todas ligadas ao Perfection, claro que estão. Mas lá está, *são* as férias perfeitas...

— ...as férias perfeitas!

— ...não são?

Sorri, e olhei de novo para este casal, e imaginei as horas que tinham despendido em cadeiras de dentistas, o jorro de anestesia geral antes da cirurgia plástica, os dias perdidos em idas às compras, os amigos abandonados por falta de garbo social.

— As férias perfeitas, para o casal perfeito — murmurei, e roubei-lhes a chave do quarto, e enquanto eles acabavam de jantar, usei o chuveiro deles, roubei o relógio dele, o dinheiro de ambos e a bolsa de maquilhagem dela.

CAPÍTULO 19

Opções para os solitários: procurar companhia humana em todas as suas formas, ou contentar-se com o facto de não ter companhia nenhuma.

Eu alterno entre ambas.

Passei quinze dias sozinha numa cabana nas florestas do Canadá antes de ceder. No fim, paralisada e soluçante, tive de telefonar para a polícia para me ir buscar.

Uma mulher de chapéu castanho veio apanhar-me e, quando ela chegou, agarrei-me ao seu braço, e disse que lamentava, lamentava tanto, não sei o que me deu, mas não me conseguia mexer, as pernas não se mexiam, tentara andar e as pernas não me sustentavam, rastejara de barriga até ao telefone e havia sombras nas janelas, sons no escuro, e julgara que ficaria bem e não ficara, não ficara de todo.

Ela abraçou-me com força, esta perfeita estranha, e disse: — Está tudo bem, tudo bem, vai ficar bem. A floresta às vezes mexe com as pessoas. Não é a primeira a ligar-nos, e aposto que não será a última. Tudo bem.

Em qualquer outro lugar, ela poderia ter-me cobrado tempo perdido pela polícia, mas aqui, onde a sua ronda eram mais de dois mil quilómetros quadrados de floresta, onde ela conhecia cada habitante humano pelo nome, não estava na disposição de se pôr com formalidades. Conduziu-me os cinquenta quilómetros até à cidade, convidou-me para sua casa, fez café, ligou a televisão e disse: — Os meus miúdos não tardarão a chegar. Quer ficar e ver um filme?

Vimos *Se a Minha Cama Voasse*, uma comédia menos conhecida da Disney envolvendo charlatães, nazis, leões obcecados por futebol, coelhos e magia.

— Quando for crescida — disse a filha mais nova, e esperei que ela proclamasse a sua intenção de ser feiticeira, cavaleiro, soldado —, quero ser dona de um museu.

Apagada a luz e os miúdos a dormir, agradei calmamente à xerife, e disse que não sabia o que me tinha dado.

— Há pessoas que simplesmente não foram feitas para viver sozinhas, acho eu — respondeu. — Não há nada de que ter vergonha, se isso se aplica a si.

*

Nos meses que se seguiram, viajei por toda a América do Norte. Conheci psicólogos e assisti a conferências, estudei diários e jornais. Falei com eruditos e monges, homens e mulheres que tinham sido mantidos na solitária durante anos sem fim.

Encontra-se a felicidade que se pode, disse um. Às vezes é difícil, às vezes tem de se cavar fundo, mas está lá, a coisa dentro de nós que nos pode contentar.

Perguntei o que acontecera quando ele fora libertado da sua cela de prisão após sete anos de isolamento.

Fui até ao hotel encontrar-me com a minha mulher. Ela estava a chorar, abraçada a mim, mas eu não disse nada. Todos os meus sentimentos estavam frios. Tinham passado sete anos desde que falara pela última vez, achava que já não sabia fazê-lo.

Um prisioneiro de uma prisão de segurança máxima na Florida, sentado aos pés da cama de hospital.

Agora estou lúcido, disse, *mas estou no hospital há onze dias. Antes tiveram-me em segregação administrativa. É onde nos segregam da população, de modo a não podermos fazer mal a ninguém.*

— Você fez mal? — perguntei.

Matei um homem, respondeu com um encolher de ombros. *Ele ia matar-me.*

— Tem a certeza disso?

Claro que tenho a certeza. Vi a forma como ele olhava para mim, como se soubesse que eu ia morrer. Tive de agir eu primeiro, é tudo.

— E porque está no hospital agora?

Tentei estrangular-me com o lençol da minha cama. Esta é a terceira vez que tento matar-me, e agora sinto-me bem, agora que o médico me viu, mas acho que, quando me mandarem de volta, tentarei de novo até conseguir.

Calma, tão calmamente, sentado com o queixo nas mãos, três vezes assassino aos vinte e dois anos, segregado para toda a vida.

Eu sonhava quando estava na solitária, explica, olhando fixamente através das mãos. *Agora já não sonho tanto. Só estou à espera.*

— À espera de quê?

Nã sei. Só à espera.

*

Não temo a solidão — já não.

Disciplina.

Sou a rainha dos encontros pela internet; sou uma maravilha de um clique. As pessoas esquecem-se de mim, mas o meu perfil digital perdura, consagrado em código binário, lembrado pela internet, tão mais fiável que a mente humana. A web está projetada para o curto prazo: vês algo de que gostas? Guarda-o nos favoritos. Gostas do que vês, agora mesmo? Liga-me. Estou mesmo aqui; estou à espera.

— Não se parece nada com a fotografia do seu perfil! — exclamam as pessoas quando me apresento a elas no nosso encontro pré-combinado.

Eu pareço-me tal e qual com a fotografia do meu perfil, mas a minha cara é mais fácil de esquecer do que uma data e hora guardadas no smartphone. As pessoas têm geralmente de dizer algo da boca para fora, para ocultarem o embaraço de não se terem lembrado de mim, ou reconhecido a minha cara.

— Quero dizer, parece lindamente — acrescentará o cavalheiro. — Tipo... bem melhor na realidade.

As idas à casa de banho são a destruição de um bom encontro. Homens que, ao fim de uns meros vinte minutos, precisam de esvaziar a bexiga não servem para mim. Nos três minutos que passam nos lavabos masculinos, as suas memórias esvaem-se, e quando finalmente reaparecem, até o mais ardente dos amantes terá esquecido as minhas feições, e a vasta maioria ter-se-á esquecido de que estava de todo num encontro.

Identicamente, os homens enfadonhos são fáceis de descartar. Três minutos nos lavabos das senhoras e, quando finalmente reapareço, o cavalheiro estará provavelmente a pagar a conta e a enviar uma mensagem aos amigos.

Oi, diz, na cidade a beber uma bebida sossegadinho. Estão por aqui?

A mente preenche lacunas, inventa desculpas.

— Eu sou um bom homem — disse o Inspetor Luca Evard, no dia em que descobriu. — Não me esqueço das pessoas com quem dormi; eu não sou assim.

Só porque te esqueceste de mim, significa que eu não sou real?

Agora.

Esqueces-te.

Agora.

Eu sou real.

Realidade: o estado conjeturado das coisas como de facto existem.

Respiro, e no tempo que o ar leva a sair-me dos pulmões, desvaneço-me das mentes dos homens, e cesso de existir para quem quer que seja, exceto eu.

CAPÍTULO 20

O pacote atracou em Sharm el-Sheikh mesmo antes do amanhecer, fazendo-se ao cais ao nascer do Sol. Apliquei maquilhagem para ocultar o cansaço em torno dos olhos e passei a fronteira com o meu passaporte australiano, escondida entre os turistas. O árabe egípcio é muito diferente do árabe padrão e dos dialetos sudaneses que eu falava, e conquanto conseguisse apanhar boa parte, responder com fluência provou ser difícil. Mesmo que tivesse sido capaz de falar, os locais não estavam muito interessados em conversas.

«Quer ver pirâmides? Eu levo! Quer comprar ícone? Tenho todo ícone que quer, coisas antigas, coisas boas, venha ver! Quer táxi? Quer restaurante? Quer ver Nilo? Quer excursão? Eu conheço o melhor, muito muito melhor!»

Só uma mulher local da estância pareceu disposta a dar-se comigo, mudando para árabe sírio em resposta ao meu sotaque e dizendo: — Não é turista?

— Assistente social — respondi —, com os Médecins Sans Frontières.

— Ah! Está a trabalhar no Egito?

— Sudão.

— Terrível lugar; é uma boa mulher para ir para esses lados.

— Não é assim tão mau.

— Terrível lugar — as pessoas! — simplesmente terrível.

— O Egito não deixa de ter os seus problemas.

— Claro, mas pelo menos aqui o problema é só o governo.

— Posso oferecer-lhe um café? — perguntei. — Gostava de ouvir mais acerca disso.

— Adoraria — respondeu ela —, mas alguém há de pensar que é jornalista.

Repelida, tentei falar com os turistas, focando-me em quem quer que viajasse só. Sharm é hotéis, palmeiras, piscinas e restaurantes, cada um mais caro que o outro. Outrora, as águas azuis cristalinas e lagoa salgada atraíam americanos e alemães. Nos anos recentes os clientes vinham mudando, e a superfície da água reluzia com um laivo de loção de bronzear. Vi um pai russo a atirar o filho choroso ao mar, gritando «Nada, nada, nada!» enquanto o rapaz gorgolejava e quase se afogava no seu desespero

de agradar. Vi filhas brasileiras fungarem ante a comida que lhes era servida em pratos de cristal e exclamarem: «Não presta, demasiadas calorias!», mandando-a de volta para a cozinha.

«Alimentos líquidos apenas», explicou uma princesa portuguesa. «Tenho de vigiar o meu peso.»

Dormi durante o pior do calor, recuperando da minha viagem clandestina no navio, e ao pôr do Sol fui à procura de companhia. Atravessar a cidade com clima britânico teria levado menos de uma hora. Na brasa egípcia, precisava de parar a cada dez minutos para me recolher na sombra. Até o meu cabelo escaldava ao toque.

*

À noite liguei-me à darknet, à procura de Byron14.

Byron14 não está.

Mais um dia passado a andar pela cidade, enfastiada agora, enfastiada com o sol, enfastiada com a indolência, enfastiada de estar em fuga.

— Perdi trinta e dois quilos com o Perfection! — disse uma mulher britânica com quem nadei na lagoa salgada. — Vou nos setecentos e cinquenta mil pontos, e automatizou-me as compras online porque eu estava a comprar demasiada comida com gordura, pôs-me numa dieta sazonal de vegetais e frutos secos, não é maravilhoso?

Olhei para ela, corpo perfeito, forma perfeita, curvas perfeitas, dentes perfeitos, cabelo perfeito, sorriso perfeito, e constatei que odiava tudo nela, e tudo em mim, e tudo neste lugar, e dardejei: — Quando é que foi a última vez que pensou pela porra da sua cabeça? — e nadei para longe dela o mais rapidamente que pude, e mergulhei debaixo de água para ocultar a vergonha do meu eu imperfeito, e fiquei lá em baixo até não conseguir suster mais o fôlego.

*

Numa geladaria à noite, liguei-me à darknet, esperando que Byron14 ligasse. Quando apareceu, era uma da manhã, e a festa continuava rija na discoteca ao lado.

Byron14: Está em segurança?

_porquê: Como é que soube de mugurski71?

Byron14: Conheço o trabalho dele.

Uma fotografia, o homem do café em Muscat, tirada noutra altura, noutro lugar. Parecia velho nesta fotografia, os ombros descaídos, a cabeça virada para o lado, como um homem que se tivesse esquecido de onde pusera a carteira — não como o estranho armado que viera clamar o meu prémio.

_porquê: É ele. Quem é?

Byron14: Segurança da Prometheus.

_porquê: Porque anda ele atrás de mim?

Byron14: O patrão acha que você o humilhou ao roubar os seus convidados. Os seus atos comprometeram um negócio; ele de algum modo logo se empenhou em dar consigo, e restituir os diamantes, como prova da força da sua companhia.

_porquê: Como sabe isto?

Byron14: Acompanho a Prometheus.

_porquê: Porquê?

Byron14: Isso é comigo. Como é que teve acesso aos 106?

_porquê: Quem são os 106?

Byron14: As minhas perguntas não pretendem prejudicá-la.

_porquê: Eu simplesmente não as entendo. Só queria os diamantes; foi tudo.

Byron14: Foi?

Lambi gelado de pistácio derretido das costas da colher, vi os belos e

ricos passar.

_porquê: Morreu uma mulher. Era minha amiga. Queria ser perfeita, e ser perfeita desgostava-a. Deu-me prazer meter medo a pessoas perfeitas. Gostei de lhes tirar o que tinham.

Depois, Quer comprar alguns diamantes? Preço reduzido, pelos favores prestados.

Byron14: Talvez. Tem o Perfection?

Um momento.

Encosto-me na cadeira, e descubro para surpresa minha que já estou a contar, olhando para fora da janela. Conto carros desportivos (três) e carros cujo peso assente nas rodas sugira carrocerias reforçadas e vidro à prova de bala (dois). Conto jovens beldades com sapatos de saltos superaltos, e malas de mão no valor de mais de duzentas libras britânicas. Conto folhas nas palmeiras cuidadosamente plantadas, e o número de candeeiros de rua que posso ver. Um imaculado veículo branco de tração às quatro rodas passa por ali, chamando-me fugazmente a atenção. Atrás, num reboque, segue um grande iate branco, o casco e a cabina adornados de autocolantes proclamando «Palestina livre». Apercebo-me de que me estou a rir, e as pessoas estão a olhar para mim, pelo que paro, e volto ao computador. Byron14 está à espera.

_porquê: Não. Desprezo tudo o que tenho visto do Perfection. Isto é relevante?

Byron14: Para um potencial emprego.

_porquê: Quer contratar-me?

Byron14: Devíamos retomar esta conversa numa outra altura.

_porquê: Porquê?

Byron14: mugurski71 anda à sua procura, e a darknet

não é imune a ataques.

_porquê: Ele não me encontrará.

Byron14: Você está no Egito, provavelmente numa zona costeira, possivelmente no Mar Vermelho, provavelmente numa estância balnear.

Conto.

As minhas respirações.

O meu mundo.

Teclo lentamente, cuidadosamente.

_porquê: Porque haveria de pensar isso?

Byron14: Localizei mugurski71. Estava em Omã há cinco dias. Logicamente você haveria de fugir após uma troca falhada. Seria pouco provável que arriscasse voltar ao Dubai; a fronteira com a Arábia Saudita está fechada, e é arriscado entrar no Iémen. As únicas restantes opções são viajar por ar ou mar. Há quatro dias, uma passageira de um navio de cruzeiro apresentou queixa de roubo do seu bilhete num navio destinado ao Egito. Esse navio chegou esta manhã, e de acordo com a alfândega, desembarcou um passageiro a mais do que os registados no navio. Estas coisas não são assim tão difíceis de verificar. Como eu disse: poderíamos talvez todos beneficiar de uma suspensão desta conversa.

Um momento, para considerar tudo isto. Não discerno nada digno de realce.

Escrevi, e fiquei surpreendida ao ver que o escrevera:

_porquê: E se trabalhássemos em conjunto? E então?

Byron14: Conseguiria obter acesso ao clube 106?

_porquê: Eu consigo entrar onde quer que seja.

Byron14: Eu não tenho interesse em gabarolas.

_porquê: Eu tenho a mercadoria do Dubai.

Nada.

Corri os dedos por entre as teclas do teclado, um ligeiríssimo toque, sentindo-lhes a forma.

Quando se aprende a forçar fechaduras, passa-se grãos de sal entre os dedos para aumentar a sensibilidade.

Semicerrei os olhos, senti as minúsculas irregularidades nas teclas, a sujidade agarrada dos lados, o relevo das letras.

Esperei que Byron14 respondesse, e interroguei-me se também estaria a contar a respiração.

Byron14: Lá isso é verdade que tem. Importar-se-ia de retomar a conversa daqui a três dias?

_porquê: Com prazer. Agradeço a ajuda.

Byron14: Boa sorte.

Byron14 foi-se.

CAPÍTULO 21

De volta ao hotel; fazer a mala à pressa, saída prematura. Chegou a altura de arriscar um plano? Procuo o aeroporto de Sharm el-Sheikh; não é impossível contrabandear diamantes para fora, mas, e se mugurski71 estiver a observar?

E se, e se, e se; o perpétuo mantra do ladrão em fuga.

Conto as minhas respirações, procurando essa ténue linha entre cautela sensata e terror imprudente. É perfeitamente possível um homem ter uma fotografia da minha cara na mão, e olhar para as minhas feições, e perceber que ambas são o mesmo. No futuro, lembrar-se-á apenas de ter a fotografia na mão, não da minha cara, mas é com o presente que nos temos de preocupar.

Postada no átrio do hotel, peço à rececionista que me chame um táxi.

— Para onde?

Não tenho para onde ir, a não ser o aeroporto.

— Vou apanhar um navio de cruzeiro — menti. — Vou subir o Suez à vela.

Não importa se ela acredita em mim ou não; esquecerá a mentira tão facilmente como a verdade. O importante a dissimular são os registos digitais. Deixar que quaisquer chamadas para uma empresa de táxis mencionem apenas referência ao mar.

— Dez minutos — disse ela.

Sorri, e saí lá para fora para o sol abrasador, para arranjar táxi sozinha.

*

O odor de purificador de ar, o som de pop árabe, ondulações e a batida do tambor, uma esteira de contas de madeira ao longo das costas dos assentos, o agudo arranhar do violino e timbre do teclado elétrico.

Para onde?, perguntou o condutor.

Para o aeroporto, respondi eu.

Um edifício algures na areia. Montanhas atrás, amarelo poeirento a toda a volta. Estavam a pensar acrescentar outro terminal, alargar a pista, com o acorrer de gente para o mar. سهلاً و أهلاً ! Bienvenue! 欢迎 ! Добро пожаловать!

Comprei um bilhete para Istambul, esperei na sala de embarque, observando as pessoas, observando a segurança, esperando.

Silenciosamente aterrorizador, passar a alfândega.

Estive tentada a simplesmente pôr o colar, mas não; ainda demasiadas imagens das joias roubadas pairando por aí. Planos ridículos pairando-me no pensamento; um diamante no sapato, diamantes engolidos no estômago, nos bolsos, no casaco, dentro do telemóvel no lugar da bateria... mas não. Assim que a alfândega encontra um diamante, começam à procura deles todos. O melhor é simplesmente ser afoita, e confiar na falta de memória se tiver de fugir.

Praticamente cada correio e mula apanhado a passar uma fronteira, é apanhado por parecer amedrontado.

Vou para a casa de banho das senhoras e pinto uma imagem de quem quero ser. Sombra da cor do deserto ao pôr do Sol; um sorriso para seduzir — cansado da viagem, retorcido à ideia das distâncias a serem percorridas ainda, mas feliz por ir para casa, aliviada e relaxada, corpo aquecido ao sol do Egito.

Eu não sou Hope Arden.

Eu não tenho medo.

(Os meus pais teriam vergonha de mim, se me pudessem ver agora.)

Endireito as costas, e dirijo-me para a fronteira.

CAPÍTULO 22

Acho que conheci alguém como eu.

Digo isto com alguma hesitação, dado que não me consigo lembrar da experiência.

Uma coleção de documentos: cartas, fotografias, um globo de neve com o Empire State Building lá dentro, lembro-me de uma fria noite de novembro, a neve começando a cair — mas não me lembro de ter companhia em nada disso.

E contudo, num pequeno cacifo em Newark, está uma caixa de plástico, cuidadosamente selada, que contém no interior uma fotografia tirada a mim e a um homem, um estranho para a minha memória, sorrindo juntos à porta do teatro. Outra fotografia, uma cara que não recordo, na Quinta Avenida, acenando, um gorro com orelheiras enfiado na cabeça, dois pompons verdes e brancos saltitando-lhe em torno do pescoço. Tem um ar ridículo. Os seus trinta e poucos anos? Uma carta com letra desconhecida diz que tem trinta e dois. Ao olhar para a sua fotografia, posso dizer que terá à roda de um metro e setenta e dois, um metro e setenta e três, cabelo louro pelo de rato, olhos cinzentos, e um sinal no queixo. Tem ar de ser gordo, mas é uma ilusão das suas feições, os olhos demasiado largos para o rosto que os contém, pele macia, pescoço um bocadinho curto de mais para o corpo em que assenta, pois olha — a câmara recua e por um momento, sob o casaco de inverno e botas de inverno, é um miúdo, uma criança magricela que ainda não alcançou o seu destino de corpulento homem de idade.

Agora fecho os olhos.

Agora.

E agora não me consigo lembrar das suas feições de todo, conquanto tenha visto a sua fotografia nem há um minuto. Lembro-me de as descrever, e posso descrevê-las ainda — cabelo, olhos, altura — mas trata-se de meras palavras, conceitos abstratos, não de um indivíduo. Deve ser assim para o Luca Evard.

Abro uma caixa cheia de memórias registadas, e conheço alguém que era como eu própria.

Uma carta, de mim própria, para mim própria, escrita quando tinha vinte e quatro anos. Uma fotografia de mim escrevendo, depois outra de um estranho no mesmo lugar, na Estação da Rua 53, à espera do comboio para Queens. Lembro-me de escrever; não me lembro exatamente do que escrevi, mas tenho a certeza de que não estava ninguém comigo — fotógrafo algum. Porque escrevi eu a carta? Porque estava entediada, talvez, e à espera do comboio. Porque ia eu para Queens? Curiosidade. Nada mais. Estas são as memórias que tenho, e contudo seguro na mão uma carta que diz, na minha letra:

Esta noite conheci uma pessoa que é como eu. Como nós. Digo «nós», conquanto esteja a escrever isto para mim mesma, pois o eu que lê isto não será capaz de recordar os acontecimentos de que agora me lembro, e pelo esquecimento será, de certa forma, uma pessoa diferente de quem sou agora, neste momento. Somos o mesmo, eu sou tu, tu és eu, mas teremos experimentado o momento do agora, este momento no qual escrevo, de uma maneira completamente diferente, quando o agora se tornar então, e então for agora.

~~*Esta noite conheci uma pessoa*~~ — não, não está certo. Penso que nos encontrámos muitas vezes antes, mas só esta noite, só quando vimos a fotografia, é que percebemos.

Conhecemo-nos de passagem no Lar San Sebastian no Harlem. Deverás lembrar-te de estar sentada com homens e mulheres à mesa de jantar, todos sempre encantados de conhecer alguém novo, fazendo perguntas sobre a minha vida, sobre o mundo exterior. Não se importam de nunca me terem visto; ficam sempre felizes de ver alguém novo, pela primeiríssima vez. Deverás lembrar-te de outros voluntários, também, desde os caridosos aos desapaixonados, dos vivaços aos ineptos. A boa vontade, penso eu, não é substituto para treinar a forma de lidar com doentes com demência; mas aqui não se trata disso.

O que deverá igualmente estar na tua mente é a memória da semana passada do nonagésimo primeiro aniversário de Rose Daniels. Foi tirada uma fotografia de todos na sala de jantar, novos e velhos. Incluo a fotografia aqui. Vê se detetas a anomalia.

Um momento — olhemos para a fotografia. Mesmo ao meio, sorrindo radiante na sua cadeira, Rose Daniels, que na década de 1970 fora espancada e metida na prisão pela polícia de Nova Iorque por ser uma mulher afro-americana que ousou beijar um homem branco no Central Park, e que na década de 1990, já em idade avançada, foi informada pelo médico de que não devia fazer um trinta-e-um do carço no peito, porque as mulheres negras se assustavam sempre à mais pequena coisinha. Depois de o cancro ter alastrado ao ponto de precisar de fazer uma dupla mastectomia, tentou processar o médico faltoso, e foi premiada com cinco mil dólares extrajudicialmente e uma breve carta dizendo-lhe que fosse à sua vida.

«O meu marido disse que Deus está à espera desta gente na próxima vida com fogo e julgamento e justa retribuição», dizia ela. «Mas eu acho mais adequado dar-lhes a provar o que andam a fazer nesta vida também.»

Rodeando-a, os outros residentes no lar. Alguns sorrindo; alguns confusos; alguns com comida em torno da boca; alguns tão janotas que bem podiam ir para um casamento. Atrás deles, os mal pagos zeladores, braços cruzados ao peito, sorrisos pregados aos lábios como a cauda ao burro. Finalmente, os voluntários. O Bobby da 10.^a Avenida, que vivia junto à linha de comboio e acima da casa de bilhar, e ganhava a vida a fazer entrevistas de mercado a grupos de referência. «A minha tarefa é ser real», explicava ele. «Eu sou uma pessoa real profissional.» Maxine do Bronx, cuja mãe morrera naquele lar nem há cinco meses, e que «não queria deixar as senhoras sozinhas, ainda mais agora que a mamã nos deixou». O Big B de Morris Heights, que não dizia praticamente nada e que eu considerava frio e negligente, até ao dia em que o encontrei a abraçar a Sra. Watroba quando ela desatou a chorar, simplesmente chorar, por razão nenhuma.

E lá atrás, no meio de tudo, eu, sorrindo para a câmara, as mãos caídas ao longo do corpo, e ele ao meu lado, um estranho pálido e de radioso sorriso, com uma mão pousada no meu ombro.

Quem era ele?

Quem é ele?

Olho fixamente para a fotografia, e não consigo lembrar-me.

A sua mão está no meu ombro; seguramente lembrar-me-ia disso?

Fecho os olhos para recordar o momento do disparar da câmara, e não consigo lembrar-me de pele alguma tocando a minha.

Respostas numa carta — continuo a ler.

Consegues ver?, pergunto eu. Consegues vê-lo?

A fotografia foi colocada num quadro de avisos três dias depois de ser tirada, para recordar as pessoas da festa. Devo ter estado a olhar para ela durante dez, quinze minutos, tentando dar-lhe sentido. Não consegui. No fim roubei-a do quadro, e fui dar a volta à sala, tentando localizar o homem da fotografia. Claro, ele não estava lá — o universo não é assim tão esmerado — mas depois do almoço, quando estava de saída, lá estava ele, a entrar. Não o reconheci, claro, mas ainda tinha a fotografia e o simples facto de não me lembrar dele deu-me que pensar. Comparei a sua cara à da fotografia, vi que eram a mesma, dirigi-me a ele, disse o meu nome, disse que ainda não nos tínhamos conhecido, e ele disse: «Não, sou novo aqui.»

Então eu mostrei-lhe a fotografia.

A princípio acho que ele pensou que eu era alguma espécie de segurança. Pegou no casaco, como se se fosse embora, mas eu agarrei-lhe o braço antes que pudesse fazê-lo e disse: «Não, ouça. Não está a perceber. Eu não me lembro de si — lembra-se de mim?»

Agora ele olhou para mim.

Agora ele olhou para a fotografia.

Agora ele olhou para mim outra vez.

Agora ele começou a entender.

Sáímos juntos nesse momento, não precisámos de dizer as palavras. Fomos a um snack-bar ao virar da esquina, não nos atrevendo a perder o outro de vista, até que por fim ele disse: «Tenho de testar isto.» A sua pronúncia é americana, Costa Leste — diz que é do Maine.

Assim, deixou a si próprio uma nota — «Conheces esta mulher, ela é como tu» — e pô-la em cima do casaco. Eu deixei uma nota para mim mesma também — «O homem que está sentado ao pé de ti é como tu, é alguém de quem te esquecerás, fala com ele, olha para a fotografia, lembra-te, LEMBRA-TE.» Então ele foi à casa de banho, e eu olhei fixamente para a fotografia até me doerem os olhos. Quando ele saiu, tinha-se esquecido, mas quando ia pegar no casaco, viu a nota que deixara a si próprio, e viu-me a mim.

Outra coisa, uma nota, rabiscada na minha letra, nas costas de um guardanapo do Morris' Grill e Snack-Bar.

Lembra-te, LEMBRA-TE.

«Olá», disse ele, estendendo a mão. «Chamo-me Parker — o único e ímpar Parker de Nova Iorque. À exceção do Homem-Aranha, que é um imbecil.»

«Hope», respondi eu. «Parece que já nos conhecemos.»

«És britânica? Jesus — calculo que já te tenha perguntado isto.»

«Não me lembro de perguntares, conquanto se possa dar o caso de termos tido esta conversa dezenas de vezes.»

«Esqueci-me de ti.»

«E eu esqueci-me de ti.»

Acho que ele se riu nessa altura; sei que eu ri. O absurdo daquilo — uma maluquice completa. Mas quando me ri, também tive vontade de chorar, conquanto não estivesse triste. Como seria ele, este espelho de mim? Como viveria ele? Poderíamos criar algo entre nós que tivesse sentido?

Ele agarrou-me na mão, apertou-a com força, e eu deixei-o, pois sentia necessidade de me agarrar a ele também. «Não saímos do lado um do outro», disse ele. «Não ainda; não hoje.»

Fomos correr juntos a cidade. Durante todo o dia, movemo-nos de café em café, lugar em lugar, como turistas. O movimento é bom; como estranhos, encontramos novas vistas, novos lugares, encontramos as nossas vozes andando juntos, estando juntos. Fomos ao Central Park, bebemos chocolate quente e uísque; fomos ao cimo do Empire State Building; jantámos na Broadway. Não saímos do lado um do outro, não ousamos tirar os olhos da cara um do outro. Ele propõe testes científicos, diz que podemos medir quanto tempo levamos longe um do outro a esquecermo-nos, ver se nos lembramos ao toque, de olhos fechados, ao som; ele diz, isto é uma oportunidade, uma oportunidade incrível, mas no preciso momento em que o diz, bem vejo a dúvida. Fico à porta do cubículo na casa de banho e canto quando ele precisa de fazer chichi, e ele está a tremer de medo quando fecha a porta, não se vá esquecer de mim, e

eu estou assustada também. Lembra-te, digo, lembra-te.

Estou interessada em saber até que ponto tu — eu, isto é, o eu que serás tu, quando eu me tiver esquecido — te lembrarás disto tudo. Não tardará que eu seja tu a ler esta carta, e como será então? Lembrar-me-ei eu do Empire State, lembrar-me-ei do cheesecake de chocolate e baunilha, do Guggenheim e da forma como ele deslizou pelos assentos de plástico do expresso ao darmos a volta a Manhattan? O que vês tu?

Vejo o Empire State, Nova Iorque estendendo-se abaixo de mim. Lembro-me da forma como o cheesecake se pegou ao garfo, pegajoso, chocolate negro e branco marmoreados. Lembro-me de ir no comboio expresso, mas ninguém deslizou pelos assentos de plástico, e não ia ninguém ao meu lado.

Lembras-te do sentimento? Lembras-te do riso? Lembras-te do júbilo, esperança, medo?

Lembro-me... lembro-me de rir no Guggenheim, conquanto agora não me lembre do que ria.

Estou agora com medo. Estou com medo de que quando ele se desvanecer da minha memória, um pedaço de mim morra também. Os sentimentos, as coisas que aprendi, as ideias que tive hoje, tantas ideias, tantos sentimentos, todos morrerão com a minha memória. Temo essa perda. Mas mais, um terror que tenho de partilhar com o meu eu futuro. Temo o que isto significa para mim. Se te esqueceres do júbilo deste dia, então o júbilo que deres aos outros será igualmente esquecido, e a tua vida não terá consequência, sentido, valor. Eu sou uma sombra, projetada pelo sol, uma oclusão de luz sem sentido que se desvanece com o dia.

Lembra-te. Deus, por favor, Deus, lembra-te. Lembra-te dele. Lembra-te de mim.

Agora pousarei a caneta.

Ele ir-se-á embora.

Lá vai ele.

Lá vai ele.

LEMBRA-TE.

Aí parava a carta, e ele fora-se.

CAPÍTULO 23

Muitos anos mais tarde, dirigi-me para o posto da alfândega do aeroporto de Sharm el-Sheikh, postei-me numa fila de nove pessoas, contei os passos, concentrei-me nos dedos dos pés até poder sentir cada extremidade individual, poder definir a forma de cada parte dos meus pés. Não me apalparam ao passar pela segurança, e não se dignaram a verificar-me a bagagem. Em território livre de taxas, comprei mau café internacional e uma má revista internacional, e esperei que chamassem para a minha porta.

Fotografias coloridas, palavras numa página.

Revelado!! Celebridades sem maquilhagem!

Como foi a primeira noite do Destemido Duncan como stripper? Toda a história!

A Contenda Roisin e Abby: Agora É Pessoal.

Folheei sem prestar grande atenção, os olhos ainda varrendo o espaço.

As peças obrigatórias da estação: tenha o look Top.

«Ela diz que me ama, mas porque é tão frígida na cama?»

Perfection 106: visto por dentro.

Paro. Folheio umas páginas para trás. Olho com mais atenção.

Uma série de fotografias: gente bonita com roupas bonitas. Nem um grama de gordura entre eles, nem cabelo grisalho, nem rugas, só perfeitos, cosméticos sorrisos. Champanhe em taças de pé retorcido; ouro nos pescoços das mulheres, ouro nos botões de punho dos smokings.

Por todo o mundo o furor de Perfection, a nova aplicação da Prometheus realçadora de vida e realçadora do seu eu. Mas só muito poucos alguma vez ganham pontos suficientes para serem convidados a juntar-se ao clube 1x106. Conhecemos os poucos exclusivos que tornaram as suas vidas verdadeiramente perfeitas...

Uma atordoadora tapeçaria de nomes e rostos. Ela era secretária, mas agora é diretora da sua própria empresa de meios de comunicação. Ele trabalhava na faturação de uma papelaria, mas agora é consultor de gestão, e fabuloso. Ele pesava cento e quarenta quilos e tinha terror de conhecer pessoas novas, mas tendo atingido 1x106 pontos do Perfection, a sua vida transformou-se e acaba de ficar noivo da primeira dama de honor de Miss

Colômbia 2009.

Ela adora o iate dele.

Ele adora a sua casa.

Ele conheceu a sua mulher através do Perfection, a mulher perfeita, ele não sabia o que significava perfeita até a ver.

«Pensei que a minha vida ia ser um desperdício», explica ela, «mas agora apercebo-me de que posso ser perfeita também.»

Pouso a revista quando o meu voo é chamado, dirijo-me à porta de embarque, os diamantes temporariamente esquecidos, o pior de tudo passado. A partir daqui, as coisas deverão ser fáceis.

Um lugar em económica premium junto à porta; não propriamente primeira, não propriamente económica. Almofadas e água gelada num copo de plástico. A assistente de bordo que me conduz ao lugar usa um batom estonteantemente vermelho.

Requisitos de uniforme padrão para pessoal feminino de cabina:

- 1,58m a 1,85m de altura, com peso corporal proporcional para a altura.
- Saia regulamentar, nada de calças.
- Cabelo penteado num de quatro estilos regulamentares. Se usado em trança francesa, a extremidade da trança não deverá exceder 3,5cm.
- Pó de arroz e batom deverão ser usados como requisito mínimo de maquilhagem.
- Mala de mão deve ser usada sobre o ombro direito.
- Chapéu em todas as ocasiões, inclinado sobre o olho direito.

O lugar ao lado do meu está vazio. Ponho o cinto de segurança, cingindo-o um tudo-nada de mais ao abdómen, recosto-me na cadeira.

A porta fecha-se, uma pancada que nos isola do mundo exterior.

Semicerro os olhos.

Um homem senta-se ao meu lado.

Usa fato de linho, camisa de algodão branco, óculos equilibrados no topo da cabeça. O seu relógio tem uma grossa pulseira de couro, mas o

mostrador deixa ver a engrenagem rodando por baixo, um relógio-esqueleto, £450 na boa, mais indulgente que os sapatos (£60) ou o corte de cabelo (£15) — algo que porventura terá significado para ele. Interrogo-me se o deveria roubar, mas decido que a pulseira é demasiado larga, não servirá, e além disso não estou para aí virada.

Olho de relance para o seu rosto, e é-me conhecido, e é mugurski71, tirando a revista de bordo das costas da cadeira à sua frente, folheando-a, sobranceiras desenhadas, rosto franzido, avaliando férias no Mar Negro e estâncias no Egeu.

Desvio o olhar.

Lembrar-se-á ele da minha cara?

Impossível: não nos conhecemos, ele não tem qualquer fotografia na mão para a comparar com as minhas feições.

E, contudo, igualmente impossível: coincidência. _porquê e mugurski71 não se encontram por acaso, não assim.

O avião começa a deslizar para a pista. O pessoal de cabina leva a cabo as verificações de segurança, cintos, bagageiras. Com sorrisos perfeitamente pintados, indicam a saída de emergência aqui, ali, máscaras de oxigénio, coletes de salvação, mantenha a calma, salve-se primeiro a si, depois as crianças.

Eu finjo ler a minha revista, ele finge ler a sua.

Como me encontrou ele?

— O dinheiro.

Falou tão calmamente, os olhos virados ainda para as páginas no seu colo — *Desintoxique-se até à perfeição com a nossa escapadela holística de 5★* —, que não tive completa certeza de que ele tivesse falado de todo.

Então falou de novo.

— Segui o dinheiro. Assim que concluímos que embarcara clandestinamente no pacote, enviei pessoas à frente para observar os portos, ver quem desembarcava, quem dava entrada onde. No dia em que o barco chegou a Sharm el-Sheikh, um passaporte australiano que não constava do manifesto do navio passou na alfândega. Demos consigo ao dar saída do hotel, mas usou a mesma conta para o hotel e o avião para Istambul. Tive de correr para conseguir apanhar o avião, o que é indigno. Chamo-me Gauguin.

Estendeu uma mão, de dedos grossos e pálida, os olhos postos ainda na revista. Declinei apertá-la.

— Está a falar comigo? — perguntei.

— Sim. Estou.

— Não o conheço.

— Trabalho para a Prometheus.

— Receio que isso nada signifique para mim.

— O voo para Istambul tem uma duração aproximada de uma hora e quarenta minutos. As revistas ficam lidas ao fim de uns simples dez minutos de distração.

Silêncio.

Desisti de fingir estar a ler, reclinei-me na cadeira.

Contei para trás a partir de dez.

— Gauguin, certo?

— Certíssimo.

— Pintor francês pós-impressionista, morreu em 1903, dias antes de iniciar uma pena de prisão por difamar o governo das Ilhas Marquesas. Já viu *Mulheres do Taiti na Praia*? Veem-se duas mulheres junto ao mar, um desenho na areia, como se tivessem estado a fazer rabiscos, um cachimbo, algum tabaco, não usado. Elas têm flores nos cabelos.

— Sabe mais do que eu.

— Então porque se chama Gauguin?

Ele encolheu os ombros. — É um nome. Posso usar outro qualquer, se quiser.

— Gauguin está ótimo.

— E você é...?

— Pode chamar-me Porquê.

Uma sacudidela, um reforçar de motores, as rodas elevam-se, cabeças empurradas para trás; olho de relance pela janela e vejo a poeira lá fora dar lugar ao mar, e lá está a cidade, pouco maior que o aeroporto que a serve, cinco ruas de luxo, um nenhures no deserto. Ele esperou até o som dos motores abrandar, e o avião estabilizar no ar, antes de enfiar a revista perfeitamente, precisamente, na bolsa diante dele.

— Há umas questões que teremos de colocar — disse.

— Que questões?

— Acerca do roubo. Como é que acedeu ao Clube 106 no Dubai; como

entrou na festa. Como escapou. Porque visou a Prometheus.

— Eu visei os diamantes.

Ele sorriu para nada em especial e disse: — Os meus patrões não o veem dessa forma. Só um louco rouba numa festa, da maneira que você fez. Qualquer pessoa sensata teria visado o cofre, ou o período em que as joias estiveram em trânsito.

— Eu sou melhor ladra do que arrombadora de cofres — respondi, com toda a honestidade.

Uma assistente de bordo inclinou-se para nós, interrompendo antes de Gauguin poder abrir a boca para responder, pegou nos nossos copos, prometeu um serviço de refeição ligeira para daí a pouco. Gauguin agradeceu-lhe cortesmente; eu não tive ânimo.

Quando ela virou costas, disse: — Se sabia que eu estava neste avião, porque não esperar simplesmente até chegar a Istambul?

— Pressões do tempo.

— Está a jogar à apanhada.

Um encolher de ombros: ele está aqui, não está?

— Veio armado ao nosso encontro em Muscat.

— Você enviou uma prostituta.

— Armado — repeti. — Por vezes não é paranoia.

Ele encolheu os ombros, homem atarefado num mundo atarefado.

— Quer os diamantes, certo? Ouvi dizer que fizeram um acordo — os seus homens ajudam a recuperar os diamantes, os Emirados Árabes Unidos investem na vossa companhia?

Um lampejo no seu rosto, um brevíssimo retorcer no sorriso, e eu cometi um erro, um verdadeiro desastre, e terei de desandar não tarda e deixá-lo esquecer. Mas ele está entre mim e o corredor, pelo que acrescentei: — Não tenho os diamantes comigo agora. Se os quer, vamos ter de negociar.

Ele sorriu para nada em especial, virou-se para o lado, examinou os manípulos no teto de plástico sobre as nossas cabeças, as ventoinhas soprando ar frio, a luz do cinto de segurança acesa. — Não — murmurou. — Acho que não vamos.

Silêncio.

Eu esperei, ele esperou, e começou a tornar-se mais que claro que este homem seria capaz de esperar até à era glacial. Um desejo infantil em mim; contei até cem, depois contei para trás. Ele continuou à espera. Recostei a

cabeça no assento, revistei mentalmente o corpo, sentindo cada dor e mal-estar, reajustando a posição de modo a ficar com as costas direitas, pés assentes no chão, joelhos unidos, ombros descontraídos. Ele continuou à espera.

Permiti-me improvisar mentalmente alguns cenários, e todos acabavam mal.

Concentrei-me, até me doer a cabeça, na ténue textura cinzenta do tecido que cobria o assento diante do meu, e ouvi-me dizer sem saber ao certo de onde vinham as palavras: — O Perfection matou uma mulher minha conhecida.

Alguma reação nele?

Nem audível suster de ar, nem assentimento, nem franzir de rosto. O que faz ele?

Olha para nada em especial, e ajusta os botões de punho. Vejo-o fazê-lo, e interrogo-me se terá sequer consciência do ato. Com o dedo indicador da mão direita, explora o interior da manga, sentindo o tecido rígido, sondando à procura de irregularidades. Isto feito, puxa, uma, duas vezes, no punho, alinhando-o com o osso no interior do braço.

Rádio, cúbito, úmero, omoplata, clavícula. *Ossos da anca junto ao osso da coxa, osso da coxa junto ao osso do joelho, agora escuta a palavra do Senhor...*²

— Foi por isso que roubou o Crisálida?

— Não. Mas tornou-o mais satisfatório quando o fiz.

Ele assentiu, nada dizendo. Estará ele a recitar também os ossos todos do corpo para consigo próprio, será esse o seu mecanismo? Fémur, rótula, tíbia, perónio, tarsos, metatarsos, falanges, como não se mexe ele, como não pestaneja?

Posso aprender muito com Gauguin, mas agora não é a altura.

Então ele disse: — Fale-me da sua relação com Byron14.

Fiquei menos admirada do que julguei que ficaria. A pergunta fora uma de muitas que girara à roda da minha possível lista de cenários, uma curiosidade pairando-me à margem do pensamento. — Quem é Byron14? — repliquei.

— Byron14 é a pessoa com quem tem estado em comunicação durante os últimos dias via Tor — murmurou ele, olhando para nada em especial, os

botões de punho rolando-lhe entre os dedos. — Byron¹⁴ é um assassino e terrorista. O que têm andado a discutir?

— Preciso de ir à casa de banho — disse eu.

— Tem a certeza de que não aguenta? — Como um professor durante um exame.

— Já, não.

Quando tentei levantar-me, ele agarrou-me o pulso, com o rosto virado para cima, os olhos fixos nos meus. Senti algo roçar-me a perna, julguei que fosse o cinto de segurança a cair solto, mas a pressão manteve-se. Os olhos dele lampejaram para baixo; os meus seguiram-nos.

A faca era de cerâmica, claro, e apenas com dez ou doze centímetros de comprimento, com um cabo de plástico azul. Dez centímetros são oito centímetros mais do que suficientes. O ângulo do seu braço, onde a sustinha contra a minha artéria femoral, encobria-a de tudo salvo da minha inspeção, a curva dos seus dedos ao longo da parte de trás da lâmina dando a aparência, talvez, no pior dos casos, de que ele me tocava a perna de lado. Sentei-me de volta lentamente, e a faca seguiu o meu movimento, antes de regressar para dentro do casaco de Gauguin.

O meu coração, a minha respiração.

Fechei os olhos.

— Não se arriscaria a fazê-lo — disse por fim. — Não num voo público.

— Tenho uma hipótese mínima de ser preso — respondeu ele. — Você morreria de certeza.

— Morta não posso ajudá-lo.

— Não está a ajudar agora.

— Não posso fazer nada a trinta e cinco mil pés de altitude.

— Tudo bem; aterraremos não tarda.

O meu coração, por de mais acelerado, a respiração por de mais rápida. Tentei contar e os números estavam emaranhados, *vá lá, vá lá!*

Descobri que estava a tentar lembrar-me de Parker, forçando-me a visualizar o seu rosto tal como o vira na fotografia. Podia ver a fotografia em imaginação, mas as suas feições eram apagadas, irreais, e mordi o lábio até me saber a sangue. Uma lista de características — cabelo pelo de rato, olhos cinzento-pálido, um sinal no lado direito do queixo, orelhas grandes, nariz pequeno — meras palavras estas, nada que tenha sentido.

— Simplesmente descontrai-se, Porquê — disse Gauguin, recostando-se

no assento, os olhos semicerrados como os de um homem prestes a adormecer. — Mantenha-se calma, mantenha-se calma.

A minha mãe, caminhando descalça através do deserto.

Fecho os olhos, e sinto a areia sob os pés.

— Estou calma — digo, e é verdade. — Não há mesmo nada com que me preocupar.

Voamos para nordeste, rumo a Istambul.

² Conhecida canção de espiritual negro, «Dem Bones», com letra inspirada no versículo 37 de Ezequiel. (N. da T.)

CAPÍTULO 24

Cinco semanas depois de os meus amigos, professores e família começarem a esquecer-me, eclipsei-me completamente das suas memórias.

Foi uma coisa simples — tão simples.

Chegando a casa numa terça-feira, descobri que metade das minhas coisas desaparecera, dadas a uma associação de caridade ou passadas à minha maninha.

— Porque deitou fora as minhas coisas? — perguntei à mamã, sem gritar, sem mais berros, mas baixinho — tão baixinho.

— Eu não toquei nas suas coisas — respondeu ela, fitando-me perplexa.

— Simplesmente havia uma data de tralha no quarto de hóspedes.

— Esse é o meu quarto.

— Sim, era o que eu queria dizer. No seu quarto.

*

Desisti de ir à escola.

Perdera a paciência depois de ser acolhida na aula de Francês pela sétima vez — *Bonjour, comment tu t'appelles? Bienvenue à l'école* — e apresentada aos meus velhos amigos dia após dia.

Durante uns tempos, ser a nova aluna até marchou, e tirei o maior partido disso. Parti o vidro do *Ford Fiesta* do Sr. Steeple, em resposta a cinco anos de silencioso e institucionalizado assédio de que eu fora alvo por parte desse professor de reluzente careca.

— *Dum spiro, spero*, Menina Arden?

— O quê?

— *Dum spiro, spero*, do latim como saberá, que significa...?

Rostos inexpressivos fitos no meu vácuo, pois eu não sabia uma palavra de latim e o Sr. Steeple sabia-o bem, mas dera em silenciosamente humilhar os alunos que ele achava não estarem a levar suficientemente a sério o seu poderoso intelecto.

— Enquanto espero, vivo, de Virgílio. Julguei-o adequado à sua natureza, Menina Arden, mas estava claramente enganado.

Dum spiro, spero. Enquanto respiro, espero, de Cícero. Quando ele foi executado pelos soldados do segundo triunvirato, enviados por homens que

havam sido anteriormente seus amigos, diz-se ter-se ele virado para eles com as palavras, «Nada de próprio há no que fazes, soldado, mas tenta matar-me apropriadamente». Tagarelei certa vez acerca de Cícero com uma mulher num baile de caridade, e ela assentiu sabiamente e disse: — Esse foi o romano que escreveu todas aquelas piadas de traques?

Outras ações. Com o poder que me conferia a minha condição, esmurrei Eddie White na cara. Ele era o obrigatório rufia que atingira o auge do seu poder no dia em que forçou Azim a comer salsichas de porco na cantina. Uma aula de educação religiosa na semana anterior dera-lhe a ideia, mas o seu verdadeiro sucesso não resultou de forçar o soluçante adolescente de treze anos a comer carne que era *haram* para a sua fé, mas de reunir à sua volta quase vinte e dois alunos aos gritos e aclamações, que assistiram a rir enquanto o rapaz se engasgava e sufocava. Esmurrar Eddie White foi uma agradável fantasia realizada. No entanto, passadas umas horas, toda a gente se tinha esquecido de como Eddie ficara com um olho negro, razão por que, no dia seguinte, roubei o telefone de Eddie em vez disso, desfi-lo com um martelo, e deixei-o em cima do seu cacifo. As consequências físicas duram bem mais tempo do que quaisquer ações em que a minha memória esteja envolvida.

*

Pregar partidas só teve graça durante algum tempo.

O mundo esqueceu-me, e eu perdi o interesse no mundo.

Com o aproximar dos exames, considerei manter-me por lá tempo suficiente para obter o Certificado Geral do Ensino Secundário, mas de que valia isso? Papel, tinta, o meu nome — estes pareciam perdurar, como o diário de um homem morto ou um fragmento de filme suspenso — mas nada significariam para mim. Futuro algum, emprego algum, vida alguma de todo parecia já possível para mim, pelo que dei em vaguear por Derby, olhando para coisas que não tinha dinheiro para comprar e ocupando-me com jogos mentais para passar o tempo.

Segundos num minuto: fecho os olhos e conto até sessenta, de novo, e agora — de novo, até a minha contagem condizer com a passagem dos segundos.

Contando: minutos numa hora.

Talvez agora a hora tenha acabado.

Ou talvez agora.

Ou agora.

Fitava estranhos que me fitavam de volta, mas mal se viram as cabeças e a memória começa a desvanecer-se, e então olham

agora

e agora

e agora

e de cada vez que me veem, fazem-no pela primeiríssima vez.

E viram costas.

Existo neste mundo físico tão seguramente como pedra, mas no mundo dos homens — nesse mundo que é memória coletiva, no mundo de sonho em que as pessoas encontram sentido, sentimento, importância — sou um fantasma. Só no tempo presente sou real.

Agora.

E agora.

E agora.

Então fecha os olhos.

E eu desapareci.

*

Sozinha em Derby, esquecida de todos, fui ao cinema, vi os blockbusters, depois as comédias, até adormecer na fila de trás, e tive de ser enxotada pela empregada de limpeza. Fui ao teatro. Nunca tinha ido, mas nas sessões da tarde havia suficientes lugares vagos lá atrás. Algumas eram chatas. Algumas fizeram-me rir até me doer a cara. Algumas fizeram-me chorar.

*Encontraremos paz. Ouviremos anjos, veremos o céu cintilar de diamantes.*³

Chorei imenso, nessa altura.

As pessoas que levam uma existência solitária têm sempre algo em mente de que anseiam por falar.

Abri a boca para falar, e descobri que não tinha ninguém com quem o fazer. Os meus pais foram-se distanciando, olhavam-me através da mesa como que incertos, desconhecedores; quem era esta rapariga, como apareceu ela aqui? Só Gracie permanecia, a minha maninha, para quem

todos os pratos eram de fino e flexível metal; cada garfo de plástico, cada coisa bonita suscetível de ser partida pelas suas mãos desajeitadas posta bem alto, fora de alcance. Ressentira-me com ela durante muito tempo, mas agora sentava-me no seu quarto e contava-lhe as coisas que vira ao vaguear por Derby, e ela deitava-se com a cabeça no meu colo até adormecer, e eu não sabia se ela percebia, e não importava, porque ela era quente e ouvia, e era disso que eu precisava.

*

No dia em que me eclipsei por completo da mente dos meus pais, sendo eles os últimos de todos a esquecer, escrevi o meu nome um milhar de vezes.

Escrevi com batom na parede da casa de banho.

Escrevi com paus e pedras na terra do parque.

Escrevi com giz na rua, e com tinta em papel, e com sangue tirado de um corte no polegar na janela da nossa sala de estar e na porta das traseiras. Escrevi em árabe fluido, que a minha mãe insistira que eu aprendesse a escrever já que ela não aprendera. Procurei o meu próprio nome em mandarim e copta, cirílico e katakana. Escrevi em chãos e paredes, mesas e livros, Hope Arden, Hope Arden, e passado um bocado, escrevi apenas Hope.

Hope.

Hope.

Hope.

Escrevi-o no verso de recibos. Abracei Gracie e chorei, e ela deixou-me abraçá-la porque às vezes era isso que as pessoas faziam e era preciso ter paciência com as pessoas. Tinha ideia de que os monges repetiam as suas orações um milhar de vezes, e que havia algo de mágico neste número que atrairia a atenção de um criador, e quando acabava ia para a sala de estar, e dava com os meus pais ali sentados, em silêncio.

— Ei, mamã, ei, papá — dizia eu, e eles olhavam os dois para mim, e depois desviavam o olhar, os braços à roda um do outro, como que incertos de tudo no mundo salvo um do outro. Havia lágrimas no rosto do meu pai, mas eu não sabia porquê — nunca o tinha visto chorar.

— Vou para a cama agora — dizia para a semiobscuridade de uma

televisão sem som.

— Está bem, querida — respondia a minha mãe por fim, tão lenta, tão arrastada. E depois: — Quanto mais tempo fica connosco?

*

Fiz a mala nessa noite, e de manhã Gracie agarrou-se-me à perna, os braços enlaçados como uma âncora, e eu tive de a soltar à força. A minha mãe estava na cozinha, o papá já saíra para o trabalho.

— Adeus — disse eu, e, quando olhou, algo pareceu faiscar na expressão da mamã antes de ela sussurrar, atónita e receosa: — Quem é você?

— Sou amiga da Hope — respondi. — Fiquei só por uma noite.

Silêncio.

A minha mãe, petrificada à porta da cozinha, casca de ovo partida gotejando um fio de clara entre os dedos.

— Quem é a Hope?

— Adeus — disse eu, e saí sozinha manhã dentro.

³ Anton Tchekhov. (N. da T.)

CAPÍTULO 25

O progresso de um ladrão.

Comecei, sem-abrigo, nas ruas de Derby.

Primeiro roubava comida — fruta da mercearia, sanduíches, rolos embrulhados em película aderente —, coisas da padaria local e bancas do mercado, onde achava que não haveria qualquer vigilância eletrónica mas tinha multidões onde me esconder. Roubava porque tinha fome, e dormia ao fundo das escadas sob a biblioteca local, que conduziam a um salão comunitário em que residiam os clubes de taekwondo, de tricô e de leitura, bem como o clube de amamentação, sexta-feira sim, sexta-feira não.

No meu quarto dia tentei roubar num supermercado, e fiquei atónita quando nenhum alarme disparou. No quinto dia tentei de novo, mas desta vez o sumo que roubei era caro, e tinha sido marcado, e o alarme tocou, e o coração pulou-me na garganta como a um boneco dos desenhos animados de Gracie, mas eu planeara isto, e continuei a andar, misturando-me rapidamente na multidão, e o segurança nem sequer abandonou o seu posto.

— Nós não estamos aqui para perseguir ladrões — explicou ele no dia seguinte, quando lhe fiz perguntas sobre o trabalho. — Podíamos magoá-los, e isso tornaria a loja responsável.

— Então qual é o objetivo?

— Sabe? — respondeu ele —, não sei ao certo. Talvez seja só para fazer as pessoas sentirem-se bem.

No sexto dia, alguém atirou cerveja para cima de mim enquanto dormia. Acordei, demasiado tarde para lhes ver as caras, mas ouvi rapazes a rir enquanto fugiam, e no sétimo dia postei-me junto à via-férrea, e disse a mim própria que estava na altura de morrer, mas os comboios foram suspensos nesse dia por uma falha na linha, e eu perdi o interesse e a coragem.

Quando tornei a ver os meus amigos, rindo abancados no nosso poiso em Westfields, o lugar em que sempre parávamos, já perdera a conta ao tempo. Coloquei-me no terraço lá em cima, e observei os meus amigos lá em baixo, e eles também se tinham esquecido. Encostei-me ao gradeamento, imaginei-me a atirar-me dali abaixo, de cabeça, aos mortais como uma ginasta, e a parar lá em baixo, sem ressaltar, apenas mosaicos brancos e sangue, por todo o lado, e os meus amigos gritando e fugindo do meu cadáver desfeito,

e descobri que conquanto conseguisse visualizar cada parte da minha morte, sentir o vento na cara e o chão a fugir-me debaixo dos pés, não conseguia fazê-lo.

Para que vivia eu?

Vi uma ratazana morta, passada a ferro na A38 no ponto em que atravessava Markeaton. Fosse o que fosse que a atropelara devia ser pesado, rápido, porque não metia nojo, não era uma explosão de órgãos ou sangue, apenas estava toda achatada, a pele ainda presa, as pernas sobressaindo por baixo, o focinho virado para a berma da estrada, a cauda lá atrás, como um tapete à espera de ser sacudido. Contei carros amarelos. Contei camiões da Alemanha. Contei fornecedores de comida congelada. Pensei no meu aspeto, assim achatada, a minha cabeça fina como uma panqueca, e à medida que camionetas e camiões passavam rolando, pensava:

Agora.

Agora.

Desta vez.

Agora.

Agora dou o passo.

Agora.

Este carro.

Este camião.

Agora.

E não me mexia.

*

No vigésimo terceiro dia da minha solidão, vi a minha mãe no centro da cidade.

Ia a pé com Gracie numa cadeira de bebé de tamanho extra-grande, uma coisa que um dia a minha mãe teria de admitir deveria ser uma cadeira de rodas para a sua filha cada vez mais crescida. Iam comprar lâmpadas novas. Parei atrás delas enquanto ela fazia as suas escolhas, as suas judiciosas exigências lentamente irritando o rapaz minado de acne atrás do balcão.

E qual é a potência?, perguntou ela, pois ralava-se sempre com as contas.

Parece uma luz muito fria, disse com um estalido de língua. Tem algo mais agradável?

Grace estava pacientemente sentada no meio da loja, observando um candeeiro de lava. Postei-me ao pé dela e, à minha aproximação, ela voltou-se, e emitiu um pequeno som, e desviou os olhos, e uns momentos depois senti um roçar de pele, e descobri que a mão dela estava metida na minha.

— Gracie, para com isso! — disse a minha mãe da boca para fora, tirando-a dali. — Peço desculpa — exclamou —, a minha filha às vezes dá-lhe para ser assim.

— Tudo bem — respondi. — Tudo bem.

Esperei então, pelo que sabia que forçosamente aconteceria. Que a minha mãe olhasse para mim, esboçasse um sorriso incerto, e dissesse: «Conheço-a?» ou «Já nos encontrámos?». Que ela sentisse uma estranha e invulgar ligação que a levasse a virar-se para mim postada à porta e dizer: «Há qualquer coisa em si...» e me convidasse para tomar chá, ou me perguntasse o nome, ou dissesse, «Tive uma filha que era parecida consigo» ou... qualquer outro tipo de fantasia.

Não o fez, conquanto Gracie tivesse os olhos fixos em mim enquanto a mamã a puxava para longe.

*

Um momento.

Junto à via-férrea.

O comboio vem aí, o comboio vem aí.

Aqui.

Agora.

Um passo.

Um passo agora.

Para os carris.

Fecho os olhos e posso ver

o meu pai a passar

a minha irmã agarrada à minha perna

a minha mãe, caminhando através do deserto.

Estranho, como aquela imagem crescera dentro de mim.

Pintei um retrato da minha mãe, antes de o seu cabelo ficar grisalho, antes de ela o cortar rente para uma aparência mais profissional, para ser mais levada a sério pelos homens no trabalho.

Vesti-a de roupagens empoeiradas, talvez tiradas na minha imaginação de *Guerra das Estrelas*, ou de um documentário da BBC. Dei-lhe uma vara à qual se apoiar, um saco de água, nada mais. Fi-la de pés nus, empedernidos pelo andar, e então sentei-me, tão só como ela, sobre uma duna a uns quilómetros de distância, e observei-a — simplesmente observei-a — a caminhar pelo deserto da minha mente, aproximar-se, até o seu rosto ser visível, e descobri que era o meu.

Li um livro sobre o deserto, e as pessoas que o atravessam. Para alguns, dizia, o deserto é um castigo, tormento, exílio. Os Israelitas faziam falsos ídolos e desrespeitavam o seu deus, e durante quarenta anos vaguearam no pó, encurralados entre o Nilo e o Mar da Galileia. Quando os otomanos mataram os arménios, fizeram marchar milhares de maridos, mulheres, filhos pelas areias da Síria dentro, e ali permanecem ainda, partículas brancas de osso pulverizado de areia que rolam levadas pelo vento. Povos inteiros eclipsaram-se no deserto; o deserto come as pessoas inteiras.

T. E. Lawrence perdeu-se e encontrou-se, atravessando o Sinai. Moisés e Job, Confúcio num touro branco rumo ao Ocidente. Muhammad numa gruta onde uma aranha tecia a sua teia; Jesus vagueou e Satã sussurrou, e da areia vieram profetas e sonhos, quarenta dias e quarenta noites de solidão. Elias caminhou na vastidão selvagem; do deserto veio João, que viveu de gafanhotos e mel, e a solidão não foi danação, mas revelação.

O assassino preso numa solitária. A exilada banida dos que ama. Lord Byron, numa ilha no mar. Robinson Crusoe, falando aos animais, fugindo da visão de uma pegada na areia. Marco Polo, atravessando o mundo; Galileu Galilei, vendo os seus livros arderem.

A minha mãe, atravessando o deserto.

Uma peregrina, ao seu jeito.

Só, podes perder-te, ou podes encontrar-te, e na maior parte das vezes fazes uma e outra coisa.

Mantive-me junto à linha férrea enquanto o comboio se aproximava rugindo, senti o vento por ele provocado no rosto, vi os rostos desfocados dos sonolentos passageiros destinados a casa, aos seus amigos, famílias, empregos, lares, entes queridos e conhecidos que diriam: «Ei, iá, lembro-me de ti...!» Pensei na minha mãe atravessando o deserto, senti o mundo nas minhas costas e o céu acima da cabeça, e decidi que viveria.

Viveria.

CAPÍTULO 26

O voo para Istambul levou pouco mais de uma hora e meia. A faca; a ameaça da faca; o pensamento da faca. O que havia uma rapariga de fazer?

Eu controlei-me.

A minha respiração, o meu coração, a minha mente, o meu sangue.

Quando começámos a descer, tinha cada parte do meu corpo ao meu comando, e podia correr conscientemente cada centímetro dele, reportando a músculos — relaxados; joelhos — soltos; braços — a postos; dedos — casualmente enrolados.

Gauguin não tentou falar no avião, mas sentou-se ereto contra o assento, olhos semicerrados, um homem de negócios em viagem, acaso um turista de regresso a casa. A especulação é inútil; assunções apenas criarão problemas.

Ficou comigo quando o avião aterrou. As pessoas saíram, e nós não. As assistentes de bordo fitaram-nos de relance da porta, e saíram. O ar condicionado desligou-se, os motores silenciaram-se, e só nós permanecemos.

Ele disse: — Mantenha-se calma.

— Eu estou calma.

Ele olhou para mim agora, o primeiro olhar direto em mais de uma hora, abarcando-me toda, e pareceu surpreendido. — Deveras — murmurou —, acredito que esteja mesmo.

Passos nos degraus subindo até à porta do avião; dois homens, camisas brancas, calças pretas, óculos de sol, cabelo escuro, manchas de suor nas costas. Conheciam Gauguin, ele conhecia-os. Não estavam manifestamente armados, mas quando três pessoas desejam ameaçar uma mulher num avião vazio, não precisam de estar.

Gauguin pôs-se de pé, distendeu-se, levando as mãos à bacia, dobrando a coluna num crescente. Disse: — Vem?

Segui-o.

Um carro estava à espera na pista junto à escada, matrícula turca, um homem no lugar do condutor, o motor roncando suavemente no calor. Um odor a combustível de avião, dois homens de coletes amarelos descarregando a bagagem, um camião encostando para reabastecer. Ninguém parecia perturbado com o quadro que ali se desenhava. Considerei

correr, pedir socorro, mas Gauguin manteve-se por perto e isso não me pareceu avisado. Mais cedo ou mais tarde, ele precisaria de mijar, comer, beber, dormir, telefonar à mulher, ter um minuto a sós. Mais cedo ou mais tarde, teriam de esquecer.

Ou não teriam, e esta era uma maneira estúpida de morrer.

Entrei no carro. Alguém atirou a minha bagagem lá para dentro, marcada com a faixa de papel em torno da pega, e começou a vasculhá-la. Passaram pelo boião de loção solar sem pensar duas vezes, mas seria sol de pouca dura. Eu estava a perder o interesse nos diamantes. De nada serve ser-se rico se não se pode gastar o dinheiro.

Sáímos por um portão na vedação metálica que isolava a pista, sem mostrar passaportes, e seguimos ao longo de uma reta rodeada de matagal até chegarmos à autoestrada. O céu estava cinzento-amarelado, tremeluzindo de neblina. Os taxistas eram letais, os autocarros à pinha, buzínadelas e gases de escape. Seguimos em direção à cidade, e então virámos e começámos a ziguezaguear por uma zona industrial, casas de betão não pintado, armazéns de chapa ondulada. Tudo observei, localizando a direção do Sol, contando quilómetros, anotando sinais, pontos de referência.

Anúncios: o mais recente utensílio de cozinha para a dona de casa perfeita, as roupas perfeitas, o carro perfeito para a família perfeita, uma fotografia do Papá (másculo condutor), da Mamã (com bebé ao colo) e três sorridentes crianças (todas destinadas a ser médicos e advogados) diante das lustrosas curvas prateadas do veículo acabado de comprar (A Viagem é Tudo).

Perfeito: completo e correto de todas as formas. Sem falha.

Falha: uma mácula, um defeito.

Falhado: censurável. Num dilema.

Gauguin observou-me a observar, e disse então: — Já tinha estado na Turquia?

— Claro — respondi, sem tirar os olhos da estrada. — Comi miolos de carneiro.

— Eu vi-os servidos, mas nunca provei.

— Não se deveria deixar intimidar quando lhe são apresentados — nesta cidade é costume mostrar a comida antes de a comer. Carne crua, peixe cru, miolos crus. É uma prática intragável para as nossas sensibilidades

acondicionadas em plástico.

— É uma *gourmet*?

Gourmet: ideal cultural nas artes culinárias; alta cozinha, preparação e apresentação meticulosa da comida, frequentemente cara, conquanto isso possa ser uma irrelevância económica, frequentemente servida com vinhos raros.

Um *gourmet*: uma pessoa de gosto e paixão refinados.

— Gosto de lamber o açúcar em pó do prato de sobremesa — disse eu.

— E também lambo o prato quando o molho é bom. — Ele não respondeu.

*

Uma oficina industrial no meio do nada.

Uma longa parede de betão rodeando um pátio interior de terra batida amarela. Um monte de pneus velhos contra um canto do pátio, dentro do qual um par de gatinhos escanzelados bocejava, relutantes em deixar a sua toca.

Um edifício quadrado de um piso: persianas suscetíveis de serem corridas para deixar entrar um camião; portas de metal, janelas altas e com grades. Vidro partido, ervas daninhas brotando das frestas entre os tijolos, exaustores em cima que nada extraíam.

Um sofá coçado, em tempos adornado com as imagens de lírios de água, espuma amarela agora à vista. Uma chaleira roxa nova numa pequena bancada; várias canecas lascadas, também adornadas com imagens de flores, ervas daninhas trepadeiras pontilhadas num píxel verde-claro à vez, brotos roxos.

Portas que podiam ser trancadas.

Portões que podiam ser guardados.

Uma muito fora de moda base secreta para homens secretos.

Um deles estava sentado num pufe junto à porta; outro, sentado cá fora nuns degraus de betão, fumando uma fina cigarrilha castanha, o fedor evolvendo-se pelas janelas partidas. Gauguin fez-me sinal para o sofá. Abriu a minha mala e remexeu ociosamente o seu conteúdo. Cruzei os braços e esperei. Um tubo de pasta de dentes espremido a meio mereceu-lhe uma minúscula ruga de desagrado ao canto da boca; o meu passaporte americano foi escrutinado ao pormenor, e quando ele encontrou o passaporte

australiano mesmo no fundo da mala, metido num livro de *trekking* em Omã, condescendeu em permitir-se um sorriso.

Ambos os passaportes e a minha carteira foram passados a um dos seus homens, que os levou dali. Somei o valor das contas que estavam em vias de ser comprometidas, as identidades em vias de serem expostas. A soma era considerável. Que porção da minha vida digital teria eu de destruir, depois disto tudo acabado?

Então uma mulher com um lenço de cabeça com um padrão de aves em voo contra um céu riscado de nuvens veio tirar-me as impressões digitais, uma amostra de cabelo, um esfregaço do interior da boca, e os danos para a minha carreira pioraram.

— De muitas formas, é bastante inepta, para uma ladra — cismou Gauguin, enquanto a mulher acondicionava as suas amostras e as levava dali. — Como é que sobreviveu este tempo todo?

— Tenho um rosto esquecível.

— Faz uma injustiça a si própria.

— Não — respondi, cruzando as pernas, os braços. — Não faço.

Os seus dedos roçaram o boião de loção solar, e eu tomei consciência de quão defensiva era a minha linguagem corporal, da força com que as minhas mãos apertavam a parte de cima dos braços, de quão pesadas sentia as pernas. Queria esticar-me e não o fiz, não enquanto ele tinha os diamantes na mão.

Ele abriu a tampa, espreitou lá para dentro, ergueu os olhos, estudou-me o rosto, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, interrogando-se.

Sustive-lhe o olhar, deixei-o interrogar-se.

A sua expressão não mudou, os olhos não se moveram, mas ele afundou os dedos no boião, revolveu o conteúdo e, sem um som, tirou o colar da Princesa Shamma lá de dentro, depondo-o, ainda revestido de gosma cor de baunilha, sobre a mesa entre nós.

Pôs o boião de lado.

Levantou-se. Dirigiu-se a um lava-loiça de aço inoxidável contra uma parede, com armários por baixo, canos ao longo do betão lascado outrora pintado de verde.

Lavou as mãos.

Voltou para a sua cadeira.

Sentou-se.

Silêncio.

Eu disse: — Acho que gostava de ser presa agora.

Silêncio.

Gauguin remexeu-se ligeiramente no assento, inclinou-se para a frente de modo a que os cotovelos lhe pousassem nos joelhos, os dedos entrelaçados na abertura entre as pernas. Havia uma caneta de prata num bolso interior do seu casaco, fugazmente visível quando o casaco tombou para diante. Parecia um tolo objeto de ostentação para um homem prático trazer consigo.

Distendi-me, um membro de cada vez. Pés bem assentes no chão, mãos bem assentes no colo.

— Acho que devia chamar a polícia — disse.

Silêncio.

Escutei o silêncio, e todas as palavras dentro dele.

Silêncio.

Consciência, no silêncio, de sons à volta. O tráfego distante, o pingar da torneira, o restolhar de passos lá fora, o zumbido de uma mosca presa no pegajoso papel azul junto à luz. Esperámos, até o muezim começar a cantar, desafinado através de um altifalante, e uns minutos mais tarde, um rival, mais melodioso mas ao longe, chamando os fiéis para a oração.

Alá é o maior, Alá é o maior.

Testemunho que não há Deus além de Alá.

Testemunho que Muhammad é o Mensageiro de Alá.

Vinde para a oração.

Vinde para a salvação.

Alá é o maior, Alá é o maior.

Não há Deus além de Alá.

Então Gauguin disse: — Fale-me da sua relação com Byron¹⁴.

Ouvi as palavras como se tivessem sido pronunciadas dentro de água, abrandando e ganhando profundidade ao viajarem-me até ao cérebro, e virei a cabeça para olhar para ele mais atentamente, à espera de ver se falaria de novo, se haveria um sentido que eu não entendia dentro do som.

— Aceitou algum trabalho da parte de Byron¹⁴?

Mais alto, mais claro, a cabeça dele elevando-se.

A minha vez de ficar em silêncio. Fechei os olhos e tentei reunir pensamentos, tecer um caminho através da obscuridade.

Ele interrompeu. — Menina Porquê, perguntar-se o que deve ou não deve dizer é irrelevante nesta conjuntura. A verdade virá.

— Temos ambos algo a oferecer — respondi. — Você quer informação; eu quero sair daqui.

— Está enganada; não há negociação nenhuma.

Observei o espaço à minha volta. Só um dos homens de Gauguin ali permanecia, mascando pastilha elástica, aparentemente desinteressado de tudo o que se passava. Lá fora haveria mais homens, guardando a passagem, mas ter-se-iam já esquecido de mim, simplesmente estranhos preguiçando ao sol.

Levantei-me, mas Gauguin não se mexeu. Contornei as costas do sofá, dei a volta, fui pelo outro lado. Esquadrinhei o espaço à procura de armas: uma esferográfica, um cinzeiro, um telemóvel, qualquer coisa. Algures ele ainda tinha uma faca. Os meus sapatos eram rasos mas não ideais para correr. — Eu sou uma mentirosa — disse por fim. — Minto quando estou assustada.

— Está com medo?

— Estou calma — respondi. — Como pode ver. Posso fazer uma sugestão?

— Se quiser.

— Acho que é um mentiroso também, Sr. Gauguin, mugurski, seja lá o que lhe chamamos. Acho que estamos a dançar à roda um do outro quando deveríamos falar sem rodeios. Você não está interessado nos diamantes. — Que deploráveis pareciam as joias agora, cobertas de gosma cosmética, sujando a mesa entre nós. Uma briga e tanto por umas pedras de carbono. — Claro, precisa de as fazer chegar de volta ao Dubai para que o seu patrão não passe por um cretino, honra de família, sentido de negócio, tudo isso. Mas não quer realmente saber, pois não? Não é coisa sua.

Os lábios dele cerraram-se, e de novo se alargaram num sorriso contido. — Não — admitiu brandamente. — Não realmente.

— Mas Byron14 é?

— Tal como disse, Byron14 é um assassino, um terrorista. A darknet não é infalível, como sabe. Sei que têm estado em comunicação; agora preciso de saber o que foi dito. Byron contratou-a para roubar o Crisálida?

— Porque haveria ele de o fazer?

— Diga-me você.

Virei-me no meu lento deambular, fui pelo outro lado, detive-me junto à minha cadeira, não me sentei, fui até às paredes, voltei à cadeira, parei. — Reina bint Badr al Mustakfi — conhece o nome?

— A jovem que morreu; ouvi falar dela.

— Era prima da Princesa Shamma bint Bandar.

— Por isso ouvi falar; a sua morte foi sinalizada num briefing.

— Ela tinha o Perfection.

Um meio encolher de ombros, Gauguin à minha espera.

— Roubei o Crisálida por ser um desafio. Então, quando ela morreu, roubei-o porque queria lixar alguém, e os tipos que fazem o Perfection pareceram-me indicados.

— Porquê?

— Ela tinha o Perfection.

— Assim o disse, mas não foi o Perfection que a fez matar-se.

— Tem o Perfection, Gauguin?

— Não, embora o sistema me seja evidentemente familiar.

Recomecei a andar, uns passos, parei de novo, escolhi muito cuidadosamente as palavras. — Acho... — murmurei. — Acho que está errado. Acho que a ajudou a morrer. Ela era simpática. Eu gostava dela. Conquanto ela não se lembrasse, eu sentia... afeição... por ela. Acho que posso ter propensão para tornar estas coisas mais importantes do que são, mas deixá-lo, é coisa minha, é um efeito secundário de... tudo. Qual o oposto de perfeito?

— Imperfeito? — sugeriu ele.

Sinónimos: danificado, defeituoso, com falha, mau.

Olhei para Gauguin, e não vi qualquer sinal de que ele se ralasse ou entendesse, pelo que fechei a boca e continuei a andar.

Passado um bocado, um ligeiro remexer, um ligeiro suspiro, Gauguin tentou de novo. — Byron...

— Queria saber se eu tinha o Perfection. Porque está tão interessado, Sr. Gauguin?

— O que queria Byron?

— Avisar-me a seu respeito.

— E que mais?

— Foi tudo. Dá-me a sensação de que vocês os dois gostam de foder um com o outro, mais a sortuda aqui.

— Preciso que contacte Byron¹⁴.

— Porquê?

— Para solicitar um encontro.

— Solicite você um encontro.

— Não me parece que Byron fale comigo.

— Pelo que quer que eu seja o seu fantoche? Não acho que haja muita honra entre ladrões, Sr. Gauguin, mas, mesmo pelos meus padrões, isso é um bocado merdoso.

— Sim. — Ele soou melancólico, um bom homem num mundo sujo. — Acho que porventura seria, sim.

Recomecei a andar, refazendo o caminho. Andar ajudava a pensar, pensamentos sem palavras por agora, mas palavras aparecendo, ideias surgindo.

Olhei para Gauguin, observando-me da sua cadeira de plástico periclitante.

Olhei para o homem no pufe ao canto.

Disse: — Preciso de um portátil e de um café, por favor.

Gauguin sorriu.

CAPÍTULO 27

Não é necessário sacar de armas para constituir uma ameaça.

O medo cresce ante perguntas não respondidas. Até onde irá Gauguin, quais são as ferramentas ao seu dispor, matar-me-á, uma vez isto feito?

Trouxeram-me um portátil e um mau café.

Já tinham o Tor instalado; foi fácil regressar à sala de chat em que Byron14 gostava de atuar.

Byron14 não estava lá.

— Esperamos — disse Gauguin, sentando-se no sofá ao meu lado. — Esperamos por Byron.

Esperámos.

Uma hora, depois duas.

Gauguin observava o ecrã. Eu disse: — Isto tem paciências?

— Esperamos — respondeu ele.

Esperámos.

Eu contei tijolos na parede.

Passos até à porta.

Linhas na minha mão.

Esperámos.

Os muezins chamaram dos minaretes, Alá é o Maior, Alá é o Maior.

Loção solar seca nos diamantes; que vergonhoso acharia Leena que algo tão precioso fosse tão casualmente descartado entre o cinzeiro e uma revista de snowboard velha de nove meses.

Contei armas viáveis no espaço, coisas que fossem pesadas, coisas que fossem duras, coisas que pudessem perfurar pele.

Contei esconderijos, apenas descobri um digno de nota.

Passado um bocado, disse, mais para passar o tempo do que outra coisa: — Você e Byron — é pessoal?

Os olhos de Gauguin dardejaram para mim, rápidos e duros, antes de os desviar.

Eu encolhi os ombros, sorri para nada em especial, disse: — Assim pensei. O seu patrão sabe que faz isto por vingança?

— O meu patrão quer ver Byron afogar-se em betão líquido — respondeu ele, sem rancor. — Os meus pontos de vista são mais complicados.

— Teria vindo atrás de mim se Byron não me tivesse contactado?

— Sim. Você roubou os diamantes, envergonhou o meu patrão, deliberadamente, ao que parece. Isso fez de si problema meu. Fez sentido para Byron contactá-la, exatamente pelas mesmas razões.

— Byron tem alguma coisa contra o Perfection?

— O que lhe parece?

Encolhi os ombros, e virei a minha atenção de novo para o ecrã em espera.

O Sol, poente, luz laranja-rosada alongando-se esparsa através do teto.

O homem no pufe levantou-se e saiu para atender o telemóvel.

Fiquei sozinha com Gauguin.

Olhei para ele e ele pareceu não ter consciência da minha atenção, a sua concentração focada no ecrã do portátil.

Eu disse: — Aqui — e estendi a mão para o aparelho.

A mão dele saiu disparada, agarrou-me o pulso, prendeu-o com força. Fixei o rosto numa expressão de surpresa magoada. — Não vou partir nada.

— O que vai fazer?

— Ver se Byron está noutra sala.

— Porque não o mencionou antes?

— Porque você é um sacana com uma faca? — sugeri. — O que posso eu fazer assim tão mau?

Lentamente, Gauguin soltou-me o pulso. Peguei no aparelho, pousei-o no colo. Ele inclinou-se atrás de mim para observar o que eu fazia. Abri mais umas quantas janelas, verifiquei alguns lugares mais, nada de alarmante. Quanto tempo estivera o guarda lá fora? Tempo suficiente para se esquecer de voltar? Porventura esquecer-me-á a mim, poderá não se esquecer do seu dever assim tão depressa.

Estendi a mão para o copo de café, o terceiro da tarde, e bati-lhe com um bocadinho de força a mais. O café entornou-se sobre a mesa, ensopando a revista de snowboard, o líquido castanho misturando-se com a loção solar. Os olhos de Gauguin lampejaram para ele, numa ligeira inspiração irritada, e nesse momento agredi-o com o portátil de lado no crânio, com quanta força tinha. Ele caiu para trás, ainda acordado, ainda consciente, e eu agredi-o de novo, abatendo-lho contra a fronte, entre os olhos, e de novo, o invólucro de plástico amolgando-se, o ecrã apagando-se, e uma vez mais para dar sorte, tendo de lutar contra o ímpeto de gritar, engolindo a minha própria respiração, engolindo os ruídos animais na minha garganta. Ele caiu

para trás no sofá, com sangue nos olhos, e eu agarrei no portátil e corri lá para o fundo, com a respiração acelerada e entrecortada. Abri os armários sob o lava-loiça; dois com prateleiras presas no lugar, mas um maior onde em tempos teria havido um balde, ou garrafas de lixívia. Enrosquei-me lá dentro, com a cabeça sobre os joelhos, os braços nas canelas, dobrando de tal maneira o corpo que era uma luta respirar, mais pequena que um gato, mais pequena que uma aranha, fechei a porta devagarinho com as pontas dos dedos, esperei no escuro.

A minha respiração conjurou furacões, sacudiu ursos pardos adormecidos das suas camas.

O meu pulsar de coração propagou tremores de terra terra dentro, a minha pele metal fundido.

Fechei os olhos e respirei, respirei, respirei.

Os céus revolveram-se e as montanhas caíram, e eu respirei.

Silêncio na oficina.

Abre-se uma porta: quão solitário pareceu o som, não podendo eu ver o homem que a empurrou.

Uma voz soltou um grito; passos no betão.

Patrão, patrão, socorro, socorro!

Mais passos, mais gente.

Um alvoroço de homens em movimento, Gauguin gemendo, pés movendo-se, um raspar lá em cima, um estojo de primeiros socorros sendo tirado do seu lugar acima do lava-loiça em desuso, pernas mexendo-se contra a luz ténue junto à porta do armário.

Patrão, o que aconteceu, o que aconteceu?

Passos correndo pelo chão, acima de mim, mesmo acima de mim, girando as torneiras.

A voz de Gauguin, demasiado débil para ser ouvida.

Civilizações nascem e galáxias morrem, mas passou tempo suficiente?

Um lento pingar no meu ombro direito, um cano roto do lava-loiça por cima, sinto cada gota rolar-me pela pele abaixo como o primeiro rio sobre pedras polidas. A torneira para.

O armário ao lado do meu abre-se, sustenho a respiração, espero que mais alguém a sustenha também; mas não. Estão a tirar panos, talvez, lenços ou toalhas de papel para limpar a cabeça ensanguentada do patrão.

— O que aconteceu? — pergunta a mulher que me tirou as impressões

digitais.

— Não sei — responde Gauguin, e depois, oh abençoado depois, palavras sagradas em cujo fôlego nascem deusas —, não me lembro.

Descubro que tenho lágrimas nos olhos, e estou a tremer. Mordo o meu próprio pulso para abafar o som, lembrar, lembrar, a areia sob os meus pés, o Sol lá em cima, linhas na minha pele, eu sou agora, eu sou Hope, fôlego e Hope e agora e...

As palavras voam para longe de mim.

Foco a minha consciência sobre os dedos dos pés.

Eu sou os meus dedos dos pés.

O esforço faz-me doer a cabeça, mas as tremuras abrandam.

Árvores crescem, pirâmides são construídas, flores murcham e morrem na trepadeira, as viúvas de Assur em prantos erguem o seu clamor.

Eu sou a madeira do armário que me comprime as costas.

Eu sou a escuridão.

No recinto à minha volta, as pessoas tentam dar um sentido à cena.

Veem diamantes sobre a mesa, cobertos de gordura.

Veem sangue no chão.

Que mentiras estarão eles a fabricar, interrogo-me eu, para justificar este quadro?

Uma mala de viagem sobre a mesa, roupas de mulher; acharam claramente a bagagem da ladra, mas não o ladrão. Sim, agora concentram-se, conseguem lembrar-se de ir ao encontro do avião quando aterrou, mas o lugar ao lado de Gauguin estava vazio, o pássaro voara. Lembram-se de seguir de carro pelas ruas da cidade, de vasculharem a bagagem do ladrão, de encontrarem os diamantes.

E agora?

Alguém se insinuara por trás de Gauguin e o agredira na cabeça, claramente, com vista a roubá-los. Sim: deve ter sido isso que se passou. Como entrou o ladrão? Como saiu ele? Porque ficaram os diamantes?

As mentes extenuaram-se sob o esforço de dar sentido a esta cena, e a confiança começou a ceder.

Quando a confiança falha, a rotina surge em força.

Revistar o edifício, revistar as ruas!

Eu sou a madeira.

Eu sou escuridão.

— Viu quem o atacou? — clama um homem.

— Não — respondeu Gauguin. — Não vi.

Os seus homens revistaram o edifício, mas não o bastante, nada a ver, nada aqui, só alguns canos velhos, armários partidos, o ladrão há muito que se foi.

Passos movem-se sobre o betão, a torneira corre acima da minha cabeça.

Eu sou água.

Carros vêm, carros vão.

Fico com formigueiro nos pés e só quero rir; uma câibra nas costas e só quero chorar.

Eu sou as minhas vértebras. Não me ralo com a dor.

E, lentamente, todos esquecem.

Não se esquecem de que Gauguin foi atacado — essa é uma sangrenta realidade que não pode ser abalada. Nem se esquecem dos diamantes sobre a mesa, dos passaportes que me tiraram, dos cartões de crédito em meu nome. Porventura se lembrarão das minhas impressões digitais também, mas talvez nas suas mentes sejam impressões tiradas da minha bagagem, amostras de ADN das minhas roupas, os detalhes esbatem-se, a imaginação preenche os vazios.

Julgo que a luz já estará a extinguir-se lá fora, mas pode ser imaginação minha, a visão alterando-se no escuro. Li em tempos um estudo de pessoas confinadas em perfeita e silenciosa escuridão durante quarenta e oito horas; algumas levaram apenas uns minutos antes de começaram a alucinar.

Eu sou pele de galinha.

Eu sou uma fusão de carne. Os meus braços são as minhas pernas, as minhas pernas são o meu peito, a minha cabeça é o meu pescoço, o meu pescoço são os meus joelhos. Duvido que alguma vez me venha a mexer de novo.

Porque não me encontram estes homens?

Porque não estão à procura.

Passos na oficina.

Uma porta fechando-se.

Um carro afastando-se.

Eu espero.

Eu espero.

Um odor infiltrando-se nos sentidos, tão suave que mal se dá por ele a

princípio, uma ilusão da mente, uma manifestação da minha própria inércia: torradas queimadas.

Espero.

O odor intensifica-se.

Um laivo de petróleo.

Um momento em que a mente racional diz tal coisa não pode ser, e o cérebro inconsciente, mais inteligente, responde com uma réplica certa de «vai-te foder com essa merda; a porra é que é claro que pode».

É claro que a porra da oficina está a arder.

Empurro a porta do armário para fora, atiro-me para o chão. O mais pequeno dos dois fogos foi posto no sofá, acelerado por uma lata de petróleo, mas alastra rapidamente. A maior e mais impressionante ameaça fica no canto mais distante do edifício, alimentada por um propelente desconhecido, e lambendo já o teto, o fumo enchendo a parte de cima do recinto. Dobrando-me sobre o lava-loiça, atiro água para cima de mim, ensopo os braços até aos ombros, enfio a cabeça por baixo da torneira, cubro o rosto com a manga, gatinho pelo chão sob a mortalha, alcanço a porta, empurro-a, descubro que está trancada.

De pé, o fumo faz-me os olhos chorar.

Encosto o ombro à porta, empurro com todo o meu peso, mas ela não se mexe, e eu não consigo respirar.

Caio novamente de costas; inspiro fundo. O vapor evola-se da minha roupa encharcada.

Procuro outra saída, mas começa a ser difícil ver.

Procedimentos contra incêndios, de que me lembrava eu no que toca a lidar com fogo?

roupa molhada, rosto molhado

pano a tapar a boca

percentagem de mortes por inalação de fumo, 50-80 por cento

Causa de morte

trauma respiratório

veneno

danos térmicos nos pulmões

Sinto as dobradiças da porta, passo os dedos pelo fecho, concentro-me.

envenenamento por monóxido de carbono

o CO mistura-se com a hemoglobina no sangue, dando-lhe a sua

aparência encarnada

Dois fechos, um bem simples, embutido, de que eu poderia dar conta com um garfo e um bocadinho de tempo, o outro, trabalhoso, preciso de uma faca ou pedaço de metal, algo para fazer de alavanca

ao contrário do O₂, o CO não se separa da hemoglobina, continua a circular

tratamento para envenenamento por CO e isolamento de fumo: oxigénio hidratado

Não posso ver, o fumo negro dispersa a luz do fogo à minha volta
toxicidade do oxigénio: demasiado oxigénio nos tecidos orgânicos
danos do sistema nervoso central

danos na retina

danos pulmonares, apenas um problema a sério numa câmara hipobárica ou no fundo do mar

ou em

condições pressurizadas.

Os meus dedos resvalam do fecho

eu sou

o fogo

eu sou

os meus dedos

eu sou

rastejante

Trepo para uma mesa longe do fogo, janela mais distante do fogo, quebro o que sobra do vidro

olhos fechados

respirar

fumo saindo

o meu rosto

a minha pele

não consigo abrir os olhos, apenas escuridão

ar frio

fumo ardente

respirar

os pelinhos do meu nariz estão a arder, sinto o ar esquentar-me a garganta

eu sou
respiração

eu sou
fogo

eu sou
escuridão.

A escuridão sou eu.

CAPÍTULO 28

Sonho, e sonho com uma fantasia que bem poderia ser Parker.

Deve ser fantasia, dado que não me lembro de uma coisa a seu respeito. O que sei eu de facto sobre este homem do Maine?

O eu-que-o-conheceu pôs por escrito algumas impressões, enquanto partilhávamos panquecas e café num café para os lados da Sétima Avenida.

Parker: Quem É Ele?

Surpreendentemente divertido, falador (fala porque a alternativa é o silêncio), apaixonado por música ao ponto da obsessão, amável para os estranhos. Hoje vi-o conversar com um sem-abrigo do Bronx durante meia hora, atormentar uma criada de mesa com perguntas sobre a história da sua tatuagem, executar um passe de magia com moedas para um par de maravilhados gémeos de cinco anos no comboio, entretendo-os enquanto a mãe serenava um bebé aos gritos. Um exibicionista. Temível no seu ódio às notícias nos Estados Unidos, não quer saber de política.

Lampejos de melancolia, por vezes ri demasiado alto, demasiado agudo. As suas opiniões inflamam-se frequentemente em certezas — uma insistência de que o Conto de Genji foi escrito durante a Restauração Kemmu, e amua, amua mesmo, durante dez minutos quando provo que está errado. Invejoso da celebridade ao ponto do desdém, o azedume modulando-lhe as palavras. «São simples pessoas», diz, «simples porras de pessoas», e no entanto o seu conhecimento de quem disse o quê e de quem foi visto em que festa é enciclopédico.

Erudito, ao ponto da obsessão. Eu sou igual? Não posso deixar de me comparar com ele, único equivalente que jamais conheci. Constantemente ao telemóvel, constantemente a verificar o estado do mundo à sua volta. Pedimos panquecas; ele pesquisa a história do xarope de ácer.

Nanabozho, diz ele. Deus farsante dos primeiros povos, a quem se atribui por vezes a invenção do xarope de ácer. Na Lua de Açúcar, a primeira lua cheia da primavera, as tribos do Norte celebravam a

vinda de dias mais quentes perfurando as árvores, recolhendo a seiva até que as temperaturas crescentes da floresta deixassem os açúcares menos doces, intragáveis.

«Quantas culturas», cisma ele, «tão distantes, têm deuses que se deleitam com farsas.»

Mais cartas, memorabilia. Uma ementa do snack-bar onde comemos as panquecas — lembro-me de comer uma data de panquecas, até me doer a barriga, o que não era o meu padrão normal de comportamento, e agora penso nisso, acaso faça sentido que alguma figura de que não me lembro estivesse lá também, encorajando a gula.

Um bilhete, e lembro-me de o achar no meu bolso ao entrar no meu apartamento na baixa e ficar ali parada na entrada, fitando-o assombrada.

Hoje conheceste alguém como tu. Não te consegues lembrar dele, mas aqui está a sua fotografia. Ele tem um bilhete igualzinho a este, e ficaram de se encontrar outra vez às 10 da manhã no Jardim Botânico de Brooklyn.

Mal dormi nessa noite, e na manhã seguinte fui ao Jardim Botânico de Brooklyn encontrar-me com alguém com quem nunca me encontrara. Uma carta, narrando esse encontro, a par de uma caneca com a pintura de uma cerejeira em flor bem cor-de-rosa, que eu julguei poder lembrar-me de comprar mas que, após posterior revisão de memória, não fiquei tão certa de ter comprado.

Encontrámo-nos às 10 da manhã. Ele veio ter comigo, um homem nervoso com cabelo pelo de rato que eu nunca vira antes. Ele tinha a minha fotografia no seu telemóvel, a sorrir radiante para a câmara, de polegares ao alto, a cara dele comprimida de lado, meio desenquadrada.

«Olá», disse ele, estendendo rigidamente a mão. «Tenho um bilhete meu dizendo-me para vir aqui para conhecer alguém que não me lembro de ter conhecido.»

«Olá», respondi eu. «Eu tenho um igual.»

Os seus olhos arregalaram-se de medo e deleite, e depois lá está

ele a falar, a falar e a falar, sem parar durante quase uma hora, talvez duas. Pergunta-se há quanto tempo nos andaremos a encontrar desta maneira, se seremos já grandes amigos, conta-me a sua vida — já me contou isto? Quer saber tudo a meu respeito, como eu vivo, como eu como, como me mantenho sã de espírito.

Eu falo-lhe das aulas experimentais, dos encontros rápidos, da contagem de cartas nos casinos, e fico passageiramente admirada quando ele responde: «Eu vou às prostitutas, é bem mais fácil. Depois de se conhecer uma ou duas de que gostamos, que sabemos que será boa para nós, então é bem melhor e muito mais honesto para ambos, do que tentar engatar alguém num bar.»

Talvez ele tenha razão; eu não sinto nada de qualquer das maneiras. Cautelosamente, admito que tenho cometido alguns roubos ocasionais, e roubo-lhe a carteira enquanto ele está distraído com uma discussão familiar do outro lado da roseira. Ele solta uma exclamação de assombro, e admite finalmente, «eu simplesmente assalto pessoas».

É então que me mostra a arma, pequena e escura, oculta num coldre debaixo do braço. «Tudo bem!», exclama ante a minha expressão de horror. «Ninguém se lembra nunca de ser assaltado, quero dizer, é como se tivessem deixado cair a carteira ou algo assim.»

«Já alguma vez mataste alguém?»

«Jesus, não! Jesus!»

E agora interrogo-me: acredito nele?

Não tenho memórias dele com base nas quais construir um padrão das suas verdades e mentiras, mas da mesma maneira que vejo como é lógico procurar sexo com uma pega, posso igualmente ver como é que alguém na nossa condição pode achar ser fácil ganhar a vida com uma arma. Talvez eu leia de mais. Devo examinar-me tão minuciosamente como o examino a ele, se é que quero fazer este tipo de julgamento. No entanto, na medida em que não tenho outro recurso além destas palavras agora pelas quais me lembrar dele, sinto que devo pô-lo por escrito: isto é o que eu sinto, estas são as questões que tenho. Lembra-te delas.

Ele é divertido, faz-me rir; quando foi a última vez que me ri

mesmo?

«Tens de rir», diz ele. «É a melhor coisa que podes fazer pela tua saúde.»

Ao fim do dia vamos ver comédia stand-up, e ao fim dos primeiros quinze minutos de não me sentir lá muito impressionada, descobri que me ria até me doer a cara.

Lembrava-me dessa noite. Tinha estado sozinha, e interrogava-me em retrospectiva o que fora ao certo que me levara ao clube; não era a minha cena habitual, não era o tipo de coisa que fizesse de costume. Tentei lembrar-me de quem estava sentado ao meu lado, e tive uma branca. Devemos, no entanto, ter dado as mãos durante o espetáculo para evitar esquecermo-nos. Mais bilhetes — seis ao todo, todos escritos da mesma forma.

*Hoje passaste o dia com alguém de quem não te consegues lembrar.
Concordaste em encontrar-te outra vez com ele às 10.30 da manhã
no ferry de Coney Island.*

...na Grand Central Station.

...no Metropolitan Museum of Art.

...em Times Square.

As coleções de fotografias e memorabilia amontoam-se. Lembro-me de ir duas vezes ao teatro nessa semana, uma vez para ver um espetáculo sobre uma família disfuncional irlandesa, que foi uma seca, e outra para ver uma produção de *Coriolanus*, que acabou com o elenco variadamente encharcado em sangue, água, matéria vegetal, tinta e dor. O público, quando os atores cobertos de carmesim fizeram uma vénia final, aplaudiu de pé, e eu também, e alguém soltou vivas ao meu lado? Havia um homem no lugar ao meu lado que delirou com este conto de mães ambiciosas e generais vingativos?

Não me lembro.

Fotografias: ele e eu, sorridentes à porta do teatro. Bilhetes rasgados, ementas, guardanapos rabiscados — ele é dotado para caricaturas, lá estou eu, o meu nariz demasiado comprido, os meus olhos esbugalhados como se

fossem rebentar, o cabelo como algodão-doce explodindo-me do couro cabeludo, o corpo minúsculo e curvilíneo. Eu rabisquei uma resposta — uma figura de desenho infantil, com pouco de humano, acenando a um canto. Ao fim de cada dia uma carta, cuidadosamente escrita por mim, dirigida ao eu que sou agora.

Esta noite fizemos sexo. Pareceu algo que devíamos fazer. Foi bom. Agora ele está sentado na cama a escrever uma carta a si próprio, explicando o dia que foi e tudo o que se passou, antes que nos esqueçamos. São 4 da manhã, e eu só quero dormir. Acho difícil formar palavras, e tenho tanto medo de pousar a caneta, fechar os olhos, matar tudo o que aconteceu hoje.

Seríamos nós amigos, namorados, se não fôssemos o que somos? Dois asmáticos encontram-se num quarto, ficarão juntos simplesmente porque são asmáticos? Eu gosto de Parker? Gosto dele?

Um endereço de email, um número de telefone. Numa letra desconhecida: não vá ser preciso. Na minha letra:

O endereço de alguém de quem não te consegues lembrar, caso venhas a precisar dele.

No sétimo dia, um bilhete escrito em papel de hotel.

Hoje concordámos em não nos vermos.

Era tudo o que dizia.

E mesmo no fundo da caixa, uma carta, escrita numa letra desconhecida, que dizia:

Querida Hope

O meu nome é Parker. Espero que já tenhas cartas sobre mim, que tens vindo a guardar, tal como eu tenho vindo a guardar cartas e fotografias tuas. Espero que sejas favorável no relato que fazes de mim. Não te conheço — hoje é o primeiro dia em que nos conhecemos — mas vejo por fotografias e bilhetes que já nos

encontrámos muitas vezes. Acho que os tempos passados têm sido maravilhosos, mas não me consigo lembrar de ti neles. Quis escrever-te, antes de nos separarmos, para que haja algo físico meu nas tuas mãos, de que te poderás lembrar quando eu já tiver desaparecido.

Que estúpido deve parecer eu querer contar-te coisas a teu respeito; sei que já te conheci, e no entanto não te posso conhecer. Tenho muito medo do que sabes a meu respeito, do que escreveste. Podia dizer-te o conteúdo das minhas cartas, os meus relatos de tudo o que se passou entre nós... mas seriam apenas palavras descrevendo palavras, e isso não me parece justo.

Disseste uma coisa, quando concordámos em ir cada um para seu lado, que eu estou desesperado para me lembrar. Olha, escrevi-o aqui, e escrevi-o na minha mão, e escrevi-o no meu diário, e vou escrevê-lo no meu telefone — lembrar-me-ei, pois parece-me a forma como tu vives a tua vida. Disseste que, dado que o passado se extingue com a memória, tudo o que podemos viver é o agora. O relembrar é um ato de olhar para trás, e nós não existimos no passado, exceto aqui, nestas cartas e fotografias. Até o facto de as ler não é um ato de relembrar, pois eu escrevo agora. Tenho a tua imagem na mão agora. Releio estas palavras, agora. Olho para ti, agora. Fecho os olhos, agora. Existo apenas agora. Só os meus pensamentos, os pensamentos que tenho neste momento presente, são o prisma através do qual tudo o mais viaja, e mesmo o passado, mesmo a memória, é lembrada apenas agora. Existimos no tempo presente, e até mesmo os nossos futuros serão um dia o passado, e o passado será esquecido, pelo que só o agora permanece. O que importa, portanto, não é a esperança por coisas que hão de vir, nem o pesar por coisas passadas, mas esta ação neste momento, estes feitos, este agora.

Hope — tenho vivido uma vida complicada. Pode uma coisa que é esquecida mudar um homem?

Espero que possa. Hope, de esperança, esperançoso, de Hope.

Não sei como acabar esta carta. Deveria dizer que te amo? Não me parece que fosse correto. Acho que é inadequado, pelo que o deixo assim,

*com os melhores desejos
o único e ímpar Parker*

Guardei a carta, juntamente com tudo o resto.

Não me consigo lembrar de Parker agora. Não me lembro da sua cara, do seu toque, do seu corpo, das suas palavras, das suas ações, dos nossos dias.

Mas tenho um pensamento ao qual me agarro neste momento presente: que no fim dessa semana que passámos juntos, eu tomara um gosto por comédia.

Ele está esquecido, mas eu estou mudada.

Não tenho palavras para exprimir quão prodigioso isto é.

CAPÍTULO 29

Algumas pessoas têm fantasias de serem salvas por bombeiros.

A fantasia envolve talvez homens musculosos, rostos revestidos de uma máscula quantidade de fuligem e suor, investindo corporalmente através das chamas que não se atrevem a tocá-los nas suas pesadas botas, para arrebatá-la, pendurada num ombro, peito arfante, cabelo esvoaçando em torno do rosto curiosamente intocado, para a segurança do luar.

Tendo sido salva pelo serviço de bombeiros de Istambul, posso participar que não é esse o caso.

A inalação de fumo deixara-me inconsciente; acordei com dores, numa maca numa ambulância, para dar com uma mulher com cara de batata podre a cortar-me as calças à volta das pernas. Tentei falar, e tinha os pulmões a arder. Tentei mexer-me, e os meus braços pareciam ébano inerte. Outra mulher, esta mais nova, com batom castanho-negro, sombra carregada em torno dos olhos, avançou e disse, em turco, língua que não falo nada bem:

— Consegue ouvir-me, minha senhora?

Deu-me água. A água queimava, e eu quis mais.

— Minha senhora, pode dizer-me o seu nome?

— Hope — disse, antes de me lembrar de mentir. — O meu nome é Hope.

A mulher mais velha continuou a cortar-me a roupa, alheia às atividades à sua volta. As portas da ambulância estavam abertas, e eu ouvia o fogo rugir ainda, via o seu reflexo projetado sobre o asfalto da rua, ouvia os sons de homens arremetendo, alvenaria desmoronando. Quem chamara os bombeiros? Era improvável que alguma vez viesse a saber; um estranho sem nome, que me salvara a vida.

— Está a sentir... — uma série de palavras que eu não entendia em turco, acompanhadas de cuidadosos gestos no próprio corpo da paramédica, indicando talvez lugares em que deveria sentir dor. Fitei-a sem compreender, senti o sabor a fuligem nos dentes, senti o ar a assomar-me pelo nariz subitamente escavado, subitamente chamuscado. Abanei a cabeça, e a jovem paramédica sorriu constrangida, tentando encontrar palavras diferentes, numa linguagem mais fácil.

Com um brusco puxão, a mais velha removeu o resto da perna

esfarrapada das minhas calças, rasgando-a pela costura. A carne lá por baixo parecia notavelmente poupada pelo fogo, salvo um pedaço à volta da barriga da perna esquerda, conquanto eu não me lembrasse como queimara essa parte.

A mais nova auscultou-me o coração, os pulmões, mediu-me a pressão sanguínea, pôs-me uma máscara no rosto. Compreendi muito pouco da conversa que se seguiu, a mais nova insegura, a mais velha desinteressada, até que por fim a última levantou os olhos e murmurou num inglês rigoroso e firme: — Náusea? Visão desfocada? Sim?

— Sim.

— Hospital: vamos para hospital agora. Tem família, amigos?

— Não.

— Embaixada?

— É necessário?

Ela fitou-me como se eu fosse um peixe demasiado estúpido para nadar, depois virou costas. — Vamos para hospital — repetiu, e como último pensamento: — Você okay. Muito okay.

*

No hospital puseram-me numa divisória delimitada por cortinas azul-celeste. Uma enfermeira ligou-me a um monitor cardíaco, mediu-me outra vez a pressão sanguínea, um EEG, pôs-me um monitor de O₂ no dedo. Enquanto ela trabalhava, apareceu um médico, que me auscultou os pulmões, escutou os paramédicos, me apontou um holofote aos olhos, examinou números num ecrã, avaliou a queimadura na barriga da perna, outra na omoplata esquerda, outra na lateral do braço esquerdo, estalou a língua, depois sorriu para mim e repetiu o mote do momento: — Você okay! Você muito okay.

Depois virou-se para uma médica mais nova, uma rapariga com lenço de cabeça cinzento, uma boneca de cara pintada, deu-lhe ordens e desandou. Ela virou-se para mim e disse num inglês sem mácula: — Minha senhora, sofreu algumas queimaduras moderadas e inalação de fumo. Vamos pôr-lhe um nebulizador e mantê-la cá esta noite para a vigiarmos. Tem seguro de saúde?

— Sim — sibilei.

— Isso é bom; eu preencherei um relatório para si, precisará dele para reivindicar o seguro.

Assim falando, desandou.

*

Fiquei no hospital até a primeira dose de nebulizador acabar. Ninguém veio ver-me, a não ser o empregado noturno para saber se alguém precisava de uma chávena de chá. Estava acostumado a travar conhecimento com estranhos; a minha presença não constituiu surpresa.

Após cinco horas na cama de hospital, uma enfermeira arredou as cortinas e deu comigo, e ficou admirada. Olhou para a minha ficha, olhou para a minha cara, sorriu pouco à vontade, e afastou-se. Uns minutos mais tarde apareceu a enfermeira-chefe, que seguiu o mesmo procedimento, sorriu tão insegura como a colega, virou costas e exclamou: — Quem admitiu esta doente, por favor?! — numa voz que ressoou por todo o piso

Considereei habilitar-me a outra dose de heparina pelo nebulizador, exagerando as minhas queimaduras, mas o hospital já se esquecera de mim. Por vezes é só a burocracia que nos mantém vivos — sem ela, até os memoráveis podem morrer de esquecimento.

Com as roupas em farrapos, metida numa bata manchada de chá, manqueei através dos corredores adormecidos do hospital até encontrar uma enfermaria de internados em que a enfermeira da noite estava a dormir e as luzes obscurecidas. A uma mulher deitada de um lado, com uma ligadura à volta da cabeça e as mãos debaixo da bochecha como uma criança, roubei um par de calças e uns sapatos ligeiramente grandes de mais. De uma vetusta senhora com canudos a sair do nariz e canto da boca, roubei setecentas liras em notas avulsas. Mudei-me numa casa de banho; sentei-me no chão frio e tremi um bocado enquanto ondas de náusea abalavam o mundo debaixo dos meus pés. Bebi um golinho de água, e soube bem. Bebi outro golinho e quase sufoquei, com a cabeça enfiada na sanita, a arfar, com falta de ar.

Quando consegui ter-me de pé, lavei o cabelo com água fria da torneira, passei-a pela cara, esfreguei com lenço de papel até ter os olhos vermelhos e a pele esfolada, a água escorrendo cinzenta da minha lavagem. Perdi o rasto aos pés na enormidade dos meus sapatos, abri a porta, saí para o

corredor.

Ninguém gritou; ninguém chamou pelo meu nome.

As orações da manhã soavam dos minaretes.

Deixei que o som me preenchesse, e me transportasse com ele.

CAPÍTULO 30

Sem cartão de crédito, sem passaporte.

Nenhum hotel respeitável me aceitaria, mas um taxista tinha um amigo em Zetinburnu que sabia de um lugar dirigido pela sogra. A casa tinha quatro pisos, e estava na família há setenta e dois anos. Agora era um refúgio para desvalidos; trabalhadores migrantes que tinham entrado ilegalmente no país; presos recém-libertados atirados para a rua sem sequer cem liras em seu nome, lugar algum para onde irem. Mulheres fugindo de maridos; maridos expulsos pelas mulheres aos gritos. Vinte liras pagavam um colchão no chão; quarenta davam direito à tarimba de um beliche de três andares.

A voz da patroa zumbia aguda como um mosquito. Agarrou-se-me ao braço enquanto me mostrava o quarto, zunindo, zunindo o tempo todo num inglês de sotaque carregado: — Pequenina, queridinha, perdeste o passaporte, perdeste os amigos, pequenina, eu serei boa, verás, muito boa.

Deu-me uma chávena de chá num copo rachado em forma de tulipa, uma fatia de pão escuro e grosso com uma colherada de compota ao lado.

— Queridinha. — Estalou a língua, enquanto eu fazia por dar umas mordidelas cautelosas. — É tão duro estar sozinho.

À medida que o Sol se elevava, dormi, e quando chegaram as três horas, ela marchou quarto dentro e exclamou: — Quem és tu? Quem és tu? O que estás a fazer aqui? — e atirou-me o sapato quando eu fugi.

Sentei-me no pavimento ao virar da esquina do prédio durante meia hora, depois voltei. Ela encontrara o seu sapato e varria aplicadamente o caminho de betão até à porta de entrada.

— Queridinha! — exclamou, quando eu pedi um quarto. — Pequenina, queridinha, serei boa, verás...

Deu-me de volta a minha antiga cama, ainda com a forma do meu corpo impressa nela.

*

Durante a noite, acordei a sibilar, a arder, com as pernas em fogo, o peito em fogo.

Do telefone junto à porta, chamei um táxi, e fui direita ao hospital mais

próximo.

*

Quatro horas neste hospital.

Depois quatro horas naquele.

Passei de urgências em urgências, e esperei pacientemente enquanto me diagnosticavam de cada vez — queimaduras, inalação de fumo — e estalavam a língua e me davam mais creme e outra volta no nebulizador. Após vinte e oito horas, era capaz de recitar cada procedimento, enumerar cada medicamento por ordem, e o meu vocabulário turco médico dera um salto para melhor, ao ponto de conseguir cambalear através de uma porta e sussurrar *duman inhalayson* para cada curiosa enfermeira que me aparecesse ao caminho. Após trinta e duas horas, o problema começava a ser de excesso de medicação, e revi cuidadosamente o meu relato do que acontecera para refletir as dosagens que me vinham sendo administradas. Em cada hospital alguém me abordava com formulários formulários formulários, está pronta para reivindicar o seguro?, e eu preenchia umas quantas linhas insípidas e esperava que se esquecessem antes de dobrar os documentos em aviões de papel e os fazer deslizar para o cesto do lixo.

*

Após trinta e seis horas e sete hospitais diferentes por toda a Istambul, dei alta a mim própria para um inesperado e ofuscante sol, e constatei que não sabia onde estava. Sobravam-me setenta liras, não tinha telefone, não tinha roupa que não fosse roubada, e sapatos que não serviam. Aproximara-me de alguma forma de Zincirlikuyu Mezarligi, conquanto não me lembrasse de atravessar a ponte de Gálata ou de como ali chegara.

Ali fiquei especada, sem qualquer noção de lugar ou tempo, de memória ou distância percorrida.

Aqui.

Especada.

E era tudo o que havia.

Fechei os olhos, contei as minhas respirações.

Perdi a conta às quatro, comecei de novo.

Cinco, seis, sete.

O matraquear de um motor de motocicleta sacudiu-me do meu devaneio.

Descobri que estava a tremer, e pensei que talvez devesse voltar ao hospital, ver o que se passava.

Descobri que estava sentada no chão, e ainda a tremer, e não sabia para onde ir.

Fechei os olhos, fechei os olhos.

Lembrei-me

deusas do Sol

noite de comédia na Cidade de Nova Iorque, alguém estava sentado ao meu lado o tempo todo, conquanto eu não conseguisse lembrar-me

lembrar-me

um homem deitara fogo a um armazém em Istambul, e uma mulher quase morrera queimada viva

e agora só eu me lembrava

não melhor que uma fantasia, uma coisa não-partilhada, uma experiência tornada não-real pois eu

era a única que conhecia

Luca Evard, bebendo cerveja ligeira no Brasil

abri os olhos.

Pensaria ele em mim?

Ele pensava em alguém cujas ações eram minhas, cujo rosto, quando ele o fitava, tinha as minhas feições, que caminhara em lugares onde estavam as minhas memórias e levava a cabo atos que tinham moldado quem eu era agora.

Não tinha a certeza se esse alguém podia ser caracterizado como eu, eu mesma. Mas era alguma coisa.

Era um começo.

Fui procurar ajuda.

CAPÍTULO 31

A partir de um cibercafé entre os abastados apartamentos e crescentes hotéis internacionais de Besiktas, ressuscitei um endereço de email intocado e enviei um grito de ajuda a alguém de quem não me conseguia lembrar.

Se Parker responderia, não sabia, mas vivia na esperança.

CAPÍTULO 32

Viajo no metro de Istambul, roubando carteiras enquanto o faço, e, ociosamente, entre tantas caras, penso no Inspetor Luca Evard.

A nossa relação nem sempre foi profissional.

Na primeira vez que o conheci, ele deteve-me.

Na segunda vez, ele viajara de tão longe até São Paulo para se informar sobre o meu MO⁴. Eu roubara \$3,3 milhões de joias variadas numa operação que me levava sete meses a planear, doze minutos a executar. Criara relações (de que ninguém se podia lembrar), aprendera códigos de acesso, copiara chaves, corrompera sistemas de segurança, foi um trabalho maravilhoso, tão sensacional que pela primeira vez na minha carreira guardei algumas das peças de menor valor para mim, simplesmente para me recordar de quão boa eu podia ser. Tolo sentimento; estas coisas são uma muleta.

Eu deveria ter saído do país, mas o assalto ainda corria nas notícias locais, e quando telefonei para a Interpol sob o disfarce de uma polícia ansiosa com o caso, fui informada de que o Inspetor Evard estava em cena. Uma câmara CCTV captara as feições de uma mulher que fora identificada em associação a vários outros casos, pelo que ele viera até à cidade.

Aguardei à porta da sede da polícia, uma mulher de enormes óculos escuros e grande chapéu azul, até Luca emergir, e segui-o até à cena do crime, uma reunião com especialistas forenses, e finalmente de regresso ao seu hotel.

Mantive-me ao lado dele no elevador, e quase soltei uma risada de emoção. Entrelacei as mãos à minha frente, vestida de vermelho, e interoguei-me se ele olharia para o meu lado, mas ele não olhou, e quando ele saiu no sétimo piso, eu segui-o até ele olhar para trás, altura em que fingi perder a chave na mala e ele continuou.

*

No dia seguinte montei a minha câmara numa saliência junto ao Lago das Garças, configurei o temporizador para dez segundos, afastei-me uns passos, posei no que esperava que fosse uma atitude distraída com o jornal do dia, e tirei uma fotografia de mim própria com um ar, tenho de dizê-lo,

realmente bastante misterioso e sedutor.

Mandei-a para a polícia a partir de uma conta de email fictícia com as palavras, *Ei, é esta a ladra que procuram?*, e fiz por não dançar quando ouvi Luca Evard dizer à rececionista que iria prolongar a sua estada. Nessa noite ele comeu com os colegas, num cafezinho na esquina da esquadra, uma tigela de arroz, peixe e feijão, e eu segui-o pela cidade, vendo-o debater-se com o trânsito implacável, retraindo-se de cada vez que um rapaz numa motocicleta galgava o passeio para se esquivar ao engarrafamento. Ele era um homem demasiado impecável, demasiado calmo para estar numa cidade tão ruidosa como São Paulo; sentia a falta de Genebra, talvez.

No dia seguinte, enquanto ele estava fora, roubei a chave mestra da empregada de limpeza e entrei no seu quarto. Na secretária estava a minha fotografia. Páginas de notas, registos de ADN, impressões digitais, fragmentos das minhas feições, aqui, em Milão; aqui, em Viena; aqui, em São Paulo, tirados de cenas de crimes, e à volta, pensamentos dispersos.

Não tem medo de ser vista?

Sem equipa; trabalha sozinha?

Porque é que ninguém se lembra da sua cara?

Ele escrevera esta última frase em caneta preta grossa, um rabisco noturno, junto a uma imagem perfeitamente clara das minhas feições em Dublin, no dia em que roubei dados numa rede de telefone 4G para um cliente na darknet. Eu estava a sorrir para a câmara, o nome no meu crachá era Rachel Donovan, e a rececionista falara-me dos seus filhos e de como ela queria que vivessem no campo, aprendessem tudo a respeito do mundo real, enquanto metia os meus dados no sistema.

Na casa de banho, ele enrolara o tubo de pasta de dentes pelo fundo para o esvaziar. O seu aftershave era um velho frasco da Alemanha, €2,50 na farmácia. Cheirei-o, passei o dedo pelo rebordo do copo de plástico com que ele bochechava, deitei-me na sua cama, senti a depressão onde assentara a sua cabeça, percorri os vincos de desassossego nos lençóis, interroguei-me sobre que lado do corpo ele dormiria naturalmente, ou se se mexeria e viraria durante toda a noite.

Ele tinha dois livros, perfeitamente alinhados com o ângulo reto da mesa de cabeceira. O mais pequeno, com capa fanada, intitulava-se *O Limão e a Onda*, escrito por um par de iniciais apenas — R. H. Sobre este estava um livro mais novo e maior, uma análise macroeconómica do capitalismo vs.

ambientalismo. O telefone do quarto tinha um número escrito nele; copiei-o e saí.

*

À tarde fui às compras.

Comprei uma camisa nova engomada, elegantes sapatos novos.

Comprei um livro sobre macroeconomia e política ambiental.

Na década de 1950, a sociedade redirecionou-se para uma celebração do consumo. A oportunidade por todos esperava, mas como se deveria medir o sucesso? Nem todos podiam ser um Faraday ou um Einstein, uma Monroe ou um Kennedy — mas todos podiam ter a sua televisão, micro-ondas e máquina de lavar loiça.

Comi gelado de iogurte numa loja cheia de rainhas de beleza, senti a explosão de ar condicionado na nuca.

No decurso do século vinte as oportunidades proporcionadas pelos avanços tecnológicos redefiniram a aspiração social. No entanto a humanidade aspira inerentemente a mais. A História está cheia de «celebridades» — os que são celebrados por um ato — mas no último século, celebrámos o consumo.

Fechei o livro e contei carros durante algum tempo, mas o tráfego era lento, pelo que contei parafusos nos cubos das rodas, e piercings nas orelhas das mulheres que passavam por mim.

O que celebramos nós agora? A natureza? A simplicidade? Mesmo estas palavras imbuíram-se de um sentido cultural que se presta ao excesso.

Interroguei-me onde estaria Luca Evard, e sorri, por saber que ele estava a pensar em mim.

*

Nessa noite, exatamente às sete, vestindo camisa branca e casaco azul-

marinho, bati à porta do Inspetor Luca Evard e disse, em inglês: — Olá, chamo-me Bonnie. Pertença à Polícia Civil do Estado de São Paulo, julgo que está à minha espera?

Ele parecia agitado, barba por fazer, uma ruga na camisa manchada de suor; em suma, um homem apanhado desprevenido, que vivia toda a sua vida em prevenção.

— Desculpe — respondeu —, não pensei...

— Eu telefonei antes! — expliquei. — Recebeu a minha mensagem?

— Ah, sim, a mensagem... — Ele lembra-se de uma mensagem no seu telefone do hotel, não se lembra da voz, das palavras, ou de mim. Mas é um cavalheiro, sempre um cavalheiro, Luca. — Só... deixe-me só mudar de camisa.

Afastou-se para me dar passagem, e eu esperei, olhando diplomaticamente pela janela, enquanto ele se mudava na casa de banho. Com a porta fechada, mantive um comentário contínuo, não fosse ele esquecer a minha presença.

— Que tal acha São Paulo? É uma cidade linda, acho eu, tão vibrante. Eu cresci em Inglaterra, está a ver, mas a minha mãe é do Rio e sempre pensei que queria voltar para aqui, ver onde eles começaram, e, uma vez cá, bem, não podia ir-me embora, pois não? Tem tudo tanta vida!

A vista da janela dele: edifícios de altura média bloqueando a vista de mais edifícios de altura média, arranha-céus comprimidos uns junto dos outros. No horizonte, favelas, casas de betão com telhados de chapa, árvores brotando atrás de paredes desmoronadas, a palmeira maripá e a árvore bacuri, cujas sementes se esfregavam no eczema. São Paulo, Terra da Garoa — terra da cacimba. Uma em 74 pessoas possuía arma; em 74 armas, 70 eram ilegais. Para evitar os engarrafamentos, os ricos iam de helicóptero para o trabalho; uma estimativa de 70 000 voos por ano.

— Sim, senhor — gritei, antes que o meu silêncio levasse Luca a esquecer-me. — Este é o sítio certo para se estar.

Ele emergiu da casa de banho, enfiando a parte de trás da camisa nas calças quando eu me virei. — Desculpe — balbuciou. — Não era minha intenção fazê-la esperar... disse Bonnie?

— Isso mesmo. Deixe-me oferecer-lhe uma bebida ou qualquer coisa, para lhe agradecer pelo seu tempo.

— Eu não, obrigado...

— Insisto, absolutamente, é um prazer, é uma honra conhecer alguém da Interpol... o meu chefe disse-lhe que eu estava interessada em candidatar-me?

— Não, não disse.

— Acho que o trabalho que faz é incrível, simplesmente incrível, por favor, deixe-me oferecer-lhe uma bebida.

Ele estava cansado, frustrado, fora para o seu quarto de hotel desejando estar sozinho.

Eu era charmosa, interessada, fluente, amistosa.

Eu era companhia.

Eu era tudo o que eu pensava que ele porventura queria que eu fosse.

— Está bem — disse ele. — Só uma bebida.

*

Ofereci-lhe meio quartilho de uma cara cerveja alemã, para mim um copo de vinho tinto.

— Temos CCTV do rosto dela de uma dúzia de cenas de crimes diferentes — cismou ele, quando eu me sentei, com o queixo pousado na palma da mão, assentindo sempre. — Ela não usa máscara, faz parte do seu MO. Parece uma mulher abastada que se poderia genuinamente acreditar que vai comprar um anel de diamante, até ao momento em que nos rouba. Armas nenhuma. Equipa nenhuma. As suas vítimas não são parvas, alguém deveria ter reparado, deveria ter dado o alarme, mas ninguém o fez. Podemos mostrar aos caixas uma imagem deles a falarem com ela, por vezes durante uma hora seguida, e eles negam-no, a olhar para a gravação, negam-no, não é possível, ter-se-iam lembrado dela. Como os faz ela esquecer? Acaso as pessoas sejam simplesmente cegas, acaso o mundo não saiba como prestar atenção. Peço desculpa; isto deve ser uma maçada para si.

— De todo. Estou interessada no caso.

Ele sorriu, desgastado, um homem cansado de perseguir sombras.

— Não estou certo de que haja um caso — cismou, com os olhos noutro lado.— Apenas um fracasso atrás do outro.

Peguei no meu copo.

Sentimentos de...

simpatia, um desejo de confortar, um desejo de dizer que está tudo bem, a sério, não é você, sou eu... sentimentos de... culpa?

É isto culpa?

Desvio o olhar e acho difícil olhar de volta, difícil olhá-lo nos olhos.

— Fale-me dela — disse. — Fale-me da ladra.

Ele reclinou-se na cadeira com um sopro, rolou o copo entre as mãos por um momento, esvaziou-o, pousou-o na mesa entre nós, olhou para nada em especial. — Convencida. Por vezes desleixada, embora esteja a ficar mais profissional. Corre riscos, mas não parece importar-se. Caprichosa. A sua escolha de alvos nem sempre são coisas de arrasar ou as mais fáceis de apanhar; rancorosa, talvez? Ambiciosa, porventura. Milão pareceu um crime de oportunidade, e foi desleixada com a entrega em Viena. Autodestrutiva, talvez. Desejosa de atenção. Vende sobretudo na darknet. Absurdo: deveria ter um recetador, correios, contactos fiáveis. Quando obtenho permissão, tento fazer ofertas, aliciá-la. Quase a apanhei em Viena, mas só encontrámos as joias, não a ela. Encontrámos café quente e um casaco azul, o material roubado num saco de papel, mas ela eclipsara-se. Perdemo-la? Num piscar de olhos?

Eu não me atrevo a piscar os olhos, não vá este momento desaparecer para sempre.

— Há quanto tempo está no caso? — perguntei, mal respirando, palavras na boca, *des mots, das Wort, 词字, la palabra, a palavra, قمالك*, vá lá, vá lá!

— Julgo que... três anos. Não fazemos muita investigação, mas coordenamos. Um MO repetido através de fronteiras internacionais, uma emissão de aviso roxo, fui incluído e tem sido... está... estagnado.

— Talvez desta vez...

— Não — interrompeu ele, com brandura, um abanar de cabeça, um encolher de ombros. — Não, não me parece.

Silêncio entre nós.

Deleitei-me nele por um momento, deixei-o impregnar-me a pele.

— Porque é polícia? — perguntei por fim.

— E você, porque é? — replicou ele, lesto, sorrindo, jogando à defesa.

— Eu acho que tornamos as coisas melhores.

— Acha? — Conteve o riso, depois abanou a cabeça, ergueu as mãos apologeticamente, desculpe, desculpe, claro.

— Além disso — acrescentei, sorriso retorcido, cabeça baixa —, o meu

pai era bôfia.

— Isso faz mais sentido.

— E você?

Ele inspirou lentamente, rolou os lábios para dentro da boca, e de novo os soprou para fora com uma pequena exalação de ar. — Desagrada-me a arrogância.

— É isso?

— A lei é o grande equalizador. Todos nós temos de obedecer à lei, temos de agir dentro de determinado código. Recusar isso... é muito arrogante, não lhe parece?

— Suponho que sim, mas teria esperado...

Ele ergueu as sobrancelhas, premindo as palmas das mãos contra o copo vazio.

— ...outra coisa — balbuciei.

Silêncio entre nós, olhos desviando-se, apologéticos por coisas não ditas. Então eu disse: — Acha... que alguma vez apanhará a ladra que procura?

Os olhos dele vaguearam até ao teto, uma velha pergunta que se fizera a si próprio muitas vezes antes. — Não sei — disse por fim. — Por vezes penso... que não. Por vezes penso isso. Por vezes damos connosco a pensar que não há problema em sermos um fiasco.

Abri a boca para dizer algo que Bonnie diria, algo como não, tudo bem, você é maravilhoso, não seja...

Fui lenta, as palavras não vieram, e quando estavam a postos, era demasiado tarde.

Silêncio.

— Desculpe — começou ele, uma escusa pela honestidade, embaraço pela sua vida, pelo seu trabalho, por ele próprio. — Desculpe.

— Não, não peça desculpa.

Silêncio.

— Quando é que tem avião de volta? — murmurei, olhando para dentro do meu copo.

— Depois de amanhã. Queriam que eu ficasse algum tempo mais, pareciam interessados.

— O que quer você?

— Que o caso acabe. Talvez tenha valido a pena vir aqui. Talvez descobramos alguma coisa.

— Ouvi falar de uma fotografia, da mulher no parque...

— Veio de uma conta de email anónima. Cidadãos de bem não nos enviam fotografias de ladrões de joias internacionais sem se colocarem à disposição.

— Acha então...

— Acho que era ela — replicou, claro e simples. — Acho que foi ela quem nos enviou a fotografia. É real, não há dúvida. Acho que ela quer que a procuremos; dá-lhe gozo.

— Gozo?

— Está errado? — questionou ele, erguendo as sobrancelhas. — Gozo?

O meu rosto, a arder. Não deveria corar, bebi vinho tinto, a vermelhidão da bebida mais intensa que o sangue a fluir aos meus capilares. — Em inglês, implica excitação sexual derivada de uma ação.

Ele considerou isto por um momento, lábios cerrados, sobrancelhas contraídas. — Sim — disse por fim. — Sim, acho que está correto.

Eu sou os meus dedos das mãos, perfeitamente em repouso.

Eu sou as minhas pernas, à vontade no chão.

Eu estou à vontade.

— O que descreve... soa patológico.

— Sim — cismou ele de novo. — Não discordaria disso.

— Tem... simpatia por ela?

— Simpatia?

— Se ela é... tudo o que pensa que ela é... sente pena dela?

— Não. Claro que não. Ela transgride a lei. — Hesitou então, cabeça para o lado, considerando mais longamente a afirmação.

Eu estou à vontade.

Eu estou à vontade.

Falho em estar à vontade. O meu rosto arde; o que é isto? Excitação, terror, felicidade, pavor, culpa, orgulho, inebriamento de companhia depois de tanto tempo sozinha, que companheiro, um homem que sabe tudo a meu respeito, que me conhece, o choque disso, o deleite, o...

As feições dele lampejam de preocupação inesperada. Eu estou à vontade, eu estou à porra da vontade. Ele balbucia: — Desculpe, está... eu disse alguma coisa? Não estou a vender bem o meu trabalho, claro que é...

— Não — corto-lhe a palavra, com mais brusquidão do que era minha intenção. Depois com brandura, sorrindo, eu sou o meu sorriso, eu sou a

porra do meu maldito sorriso: — Não, não foi nada que tivesse dito. Desculpe. Foi um longo dia para mim também. Vamos... falar de outra coisa qualquer.

*

Falámos, ele e eu, por mais uma hora e meia.

Então ele disse: — Devia...

Claro, respondi eu, pondo-me em pé de um salto. Você é muito...

Foi um prazer...

...boa sorte com a...

...claro, para si também.

Um momento, talvez.

Mas não: ele olhou para mim, e viu uma jovem, olhando para ele em busca de ideias, inspiração, exemplo. Ele daria um bom exemplo.

Luca Evard era sempre um bom homem.

Boa-noite, Inspetor Evard.

Boa-noite. Talvez nos venhamos a encontrar de novo.

⁴ *Modus operandi*. (N. da T.)

CAPÍTULO 33

Fanando carteiras no metro de Istambul. Achar um comboio apinhado, encontrões, corpo a corpo, a algazarra de gente, o movimento mantendo o alvo ansioso. Eu tresandava, tinha os olhos pisados, queria dormir e não podia crer que o sono chegasse alguma vez, que a minha mente alguma vez parasse.

Contei apoiantes do Fenerbahçe e Besiktas, do Barcelona e Madrid, Munique e Manchester. Vi um apoiante solitário do Sheffield United, e interroguei-me se ele teria escolhido a camisola por gostar do padrão.

Contei sapatos de couro de marca e chinelos de dedo.

Braceletes de ouro e pulseiras de plástico.

Contei até só haver o mundo, os números, a respiração, e eu, a minha mente dolorida e o meu corpo queimado não existirem. Eu era só olhos, contando, só dedos, estendendo-se, só a ligeira pressão contra o braço do estranho quando ia contra ele, surripiando-lhe a carteira do bolso quando ele se virava. Contei fivelas em malas enquanto sacava a bolsa da mãe; contei as tachas nas orelhas de um estudante ao palmar-lhe o telefone e bilhete de identidade; contei moedas ao andar no funicular para Karakoy. As carteiras propriamente ditas, deitei-as fora — não tinham qualquer préstimo para mim. A cara do estudante no seu bilhete de identidade rolou para dentro do caixote do lixo. O cartão da biblioteca da mãe caiu no escuro. Os cartões de crédito do advogado eclipsaram-se nos restos de um pegajoso *kebab* de carneiro no fundo do contentor. Ficariam zangados. Sentir-se-iam violados. Perderiam tempo e dinheiro a recuperar as coisas que eu roubara. Diriam aos amigos que já não se sentiam seguros no metro.

Eu não me ralava.

Eu *viveria*.

Em Siraselviler comprei uma taça de iogurte com especiarias e carneiro servido com arroz a escaldar e comi-o em grandes bocados sôfregos. Numa geladaria, as paredes forradas de fotografias de personagens de desenhos animados com cones de gelado transplantados para a armação — a Princesa Jasmim e Aladino partilhando um par de cones no seu tapete mágico, a Pantera Cor-de-Rosa lambendo os beijos de satisfação, um cone de morango meio devorado numa mão — pedi limão e mel com cobertura extra de pepitas coloridas, e comi até me doer a barriga.

Numa das dezenas de lojas de telemóveis alinhadas ao longo da rua, comprei um telefone barato com um cartão SIM ainda mais barato, e acedi ao meu email.

Parker não tinha respondido.

Ao pôr do Sol, as luzes iluminaram-se em Siraselviler e uma chuva ligeira começou a tamborilar. Mantive-me um bocado à chuva, deixando-a molhar-me o cabelo, correr-me pela pele, gozando-a como o sono que ainda não dormira, antes de vaguear até à mais próxima loja universal de marca universal que vendia as mesmas roupas universais que se podiam comprar em qualquer lugar, e de me vestir como uma turista.

CAPÍTULO 34

Porquê contar?

Uma lição aprendida com o meu pai. Um truque comum na polícia: quando estamos sentados diante do sacana que sabemos que o fez e que não dirá uma palavra; quando mostramos ao sacana as fotografias da velha que ele agrediu, da criança que roubou, da mulher que violou e o seu rosto nem lampeja, surpresa alguma, remorso algum, só «não comento, não comento», quando achamos que lhe vamos dar um murro na cara, abaná-lo pela garganta e berrar, *Diz alguma coisa, seu sacana, mostra alguma porra de humanidade!*

nesse momento, em vez disso, deixamos escapar uma lenta exalação, e contamos de dez para trás.

Dez nove oito sete seis cinco quatro três dois um.

Seja como for, podemos sempre apanhar o filho da puta com os serviços forenses.

Não que o meu pai alguma vez praguejasse. Não valia a pena, dizia ele. As pessoas são simples pessoas, fazendo coisas de pessoas. Por vezes são estúpidas, e por vezes estão desesperadas, e uma data de vezes é só má sorte. Não fervas em pouca água com pessoas.

*

Pela meia-noite, Parker ainda não tinha respondido. Houvessem sido circunstâncias normais, poderia ter ido à procura de um casino, algum sítio onde contar cartas; mas Istambul fechara os seus casinos há anos, e eu não tinha contactos para descobrir onde se jogava agora.

Relutantemente, voltei ao beliche em Zetinburnu, e dormi mal, e sonhei com areia.

*

Quarenta e nove horas depois de eu o ter contactado, e treze carteiras roubadas mais tarde, Parker respondeu.

Querida Hope

Lamento desapontar-te, mas não me meto já nestas coisas. Se precisares de ajuda, sugiro que vás a

uma embaixada ou consulado. Desejo-te sorte,
Fielmente teu,
Parker

O que senti eu?

Não tinha memórias deste homem, rosto algum que odiar.

Seria ele uma mera fantasia na minha mente, um sonho?

Seria real?

(Seria eu?)

Houvesse eu estado em Newark, e tivesse acesso à caixa onde guardava as minhas memórias dele, tê-las-ia feito em pedaços e, enquanto ardiam, ter-me-ia regozijado no assassinio das chamas.

*

Arranquei os pensos das queimaduras.

Andei pela rua em corsários e um top de alças de modo a que as pessoas pudessem ver as minhas lesões ainda em ferida.

No elétrico, roubei a carteira a uma mulher que me fitara com desdém, e tateei desajeitada, e quando ela desatou a gritar ladrão, ladrão, ladrão, dei-lhe um estalo na cara e fugi, até os pulmões me arderem de novo e não me lembrar onde estava ou como ali chegara.

Ninguém se lembraria de mim ali postada naquela esquina, a arquejar.

Só havia o agora.

O agora em que abri a carteira roubada, tirei o conteúdo à pressa, rasguei o dinheiro em pedaços, rosnei como um animal ferido, me sentei no passeio, me lembrei de que estava sozinha.

Este agora.

Ponho-me de pé.

O agora extingue-se.

Os que o viram, esquecem.

Agora já se foi.

Agora estou a andar.

Contando os passos.

E fui-me.

*

No meu sétimo dia em Istambul, comprei um portátil, instalei o Tor, e fui à procura de Byron14.

Estava escondido, alertado talvez pelo meu silêncio, ou pela minha procura, ou por outra ação qualquer de Gauguin. Postei o seguinte:

oquêondequando: Vende-se. Código base de Perfection, descriptado. Lista completa do Clube 106 com nomes e detalhes bancários. Total acesso ou dinheiro devolvido.

Byron14 estava lá em menos de vinte minutos.

Byron14: Tenho interesse no seu produto.

oquêondequando: Olá, Byron14. Tinha esperança que tivesse.

No nono dia depois de um homem chamado Gauguin quase me ter queimado viva num armazém em Istambul, fiz negócio com um estranho que dava pelo nome de Byron14.

Eu disse: preciso de papéis, dinheiro, limpos, sem rasto.

Byron respondeu: eu quero o código base do Perfection. Parto do princípio de que não o tem, de facto?

Ainda não, confessei. Mas ajude-me, e eu abro o Perfection ao meio. Desfaço a Prometheus em pedaços, rasgo...

Parece estar a levar isto muito a peito, cismou Byron.

Você tem alguma porra de merda com Gauguin, não tem?, redargui eu.

Resposta alguma por um bocado, depois,

É justo, disse ele. Okay. Façamos negócio.

*

Byron14 foi fiel à sua palavra. Vinte e quatro horas depois de fazermos o nosso trato, cinquenta mil liras em notas avulsas estavam à minha espera num saco de papel castanho numa caixa postal em Beyoğlu, e doze horas depois disso, uma falsificadora que dava pelo nome de Emine contactou-me informando-me de que os seus serviços já tinham sido pagos e quando é que nos poderíamos encontrar?

Encontrámo-nos nessa noite num iate no Mar de Mármara. O barco chamava-se *Boa Intenção*, tinha elevados costados brancos e acabamentos em madeira, um leme com o focinho de um dragão esculpido ao centro, e uma indiana de tez de mogno a fumar um charuto à porta do convés inferior. Emine andava pelos cinquenta e cinco anos, tinha um rosto quase esférico emoldurado por uma quase esférica explosão de cabelo grisalho. As paredes do iate tinham penduradas aguarelas de Istambul, nenhuma muito boa, todas amadoras. Ela vestia uma túnica de chifom azul sobre uma camisa de algodão branca, e ao levar-me para a sua oficina sob a linha de água, os seus tornozelos tilintavam de joias, amuletos de madeira e pulseiras de prata, olhos de vidro azul para afugentar o mal. — Venha, venha, venha! — sussurrou, conduzindo-me lá para baixo.

O seu negócio era recuperação de passaportes. — Eu sou uma artista — exclamou —, mas as pessoas não apreciam o meu trabalho, de maneira que faço isto à parte. Venha, venha!

Sentou-me num banco junto a uma comprida bancada coberta de tintas e colas, lupas e pedaços de cabos de computadores. Abrindo uma caixa *Tupperware* azul, começou a folhear passaportes — turcos, americanos, britânicos, franceses, russos, indianos, japoneses, egípcios —, todos adquiridos a papalvos, ingênuos ou mortos.

— É britânica?

— Sim.

— Continua a querer ser britânica?

Encolhi os ombros. Há passaportes piores.

— Dava uma encantadora americana — exclamou. — Mas não, demasiada gente odeia a América, nada bom, nada bom. Iraniana? Não — cara errada para uma iraniana. Posso fazer-lhe um butanês, ninguém sabe nada do Butão, e é limpo, completamente limpo, pode usá-lo durante oito anos sem problema, garantia de reembolso.

— Britânico está ótimo.

— Os passaportes britânicos são manhosos, manhosos! Códigos de barras, e agora estão a pôr-lhes chips, tenho de chamar o meu sobrinho para me ajudar com esse tipo de coisas, ele é muito bom, trás trás, nova identidade, passaporte programado feliz e contente! Nos velhos tempos — acrescentou, a voz baixando com uma súbita melancolia —, era só fazer belos documentos. Mas os computadores agora estão por todo o lado, os

velhos ofícios estão a morrer; a morrer por máquinas.

Esbocei o meu sorriso mais beatífico, e resisti a apontar que certas profissões, incluindo a minha, haviam provado ser simultaneamente flexíveis e imunes à mudança.

Requisitos de fotografia para o passaporte no Reino Unido: revelação profissional, 45mm x 35mm; a cores em papel branco liso, tirada contra fundo creme ou cinzento-claro. O enquadramento deve incluir cabeça e ombros; a cabeça não pode ocupar mais de 34mm da altura total, e menos de 29mm. Deve apresentar-se expressão neutra, com a boca fechada, olhando diretamente para a câmara, sem qualquer cobertura de cabeça a menos que usada para propósitos religiosos.

Eu disse-lhe tudo isto, e ela pareceu perplexa. — Quieta para a foto! — clamou.

O passaporte que ela eventualmente tratou para os meus fins era de uma britânica que «foi para o Bangladesh», suspirou ela, «e nunca mais voltou».

Eu estava num avião para Tóquio nessa mesma noite.

CAPÍTULO 35

Não era a primeira vez que eu era pobre, mas estava sem prática. Tinha bens, anos de dinheiro poupado para emergências, documentos e novas identidades; mas nenhum deles estava na Turquia e demasiados deles podiam ser descobertos por Gauguin. Quão facilmente desmoronara o meu pequeno império, mas estranhamente não me ralava. Julguei que lamentaria a perda dos meus pertences e, no entanto, ao informar o funcionário no aeroporto de que não tinha bagagem para seguir, senti-me curiosamente feliz. Os meus ombros abriram-se para trás, a minha cabeça ergueu-se, e quando o avião deslizou pela pista fora, olhei pela janela e descobri que estava a sorrir.

Nada tinha no mundo a que chamar meu, mas tinha um passaporte, um destino, um trato e um propósito.

Não era simplesmente o £1,2 milhões que Byron prometera no fim do trabalho que me dava uma sensação de bem-estar; era o trabalho propriamente dito.

Ia a caminho de Tóquio para arrombar o pequeno pedaço de software que parecia obcecar igualmente Byron e Gauguin, cujo nome me assombrara no decorrer das minhas viagens entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo. Eu ia roubar o Perfection, e sabia bem.

Eu perguntara:

oquêondequando: Qual o seu interesse no Perfection?

Byron14: Qual é o seu?

oquêondequando: Eles desatinaram-me.

Byron14: É tudo?

oquêondequando: Reina usava-o, no Dubai. Reina morreu.

Byron14: E daí? O software não a matou.

oquêondequando: Eu disse-lhe que ela estava

desfeita. Cada dia um lembrete: não está a tentar o suficiente, não está a comer, não está a fazer exercício, a beber, ser, comprar – a comprar o seu caminho para a perfeição, com Perfection. Perfection é propriedade da Prometheus, a Prometheus enviou a Princesa Shamma bint Bandar, um negócio a fazer, coisas perfeitas, verdades perfeitas, maneira perfeita de ser muçulmano, perfeito *hajj* perfeito *zakat* perfeitas porras de vidas tornadas perfeitas e Reina já era perfeita, estava deprimida e nunca o disse, sozinha e nunca falou, era boa e era porra de boa era a melhor deles todos e

Parei de teclar, fiz-me uma chávena de chá.

Byron estava à espera.

oquêondequando: Acho que Gauguin teria ficado feliz por reaver os diamantes e prender-me, se você não se tivesse envolvido.

Byron14: É capaz de ter razão.

oquêondequando: Cometi um erro quando me envolvi nisto. Roubei as joias por despeito, não profissionalismo, e aqui estamos agora.

Byron14: Talvez.

oquêondequando: Se não fosse você, podia pôr-me a andar.

Byron14: Duvido.

oquêondequando: Eu sou esquecível – Gauguin esquecer-me-ia. Ele está mais interessado em si. Chamou-lhe assassino e terrorista.

Byron14: É o seu ponto de vista.

oquêondequando: E então?

Nenhuma resposta.

oquêondequando: Você quer a minha ajuda; odeio que me façam de trouxa.

Byron14: O homem a quem chama Gauguin e eu fomos amantes.

A resposta era tão simples, tão fácil, que por um momento pensei que Byron estivesse a fazer pouco de mim. Mas não se seguiram piadas nenhuma, nenhum sinal na conversa de que mais houvesse que não a simples verdade.

oquêondequando: E agora?

Byron14: Duvido que ele saiba o que quer. É bom que você não goste do Perfection, e bom que o culpe pela morte da sua amiga. Está certa, até certo ponto. Perfection não tem piedade dos que não se conformam. Mas deveria entender que o que vê como uma aplicação de telemóvel é uma ferramenta de longe mais potente. Recompensa conformidade com progresso financeiro e social. Aos cem mil pontos, a sua dieta, os seus hábitos de exercício, os seus interesses começam a tender naturalmente para o que os criadores do Perfection apelidaram de «perfeito». Aos quinhentos mil pontos, o seu discurso, os seus passatempos, os seus amigos começam todos a ser moldados da mesma forma. Ao milhão de pontos, recebe o convite para se juntar aos 106, onde todos são tão perfeitos como você, e quando tiver alcançado esta meta, é talvez muito diferente de quem era antes. O Perfection abarca cada parte da sua vida. Monitoriza telefonemas, lê emails, acede à sua conta bancária, regista o seu histórico de pesquisas na internet, usa GPS para lhe dar com o rasto, persegue cartões de fidelidade a lojas e deles extrai dados sobre os seus hábitos de compras, tem acesso ao microfone e câmara do seu telefone, pode monitorizar o seu sono, as suas

horas de vigília, os seus hábitos de trabalho, as suas atividades de lazer. No seu mais básico é uma ferramenta de marketing. Os serviços que você usa – saúde, fitness, alimentação, moda – os serviços que lhe trazem perfeição – pagam todos uma simpática taxa à aplicação pelas suas referências. Na extremidade puramente teórica da sua operação está a verdade de que o Perfection vem com uma noção predefinida do que significa perfeito, e «perfeito» é belo, confiante, arrogante, rico, mimado e obsceno. Se é que há uns novos Illuminati dos nossos tempos, então é a elite do Perfection, e ao contrário das lendas dos Illuminati de outros tempos, o único propósito dos 106 é farra e comida. Quer destruir o Perfection?

oquêondequando: Acho que quero, sim.

Byron14: Sabe porquê?

oquêondequando: Reina morreu.

Morreu e é obsceno. Ela morreu e eu penso, se o destruir, ela há de ficar contente.

Byron14: Investigue Rafe Pereyra-Conroy. Visite os centros de tratamento, veja como operam. Descubra Filipa Pereyra-Conroy em Tóquio. Ela viu o futuro.

Interroguei-me por um momento se estava a trabalhar para um louco, um fanático.

Um fanático que tinha acesso a dinheiro e passaportes não deixava de ser útil, independentemente das suas crenças. A única razão por que Byron14 se lembrava de mim era por a nossa interação ser digital, uma coisa registada em palavras e símbolos. Eu podia recuar quando entendesse, sem efeitos negativos. Se assim desejasse.

oquêondequando: Eu sou uma mulher.

Byron14 levou mais tempo a responder do que tinha levado em qualquer outra mensagem que tivéssemos partilhado até essa altura.

Byron14: Sim.

oquêondequando: E você também.

Silêncio de novo.

Byron14: Estamos a negociar, oquêondequando. É tudo.

E isso dizendo, desligou-se, e setenta e duas horas mais tarde, eu olhava para o Mar da China Oriental lá em baixo, e interrogava-me o que fora que eu forjara.

CAPÍTULO 36

Coisas que eu sei acerca do Japão, contempladas a trinta e cinco mil pés de altitude:

- O *sakura zensen*, o desabrochar anual das cerejeiras, desde as ilhas meridionais de Okinawa a norte de Hokkaido, é um acontecimento de notícia nacional. Assalariados, os servos de fato azul do *zaibatsu*, que trabalham toda a sua juventude para obterem os empregos que manterão toda a sua vida, enviam os seus subalternos para os parques à procura da localização perfeita para se sentarem sob as árvores a contemplar a sua floração, compondo talvez um pensativo *haiku* sobre a transitoriedade da vida nos seus smartphones, para mais tarde twittarem.
- Os antigos santuários xintoístas, com os seus portões *torii* que separam o sagrado do mundano, são quase sempre alguma forma de novo. Mais ou menos a cada vinte anos, os velhos edifícios são deitados abaixo, e novas madeiras, esculpidas à maneira tradicional, exatamente da mesma forma, tomarão o seu lugar, velhos e novos, tudo de uma vez.
- O suicídio é a primeira causa de morte para as mulheres com idades entre os 15-34 anos, e homens com idades entre os 24-40.
- O mercado da manga no Japão vale mais de \$5,5 mil milhões de dólares. Em 2010 o Governo Metropolitano de Tóquio tentou limitar imagens de extrema violência e sexualidade na manga infantil, provocando um clamor por todo o país. O governo argumentou que representações de crianças em situações sexuais, de violação tanto por pessoas como por criaturas fantásticas, e a ilustração de brutal assassinio em massa eram inadequadas para jovens leitores. «É um ultraje», exclamou um artista. «Isto é restrição governamental da liberdade de expressão tanto dos artistas como dos leitores», e claro, estavam todos certos, à sua maneira.

*

Uma pergunta: porque voam os aviões sempre a trinta e cinco mil pés, e não a dez mil metros e meio? O céu não se tornou métrico?

Aterrei em Tóquio ao nascer do Sol.

*

Um quarto de hotel de estilo tradicional japonês. Tapetes tatami no chão, colchões verdes e cor-de-rosa fluorescentes de enrolar, uma vista de um café de estilo francês e de uma oficina de reparação de computadores do outro lado da rua. Uma porta de deslizar para a casa de banho; uma sanita com um controlo contendo doze botões diferentes, dos quais apenas um de «descarga». Não existe símbolo internacional para representar essa função mais bem descrita pelo lento despejar de águas para a pia para disfarçar o som de uma mulher a mijar. A música que a sanita podia emitir a partir de um minúsculo altifalante acima da cisterna era de cinco tipos — tradicional japonesa, banda feminina, banda masculina, o som de pássaros a chilrear, ou Rod Stewart.

Ao lado do meu hotel, um hotel de amor oferecia os seus serviços, anúncios rosa fluorescente convidando casais a entrar para umas horas de prazer ilícito, nada de perguntas. A tela entre o mundo exterior e o rececionista era opaca, para que ninguém visse as feições dos clientes. A entrada e saída não estavam à vista, mas eu julguei ver um casal — um homem dos seus cinquenta e tal anos, de óculos, camisa passada a ferro, sapatos engraxados, e uma rapariga, de dezassete anos se tanto, longos cabelos negros e pequena saia plissada, escapulindo-se com o ar de boas pessoas apanhadas em vergonhosa transgressão moral. Nos últimos anos o governo tentara reprimir os hotéis de amor; sexo e brincadeira eram duas palavras que se sentiam desconfortáveis a usar juntas.

Seria justo dizer que o Japão é racista?

Talvez seja mais justo dizer que o Japão não está acostumado a mulheres negras, e definitivamente não a mulheres de raça mista, mesmo as que têm passaporte britânico falsificado e uma grande quantidade de ienes desfavoravelmente convertidos. Ninguém é já realmente racista, tal como ninguém é realmente sexista. Têm apenas a sua visão das coisas, estás a ver.

Forcei-me a permanecer acordada o máximo tempo possível, comprando algumas coisas, sacando uma ocasional carteira, procurando comida suave para o estômago. Sushi era uma entrada segura, se se soubesse pedir. Peixe-pedra, ameixas em conserva, medusa, *unagi* — estes requeriam todos um pouco mais de reforço. Nem pensar em tentar ir a pé onde quer que fosse em Tóquio, a cidade era demasiado grande. Apanhar o comboio, descobrir um bairro dentro do qual se tenha vontade de andar, Asakusa ou Ueno, onde os velhos estilos e ofícios ainda sobreviviam sob os arranha-céus; a lota em Tsukiji. À porta de um bar cor-de-rosa em Shinjuku, um homem abordou-me, abriu-se num largo sorriso, e exclamou em inglês: — É anfitriã?

Eu abanei a cabeça, e ele assentiu fervorosamente, acrescentando: — É anfitriã? É muito bonita.

Os seus dentes eram perfeitamente brancos, o cabelo estava em plena recessão na testa, conquanto não pudesse ter nem mais um dia que trinta anos. Da porta do bar, uma mulher com cabelo louro até às ancas, bronzeado polvilhado de sardas e sotaque australiano emergiu, pegou no cliente pelo braço e conduziu-o de volta lá para dentro com uma exclamação de: — Desculpe, mil desculpas, ela é apenas uma visitante, mais saqué?

Ele disse algo que eu não consegui ouvir, e ela riu obedientemente, e depois veio cá fora fumar um cigarro e disse: — É uma vida decente, a sério. A maior parte dos homens só querem companhia, falar. Se for branca e interessada, é ainda melhor. Não chega a sexo a menos que se queira, e pode fazê-los pagar, mas eu não tenho necessidade. Champanhe, prendas, gorjetas — em quatro meses terei adquirido o suficiente para comprar uma casa na minha terra.

Ofereceu-me um cigarro, e eu abanei a cabeça.

— Está a pensar aderir? Seria uma presença invulgar, mas isto é Shinjuku. Pode ser repulsiva como um rinoceronte em decomposição e alguém quererá fodê-la, por ser *invulgarmente* repulsiva. Mas você é muito bonita, no meu entender.

— Tem muitos assalariados?

— Imensos. A maior parte deles é casada mas, tal como eu disse, é só conversa. Homens solitários que gostam de falar com alguém... diferente.

Por interesse, eu disse: — Tem o Perfection?

Ela riu. — Claro. Tive em tempos. Toda a gente nesta cidade quer ser

perfeito. E saía-me bem, também, ganhava, tipo, filiação com seis meses de desconto num qualquer ginásio fino da baixa, o ginásio perfeito, sabe como é, para ter o corpo perfeito. Mas tinha acesso às minhas contas bancárias ou algo do género, ou talvez os meus cartões de fidelização, sabe como é, ainda nem sei bem como foi mas devo ter assinalado um quadrado ou algo do género, e aos trinta mil pontos começou a dizer-me para deixar de fumar e beber menos, e eu fiquei, tipo, vão-se foder, e aos quarenta mil pontos começou a enviar-me informação de agências que dizia melhor combinarem com o meu perfil do que o meu atual trabalho — quero dizer, foda-se? Tipo, uma porra de aplicação a dizer-me que porra fazer com a minha vida? Seja como for, depois disso comecei a perder pontos como um invasor do espaço. «A perfeição jaz dentro de si», dizia. Apaguei aquela porra quando voltei aos dez mil pontos, mas sabe que mais? Um amigo meu, que arranja computadores e merdas dessas, diz que ainda há, tipo, coisas no meu telefone a vigiar-me, quero dizer, tipo, o Perfection ainda tem esse acesso todo porque eu não posso, tipo, simplesmente pará-lo, que porra.

Licenças que a aplicação Facebook Messenger solicita quando é instalada no seu telefone:

- Permitir à aplicação alterar o estado de conectividade de rede.
- Permitir à aplicação ligar para números de telefone sem a sua intervenção.
- Permitir à aplicação enviar mensagens SMS.
- Permitir à aplicação fazer gravações de voz com o microfone. Esta licença permite à aplicação fazer gravações de voz em qualquer altura sem a sua confirmação.
- Permitir à aplicação tirar fotografias e vídeos com a câmara. Esta licença permite à aplicação usar a câmara em qualquer altura sem a sua confirmação.
- Permitir à aplicação ler o seu registo de chamadas telefónicas, incluindo dados sobre chamadas recebidas e chamadas feitas. Esta licença permite a aplicações guardarem os seus registos telefónicos.
- Permitir à aplicação ler dados sobre os seus contactos armazenados no seu telefone, incluindo a frequência com que ligou, enviou

emails ou de outras formas em que comunicou com indivíduos específicos.

- Permitir à aplicação ler informações pessoais armazenadas no seu aparelho, tais como nome e contacto. Isto significa que a aplicação pode identificá-lo e enviar as suas informações pessoais a terceiros.
- Permitir à aplicação obter uma lista de contas conhecidas pelo telefone. Isto pode incluir quaisquer contas criadas por aplicações por si instaladas.

O Perfection detinha quase exatamente as mesmas licenças, com uma diferença:

- Permitir à aplicação monitorizar o histórico de internet e teclas digitadas.

Considereei por um momento o poder desta ferramenta, e vi contas bancárias e senhas, lojas online e cartões de crédito, mapas e padrões de viagem, chantagem e suborno passarem-me diante dos olhos.

Interroguei-me o que podia eu fazer com esse conhecimento, sendo uma ladra.

Depois admoestei-me pela estreiteza de pensamento, e perguntei em vez disso: o que podia eu fazer com esse conhecimento, sendo um deus?

CAPÍTULO 37

Uma semana de investigação.

Porque me mandara Byron¹⁴ para o Japão?

Prometheus, detentora do Perfection. Filiais: Mumbai, Xangai, Dubai, Joanesburgo, Nairobi, Paris, Hamburgo, Nova Iorque, Seattle, Cidade do México, Caracas, Santiago, Grenville (razões fiscais?), Genebra (absolutamente razões fiscais) e Tóquio.

A filial de Tóquio estava registada num edifício em Yamanote. Passei por ele duas vezes, contando vinte e oito pisos até ao topo das suas fachadas de puro vidro e betão, antes de ir à procura de um fato empresarial.

*

Por curiosidade, deitei-me de barriga no meu quarto de hotel e espreitei a Prometheus através de um portátil. Tirar dados da net era lento, mas não impossível. Tal como um enorme número de empresas por todo o mundo, a Prometheus era maioritariamente propriedade de uma holding, uma corporação tentacular cujo único propósito era possuir outras coisas. No topo estava Rafe Pereyra-Conroy. Reconheci-lhe a cara: trajando de preto no Dubai, e sorrindo para a família real, e quando eu saíra após o roubo, ele estava no átrio, aos gritos num telemóvel.

Na porra da minha festa roubou-lhe a porra das joias, sabes o que esta porra nos faz, sabes que porra acabamos de perder?!

Ao averiguar-se mais a fundo Rafe Pereyra-Conroy, encontrava-se sobretudo o seu pai.

Matheus Pereyra, nascido em Montevideu, levado pela mãe para Inglaterra aos três anos de idade, cresceu numa casa de dois quartos em West Acton com um padrasto violento e uma mãe lutando por sobreviver. Aos dezasseis anos, Matheus saiu de casa para começar a trabalhar na secção de impressão de um jornal de Fleet Street, transportando resmas de papel e galões de tinta para o ruidoso ventre das máquinas. Ali era «Matty», e conquanto odiasse o padrasto inglês, usava o seu apelido e tornou-se Matty Conroy, um dos rapazes. Comprou um fato e uma gravata, e todas as sextas-feiras à noite ia ao pub com os jornalistas, aprendendo a dar-se ares e a fumar, até que um dia alguém se virou e disse, «Caramba, Matty, estás

desperdiçado na gráfica...» e assim começou a viagem de Matty Conroy no mundo dos meios de comunicação.

«Trabalhar, trabalhar, trabalhar», citavam-no. «Os jovens só querem que tudo lhes caia no prato, mas eu sei, há que trabalhar, e há que acreditar. As pessoas dizem-nos que somos demasiado pequenos: provamos que somos maiores que elas. Dizem que nunca havemos de conseguir: lembramo-nos dessas palavras e de cada vez que caímos, lembramo-nos, havemos de conseguir, havemos de conseguir.»

Como jornalista, era um desastre; como vendedor de espaço de publicidade e incrementador de estratégias de marketing, era um génio. Passados cinco anos, tinha-se despedido do jornal que primeiro o contratara, e aos vinte e seis anos de idade arrancou com o seu próprio jornal.

«Sabe a diferença entre um tabloide e um jornal?», perguntava. «Um tabloide dá de facto às pessoas histórias em que elas estão interessadas.»

Aos trinta anos de idade, controlava 23 por cento do mercado da imprensa escrita do Reino Unido: aos trinta e quatro, comprou a sua primeira estação de televisão. Quando, aos trinta e cinco, o Real Clube de Corridas de Ascot lhe recusou filiação por motivo de não conformidade com os seus requisitos, os dois jornais e quatro tabloides sob o seu controlo publicaram manchetes sobre o assunto, com cabeçalhos desde o moderado «Fora de Moda e da Realidade?» até «Os Facciosos do Berkeshire». Para sua surpresa, os antigos cavalheiros de luva branca de Ascot, em vez de vergarem à sua pressão, ainda mais finca-pé fizeram.

«A campanha de assédio do Sr. Conroy apenas serve para enfatizar a validade do nosso julgamento inicial ao negar-lhe filiação, como é direito nosso», explicou um porta-voz de chapéu alto.

A aristocracia de Inglaterra sobrevivera à revolução, emancipação e guerra. O tempo era longo, a memória apagava-se, mas eles jamais mudavam.

Dois anos mais tarde, Matty Conroy era Matheus Pereyra de novo, proprietário de uma linha de navios de cruzeiro de luxo, uma cadeia de restaurantes de frango, uma empresa de carros de aluguer, meio banco e uma ilha perto de Nassau. No dia em que o seu valor excedeu mil milhões de libras, um jornal rival do Reino Unido publicou um artigo salientando que ele pagava uma taxa de cerca de 0,7 por cento sobre a sua fortuna. O

jornal foi processado por difamação, e conquanto o caso fosse retirado — «por razões de facto», conforme alegou o editor —, os honorários dos advogados tolheram o jornal nos anos que se seguiram, e este deixou de publicar artigos daqueles.

No ano em que a sua filha, Filipa, nasceu, estalou uma controvérsia quando uma das suas estações de televisão nos Estados Unidos designou catorze indivíduos de Washington D.C. e os rotulou de «Esquadrão de Infiltração Homossexual Adormecido».

«Acredito firmemente», explicou Matheus, «que o governo dos Estados Unidos da América está a ser infiltrado por unidades de liberais e homossexuais desejando forçar a sua agenda ateia ao povo desta nação através da poderosa instituição do governo centralizado.»

Quando acusado de falar sem qualquer prova, Matheus Pereyra acrescentou: «Há prova — há prova, eu vi-a. Mas os organismos repressivos do governo tornam impossível partilhar com o mundo o que sei.»

Quinze meses mais tarde, o seu filho nasceu, e Matheus Pereyra adquiriu a cidadania americana e um terreno de mil e duzentos hectares no Colorado a partir do qual podia «considerar o que fazer a seguir pelo mundo».

O que ele fez foi comprar mais coisas, e encher os jornais e as ondas sonoras com escândalos de celebridades, mexericos de Hollywood, rumores não confirmados e intolerância doméstica. O seu controlo das ondas sonoras avolumou-se, e aos sessenta e um anos de idade, foi encontrado envenenado em casa, o homicida nunca tendo sido apanhado.

Aos dezoito anos de idade, o seu filho, Rafe Pereyra-Conroy, tomou o controlo de uma empresa cujo valor líquido se estimava em aproximadamente £3,8 mil milhões. Adestrado, confiante e seguro, Rafe fez um discurso em público sobre a grandeza do legado do seu pai, mas igualmente a necessidade de uma nova e conscienciosa empresa que pugnassem pelo melhoramento da humanidade. A sua irmã, Filipa, três anos mais velha e quase com uma licenciatura em Bioquímica, ficou atrás dele e um pouco à esquerda, e não disse nada. Reconheci-lhe a cara também; conhecera-a no Dubai.

Todo o pensamento é retroalimentação. O charme vacila ante a hipertensão. Faz parte dos 106? Dez anos mais tarde, com a empresa valendo agora £5,09 mil milhões, o trabalho no Perfection foi iniciado, com

Filipa Pereyra-Conroy à cabeça.

CAPÍTULO 38

Disciplina.

O meu japonês é bastante fraco, mas os meus anfitriões eram encantadores e pacientes.

Disciplina.

Envergando um vestido de verão lilás, comecei a parar no bar de karaoke ao virar da esquina dos escritórios da Prometheus em Yamanote. Na terceira noite, tendo praticado cuidadosamente no meu quarto, cantei «Black is the Colour» diante de uma assistência de executivos extraordinariamente bêbedos, um dos quais assassinara a canção na noite anterior, e que imediatamente me pagou uma garrafa de champanhe e me convidou a juntar-me ao seu grupo.

O Sr. Fukazawa trabalhava nos recursos humanos da Prometheus, e depois de termos resgatado um dueto de «Summertime» juntos, ele pousou a cabeça no meu ombro e com lágrimas aflorando-lhe os olhos, proclamou: — Não há mulheres tão maravilhosas como você em todo o Japão.

Entrou num suave estupor alcoólico antes de eu o poder desiludir dessa noção, pelo que em vez disso lhe tirei o dinheiro da carteira e o passe de segurança, e lhe deitei gentilmente a cabeça no sofá de couro branco e me esgueirei antes que a próxima interpretação de um número de Bon Jovi pudesse desfigurar as paredes do bar.

*

Disciplina.

Duas portas abaixo do hotel de amor da minha rua, e por baixo de um restaurante especializado em peixe grelhado, um café integralmente dedicado a jogos de salão atraía homens e mulheres, jovens e velhos. Joguei *Mortal Kombat* contra uma rapariga com rabichos espetados de cada lado da cabeça, e ela ganhou, e eu disse: — Tem o Perfection?

— Claro! — replicou ela jovialmente, tirando o telefone da mala. — Mas não vou lá muito bem.

— Porque não?

— Quando vim para aqui, ele captou as redes sem fios locais e soube onde eu estava, e as mulheres perfeitas não vêm aqui.

— Isso não parece detê-la.

Ela hesitou, parecendo momentaneamente culpada. — Não sei, não — disse por fim. — Dentro de sete mil pontos obtenho uma transformação de visual grátis no Peach Princess Parlour, e eu simplesmente *adoro* os produtos deles, e sei que esta noite me vai fazer perder pontos, por isso suponho... não sei, não... suponho que terei de fazer melhor.

Ela esperava conseguir um estágio na Prometheus, nos escritórios de Yamanote.

— E o que fazem lá?

— Concebem programas de computador, sabe como é. Eu sou boa nessa espécie de coisas e ninguém se vai casar comigo, pelo que tenho de olhar por mim, sabe?

No ecrã, o avatar dela cuspiu relâmpagos das pontas dos dedos, e a minha personagem caiu morta, o ecrã alardeando a minha derrota.

— Mais uma volta? — perguntei, manobrando a minha mala para mais perto da dela, para melhor lhe roubar o telemóvel.

— Okay... mais uma...

*

Disciplina.

No dia em que Rafe Pereyra-Conroy aterrou no Aeroporto Internacional de Tóquio para visitar a filial da Prometheus, eu comprara já um itinerário completo da sua viagem a um descontente motorista no Mónaco, que sentia que não lhe tinham dado a gorjeta justa.

O tipo é um bilionário, resmungou. Tipos daqueles não deviam poder pagar a tarifa corrente.

Eu estava no aeroporto quando ele chegou no seu jato privado, e segui o seu comboio de três carros através das ruas de Tóquio até à sua suite de cobertura em Chiyoda. Na porta frontal do edifício de trinta pisos, ele foi recebido por uma mulher. Filipa Pereyra-Conroy, irmã mais velha, em tempos cientista, agora diretora de desenvolvimento do Perfection em toda a sua maravilha técnica. As fotografias de jornal não lhe tinham feito quaisquer favores: ela era uma ligeiramente desfocada bolha de píxeis atrás do irmão mais novo.

Todo o pensamento é retroalimentação.

O mundo dos super-ricos/superpoderosos não é assim tão grande. Por vezes damos com caras conhecidas, ainda que elas não se lembrem de nós.

*

Como uma mulher envergando um fato apertado com um apertado cartão de visita e um significativo suborno que apresentei em ambas as mãos com uma vénia ao gerente do edifício, consegui uma excursão à torre em que os Pereyra-Conroy estavam hospedados.

— A minha empresa é especializada em projetos residenciais de luxo para o mercado em desenvolvimento do Médio Oriente. Podemos aprender tanto com o Japão — anunciei, enquanto ele me mostrava os cursos de água interiores que corriam diligentemente pelo átrio do edifício, as palmeiras crescendo em grandes vasos de terra cobertos de seixos brancos, o jardim seco no vigésimo primeiro piso.

— O Sr. Ko do 128 é um mestre zen — explicou ele. — É dado a estas coisas.

— E o Sr. Ko exerce o seu ofício em mais algum lugar?

— Evidentemente, minha senhora. Ele é ginecologista *e* mestre zen.

— É uma combinação usual?

— Não me parece. O sacerdócio vem na sua maioria de fundos.

Contei os pássaros que levantavam voo, gravados a prata nas paredes do vigésimo terceiro piso. Se os padrões de juncos inclinados e flores de lótus, de cerejeiras em flor varridas pelo vento e criaturas irrompendo da água para o céu se repetiam, não me era dado ver onde.

— E como se arranja um apartamento aqui? — perguntei. — Não o encontrei na web...

— Não, minha senhora! Tem de se alcançar a perfeição.

Seria isto um aforismo budista que eu não abarcava plenamente...?

— Não, minha senhora. Apenas membros do Clube 106 vivem aqui.

Parei de chofre, e só quando ele parou também para me fitar de viés é que me lembrei de continuar a sorrir, continuar a andar, ser o meu sorriso, ser o meu andar, e disse casualmente como se nada fosse: — Evidentemente. Eles são exatamente o tipo de clientela a que nós atendemos.

Contei portas, janelas, pisos.

Contei passos.

A partir destes, contei membros do Clube 106 vivendo exclusivamente neste edifício, e senti-me momentaneamente receosa.

*

Uma mulher na apertada oficina de alfaiate ao virar da esquina do edifício de apartamentos.

— Dantes era uma zona residencial barata, boas casas, para apoiantes do governo do povo — resmungou, examinando um rasgão numa saia enquanto eu me inclinava sobre o balcão e me esforçava por dar sentido ao seu inglês de carregado sotaque. — Gente pobre, vida dura. Mas os patrões disseram não bom, deitar abaixo, fazer grandes apartamentos para gente importante. Muito protesto, muitas petições, mas de nada servir. Ministro diz que grandes novos apartamentos bons: agora ministro vive lá! Protestaram à polícia, mas o comissário da polícia vive lá. Dizem que é perfeito, lugar perfeito para boa gente viver.

— Onde estão agora os pobres? — perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Tóquio demasiado caro para eles. Deixaram cidade; ir para algum sítio barato. Duro, duro. Não se arranja trabalho em sítios baratos. Não se pode viver em sítios caros. Não há saída.

Ela susteve a saia no ar com repentino triunfo e declarou: — O que pensa disto?

Examinei a ofensiva peça de vestuário — não minha —, uma coisa de lã cinzenta tecida com um padrão de xadrez azul-claro. — Parece bem — disse com um encolher de ombros.

— É saia de dançarina de clube! Rasgar com prego enquanto tirar roupa! Ela boa rapariga, muito boa rapariga, queria ser cientista informática mas não ter notas. Agora é dona de clube; sempre gorjetas, às vezes traz pães doces porque eu sou viúva. Há sempre maneira, sim? Pessoas dizem que se deve fazer uma coisa, mas mundo diz que deve ser outra.

Cacarejou animadamente a sua sagacidade, e eu agradei-lhe em inglês e japonês, e saí ao som da sua galhofa.

*

Disciplina.

Uma corrida.
Uma caminhada.
Uma conversa.
Costas direitas.
Olhos adiante.
Cabeça erguida.
Aperto de mão.
Lavar rosto.
Estudar alvo.
Preparar plano.
A minha vida é uma máquina.
Eu sou uma máquina, vivendo a minha vida.
Clique, clique, clique, a engrenagem roda, e eu vivo.
Eu vivo.

CAPÍTULO 39

A meio da noite, acordei, e descobri que estava a sentir a falta de Byron¹⁴.

A sentir a falta de Gauguin, até.

A sentir a falta de pessoas que sentiam a minha falta.

Pensei em Luca Evard, e dei comigo ao portátil, interrogando-me que crime poderia cometer para o trazer a Tóquio.

Saí para as ruas, parcamente vestida para o frio e o escuro.

Encontrei um homem num bar.

Estava embriagado, mas o álcool deixava-o sentimental, infantil, um bêbedo afetuoso.

Encontrei um quarto num hotel de amor, reservei-o por duas horas, despachei-me em vinte minutos, deixei-o a ressonar em estupor, regressei ao quarto de hotel, à cama de hotel, bem podia estar em qualquer parte do mundo. Vida elétrica, chave elétrica, pegada elétrica numa era digital. Emissões de CO₂ que eu criei, coisas que consumi, janelas quebradas, superfícies arranhadas, eu sou a marca que a minha vida deixa para trás, eu sou um número num sistema, eu sou o cheiro nos lábios de um bêbedo quando acorda, nu, no hotel de amor, que ele lava de manhã.

Eu sou destruição.

Dormi mal, e fugazmente.

*

Da terceira vez que me encontrei com Luca Evard, fui eu à procura dele.

O trabalho tivera lugar em Kunming; a troca era em Hong Kong. Ao chegar para a permuta, joias por dinheiro no Cais do Ferry de Hung Hom, encontrei três homens em vez do único esperado, e quando ia a sair, um quarto deteve-me, de arma na mão, óculos escuros e cabelo penteado para trás, reluzindo de gel em tal profusão que pálidas gotas azuis se lhe colavam às têmporas. Parecia imperturbável ante os poucos passageiros noturnos à espera do ferry para North Point, a sua única concessão à sua presença consistindo em virar ligeiramente o corpo até se encontrar entre eles e nós, empurrando-me contra a parede, escondendo a arma. Fez sinal com uma inclinação de cabeça aos colegas, que formaram um grupo compacto, bloqueando ar, luz, som, e então, numa surreal reviravolta de camuflagem,

trataram de tagarelar sonora e jovialmente acerca do seu grupo pop favorito e de como era difícil encontrar um lugar barato para viver nos dias que correm.

Contra este balbuciar de alegre ruído, o meu atacante inclinou-se gentilmente, o seu hálito encontrando-se com o meu, e sussurrou num imaculado inglês com precisão de colégio particular: — Condizes com a descrição que me foi dada.

As palavras permanecem nas mentes das pessoas, ainda que não a minha cara. De pele escura, cabelo escuro, o cabelo retorcido em longas cordas pelas costas abaixo, corpo de corredora, uma mulher à espera do ferry que seja tudo isto — o número de candidatas não podia ser grande. Dei-lhe a minha melhor estocada não obstante, sussurrando: — Não sou eu, não sou eu, não sei...

— Se não és tu — soprou ele —, não há motivo para não disparar.

A sua arma era uma .22, e o som — embora digno de nota — não seria tão grande como poderia ser se fosse diretamente disparada na minha barriga. Mesmo que o ruído perturbasse as pessoas, é mais fácil descartar um estrondo sonoro como de um motor ou petardo, do que de um ato de homicídio tendo lugar nem a dez metros de onde estamos. A recompensa era que uma .22 podia não me matar; mas um estômago perfurado ou um pulmão arruinado tinham implicações a longo prazo, especialmente dada a minha condição. O que aconteceria se o meu cirurgião precisasse de urinar durante uma operação salvadora de vida?

Vasos sanguíneos no estômago: veia cava inferior, tronco celíaco, veias e artérias renais, veia e artéria gonadal, veia e artéria ilíaca comum, conduzindo à grande veia safena e artéria femoral. Alguém com um corte na artéria femoral pode esvair-se em sangue em menos de dois minutos; os primeiros socorros requerem que a primeira pessoa que acorrer aplique todo o seu peso na ferida para o evitar.

— Não estou sozinha — menti, quando o homem com a arma começou a revistar-me, dedos contra a minha pele, puxando-me a roupa, tocando, cutucando, agarrando, palavras que eu não queria achar, sondando, afagando, mais do que simplesmente a arma como ameaça, mais do que simplesmente a morte. — Faz isso e haverá consequências.

Ele encolheu os ombros; era um trapaceiro de Hong Kong, já se deparara com consequências antes e não as tinha em grande conta. Homens tinham

morrido, mulheres tinham morrido, e ali continuava ele, por isso que raio importava?

Os seus dedos envolveram a minha mala de ombro, fizeram-na descer-me pelo braço. Ele comprimiu-a contra o seu próprio corpo, e pressionou o corpo contra o meu, de modo a espremer-me mais contra a parede, as nossas formas combinadas suportando a mala entre nós. Com uma mão abriu o fecho, vasculhou lá dentro.

Os seus dedos fecharam-se em torno do saco de papel castanho em que eu metera as joias. Esmeraldas, pagas em tributo pelos reis da Tailândia a um imperador chinês, o sistema de tributos, comprar a paz, China, 中国, o Império do Meio, centro do mundo, rios fluem do seu coração, o mundo é o mar, o imperador, a montanha, 河, 山, o trabalho levava menos de quatro minutos a completar desde entrar no recinto do museu até sair com o troféu. Um comprador na darknet, um colecionador em Hong Kong, homem da droga, homem de dinheiro, traficante, assassino, mas adorava tudo o que fosse tailandês, a comida, a arte, as joias, ele construía templos, comprando o seu caminho para o céu, bom karma, não deveria nunca ter feito o negócio.

Um momento. O homem com a arma sentiu qualquer coisa no saco de papel, mas não tinha a certeza. Um olhar de relance para baixo, os olhos brevemente desviados de mim, confirmar, precisa de ver, precisa de verificar que eu não enfiei uma coisa falsa na minha mala. Agredi-o, a minha mão direita no seu rosto, a minha esquerda simultaneamente empurrando a arma para o lado. Dei um passo à direita e o dedo dele premiu o gatilho em piloto automático, ouvi a bala atingir a parede atrás de mim, senti a passagem dela repuxar-me a roupa, a mala sustida entre nós caiu.

Os três amigos, três aspirantes a assassinos, miúdos esperando impressionar o patrão com as suas matanças, olharam para o chefe. Um mergulhou direito a mim, e eu bati-lhe às cegas, em pânico, com o cotovelo de lado, sem espaço para me mover, sem espaço para dar um murro decente. Ele mal parecia ter dezassete anos, mas levantou as mãos para se proteger quando o meu braço se virou. Os seus dedos ressaltaram com o meu golpe, batendo em si próprio no rosto, e ao encolher-se, mais perplexo que magoado, empurrei-o e fugi.

Os disparos eram definitivamente disparos agora. O idiota com a .22

disparou selvaticamente, atingindo no ombro o rapaz com o maxilar contundido. Os poucos passageiros no terminal desataram a correr; não aos gritos, não aos berros ou chorando por misericórdia, mas mais como pardais mudando de direção no céu, um único e silencioso consenso de movimento.

Eu não senti a bala que me entrou na perna, mas quando tentei virar uma esquina, a viragem correu mal, e eu deslizei nos mosaicos lavados e dei comigo suspensa da barreira verde baixa que separava o cais da água. Ouvi passos atrás, vi negrume em baixo, e com absoluta certeza, atirei-me do cais abaixo, de cabeça para dentro de água.

*

Quanto tempo leva um estranho a esquecer?

Um minuto?

Suster o fôlego por um minuto.

Pronta?

Vai.

Um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze

Se tiveste tempo para inalar, tens as bochechas cheias de ar, pressionando-te os lábios de dentro para fora, de modo que podes ver, no fundo da visão, a curva do teu próprio rosto expandido.

Trinta trinta e um trinta e dois trinta e três trinta e quatro trinta e cinco

As bochechas começam a doer-te da pressão.

A primeira bolha de ar irrompe-te das narinas.

A boca esvazia-se.

O diafragma eleva-se.

A garganta comprime-se.

Ao exalares, sentes os pulmões encolher como envelopes molhados no peito.

Quarenta e nove cinquenta cinquenta e um

Traqueia, colapsando.

Cara, colapsando.

Peito, colapsando.

Coração, colapsando.

Quanto tempo a esquecer?

Sustenho-me debaixo do cais, as mãos espalmadas nele para me manter

submersa.

Eu sou o frio.

Eu sou a escuridão.

Eu sou o mar.

Eu sou o mar.

Respiração. Músculo, pulmões. Esclerose lateral amiotrófica, doença do neurónio motor, o corpo desliga dos membros para dentro, eventualmente a função autónoma dos pulmões começa a falhar, a respiração falha, a vida falha, a vida num ventilador, a vida encurralada, congelada, morte por sufocação, morte por afogamento, baldes de gelo e a internet, afogando-me em Hong Kong pelas esmeraldas de um imperador, eu sou o mar, eu sou o mar, eu sou...

O meu corpo rompeu a superfície da água, e eu senti-me aliviada. Não controlei a sua ação, as minhas pernas espernearam, os meus braços puxaram, e eu arquejei a tomar ar, senti o nariz explodir com ele, a cabeça explodir, os olhos saltar das órbitas com ele, e olhei para cima.

Os meus perseguidores tinham desaparecido.

*

A polícia foi chamada.

Alguém disparara uma arma no Cais de Hung Hom, pelo que a polícia chegou, carros brancos, camisas azuis, polida e organizada. Alguém me deu um cobertor cor de laranja e um pacote de uma bebida açucarada. Eu disse: — Acho que arranhei a perna — e levou um bocado até que um paramédico me cortasse as calças e respondesse com a calma de um profissional: — Creio que foi um bocadinho alvejada, minha senhora.

Depois puseram-me numa maca e levaram-me para uma ambulância, e um inspetor de polícia à paisana perguntou-me o que é que eu sabia, do que me lembrava.

— De quase nada — respondi. — Ouvi tiros e senti uma dor na perna e corri, e acho que devo ter escorregado e caído, pois, quando dei por mim, estava dentro de água e as pessoas tinham desaparecido.

— Viu como começou?

— Não, comandante, foi tudo muito confuso.

O inspetor esqueceu-me com relativa rapidez; os paramédicos foram

suficientemente atenciosos para me levarem ao hospital, e a eficiência da burocracia e sistema prioritário de espera tratou que a bala fosse removida por um cirurgião principiante sob anestesia local. Disseram que eu podia sair dentro de umas horas, e eu roubei um par de muletas, um punhado de analgésicos e antibióticos, e pus-me a andar assim que tive o penso assegurado.

*

O tiroteio apareceu nas notícias da noite.

Vi uma imagem da minha própria cara, captada por CCTV, enquanto corria e mergulhava na água. Parecia uma alienígena, alguém receoso e desconhecido, e, como corpo algum fora encontrado e ninguém condizendo com a minha descrição podia ser lembrado, iniciou-se uma caça a uma potencial vítima no mar. Não havia qualquer gravação do ataque propriamente dito, mas as caras dos suspeitos foram captadas, granuladas e a olhar para o lado errado, ao fugirem da cena caótica. A minha mala estava nas mãos deles; o meu trabalho roubado.

Nessa noite, sentada num cáldo fulgor de analgésico num quarto de hotel com vista para a baía, compilei um ficheiro para Luca Evard.

Dei-lhe a ligação entre mim própria e os compradores, descrições físicas detalhadas dos meus assaltantes, detalhes das joias que tinham sido roubadas e os acordos em torno do assalto. Acima de tudo, dei-lhe o número do meu telemóvel, escondido no fundo da minha mala roubada, e esperei que não fosse demasiado tarde.

Nove horas mais tarde, o homem que me apontara a arma foi preso. Tentara vender o meu telefone a uma loja de artigos em segunda mão em Mong Kok, um ato de ganância — imperdoavelmente estúpido. O dono da loja, quando subitamente confrontado com quinze polícias fortemente armados à sua porta, oferecera os detalhes do cliente num relâmpago.

Deram com ele de cuecas, jubilosamente pedrado de cocaína, a ver ténis num apartamento perto de Sham Mong Road. Vivia com a mãe, que tentou atacar um dos oficiais de detenção com uma esfregona quando lhe levaram o filho, antes de ser informada da natureza dos seus crimes e declarar, «O pai dele foi sempre um mau exemplo!», e de perguntar se a polícia a podia ajudar a retirá-lo do seu testamento.

Três horas depois, os seus restantes confederados estavam atrás das grades, mas nenhum com vontade de entregar o patrão. Corri os meus registos, a ver se havia alguma coisa que pudesse descobrir que ajudasse a incriminá-lo, e nada encontrei.

Cinco horas mais tarde, Luca Evard chegou a Hong Kong, à procura da mulher que se eclipsara do cais abaixo.

*

Encontrei-o em Tsim Sha Tsui quando o Sol se punha, sentado num banco, a olhar para o mar. Atrás, as luzes da cidade começavam a brilhar: Philips e Hynduai destacados a azul e vermelho, Hitachi a branco e hotéis a verde, uma competição de néon e LED. Eu sentei-me na outra extremidade do banco, e comecei a ler.

O livro chamava-se *O Limão e a Onda* e era um relato mais que bizarro de um brutal assassinio no Norte de Itália, escrito num estilo febril e esbaforido pelo autor, R. H. Não era a minha cena, mas tinha sido um livro que eu vira na mesa de cabeceira de Luca Evard no Brasil, e agora eu estava sentada ao seu lado no banco enquanto a luz do dia se extinguia e a luz branca do passeio dominava, e reclinei-me de forma a que ele visse a capa.

Ele olhou, e desviou o olhar, e olhou outra vez, e então olhou para mim, e hesitou. A sua cabeça inclinou-se para baixo, e ele pensou talvez em falar, em perguntar-me o nome, em abordar a bonita mulher sentada ao seu lado no banco. Mas esse segundo passou, e ele pareceu a ponto de se levantar, de modo que eu baixei o livro e disse, em inglês: — Tem horas?

Tinha.

Fechei o livro, enfiei-o na mala, levantei-me, apoiando-me apenas numa muleta para suportar o peso da minha perna ferida. Ele, tendo iniciado o processo de se levantar, levantou-se também, e olhou outra vez para mim, e quis falar, e virou-se, e começou a afastar-se. Eu coxeei atrás dele, afastando-me do cais, na direção dos hotéis, e quando a sua velocidade ameaçou levá-lo para longe de mim, eu disse: — Desculpe, é americano?

Ele parou, voltou-se, sorriu — não, não era.

— Desculpe, apercebi-me quando falei — falei em inglês, quero eu dizer, não tem ar de falar cantonês, mas até podia, desculpe, que presunção, mas eu não devia assumir, mas é... seja como for, não era minha intenção ser

indelizada.

— Não foi indelizada, minha senhora.

Sorri de novo, num derradeiro esforço, incitando-o vá lá, vá lá, vá lá! Ele sorriu de volta, virou-se para se afastar.

Praguejei para dentro e jurei segui-lo até ao hotel, encontrá-lo no bar, depois de jantar, pôr o maldito livro entre nós, ou talvez um recorte sobre o Cais de Hung Hom, ou alguma coisa, *qualquer coisa*, para lhe chamar a atenção.

Então ele parou, e disse: — É capaz de andar, minha senhora? Precisa de ajuda para apanhar um táxi ou autocarro?

Apoiei-me um pouco mais na minha solitária muleta, sorri, disse: — Não, obrigada; tive um acidente no trabalho, mas estou ótima, a sério, não é tão mau como parece.

— Está bem — murmurou ele, não convencido, e de novo se voltou para ir, e de novo estacou, olhou para trás. — Perdoe-me, o livro que está a ler... Tem... encontrou-o em Hong Kong?

— Sim — respondi. — Num alfarrabista em Ho Man Tin. Já o leu?

— Sim, muitas vezes.

— Eu ainda não o acabei, mas parece uma escolha de livro estranha, quero dizer. Se o leu assim tantas vezes.

— Não é... é algo relacionado com o meu trabalho.

— Qual é o seu trabalho?

— Inspetor de polícia.

— Oh, desculpe, não fazia ideia! Em Hong Kong?

— Não. Interpol.

— A sério? Não sabia que a Interpol tinha inspetores. Quero dizer, desculpe, que indelizada. Estou a ser muito indelizada, não estou? Eu só... podemos tentar de novo?

Eu sou o meu sorriso.

Eu sou beleza.

Luca Evard, um homem que vivia a sua vida por camisas passadas a ferro e cuecas dobradas, pasta de dentes espremida do fundo do tubo, olhou para mim, e olhou para o mar, e, talvez nesse momento, pensou na ladra que perseguira por meio mundo, que estivera no Cais de Hung Hom na noite em que foram disparados tiros, e interrogou-se se ela se afogara nessa noite, ou se ainda seria viva e pensaria nele.

E olhou para mim.

E disse: — Posso ajudá-la a apanhar um táxi?

— Não é preciso — o meu hotel é aqui perto.

— Qual é?

— O Southern.

— Eu também lá estou hospedado.

— A sério? Que coincidência. Nesse caso, agradecia-lhe se me ajudasse a ir até ao bar.

CAPÍTULO 40

Palavras para caracterizar o meu comportamento:

- Obsessivo
- Carente
- Amador
- Espécie de predador
- Manipulador
- Cruel

Palavras para caracterizar Luca Evard:

- Convencional
- Aprumado
- Motivado
- Não recompensado
- Socialmente inepto
- Solitário
- Obsessivo

Ele não era homem para beber um copo com uma estranha numa cidade estranha, por mais que ela se tivesse esmerado a vestir-se para seu deleite. Não era homem para se abrir a seu respeito, da sua vida, dos seus medos. Ele não era desse tipo.

Beba um copo, disse eu. Somos ambos estranhos numa terra estranha, ambos lemos os mesmos livros. Eu sou uma mulher ferida; beba um copo comigo.

Só um, disse ele por fim. Eu não sou de beber em bares de hotel.

*

Ao terceiro copo de vinho, eu disse, É solteiro?

Sim, respondeu ele, a língua solta por bom vinho australiano. De há três meses para cá.

Lamento, disse eu, sentindo um lampejo de qualquer coisa que bem poderia ser... surpresa? Não considerara a possibilidade de qualquer outra

coisa na sua vida exceto o seu trabalho — exceto eu.

Fomo-nos afastando, disse ele. O meu trabalho, o trabalho dela — sabe como é. E você?

Solteira, respondi. É como eu gosto. Fale-me deste livro — *O Limão e a Onda*. Porque é que o leu tantas vezes?

Ele sorriu para nada em especial, comeu lula frita de uma taça, estudou a sala onde estávamos sentados, avaliando pessoas, decoração, som, luz. As mesas eram todas de vidro, com luz azul encastrada por baixo para projetar estranhas sombras através dos pratos, as luzes roçando-lhe a linha do queixo e do pescoço.

— Acho que foi escrito por um assassino — explicou. — Houve uma data de assassinios na Áustria em 1989, quatro mulheres e um homem todos mortos da mesma maneira. Um homem ficou sob suspeita. A polícia queria detê-lo, mas não havia suficientes provas físicas, e tiveram de o libertar. Ele deixou o país três semanas depois, e então em 1993 saiu este livro, e embora os nomes sejam diferentes, a cronologia, o estilo de assassinio, até ao mais ínfimo detalhe, até onde as vítimas foram deixadas, os nós usados nos laços que as estrangularam, o tamanho e fabrico da lâmina, tudo, o mesmo. A escrita assume o ponto de vista de um polícia, mas ele nunca apanha o assassino, acaba por admirá-lo no fim, *torna-se* um assassino ele próprio, o polícia é transformado pelo que vê num assassino. Eu fizera parte da ligação, tentei localizar o escritor, este R. H. — mas ele mudara-se, algures para a América do Norte. Nós alertámos o FBI, mas, de novo, o que temos nós? Nada. Uma obra de ficção. Um assassino rindo dos homens que não conseguem apanhá-lo, talvez. Um voo de fantasia de uma mente retorcida. Não se pode prender um homem por ficção, pode?

— Se não pode fazer nada, porque o lê tantas vezes?

Surpresa; a pergunta quase demasiado ridícula para ser feita. — Como aviso — respondeu ele. — Para me lembrar. Para me lembrar dos que morreram, cujo assassino nunca levámos à justiça.

Justiça: a qualidade de ser justo, reto. O princípio moral de determinar uma conduta justa.

A administração de merecida punição ou recompensa.

Revistei mentalmente a minha compreensão de justiça, e não encontrei nela lugar para mim. Mas pensando bem, *fazer* justiça: agir ou tratar equitativamente. Absolver de acordo com as capacidades ou potencial de

alguém. Não se podia negar que eu era iníqua na minha vida, mas *fazia* eu justiça?

Então Luca disse: — Vim aqui à procura de um ladrão.

Os meus olhos voltaram para ele vindos de outro lugar. Ele era o mundo, o universo, tão grande na minha atenção que, por um momento, interroguei-me se ele não seria uma invenção fraturada da minha própria imaginação, uma voz que eu conjurara para mim própria. Mas os seus olhos estavam noutro lado qualquer, as suas palavras vinham de algum lugar na sua alma que falava para si própria, não para mim.

— Os meus superiores acham que ela se afogou. Assaltou um museu. Há quarenta anos, as peças teriam sido vendidas pelo governo chinês para angariar capital para tratores e pás, mas agora a China está a readquirir gosto por uma História gloriosa e opulenta. É isto que dá valor à peça, mais do que a sua composição química.

Esmeralda: composto de ciclossilicato de alumínio e berílio e vestígios de crómio, que lhe dá a sua cor verde.

— Acho que ela veio a Hong Kong para a vender. Há um homem, Bogyoke Dennis. Começou como contrabandista no Camboja; agora mata os seus inimigos com veneno de cobra. Dirige a extorsão relacionada com prostituição e contrabando de pessoas no Mar do Sul da China. Ela nunca deveria ter... mas deve ter-se tornado gananciosa, ou arrogante, ou simplesmente... estúpida.

Estúpido: obtuso. Sem expediência.

Estúpido, a qualidade de...

...de ser malditamente estúpido.

Simplesmente

Estúpido.

— Está... triste, por ela ter morrido?

— Se é que morreu.

— Mas está triste.

Ele encolheu os ombros. — Entristece-me sempre a perda de uma vida humana.

— Mesmo de um ladrão?

— Não deixa de ser humano.

— É tudo?

Os seus olhos refocaram-se nos meus, lestos agora, aguçados, um

retraimento nas suas feições. — O que quer dizer?

— Soa como se andasse à procura dela há algum tempo.

— Há anos. Sei cada detalhe de cada crime que ela cometeu. Sei como ela gosta de se vestir, como penteia o cabelo, que tipo de carro gosta de conduzir, que comida come. Em Munique deu um golpe de €75.000 a um advogado cuja especialidade era pôr traficantes de droga em liberdade acusando a polícia de corrupção, e eu fiquei... ligeiramente agradado, Deus me perdoe, mas achei que o crime tinha o seu humor. Ela fez-lhe a folha enquanto ele assistia a uma angariação de fundos na ópera, digitalizou-lhe os cartões de crédito, clonou-lhe o telefone, e depois de escutar duas horas e um quarto de Verdi, vi-a nas câmaras de segurança, e, uma vez mais, fotografada por um dos jornalistas que ali estavam a cobrir a angariação de fundos, e ela parecia... Sabe, é-me difícil visualizar a cara dela agora, os detalhes estão... Conheço cada parte dela, mas é tão difícil encontrar... Ela parecia atónita. Tomada pela música. Não consigo... lembro-me de pensar que era isso que ela parecia. Lembro-me de pensar essas palavras. Agora está provavelmente morta; tudo aquilo para nada.

Silêncio.

Então,

desculpe, disse ele.

Desculpe.

Não era minha intenção falar de...

desculpe.

Silêncio.

Estendi o braço sobre a mesa, a minha mão na dele, e ele não fugiu.

Senti o sangue nas veias nas costas da sua mão.

Senti os tendões sob a sua pele.

Era este pulsar sob as pontas dos meus dedos o seu coração, ou o meu?

Ele baixou os olhos, como um homem envergonhado, e não fugiu.

— Tenho um terror — disse por fim. — Eu... tenho medo.

Esperei. Tudo o que ele precisava era de silêncio.

— Tenho medo por vezes de... que ela não seja real. Que não exista. É irracional, claro; temos provas, ADN, impressões digitais, o seu rosto, o seu MO, temos tudo de que precisamos para a condenar. Mas onde quer que vamos, cada crime que ela comete, as pessoas não conseguem lembrar-se dela. Será ela um ardil, uma ilusão? Uma fabricação, um espetáculo de

fantoches executado para nosso deleite, uma cobertura para uma conspiração, uma experiência, uma feiticeira? Porque não conseguem as pessoas lembrar-se? Posso descrever-lhe cada feição dela e no entanto... a descrição são simples palavras, ensaiadas durante horas sem fim em briefings — cabelo, altura, peso, cor —, simples... palavras. Olho para si e você podia ser ela, encaixa nas palavras, mas eu estudei a fotografia dela, conheço-lhe o rosto, você não é ela, eu reconhecê-la-ia, conhecê-la-ia instantaneamente, eu *saberia!*

A voz elevando-se; dor, medo, confusão.

Pressionei mais a minha mão contra a sua, a minha realidade, a sua pele, o meu calor, o seu sangue.

— Recebi um ficheiro — prosseguiu ele. — Pensei que talvez fosse dela. Como sabia ela de mim? Talvez o tivesse a postos para ser enviado, caso a troca desse para o torto. Talvez me esteja a usar da sepultura, vingança contra os homens que a mataram.

— Haveria alguma justiça nisso, penso eu.

Um ligeiríssimo sorriso. — Sim — concedeu. — Talvez um bocadinho.

Justiça. Em chinês o símbolo é 乂, *yí*, um pictograma que eu sempre achei parecer bastante jubiloso, pleno de esperança. Se me fosse dado assinar o meu nome com um símbolo, acho que queria que fosse 乂.

— Só porque ninguém se lembra de a ver não significa que ela tenha morrido — disse eu, e como ele sorrisse para nada, acrescentei: — Parece uma série de acontecimentos extraordinária.

Ele ergueu os olhos de novo para mim, ou talvez pela primeira vez, e eu interroguei-me se agora estaria a enumerar uma lista de palavras que encaixassem nas minhas feições. A minha altura, peso, pele, olhos, a ligeiramente bulbosa ponta do meu nariz, orelhas um pouco grandes de mais, testa alta, sobrancelhas espessas, cabelo bem preto preso atrás num nó solto, uma sugestão de sardas sob os olhos. Todas estas coisas podiam ser descritas, anotadas, ele podia postar-se diante da minha fotografia todos os dias e recitar estas características, e agora olhava para mim e talvez, pela primeira vez, tentasse anotar o meu rosto, categorizá-lo e achar uma equiparação. Via ele quem eu era?

Talvez visse.

Mas acreditava demasiado na sua própria racionalidade, e portanto no preciso instante em que os seus olhos se arregalaram e os seus lábios se

apartaram em constatação, ele virou a cabeça para o lado, desviou o olhar, informou-se talvez a si próprio de que não, não — ele conhecia o rosto da ladra, era impossível encontrá-la agora e *não* a reconhecer, não ele, não após este tempo todo.

E assim o momento passou, deixando-o apenas a ele, a mim, agora.

Eu disse: — Quer outra bebida?

Não devia.

Ele era... não era... ele não era esse tipo de homem.

— Estive sozinha a noite passada, estarei sozinha amanhã — repliquei.

— E você?

A sua mão, ainda sob a minha.

— Okay — disse. E depois: — Okay.

CAPÍTULO 41

Esqueço-me de contar.

Esqueço-me de me lembrar.

Esqueci a minha idade; cada documento com o meu rosto é uma mentira.

Esqueci os meus amigos, tal como eles me esqueceram.

Esqueci o virar dos anos, pois o que são eles para mim?

Os anos não se lembrarão de mim.

O meu rosto desvanece-se das mentes dos homens.

Só os meus feitos permanecem.

CAPÍTULO 42

No seu sétimo dia em Tóquio, segui Rafe Pereyra-Conroy até um desafio de sumo.

Artes tradicionais do Japão: sumo, karaté, kendo, judo, kyudo, kabuki, origami, arranjos florais.

Hierarquia. Uma escola de sumo é organizada com disciplina militar. Em baixo estão os *jonokushi*, depois os *makushika* e *juryo*. Apenas 42 *makuuchi* de elite existem em qualquer altura, os seus desafios emitidos pela televisão, a expectativa de vida pelo menos dois anos mais baixa do que a média nacional.

Nomi No Sukuni, deus xintoísta do sumo. Em tempos que já lá vão, os lutadores levavam a cabo os seus rituais em templos, para assegurar boas colheitas, e os árbitros ainda sacralizavam o *dohyo* espalhando sal.

Ralar-se-ia Rafe com isso, ao sentar-se numa zona privada de almofadas e tapetes de tatami limpos mesmo junto ao ringue? Provavelmente não. Observei-o através de um pequeno par de binóculos de uma bancada de madeira bem no alto do recinto. Ele era um dignitário estrangeiro a ser levado ao sumo para entretenimento e empolgamento, para ter algo que contar aos amigos quando regressasse a casa. Eu vi um desafio de sumo, sim, vi, sim; percebem? Não, claro que não, mas eu estive lá, já vivenciei o Japão, sim, oh, sim, vivenciei.

Na receção a seguir, escutei as conversas enquanto circulava pela sala.

Estava a ficar melhor a reconhecer os que tinham Perfection.

Ela: os seus dentes perfeitos, o seu cabelo perfeito, o seu sorriso perfeito, as suas roupas perfeitas, escolhidas à moda, envergadas com graciosidade.

Ele: seda e algodão, o branco da sua camisa penetrante como espinho, a bebida perfeita na mão, a mulher perfeita pelo braço.

Tem o Perfection?

(«Oh, minha nossa», disse a mulher com a cintura acentuada por cirurgia. «Mudou a minha vida.»)

(«Não se trata apenas de mim», acrescentou o homem cuja taça de champanhe tornei a encher. «Trata-se de conhecer pessoas como eu. O melhor do melhor.»)

Um polido arremedo de aplauso, um homem envergando traje completo xintoísta, laranjas e amarelos, chapéu alto preto lacado, jazia no estrado e

em informal e fluente japonês agradeceu a todos a comparência.

«À maneira dos deuses», tropeçou o seu tradutor nas palavras, «procuramos purificar-nos de rituais impuros e pecados. Lavamos pensamentos pecaminosos, práticas impuras, atos culposos, e emergimos radiosos no fim. Cada criança que nasce no Japão, independentemente do seu credo, é acolhida no santuário e feita filha da família, o seu nome dado aos espíritos para ser abençoado e protegido. É neste espírito — acolhimento, e purificação — que me orgulho de chamar ao Sr. Pereyra-Conroy amigo, e dizer que o trabalho que ele faz no Japão ajuda homens e mulheres nas suas almas.»

Primeiro o Dubai, agora Tóquio. Rafe era uma abelha obreira.

«O Perfection», prosseguiu ele, após a pausa, «torna as pessoas melhores.»

*

Virando-me para sair, e ali estava ela, Filipa Pereyra-Conroy, vestida de preto, um copo numa mão, unhas cortadas curtas, cabelo preso ao alto. Interpôs-se no meu caminho e disse: — Olá. Vi-a sozinha. Conhece aqui alguém?

Não acusatória, não zangada; uma mulher que viu uma estranha e se interroga se ela precisa de companhia.

Tal como no Dubai.

— Olá — repliquei, estendendo a mão. — O meu nome é Hope.

— Filipa.

— Eu sei; estudei o seu trabalho, Dra. Pereyra.

Um tremeluzir de sobrancelha, um nervoso puxar de manga.

— Estudou? Não julguei... que aspeto dele?

— Li o seu trabalho sobre reconstrução e reforço cognitivo. Muito interessante, mesmo para uma leiga.

— É uma leiga?

— Leio, pela companhia.

Um sorriso, repentino, forte, que tão depressa se desvaneceu como surgira, trancado sob estilo e etiqueta. — Eu também.

— Parece que está a trabalhar em tratamentos?

Demasiado rápido, demasiada insistência de informação, suspeita, um

ligeiro enviesar do corpo. Tudo bem: a ocorrer isto, vou-me embora, dou uma volta à sala, volto para o seu lado, tento de novo, construo um pouco mais de confiança. Esta é uma oportunidade demasiado boa para ser perdida.

O dedo indicador da sua mão esquerda tamborilou algumas vezes contra o rebordo do copo, e duvidei que ela tivesse dado por isso. — Tem o Perfection? — perguntou por fim.

— Sim.

— Está...

— No Clube 106? Sim.

— Então saberá já dos tratamentos.

— Ainda não; ainda não tive consulta. Tenho andado muito ocupada recentemente — família.

— A família é importante.

Um mantra, recitado, e ela não olha para o irmão enquanto fala, não expressa as suas palavras com o corpo, mas permanece hirta, ereta, observadora. Avanço rapidamente, e ela fica feliz por se deixar avançar.

— Posso perguntar: de onde veio a ideia para o Perfection?

Os seus olhos, erguendo-se um bocadinho, cabeça levantada, queixo espetado. — O que pode querer dizer?

— Quero dizer... o que a inspirou?

Silêncio momentâneo. Depois: — O meu irmão. Ele é... em criança, eu achava que ele era... o nosso pai adorava-o até mais não, está a ver, e ele sempre achou que o mundo podia beneficiar com algo da sua... qualidade.

Tristeza. Sorri, está imóvel e direita, mas estas não eram as palavras fluentes da mulher que eu conhecera no Dubai; isto era mágoa, e justificação, e vazios onde deveria estar verdade. Para minha surpresa dei comigo a querer tocá-la, e cerrei os dedos sobre o copo.

— Todo o pensamento é retroalimentação — disse por fim, e agora os seus olhos fixaram-se em mim, trespassando-me, eu tinha a sua plena atenção, tão intensa que me interroguei se ela alguma vez me esqueceria, se alguma vez poderia esquecer este momento. — Deparando-se com crescente stress social, o corpo entra em estado de alarme. Os capilares dilatam-se, o coração bate mais depressa, a respiração acelera, a pele ruboriza, os músculos contraem-se. A cada rejeição social, instauram-se trilhos no cérebro que ligam rejeição social e ansiedade fisiológica. Assim

reforçada, terá mais probabilidades de experimentar uma reação física ao mais ligeiro desconforto social, ficando assim mais desconfortável, reforçando assim o físico e por aí em diante. Todo o pensamento é retroalimentação: às vezes essa retroalimentação pode tornar-se demasiado ruidosa. É o que eu penso, seja como for.

Silêncio momentâneo.

O seu corpo pareceu abrir-se, os ombros libertando-se da sua postura hirta, os joelhos suavizando-se, o rosto suavizando-se, os olhos suavizando-se. Pela primeira vez ela pareceu ver a sala, ver a festa, uma oscilante, risonha, tilintante massa de gente perfeita com sorrisos perfeitos.

— Você não está nos 106 — disse ela simplesmente.

— Porque diz isso? — perguntei.

— Porque não é perfeita.

— O que significa «perfeita»?

Ela sorriu, braços cruzados, cabeça para o lado. — Se estivesse nos 106, não perguntaria. Perfeição é você, e você é perfeição; a verdade é essa.

— E você não tem o Perfection tão pouco — repliquei. — Vejo-o também.

Os seus olhos tremeluziram em redor da sala, fixaram-se no irmão por um momento, em meia vénia, dando apertos de mão, todo ele sorrisos, charme, beleza. O seu olhar fixo voltou para mim e, por um momento, achei que ela ia chorar.

— Comeu alguma coisa? — perguntou. — Eu estou esfomeada.

*

Comemos massa chinesa. Ela pediu a apimentada receita de Singapura, eu comi sopa de *udon*, e ela provou uma colherada do caldo, chupando ruidosamente da colher de madeira chata.

— A festa, o seu irmão não ficará...

— Não se rala.

— Tem a certeza?

— É uma das coisas que Rafe partilha com o meu pai — um empenho determinado numa ideologia. O resto é ruído.

— Que ideologia é essa?

— Vitória.

— Isso é uma ideologia?

— Eu acho que sim. Rafe oculta-o melhor do que o papá fazia. O papá estava sempre a provar alguma coisa, que era melhor, mais esperto que toda a gente; mas Rafe tem de provar que é melhor que o papá.

As minhas sobrancelhas devem ter-se erguido, porque as dela fizeram-no em resposta, espelhando-me, e ela perguntou, um tudo-nada alto de mais: — O que se passa?

— Isto parece ser algo que não contaria a uma estranha.

— Desculpe, deixei-a... não sou muito boa a conhecer pessoas novas, está a ver.

— Parece ser muito boa.

— Não — replicou ela, um tudo-nada triste. — Não sou. Rafe arrasta-me atrás de si para todas as suas festas, os seus grandes lançamentos, aponta para mim e diz, «A diretora de desenvolvimento, minha irmã», e toda a gente sorri para mim e aperta-me a mão e depois ele continua a falar, não vá eu fazê-lo.

— Falou comigo.

— Você estava sozinha. Você era imperfeita.

— Bastou isso?

— Você... sabe alguma coisa do meu campo. Eu posso falar com as pessoas no trabalho mas elas não percebem realmente, não realmente, mas você estava sozinha e era imperfeita, e pensava em pensamento, sobre o que significa pensar, sobre mentes e pessoas e... É jornalista? — As palavras soaram rápidas e repentinas, um recuar quase físico do corpo à ideia.

— Não. Não sou. Estou a escrever uma tese sobre o Perfection.

As suas sobrancelhas tremeluziram para cima, penetrantes, uma atenção plenamente aguçada. — Para onde?

— Oxford, St. John's.

— Conhece o Professor Vikkendar?

— Não. Estou em Antropologia.

Um ligeiro assentimento, o seu interesse desviado quase instantaneamente; as Humanidades enfadavam-na, mas eu insisti. — Estou interessada na definição de «perfeito» ao longo do tempo, e na construção do eu. O Perfection está a tornar-se um movimento, uma redefinição global...

— Não está nada. A ideia não é essa.

Mordi o lábio inferior, escolhi lentamente as palavras. — Talvez não seja a ideia para si, Dra. Pereyra — cisme —, mas é nisso que se está a tornar.

— A ideia é o pensamento. Padrões de comportamento, padrões de pensamento, quebrar limites, criar novos trilhos — desculpe, julguei que entendesse isto, quando disse...

— Talvez devamos ser claras — há a ciência, e há o produto. Eu estou a falar do produto.

— Oh. — O seu interesse quase desaparecido agora, a massa esfriando diante dela. — Não lido realmente com isso.

Silêncio, subitamente constrangedor, uma queda e tanto do ponto onde começáramos. Olhei à minha volta, cruzando fugazmente o olhar com um dos dois seguranças que tinham discretamente seguido Filipa para o restaurante. Um estava postado junto à porta, outro, num nicho umas filas atrás de nós, mantendo uma polida distância.

— O que se passa com os...

Ela descartou-os com um meneio dos pauzinhos, sem levantar os olhos do prato. — O meu irmão preocupa-se com segurança.

— Corre perigo?

— Rafe vale uma data de dinheiro; acho que tem medo de que alguém possa tentar raptar-me. É ridículo, realmente, mas a verdade é que... — Esperei, e a seu tempo veio. — O nosso pai foi assassinado.

— Lamento ouvir isso.

Ela descartou-o com outro trago de massa. — Foi há muito tempo. Oficialmente, nunca apanharam ninguém.

— E oficiosamente?

Um meio encolher de ombros. Isto não é algo que lhe interesse. Depois de repente, lesta:

— Não é preocupante, quero dizer, não preocupante, não uma resposta emocional, mas não é interessante que numa sala de pessoas perfeitas as duas pessoas imperfeitas se aproximem de imediato, e duas sociedades se formem — como antropóloga isto deve interessar-lhe —, a bela e a feia, e a bela finque pé e fale e forme um quadro maravilhoso, e a feia coma massa chinesa. É algo que tenha observado? Nos seus estudos?

— Eu... sim. O Perfection encoraja as pessoas perfeitas a congregarem-se. Assim como o Clube 106.

— E isso não a assusta? — perguntou ela, perscrutando o meu rosto à

procura de algo que só ela sabia procurar.

— Não, não realmente.

— Deveria. Não é a minha investigação, de todo, mas o produto — a coisa que Rafe fez dele, é brilhante evidentemente, puro brilhantismo, ele é assim. Quando éramos miúdos, eu era a mais velha, mas Rafe era... Está a ver, o papá precisava de provar que era mais esperto, melhor que o mundo. Rafe apenas precisa de provar que é melhor que o papá. Pelo que o Perfection é uma aspiração esculpida em valores socioeconómicos, não éticos. Perfeição é riqueza, moda, interesse e poder. É pele resplandecente, riso aprazível, conversa fácil. É... algo a que o mundo aspira, e é evidentemente muito chato, e enormemente elitista. Eu não sou muito interessante, está a ver. Eu sou a irmã «teórica» do meu irmão, de facto. «Não se preocupem com ela — é dada às ciências», diz ele, e toda a gente se ri, porque tem graça. Você e eu estamos a comer massa chinesa juntas, e isto é um desastre pelos padrões do Perfection, comida barata cheia de horríveis químicos — perdidos mil pontos — e somos a minoria, e seremos olhadas de alto. Feias, gordas, preguiçosas, não capazes de olharmos por nós próprias, maus hábitos, comida de lixo, lixo.

Frígida. Uma palavra proferida por Reina, no dia antes de morrer. *A gritaria é agora estridente.*

Filipa ainda estava a falar, a alta velocidade, um metralhar de palavras, rolando à desfilada. — É mais fácil ser perfeito se se vier de um certo meio socioeconómico. A perfeição leva tempo, esforço, e se se for pobre, se se tiver dificuldades, então... e o Perfection pode ajudar nisso também, encontrar maneira de fazer os tostões funcionar, aprender a abdicar de coisas de que não precisa, estilo de vida agradável, estilo de vida simples. É feito para todos, claro, mas mais fácil, tão mais fácil, se já se for abastado, e, como antropóloga, seguramente consegue ver — o Perfection, como produto, cria uma aristocracia digital, e os imperfeitos deste mundo são pouco mais que servos.

Silêncio momentâneo. O segurança no nicho atrás de Filipa pediu outra água mineral; o guarda junto à porta observava a rua.

Por fim ela disse: — Morreu uma mulher no Dubai. Eu não conhecia o nome dela. Ela morreu mesmo antes de irmos lá a um lançamento — um desastre como se veio a revelar, uma humilhação, um ladrão infiltrou-se mas... seja como for. Uma mulher matou-se. Estava gravemente deprimida

mas ninguém estava a tratá-la, quero dizer, ninguém ajudou, ninguém o reconheceu sequer, porque não é uma doença, pois não, é simplesmente algo com que lidamos, certo? Seja como for. Ela tinha o Perfection. Não a salvou.

Silêncio.

— Se não se é perfeito, então é-se defeituoso — continuou, olhando para nada em especial, um pedaço de gengibre preso entre as extremidades dos pauzinhos, indo a lado nenhum. — Rafe é um génio, mas nada disto era a ideia da minha investigação.

— Qual era a ideia? — perguntei, brandamente, não fôssemos quebrar o feitiço.

— Tornar as pessoas melhores. Claro. Tornar o mundo um lugar melhor.

Rolou o gengibre entre os pauzinhos, pousou-o de volta.

— Acho que o meu irmão pegou numa coisa linda e tornou-a obscena — disse por fim. — Por isso deixei a festa. Você estudou o Perfection: o que acha?

Abri a boca para responder, descobri que todas as palavras fáceis eram agora difíceis, nada disse.

— «*Qui tacet consentire videtur*» — cismou ela, com um sorriso meio vazio.

— Quem cala consente.

— Estudou latim?

— Li-o num livro algures.

— Eu fui obrigada a estudá-lo na escola. Latim, Economia, Estudos Empresariais, Matemática, mais Matemática, Piano, Canto, Oratória e Drama, Ciências Informáticas, Francês, Russo, Japonês, Debate, Jornalismo...

— A sua escola não era lá muito parecida com a minha.

— Nós éramos o legado do meu pai. Ou antes, o meu irmão era. O meu irmão ia ser sempre melhor nesse tipo de coisa.

— Eu não sei latim — só as famosas máximas.

— Isto é famoso?

— Thomas More, mesmo antes de o Rei Henrique VIII decidir cortar-lhe a cabeça. «Quem cala consente» — ele recusou fazer um juramento, mas tão-pouco falou contra ele. Esperava com o seu silêncio escapar ao machado. A modos que nobre, a modos que cretino.

Ela manteve a lasca de gengibre pousada, afastou os pauzinhos para o lado, cruzou as mãos, ergueu a cabeça, olhou-me nos olhos. — Se fosse eu a escrever os parâmetros do Perfection — disse, firme e inabalável —, perdoaria todos os cobardes.

— Se acredita assim tão convictamente que o seu irmão fez algo... com o seu trabalho, então porque continua a trabalhar nele? — perguntei.

— Eu trabalho nos tratamentos, não no programa.

— O que fazem os tratamentos?

— Fazem as pessoas felizes.

— Como?

— Ajudam... as pessoas a sentirem-se felizes consigo mesmas.

— Isso soa como uma droga.

— Não é. É... não era assim que eu queria que funcionasse, não é... não é certo ainda, mas o meu irmão financia-o. Rafe tinha o dinheiro e mais ninguém me deixaria fazer as coisas que faço, por isso precisava dele, tivemos de fazer um trato — ele está sempre a fazer tratos, está a ver, e eu fui sempre uma cobarde. Acredita nisso, não acredita?

— Não sei.

— Fui. Sempre. Por isso escolhi os tratamentos. Ele fez disso uma coisa que é... Mas um dia com a tecnologia, gigantes sobre os ombros de gigantes, construiremos alguma coisa... boa. Felicidade para todos. Um dia fá-lo-emos bem.

Feliz: estar agradado, deliciado ou alegre.

Favorecido pela fortuna.

A experiência do prazer, ou do júbilo.

Felicidade: uma mentira, engendrada para assegurar que nunca a encontramos.

— É feliz? — perguntei, e ela não respondeu.

Meti um par de notas sob as nossas tigelas, cerrei o punho com força, disse: — Vamos. Vamos andar.

Ela não falou, mas também não resistiu quando a levei dali para fora.

CAPÍTULO 43

Um passeio noturno por Tóquio. O bairro eletrônico, quase mais luminoso que de dia, manga manga por todo o lado; raparigas com enormes olhos redondos acenando com os braços de néon sobre as portas, minúsculas e pálidas criaturas de uniforme escolar nas capas dos livros de banda desenhada na montra; homens com espadas e cabelo eriçado lutando contra grandes monstros, famílias de gatos de olhos azuis, descendentes do gato de laço vermelho de Hiroshige que brinca com uma fita, destacados a tintas brilhantes e molhadas.

Bares com raparigas envergando farda de criada de mesa francesa, à desenho animado, mangas tufadas pretas e pequenos aventais brancos. Casas de chá onde as matronas usavam suaves vestidos de seda e faziam vénias aos clientes visitantes — não uma casa de gueixas, não como as casas de Quioto, as gueixas eram uma coisa completamente à parte, mas uma alternativa aprazível, atapetada de tatâmi, onde o chá era bem quente e havia um canto para os visitantes carregarem os seus telemóveis.

Aquários nas montras dos restaurantes, cheios de monstros vivos e inquietos. Um chef de *fugu* demonstrando a gama de facas que usa na dissecação do seu venenoso prato — não o processo de dissecação em si, que requer três anos de treino, mas as delicadas ferramentas para extrair fígado, ovas, fatiar lascas de carne, limpar, raspar, escamar, esfregar.

— Veneno: tetrodotoxina — e levo um momento a constatar que é Filipa que está a falar, não eu. — Contida sobretudo no fígado, ovas e olhos. Atua de forma semelhante ao sarin. Não se conhece antídoto. Paralisa os músculos, deixando o doente consciente mas a asfixiar. Mil vezes mais potente que o cianeto. Cura...

— Suporte respiratório e circulatório — manutenção artificial de vida — até o veneno ser metabolizado pelo organismo e excretado — concluí eu, e ela abriu-se num sorriso luminoso, e enlaçou o braço no meu e disse:

— Aprendeu isso em Antropologia?

— Há muitas culturas em que as pessoas comem cogumelos venenosos, rãs, peixes e ervas para alcançar um estado de consciência intensificado. Há um milhar de anos, o LSD seria santificado.

Ela abriu-se num sorriso rasgado, num genuíno lampejo de deleite, e enquanto caminhávamos juntas pelas ruas de fogosa movimentação

noturna, os seus seguranças nunca muito longe lá atrás, ela disse:

— «Debruça-te na beleza da vida. Observa as estrelas e vê-te a ti correndo nelas.»

— «Tudo o que ouvimos é uma opinião, não um facto. Tudo o que vemos é uma perspectiva, não uma verdade.»

Ela riu-se — num tom surpreendentemente infantil, e imediatamente tapou a boca com as mãos para silenciar o inesperado som. Retirando-as lentamente, disse por fim: — Fizeram-me ler as *Meditações* na escola, e odiei-as.

— Mas agora cita-as?

— Alguma coisa ficou do exame. E você?

— Li-as há uns anos.

— Antropologia?

— Voo de longa distância, julgo eu.

— Marco Aurélio — cismou ela —, nascido em abril de 121 d.C., morto...

— ...em 180 d.C., em Viena — Vindobona, sim?

— Sucedido por Cómodo...

— ...um desastre de imperador...

— Assassinado em 192, talvez no banho, mas as fontes são dúbias, as estátuas foram derrubadas; o senado declarou-o postumamente inimigo do estado...

— Gladiador, adorava lutar.

— O princípio do fim, disse Gibbon. A parte do livro em que a história ganhou interesse — replicou ela, e parou, tão subitamente que quase tropecei com a mão dela a agarrar-me o braço, uma âncora sustendo-me o corpo no lugar, ainda que os meus pés tentassem continuar a andar. — Não é... *perfeito*... ter conhecimento — tartamudeou ela, destituída já de alegria. — As pessoas perfeitas não são versadas, não são... sábias. É o que o meu irmão diz. O conhecimento é para gabarolas e pessoas que não saem muito de casa, temos o Google, a Wikipédia. O conhecimento é um lugar onde devia estar o sexy. *Esperto* é sexy, o génio sociopata, o homem mais esperto da sala, mas um esperto que não precisa de trabalhar, que não investe em conhecimento, que passa tempo no trabalho, é simplesmente... ser brilhante. Ser brilhante é sexy, não trabalhar arduamente. O sexy vende. É o que o Rafe diz sempre: o sexy vende.

Nós as duas, petrificadas no meio da rua, de braço dado. Os homens olhavam ao passar por nós, as cabeças virando-se conquanto os corpos continuassem a andar, os pescoços girando e os queixos caídos, interrogando-se qual seria a nossa história. Ela estava a chorar, silenciosamente, agarrando-me o braço, a chorar. Deixei-a chorar um bocado, apertei-a, senti-lhe o ranho e as lágrimas no ombro, quis chorar eu própria, o que é isto, quando ouço uma criança chorar no comboio fico triste, vejo uma estranha choramingar e sinto as lágrimas virem-me aos olhos, uma fraqueza, talvez, um lugar em que a emoção não se acostumou às extremidades do sentimento.

— Filipa — soprei, quando ela se afastou, esfregando a cara com a manga. — O que é o Perfection?

— É o fim do mundo — respondeu ela. — É o fim de tudo.

Abri a boca para dizer alguma coisa, para perguntar, qualquer coisa, oferecer, qualquer coisa, mas um dos seus seguranças aproximou-se, um lenço de papel numa mão, um telemóvel noutra, murmurou: — Menina Pereyra, sente-se bem?

O seu sotaque era americano, os seus olhos não se cruzaram com os meus. Ela ignorou o lenço de papel, continuou a esfregar a cara com a manga, e ele disse de novo: — Sente-se bem, minha senhora?

— Sim — replicou ela. — Estou ótima.

— Eles sentem a sua falta na festa.

As minhas sobrancelhas quiseram erguer-se de desdém, mas eu era profissional, era uma ladra, e este homem era um inimigo a entrar no meu domínio.

Ela assentiu, fungou, sorriu para o homem, fungou de novo, depois sorriu para mim. — Desculpe — balbuciou. E de novo: — Desculpe. Você é... se fosse comigo, eu... mas o meu irmão é muito... espero que a sua tese corra bem.

— Obrigada.

Uma pausa, assentindo para nada em especial, os seguranças à espera, o telefone ligado, ligado a alguém invisível. Filipa assentiu de novo, virou-se ligeiramente, e logo se voltou para trás, e tirou uma pulseira do pulso. Era de prata, uma fina tira transformada numa perfeita fita de Möbius. Segurou a minha mão direita na sua esquerda, meteu-me a pulseira pelos dedos acima, assentiu com satisfação ao vê-la ajustada ao meu pulso, disse: —

Obrigada por uma noite encantadora.

Abri a boca para dizer que não, não era... aquilo não era... mas pensei duas vezes, interroguei-me quais seriam as palavras melhores de momento, e disse simplesmente: — Obrigada.

Ela olhou para mim, e eu olhei para ela, e ela sorriu, e deixou que o segurança a levasse.

CAPÍTULO 44

O que é perfeição, o que significa «perfeito» sequer?

Perfeito: tão bom quanto é possível ser.

Livre de falha ou defeito.

*

Pesquisas na internet, folheares de livros, História.

Procuramos as palavras «mulher perfeita» e encontramos corpos. Diagramas, explicando que o rosto perfeito pertence a uma atriz com olhos esfumados; o cabelo perfeito vem de uma princesa; a cintura perfeita mal tem a estreiteza suficiente para suportar os seios generosos que sobre ela se equilibram; pernas desproporcionadamente longas, sorriso que diz «tome-me». Feições trabalhadas a Photoshop combinando os rostos de estrelas de cinema e modelos, ídolos pop e celebridades. Quem é a mulher perfeita? Segundo a internet, ela é uma rapariga branca e loura com bulimia; nenhuma outra características são especificadas.

E o homem perfeito? Ele tem uma vasta gama de interesses, é educado e cortês em qualquer altura, bem-parecido e sexualmente atencioso, inteligente, preferencialmente divertido, tem um elevado rendimento e casa própria, livre de hipotecas.

*

Uma fita de Möbius. Pegue numa tira de papel, dê-lhe meia-volta, cole as extremidades, criando uma superfície que seja não-orientável, a parte de cima é sempre a parte de baixo, a parte de baixo é sempre a parte de cima. Descoberta em 1858, mas não plenamente definida em forma de equação matemática até 2007; é difícil modelar uma coisa que continua indefinidamente, um circuito fechado sem fim.

A prata, amornada por Filipa, agora morna em torno do meu pulso. Passo-lhe os dedos à roda indefinidamente.

*

O que era o Perfection?

Talvez Filipa estivesse certa. Talvez fosse o fim do mundo.
Fui à procura do Clube 106.

*

A vigilância é fácil, quando o mundo nos esquece.

Observando o edifício Pereyra-Conroy de um carro alugado estacionado, comecei a traçar e catalogar as vidas dos membros do Clube 106 que lá viviam dentro, e ninguém me deteve.

Uma mulher entrando num carro conduzido por motorista para ir a uma festa poderá reparar na rapariga do outro lado da rua e ficar surpreendida, mas se ela então se esquece, a surpresa não vai mais longe que o sentir.

Um segurança, ajudando Rafe a entrar na sua limusina, repara em mim ao fechar a porta, e considera-me suspeita, mas não uma ameaça ainda, não à primeira vista. Quando regressa ao fim do dia, experimenta o mesmo processo de pensamento, e é de novo a primeira vez que me vê, pelo que de novo não faz soar o alarme.

Palmei bolsos, roubei malas, arrombei apartamentos. Clonei telemóveis, acedi a contas de email, páginas do Facebook, dados do Twitter.

Segui homens até ao trabalho, mulheres a festas, roubei-lhes os nomes, os nomes do seu pessoal de limpeza, dos seus alfaiates, dos seus motoristas, dos seus amigos.

De manhã corria, ao fim do dia ia a templos, bares, clubes, palestras, peças, e, nas horas intermédias, estudava o Clube 106.

*

No sétimo dia de observação, armada de presciência espiada de telemóveis roubados, segui um grupo de quatro homens do 106 desde o apartamento até uma festa só por convite em Azabu.

Publicitava-se como «Docinhas e Docinhos», e o acesso era determinado por uma de duas coisas — pela declaração de um rendimento anual superior a \$110.000 com documentos financeiros a suportar a afirmação, ou escrevendo uma candidatura pessoal declarando porque é que você, convidada, está tão interessada em conhecer o seu doce papá.

Olá!, escrevi eu. O meu nome é Rachel Donovan, tenho 24 anos, e adoro pessoas. Adoro conhecer pessoas, adoro cuidar de pessoas, adoro ouvir as

suas histórias e piadas, adoro saber dos empregos que têm e das coisas que adoram. Se pudesse passar a minha vida simplesmente a conhecer pessoas e a ver mundo, estaria no céu.

Com esta introdução, juntei uma fotografia minha com um revelador vestido vermelho, sorrindo, toda eu dentes, para a câmara.

Quero conhecer homens abastados, expliquei, porque eles simplesmente já viram tão mais do que eu.

Quero conhecer homens e mulheres abastados, cisme, porque o roubo é uma arte, e vocês são a minha tela.

Faço exercício três vezes por semana, e sou uma campeã dos 10km. Penso que a minha melhor qualidade é o meu sorriso; simplesmente parece fazer as pessoas felizes.

O convite chegou umas horas depois. Os registos digitais lembram-se de mim, e o meu nome foi deixado na lista de convidados à porta.

*

Sons de festa. A multidão é vastamente internacional; o inglês é a língua por defeito. As criadas estão vestidas como gueixas, mas gueixa alguma usaria tão lustrosas cabeleiras ou permitiria um fio de poliéster nas suas cintilantes vestes.

«Eu tentei os encontros, mas o meu dinheiro tornou-se um problema; as mulheres não sabiam como estar na minha presença ao descobrirem quão rico eu era.»

«A chave do meu sucesso? Eu sabia que iria ser bem-sucedido. Foi tudo de que precisei.»

«Agora tenho de viajar de helicóptero, pois não é seguro para uma pessoa como eu andar na rua.»

«As pessoas são complicadas; o dinheiro é simples.»

«Isto não é prostituição. A prostituição é ilegal. Isto é um acordo mútuo entre potenciais parceiros com expectativas realistas.»

«As pessoas — as pessoas e os governos — tentam punir as pessoas como nós por serem ricas. Inveja, é o que é. Porque haveria eu de abdicar de dinheiro que ganhei, para que alguém possa viver à conta do Estado? Se não se conseguem levantar por si, como eu fiz, então não vejo porque haveria de dar um chavo.»

Circulo pela sala, fanando um cartão de crédito aqui, um telemóvel ali. Esta é a fase de pesquisa. Não preciso de dizer grande coisa; um olá, um adeus, e depois se precisar de voltar ao alvo, olá de novo, adeus de novo. Mas quero falar, preciso de falar, as palavras silenciosas na minha língua, de modo que digo: — Oh, meu Deus, é tão interessante, tem tanta razão —, pois isso seria o que Rachel Donovan diria, e então constato que odeio as palavras, de modo que esboço um sorriso diferente e digo: — Na verdade, não, foda-se, foda-se você e a sua arrogância, foda-se você e o seu egoísmo, foda-se você por achar que merece o que tem, por achar que só porque sabe quais os numerozinhos verdes que se tornarão mais verdes, porque soube lidar com quantidades abstratas e variantes matemáticas, de algum modo merece governar a porra deste mundo.

Bocas caídas, pessoas que vão chamar o pessoal, para reclamarem, está aqui uma mulher, está aqui uma mulher de vestido vermelho e nós achávamos que vetavam esta gente antes de vir, achávamos que nos estavam a vender recatadas criancinhas que apenas estavam interessadas em nós pelo nosso dinheiro e sabiam fingir, que porra é esta?

Mas eu viro costas, e abro caminho através da multidão, e sinto-me a rainha do universo, e quando finalmente o homem encontra um gerente para reclamar, já se esqueceu do que ia reclamar.

Só fugazmente, só por um momento, me lembro de que sou uma ladra, e que perdi a superioridade moral há muito tempo.

— Vai-te foder — repito para mim própria. — Que se foda isso.

Disciplina em todas as coisas.

Eu sou uma máquina.

Eu sou o meu sorriso.

Eu sou deleite.

Okashi, deleite, júbilo, encantamento. Uma palavra à moda antiga, muito querida de Sei Shōnagon, que encontrava o seu deleite nas pequenas belezas desta vida. Um raminho de cerejeira em flor, delicadamente empunhado por um rapaz bem-parecido. O frio gélido da neve caindo de um céu claro. Acho tudo isto maravilhoso, escreveu ela, e pasmo que outros não achem.

Eu sou *okashi*.

Posto-me numa varanda sobranceira à rua, uma porta de vidro separando-me do resto da festa. Algumas pessoas saíram cá para fora também, para

longe da ligeira música da treta e do rodopio de gente em Dior, Hugo Boss, Chanel, Armani. Observo-os a regatearem preços, taças de champanhe na mão, sorrisos que nunca vacilam. Conto sapatos de couro de marca e relógios de ouro, camisas feitas à medida e meias de caxemira, e sinto-me por um momento quase envergonhada.

— Estou à procura de alguém que lá esteja — diz um homem que se me apresenta como Geoff — simplesmente Geoff. Sotaque americano, cabelo a ficar grisalho. — O meu trabalho faz-me viajar, mas às vezes, quando chego a casa, só quero ter alguns dias com alguém com quem possa sair. Vamos ao cinema, talvez ao teatro, jantamos juntos, e, sim, gostaria que a relação fosse sexual, mas não exijo monogamia, ela pode levar a sua própria vida, fazer as suas coisas, eu pôr-lhe-ei o dinheiro na conta antecipadamente.

— Bom negócio — sussurrou-me uma mulher ao ouvido depois de Geoff virar costas, confundida com a minha polida recusa. — É melhor do que o que a maior parte dos homens quer.

Uma reminiscência de um sistema similar, uma antiga ideia. *Danna*. Patrono de uma gueixa no Japão medieval. Por vezes a relação era sexual; por vezes artística; por vezes um indefinido, tácito acordo entre gueixa e patrono que era considerado grosseiro expressar por palavras. Quão pouco o mundo mudou.

«Tem o Perfection?», pergunta uma mulher a outra, os corpos virados como se estivessem a contemplar a vista, os olhos lampejando constantemente para a sala. Presto vaga atenção à conversa, os meus olhos semicerrando-se, o vento frio contra a minha pele.

«Sim, é simplesmente maravilhoso. Quantos...?»

«Duzentos e trinta e três mil!»

«Está com um aspeto sensacional.»

«Estou, estou, sinto-me sensacional, simplesmente mudou a minha vida. Sabe que foi assim que entrei nesta festa?»

«A sério?»

«Eu cheguei aos duzentos e trinta mil e ali estava ele, assim do nada, o convite na minha caixa de entrada, um presente do Perfection — a descoberta do homem perfeito para a mulher perfeita. E que bom, quero dizer, olhe para este lugar, tão bom, os homens simplesmente tão...»

«Eu sei.»

«E viu-o? Quero dizer, eu ia só pela queca, só por aquele corpo, mas ele

possui, tipo, uma das maiores companhias de fabrico de pneus da Ásia Oriental ou algo assim.»

«Deus, com um corpo daqueles...»

«Jesus!»

«Acha que ele tem o Perfection também?»

Fecho os olhos com força, deixo escapar uma exalação, conto até dez, procuro os três homens que era minha intenção seguir.

Okashi, okashi, eu sou *okashi*.

— Estou à procura da mulher perfeita — explicou um, um brasileiro com um relógio de ouro do tamanho do meu punho — personalizado, gravado, um pesadelo para passar ainda que me desse ao trabalho de o roubar. — Preciso que ela tenha no mínimo oitocentos mil pontos no Perfection, e que esteja disposta a trabalhar para alcançar o milhão.

— Isso é que é precisão.

Ele fitou-me como se eu fosse uma idiota. — Um homem não pode ser perfeito até ter uma esposa — explicou. — O casamento é a união de dois corações, dois corpos, duas almas. Quem quer que ela seja, tem de ser perfeita também.

— E como mede essa perfeição? — perguntei. — A sua aplicação dir-lhe-á?

— Claro que dirá — replicou ele. — É assim que saberei.

Roubei-lhe o relógio.

Uma espécie de desprezo instalara-se-me na alma.

*

No meu nono dia, segui a Sra. Goto.

Apartamento 718, quarenta e três anos, divorciada há dois, atualmente de novo noiva do Sr. Moti do apartamento 261 — o homem perfeito, para a mulher perfeita. Como eu começava a abominar estas palavras.

O seu motorista levou-a na direção dos Reais Jardins Meiji, mas ela não mostrou interesse por aquele vasto e régio terreno, pelas suas pontes em arco e árvores pendentes, concebido de modo que cada passo altera a vista que se contempla; em vez disso foi direita a uma anónima porta branca num anónimo edifício branco, que se fechou com um sibilo pneumático atrás dela.

Portas anónimas reforçadas captam sempre a curiosidade de um ladrão. Às sete da tarde roubei o passe de segurança a um guarda que saía de turno, e às duas da manhã entrei lá dentro trepando pela calha do lixo no parque de estacionamento das traseiras, o seu cartão magnético no meu bolso e gazuas compradas na internet na minha mala.

*

Medicina privada. Fácil de identificar: a medicina pública não tem tantos vasos com plantas nem máquinas de café expresso. Os sofás não são de couro acolchoado, as carpetes não são espessas e impecáveis, os departamentos não estão assinalados em pequenas placas de latão, ninguém fica feliz por nos ver.

Eu imaginara cirurgia plástica. («Estou tão mais feliz com o meu corpo», sussurrou um homem com 430.500 pontos com quem partilhara saqué. «Mesmo com exercício e boa alimentação, eu simplesmente não tinha o aspeto que os homens têm nos filmes até obter o Perfection.»)

Não chegaste aos 1×10^6 pontos no Perfection sem alguma espécie de cirurgia, concluíra eu. Até o mais belo, até o mais espantosamente naturalmente belo, tivera *alguma coisa* ajustada, repuxada ou alisada. A perfeição parecia ser uma qualidade inumana.

Contudo, percorrendo o centro de tratamento, transpondo portas assinaladas com os nomes de professores e doutores, departamentos e serviços, não vi sinal de blocos de operações cirúrgicas ou salas de recobro. Movia-me à velocidade de alguém que não deveria dar nas vistas, e confiei que a minha condição me protegeria de comentários se me cruzasse com alguém da limpeza ou segurança noturna.

Aconselhamento, coaching, terapia de desintoxicação, fisioterapia, terapia dietética — as portas sucediam-se, e eu não percebia o que faziam elas aqui, ou qual o seu interesse. Numa porta assinalada «espectrocraniotomia» detive-me, e com o meu passe de segurança roubado, entrei.

Um compartimento branco: chão branco, paredes brancas. Um grande sofá vermelho ao meio, uma coluna de aço inoxidável suportando peças ajustáveis. Luzes, cabos, máquinas inativas, acrónimos e caracteres em katakana e hiragana. Um capacete apenso a um núcleo central de máquinas.

Um par de óculos de proteção ligados a cablagens de rede. Um servidor oculto atrás de um armário de parede, topo de gama, noventa mil dólares americanos só para o hardware básico. Um premir de interruptor, e os óculos produziam luz, imagens lampejando através das lentes, demasiado rápidas para serem seguidas.

Uma caixa de cartão com brochuras disse-me mais do que a minha ténue compreensão de neurociência. Em inglês e japonês dizia:

Exclusivos para o 106, os tratamentos providenciados pela nossa clínica ajudá-lo-ão a encontrar o eu perfeito dentro de si. Confiança, autoestima, otimismo, ambição, e dedicação — se chegou até aqui, tudo isto jaz dentro de si, e com o nosso revolucionário novo serviço, podemos ajudá-lo a encontrar a força para ser a pessoa que quer ser.

Fotografias.

Mulheres perfeitas na cadeira, capacetes na cabeça. Miniauscultadores inseridos, ligados a um som que não me era dado ouvir. Pinças nasais, um sensor na língua, ou talvez não um sensor, talvez outra coisa qualquer, uma coisa criadora de sensações, *sentidos*. Pinças nos dedos das mãos, uma agulha no braço, drogas e eletricidade.

Homens perfeitos envergando perfeitas camisas brancas, com o sol atrás das costas, radiosos sorrisos de orgulho.

Famílias perfeitas brincando com os seus filhos perfeitos em praias perfeitas de mares azul-safira.

Testemunhos de clientes.

Dantes tinha de fingir ser alguém que não era, e sempre que a vida me era favorável, pensava que não o merecera. Os tratamentos ajudaram-me a ver o mundo de uma nova forma. Valho muito mais do que alguma vez julguei.

E por baixo, uma fotografia de uma mulher envergando um fato de seda, de braços cruzados, ombros para trás, cabeça erguida.

O que vale a minha vida?, perguntava a legenda, com a cidade espalhando-se abaixo dela através de grandes painéis de vidro. *A minha vida é agora perfeita, e eu torno o mundo melhor só pelo simples facto de existir.*

A porta da divisão abriu-se; uma empregada de limpeza toda de azul.

Surpresa no seu rosto, seguida de imediata suspeita. Se o mundo se lembrasse de mim, este seria um ponto baixo, um fracasso, pois aqui estou, inegavelmente transgressora, e no momento de incerteza sinto a culpa lampear-me pelas feições, antes de trancar o meu sorriso no lugar. Dar a minha descrição à polícia na não tão assim etnicamente diversa cidade de Tóquio seria fácil, mas eu nada sou, sou o ligeiro sobressalto no teu peito que mais tarde manifestarás em soluços, sou o medo que se eclipsou tão rapidamente como surgiu, eu sou

(indigna?)

praticamente já esquecida, quando passo com um empurrão pela empregada e corro para a porta.

CAPÍTULO 45

Uma crescente suspeita, sobre a qual agi agora.

Roubando a identidade de uma jornalista do *San Francisco Chronicle* que era talvez um tudo-nada parecida comigo, consegui um encontro com um ministro-adjunto da Habitação. Ele inclinou-se numa vénia quando eu entrei, e eu inclinei-me ainda mais, e trocámos cartões com ambas as mãos. Além do seu cartão normal, ele desencantou outro, que revelou ser uma dúzia ou mais de cartões incrivelmente finos, cada um feito de platina prensada, o seu nome gravado a ouro.

— Doo-os aos templos — explicou, enquanto eu girava um entre os dedos, sentindo a rugosidade da aresta. Algo de ladra devia ter transparecido no meu rosto, pois ele rapidamente o recuperou, fazendo deslizar os preciosos objetos de volta para o seu esconderijo. — É simultaneamente uma dádiva financeira, e um meio de assegurar que o meu nome será lembrado.

Tranquei o meu sorriso na posição de ataque, e olhei para o ministro de alto a baixo, somando o valor do seu fato, dos sapatos de couro feitos à medida, do relógio — uma bela peça, o mostrador alterando-se suavemente à medida que os ponteiros se moviam, a lua a conquistar o sol que se retirava. No século XVI, os relógios eram preenchidos com símbolos da Morte: a Morte batendo no sino, rastejando da sua gruta para fora; a Morte aguardando no final de cada perigosa hora. Como o tempo mudara.

A minha mente, vagueando, de novo; há um ser humano na sala, há companhia, ele pode ver-me, ele pode ver-me, foca-te nisso.

Perguntas — as fáceis primeiro, gentilmente preparadas. Há quanto tempo no seu cargo? Novos desafios na habitação? Alterações demográficas. Sobrepopulação nas áreas urbanas? Perda de comunidades rurais? Leis de planeamento. Proteção dos inquilinos. Desequilíbrio de mercado. Os Apartamentos 106.

— Ah, sim, uma bela peça de design, não?

Bela, deveras, e estaria eu certa ao pensar que ele estava pessoalmente envolvido no projeto?

— Não pessoalmente, não envolvido, mas, sim, ajudei a licenciá-lo.

Mas não havia um edifício ali já erguido?

— Edifício perigoso, terrivelmente velho, os residentes vivendo em

condições insalubres, terrível, realmente, terrível.

Famílias de baixos rendimentos despejadas de suas casas, enviadas para fora da cidade e...

— Isso é a pior maneira de o ver! — interrompeu ele, subitamente agreste, subitamente hostil. Estranha a rapidez com que se dá a mudança. Numa sociedade em que as boas maneiras imperam, o colapso de tão formalizadas estruturas rapidamente revela uma necessidade de não só salvar a face, mas de salvar a face devorando a face do adversário.

Não preciso dele hostil, pelo que me ajeito no assento, sorrio humildemente, bato as pálpebras, lanço umas quantas perguntas inofensivas — novas iniciativas, lições aprendidas, sabedoria adquirida — e só no fim de tudo, quando me levanto para sair, fechando bruscamente a pasta sobre as minhas notas completamente redundantes, pergunto, baixinho, conspiradora:

— Tem o Perfection?

Os olhos dele dardejaram da superfície de couro da secretária onde estavam pousados, para me estudar o rosto. — Setecentos e noventa e quatro mil e quinhentos — murmuro, gentil como gostas.

— Novecentos e oitenta e um mil e quatrocentos — sopra ele, com os olhos agora fixos no meu rosto. — Mudou a minha vida. Julgava-me indigno, agora sei que posso fazer seja o que for que queira.

— É o que eu sinto.

— Sou agora uma pessoa melhor.

— Eu também.

Ele inclinou-se para diante, e eu curvei-me para me aproximar, tão perto que lhe senti a respiração no pescoço, senti-o gozar o facto, o calor assomando-lhe à pele, mantive-me imóvel, sem vacilar, sem me retrain. — Cheguei aos duzentos e cinquenta mil pontos no dia em que o projeto 106 passou. «Tomou a decisão perfeita», dizia. «Está a construir a vida perfeita.» É a casa perfeita.

Sorri e assenti, e nada disse em resposta.

Ele lançou-me um sorriso radioso, como um velho amigo feliz por descobrir que o tempo não diminuiu a ligação, quando eu saí.

CAPÍTULO 46

Uma festa diferente, outro dia. Uma reunião para os 106, para a elite, para os perfeitos. Roubei o crachá de um dos fornecedores, pus sapatos pretos, saia preta, camisa preta e luvas brancas, e entrei com uma bandeja de *sashimi* servido com pó de chá verde, precisamente quando a festa começava a aquecer.

Todas as pessoas perfeitas, tagarelavam tão facilmente, riam tão alto, falavam tão justamente.

As mãos tiravam os acepipes da bandeja, feitos por um chef trazido de avião expressamente para essa noite, cada pedaço assinalado com o número de calorias e teor vitamínico.

O Perfection sabe o que está a comer!, dizia um cartão na minha bandeja.

Deixei que as mãos tirassem a comida, depois fui à casa de banho, tranquei-me num cubículo e mudei de roupa. Vestido de... uma qualquer marca... deixara de me ralar. Sapatos de... outra marca qualquer. Tivera de fanar seis cartões de crédito, reunir tanto dinheiro quanto possível antes de as contas serem fechadas, e mesmo assim a moda quase me dera um rombo no orçamento.

A perfeição não era para os pobres.

Voltei para a festa, uma bela mulher que sempre ali estivera. Bebi champanhe, comi *sashimi*, assenti para anedotas sobre moda, cinema, tecnologia, poder, e desta maneira abri caminho em direção ao meu alvo.

Ali estava ela, no mesmo lugar de sempre, Filipa, mesmo atrás do irmão. A sua pulseira, de prata, um desafio matemático em forma metálica, ainda em torno do meu pulso. Não a tirara desde que ela ma dera. Olhei, e vi que, tal como eu, ela era imperfeita. A única mulher imperfeita no recinto, conquanto tão arduamente se esforçasse para encaixar. O seu sorriso não era deslumbrante; o seu espírito não era aguçado como lâmina. As suas unhas não estavam perfeitamente pintadas, o seu vestido era — que pecado — o mesmo vestido que usara da última vez, e fora de estação. E mais, outra coisa ainda, uma coisa que eu vira antes.

Pesar, nos seus olhos, pesar nos seus lábios, firmemente cerrados, enquanto observava os convidados a girar.

Não se pode ser triste e ser perfeito.

Deslizei para o lado dela, observei em silêncio as pessoas perfeitas com as suas vidas perfeitas girarem, girarem, e de novo girarem, antes de falar.

— O pensamento é retroalimentação — disse, e os seus olhos ergueram-se para mim, conquanto a cabeça não se virasse. — A ansiedade social desencadeia um alarme fisiológico. O físico reforça o social. Através de muito poucos ciclos, podemos ficar convencidos de falácias. De que temos medo das pessoas. De que somos indignos. Você e eu podíamos ser perfeitas, se ao menos pudéssemos domar essa fragilíssima parte de nós — os nossos pensamentos. Não concorda, Dra. Pereyra-Conroy?

Os seus olhos viraram-se para mim, e julguei ver neles o brilho de lágrimas. — Sim — disse ela, por fim. — Concordo.

— Não tem o Perfection — disse eu.

Ela respondeu sem hesitação, os olhos ainda nos meus, estudando-me o rosto. — Não.

— No Clube 106, pode receber tratamentos. O que fazem eles?

— Fazem-nos felizes.

— Perfeitos?

— Melhores.

— Defina melhores.

Os seus lábios selaram-se, numa compressão física, os olhos lampejaram para o irmão, que tagarelava ociosamente sem cessar. — Mais espertos? Mais perspicazes? Mais sábios? — sugeri. — Confiantes. Ambiciosos. Sexy. Sensuais. *Tal qual como em Hollywood.*

Os olhos dela, de volta no meu rosto, um ligeiro inclinar de cabeça. — Eu faço a tecnologia — soprou por fim. — O meu irmão concebeu os parâmetros daquilo que ela deverá alcançar.

Olhei então para ele, Rafe Pereyra-Conroy, costas direitas, sorriso resplandecente, apertando a mão de um estranho. Plácido como uma represa, duro como mármore, resplandecente como o luar num céu sem estrelas.

— Como funciona? — perguntei.

Ela falou depressa, inexpressivamente, fixando pensamentos que só ela podia ver. — Aprendizagem reforçada de alta velocidade. A neuroplasticidade está do nosso lado. Os valores positivos são exaltados. Os comportamentos positivos são reforçados. Dá-se uma libertação de dopamina na imitação de ações positivas. A estimulação elétrica ativa os

terminais axónicos. Auxílios visuais e auditivos. Nas primeiras experiências, inserimos elétrodos no coração do cérebro. Todo o pensamento é retroalimentação, a ansiedade social desencadeia uma resposta fisiológica, medo, terror, glândulas sudoríparas em ação, dilatação dos capilares, pressão sanguínea, respiração...

Pousei-lhe uma mão no braço, detendo-a. Os seus olhos ergueram-se num rápido lampejo, o corpo virou-se, estava sem fôlego. Deteve-se, forçou-se a abrandar, exalou com um estremecimento, semicerrou os olhos. Depois, mais devagar: — Um novo reforço. Ideias de sucesso reforçadas por ideação persistente. Eu serei bem-sucedido. Eu sou bem-sucedido. Eu posso alcançar o sucesso. Eu sou feliz. Eu sou feliz. Eu sou feliz. Acoplamos elétrodos ao cérebro humano e repetimos esta ideia até que seja verdade.

Silêncio momentâneo, a minha mão ainda no seu braço, sustendo-a firmemente. Ela vacilou ligeiramente. Por um momento julguei que fosse cair, libertada pela fala. Então soltou outra exalação, e disse: — Concebi tratamentos para tornar as pessoas melhores. Julguei poder usá-los para me tornar valente. Mas as pessoas não querem ser valentes, disse Rafe. As pessoas querem ser perfeitas. É o que fazem agora, os tratamentos. Apagam-nos a alma, e tornam-nos uma pessoa nova.

Fechou os olhos, soltou uma última exalação, abriu-os de novo, pareceu ver-me pela primeiríssima vez.

— Deve ter sido duro — disse eu por fim —, ver a sua ideia transformada numa monstruosidade.

— Sim — respondeu ela, não virando ainda a cabeça para me encarar de frente —, é.

Permanecemos juntas um bocado, em silêncio, ignoradas, indignas da atenção do recinto. Depois a sua mão estava no meu braço, apertando com toda a força, e ela vira a pulseira em torno do meu pulso, apertou com tanta força que os dedos bem podiam vergar osso, e sussurrou, só ao meu ouvido, só para mim: — É você? É você aquela que esquecemos?

Puxei o braço com força, cambaleei ligeiramente, libertei-me com um safanão, olhei-a então nos olhos. Não vi hostilidade, meramente curiosidade, arrebatada, cativada. — Matisse mostrou-me imagens de CCTV do meu encontro consigo, no Dubai, e de novo, aqui, a comer massa chinesa. Eu disse que tinha comido sozinha naquela noite, mas lá estava você, a falar comigo durante horas. Pensei que me lembraria de si, depois

de me terem mostrado a sua fotografia, mas não me lembro. Peguei na sua fotografia e vi a sua cara, e fechei os olhos e já não conseguia vê-la. O Rafe disse que eu estava louca mas os seguranças também não se lembravam de si e Matisse provou-o, ele provou que era verdade — é você?

Eu estava sem palavras, estava sem fôlego, eu sou o meu fôlego, eu sou fôlego, eu sou o meu fôlego

por de mais rápido que flua, ainda assim.

Fascinada, e talvez outra palavra, enquanto me estudava as feições, corria os olhos pelo meu corpo, procurava algum sinal do que eu era, de como funcionava, escrito na minha pele. — Eles disseram que era capaz de voltar. É algo químico, ou elétrico, que você faz?

Afastei-me, virei-me, à procura da saída, pânico

puro pânico

não consigo controlar a respiração

não consigo controlar as pernas

as minhas pernas não são minhas

os meus olhos não são meus

o meu mundo, enquanto avanço para a porta, me viro, comprimo, abro caminho contra a multidão

não é meu

não consigo sorrir

não consigo ser a ladra

profissional

estou

descontrolada

tropeçando para a saída e só porque o medo é uma reação física

porque a adrenalina intensifica toda a sensação

é que eu vejo Gauguin antes que seja tarde de mais.

Lá está ele, num elegante fato preto, auricular na orelha direita, mãos cruzadas à frente, vigiando a multidão. Não parece ter uma fotografia minha à mão; mas não — ali, um telemóvel, ele verifica-o a cada minuto ou dois, e não é para mensagens de texto que olha.

Gauguin seguiu-me até ao Japão.

Não consigo controlar o meu próprio corpo.

Não consigo controlar a minha mente.

Viro-me sem direção, procurando outra saída, e um homem diz: —

Desculpe, sente-se bem?

Ele é...

...perfeito.

Claro que é a porra da perfeição.

Dentes perfeitos, pele perfeita, cabelo perfeito, fato perfeito, sorriso perfeito, pose perfeita, perfeito perfeito perfeito, e a minha maquilhagem está esborratada. Algo mais também, uma sensação de familiaridade que passa tão brevemente como vem.

— Chamo a pedir ajuda? — oferece ele, sotaque americano, trajando de preto, uma veste cruzada da direita para a esquerda — cruzar o quimono ao contrário para os mortos; um rapaz branco de alguma forma destacando-se bem-parecido em traje formal japonês.

— Gostaria de usar o meu lenço, o seu rímel parece estar um pouco...

Perfeito: ser superficial até ao mais profundo âmago.

Luminoso cabelo louro, pele perfeitamente lisa, nem uma ruga à vista. Sinto a minha mão mover-se para lhe dar uma bofetada e fisicamente baixo-a com um safanão para o lado, com força suficiente para lhe atrair o olhar, o meu corpo contorcendo-se como um fantoche caído. Cravo as unhas na palma da mão, firo a pele, sabe bem, focada.

Os olhos de Gauguin continuam a pairar pelo recinto. Não correrei; não enquanto ele tem a minha fotografia na mão, um quadrado de luz irradiando do seu telemóvel. Ele olhará para a mulher que corre.

— Obrigada — diz uma voz, sedutora, rica, um clichê de abastança inglesa, inexplicavelmente minha. — É muito amável.

Com o lenço dele esfrego muito suavemente a orla dos olhos, um gesto que explica no seu movimento delicado que não, claro que não, não estava a chorar, tinha simplesmente algo ao canto do olho...

As unhas cravam-se bem fundas na palma da minha mão esquerda.

Eu sou a minha dor.

— Alguém lhe disse...? — O começo de um gesto cavalheiresco, talvez? Alguém desrespeitou a minha honra, há uma batalha a travar aqui? Máscula perfeição: estar em perfeito acordo com o que a sociedade considera ser a qualidade do masculino.

Palavras associadas com o masculino: lógica, confiança, autoridade, disciplina, independência, responsabilidade.

Ele estava a observar-me, a cabeça ligeiramente de lado, fazendo-me

retorcer sob o seu olhar fixo, um meio sorriso nos lábios, e, de novo, contive a tentação de lhe dar uma bofetada e disse em vez disso: — Sabe o que é uma fita de Möbius?

Palavras, ocorrendo pelas palavras em si, Gauguin junto à porta.

— Sim — disse ele, e eu fiquei tão surpreendida que por um momento o meu campo de percepção se estreitou de novo para o seu rosto. — Sei, sim. Que pergunta curiosa.

Um lampejo de irritação; eu estava preparada para ativamente já não gostar deste homem, e a sua expressão de divertimento não estava a diminuir este instinto. — Consegue expressar as suas qualidades matematicamente? — dardejei.

Palavras associadas com a qualidade do feminino: sensual, recatado, acalentador, compassivo, emotivo.

— ...golfe?

Ele acabara de dizer algo banal, enumerando coisas mais interessantes que matemática, talvez. Velejar, saqué, sumo... golfe.

Tirei um canapé de uma bandeja que passava, permitindo que o movimento me virasse o corpo, posicionando-me de modo a que Gauguin me pudesse ver apenas a parte de trás da cabeça, e seguramente nem ele me poderá identificar por aí. — Golfe, que interessante — entoei, rolando o massacrado vegetal entre os dedos antes de lhe dar uma dentada a meio.

Ante este movimento, ele retraiu-se, e eu levei um momento a concluir que fora a visão indelicada de uma mulher a comer com gosto, dentes moendo, lábios empurrando, uma coisa meio comida ainda entre os dedos engordurados, que lhe provocara tal repulsa. Lambi os lábios, sorri bem fundo nos seus olhos inquietos, e muito lentamente, muito deliberadamente, limpei os dedos na minha manga. Os olhos dele arregalaram-se, e eu dei-lhe o braço e disse, olhando bem fundo nos seus olhos de um cinzento pálido: — Já jogou no Cypress Point?

Um momento, no qual ele hesitou entre uma mescla de pensamentos. O segredo do vigarista é oferecer a coisa que o alvo mais deseja; e qualquer alvo amante de golfe desejava Cypress Point. — Não — soprou ele. — Mas sei que há gente aqui que pertence ao clube.

— Eu consegui-o aos novecentos e cinquenta mil pontos — repliquei, os dedos brincando-lhe no gancho do cotovelo. — Não viu perfeição até ver Cypress Point.

— Como?! — Inveja agora, trazendo a sua atenção de novo toda para mim. — Eu ando a tentar entrar há anos!

— Joguei o jogo. — Encolhi os ombros. — Alcancei a perfeição.

— Também eu — replicou ele —, mas a minha vida não estará completa até ter jogado naquele campo.

— Fá-lo-á; poderá ser seja o que for que queira ser, agora.

Ainda, os meus dedos, o seu braço, mantendo esse contacto, Gauguin atrás de mim, mas eu estava confiante agora, sabia o que fazia, de novo no controlo, controlando o meu meio ambiente, este homem, eu própria, caramba, sim, trá-lo lá, mundo. Traz lá a porra disso.

Perfeito: ser inumano na sua perfeição.

Então ele disse: — O meu nome é Parker —, e, por um momento, perdi o fôlego de novo, e tive de o recuperar, puxá-lo lá bem até ao fundo, contar para trás a partir de dez. — Já ouviu falar de mim? — perguntou, quando o meu silêncio se prolongou.

— Conheci um Parker em tempos — repliquei —, em Nova Iorque.

— Impossível! — disse ele com uma risadinha. — Sou o único e ímpar Parker de Nova Iorque.

— Exceto o Homem-Aranha. — Palavras... lembro-me de as ler, não de as ouvir, mas ainda assim... — Estou certa de que se nos tivéssemos conhecido, eu me lembraria de si.

Um lampejo, talvez, no canto dos seus olhos, mas o sorriso não vacilou. — Também estou certo de que se lembraria.

— O que faz, Parker? — Virando-o de novo, usando-o para me escudar de Gauguin, manipulando o seu corpo, mais fácil agora, fácil.

— Casinos. Tinha muita sorte nas mesas há uns anos; agora possuo as mesas onde dantes ganhava.

— E há quanto tempo tem o Perfection?

— Três anos.

— Como encontrou os tratamentos?

— Posso honestamente dizer que mudaram a minha vida.

— De que maneira?

— Fizeram de mim quem sou.

— E que pessoa é essa?

— Alguém digno de ser lembrado.

Os meus dedos ainda no seu braço, ele querendo estar fisicamente mais

próximo. Não era a mim que desejava, decidi, mas estava, sim, excitado com ele próprio. Seduzir-me dava-lhe um escape para expressar o seu brilhantismo. Fácil manipular alguém tão vaidoso. O seu corpo, um tudonada mais próximo, a sua anca batendo na minha.

Deixei-o brincar, eu era o meu sorriso, eu era a minha pele, eu era uma mulher tão excitada com ele como ele estava consigo próprio.

Gauguin junto à porta, observando. Mantive-me de costas para ele.

— E porque está aqui, o único e ímpar Parker de Nova Iorque?

Quem é esta pessoa que fala?

Um riso tilintante, um sorrisinho, praticamente um bambolear de joelhos, uma carícia do seu braço sob a manga, quem é esta mulher que tem o meu rosto?

Ela é a criatura que eu criei, a posição por defeito para onde me retiro quando estou sob ameaça. Ela é quem quer que precise de ser para ter o trabalho feito.

— Foi-me apresentada uma oportunidade. Há um clube em Macau, a querer fazer mais negócio. Sabe-se sempre que se pode fazer negócio com o 106, com gente como nós.

Estudei-lhe o rosto em busca de um lampejo de qualquer coisa, fosse o que fosse, a que se pudesse chamar dúvida, humor, e nada vi. A multidão girou e nós girámos com ela, e lá estava Filipa de novo, os seus olhos noutro lado qualquer, eu já me eclipsara da sua memória, mas este homem, este estranho com um nome familiar, observava-me, dava-lhe gozo observar-me e senti-me...

Os meus dedos apertaram-lhe com mais força o braço.

Erguendo a minha outra mão, toquei-lhe o canto do maxilar, virei-lhe a cabeça para um e outro lado, sentindo-lhe a pele em torno do rosto. De que me poderia eu lembrar de Parker, o homem que conhecera em Nova Iorque? Não *dele*, apenas de uma lista de características que eu escrevera, palavras sem sentido. Cabelo pelo de rato (que podia ser pintado), olhos cinzentos (que os tinha), um sinal no queixo (inexistente — não era pois o meu Parker, claramente não)

os meus dedos roçaram-lhe o queixo, sentiram a ligeira alteração de textura, um lugar onde um cirurgião com inestimável perícia extirpara cuidadosamente a ofensiva protuberância. Sondei esse ponto tomada de fascínio, invisível à vista mas infimamente palpável ao toque, uma ligeira

escamação do tecido cicatricial, e ele pegou-me no pulso, afastou-mo, o sorriso jamais vacilando (as pessoas perfeitas sorriem sempre), curiosidade nos olhos.

— O seu cirurgião era incrível — tartamudeei. — Fez mais alguma coisa?

— Um bocadinho. O nariz; umas quantas rugas na testa, um ajuste num ou noutro lugar, sabe como é. Pensei, porque não? Porque não ser melhor? Agora as pessoas veem quem realmente sou — cismou. — Invejam-me.

— Isso é uma coisa boa?

— Sim — claro. Estabelecemos o exemplo de como as pessoas deveriam ser.

— E lembram-se de si agora? — perguntei, e lá estava de novo, um ligeiríssimo lampejo de olhos. — Lembram-se de quem é?

— Toda a gente se lembra de mim — respondeu ele suavemente. — Sou o único e ímpar Parker de Nova Iorque.

— E antes dos seus tratamentos? Antes do Perfection? Quem era então?

Uma resposta loquaz assoma-lhe rapidamente aos lábios, é o Perfection em vias de falar, em vias de ignorar tudo o que possa ser assustador, que possa ameaçar a máscara que ele usa, mas não.

Talvez não.

Talvez reste um ínfimo fragmento de esperança, pois, nesse momento, Parker de Nova Iorque deteve-se, reprimiu a sua loquaz e sedutora resposta, e em vez disso olhou-me nos olhos e pegou-me no pulso com força e disse: — Quem é você?

E era ele.

Claro que era.

Claro.

Libertei a mão, virei costas, mergulhei na multidão, abrindo caminho rapidamente, os olhos de Gauguin ergueram-se para mim mas tudo bem, tudo mais que bem, deixá-lo olhar, apenas preciso de quebrar a sua linha de visão por um momento, deixá-lo esquecer de novo, girar e girar e girar, Filipa atrás do irmão, Gauguin junto à porta, Parker no meio do recinto e Parker

sendo perfeito

Perfeito: destituído de quaisquer sentimentos que possam significar seja o que for, novamente

não me tenta seguir.

E passados trinta segundos, esqueceu-se.

Giro, giro de novo, circulando pelo recinto. Aqui não há câmaras CCTV, o que é um erro — alguém no circuito de câmaras me poderia ter visto, já aconteceu antes, nos tempos em que eu roubava casinos, os computadores davam sempre por mim antes dos seres humanos — mas o 106 é demasiado exclusivo para ser monitorizado e por isso eu giro, e giro, e giro, e no fim sorrio deleitada para Gauguin ao passar por ele, e vejo a sua mão cerrada em torno do telemóvel dentro do seu bolso quando eu passo.

Não espero que ele olhe para as minhas feições; dobro a esquina ao fundo do salão, tiro os sapatos e corro.

CAPÍTULO 47

Porra de falhanço total.

Porra de colapso total.

Uma mulher está sentada no seu quarto de hotel, abraçando as almofadas contra o peito, e chora — ela chora — como a porra de uma criança de seis anos.

Hope Arden recompõe-te, porra!

Não adianta.

Hope Arden — a mulher que era Hope Arden, antes de Hope Arden se tornar em não mais que um blipe num registo digital, uma pegada de carbono —, esta mulher está agora sentada num quarto cinzento num hotel cinzento sob um céu cinzento, e chora.

Quero Luca Evard aqui para me abraçar, quero Gauguin fitando-me surpreendido, quero Filipa Pereyra a olhar para mim maravilhada, quero a minha mãe que atravessou o deserto, o meu pai que me disse para nunca me virar para o crime. Quero Parker de Nova Iorque, aquele de que não me consigo lembrar; Byron14, quero Reina bint Badr al Mustakfi, quero alguém

que diga o meu nome.

Gauguin não se lembrou de mim sequer o tempo suficiente para me perseguir quando lhe fugi de vista.

Filipa não se lembrará de comer massa chinesa comigo.

Estou morta em tudo menos de facto.

Os meus feitos são inúteis.

Um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezasseis dezassete dezoito dezanove vinte 一 二 三 四 五 六 七 八 九 十 十一 十二 十三 十四 十五 十六 十七 十八 十九 二十 *eins zwei drei vier fünf sechs sieben acht neun zehn elf zwölf dreizehn vierzehn fünfzehn sechszehn siebzehn achtzehn neunzehn zwanzig* vinte e um vinte e dois vinte e três vinte e quatro vinte e cinco vinte e seis vinte e sete vinte e oito vinte e nove...

*

Eu sou o número mil quatrocentos e dezassete.

É aí que paro de chorar.

Levanto-me.

Lavo a cara, água fria.

Lavo as mãos, dois esguichos de sabonete do dispensador sobre o lavatório.

Dou um jeito ao cabelo.

Endireito-me.

Aos mil quatrocentos e dezassete, torno-me disciplina de novo.

CAPÍTULO 48

Encontrei Parker com relativa facilidade; hotel exclusivo, carro exclusivo... tudo exclusivo.

Exclusivo: excluir. Limitar a posse ou controlo a um único grupo.

Segui-o, vi-o rir, sorrir, dar apertos de mão, curvar-se em profundas vénias.

Tinha um website — fotografia dele na página de abertura, vestido de branco, uma mão pousada numa mesa de roleta, espelhos atrás, candelabros de cristal em cima. Os retratos de antigos reis mostravam-nos com as mãos pousadas no mundo; o ceptro e o globo; soldados nas suas costas. Uma mesa de roleta sob os seus dedos, Parker de Nova Iorque, Parker Perfeito, governando o mundo, perfeito de todas as porras de maneiras

não zangado.

Eu sou mil quatrocentos e dezoito.

Dezanove.

Vinte.

Dantes existia, ninguém se lembrava de mim, dizia o seu testemunho pessoal. Agora sei o que custa causar uma impressão. Habilite-se à perfeição!

Mil quatrocentos e vinte e um.

Mil quatrocentos e vinte e dois.

Observei-o, e ele não se lembrava de mim, mas o mundo, ao que parecia, lembrava-se dele.

*

Contactei Byron14 nesse mesmo dia.

ondeoquêporquê: Quero o Perfection. Quero abri-lo de par em par e saber tudo sobre como funciona. PRECISO de saber como funciona.

Byron14: Também eu.

Sou uma ladra.

Uma pen USB é deixada num cacifo na estação de Tóquio.

Tiro-a e sigo caminho.

CAPÍTULO 49

Apenas duas paragens da estação de Tóquio para Inaricho. Passei o dedo pelo nó sem fim da fita de Möbius de Filipa, soube que seria sensato deixar a pulseira para trás, não a quis tirar.

Tudo bem: permito a mim própria um pequeno descuido. Um lapso de profissionalismo.

Ferramentas do ofício. Identidades roubadas, crachás de segurança falsificados. Semana após semana, construí caras, endereços, cada telefone roubado, cada computador acedido, cada cara anotada, carteira palmada, cada nome, cada número. Poderia entrar nos escritórios de Tóquio da Prometheus agora mesmo, mas Gauguin está na cidade, Gauguin apercebeu-se de que não se pode lembrar da minha cara, de modo que vou armada para Yamanote.

A última coisa que recolho é a primeira cuja ausência será notada — uma chave de segurança, do tamanho do meu polegar, que exhibe seis números que mudam quando a impressão digital correta a prime. Estes números correspondem a um código de passagem por uma porta — esta porta ergue-se entre mim e os servidores da Prometheus. Uma vez ela roubada, não haverá paragem.

O homem que possui tanto a chave como a impressão digital é o Sr. Kaneko. Ele é constantemente vigiado por um segurança, mas eu estabeleci agora contacto mais de três vezes em três missões de reconhecimento diferentes e apenas uma vez a segurança se me interpôs ao caminho.

O Sr. Kaneko é um tédio de virtude. Mas acredita no que faz, e vive pelo Perfection. Cada terça-feira, o Perfection informa-o de que a melhor coisa que ele pode fazer é ir ao ginásio, pelo que ao ginásio ele vai. O ginásio é só para homens, e tão exclusivo que não precisa de publicidade.

O segurança espera no átrio de entrada. Eu obtenho acesso pela porta de serviço, usando a chave roubada há oito dias a um treinador pessoal. O Sr. Kaneko tem um cacifo privado, sempre o mesmo número — 324 —, acreditando ele serem estes números particularmente auspiciosos. A sua direção da sorte é o norte. O seu tipo sanguíneo é A+, o que significa que é um guerreiro, criativo e apaixonado. (Não é.) Ele acredita em tudo isto, pelo que, claro está, o estudei.

Profissionalismo: conduta, pontaria ou qualidades relacionadas com

pessoas qualificadas.

Entro no vestiário masculino sem me deter, horrorizando muitos dos clientes que ali estão sentados, as toalhas pendendo soltas das suas carnes nuas e aprimoradas — e acedo ao seu cacifo com a chave mestra da recepção.

Os homens berram: fora, fora, quem é você, o que está a fazer? Descubro a chapa de segurança de que preciso, abro-me num sorriso radioso para eles, esboço uma meia vénia, e deixo-os com a sua nudez, e quando finalmente um deles se mete no roupão e chinelos e vai bamboleante até à recepção reclamar, já se esqueceu.

Com a chapa de segurança na mão, rumo para a Prometheus.

*

Preparação, preparação, preparação.

Este era o princípio sagrado de um ladrão de joias com quem em tempos partilhei cocktails na costa da Croácia. Ele pertencera aos Panteras Cor-de-Rosa, muito antes de a mais jovem geração dar entrada e as coisas se desleixarem. «Preparação!», exclamara ele, sugando os sucos alcoólicos de uma fatia de laranja. «Esta nova geração não tem arte. Arrombam qualquer antigo lugar, brandem as armas, agarram a primeira coisa que lhes vem à mão, num valor de talvez dez, vinte mil dólares no máximo, não vale a pena, simplesmente não vale a pena.»

E de novo, deitada nos braços de Luca Evard naquela noite em Hong Kong, deixando que a sua respiração me faça subir e descer a cabeça que está pousada no seu peito, feliz como acho que jamais fui, feliz como não me lembro de alguma vez ter sido.

Eu perguntara... algo... a sua pele colada à minha. Tinha medo de que quando parássemos de falar, ele adormecesse, e uma vez adormecido, se esquecesse, e este momento se perdesse.

Agora.

E agora.

E foi-se.

De modo que o fizera falar, e ele dissera: «Um ladrão infringe a lei uma vez, algo de pequena monta, e foi fácil, continua, sente-se fantástico, isto é fácil, dano algum causado. Da próxima vez, fácil de novo, e da próxima e

da próxima e da próxima até se tornar um hábito. É simplesmente uma coisa que faz. Até que, um dia, precisa de algo mais — um carro novo, talvez, ou uma casa nova — e alguém o tem, e ele não, mas tudo bem, pois sabe como obtê-lo, e igualmente que a merece, porque isto não é simplesmente o que ele faz, é quem ele é. E no dia seguinte tem uma arma, e não vai usá-la, mas ela torna-se familiar na sua mão, confortável, e quando morre a primeira pessoa, fica talvez assustado, mas talvez fique na boa, pois traz com ele uma arma há tanto tempo que se tornou natural. Inevitável. Quem ele é. São pessoas destas que me assustam, as que não fazem um trabalho, mas que se *tornam* o trabalho. As que não sabem onde parar.»

«Não fazem os bófias a mesma coisa? Tornar-se o trabalho?»

Ele pensou por um segundo, depois soltou uma meia gargalhada, uma coisa do fundo da garganta. «Se calhar, fazem. Há uma certa pressão que vem quando se está, por exemplo, a tentar localizar um assassino. Sabe-se que ele anda por aí, pronto a matar, tem-se a família da última vítima lá em baixo e pensa-se... terei o direito de ir para casa às cinco da tarde, sabendo disto? Posso mesmo tirar um fim de semana de folga, quando ele anda por aí? É por vezes difícil ser um bom polícia e tudo o mais.»

«E então a mulher de Hung Hom? É uma assassina?»

«Quem sabe? Pode ser um dia.»

Silêncio momentâneo, mas ele estava ainda acordado, os olhos brancos na meia-luz do quarto de hotel, a mente noutro lado qualquer. Beijo-lhe o pescoço, mantenho-o acordado, mantenho este momento para sempre, ele, agora, eu, agora, esta lembrança, este nós, uma coisa que eu quase jamais dissera, um nós juntos, um eu e mais alguém que é parte de mim, este tempo presente.

*

E um bocadinho mais tarde, ele disse: «Eu nunca falei no Cais de Hung Hom.»

«O quê?»

«Você falou na mulher de Hung Hom, mas eu nunca o mencionei.»

Ele estava mais que acordado, mas eu estava a ficar sonolenta.

«Certamente falou», repliquei. «Claro que falou.»

«Acho que não.»

Silêncio entre nós. Ele estava alerta agora, quatro e trinta da madrugada e a cidade começando a acordar, o nascer do Sol já no mar, observando-me, e a coisa que fora, o momento que deveria ter sido para sempre, desvanecendo-se.

Agora.

Senti-o desaparecer num ápice.

Tornando-se memória, apenas a minha memória, apenas uma coisa para mim, e de alguma forma irreal na sua solidão, como se porventura eu tivesse imaginado isto tudo, uma fantasia de uma noite com Luca Evard, um sonho passageiro.

E agora.

Foi-se. Desfeito como uma teia de aranha, pairando na brisa.

E eu disse: «Vou beber água; quer alguma coisa?»

«Não.»

E fui para a casa de banho, e tranquei-me lá dentro, e fiquei sentada com a luz apagada e a cabeça nas mãos durante quinhentas respirações, e quando de novo saí, ele tinha-se esquecido, e estava a dormir, e acabara-se.

*

Preparação, preparação, preparação.

Roubei a chapa de segurança do Sr. Kaneko num ginásio, a sua impressão digital num copo de vinho.

Roubei um fato de seda e uma grande pasta num grande armazém, esventrei a pasta e tornei a enchê-la com o que precisava lá dentro.

Roubei um cassete dobrável e uma lata de spray de pimenta da traseira de um carro da polícia. Facto: os polícias japoneses têm todos de aprender judo.

Roubei um conjunto de minichaves de fendas, um diminuto berbequim elétrico, uma lanterna, uma embalagem de velas, uma garrafa de líquido para isqueiros, um par de óculos de proteção. contei quanto tempo demorava cada vela a arder, cortei as restantes à medida.

As gazuas, comprei-as online. A embalagem de iogurte natural foi caríssima, mas estava no Japão. O meu hotel distribuía fósforos, e eu aceitei-os. Os petardos estavam suspensos no portão do templo, mas

pareceu-me um sacrilégio, pelo que os comprei na loja do outro lado da rua.

Roubei códigos e chaves, cuidadosa agora, rápida já mais para o fim — tudo tinha de ser roubado suficientemente perto do dia do assalto para que as credenciais não fossem desativadas, os códigos não fossem alterados.

Ganhei acesso aos computadores de primeira linha na receção da Prometheus roubando a identificação de email de um homem da informática no décimo primeiro piso, e enviando um anexo em seu nome intitulado «Atualização Vital de Segurança» para os rececionistas, que o abriram, e cada tecla que premiram daí em diante se tornou minha.

Comprei os serviços de quem quer que fosse que se codificava por trás do nome de OsumiEraUmPterodátilo e dez minutos antes de transpor a porta principal da Prometheus, ela pirateou as webcams da receção e congelou-as desde dez segundos antes da minha chegada até dez segundos depois; a minha cara não foi captada.

Entrei pela porta principal, e ninguém me deteve.

Era a sexta vez que eu estava nos escritórios da Prometheus.

Gauguin deveria estar por perto. Como viera ele para Tóquio? Talvez tivesse sacado as gravações do voo de Sharm el-Sheikh, tentando encontrar-me, e em vez disso desse consigo a encostar uma faca a uma mulher de que não se podia lembrar. Talvez não tivesse sido capaz de inventar uma história convincente para como recuperara os diamantes, a minha bagagem, os meus passaportes. Um homem como Gauguin dava-me a impressão de ser um indivíduo que se orgulhava da sua memória, pelo que, é claro, viera para Tóquio porque Filipa comera com uma mulher de que não se conseguia lembrar, e era em Tóquio que estava o Perfection.

Ele estaria de atalaia, mas tudo bem. contei câmaras de segurança, dei quinze passos até aos elevadores, abraçando a parede do lado esquerdo, virei rapidamente à direita no décimo sexto passo, contei sete passos através do átrio, virei logo à esquerda, arrastei-me oito passos mais com as costas comprimidas contra a parede, e evitei as duas primeiras câmaras.

Uma viragem acentuada à esquerda e oito passos de volta através do átrio, uma viragem acentuada à direita, vinte e dois passos que me levaram até à entrada dos lavabos masculinos. A entrada para os das senhoras estava à vista de uma câmara empoleirada lá no alto e à direita; os homens não mereciam o mesmo interesse.

Na casa de banho abri a minha pasta, e mudei de roupa para uma jaleca e

calças azuis de empregada de limpeza. Meti o cabelo num boné de basebol, tirei um balde com rodas de um armário junto aos lavatórios, pus um saco de plástico com as minhas ferramentas e a embalagem de iogurte lá dentro, equilibrei a esfregona em cima.

Caminhei com o arrastar de empregada de limpeza até aos elevadores, cabeça baixa, ligeiramente virada para a esquerda, evitando o ângulo da câmara no meu rosto, e chamei o elevador.

Um crachá de identificação roubado levou-me ao décimo sétimo piso. Luzes apagadas, todas as secretárias impecavelmente arrumadas. O Sr. Yamada, o severo diretor de desenvolvimento, insistia nisso. Insistia igualmente que diariamente, durante dez minutos, o seu piso praticasse *zazen*, e ele percorria de um lado para o outro as silenciosas fileiras de empregados meditando com uma pequena sineta para iniciar e encerrar os procedimentos. Outras manias do Sr. Yamada: obcecado ainda que talentoso zelador de plantas em vasos, apoiante fanático dos San Francisco Giants, e homem a que, na sua juventude, se dava o crédito de ter criado toda uma nova geração de tecnologia VHS. Os dias de brilhantismo haviam-se ido; agora estava na administração, e a ficar gordo.

O seu gabinete encontrava-se isolado por vidro de alto a baixo do resto do piso de espaço aberto, conquanto ele orgulhosamente salientasse que os estores nunca estavam corridos. Mas de todas as pessoas do décimo sétimo piso, só o Sr. Yamada tinha acesso ao piso de cima, onde era feito o verdadeiro trabalho do Perfection.

Ele mantinha a sua senha num cofre atrás da porta de um armário de contraplacado no canto nordeste do seu gabinete. O cofre era digital; quatro teclas estavam claramente marcadas com a acumulação de gordura das suas dedadas, dois números começando mesmo a desvanecer-se. Escrevi 1, 2, 5, 7 e 9, reordenei-os para 25/11/79, o aniversário do seu filho mais velho. A minha primeira tentativa falhou, mas invertendo o dia e o mês para o estilo americano, abri o cofre com facilidade.

Roubei-lhe o cartão magnético, que palermice guardá-lo num sítio tão estúpido, e dei onze passos com o ombro encostado à parede, depois andei quinze passos de gatas entre as secretárias, arrastando o balde atrás de mim, para evitar as câmaras, até chegar a um cesto do lixo fora do seu alcance. Era de robusto metal, ao lado de um arquivo. Enchi-o com mãos cheias de papel amarrotado, inclinei-o de lado, esguichei líquido para isqueiros a toda

a volta, e cautelosamente acendi o meu coto de vela, pousando-o na orla da poça de líquido.

Afastei-me de gatas, deixando que a chama deslizesse para baixo.

A porta para o décimo oitavo piso tinha uma espessura de mais de seis centímetros, movida por pistões pneumáticos. Aqui não havia como evitar a câmara de segurança, e não podia desativá-la sem ser apanhada na linha de visão de outra câmara do outro lado do espaço, pelo que a ignorei, e passei rapidamente por ela.

Algures, o ato de abrir a porta desencadearia a segurança, de certeza absoluta, dado que o Sr. Yamada não estava no edifício e a porta não se deveria ter aberto, e portas construídas para resistir a altos explosivos não se abriam e fechavam sem aviso prévio. Ativei o cronómetro no meu telefone, e subi as escadas a dois e dois, o balde bem seguro, sem qualquer soar de alarme, as luzes acendendo-se tremeluzindo à minha volta, despertadas pelos meus passos. O cartão magnético do Sr. Yamada abriu a porta para o piso de cima, e agora estávamos num lugar onde eu nunca estivera, um escritório desapontadoramente semelhante a qualquer outro escritório à superfície da Terra: cadeiras, secretárias, computadores, com dois ou três ecrãs cada um, alguns desligados, alguns funcionando ainda silenciosamente, processando um ficheiro durante a noite, revolvendo números enquanto os humanos dormiam.

Quinze metros do poço das escadas até outra porta de segurança. Um código numérico de oito dígitos, alterado de três em três dias, impossível de decodificar rapidamente mas lá estava, a sua força era igualmente a sua fraqueza, pois um código de oito dígitos alterados de três em três dias é mais que impossível de lembrar por atarefados membros do pessoal, e é sempre o elemento humano o mais frágil nestes sistemas. Procurei a secretária da Menina Sato, a única mulher do piso, uma brilhante codificadora relegada pelos superiores para uma posição subalterna pelo facto de ser mulher, que se queixara, quando conversávamos depois de uma aula de Pilates, que ao lado dela ficava o Sr. Sugiyama, que nunca se lembrava do código da porta e o anotava sempre, uma chocante violação de segurança, simplesmente chocante, mas quem lhe dava ouvidos a ela?

Eu dera.

No Pilates, a Menina Sato usara uma t-shirt com a imagem de um urso preto devorando um peixe. Um pequeno coelho de madeira pendia-lhe do

fecho-éclair da mochila. Suspenso da capa com padrão de carpas ornamentais do seu telemóvel, tinha um minúsculo pardal de palha, que lhe balançava contra o pulso quando ela fazia uma chamada. *Engimono*: amuletos da sorte. Então procurei esses amuletos, e encontrei uma secretária na qual uma única criatura de palha, talvez um gordo panda, talvez uma mera bolha com uma cara pintada, sorria serenamente. À esquerda ficava a secretária do tão odiado Sr. Sugiyama, o tal de fraca memória, e rabiscado na parte de trás da sua agenda com encadernação de pele numa letra minúscula quase indecifrável num post-it cor-de-rosa estava um código de oito dígitos.

Preparação, preparação, preparação.

O código de oito dígitos abriu a porta; as credenciais do Sr. Yamada selaram o feito.

Vinte e três segundos no cronómetro; seis inspirações, cinco expirações.

Mais alarmes deveriam estar a soar agora, e tudo bem. Deixá-los vir.

A sala do lado de lá era parecida com o que eu imaginara e tudo o que esperara. Fechei a porta de mansinho atrás de mim, ouvi-a trancar-se com um estalido. Filas de servidores, o calor irradiando deles para fora tão rapidamente como as ventoinhas sugavam ar frio, etiquetados e marcados com letras e números, trilhos de canos cat5 agrupados em intrincadas tranças, autoestradas de dados precipitando-se para o vazio. O ruído era um abafado rumor de ar em movimento, um agudo silvo de placas e bobinas magnéticas.

Um único terminal de computador ativo com um único ecrã, azul e brilhante na ruidosa escuridão. Pressionei a imagem da dedada do Sr. Kaneko impressa na chapa cinzenta que lhe roubara, e apareceram seis números no painel. Teclei os números no terminal, esperei, contei as respirações, dois, três, quatro, ouvi vozes no escritório atrás de mim. O computador desbloqueou-se. Deslizei a minha pen USB na ranhura, entrega especial de Byron14, executei o ficheiro, esperei.

Nove respirações, dez respirações.

A pele arde-me de expectativa, o sangue está em fogo dentro de mim, estou viva, estou viva, neste momento, estou viva afinal de contas.

Quanto tempo leva a gravar dados numa drive USB?

(USB 2.0 — 60MB/s mas na realidade mais perto de 40MB/s. Partindo do princípio de que haja pelo menos 16GB de dados para copiar do servidor

da Prometheus que dá, 1000MB — chamem-lhe 1024, pensamento binário — x16 dá... 16.348MB para copiar, divididos por 40 dá uns 410 segundos, a dividir por 60 dá pouco menos de sete minutos, por mais depressa que se veja a coisa, sete minutos são seis minutos demasiado longos.)

Preparação, preparação, preparação.

Deixo a pen USB a trabalhar, e por fim ouço a sirene distante do alarme de incêndio quando a vela que eu pousara lá em baixo finalmente arde ao ponto de tocar o líquido para isqueiros. O líquido inflama-se, a inflamação faz arder o papel no cesto do lixo, o papel liberta fumo e calor, um ou outro — provavelmente o segundo — desencadeia o alarme de incêndio.

Pode não me fazer ganhar tempo; pode fazer-me ganhar uns minutos.

Coloco-me junto à porta fechada, o spray de pimenta na mão esquerda, bastão na direita. Aulas experimentais — eu sou a rainha das aulas experimentais. Aulas de fitness, linguagem, costura, culinária, pintura e artes marciais por todo o mundo onde, durante semanas de cada vez, eu fui convidada a não pagar porque «a primeira é de graça». Ao fim de dez semanas de assistência, eu dizia que tinha «umas luzes» e ao fim de vinte a experiência perdia usualmente o seu valor, já que a duração de tempo que um professor levaria a descobrir que eu tinha experiência seria tão longa como a aula em si, e não poderia progredir mais.

Cursos intensivos. Cinco horas de instruções de natação. Oito de espanhol. Quatro de karaté. Seis de «fitness de recruta e boxe» num gélido fim de semana de novembro em London Fields. O suficiente para ficar com uma ideia de todas as formas de eu poder vir a dar para o torto. O suficiente para saber que, se a isso forçada, lutaria.

Cinquenta e cinco segundos.

Sessenta.

Fossem que vozes fossem que tinham ocorrido ao décimo oitavo piso tinham sido distraídas pelo fogo no décimo sétimo, por um momento — só um momento.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete...

Cem segundos.

Cento e vinte.

No centésimo quinquagésimo segundo desde que eu desencadeara o alarme, um vergonhoso tempo de resposta se alguma vez a isso tivesse atendido, alguém tentou abrir a porta para a sala dos servidores do lado de

fora, e encontrou-a trancada.

Vozes moveram-se, berraram, pés correram, eu esperei.

Códigos e cartões foram procurados, duzentos e vinte segundos, duzentos e quarenta.

No tricentésimo segundo, alguém inseriu um código e a porta começou a abrir-se.

Disparei um esguicho amarelo de spray de pimenta para a cara que apareceu na abertura, e ao grito de um homem, fechei a porta de rompante outra vez e fiz força contra ela.

Vozes, altas e rápidas, um balbuciar, e depois alguém bem mais agressivo e confiante do que o seu colega ainda aos uivos começou a bater com todo o seu peso contra a porta. Eu empurrei de volta, primeiro embate, segundo embate, terceiro embate, e no quarto saí do caminho, e ele caiu sobre o ombro, perdido o equilíbrio, pela porta aberta dentro da sala. De novo, um esguicho de spray de pimenta, e desta vez, pelo seu entusiasmo, uma paulada de lado na cara com o meu bastão, dentes partindo-se, sangue à vista, e golpe em cheio também pois o homem tinha uma arma na mão. Ele cai, eu tiro-lhe a arma, e disparo quase completamente ao acaso, para a porta.

Atarefado silêncio do lado de dentro, duro silêncio do lado de fora, acompanhado pelo sempre presente zumbir dos computadores.

Cursos intensivos: julguei que aprender a usar uma arma fosse difícil, mas na América custou-me quarenta notas e um sorriso.

Eles esperaram; eu esperei.

Só havia uma maneira de entrar e uma maneira de sair. O homem a meus pés gemia, meio inconsciente, as mãos comprimidas contra o rosto. Cutuquei-o com o pé. — Lá para fora — disse, e embora ele estivesse meio cego, não precisou que lho dissesse duas vezes, foi às apalpadelas até à porta, fugiu de gatas, à procura de um sítio para secar os olhos.

Esperei.

Trezentos e vinte segundos; menos de outros cem e a minha pen USB estaria pronta.

Então uma voz, falando inglês, suave e familiar, e conquanto estivesse preparada, a respiração acelerou-se-me.

— Menina Donovan? — Gauguin. Quem mais a não ser Gauguin? — Menina Donovan, está aí?

Saquei de um petardo do balde, comecei a colá-lo com fita-gomada à lata de spray de pimenta.

— Menina Donovan, Menina Donovan, consegue ouvir-me?

De nada valia responder, mas a flashdrive ainda não acabou de descarregar e preciso de um bocadinho de tempo mais.

— Olá — disse. — Entre e eu dispararei coisas.

Um suspiro bem soprado, mas talvez também um ligeiro sopro de excitação? Será que Gauguin se excitava? — Menina Donovan, não há saída.

Porquê Menina Donovan? Os passaportes que ele descobrira na minha bagagem tinham uma miscelânea de nomes, mas Rachel Donovan era um velho, velho pseudónimo.

— Acho que já nos encontrámos antes — cismou ele, através da porta meio aberta. — Ao que parece, estivemos momentaneamente um ao pé do outro.

— Consegue descrever a minha cara?

Silêncio do lado de fora. Depois: — Tenho a sua fotografia na mão.

— Quantas vezes olhou para ela? — Silêncio, de novo. — Feche os olhos — sugeri —, veja se consegue dizer-me como eu sou.

Silêncio. Do meu balde tirei o par de óculos de proteção.

— Menina Donovan — disse ele por fim —, seja você o que for, seja de que forma gere o seu... o seu truque, é demasiado notável para este ser o seu fim. No entanto, fui encarregue pelo Sr. Pereyra-Conroy de proteger os seus interesses, e protegê-los-ei.

Quatrocentos e sessenta segundos.

Sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três...

— Por favor, atire a arma ao chão e saia — prosseguiu ele, razoável — mas lá estava, medo, medo na sua voz, medo que eu julgara ser excitação mas não, é medo, pois eu sou o grande desconhecido, uma coisa que ele não pode explicar, e Gauguin não fica excitado por tais coisas, fica, sim, com medo.

Quatrocentos e setenta e três, setenta e quatro, setenta e cinco.

Ao quadringentésimo septuagésimo nono segundo, a pen USB acabou de descarregar dos servidores todo o conteúdo da programação central do Perfection. Não emitiu qualquer som, não houve qualquer alteração na sala, nenhum computador explodiu, nenhuma centelha chispou. Uma coisa que

fora única acabara de ser clonada, e eu ajeitei a minha elegante camisa branca em torno do nariz e da boca, puxando pelas mangas, enquanto Gauguin esperava.

Por fim ele disse: — Vi a gravação de si a falar com a Dra. Pereyra-Conroy no snack de massa chinesa.

Tirei a pen USB, preendi-a com fita-gomada ao tornozelo, tapei-a com a meia.

— Os seguranças dela juraram que ela comeu sozinha, conquanto a tivessem observado o tempo todo.

Bastão debaixo de um braço, a arma roubada ao segurança derrubado bem firme na mão, um petardo preso a uma lata de spray de pimenta, óculos de proteção na cara, saco de plástico contendo as minhas restantes ferramentas e uma embalagem de iogurte aninhada no cotovelo e, realmente, começava a ficar sem braços, livres só as pernas, prontas a correr.

— Vi-a de novo nas câmaras da festa no Dubai, mesmo antes de os diamantes serem roubados. E de novo, aqui, em Tóquio, no 106, a explorar os apartamentos, rondando os Pereyra-Conroy. Eu estava lá, devo ter olhado diretamente para si, mas ao que parece a ligação entre a imagem que tenho num ecrã e a imagem que vejo — ou antes, que não vejo — das suas feições na minha mente está cortada. Uma tão duradoura desconexão implica que você alcançou algo muito além de um mero... truque mágico temporário. A Dra. Pereyra diz que é a coisa mais excitante de que jamais ouviu falar em toda a sua carreira.

Filipa Pereyra-Conroy é uma das pessoas mais excitantes que eu conheci na minha, cismo eu, mas nada digo agora, pois ele está a focar as suas palavras, a sua atenção toda em mim, não se vá esquecer, fazendo de si próprio um prisioneiro da consciência de mim, neste momento, agora.

Atrás de mim, os servidores começam a desligar-se, um lento lamuriar de desapontamento, um choramingar de peças em desagregação. A pen USB de Byron¹⁴ roubou uma data de dados, mas só precisou de uns quilobytes para implantar um vírus ao cometer o seu crime. Não os deterá, é claro, nem uma pequena mijadela de código, mas acho que Byron gozou o gesto, quando a sala se transforma numa súbita calma banhada de ventoinhas.

Silêncio. Fecho os olhos, e visualizo Gauguin assentindo para si próprio, compreendendo o que estou a fazer, talvez ralando-se, talvez não.

Ele disse: — Mesmo ser esquecida é uma espécie de *modus operandi*.

Uma ameaça; ele acabou de me ameaçar. Com o quê, ao certo?

Modus operandi: do latim, que se saiba usado pela primeira vez em 1654, uma forma de fazer alguma coisa.

Abreviatura: MO, usada pelas forças policiais de todo o mundo.

Outras abreviaturas policiais: APB, MVA, CSU, SWAT, FTA...⁵

Modus operandi, uma ferramenta usada pelas forças policiais para relacionar crimes

e Luca Evard disse: «Prometo que nada de mal lhe acontecerá.»

*

Aqui.

*

Aqui.

*

Agora.

*

Este momento.

*

Eu estou aqui.

Neste espaço.

O meu universo.

O universo inteiro.

Aqui.

E Luca Evard fala.

e diz: «Não tem que ter medo».

Ele não está aqui — o passado consumiu-o, deixou-o a dormir numa cama em Hong Kong. O passado engoliu as palavras que partilháramos, matou-o, o passado matou-o tão seguramente como matou as suas palavras,

tão seguramente como me mata a mim

ele não pode estar aqui. Eles não podem tê-lo trazido para Tóquio. Ele está imobilizado ainda em perfeição onde eu o deixei, esperando por mim num momento congelado na minha memória

Ele não pode estar aqui.

E claro, a ladra em que Hope Arden se tornou, a profissional, sabe que pode. Gauguin seguiu o meu dinheiro, teria seguido o meu MO, e quem esperava no fim dessa pista? Quem era o perito mundial na mulher que todos esquecem, anos da sua vida dados a este único propósito?

Luca Evard, aqui, agora.

O universo abre-se e os céus caem, galáxias giram e oceanos dissolvem-se, penso que este momento durará talvez para sempre, destruindo tudo o que jamais construí, apagando o momento perfeito em Hong Kong, pois olhem, aqui estamos nós, aqui está ele, vendo-me como uma ladra, conhecendo-me como uma ladra, sabendo talvez que eu sou algo mais. Sabe ele que esqueceu entende ele o que esqueceu suspeita ele odeia-me ele alguma vez me amou de todo como eu o amei

uma ladra profissional que tem o meu nome acende a mecha do petardo.

Gauguin ouve-a, berra um aviso.

Eu lanço o petardo através da porta.

Uma debandada, uma correria.

Fecho os olhos.

Nebulosas condensam-se em sóis; cometas perdem a sua batalha sem fim com a força da gravidade e ardem através da atmosfera de mundos maciços.

O petardo estoura.

O spray de pimenta estoura com ele, uma nuvem de gosma amarela enchendo o espaço, espalhando-se pela atmosfera. Através da camisa sobre a minha boca e nariz, arde; não, arde não é a palavra indicada, arde não nos repuxa o revestimento do estômago, não nos contrai a garganta. Cauteriza, agonia, sabe a línguas inchadas cuspidas inteiras.

Passo para o espaço contíguo. Uma nuvem ácida amarela redemoinha no ar, obscurecendo a vista. Ainda silvam e estouram fogos de artifício, suficientemente ruidosos para abanar os tímpanos, chispas cuspidas das suas extremidades, os pedúnculos vermelhos saltando para cima e para baixo no chão ao incendiarem-se, adejando, um peixe sufocando numa panela. Através da névoa de químicos e fumo, vejo seis deles, um já no

chão, todos elegantemente vestidos. Todos exceto Luca — ele veio informal, ou tão informal como é capaz de ser: camisa não passada a ferro, calças um pouco curtas de mais, um laivo de meia preta esticada contra a barriga da perna, olhos firmemente cerrados, engasgando-se com os vapores no ar.

Eu sentiria pena dele, mas não há tempo para isso agora.

O homem mais próximo da porta tem uma arma. A minha mão esquerda empurra-lhe o cotovelo para cima, a direita dá-lhe com o bastão com a maior força possível no pulso. Estes homens estão cegos, mas alguém dispara assim mesmo ao som, até que Gauguin, as mãos contra a cara, grita não, não dispare, estás a disparar às cegas sobre nós, seu imbecil!

O seu sotaque, quando acometido de dor, não é tão refinado como eu julgava. Há nele um vislumbre do Oeste de Inglaterra, uma alteração de vocabulário, o seu rosto está inchado como uma abóbora, e talvez *seja* pena

seja o que for que significa pena

que me faz dar-lhe com o bastão nos joelhos, e não no pescoço.

Poderia eu matá-lo agora?

Dado o alvoroço das coisas, não é um pensamento inteiramente inquietante.

Nem é tão-pouco muito excitante.

Um homem, mantendo os olhos abertos à força contra a nuvem amarela que assenta, tenta lutar comigo. Um braço que esbraceja agarra-me o pulso; com o outro, ele tenta dar-me um murro no estômago, falha. Tem poder, que gera movendo o corpo, o braço não se estendendo nunca, mas antes as pernas, o peito, os quadris, invadindo o meu espaço. Usualmente esse poder é devastador; hoje é-o demasiado, e o ímpeto do seu soco dá-lhe balanço. Esmago-lhe o braço quando passa por mim, levo-lhe o cano do bastão ao pescoço, dou-lhe um pontapé nos joelhos quando está prestes a cair, e sigo em frente.

Resta um homem com uma arma; não sabe sequer para onde a apontar. Tiro-lha sem uma palavra, sem necessidade de partir nada, lanço-a para a sala atrás de mim, saco da minha própria arma, vocifero: — Todos no chão!

— Façam o que ela diz — diz Gauguin, arquejando sibilante, e seria aquilo um laivo de Bristol no seu sotaque? Talvez, mas ele lutava contra ele, recompondo-se. — Façam o que ela diz — repetiu, um pouco mais ele próprio, pressionando o peito contra o chão, e todos eles fizeram o que eu

dizia, até Luca Evard, olhos firmemente cerrados, o rosto feito num saco de plástico amarrotado.

Fiquei no meio de uma sala à minha mercê, e pensei que também isto era uma espécie de perfeição. Ladra perfeita; controlo perfeito.

Silêncio na sala, salvo os gemidos dos feridos, um homem com um fio de saliva amarela escorrendo-lhe pelo canto da boca.

Bradei: — Estão a gravar isto?

Silêncio.

— Acho que estão — concluí, olhando de Gauguin para Luca e de volta. Nenhum dos homens levantou a cabeça. — Acho que já se aperceberam de que as máquinas não esquecem, ainda que vocês o façam. Quero que escutem o som da minha voz, quando eu me for. O meu nome é Hope. Quero que se lembrem das minhas palavras. Estas palavras são a única parte de mim que existe. Não me sigam. Não tentem encontrar-me. Não se esqueçam.

Dirigi-me para a porta, contei os passos, contei as respirações.

Luca, o mais próximo da saída, a cabeça virada para o outro lado, olhos firmemente cerrados, lábios vermelhos, rosto inchado.

Palavras: uma torrente de palavras.

Senti-as nos meus lábios, e selei a boca com força.

Corri.

⁵ Respetivamente, *All-Points Bulletin*, *Motor Vehicle Accident*, *Crime Scene Unit*, *Special Weapons And Tactics*, *Failure To Appear*. (N. da T.)

CAPÍTULO 50

Preparação, preparação, preparação.

Polícia a caminho, sem saída lá em baixo, mas tudo bem.

Preparação, preparação, preparação.

O gabinete de segurança ficava no décimo sexto piso. Entrei sob ameaça de armas, mantive três homens ao largo, desliguei os computadores, vi os ecrãs enegrecerem, e desandei.

De mim, esqueceram-se, conquanto as balas viessem a requerer algumas explicações.

*

Um armário de limpeza no décimo primeiro piso. Escolhi-o pelo teto falso; especialmente grande, para acomodar algum dispositivo ambiental que nunca tinham chegado a instalar.

Arrombei uma máquina de venda automática e tirei três garrafas de água, duas embalagens de feijões de *wasabi*, e uma tablete de chocolate.

Deitei-me no teto falso, bebendo lentamente, comendo chocolate. Espalhei iogurte pela cara, mãos, pulsos, pescoço — tudo o que tivesse estado exposto aos vapores de gás lacrimogénico. Comi o resto, esperei.

Uma hora.

Duas.

Três.

Nove horas.

Um dia.

O tempo passou, e eu esperei.

A polícia revistou o edifício, e ninguém me procurou.

Fechei os olhos, mantive-me deitada de costas no teto falso, comi uns quantos feijões de *wasabi*, precisei de ir à casa de banho, contei até cem no silêncio e na escuridão, e esperei.

O tempo passou, e eu esperei.

Esperei que a memória se desvanecesse.

Perguntei-me onde estaria Gauguin, onde estaria hospedado Luca Evard.

Num hotel barato — ele ficava sempre em hotéis baratos, mesmo quando não era ele a pagar. Estaria a escutar o som da minha voz, teria as minhas

palavras no modo de repetição?

Talvez ele pudesse fazer batota, escrever as minhas palavras uma dúzia de vezes, e depois uma dúzia mais, e, ao fazê-lo, lembrar-se-ia do ato de escrever, e desse modo as palavras sobreviveriam, ainda que a ligação entre mim a proferi-las e o que entrava na sua memória se fosse esbatendo.

Contei até mil, e talvez tivesse dormido, e quando acordei, contei até dois mil, e permaneci bem acordada.

E quando terminou; quando cheguei às vinte e quatro horas pelo relógio, deslizei para fora do teto falso, apanhei as escadas para baixo para a subcave, sorri para o segurança à porta. A minha fotografia, captada por CCTV, estava na parede atrás dele quando eu passei, mas ele estava de costas viradas para ela nesse momento, e conquanto a devesse ter estudado o dia todo, as feições nela impressas tinham-se-lhe desvanecido da memória, e sorriu para mim quando saí pelo meu pé.

CAPÍTULO 51

O meu nome é Hope.

Sou a rainha da porra do universo.

Sou o melhor ladrão de todos os tempos nesta porra de terra.

Sou...

...sou ótima.

Sou...

...porra de fantástica, simplesmente, espetacular, sou...

...profissional.

Disciplinada.

A porra de uma vão-se foder foda-se tudo maldita máquina.

Linhas de código numa máquina, por ordem ascendente:

Mínimo —

- Vaivém espacial
- Windows 3.1
- Sonda *Curiosity* de Marte
- Sistema operativo Android
- Windows 7
- Microsoft Office 2013
- Facebook
- Moderno software interno automóvel

— Máximo.

*

Dados.

Sentei-me num banco, numa praça, e olhei para nada.

Comi comida.

Bebi água.

Andei de um lado para o outro.

Os dados só se tornam informação quando são traduzidos.

Eu estou

a chorar agora
não sei porquê.

É isto que estou a fazer mas não é informação.

No comboio de alta velocidade para fora de Tóquio, como vim aqui parar?

Comprara um bilhete antecipadamente, uma rota de fuga, agora pareço estar a usá-la.

Pus a pen USB de Byron14 no meu portátil, e dei uma olhada ao que roubara.

Uma algaraviada, ininteligível para qualquer um exceto um perito.

O código base do Perfection.

CAPÍTULO 52

Parker abriu um casino em Macau.

Vi o anúncio nas notícias, vi-o dar apertos de mãos, sorrir para as câmaras. Era famoso agora. Toda a gente conhecia o seu nome, o único e ímpar Parker de Nova Iorque.

Rafe Pereyra-Conroy assinou um acordo com a família real do Dubai, para o desenvolvimento conjunto de uma versão islâmica do Perfection, exaltando virtudes dignas de gente devota

virtudes como generosidade, amabilidade, caridade, peregrinação, dever, honra, lealdade, modéstia

códigos de modéstia

véus para as mulheres

mulheres não deverem ser vistas com homens solteiros

nada de beijos em público

vítimas de violação puníveis com prisão

etc.

Pensei em dar meia-volta, voltar para Tóquio, procurar Luca Evard, dizer-lhe, olhe, olhe, sou eu, talvez que, se me prender, toda a gente verá que tinha razão, que tem vindo a perseguir uma ladra esquecível, e então ficará feliz e então amar-me-á, amar-me-á realmente, pois eu sei que o faria se ao menos se pudesse lembrar de mim!

Sentei-me no aeroporto de Quioto e não me mexi.

Rodei e rodei a pulseira de Filipa no pulso, uma viagem sem fim.

E um bocado depois, porque não parecia haver nada mais para fazer, porque nada mais que eu fizesse tinha qualquer sentido de todo, entrei de novo na darknet.

oquêondeporquê: Tenho o Perfection.

Byron14: Mande-mo.

oquêondeporquê: Não. Quero um encontro.

Byron14: Inaceitável.

oquêondeporquê: Encontramo-nos, ou não obtém o

Perfection. Estarei em Seul daqui a três dias.

Byron14: Impossível.

oquêondeporquê: Vemo-nos lá.

CAPÍTULO 53

Há duas exceções ao círculo de perda de memória que me rodeia:

1. Animais. Talvez seja uma coisa de faro? Talvez se eu usasse um perfume notável, as pessoas se lembrassem de mim, *déjà vu* nasal. Talvez um dia arranje um cão. Porventura dois.
2. Velhos, doentes ou loucos. Foi assim que conheci Parker, no lar de idosos em Nova Iorque, a falar com as velhinhas e os velhinhos. Eles estavam acostumados à solidão, e sorriam e faziam-lhe cara valente, e isso tornava a minha condição mais fácil, mais fácil sorrir porque eles o faziam. Os velhos nunca se lembravam de mim, salvo uma, que tinha demência suavemente invasiva, que exclamava sempre: «É a Hope! A Hope veio visitar-nos outra vez!»

Na altura considerei tornar-me auxiliar num lar, só para estar com pessoas que se lembrassem de mim, mas ela era incontinente e não queria comer, agora não, aquilo não, que porcaria, mas tenho fome!, de maneira que em vez disso a visitava todos os anos pelo Natal e pela Páscoa, até ela morrer, silenciosamente durante a noite.

*

Andando pelas ruas de Manchester um dia, saíra para roubar uma ourivesaria. Preparação de três meses, decidi-me a avançar no meio do festival de jazz, o som de saxofone e sousafone servindo para abafar o muito pequeno mas necessário explosivo que eu preparara para entrar.

Uma voz gritou: «Hope!»

Ignorei-a, dado que não era o meu nome há tanto tempo, mas lá soou de novo: «Hope! Para! Eu quero ver a Hope!»

Uma voz feminina, jovem, estridente e urgente. Um alvoroço, um ruído de metal e borracha, outra voz, ralhando. Olhei de relance para trás e lá estava uma rapariga a tentar levantar-se na sua cadeira de rodas, um braço cruzado ao peito, um lado do rosto frouxo de fadiga muscular, mas olhos como os meus, voz soando bem alta e animada: «Hope!»

A minha maninha.

Fecho os olhos e conto

respirações
passos
brechas no pavimento
cabelos na minha cabeça
estrelas no céu

E lá está a minha maninha, Gracie, não crescida mas lá chegando, doze, talvez — não, treze já, treze desde há três semanas —, sendo empurrada numa cadeira de rodas num pequeno grupo de raparigas e rapazes. Está alerta, desperta, indiferente à sua deficiência pois o que é isso para ela? Simplesmente vida; seja o que for. A minha Grace, e ela disse: «Hope! Olha! Vamos para a estação!»

Estendendo uma mão, chamando-me, imperiosa, para o seu lado. A sua zeladora, uma mulher com três queixos e cabelo louro encaracolado a sair por baixo de um chapéu cinzento tricotado à mão, desfez-se numa profusão de desculpas mas eu disse não, tudo bem, não me importo, e ajoelhei-me diante da cadeira da minha irmã.

Ela examinou-me, e vendo tudo a seu contento, disse: «Houve esparguete para o almoço, mas eu não gosto de esparguete e comi piza em vez disso.»

«Foi?», perguntei.

«Sim. Amanhã é sexta-feira por isso haverá caril e tudo bem.»

«Que... bom.»

De novo, um balbucio da zeladora, lamento muito, não é obrigada, não é de todo...

Não dei ouvidos. A mão de Gracie, movendo-se uns centímetros, pousando na minha. A zeladora parou de falar, fitou Gracie, fitou-me a mim, de boca aberta. Com que frequência tocaria a minha irmã outra pessoa? Com que frequência ficaria ela em silêncio com a mão pousada na mão de uma estranha?

Eu disse: «Ela faz-me lembrar a minha irmã; disse que estavam a caminho da estação?»

«Sim.»

«Posso ir convosco?»

A zeladora olhou para Gracie, o seu lábio inferior revirando-se desconfortável, o treino profissional impondo-se duro contra a verdade deste momento. «O que achas, Grace?», perguntou, voz demasiado alta, voz para alguém estúpido, a minha irmã não é estúpida. «Queres que esta

senhora venha connosco até à estação?»

Gracie assentiu, um gesto desajeitado, a cabeça pesada ao baixar-se, rápida, e depois lenta, rolando e rodando de volta para a sua posição ereta.

«Não há problema», disse eu. «Eu gostaria de ir.»

*

Fomos a pé até à estação.

Gracie tagarelava vivamente, contou-me que gostava da cor azul, mas não do azul da porta do quarto, esse era o azul errado, ela gostava do azul das enfermeiras, esse era um bom azul, e ela queria que mais coisas fossem desse azul mas jamais roxo odiava roxo especialmente couve roxa, couve agoniava-a. E andava a aprender a cantar gostava de cantar mas gostava mais de pintar eu devia ir ver algumas das coisas que ela pintava na escola eram coisas lindas ela usava sempre azul não roxo está claro mas era isso que fazia a beleza, tudo lindo, exatamente como eu.

E andavam a aprender ciência. E animais. E ela gostava de animais, e os animais gostavam dela, e quando ela fosse crescida, havia de ter dois gatos e um cão, mas não uma zebra, porque as zebras eram coisas horrendas embora fossem às riscas.

E a zeladora disse, a Gracie estava a ir muito bem, muito bem deveras, e a escola tinha muito orgulho por ela se sair tão bem e ela sabia que havia de crescer e ficar lindamente, e que andava a ler melhor ultimamente, e os seus livros preferidos eram aqueles em que o bem derrotava o mal, e o seu filme preferido era *Guerra das Estrelas*.

Porquê *Guerra das Estrelas*?, perguntei, a minha mão ainda na de Gracie.

Porque na *Guerra das Estrelas*, explicou a minha irmã, tudo funciona devidamente. As pessoas são boas e as pessoas são más e as pessoas boas fazem coisas boas e as pessoas más fazem más, e há uma Força boa e uma Força má e é assim que deve ser.

Ela pensou no assunto um bocadinho mais, depois acrescentou, e às vezes o mal torna-se bem, e isso é bom também, porque o bem é melhor que o mal, obviamente.

Descobri que estava a chorar, simplesmente a chorar, simplesmente uma rapariga a chorar, e a zeladora perguntou suavemente, onde está a sua irmã agora?

Não muito longe, respondi. Não muito longe.

CAPÍTULO 54

Mudança de lugar, mudança de nome, mudança de aparência. Avião para Incheon; autocarro com ar condicionado para Seul.

Uma cabeleireira na Euljiro disse, enquanto me cortava as cordas do cabelo e as reduzia a uma penugem sobre o couro cabeludo: — Nunca tinha cortado cabelo africano. É simplesmente espetacular! — e as suas aprendizas reuniram-se à volta a olhar e apalpar os nós que iam caindo.

Um armazém em Myeongdong. Roubei uma t-shirt, calças de corrida, blusão grosso almofadado com capuz cinzento. Roubei uma elegante camisa branca, calças de fato, um par de ténis, um par de sapatos de couro pretos. Na rua lá fora, comprei uma fatia de ananás servida num pau de cuvette de gelo, e gelado de chá verde na loja de dónutes por baixo do snack de massa chinesa. Numa banca de venda empurrada pelas ruas sobre duas rodas minúsculas e rangentes, comprei três telemóveis. Numa livraria internacional acima da estação de metro, comprei um guia turístico e um guia básico de conversação.

O meu hotel era «tradicional»; tapetes-cama amarelos e verdes fluorescentes desenrolados sobre o chão, wi-fi e setenta canais de televisão. À noite, raios vermelhos fluorescentes projetados pelas igrejas protestantes alinhadas ao longo da via-férrea para fora da cidade. Em Itaewon encontrei hambúrgueres e soldados americanos. Juntei-me a eles para uma refeição de entrecosto e cerveja, e havia um soldado raso que olhava para mim com olhos esbugalhados de terror e luxúria, e ele disse que tinha medo que a presença continuada de tropas americanas em solo coreano jamais permitisse a paz entre as nações divididas da península, e que as forças socioeconómicas fossem agora uma maior fonte de desunião do que a própria História, e isso era estranho, porque a História era uma mãe poderosa, na sua opinião, ‘nha s’nhora.

De manhã, o meu rosto estava nos mais procurados da Interpol, e mais à calada a circular na darknet. Num traficante em Yeoksam, comprei três pens USB do tamanho de uma unha, copiei o código base do Perfection para elas, e enviei-as para caixas postais espalhadas pelo mundo.

oquêondeporquê: Vou para sul, em direção a Namwon.
Vá lá ter comigo.

Byron14: Pesarosamente, assim farei.

*

Uma viagem de comboio a partir de Seul, para sul, em direção ao mar.

Uma criança deu vivas quando o ecrã que mostrava a nossa velocidade ultrapassou os 300km/h. Uma mulher de uniforme cinzento apanhou um choque elétrico na porta quando os seus sapatos rasos captaram estática da carpete. Nas estacas junto à linha férrea comprimiam-se hortas e minúsculos arrozais para duas pessoas, sacos de plástico emaranhados nas vedações; os carros rolavam para trás ao longo da autoestrada.

Um homem de fato azul garrido sentou-se ao meu lado, fitou-me durante muito tempo, conquanto eu evitasse o seu olhar, e disse por fim: — Jesus gama-te.

Olhei-o nos olhos, à espera de ouvir o que Jesus faria a seguir. Ele deu-me um panfleto. Na capa estava a imagem do Salvador numa veste castanha e túnica branca, segurando um ganso com ar sobressaltado. Atrás dele dois cordeiros pastavam pacificamente, e um coelho aninhava-se-lhe contra os pés. O título da peça era «Como Escapar ao Inferno e Viver Livre de Doenças Mentais».

— Jesus *gama-te* — repetiu o homem firmemente, metendo-me o papel na mão. — Jesus *gama* toda a gente.

Assim falando, levantou-se do lugar, e foi espalhar a palavra do *gamar* de Jesus na sua mais fluente língua nativa.

*

Mokpo: uma cidade industrial, um porto feio, largas estradas fumarentas atulhadas de camiões, edifícios cinzentos, telhados de ferro, um percetível declínio no número de mulheres nas ruas.

A rececionista fitou-me enquanto eu dava entrada no hotel, e disse da boca para fora: — Americana?

— Sim.

— Vem aqui para marido?

— Não.

— Vem aqui para amante?

— Não.

O seu rosto franziu-se de perplexidade. — Porque vem aqui? — perguntou por fim. — Acho que aqui não bom para si.

À noite, num snack de *dim sum* pronto-a-comer nas redondezas de uma rua de compras pedonal, conheci uma traficante de passaportes que dava pelo nome de cantopopmorreu. O passaporte que ela me vendeu era francês, e eu pedira alemão.

— É bom! — exclamou, metendo pazadas de raviolis chineses de porco por entre os lábios, mastigando de boca aberta, olhos arregalados, bochechas cheias de carne, como uma mulher que não está segura de vir a comer outra vez. — Francês bom, bom trabalho, bom passaporte, vai ver!

Considereei argumentar, e decidi-me contra. O passaporte seria bom para uma viagem e depois destruí-lo-ia, entraria na zona Schengen ou nos EUA e arranjaría algo melhor, de uma fonte mais fiável.

À porta de um restaurante cuja especialidade era patas de galo fritas, um criado de mesa meteu conversa em trôpego inglês.

— Não praticar muito — explicou, uma palavra de cada vez. — É tão bom você ser vinda aqui.

Deixei-me ficar a falar com ele durante meia hora, até que a dona do restaurante veio cá fora e gritou com ele por negligenciar o trabalho, e ele correu lá para dentro, sem ter como salvar a face ante a ira da patroa.

*

Uma mulher com o Perfection, desprezando a comida que o companheiro lhe oferecia no café onde pedi o pequeno-almoço.

Um homem com o Perfection, atualizando a aplicação no telemóvel, um saco desportivo às costas, braços musculados de batidos de proteínas, peito arfante, suor na nuca.

Uma adolescente com o Perfection, vendo os preços do corte de cabelo perfeito.

Abram os olhos: está por todo o lado.

*

À noite, sentei-me num portátil no hotel, enquanto em segundo plano um canal de televisão de vinte e quatro horas mostrava uma vista de cima para baixo de um tabuleiro de go, sobre o qual se moviam mãos ocasionalmente,

pousando uma peça, retirando outra, enquanto vozes à distância soltavam «Aaaahs» e «Oooohhs» e por vezes eram levadas a aplaudir a elegância da jogada.

Byron14: Estou em Namwon.

oquêondeporquê: Eu estou em Mokpo.

Byron14: Não aprecio que me deem baile.

oquêondeporquê: Venha até Mokpo; arranje um telemóvel.

*

Estou deitada acordada, e não durmo.

Conto de mil para trás.

Nos meus sonhos Luca Evard está morto, e eu matei-o.

CAPÍTULO 55

Porto do ferry em Mokpo. Sombrios edifícios de um só piso rodeados de parques de estacionamento vazios. Guindastes amarelos à distância carregando e descarregando os navios de carga. Turistas atulhados de malas a caminho do parque nacional de Dadohaehaesang, das suas montanhas e praias, das suas estâncias termais banhadas pela luz do poente.

Ligo para o número que Byron14 me deu e digo-lhe que venha para o porto do ferry.

A sua voz, quando atende, é refinada, inglesa, suave, e traz-me Gauguin à memória. Eu sou vivaça — demasiado vivaça — e um toque nortista soa-me na voz. Soo temerosa, não me tinha apercebido de ser isso que sou.

Byron14 é fácil de localizar, enquanto espera no terminal. Destacamo-nos ambas, mas eu espero no outro lado do parque de estacionamento com um par de binóculos, observo as janelas, ligo para o telemóvel dela e digo: — Venha agora a verdadeira Byron14, por favor.

A mulher que atende é alta, loura, o cabelo apanhado ao alto num carrapito, fato elegante, saltos de cinco centímetros. Ela explica: — Sou eu, Byron.

— Não é, não, senhora — replico. — Byron haveria sempre de enviar alguém no seu lugar, era inevitável. Gostaria de falar com a verdadeira Byron, por favor.

— Sou eu Byron... — tenta a mulher de novo, e cala-se, escutando um som que não consigo ouvir, depois sorri para nada em especial, abana a cabeça, desliga, afasta-se.

Um momento depois, toca o meu telefone, e uma voz diferente, com uma entoação de algo mais antigo, mais cálido, real, diz: — Será você a jovem a observar o porto de ferry do parque de estacionamento?

Baixo os binóculos, assinto para nada em especial, olhando à volta mas não a vendo. — Será você Byron14?

— Serei, sim.

— Vou embarcar no das 14:03; fará a gentileza de se me juntar?

— Não sou muito gentil com essas palhaçadas, oquêondeporquê. Tínhamos um entendimento, e isto cheira-me a abuso.

— No das 14:03 — repito. — Mando-lhe uma mensagem escrita, para o caso de se esquecer.

Desligo. A rudeza não me incomoda.

*

O barco é um catamarã. O céu está cinzento, o mar está suficientemente agitado para que por vezes uma onda rebente contra o fundo do casco, sacudindo-nos. De cada vez que isso acontece, as mulheres gritam e os homens, talvez num esforço de parecerem imperturbáveis, convertem os seus gritos em grandes interjeições, e riem nervosamente uns para os outros quando o barco estabiliza outra vez. As mulheres mais novas dão espetáculo enxugando ineficazmente as frentes suadas. A feminilidade é bem vista; a feminilidade é frágil e propensa a risadinhas. Eu tudo observo, e concluo que a feminilidade pode saltar para o mar e afogar-se.

Um homem aproxima-se de mim três vezes — tendo-se esquecido que se aproximou de mim antes — e pergunta-me o nome, de onde sou, onde vou. Da primeira vez digo-lhe que sou francesa, sou bióloga marinha, vim estudar a fauna de Dadohaehaesang, e ele diz, «Ah» e «Ooh», e senta-se ao meu lado e é uma grande seca. Vou para a popa do barco, deixo-o esquecer que eu existi, e volto para o meu lugar quando ele se vai embora. Da segunda vez que ele se aproxima digo-lhe que venho ao encontro do meu marido na ilha, mas isso não parece detê-lo, pelo que à terceira vez, falo francês, e informo-o de que não entendo uma palavra do que ele diz e finalmente ele deixa-me em paz, e a viagem não é suficientemente longa para que ele passe uma quarta vez.

Byron está sentada mesmo lá atrás, a coluna colada ao assento, um bom lugar para se estar, tudo observando, sem ser observada. Destaca-se tanto como eu, mas é velha, e a minha pele é escura, e ela dominou a arte de ser merecedora de pouca atenção.

Fito-a desavergonhadamente quando me dirijo mais uma vez para a popa do ferry, e ela olha-me nos olhos, e reconhece-me pelo que sou, mas antes que o momento perdure, eu continuo a andar, e ela esquece-se, e eu repito este padrão cinco ou seis vezes, e de cada vez ela olha para mim pela primeiríssima vez, e de cada vez eu fito-a rudemente, e continuo a andar, até estar certa de que a cara dela está impressa na minha mente.

Ela é velha; de longe mais velha do que eu esperava, mas emana força. O seu rosto é todo ele pequenas linhas retas. Orelhas pequenas achatadas

contra um crânio quadrado; um pequeno queixo que mal rompe a caixa do maxilar. Finos lábios cinzentos, comprimidos numa linha reta. Pequenos olhos azuis sob sobancelhas planas cinzentas. Cabelo liso cinza-prateado cortado à tigela sobre a testa. Pequeno nariz direito até à curva do lábio superior. Filtro labial, a depressão entre lábios e a base do nariz — na mitologia judaica o anjo da concepção, Lailah, tocava com o dedo nessa curva, e, ao seu toque, a criança esquece tudo o que sabe. A curva dos lábios, arco de cupido, fronteira de vermelhão, *labium superius oris*, *labium inferior oris*, sorrirá Byron14?

Olho para ela, e penso que por vezes o faz, e quando o faz deve ser uma coisa linda de se contemplar. Depois imagino-a de sobrolho franzido, e isso também é fácil, e a imagem é aterrorizadora. Paredes caem sob o seu olhar fulminante, mentes viram papa ao seu olhar fixo; nas modernas reimaginações de antigos mitos, não havia *shinobi* que podiam matar homens com a sua famosamente destituída de lirismo técnica de olhar trespassante? Li-o algures, ou foi na televisão?

Ela olha, vê-me, reconhece-me, esquece; até mesmo Byron14, até mesmo ela.

*

Ilhas passando por nós. Hongdo, Heuksando, Baekdo. A quarta ilha em que o catamarã parou tinha o nome da montanha vulcânica no seu coração, rocha negra toldada pelo peso dos pássaros fazendo ninho nas suas fragas, e chamava-se Yan-ri. Aqui, em épocas auspiciosas, jovens casais vinham casar-se, a montanha lá em cima e o mar lá em baixo, flores em cabelos de noiva, pais orgulhosos posando junto de filhos vestidos de seda, taças de champanhe e tambores cerimoniais. Esta época não era auspiciosa; só desembarcámos quatro do ferry, e Byron, vendo-me e sobressaltando-se admirada — admiração de me ver, admiração de não me ter visto antes —, foi um dos quatro. Dos outros dois, uma era uma criada de mesa, que correu imediatamente direita a um hotel de madeira e aço no alto do monte, o seu saco de noite às costas. O outro era um pescador, a sua mulher à espera dele na ponta do cais escorregadio e enverdecido, de braços cruzados e um gorro de lã enfiado sobre as orelhas, que exclamou à sua chegada que não ia acreditar no que acontecera, e depois perdeu interesse no que dizia quando

ele a abraçou com força.

Havia três carros na ilha, informou-me num inglês hesitante um homem mascando pastilha elástica. Ele sabia-o, pois era o dono de um deles, o único táxi da ilha ainda por cima, e ele sabia todos os sítios a que as pessoas podiam ir, e alguns dos sítios que não podiam, e conhecia ambos os hotéis e qual era o mais simpático, e o caminho para o restaurante pela costa.

Agradei-lhe pela sua amabilidade mas declinei a boleia, e olhando para trás, vi Byron, de encerado verde, calças grossas castanhas, deslizar o braço pela alça de uma mochila cinzenta manchada e cruzar o olhar com o meu. Assenti de volta para ela, e iniciei a tortuosa subida monte acima.

Byron seguiu-me.

*

Dois hotéis: um era pouco mais do que um quarto nas traseiras da cozinha de uma mulher, uma colcha enrolada no chão, sem cortinas mas uma promessa de sopa de manhã. Fiquei tentada, mas a presença de Byron teria tornado tal acomodação complicada.

Mais para cima no monte. Nuvem no topo da montanha, abraçando as espinhas dorsais das árvores de folha perene. Uma ave de rapina descrevendo círculos lá no alto, de olho em pássaros mais pequenos fazendo ninho nos telhados de ardósia em baixo. O roncar de um motor, um grande navio zarpando para o mar, som transportado pelo vento. Uma mulher numa saia garrida que lhe cingia os joelhos quase a impossibilitando de andar assentiu para mim quando passei. Um velho com um blusão cinzento impermeável, ao ver Byron, exclamou num misto de coreano e japonês que era ultrajante, chocante, maravilhoso, incrível que uma mulher da sua idade tivesse de viajar sozinha, e chamou-me para ajudar esta venerável senhora mais velha, mas Byron abanou a cabeça e respondeu — num japonês com ligeiro sotaque — que estava bem, obrigada, e que continuaria a subir.

Não vi lojas ao subir, sinal algum de indústria, à parte um oleado azul no qual fora colocado peixe a secar.

O hotel no cimo do monte estava quase todo às escuras, salvo umas quantas luminárias ardendo no alpendre. Uma varanda de madeira de um lado estava construída sobre um penhasco íngreme para proporcionar a

melhor vista de mar. Um aviso em cinco línguas informava o visitante de que o hotel aceitava cartões de crédito, mas não cheques. Havia wi-fi disponível no átrio por um custo extra. A porta da frente estava trancada, mas toquei à campainha e uma mulher com o rosto congestionado, olhos arregalados, pálpebras demasiado repuxadas a ponto de revelar o branco dos olhos, beliscaduras na testa e faces, atendeu passado um minuto.

Byron postou-se atrás de mim, em silêncio, à espera, e interroguei-me se sentiria a mesma pontada de simpatia que senti pela mulher que abriu o portão. Cirurgia plástica dada para o torto, feições retorcidas em algo estranho, um sorriso em lábios que porventura doeriam ao sorrir. Número de procedimentos de cirurgia cosmética levados a cabo na Coreia do Sul em 2009: 365.000. Número de procedimentos levados a cabo no Brasil em 2013: 2.141.257. Nos EUA: 3.996.631. Procedimentos cirúrgicos mais comuns a nível global: aumento de mama e lipoaspiração. Procedimento cirúrgico mais comum na Coreia: cirurgia da pálpebra dupla. Uma operação para fazer as pálpebras parecerem menos «asiáticas».

Poder-se-ia ser perfeito, interroguei-me, sem se ser branco?

£9,99 por 125ml de «creme real de embranquecimento da pele». Aplicar generosamente. Aclara e tonifica suavemente.

— Damos-lhe o melhor quarto, Menina Smithi — disse a mulher atrás do balcão, balançando de excitação à vista de uma cliente neste tempo outonal. E depois ainda mais, mais, como o seu deleite subiu às alturas quando Byron entrou pela porta.

— Sua amiga?

Virei-me para olhar para Byron, e ela pela primeiríssima vez dirigiu-se a mim, postou-se nem a um metro de distância e replicou com um sotaque nitidamente do Sul da Inglaterra, tal e qual o de Gauguin: — Acabámos de nos conhecer, mas julgo que viremos a ser amigas.

— Sim — respondi, e a minha respiração acelerou-se, o meu coração tão acelerado, que senti o pulsar do sangue de lado na garganta. — Boas amigas.

Deram-lhe o quarto ao lado do meu. As nossas varandas eram adjacentes. Ali fiquei, vendo o mar bater contra a rocha vulcânica, ouvindo o grito das aves marinhas ao avistarem um barco carregado de peixe a sulcar as águas. O vento, primeiro fresco, fazia-se frio, e deixei-o penetrar-me a pele, abrandando-me o coração, o sangue, a respiração, até que por fim Byron

assomou do seu quarto, e postou-se na varanda ao lado da minha, dividida por uma vedação baixa de galhos entretecidos e um par de vasos com plantas.

Por fim ela disse: — Não a vi chegar ao hotel.

Já esquecido, o nosso encontro.

— Nem no ferry — acrescentou.

Ela tem medo de mim; um interessante e não indesejável desenvolvimento. Byron¹⁴ orgulha-se, porventura, dos seus poderes de observação, e contudo aqui estou eu, aparecendo como que por magia, e isso é por de mais surpreendente, e ela tem medo.

Não posso ficar muito tempo neste hotel; se somos as únicas hóspedes, os proprietários irão ficar perpetuamente surpreendidos ao verem que eu tenho uma chave.

— Uma chávena de café? — sugiro. — Qualquer coisa que comer?

— Estava a pensar ir talvez dar um passeio pela montanha. Já que vim até aqui.

Sem pressas: uma afirmação do seu poder. Ela sabe que eu não vou a lado nenhum.

— Boa ideia. Vemo-nos quando voltar.

*

Ela não vai dar passeio nenhum pela montanha. Se se pudesse lembrar de que me comunicara as suas intenções, teria provavelmente passado à prática. Eu vou correr ao longo da praia. A costa é de cascalho, que se transforma em areia sob um escudo de árvores suspensas. Descubro que estou cansada ao fim de apenas cinco minutos, e volto a subir o monte até ao hotel.

Escrevo uma hora, um lugar — o restaurante do hotel, limpo à pressa para os seus inesperados hóspedes — e faço-o deslizar por baixo da porta do quarto dela.

Duche.

Mudar de roupa.

Plano, plano de reserva, reserva para a reserva. Atenhamo-nos com demasiada rigidez a um plano, e poderemos afogar-nos nele, mas deixemos de planear com antecedência, e afogar-nos-emos de certeza.

Interroguei-me onde estaria Luca Evard, e se pensaria em mim de todo.

CAPÍTULO 56

O prato nacional coreano é o *kimchi*.

Ao viajar, é importante ter-se uma mente aberta. Permite-nos entabular conversa com um estranho, elogiar o nosso anfitrião, estabelecer discurso e encontrar alguma perspectiva.

Digo isto como alguém que experimentou *kimchi* com uma mente aberta, e achou repulsivo. Talvez, dizem os aficionados, eu não tenha experimentado as melhores espécies.

Ingrediente básico: couve, conquanto possam ser usados pepino ou cebolinho. Temperar com salmoura, pimenta malagueta, gengibre, rabanete, molho de camarão, molho de peixe, etc. Enterrar num recipiente de barro, talvez com um laivo de camarão fermentado para ajudar o processo, e deixar debaixo de terra por uns meses, até o prato estar agradavelmente decomposto. O primeiro coreano no espaço, Yi So-yeon, foi enviado para as estrelas com algum do mais caro *kimchi* conhecido do Homem, depois de ter sido especialmente tratado para remover as bactérias mais nocivas e reduzir o odor. Quem quer passar seis meses numa estação espacial a tresandar aos requintadíssimos vegetais fermentados da avó?

Byron¹⁴ já lá estava em baixo, sentada a uma mesa junto de uma larga janela com vista para o mar. Éramos as únicas no restaurante. Quando me sentei, a nossa anfitriã pôs *kimchi* na mesa com as ementas, só para nos fazer entrar no espírito da refeição.

Sossego, momentâneo. As nuvens sobre o mar estavam a adquirir uma escuridão de falsa noite, obscurecendo o Sol, encobrindo o céu. As embarcações mais pequenas rumavam para o porto, os cargueiros maiores aparentemente imóveis no horizonte, até se olhar uma segunda vez, e perceber-se que tinham desaparecido. A luz do restaurante refletia-nos os nossos rostos de volta contra o vidro. Esperava que Byron tivesse ido à casa de banho antes de descer — precisaria da sua atenção ininterrupta.

Por fim ela disse, olhando para mim:

(pela primeira vez)

(esta vez)

— Tem o Perfection?

Pus a pen USB sobre a mesa entre nós.

Um lampejo nos seus olhos, um ligeiro suster da respiração — surpresa?

Excitação? Talvez ambas.

— É isto? — perguntou, mirando a pen USB.

— É isto.

Os seus olhos tardaram um momento mais talvez do que ela desejava, depois ergueram-se para olhar para mim, um esforço ativo, vontade consciente. Inteligência em cada parte dela, suficientemente inteligente talvez para se fazer de burra, para sorrir e assentir à estupidez dos outros, sem fingimento agora, estava feliz por mim para ter medo.

— Toda esta correria, e dá-mo ao jantar?

— Pensei deixá-la pagar a refeição.

Byron fala, voz branda, suprimido o sotaque inglês. — Confesso-me perplexa. Porquê esta viagem? Porquê tanta trabalhadeira?

— Precisava de falar consigo a sós, cara a cara, num ambiente isolado longe de perigo.

— Porquê?

— Encontrarmo-nos nos meus termos dá-me o controlo da situação.

— Há formas de exercer controlo sem correr riscos.

— As palavras são complicadas. Eu precisava de me encontrar consigo.

— Pois bem então — disse ela por fim. — Aqui estou. Valeu a pena?

Bati na superfície da mesa, a ponta do meu dedo indicador roçando a pen USB. — Diga-me você.

Silêncio entre nós. Silêncio atarefado e fluente. Impressões causadas, imagens encontradas. Deixei-a olhar, sustive-lhe os olhos, desafio, eu, o meu olhar fixo, deixá-la fitar-me e tirar cada conclusão que puder, não é nada, é só agora.

Um temporal formando-se no mar, sem trovões, sem relâmpagos, apenas o vento e as ondas, um esbater da luz.

Por fim ela disse: — Não a vi no ferry.

— Não. Não viu.

— Não a vi no porto.

— Não. Tão-pouco aí. Eu tenho perguntas.

Ela levantou ligeiramente os ombros, o queixo descaindo. — Muito bem, então: pergunte.

Eu disse: — Quem é Gauguin?

Um sorriso ao canto da sua boca, os olhos viram-se para o mar, depois para o teto, depois voltam a mim, fazendo-se esperar. — Ele dantes

trabalhava para o governo.

— E agora?

— Agora trabalha para a família Pereyra.

— Porquê?

— Melhor pensão.

— Uma resposta que signifique alguma coisa, por favor.

— Culpa, sobretudo, julgo eu. Éramos amantes.

Tão inexpressivo, tão simples, tão fácil, uma mentira? Uma verdade? Uma verdade que soa como uma mentira?

Ela prosseguiu, o dedo passando pelo rebordo do prato de *kimchi*, sem comer. — Rafe e Filipa acreditam que Matheus Pereyra foi assassinado. Gauguin sente o mesmo; mais, ele sente que deveria ter sido capaz de o evitar. Sente remorso por não o ter feito.

— Ele foi assassinado?

— O médico-legista deixou a conclusão em aberto. Havia ambiguidades no relatório de toxicologia.

— Gauguin pensa que você matou Matheus?

— Sim.

— Matou?

Ela meteu os lábios para dentro por um segundo, depois soltou-os, sorriu, olhou para mim sem remorso ou júbilo, disse: — Sim.

Ela sabe o que dará, ela sabe o que tomará.

— Porquê?

— Numerosas razões; rala-se?

— Gauguin ligou-me a si. Se ele não o tivesse feito, acho que não se ralaria. Você fez-me aterrar no meio da sua trapalhada.

— Isso não é inteiramente verdade.

— Não é?

— Não — cismou ela, pondo gentilmente ordem nos seus pensamentos, voz ligeira. — Claro que não. Você escolheu roubar o Crisálida no Dubai. Escolheu fazê-lo no meio do evento público mais importante de Rafe, ante os olhos do mundo. Escolheu humilhá-lo, lesar as perspetivas do Perfection nos Emirados. Você fez a cama e deitou-se nela, e eu e Gauguin fomos meramente atraídos pelo ressonar.

— Eu só queria os diamantes.

— Queria? Havia outras maneiras de os roubar que não envolvessem

humilhar Rafe.

— Eu queria... — As palavras faltaram-me. Virei-me para ver as nuvens escurecendo sobre o mar, ao largo, o horizonte desvanecendo-se onde o mar se tornava céu sombreado.

Byron ajustou os seus pauzinhos, esperou. No Oriente, nunca deixes os pauzinhos numa tigela de arroz quando acabares de comer; fazê-lo é uma oferta aos mortos. Outras tradições: o quatro é um número azarado, 四, sì, tem o som da morte, 死, lembra-te sempre igualmente de que... de que... foda-se. O que for.

Ela esperou que eu ficasse desconfortável, esperou que os meus pensamentos se desvairassem, desaparecido o controlo, palavras e negações rodopiando inutilmente pela parte do meu cérebro em que deveria estar disciplina. Esperou um momentinho mais, depois disse, os seus olhos apontando para a pen USB entre nós: — Parto do princípio de que esta não é a única cópia.

— Não. Porque matou Matheus?

— Não estou certa de que seja esse o assunto da conversa.

— É, acredite em mim.

Ela inspirou de um fôlego, depois soltou as palavras em catadupa, controlada e experiente. — Talvez porque ele fosse responsável pelas mortes de muitos milhares de pessoas. Não por matá-las ele próprio, é claro. Matheus era bem mais que um magnata dos meios de comunicação; investia na política, formava lobbies até mais não, comandava campanhas. Isto não é nada fora do comum; ele era um homem com dinheiro e uma ideologia. A ideologia dá cor à verdade. Ao ser publicada uma tese sugerindo, por exemplo, que comer erva-príncipe era uma cura tão eficaz para o cancro como a quimioterapia, ele ordenou aos seus editores que publicassem a história. Naturalmente, o estudo foi escrito por um chanfrado e foi instantaneamente descartado, mas ele deu-lhe voz. Um polícia abateu a tiro uma criança, o chui apelidado de heroico ao comando de Pereyra, a criança caluniada como ladra, irrecuperável aos treze anos de idade. O chui era branco, o rapaz era preto; é uma história comum. Uma campanha eleitoral baseada no ódio ao estrangeiro, aos pobres, ao desconhecido, cada mentira claro está destruída por peritos — mas Matheus Pereyra não publicava as opiniões dos peritos, mas antes... publicava a gritaria. Sempre, o mundo em gritaria, estridente, gritaria.

» Nesses tempos eu ainda trabalhava para o governo, e um dia recebi um telefonema a dizer que Matheus ia publicar uma história a respeito da ex-mulher de um membro do parlamento. O membro do parlamento estava a ser julgado por corrupção — falsificara contas, vendera bens públicos no valor de £1,3 mil milhões a um bando de amigos seus por £400 milhões, tirando uma agradável comissão de £150 milhões no processo. Os seus amigos eram antigos colegas de universidade; colegas de Matheus também. Mas ele batia igualmente na mulher, e um dia ela fartou-se, pegou em todos os registos dele, prova do que ele fizera, e foi à polícia.

» Pusemo-la na proteção a testemunhas, com novo nome, nova identidade. Matheus descobriu-a. O cabeçalho era «O Rosto da Traição», seguido de uma exposição de quatro páginas, pintando-a como viciada em drogas, adúltera, mentirosa. Fotografias dela, do sítio onde vivia, dos seus filhos. Eu disse-lhes que o artigo estava embargado, ordem do tribunal. Não o publiquem; irão comprometer uma investigação em curso. Fui ao topo, a Matheus em pessoa. E ele simplesmente olhou para mim e disse: «Esquece, cabra».

Ela repetiu as palavras dele de forma distante, uma coisa meio relembrada, tornada inumana com demasiada contemplação.

— O caso de corrupção desabou, claro está, e o membro do parlamento retomou o seu poleiro, e venceu; e no dia a seguir a ter recuperado os filhos, a mulher ingeriu uma overdose. Não morreu — estas coisas são difíceis de acertar. Levámos Matheus a tribunal por comprometer um julgamento em curso. Perdeu, sentenciado a pagar uma multa de £75.000. Riu-se, quando o ouviu. «Esquece, cabra», disse, e claro está que tinha razão. Faria o que quisesse, e era tudo, e o máximo que se podia fazer era esquecer. Palavras gritadas suficientemente alto; «O primeiro-ministro mentiu», «Provoca doença cardíaca», «O imigrante matou a sua senhoria». Todas essas vidas destruídas, o sufocar do debate, o elevar do ruído acima do conteúdo, a simplificação, objetivação, a brutal destruição de pensamento que ele cometeu contra toda a humanidade. Os mortos que se recusaram a tomar medicamentos porque a erva-príncipe resultaria, as armas que foram disparadas porque ele é um extremista que nos tirou o emprego, as mulheres rotuladas de pegas, putas, *más mães*, os que se safaram com isso porque sabiam que mãos apertar — e pergunta-se porque haveria alguém de querer vê-lo morto?

Assenti para nada em especial, pensei em Luca Evard, tentei, sem grande convicção: — Isto é o mundo moderno, há recursos, meios de fazer justiça...

— Tais como.

— Verdade.

— Sem significado, se não puder fazer com que seja ouvida.

— A lei.

— Não se não tiver dinheiro para pagar por ela.

— A História está cheia de batalhas ganhas pelos oprimidos contra os grandes.

— Está? Cite-me uma vitória significativa. Quando se deu o desastre de Bhopal, mais de três mil pessoas morreram e meio milhão de pessoas ficaram feridas ou inválidas. O desenlace? Sete ex-empregados da empresa química foram condenados a dois anos de prisão cada e a uma multa de \$2000. A empresa-mãe foi multada em \$450 milhões e é agora a terceira maior produtora de baterias no mundo. *Deepwater Horizon*, onze mortos e quase cinco milhões de barris de crude derramados para o mar. A BP multada em \$4,5 mil milhões. Lucro da BP em 2013: \$23,7 mil milhões. Desejaria números mais pessoais? Ódio inter-racial, discriminação com base na religião, sexo; reportagens sobre alteração climática, sobre desenvolvimento científico, sobre descobertas médicas, versus relatos sobre os números da imigração, o crime violento e personalidades de celebridades, demolimos a verdade, a amarga, mal-amada, massacrada verdade? Diga-me, num mundo em que riqueza é poder, e poder é a única liberdade, o que não fariam homens desesperados para serem escutados?

— Direitos civis, emancipação sexual, liberdade de expressão, a abolição da escravatura...

— Necessidades económicas. Em 1789 os Franceses rebelaram-se e encontraram um imperador. Os Americanos encontraram a liberdade dos Britânicos e escravizaram os Africanos. A Primavera Árabe floresceu e os militares e os jihadistas tomaram o poder. A internet deu-nos a todos o poder da palavra, e o que descobrimos nós? Que a vitória vai para aquele que grita mais alto, e que a razão não vende. Nunca ouviu padres proclamarem que os mansos herdarão a terra e se interrogou se os reis da antiguidade não sorririam ao ouvi-lo? A sua recompensa vem após a morte. Nirvana. A roda da vida gira e somos elevados de animais a mulheres, de

mulheres a homens, de homens a reis, de reis a deuses, de deuses a... perfeição. E o que é a perfeição hoje? Não crucificação, não pobreza pacientemente suportada no topo da montanha. Não — a vida perfeita é ter um salário anual de £120.000, um *Aston Martin*, uma casa de £1,6 milhões, mulher, dois filhos e pelo menos duas férias no estrangeiro por ano. A perfeição é um ídolo edificado sobre a opressão. A perfeição é o céu que manteve as massas oprimidas; a promessa de uma vida futura que suprime a rebelião. A perfeição é o ódio a si própria que uma mulher obesa sente quando vê uma modelo esguia na televisão; a perfeição é o ressentimento que o homem bem pago experimenta ao contemplar um miserável milionário. A perfeição mata. A perfeição destrói a alma.

Silêncio.

Ela não elevava a voz. Estas palavras haviam sido proferidas uma centena de vezes antes, conquanto talvez só para ela própria. Lá ao longe sobre o mar, o Sol punha-se, o reflexo da sua passagem reverberando na água e na parte inferior das nuvens, negro e ouro. A nossa anfitriã, vendo uma oportunidade de atacar, dardejou entre nós com uma exclamação de: — Prontas para pedir?

Byron jogou pelo seguro, pediu menu vegetariano, couve e massa chinesa, caldo e ovo. Eu escolhi um prato ao acaso e sorri debilmente enquanto as ementas eram recolhidas, os copos retirados. Nem ela nem eu beberíamos esta noite.

Silêncio.

— Enriqueça — disse ela por fim. — Emagreça. Trate-se. Arranje um carro. Case-se. Torne-se perfeita.

— Por vezes é difícil saber o que vale a nossa vida.

Um tremor no canto da sua boca, desprezo, talvez? Ela ainda me é desconhecida. Tudo bem: segui-la-ei até aos confins da Terra, encontrá-la-ei uma centena de vezes até a conhecer.

— «Valor» é um conceito quase tão perigoso como «perfeição» — disse ela. — «Valioso», ser...

— Importante. Honroso. Ter mérito ou préstimo. Possuir qualidades merecedoras de reconhecimento e atenção.

— E não somos nós valiosas? — perguntou ela, rolando a extremidade de um pauzinho de cerâmica de um lado para o outro entre o polegar e o indicador da mão direita. — São as nossas vidas desprovidas de mérito?

Não somos generosas para os nossos amigos, amáveis para os estranhos, hábeis nas nossas áreas de perícia, fiáveis para pagar a renda, meigas com as crianças, rápidas a chamar uma ambulância quando vemos um homem atropelado por um carro, atenciosas em palavras e ações? Não temos nós valor bastante? Não somos nós já perfeitas? Perfeitamente nós mesmas? Perfeitas sendo quem somos?

— Não tenho ninguém com quem comparar essa qualidade.

— Acredita em Deus?

— Não.

— Tem olhos, julgamento?

— E eu vejo o mundo, mas não tenho os olhos de outra pessoa com os quais confrontar a minha visão.

— É claro que tem. Tem as palavras de amigos e estranhos. Tem discurso e razão. Tem pensamento crítico, que pode ser treinado até ao mais alto grau. Em resumo, não *precisa* do mundo para lhe dizer o que ser. Especialmente se o mundo lhe diz que nunca é suficientemente boa.

— Eu sou uma ladra — disse eu, e pela primeira vez desde... não sabia ao certo há quanto tempo... as palavras não eram orgulhosas. Quase... zangadas, talvez.

De novo, um ligeiro encolher de ombros: estas coisas não lhe interessam.

— Vivêssemos nós num tempo diferente, talvez fossem cantadas baladas em sua honra. Neste dia e época, 0,7 por cento do mundo possui 48 por cento da sua riqueza. É ser ladra uma tão grande denúncia?

— Sim — dardejei, surpreendida com a minha veemência. — Se eu roubasse por uma causa, talvez; se eu roubasse por algo importante...

— É valioso viver — corrigiu ela — quando a alternativa é morrer. A vida é preciosa.

— Mas Matheus Pereyra morreu.

— E os seus filhos construíram o Perfection — a vida é complicada. Desafia a ordenação matemática ou a balança da justiça.

Inclinei-me para diante sobre a mesa, unindo os dedos, pousando o queixo no arco das minhas mãos. — Porque não matar Filipa? — perguntei. — Ela construiu o Perfection.

— É melhor matar Rafe — ele transformou-o de um projeto científico em algo que pudesse vender. Filipa sempre foi uma criança assustada; pensou que podia programar as pessoas para serem mais inteligentes, mais

afáveis, mais corajosas, porque estas são todas coisas que ela não é. Rafe viu o trabalho dela e transformou-o num algoritmo que torna pessoas ricas mais ricas, as pessoas pobres mais pobres; isso divide o «eles» do «nós» e aproveita-se da dúvida da humanidade ante si mesma. Foi ele que criou o 106.

— Sempre houve elites. Três quartos do gabinete do Reino Unido são milionários. Obter um assento no Congresso dos EUA custa à volta de dez milhões de dólares americanos. O 106 não é nada de novo.

— Mas os tratamentos são.

A respiração susteve-se-me na garganta. Ela viu-o, viu-me lutar para não o mostrar, viu-me perder, sorriu ante o meu esforço. Constatou que estou com medo — com muito medo — de Byron14. — Fale-me deles.

— O que foi que observou?

— Tem tudo o que Filipa criou para o Perfection aqui — respondi, dando uma palmadinha na pen USB. — O código da aplicação, os nomes das pessoas que a usaram, a ciência por trás dos tratamentos — e a preço reduzido também. Diga-me o que eu quero saber.

Um suspiro, exagerado, ela reclinou-se na cadeira. Esta é uma das muitas coisas que ela está disposta a dar de graça, uma pequena verdade, talvez, para suavizar todas as mentiras. — Os tratamentos foram criados por Filipa Pereyra. Uma criança desajeitada castigada por ser desajeitada, o que, claro está, a tornou mais desajeitada. Ela aprendeu já até certo ponto a habilidade de o encobrir, mas é apenas um... algoritmo, digamos. Uma rotina aprendida pelos números, à medida que tenta computar o seu caminho através da vida. Eu diria que ela é muito solitária.

Eu acho que é.

(Você é uma estranha para mim. É você?)

(Quão entusiasmada ficara de me ver, da última vez.)

— Continue — soprei.

— Ela estudou a mente. A família deixou-a; não valia a pena envolver a irmã em negócios, isso ia tudo para o irmão — mas a investigação dela tornou-se cara, difícil. Eles não abarcavam plenamente aquilo em que ela estava a trabalhar, não até ela falir, uma parte demasiado avultada dos seus fundos derramados no esforço. Isto foi uns... dois, três anos depois de o pai morrer? Rafe socorreu-a, mas, mais que um irmão, ele é um homem de negócios. O preço foi a sua investigação. Ela aceitou, está claro. Não lhe

interessava quem era dono do seu trabalho, desde que pudesse continuar. Os tratamentos começaram como uma experiência para ajudar crianças com graves dificuldades. Creio que tem alguma coisa a ver com elétrodos — é tudo muito técnico.

Estimulação cerebral profunda. Utilização de uma sonda elétrica para induzir uma fraca corrente elétrica, causando atividade em partes do cérebro de outro modo não estimuladas. Uma ferramenta ainda por comprovar, embora com alguns desenvolvimentos prometedores no tratamento da depressão, esquizofrenia, derrame cerebral — são necessárias mais pesquisas.

(Onde fora que eu lera aquilo? Em Tóquio, no hotel, ao investigar Filipa. «Todo o pensamento é retroalimentação», disse ela. «A repetição de um pensamento reforça as vias neurais.» Uma simples frase, fácil de dizer à pressa, segura de não ofender, e, dentro dela, os blocos de construção da consciência.)

Byron, menos interessada no como do que no quê. — Os resultados foram de limitado interesse para Rafe, está claro. Podia vendê-los por um tanto, mas não eram algo que ele pudesse publicitar nos jornais. Então a irmã disse-lhe qual era o derradeiro objetivo da sua investigação e, claro está, ele ficou de longe mais interessado.

— E qual era o derradeiro objetivo? — perguntei, pressentindo já a resposta, cansada pela suspeita, prestes a tornar-se uma certeza.

— Tornar toda a gente melhor. Todas as pessoas. O Perfection é simplesmente uma ferramenta de estilo de vida. As atividades positivas são recompensadas, as negativas punidas — nada de novo. Os tratamentos são o passo seguinte. Pega-se numa vulgar mente humana, com todos os seus defeitos e medos, e impõe-se-lhe um... — uma pausa, um sorriso, Byron rindo à conta da palavra, com um riso destituído de humor — ...um padrão «melhor». Na dúvida — confiança. No terror — bravura. Ansiedade vira ambição; humildade vira garantia. Os tratamentos apagam os padrões de comportamento humano que são considerados imperfeitos, falhas de caráter poder-se-á dizer, e substituem-nos por um modelo de humanidade que é... deveremos dizer — e acho que aqui deveremos, sim — deveremos dizer «perfeito»? O homem perfeito. A mulher perfeita. Por si só, uma ideia apelativa, talvez. Filipa estava apaixonada por ela — não pelo conceito de perfeição, mas pela muito simples noção de que podia tornar as pessoas

melhores. Quando começou, podia dar uma voz de volta aos mudos, ajudar as pessoas sofrendo de depressão a encontrar um patamar de onde pudessem começar a reconstruir. Programou a eliminação de fobias, ajudou a mulher tímida a falar diante de uma multidão dos seus pares, tudo com a ciência. É mais fácil fazer ciência, para Filipa, do que coisas humanas, penso eu. Então Rafe pegou no seu produto, e redefiniu os objetivos finais. Deixou de ser um sucesso a superação de extrema ansiedade — os tratamentos iriam ser oferecidos aos 106, para ajudarem esta nova elite a tornar-se algo mais. Rafe perguntou a si mesmo que comportamentos seria... *sexy* reforçar. No que os seus compradores se querariam tornar. Encontrou a perfeição. Uma perfeição definida pelas revistas e pelas telenovelas, pelas estrelas de cinema e capitães da indústria. Perfeitamente charmosa. Perfeitamente refinada. Perfeitamente confiante. Perfeitamente ambiciosa. Perfeitamente um monstro — iria você tão longe?

Parker, sorrindo para mim em Tóquio. Recusando ajuda quando eu estava a arder em Istambul.

— Sim — disse eu. — Julgo que iria.

— Filipa criou um dispositivo para tornar toda a gente perfeita, e igual. O Perfection vende o Nirvana num eletroíman.

Nirodha e *magga*, liberdade do *samsara*, o fim do caminho óctuplo budista.

— Talvez seja uma espécie de céu — cisme. — Talvez os 106, quando são perfeitos, sejam também livres.

— Talvez sejam — respondeu ela, rolando os pauzinhos entre os dedos. — Livres de dúvida, ansiedade, culpa, compaixão, empatia, e tudo o que isso traz. Será apenas uma questão de tempo até os tratamentos serem alargados a mais que só o Clube 106. Eles são uma boa amostra experimental; voluntários, monitorizados através do Perfection. Mas Rafe vê o lucro disso, e eu não tenho dúvidas de que venderá. Consegue imaginar um mundo em que toda a gente tem tratamentos? Consegue imaginar um planeta coberto de felizes, sorridentes, perfeitos clones?

— Sim. Acho que consigo.

— E não fica estarecida? — cismou ela, pousando os pauzinhos no limite do individual, com surpresa exagerada no rosto. — É obsceno.

— Muitas coisas são obscenas — o que faz disto a sua batalha?

— Ah, estou a ver — não posso simplesmente ter uma causa? Os

ambientalistas protestam contra a alteração climática, e contudo os degelos árticos ainda não atingiram os seus cachorrinhos.

— Não mo dirá?

— Dir-me-á porque é que roubou os diamantes Crisálida?

— Quis foder algumas ricas mimadas. Quis assustá-las e humilhá-las. A minha amiga — não era minha amiga — tinha o Perfection, e estava muito só, e eu não me apercebi, e ela morreu, e elas estiveram-se nas tintas e eu pensei... fodam-se. Foi um lapso momentâneo no meu profissionalismo.

— A mim soa-me como uma causa.

— Não foi; não foi de todo. Não me diz?

Byron pegou num pedaço de *kimchi* com a extremidade dos pauzinhos e não respondeu.

Encostei-me na cadeira, de braços cruzados. A pen estava entre nós, e por um momento considerei sair lá para fora, lançá-la ao mar, ver se aquilo apagava o sorriso do seu rosto.

Nenhuma de nós se moveu. Por fim eu disse, indicando a pen com o queixo: — O que fará com a informação aqui contida?

— Imagine.

— Não. Passei uma data de tempo a imaginar. Por vezes as fantasias têm de parar.

— Sabotarei o Perfection, destruí-lo-ei a partir de dentro. Mostrarei à humanidade que é obsceno, e ninguém se esquecerá.

Retraí-me, e ela viu o movimento, não o compreendeu, um tremeluzir de sobrolho. Passei a língua pelos lábios, olhei para baixo e para o lado, perguntei para o chão: — Morrerão pessoas?

— Talvez. — A pen USB entre nós, o código base do Nirvana, céu desprovido de dúvida, um mundo sem medo. A cabeça dela, ligeiramente inclinada de lado, sobrancelhas erguidas. — Isso é um problema?

— Talvez. Acho que... sim.

— Para destruir o Perfection, tenho de destruir a capacidade de Rafe o vender. Para evitar que as pessoas procurem tratamentos por sua iniciativa, os danos terão de ser significativos.

— Há maneiras de conseguir isso que não envolva cadáveres.

— Talvez esteja certa. Talvez não.

Silêncio. Abri a boca para dizer isto é obsceno, tudo isto, risível,

obsceno, indigno, nós, indignas, nós próprias indignas, julgar, ser, falar, uma assassina e uma ladra, ridículo, está claro, simplesmente ridículo.

Não vieram palavras.

Em vez disso, a nossa anfitriã. Tigelas de cerâmica cheias de caldo e massa chinesa, couve e tiras de tripas fritas, bolas de peixe e, é claro, mais *kimchi*, para diluir o sabor.

Byron era boa com os pauzinhos. Susteve a tigela ao alto com ambas as mãos para soprar o vapor da superfície. Emborcou ruidosamente a sopa, sem necessidade de colher.

Eu disse: — Pode replicar os tratamentos?

— Se isto contiver todos os dados de Tóquio? Sim.

— Pode eliminar a programação de Rafe?

— Porquê?

— Há partes da criação de Filipa que merecem sobreviver. Disse que começou como terapia da fala, como um tratamento para a depressão...

— Assim que se começa a tentar reprogramar o cérebro humano de fora, não há como parar — retorquiu ela, mais dura e contundente do que julgo que fosse a sua intenção.

— Esse não foi sempre o argumento contra toda a ciência? Terapia genética, retrovirais, modificação de plantas, energia atómica...

— Da qual temos o potencial para curar o cancro, colheitas capazes de sustentar uma população humana de milhares de milhões, bactérias resistentes a medicamentos e a bomba nuclear — dardejou ela. — Não sou ludita⁶ nenhuma, mas se a História da humanidade nos ensinou alguma coisa, é que somos crianças, e isto não é brinquedo que devemos usar.

— Acho que está errada — respondi. — Acho que há algo nos tratamentos de Filipa que me poderia ajudar. Concordo consigo quanto a praticamente tudo o que disse — concordo que são obscenos, e que aquilo em que se tornaram é vil. Mas a tecnologia fundamental, como a projetava Filipa, não é boa nem má, meramente uma ferramenta. Acho que me ajudará a tornar-me algo que não sou há muito tempo, e preciso de saber se tem a capacidade de descompactar essa informação, ou se preciso de voltar à Filipa para obter o que preciso.

Surpresa, total e absoluta, um lampejo perpassando-lhe pelo rosto. A minha voz elevava-se, a nossa anfitriã fitava-nos do outro lado da sala.

Byron pousou a tigela, os pauzinhos para o lado, levou um momento a ordenar os pensamentos, por fim soprou: — Quer tratamentos?

Deixei escapar uma exalação que me apertava algures o fundo do estômago, e disse: — Sim.

— Em nome de Deus, *porquê?* — Horror, indignação, incompreensão, de mim, dela própria. Poderia achar que começara a conhecer-me e acreditava agora estar tão enganada?

— Porque as pessoas me esquecem — respondi. — E estou sozinha há demasiado tempo. E tudo bem. Saía-me bem. Tinha as minhas... as minhas regras. Correr, contar, andar, falar, conhecimento, sempre, saber coisas, preencher esse espaço onde... onde deveriam estar outras coisas, coisas como... como trabalho ou amigos ou... mas tudo bem. Saía-me bem. Porque era o que tinha de ser feito, era... até que vi Parker. O único e ímpar Parker de Nova Iorque, lembrava-me das palavras, lembrava-me de as escrever, de as ler — não me lembrava dele. Só que ele fez tratamentos. E agora eu lembro-me dele.

Byron, premindo os pauzinhos um contra o outro, depois erguendo ambas as mãos e entrelaçando suavemente os dedos, um ato consciente, um lembrete físico a si própria para ser alguma coisa, ou não ser qualquer outra coisa. Programação neurolinguística; uma pulseira de borracha em torno do pulso. Giro-a e sou outra coisa, giro-a e fico calma. Ela estava calma; ela era calma.

Girar girar. Faça o que fizer, neste momento, estou aterrorizada.

Devagar, abarcando/não abarcando, sobancelhas descidas, lábios apertados: Byron, considerando.

Considerar: revolver na mente. Pensar cuidadosamente.

Considerai os lírios do campo cuja flor é tão breve
Nós somos assim;
Como eles, a nossa vida se extingue
Como uma folha⁷

Reprimirá o conhecimento as lágrimas? «Considerai», poema, Christina Rossetti, n. 1830, m. 1894, diluirá o conhecimento o lugar onde deveria estar a fantasia, a imaginação, os sonhos de amigos e amor? Preencherá a respiração o vazio onde eu deveria ter humanidade, cultivada e acalentada

pela experiência humana, experiência dos humanos? Eu nada mais sou que isto?

(Pesquisa do Google: mulher perfeita. Lábios como a celebridade x, cabelo como a celebridade y, marido, carro, casa, anel de diamante, jovem, branca, um filho, talvez dois — houve um tempo em que eu queria ser perfeita, nada se interpunha no meu caminho porque não havia ninguém à minha volta, atrás de mim, comigo, apenas eu própria, apenas a minha vontade, Nietzsche, vontade de poder, Cristianismo, o triunfo da fraqueza, palavras sempre palavras e pensamentos e palavras e cala-te cala-te cala-te!!)

Então ela disse: — Ser-se esquecido é ser-se livre, sabe disso, não sabe?

Fácil, coisa fácil, uma parte minúscula de um argumento maior, ouvi as palavras e as minhas mãos bateram na mesa com tanta força e rapidez que a sopa transbordou da tigela dela, os talheres tilintaram, ela saltou e eu berrei: — *Eu jamais fui livre!*

A minha voz, suficientemente alta para fazer a anfitriã encolher-se, suficientemente alta para assustar qualquer outro ruído, pelo que o silêncio, agora vindo, tinha a sala toda para si, ensurdecador.

Eu sou a minha respiração. Eu sou a minha respiração entrecortada e arquejante. Eu sou fúria. Eu sou as minhas lágrimas — quando vieram elas? Eu sou injustiça. Eu sou danação. Eu estou aqui, eu sou real, lembrem-se de mim, lembrem-se disto, como podia alguém esquecer-se? Como podes olhar os meus olhos vermelhos e o meu rosto congestionado, ouvir a minha voz, e esquecer-me? És sequer humana? Sou eu?

Por fim, ela disse, e foi afável: — Tudo bem.

Eu sou os meus dedos agarrando a mesa.

Eu sou a mesa.

Corpo de plástico e metal.

Eu sou frio.

Eu sou o céu a escurecer lá fora.

Eu sou o mar com a sua correnteza.

As lágrimas são meramente água salgada e calor no meu rosto; nada mais. Substâncias químicas. Mucina, lisozima, lactoferrina, lacritina, glucose, ureia, sódio, potássio, é tudo o que as lágrimas são. Um mecanismo biológico para a limpeza do olho. Facto curioso: lágrimas de emoção têm uma composição química ligeiramente diferente das lágrimas

basais ou reflexas.

Eu sou conhecimento.

E de novo, Byron diz, e há tanta afabilidade na sua voz, uma mulher de idade sorrindo para mim do outro lado da mesa, resistindo à tentação, talvez, de pôr a mão na minha: — Tudo bem.

*

Fi-la escrever os termos do nosso trato.

Porquê: tendo entregado o código base do Perfection, Byron14 dará a Porquê, o mais brevemente possível, acesso a e conhecimento de tratamentos tais que a possam tornar memorável.

Assinado por ambas.

Nenhuma de nós aventou ideias sobre o que aconteceria em caso de traição. Teria sido rude.

Tirei uma fotografia do guardanapo em que foi estabelecido o contrato; ela fez o mesmo. Depois fi-la tirar-me uma fotografia a mim, ao meu rosto, sustendo o guardanapo por baixo. Ela perguntou porquê; eu disse para se lembrar.

Ela não tornou a perguntar porquê.

Comemos o jantar, e ela contou-me uma anedota que ouvira certa vez a um oligarca russo sobre pesca. Era comprida, e surpreendentemente ordinária.

Senti os sulcos salgados na minha pele onde as lágrimas tinham secado, mas eram as lágrimas de outra pessoa. Eu era apenas a minha voz. Eu contei-lhe aquela do patriarca, do rabino e do mulá.

Ela riu-se, do coração e a valer, e quando veio a conta pagou sem perguntar, e olhou lá para fora para o mar agora escuro e disse: — Como vamos manter o contacto?

— Enviar-lhe-ei uma mensagem com as minhas instruções. Você guarda o guardanapo — um lembrete dos seus compromissos.

— Eu não sou dada a esquecer.

— Não — repliquei, sem rancor. — Esquecerá. Mas eu ajudá-la-ei a lembrar-se.

— Temos acordo, embora eu não compreenda os seus termos.

Demos um aperto de mão. Havia ligeiras calosidades, reforçadas e

suavizadas pela repetição, nas curvaturas da sua mão direita. Interroguei-me se ela teria filhos, e imaginei que se tivesse, eles a deveriam amar muito.

— Você é uma mulher extraordinária, Porquê — cismou ela. — Por mais estranho que tenha sido, folgo por ter travado conhecimento consigo.

— O meu nome é Hope — respondi. — Terá a oportunidade de travar conhecimento comigo de novo.

Esperiei que a nossa anfitriã retirasse os pratos, pus o meu guardanapo sobre a mesa junto à pen USB, sorri polidamente, e fui-me.

⁶ Do Ludismo ou movimento do advento da Revolução Industrial, designando qualquer pessoa que se oponha à industrialização intensa ou às novas tecnologias. (N. da T.)

⁷ Tradução livre adaptada ao contexto deste livro. (N. da T.)

CAPÍTULO 57

Coisas de que sinto a falta de ser lembrada:

- Amizade
- Amor
- Companhia
- Verdade
- Compreensão
- Perspetiva

Coisas que é impossível fazer sozinho:

- Construir um monumento
- Beijar
- Obter referências
- Jogar póquer
- Desabafar problemas com um amigo

Uma pergunta: valerá a pena deixar Filipa acoplar-me elétrodos ao crânio, apagando cada aspeto de quem sou e do que acredito, se isso me permitir ser lembrada?

Fico acordada noite dentro, e não faço ideia.

CAPÍTULO 58

O ferry de volta a Mokpo.

Byron estava nele, sentada de novo no mesmo lugar, sobrancelhas desenhadas, os punhos feitos em bolas no colo. Teria dormido na noite passada? Tinha círculos escuros em torno dos olhos, talvez tivesse sido mantida acordada pelo barulho do mar.

Passei por ela algumas vezes, e ela pareceu surpreendida de cada uma delas, maravilhada que os seus poderes de observação a tivessem deixado ficar mal.

Sorri uma vez, franzi o sobrolho outra, ignorei-a da terceira vez, voltei para o meu lugar com uma garrafa de água simples com gás, dei um golinho, voltei a olhar para o mar.

*

Desembarcando do ferry em Mokpo, joelhos bambos do mar, Byron pareceu fugazmente inquieta, mas abanou a cabeça e dirigiu-se decidida para a cidade, sem necessidade de consultar um mapa.

Segui-a até à estação. Ela viu-me várias vezes, mas como cada vez era a primeira vez, nada fez. Comprou três bilhetes para três destinos diferentes, embarcou no primeiro comboio, e saiu assim que as portas estavam prestes a fechar-se; tropecei feita tola atrás dela, ela viu-me, a minha cobertura completamente pelos ares, mas de novo, tudo bem, ela esquecer-se-ia.

Embarcou no segundo comboio, um serviço mais lento que se arrastava por campos planos, e colinas baixas e perfeitamente redondas em direção a Daegu. Sentei-me a uns lugares de distância, descobri que a minha cadeira se podia virar cento e oitenta graus, soltei uma risadinha ante esta revelação, depressa me enfadei. Em Daegu ela pediu um quarto num motel, e eu pedi o quarto ao lado do dela, e nessa noite, quando ela foi à procura de qualquer coisa para comer, arrombei-o e vasculhei tudo o que era seu, que era:

- Cinco pares de cuecas, pretas
- Sete pares de meias, cinzentas
- Dois soutiens, pretos

- Duas camisas, uma branca, outra cinzenta, linho e algodão
- Dois pares de calças de ganga, azuis
- Três passaportes — um britânico, outro francês, outro canadiano, em três nomes
- Uma faca de combate, de cerâmica
- Uma escova de dentes
- Um tubo de pasta de dentes
- Um frasco de gotas oftálmicas
- Um par de óculos de leitura, metal flexível, lente forte à esquerda, lente marginalmente mais fraca à direita, criando dois mundos diferentes quando através delas espreitei
- Um roteiro de viagem para a Coreia
- Um exemplar da edição internacional de *Die Welt*, de há cinco dias
- Um frasco de comprimidos para dormir, por abrir
- Um portátil, com senha protegida

Um só cabelo tinha sido colado com saliva à tampa do portátil. Removi-o, abri o portátil por dentro, inseri uma minúscula pen drive que comprara num concessionário em Seul. Selei o computador de novo, lambi o cabelo para o devolver ao seu lugar, e fotografei tudo o que estava à vista.

Nem a pen USB de Tóquio nem o guardanapo em que tínhamos escrito o nosso acordo se encontravam em lado algum.

*

Num café do outro lado da rua da catedral de Gyesan, um edifício baixo de tijolos encarnados e arcos biselados, bebi café barato e roí o duro e estaladiço cacho de coxas de galinha servidas num saco de plástico, e contactei Byron14 outra vez.

oquêondeporquê: Para a recordar do nosso acordo. Dar-me-á acesso a toda a sua investigação dos tratamentos. Ajudar-me-á a desenvolver um protocolo para mim.

Byron14: Assim o vejo por um guardanapo na minha

posse. Vejo que tem a minha assinatura – embora não me lembre de o assinar.

oquêondeporquê: Confio em si nisto.

Byron14: Estranho que deva existir confiança entre ladras.

oquêondeporquê: Você tem cara de honesta.

Byron14: Viu-a? Ficaria fascinada de ver a sua.

oquêondeporquê: Eu sou a mulher na fotografia no seu telefone.

Byron14: Não me lembro de a tirar.

oquêondeporquê: Mas a fotografia está lá. Contacte-me quando estiver pronta para honrar a sua parte do trato.

Byron14: Anda a seguir-me, oquêondeporquê?

oquêondeporquê: Não.

Desconectei-me.

*

Procurei companhia em Daegu, mas o melhor que arranjei foi uma produção de *Turandot* na Casa da Ópera de Daegu. O público nos camarotes envergava smoking e seda; a princesa chinesa era interpretada por uma albanesa, o príncipe persa por um coreano, a mulher desesperada que morre por amor por uma argentina. Quando Liu se apunhalou até à morte pelo homem que queria casar com a princesa que a estava a torturar, uma mulher na terceira fila da frente gritou de horror, e eu interroguei-me que tragédia pessoal a levava a tão grande reação a um mau enredo. No final de cada ato os protagonistas vinham à frente da cortina fazer vénias e curvar-se, e quando a cortina final caiu, os sopranos agarraram em ramos de flores que lhes foram passados por um assistente de palco, e o público

levantou-se para aplaudir de pé.

Logrei apenas dez minutos de conversa com uma senhora de idade com inglês sem mácula por ela aprendido, informou-me, nos seus tempos de secretária de um general americano que permanecera na Coreia após a guerra civil.

— Então, tudo o que queríamos era unidade — suspirou ela —, agora as pessoas não acham que sejamos a mesma espécie dos nossos irmãos do Norte, quanto mais o mesmo país. Todos dizemos que esperamos que o regime vá abaixo, mas quando isso acontecer, quem irá dizer às pessoas do Norte para não se sublevarem e matarem-nos a todos? Talvez seja melhor deixar as coisas como estão.

— Acredita nisso?

Ela retorceu os lábios, inclinou o minúsculo nariz de pássaro para diante e para cima, considerando a questão. — Acho que é complicado. Não conheço ninguém que tente resolver os problemas das pessoas pelos números, exceto generais e primeiros-ministros. Não acho que haja uma boa matemática para o que a guerra faz às pessoas.

Queria perguntar-lhe mais coisas, mas a campanha tocou e o intervalo acabou, e, no fim da ópera, o príncipe beijou a princesa e eu desviei o olhar, incapaz de suportar.

*

De manhã, acordei e descobri que Byron se fora. O hotel não lhe chamara um táxi, não faziam ideia onde se dirigia, mas não eram muitos os lugares onde poderia estar. Apanhei um táxi para a estação, procurei-a desesperadamente, não a encontrei, amaldiçoei a minha arrogância ao pensar que podia seguir-lhe o rasto, fui até ao cibercafé mais próximo, liguei o meu portátil e sentei-me à espera.

Quatro horas e meia de espera, e quando finalmente Byron apareceu online, ri aliviada. O rastreador que lhe alojara no equipamento interno da máquina levou algum tempo a localizá-la, indo cada vez mais fundo no mapa, mas situou-a por fim num hotel em Gyeongju. Quando finalmente cheguei ao hotel, ela tinha saído não sei para onde, mas eu roubei a chave mestra da receção e esgueirei-me para dentro do quarto dela, e estava tudo como deveria estar, meias dobradas, uma camisa a secar junto ao lavatório,

televisão desligada, um único colchão desenrolado no chão de madeira, saco-cama aberto e pronto a usar. Não consegui encontrar o portátil, mas, ao verificar o meu, registei-a num café a umas ruas de distância, e fui vê-la comer raviolis chineses à mão, toda a atenção no ecrã e no seu trabalho. A minha pen USB estava inserida de lado no portátil, os dados sendo copiados, transferidos, digeridos. Era suficiente — por agora, suficiente.

*

Na manhã seguinte levantei-me às 5 horas, e às 6 ouvi o despertador dela disparar. Sentei-me a umas mesas de distância ao pequeno-almoço, segui-a pelas ruas, apanhei o comboio para Bulguk-Dong, observei-a a vigiar as ruas vazias e tranquilos hotéis brancos que conduziam ao templo na colina. Uma cidade para turistas, os hotéis oferecendo serviços em coreano, japonês, chinês, russo, inglês, francês, alemão, espanhol. Um único supermercado para os poucos residentes que restavam, um posto de turismo, redondo com telhado inclinado, uma mulher lá dentro que estendeu a Byron um folheto e disse: — É caminho muito longo para vir.

Um parque de estacionamento, meio cheio, um caminho de terra amarela subindo colina acima através das árvores. Segui Byron quinze passos atrás dela, subindo em direção ao templo escondido na sua colina, Bulgaska, ministerialmente designada «1.º Local Histórico e Cénico da Coreia», não se esqueça de ver o centro de visitas (recém-aberto) e a gruta (sagrada, oculta entre os montes). Uma suástica budista esculpida em madeira ancestral; árvores outonais de folhas vermelhas suspensas sobre lagos plácidos onde nadavam ancestrais carpas cor de laranja, observadas por um curioso gatinho cinzento pressentindo ceia.

Não havia outros seres humanos na subida sinuosa para a gruta, apenas ela e eu, caminhando. Um banco de pedra à esquerda, passado mais ou menos quilómetro e meio; um símbolo de um *bodhisattva* esculpido no penhasco, um rio correndo célere, árvores soltas à brisa.

Um par de turistas coreanos, descendo do outro lado, atulhados de mochilas às costas e grandes máquinas fotográficas, sorriu para Byron ao passar, assentindo em saudação. Sorriram de novo para mim, olhos brilhantes, vigilantes, e continuaram no seu caminho. Escutei os passos deles nas folhas e gravilha atrás de mim, uma torrente regular de pedras

correndo colina abaixo à sua passagem, e andara outros três ou quatro metros quando me ocorreu que os seus passos tinham parado. Olhei para trás por sobre o ombro, e lá estavam eles, olhando para cima para mim, esboçando ainda os seus sorrisos polidos e interessados. Virei-me, vi Byron lá adiante, de costas para mim, ainda, olhos baixos. Continuei a andar, e parei. Ela virou-se, de telefone na mão. A minha fotografia estava no ecrã.

— Oh — disse eu, enquanto ela examinava a fotografia, o meu rosto, comparando-a comigo, a mim com a fotografia. — Olá de novo — acrescentei, olhando de relance por sobre o ombro — os turistas talvez não turistas de todo agora, algo definitivo no modo como se moviam, no modo como observavam.

— Olá, Porquê — disse Byron.

Um lampejo de dúvida, um momento em que senti um aperto no estômago, mas a minha voz manteve-se firme. — Olá, Byron.

— Posso perguntar quantas vezes nos encontrámos?

— Só uma, como deve ser.

— Em Dadohaesaesang?

— Sim. Jantámos juntas.

— Achei que devíamos tê-lo feito. A conta parecia mais do que uma pessoa poderia comer, embora me lembrasse de ter comido sozinha.

Os dois turistas, definitivamente não turistas, agora perto, à distância de um braço atrás de mim, não exatamente agressivos, tão-pouco fazendo menção de se afastar.

— Mais outras vezes? — inquiriu ela.

— Falámos ao telefone em Mokpo.

— Falámos? Recebi uma mensagem escrita a dizer-me que embarcasse num ferry, mas você não estava lá.

— Estava.

— E no ferry de volta?

— Sim.

— E no comboio?

— Sim — o caminho todo.

— Anda a seguir-me?

— Claro.

— Como?

— Não com muito sucesso, neste momento, mas isso provavelmente

passará.

— Como por exemplo... como eu não me lembrar de si?

— Eu tenho uma condição.

— Que espécie de condição?

— Onde quer que vá, as pessoas esquecem-se de mim.

— Quer dizer...

— Quero dizer — expliquei simplesmente — que as pessoas se esquecem de mim.

Um lento assentir, um tempo para pensar. Depois, sem desviar os olhos da minha cara, levou a mão ao bolso, e sacou de outro telemóvel. Suavemente: — Gravei a nossa conversa ao jantar. Tenho cada palavra. Estou a gravar isto agora.

Vento através das árvores, a suástica esculpida no caminho, símbolo de afortunado ou auspicioso objeto no Hinduísmo e Budismo, símbolo de morte na Europa e no Ocidente.

Olhei de Byron para os não-turistas, e de novo de volta. Disse: — Feche os olhos. Conte até sessenta.

Ela hesitou, e depois fechou os olhos. Eu fechei os meus também, senti o vento na nuca, o declive do caminho sob os meus pés, o tempo passando, e não precisei de números, não precisei de pensar, o tempo chegou e eu estava quieta.

Ouvi um pequeno tomar de fôlego, brusco e assustado, abri os olhos, vi Byron a olhar para mim, o telefone bem preso na mão crispada, cabelo eriçado pela brisa, boca aberta, olhos contraídos.

Silêncio momentâneo. Byron assentiu com o queixo, e um dos turistas tirou-me a mochila das costas, e eu não me debati. Ela revistou o seu conteúdo, verificou o meu telefone, não encontrou nada, apalpou-me de alto a baixo, meticulosamente, com as mãos pelos meus braços abaixo, peito, pernas, sentindo à roda dos tornozelos, nada de interesse, deu-me uma olhada à carteira, passaporte, bilhete picado do comboio. Desencantadas algumas armas, mas éramos quatro estranhos num caminho no meio da floresta, e eu não sabia o que transportavam os turistas debaixo dos seus anoraques azul vivo.

Enquanto isso, Byron observava. Fascinada agora, incapaz de o ocultar, arrebatada, até deixar escapar da boca para fora: — Como é que eu me esqueço de si? — A constrição da sua cara era mais que curiosidade, mais

que um rubor de sucesso. Era quase erótica na sua intensidade.

Encolhi os ombros. — Simplesmente acontece.

— Por favor. — Desprezo, insulto, que resposta.

— Se eu soubesse, não a tinha seguido.

— *Eu estou* envolvida?

— Os tratamentos que Filipa desenvolveu tornaram memorável a única pessoa como eu que jamais conheci. Apagaram-lhe a sua amabilidade, a sua inteligência e a sua alma, mas eu posso lembrar-me dele. Isso dá-me duas escolhas — posso ir ter com Filipa e implorar-lhe que repita o processo comigo, menos a erradicação do meu coração e mente — ou posso dar-lhe a informação a si, com o entendimento de que você fará um dia por mim o que eu não posso fazer sozinha — tornar-me memorável. Dado que não pode lembrar-se deste trato à parte a evidência física que deixa para trás, estou aqui, a segui-la. Porque é que gravou a nossa conversa? — perguntei.

Uma resposta fácil, acutilante e verdadeira. — Porque estou a ficar velha. A minha memória é excelente, mas uma nuance pode tornar-se aparente à segunda ou terceira audição.

— E como é que me reconheceu?

— Tenho a sua fotografia.

— Isso... nunca é de costume suficiente.

— Fitei-a durante horas, mas por mais que olhasse, não me conseguia lembrar de si. Pelo que me lembrei das palavras. Criei mnemónicas para reter a sua descrição, e lembrei-me do processo de me lembrar. Sexo, altura, idade, cabelo, cor de olhos, vestuário — simples palavras, inúteis sem um rosto mas, aqui, talvez suficientes. Suficientes para que se eu a conduzisse a um caminho vazio, não houvesse dúvidas. Não usa uma máquina? — Incrédula, tentando abarcá-lo.

— Não.

— Drogou-me?

— Não. Você viu-me — respondi. — Depois esqueceu-se.

— *Como?!*

— Já disse: simplesmente acontece.

— Isso não é possível.

Os seus olhos moveram-se para os dois turistas que se encontravam atrás de mim. — Lembram-se de eu fechar os meus olhos? Lembram-se desta mulher aqui? — clamou.

— Sim, minha senhora — disse a mulher, e —, Sim, minha senhora — disse o homem, as suas vozes com um suave sotaque, um vislumbre talvez de americano no seu inglês.

— Eles mantinham contacto físico comigo — expliquei. — Tinham os olhos abertos, não me desvaneci na sua memória de curto prazo. As pessoas só se esquecem quando a conversa para. Você esquecer-se-á deste momento também, mesmo tendo as suas gravações.

Ela assentiu, lentamente. Perguntas vieram, perguntas foram, nenhuma parecendo adequada. Por um minuto, agora dois, ali ficámos. Agora dois minutos são três, agora três são quatro, e constato que Byron está a contar. Está a contar para trás lentamente a partir de sessenta, e depois a partir de sessenta de novo, usando o ritmo dos números para fixar a mente, para suprimir uma torrente de hipóteses, de acasos e porventuras, de impossíveis e prováveis, provados e inexplicáveis, reduzindo os seus pensamentos simplesmente a este momento, e à coisa que deverá acontecer. A revelação trouxe-me um único arquejo de riso ao cimo da garganta, que eu engoli antes que pudesse irromper, e assim esperámos.

Sessenta, e mais sessenta. Então, como se o tempo nada fosse, e o vento não tivesse soprado e o presente não se tivesse tornado passado, ela ergueu os olhos e disse simplesmente: — Se lhe pedir que venha comigo, virá?

— Provavelmente não.

— Não lhe farei mal.

— Poderá não se lembrar dessa promessa.

— Por favor: venha comigo.

— Não. Mais cedo ou mais tarde precisará de dormir, e quando dormir, esquecer-se-á.

— Eu lembrei-me das nossas conversas online.

— Eu deixo uma pegada memorável. Lembrar-se-á de ler palavras que eu escrevi — são só o meu rosto e as minhas ações que se desvanecem.

— De modo que me esquecerei desta conversa, mas se a transcrevesse e ma enviasse por email, eu lembrar-me-ia dela?

— Lembrar-se-ia da transcrição; é uma coisa diferente.

— Você quer tratamentos.

— Sim.

— Então como diz, tem uma escolha — ou vai ter com Filipa e deixa-a apagar-lhe a alma, ou fica comigo.

Mares erodiram o solo. Vulcões elevaram-se do centro da Terra, basalto fundido transformou-se em pedra, cinzas caíram, o mundo girou. A Lua encheu e minguou, encheu e minguou, abrandou na sua órbita, rolou à deriva espaço fora. O Sol fez-se gordo e vermelho, as sepulturas dos mortos transformaram-se em pedra fossilizada.

Eu disse: — Estou com fome. Sabe se há por aqui algum sítio onde se façam sanduíches?

CAPÍTULO 59

Os ajudantes dela haviam logrado conduzir um veículo de tração às quatro rodas pelos lamacentos carreiros acima até um pequeno pátio atrás da gruta no topo do monte. Do lado da estrada quase se podia ver o mar, uma linha de cinzento mais cinzento onde o céu parava. A floresta oscilava lá em baixo, as nuvens precipitavam-se lá em cima, dirigindo-se apressadamente para leste, deixando um rasto de cabelos soltos ao correrem.

O interior do carro cheirava a químicos e companhias de aluguer. Nas costas de cada assento estava a minha fotografia, presa e ampliada, e uma nota na mesma letra rígida que dizia: *Ela é a porquê*.

O condutor, um homem com boné de basebol e óculos escuros espelhados, estava à espera, um cigarro ardendo entre dois dedos manchados de amarelo, uma t-shirt do Manchester United cobrindo o peito franzino. Lançou fora a beata quando nos acercámos, assentiu sem palavras e passou para o seu assento. Eu aninhei-me lá atrás, entre Byron e a mulher, e nada disse.

Seguimos em silêncio, até que o telefone do condutor tocou e ele atendeu irritado, sustendo-o no lugar sob o queixo. A mãe, a saber se ele estava bem. Sim, estava, claro que estava, ele estava sempre bem. Bem, ela ouvira dizer... Mãe, estou a trabalhar... Oh bem sim querido mas só queria dizer-te...

O condutor desligou. Seguimos em silêncio, Byron não despregando os olhos de mim.

A dada altura, o homem lá à frente distraiu-se, e deixou-se arrebatado pela floresta passando à nossa volta, e quando olhou para trás, arquejou ao verme, e os olhos da colega lampejaram-lhe para o rosto e ele balbuciou em coreano, algo sobre verdade e memória — não consegui decifrar mais.

Então os olhos da mulher semicerraram-se, desviou o olhar, e era talvez sua intenção olhar para fora só por um minuto quando muito, mas esqueceu-se de que estava a desviar deliberadamente a atenção, de modo que só olhou de volta cinco minutos depois, e susteve a respiração, e agarrou-se à pega acima da porta enquanto me fitava, não fosse saltar para fora do assento.

Depois benzeu-se.

Censo, 2005, Coreia do Sul: Budismo 22 por cento. Protestantismo e

Catolicismo Romano juntos: 28 por cento. Falhas no inquérito, contudo: a ninguém foi perguntado se praticava o Confucionismo, ou honrava os seus antepassados, ou procurava a orientação de xamãs. Neste canto do mundo, era perfeitamente normal rezar tanto a Jesus como a Kuanyin, manifestações, talvez, da mesma entidade, expressadas de diferentes formas.

Olhei de relance para Byron, sem sorrir, que nada disse. Ela não despregava os olhos de mim, não se permitia deixar de estar consciente da minha presença.

Numa estação de serviço da autoestrada, parámos para comer hambúrgueres. Sanduíches não havia, e os hambúrgueres eram um compromisso quente entre MacDonald's e *bibimbap*, mas eram comida. Byron comeu em silêncio quando arrancámos, e só depois de ter acabado a última dentada e quando eu lambia o resto do molho de pickles dos dedos é que ela disse: — Como é que vive?

— Roubo — repliquei. — Sou uma ladra muito boa.

Ao que parecia, não tinha mais perguntas a fazer.

*

A uns vinte e cinco quilómetros de Daegu, parámos numa cidadezinha de blocos de betão da década de 1960, em socacos na encosta de uma montanha. Um pequeno edifício de paredes beges e telhado de telhas cor-de-rosa dava para um agitado córrego de montanha que se precipitava por sobre pedras lisas e rasas. Um gato preto e branco observava-nos do cimo do muro, enquanto abaixo dele, um letárgico cão, cinzento e sem coleira, abria um olho aguado para nos considerar a nós primeiro, depois o gato, depois a nós de novo, e nada de interessante encontrando, voltou ao seu sono.

O condutor foi o primeiro a sair do carro, e instantaneamente embarcou num cigarro, aspirando longas baforadas enquanto se inclinava para trás contra o boné. O homem e a mulher emergiram lentamente, nem um nem outro querendo tirar os olhos de mim por mais de uns instantes. Eu segui-os, o ar frio desanuviando parte do meu estômago enjoado. Calma. Eu sou o frio; eu sou o meu rosto vazio.

Byron acenou-me que entrasse; segui-a.

Um corredor forrado de esteiras de junco onde podíamos deixar os sapatos. Uma coleção de chinelos de vários tamanhos, decorados com garridas contas de plástico. Uma escada subindo lá para cima para quartos desconhecidos; uma fotografia do Dalai Lama numa parede, sorrindo enquanto assinava um livro com uma caneta de ponta de feltro. Uma porta para uma sala de estar que era igualmente cozinha; almofadas no chão, uma televisão de ecrã plano contra uma parede, uma lareira a gás, uma coleção de livros em coreano e inglês. Um guia de viagem para a região.

Uma casa de viajante, mobilada para breves estadas.

Byron acenou-me para uma almofada, sentou-se à minha frente, cruzando desajeitadamente as pernas, um osso estalando numa articulação da anca. A mulher deu-lhe um telefone, que foi posto a gravar e pousado entre nós. O homem montou uma câmara digital num tripé.

— Aqui está a nossa situação, Porquê — disse ela por fim. — Um de nós irá estar permanentemente consigo. Cada conversa será filmada. Podemos oferecer-lhe chá?

— Saberia bem.

— Não quero que se sinta de todo desconfortável.

— Bem pode ser uma batalha perdida, essa aí.

— Preciso de perceber o que você é.

— Sou uma ladra.

— Preciso de perceber *como* é.

Encolhi os ombros. — Boa sorte.

Uma chaleira posta ao lume. Três chávenas a condizer tiradas de um armário; uma pergunta, chá verde ou vermelho?

Chá verde para Byron; vermelho para mim, obrigada. Forte, com leite se tiver.

O nariz da mulher franziu-se à ideia, mas encontrou algum *UHU*, cheirou-o, verteu uma gota, não mexeu.

Bebemos em silêncio, Byron e eu, os seus olhos não se despregando de mim.

Eu disse: — Sabe que se eu me for embora, jamais me encontrará.

— Está aqui, não está? Já alguma vez foi... perdoe a palavra, mas é a única que serve... estudada?

— Os médicos não se lembram de quem eu sou.

— Eu tenho ligações.

— Não sou um rato de laboratório.

— Então não é séria na sua ambição de ser lembrada — replicou ela simplesmente. — Se for esse o caso, então está certa — pode ir-se embora e jamais a encontraremos quase de certeza. Mas você tão-pouco me encontrará a mim, isso posso eu prometer.

Assim falando, levantou-se, olhando ainda.

— Precisaré de dormir — disse eu. — Esquecer-se-á quando o fizer.

— Eu sei o que quero disto — foi a sua resposta. — Você sabe?

Retirou-se, e eu fiquei.

*

Um momento na noite.

Estava sentada, de pernas cruzadas, diante da câmara.

O homem observava-me, e eu observava-o a observar.

Byron, a dormir lá em cima.

A mulher, a dormir do outro lado da sala.

Revezando-se, turnos para se lembrarem.

De cada vez que acordavam, ficavam surpreendidos ao ver-me, mas deixavam sempre notas para si próprios — *ela é a _porquê, estás aqui a guardá-la, não te esqueças*.

De três em três horas mudavam para uma câmara de vídeo diferente, apontavam-na simplesmente a mim, gravando.

Às duas da manhã, o homem dormitou.

Vi-lhe a cabeça rolar gentilmente para baixo, as luzes ainda acesas, a câmara ainda a gravar, e esperei que se lhe formasse uma pequena linha de cuspó no canto inferior da boca, prestes a cair. Na escuridão lá fora, ouvia o som longínquo da autoestrada, e mais perto a água do rio a correr. Levantei-me, desliguei a câmara, servi-me de mais chá, levei a caneca lá para fora e fui considerar a luz das estrelas.

CAPÍTULO 60

Lembrando-me de Reina bint Badr al Mustakfi.

Uma pergunta em perpétuo círculo na minha mente: deveria eu ter percebido? Deveria eu ter visto a sua dor, haveria alguma coisa que eu pudesse ter feito para a ajudar?

Respostas óbvias: claro que não. Não sejas completamente idiota.

Mesmo que pudesses ter feito alguma coisa, ela não se teria lembrado. Proferes palavras amáveis, dizes-lhe que tudo ficará bem, que ela é linda, maravilhosa, perfeita tal como é, e acaso ela sorria, e acaso se ria, e acaso por um momento se esqueça de Leena no seu divã, e do Perfection no seu telefone...

o poder de ser bem-sucedida está dentro de si!

...e então ela vira costas, e as tuas palavras são poeira ao vento, e nada do que fazes significa um chavo, e ela morre.

*

Passeando pelas ruas de Tóquio, lembrando as palavras de um há muito morto imperador-filósofo. Marco Aurélio, 121-180 d.C., autor das *Meditações*. Falou o imperador: *Não é a morte que um homem deve temer, mas deve temer nunca começar a viver.*

E igualmente: *Temos poder sobre a mente, não sobre os acontecimentos exteriores. Toma consciência disto, e encontrarás força.*

Entre as suas menos bem documentadas declarações estava uma determinação de obliterar os Iázijes na Alemanha. O genocídio dos inimigos de Roma era um razoável instrumento militar; a História nunca é tão simples como nos filmes.

*

Como vim eu acabar aqui?

十九八七六五四三二一 Penso que a dada altura devo ter feito algumas escolhas, conquanto me pareçam muito distantes no tempo

하나 둘 셋 넷 다섯 여섯 일곱 여덟 아홉 열 é talvez mais justo dizer que algumas escolhas foram feitas à minha volta e eu agi de uma maneira que poderia ser vista como sendo

impulsiva temerária mesquinha rancorosa vingativa cruzadista estúpida
irada solitária jihadista
plena de luta.

Ju kyu hachi shichi roku go foda-se.

Foda-se.

Fecho os olhos e vejo, sempre e de novo, a minha mãe atravessando o deserto, só que agora ela vira-se para olhar para mim que caminho na sua sombra, e sorri e diz: Porquê tão zangada, pétala?

Fodida, mamã. Mais que porra de fodida.

Como assim?

Pensei que viveria. Pensei que seria disciplina, vida, vivendo, a máquina, tudo o que sou, tudo isto, vivendo e respirando e derrotando o mundo, derrotando esta porra de esquecimento, foda-se o mundo, foda-se a memória, pensei que seria uma deusa do Sol, uma peregrina, cruzada, pensei que estava...

...Eu pensei que estava no controlo.

Não estás?, pergunta ela, fazendo uma pausa para beber de um cantil oculto sob as vestes. (Deve ser água: eu sonho que é uísque.)

Acho que não. Fiz escolhas. Fiz coisas, fui a sítios; deixei uma pegada na areia. Não me controlei. Roubei a porra dos diamantes num acesso de raiva. Fui em perseguição do Perfection porque ele me desatinou. Olhei para Reina e não vi. Vim para a Coreia e tramei-me. Não no controlo. Não consigo parar-me. Não consigo ver-me. Não sei de onde vim ou onde vou. Só o agora — é tudo o que tenho. Se fechar os olhos, achas que esquecerei o meu próprio rosto?

Agora estás a ser tonta, repreendeu a mamã com um estalar de língua. E não só tonta, estás a atar-te em nós num oito sem remédio.

Mamã?

Sim?

E se tudo isto for culpa minha? E se for esquecida... e for alguma coisa que fiz? Um homem olha para a minha fotografia no outro lado do mundo, e vê o meu rosto, não sou invisível, mas então ergue os olhos, e esqueceu-se de mim. As pessoas preenchem as lacunas, arranjam maneira de me conhecer sem ficarem com medo, mas é tudo mentiras, tudo, os meus pais esqueceram-me, tu esqueceste-me, o mundo esqueceu-me e se sou eu, se é culpa minha?

O poder está dentro de ti!!

À luz das estrelas da noite coreana, com a areia do deserto sob os pés nus, a minha mãe riu-se.

E daí?, perguntou. Vais gritar ao Sol por brilhar e ao vento por soprar? Vais amaldiçoar o mar por rolar com a maré, o fogo por queimar? Hope Arden, julguei ter-te ensinado melhor. Agora arregança as mangas, e adiante.

Pensei em responder, mas não quis fazê-lo, por isso abri de novo os olhos para ver o agora, a noite, sentir o frio e ouvir a quietude, e sentei-me um bocadinho mais, e não pensei em nada de nada.

*

Eu sou Hope.

Eu sou uma ladra.

Eu sou uma máquina.

Eu estou viva.

Eu sou indigna.

Eu sou reta.

Eu não sou nada disto.

Palavras algumas podem conter-me.

*

De manhã, quando Byron desceu, eu ainda lá estava.

— Okay — cismou ela, longa e vagorosamente, vendo-me sentada numa periclitante cadeira de plástico lá fora à porta. — Tinha uma carta de mim própria na mesa de cabeceira a dizer que a encontráramos, mas não pensei que fosse verdade.

— Encontraram-me ontem — expliquei enquanto ela esfregava as mãos contra o frio matinal ainda cortante. — Está tudo gravado.

— A minha carta dizia que não tinha a certeza se iria ou ficaria.

Encolhi os ombros. — Os seus assistentes adormeceram. Pensei em ir, e decidi ficar.

— Que... bom. Que bom que isso é. Disse-me ontem que tipo de chá bebe?

— Bem forte, com leite.

— Irei esquecer-me disso quando estiver lá dentro?

— Sim — a menos que grave isto, e se lembre de o ouvir outra vez.

— Deve ser horivelmente servida nos restaurantes.

— Gosto de bufês — repliquei, descolando-me do assento e dirigindo-me para a porta. — E também daqueles bares de sushi com tapetes rolantes.

CAPÍTULO 61

Deram-me um novo passaporte.

Uma boleia para o aeroporto.

A cada passo, Byron, gravando, alguém, gravando.

Byron tinha um caderno de notas, mantido numa letra impecável. Em cada página uma nova linha de pensamento era desenvolvida em perfeita escrita cursiva, a tinta preta de uma caneta de tinta permanente de prata.

— Uma das minhas pequenas indulgências — explicou, rolando-a entre os dedos.

Folhee o caderno, seguindo a passagem dos seus pensamentos enquanto o carro rolava a caminho do Aeroporto Internacional de Incheon.

Anda a _porquê a seguir-me?

Como obtive a _porquê este número?

Porque estou eu neste ferry?

Como decidi eu vir para este hotel?

— Tudo isto antes do nosso jantar? — perguntei-lhe.

— Sim. Foi o hotel que me alarmou. Lembro-me de subir o monte a pé com um grande sentido de propósito, de dar entrada com propósito, mas quando a porta do meu quarto se fechou, constatei que não fazia ideia porque escolhera ir para ali, para aquele lugar, para aquele quarto. Não havia qualquer mensagem no meu telefone, no meu computador, nada que justificasse estas decisões, este tempo ou lugar.

— Estou impressionada — a maior parte das pessoas engendram alguma coisa.

— Quando se vive sozinho, há que desenvolver rigorosos processos críticos.

Não a olhei nos olhos, olhei de volta para o caderno. — E então recebeu o meu convite para jantar.

— Sim.

Virei a página, e lá estavam, notas dando entrada a súbitas e enfáticas letras maiúsculas, terror escoando da escrita.

PORQUE GRAVEI EU 59MINS DE UMA CONVERSA QUE NÃO ME
LEMBRO DE TER TIDO?

— Pensei que simplesmente seguisse em frente. — Suspirei. — A maioria das pessoas assim faz.

— E você viria à procura do seu pagamento — dos seus tratamentos — mais tarde?

— Era esse o plano.

Byron assentiu, tirou-me o caderno de notas das mãos, escreveu cuidadosamente:

A Porquê acredita que os tratamentos a podem tornar memorável.

— Está certo, não está? — cismou, erguendo os olhos de relance para mim. — Já o perguntei? De cada vez que falo consigo, rala-me que me esteja a repetir.

— Toda a gente se repete — disse eu. — Não me importo.

*

Um avião para São Francisco. Ficámos sentadas juntas, mas a determinada altura, até mesmo Byron adormeceu, e eu também. Quando acordámos, fitou o guardanapo tomada de surpresa. Nele ela tinha escrito:

Estás a viajar para a América com a Porquê. É a mulher sentada ao teu lado. O seu nome é Hope.

— O seu nome é Hope? — perguntou.

— Sim.

— Está claro que tivemos esta conversa uma dúzia de vezes.

— Menos do que julgaria, mas tenho a certeza de que mais virão.

— Espantoso. Posso lembrar-me de que estou a viajar com alguém de quem me esqueço, mas não me posso lembrar de que é você.

— As pessoas lembram-se de coisas sobre si próprias, e você tem vindo a anotar as coisas importantes. É assim que se lembra de porque é que está a viajar. Esquece-me, a minha cara. É impressionante que os seus métodos a deixem lembrar-se de tanto como se lembra.

— Você é espantosa — soprou ela, e a sua mão estendeu-se, e roçou-me a face, sentindo a realidade da minha pele, uma mãe tranquilizando uma filha talvez. Ou talvez outro pensamento — uma dona reconfortando um muito

querido animal de estimação. — Você é incrível.

*

Fomos separadas na alfândega, mas Byron manteve o telefone bem seguro na mão, seguiu a fotografia e a nota que dizia: *Encontrarás esta mulher na recolha de bagagem. Não saias sem ela.*

Ela teve dificuldade em ver-me na multidão, de modo que a abordei.

— Incrível — soprou. — É como se fosse invisível, de um momento para o outro. Existe apenas neste momento, e depois o seu rosto é engolido pela memória.

— Vamos? — repliquei.

*

São Francisco. Outrora espanhola, depois mexicana, depois por um breve período o seu próprio pequeno estado, antes de finalmente se integrar nos EUA. Era uma cidade flanqueada por outras cidades flanqueadas pelo mar. A maior parte da cidade fora destruída em 1906 pelo terramoto, mas isso tornou ainda assim o que restou um tesouro histórico aos olhos americanos, e o motorista de táxi ao transportar-nos através da ponte para Oakland lamentou que a casinha que possuía lá em baixo em San Ramon — não se podia dar ao luxo dos preços de São Francisco — tivesse sido construída nos tempos idos de 1949.

— Isso não é uma coisa boa? — perguntei, com as águas azuis rolando abaixo de nós.

— Minha senhora — retorquiu ele —, é um pesadelo. As autoridades locais decretam que se se tem uma casa construída antes da década de 50, há que mantê-la segundo a sua traça histórica.

— O que significa isso?

— Significa que se tem de tirar toda a pintura de volta à original aquando da construção da casa, para a deixar em conformidade com a estética histórica. Bem, nós fizemo-lo — e custou uma maldita fortuna, quero dizer, há um tipo autorizado a fazê-lo e que tem o mercado na mão — e sabe de que cor era aquilo em 1949?

— Não, não sei.

— Pêssego bebé. Pode acreditar nesta porra? Estive oito anos nos

Fuzileiros Navais, ensino basebol aos domingos, a miúdos que me admiram, quero dizer, como um exemplo, e todas as noites vou para uma casa pintada da porra de pêssgo bebé, maldito seja.

Assenti e sorri.

— Não sei grande coisa de política — cismou —, mas quando vi a cor que a casa estava destinada a ter, foi aí que percebi que este país enlouqueceu.

*

Ficámos num hotel em Oakland, com vista lá para baixo para a água desde o topo da colina. Ciprestes oscilavam gentilmente em torno da piscina vazia, com folhas castanhas e estaladiças. A mulher do dono, de biquíni e óculos escuros, estava estendida na espreguiçadeira junto aos azulejos sujos e disse: — Desculpe, meu doce, mas de momento temos uma seca. — Um par de crianças, sete e cinco anos, ergueram miseravelmente os olhos do rebordo do lugar em que deveria estar água. — Hoje é o aniversário de Ruthie, mas ela está amuada porque a festa é em casa da avó esta noite, e ela queria que os amigos viessem aqui, mas eles não podiam vir aqui, podiam, Ruthie, não enquanto a mamã e o papá estão a trabalhar.

Assim falando, regressou ao seu banho de sol na espreguiçadeira, com uma folha de alumínio sob o queixo a refletir a luz do Sol para dentro das narinas cuidadosamente depiladas.

O marido, todo bigode e nariz vermelho invadido de capilares, disse: — Duplo ou individuais?

— Duplo — disse Byron rapidamente. — Se não se importar.

— São relacionadas?

— A Hope aqui é uma querida — replicou Byron, passando-me um braço pelos ombros. — Não sei o que faria sem ela.

Ante a sorridente ambiguidade da velha senhora, o que havia um homem de fazer a não ser sorrir de volta, e estender-lhe as chaves?

*

Byron disse: — Se eu for tomar duche...

— Esquecer-se-á de mim, mas eu ainda aqui estarei.

— Começo a achar isto uma perspetiva e tanto. Podia aprender a gostar

de ser perpetuamente surpreendida ao descobrir a sua presença.

Sorri e não disse nada, e ela deixou a porta da casa de banho ligeiramente entreaberta quando foi tomar banho, como se isso fizesse alguma diferença.

*

Uns minutos de notícias locais foi tudo o que consegui engolir.

«Não preciso que Washington me diga o que os meus filhos devem aprender, não preciso que os magnatas de DC gastem o meu dinheiro, me digam o que é certo e errado para a minha família, o que trazer no bolso de trás, tipo faca ou arma, como zelar pela minha saúde! É a minha vida, que diabo fazem eles a interferir nela?»

«Minha senhora, posso perguntar, acredita no aborto?»

«Acredito que toda a vida é sagrada.»

«Acredita que o governo tem o direito de legislar quanto ao que uma mulher pode fazer com o seu corpo?»

«Alto lá agora porque está a fazer uma coisa aqui, está a fazer uma coisa...»

«Minha senhora, estou apenas a tentar...»

«...e eu estou a falar consigo honestamente, estou a ter um debate honesto sobre coisas importantes e você está a tentar transformá-lo em algo que não é...»

«...se fosse dado a escolher às mulheres...»

«Este governo tem esbanjado o meu dinheiro a ensinar crianças que jamais vi sobre coisas de que nem eu sei...»

Mudei de canais, passando por uma série de dramas policiais e telenovelas, até deparar com um programa de atualidades/engenhocas em que dois homens e uma mulher cosmeticamente resplandecente passavam em revista os brinquedos tecnológicos do dia e é claro, mas é claro, lá estava:

«...Perfection — agora, Clarice, tem andado a experimentar isto, não tem?»

«Bem, Jerry, sim, sim, tenho, e tem sido absolutamente sensacional! Não só me sinto positiva quanto a levar uma existência mais orientada para objetivos, realmente tentar chegar a quem quero ser, como as recompensas que ele dá por um esforço consistente são simplesmente fantásticas. Não é

uma simples reinvenção de uma aplicação de estilo de vida, é uma reinvenção de mim...»

Desliguei a televisão e deitei-me, de barriga, na cama individual. O edredom era fino, roupa por cima, roupa por baixo, pronta para um quente e ensolarado dia da Califórnia, uma fria noite da Califórnia quando a brisa do mar e a friagem das montanhas se combinavam. Um bordado emoldurado por cima da cama dizia «Não Há Lugar Como a Nossa Casa». Um exemplar da *Bíblia* jazia sob o candeeiro de vidro verde na mesa de cabeceira. Alguém deixara um recibo de costeletas no churrasco e uma garrafa de *Coca-Cola* lá dentro. *Escutai atentamente as minhas palavras, e prestai atenção às minhas razões. Estou pronto a defender a minha causa, e sei que sou eu que serei justificado.*⁸

Postei-me diante do espelho do quarto, estudei o meu rosto, os meus olhos, passei os dedos pela pele, fitei o meu reflexo, e interroguei-me porque conseguia eu lembrar-me dele.

Porque estava eu aqui?

O som da água parou na casa de banho.

Contei pacotes de açúcar empilhados no frasco junto à chaleira.

Botões do controlo remoto da televisão.

Luzes aparecendo na cidade à medida que o Sol se punha.

Byron arquejou ao ver-me, apertou as toalhas, abanou a cabeça, disse: — Espere —, entrou na casa de banho, saiu de roupão, acrescentou: — Acaso devêssemos ter pedido individuais.

— Nervosa quanto a ser apanhada a andar por aí nua? — aventei.

— A dignidade e a velhice são difíceis de conciliar, especialmente quando nos esquecemos da companhia que temos.

— Quis um quarto duplo para me poder vigiar. — Suspirei. — Tem medo de que quando não me pode ver, eu não seja real.

Ela não respondeu, e eu virei costas ao espelho, e deitei-me para dormir.

⁸ Job 13:17, 18 — *Nova Bíblia dos Capuchinhos*. (N. da T.)

CAPÍTULO 62

Acordei, e dei com Byron sentada aos pés da minha cama. Tinha o caderno de notas aberto, novos escritos, novas perguntas e reminiscências, enchendo as páginas. O guardanapo no qual escrevinhara os meus termos estava na sua mão. A luz refletida do nascer do Sol entrou vinda da baía lá em baixo, sonho californiano, clima perfeito, laranjeiras e vinhas, opulência e água — mas talvez isso fosse passado. Antes da seca e da traça histórica e do mundo enlouquecido.

De novo, fugazmente, aquela expressão nos seus olhos, quase sensual, os dedos das mãos estendendo-se, roçando-me a face, fascinada. — Quando acordei esta manhã, pensei que tinha vindo para aqui sozinha, por querer visitar Berkeley.

— O que há em Berkeley?

— Os primórdios da minha equipa. O meu objetivo é ainda dismantelar o Perfection, reescrever os tratamentos, mas para fazer isso... há uns promissores candidatos no campus.

— Ia simplesmente recrutá-los? Chegar lá e dizer: «Viva, quero destruir o Perfection de dentro para fora — alinhás?»

— Está claro que não — frentes de caridade, reuniões corporativas, camadas dentro de camadas, não sou nova nisto. — Descartou a questão com um gesto de mão, um ligeiro adejar de borboleta no ar. — Quando acendi a luz de cabeceira, vi-a, e lembrei-me de escrever a seu respeito, mas mesmo isso mal chega. É extraordinário, como a mente cria uma história para preencher o lugar em que você deveria estar; simplesmente extraordinário.

Subitamente desconfortável; puxei os lençóis em torno do queixo, e ela disse: — Vou... tomar o pequeno-almoço. Dar-lhe um pouco de privacidade.

Escreveu no seu caderno de notas: *A mulher que se juntar a ti para o pequeno-almoço chama-se Hope. É a tal de que não te podes lembrar.*

Isto feito, retirou-se, dedo alojado na página do caderno, olhos fixos nela, não fosse a tinta dissolver-se.

Durante uma semana, nada aconteceu. Byron andava ocupada com o seu projeto. Visitou Berkeley. Falou com pessoas em cantos sossegados de cafés. Passou uma data de tempo no seu portátil. Leu os jornais. Aguardou telefonemas, que ia sempre atender lá fora.

— Estou a pensar em si — cismou —, mas já havia planos em andamento antes de eu saber da sua condição.

— Como é que destruirá o Perfection? — perguntei, quando chegou uma noite de uma reunião com uma pessoa que se recusou a nomear. — O que fará com ele?

Em resposta, ela abriu um ficheiro no seu portátil. Um documento da minha pen USB, roubado do Perfection. Nomes correndo pelo ecrã abaixo, milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares — homens e mulheres de todos os cantos do mundo. Junto a eles, data de nascimento, endereço de casa, valor líquido, rendimento anual, despesas anuais, pontuação de crédito, pontuação atual no Perfection, e menus pendentes para inserir mais dados. Dois últimos meses de movimento, segundo os registos de GPS dos respetivos telemóveis. Descendentes, amigos, família, com ligações a páginas de Facebook e pequenas bandeiras amarelas para todos os que estavam igualmente no Perfection. Calorias consumidas, compras feitas com o cartão de crédito, restaurantes frequentados, amantes ilícitos contactados na calada da noite, três últimos filmes comprados através da internet por serviço a pedido, websites mais visitados, cinquenta últimas mensagens escritas enviadas, cem últimos emails, tamanho de sapato, tamanho de calças...

— Chega — disse eu, enquanto ela enumerava vidas no portátil. — Chega. O que faz a Prometheus com toda essa informação?

— Vende-a, claro está. O que lhe parece?

— E o que fará você com ela? — perguntei.

Os lábios dela apertaram-se. — Esta lista contém os nomes de todas as pessoas que atualmente usam o Perfection. Não tenho tempo de ir a cada uma individualmente e mostrar-lhes a verdade, pelo que terei de criar um espetáculo.

— Que espécie de espetáculo?

— Isso depende — cismou ela —, de como correrão os próximos meses.

Insisti de novo, e de novo, na manhã seguinte, na noite seguinte, ao pequeno-almoço e ao jantar, mas um dia ela disse: — Ao que parece, escrevi que você está preocupada com o que eu vou fazer com o Perfection, agora que o roubou para mim. Está preocupada?

— Não — menti, rosto corando até mais não, pulsação subitamente acelerada e troando-me no crânio. — De todo.

Ela assentiu, e tomou nota no seu caderno, e eu não voltei a perguntar.

*

Terror. Horror. Acaso...

... êxtase?

É esta a sensação de se ser lembrado?

É isto — este momento em que Byron me desafia relativamente a algo que disse ou fez, algo que ela pode, à sua própria maneira, *lembrar-se* de eu fazer — é esta a sensação de *consequência*?

Faço uma corrida com um elétrico colina acima, e por um momento penso que até posso ganhar.

*

Então Byron disse: — Tenho andado a pensar na sua condição. Tive algumas ideias.

E tudo mudou.

*

Uma clínica privada num hospital privado — havia outros de outro tipo na América?, interroguei-me. A medicina privada trazia mau café, uma rececionista que nos saudava com um grito de «Ei ora viva!» e um tempo de espera de dez minutos.

O médico, cabelo ralo grisalho penteado por sobre a careca, dedos incrivelmente compridos desenrolando-se em unhas arranjadas e brilhantes, sapatos de couro e um estetoscópio azul vivo pendurado ao pescoço, saudou-nos como se fôssemos velhas amigas aparecendo de visita, e fez-nos entrar apressadamente no gabinete.

Byron é que falou. Ressonâncias magnéticas funcionais, análises

sanguíneas, fluidos espinais, ADN, função tiroideia, exame ocular — a extensão de testes que ela queria que me fizessem era longa e, em vários casos, dolorosa.

— É assim que será lembrada — explicou, enquanto me ajudava a subir para a plataforma rolante do aparelho de ressonância magnética. — Descobriremos como funciona.

Dentro da máquina, puseram a tocar música relaxante através de uns auscultadores enormes. Fechei os olhos contra a estreiteza das paredes, lembrei-me de um certo armário em Istambul quando deflagrou o incêndio, do frio das águas em Hong Kong quando saltei. Contra a minha vontade, a respiração acelerou-se-me, e cerrei os olhos com mais força e contei os músculos em cada um dos dedos do pé, capilares nos dedos das mãos, cliques na máquina, o tum-tum-tum dos ímanes em movimento. contei pontos tremeluzentes e dançantes atrás das pálpebras e, quando o movimento das luzes na escuridão se tornou demasiado desconexo e difícil de seguir, contei a respiração de novo, e descobri que estava constante, e eu estava calma.

O doutor, quando me tiraram do tubo, ficou fugazmente — mas apenas fugazmente — surpreendido ao ver-me. Lembrava-se de pôr um doente lá dentro, pois é claro que acabara de passar os últimos quarenta minutos a examinar o meu cérebro — mas durante esse tempo a minha cara toldara-se, e ele mal logrou reprimir um surpreendido «Oh, é britânica?» quando eu falei.

Na sua lista, Byron riscou o item «ressonância magnética funcional».

*

Fluido espinal.

Joelhos ao peito.

Mais.

Queixo para baixo.

Espinha curvada, distendida, uma boa palavra, distendida; expandida, dilatada — o francês *protubérant* do latim *protuberare*, inchar, projetar para fora

a agulha dói que se farta quando é inserida

a dor é o meu corpo

uma simples coisa do corpo
mantêm-na lá dentro algum tempo, deixando o fluido espinal pingar,
pingar, pingar de entre as vértebras para um pequeno recipiente de plástico.
Byron observa, e eu observo-a a ela, e o seu rosto nada revela.

*

À noite, Byron foi a mais encontros para o seu outro trabalho, o seu verdadeiro trabalho, o Perfection, sempre o Perfection.

— Vai seguir-me? — perguntou. — Tenho escrito nas minhas notas que gosta de me seguir.

— Esta noite não — repliquei, enroscando-me na cama de hotel.

Ela assentiu, sem convicção, e deixou-me sozinha.

*

Um passeio à volta de Fort Mason enquanto o Sol se punha. Aqui era quase possível imaginar que se estava numa cidade europeia: blocos de apartamentos baixos pintados em tons pastel, ciclistas ziguezagueando entre os carros, ginkgo bilobas prestes a deixar cair os seus malcheirosos frutos, castanheiros carregados de sementes espinhosas, crianças evitando as brechas no pavimento. Uma mulher estava a pedir dinheiro para um refúgio animal.

— Todos os anos recebemos mais de dois mil animais só da zona da baía! — exclamou, chocalhando a lata debaixo do meu nariz. — Cães maltratados pelos donos, gatos lançados de carros em movimento, animais de estimação torturados, a passar fome e deixados à morte; animais traumatizados e vulneráveis cujo único pecado foi confiarem em pessoas. Fazemos o que podemos por eles, mas alguns estão de tal maneira maltratados, psicológica e fisicamente, que têm de ser abatidos. Mas este ano, com o seu donativo, podemos fazer baixar o índice de eutanásias para apenas 1 por cento. O que significa dar uma segunda oportunidade, uma segunda casa, a milhares de lindas, leais e amorosas criaturas!

— Porque é que as pessoas tratam mal os seus animais de estimação? — perguntei.

Ela abanou a cabeça. — Querida, há anos que pergunto isso a mim própria, e de cada vez que julgo estar a chegar a uma resposta, constato que

é simplesmente mais uma triste história para um triste indivíduo. A verdade é que jamais poderei entender o que faria uma pessoa maltratar um ser que a ama, que apenas quer ser bem cuidado, e espero nunca vir a entendê-lo tão-pouco. Quer conhecer a *Sally*?

Sally, uma cadela castanha com cicatrizes desvanecendo-se nas costelas, lombo e pescoço, olhando fixamente de trás das pernas da sua dona com olhos enormes e aguados, à oferta da minha mão, avançou a acariciar-me com o focinho e a encostar o corpo escanzelado ao meu.

— O dono dela era um advogado lá de baixo de Forest Hill. Aquele homem pode virar do avesso os tomates de um juiz com as suas argumentações, mas quando chegava a casa, simplesmente passava-se com a *Sally*. Ela tinha problemas urinários, está a ver, e um tipo daqueles acho que não percebeu que não se pode fazer um cão obedecer com argumentações, tem de se usar amor, tem de se ser paciente, tem de se fazer que ele entenda por si. Um dia simplesmente foi-se a ela com uma faca de cozinha, deixou-a a sangrar a quinze quarteirões de distância, mas ela deu com o caminho para casa, e a cidade deu com ela a morrer no jardim da frente de casa. Não devemos afeiçoar-nos muito aos animais que chegam ao refúgio, mas à *Sally* — não consegui dizer que não.

Sally fitava-me, a cauda batendo em ritmo expectante no chão, e interroguei-me se os animais se lembrariam de mim de uma forma como os seres humanos não faziam, se talvez os seus cérebros estariam conectados de forma diferente. Deveria dizer a Byron? Iria ela então abrir o cérebro de um cão, bem como o meu, para ver como funcionava?

Dei à mulher vinte dólares e agachei-me um bocadinho no caminho enquanto *Sally* punha as patas nas minhas mãos, e me lambia os dedos, e interroguei-me se poderia ali ficar para sempre, e não podia, e continuei a andar.

*

EEG. Injeção de materiais radioativos, vê-los fluir através do meu corpo. Mijei azul durante algum tempo.

Um médico balbuciou: «Oh, Deus, não tinha... Bem, claro que tinha, mil desculpas, a minha mente deve ter divagado...»

Uma enfermeira disse: «É nova aqui, não é?!»

Um professor de Neuroquímica exclamou: «Não, eu estava sozinho, depois você entrou, não estava aqui ninguém, eu ter-me-ia lembrado...»

Um estudante de Ciência Cognitiva cismou: «Não temos um modelo. Não só não temos um modelo, como nem sequer temos uma caixa para tentar pôr o modelo lá dentro, não sabemos por onde começar com este tipo de coisa...»

Um doente sentado a duas cadeiras de distância de mim enquanto eu esperava na sala de espera sussurrou: «Ontem estava nos doze mil pontos mas hoje baixou para onze mil e eu não sei porquê. Acha que perco pontos por causa da radioterapia?»

Byron declarou: «Estamos a fazer progressos, prometo-lhe, sei que não parece, mas a investigação de Filipa, os tratamentos, o seu cérebro, havemos de descobrir como ela o fez, havemos de descobrir como torná-la memorável...»

Ela estava a repetir-se, é claro. Toda a gente está sempre a repetir-se, quando eu estou por perto.

*

Uma noite em... em qualquer lugar. Na Missão, provavelmente. Tacos. Eu estava cansada, um pouco bêbeda, a luz da rua a arder, chili nos meus lábios, uma dor agradável, uma dor que me fazia lembrar o sangue a correr pelo meu corpo, contar a minha pulsação, tum-tum, tum-tum, tum-tum...

Corri, e tendo corrido, corri mais, Golden Gate Park, porque estou eu aqui? Não era minha intenção achá-lo mas lembro-me deste lugar, os meus pés deram com o caminho por si próprios, asfalto entre as árvores, os sapatos errados para correr mas corro mesmo assim, de dia este é o sítio perfeito para uma visita, um sítio incrível: o jardim de chá japonês, o tiro com arco, o recinto de bisontes, o jardim das túlipas, os patos no lago, o bosque memorial pela SIDA

corro.

Até que os meus pés se recusam a correr mais, e então ando até conseguir encontrar um táxi, e apercebo-me de que me esqueci do endereço do hotel, e rio.

*

E então, uma noite com nada de especial, vou à casa de banho às 3:30 da manhã e, quando volto, ouço Byron mexer-se na cama, e no escuro o clique da trava de segurança de uma arma.

Estou imóvel, e ela também.

Não há passado, não há futuro, há apenas o agora.

Este momento.

Eu digo: — Sou eu. Sou a Hope.

Silêncio no escuro. Depois o mover de lençóis, a colcha afastada para o lado. Um clique quando a luz se acende; retraio-me. Byron tem uma arma, não sei onde a escondia, segura-a com a mão esquerda, olha para mim, a luz enchendo-lhe todas as linhas do rosto, crua na sua súbita intensidade.

Eu sou este momento.

Eu digo: — Olhe para as suas notas. Ouça as suas gravações.

Ela olha para a mesa de cabeceira. Nela foi escrita uma nota com a sua letra.

ESTÁS A VIAJAR COM A _PORQUÊ. NÃO TE PODES LEMBRAR
DELA. PARTILHAS UM QUARTO COM ELA.

Ao lado, a minha fotografia. Lentamente, ela pousou a arma, e pegou na fotografia, susteve-a à sua frente, entre nós as duas, a minha cara registada, olhando lentamente de uma para a outra. Um assentimento, um pensamento, um depor da fotografia.

Sem uma palavra, travou de novo a arma, apagou a luz de cabeceira, e rolou para o lado para dormir.

CAPÍTULO 63

Memórias, insone na escuridão.

Por vezes o negócio está lento, um trabalho é difícil, e eu preciso de uma maneira fácil de arranjar dinheiro.

Frequentemente, escolho casinos.

A contagem de cartas não é tão difícil assim, uma vez que se saiba as regras. Não há leis contra ela; em Vegas pedem-nos que desandemos, em Macau partem-nos os dedos, em Abuja ou Mong La partem muito mais do que isso. A matemática torna fácil que a casa dê por isso, um lampejo estatístico nos seus sistemas. Em tais circunstâncias, o melhor curso de ação é ganhar depressa e sair, dar a volta ao quarteirão, e voltar para uma mesa diferente, pronta a apostar na próxima mão vencedora.

Ao jogar blackjack num casino em Nova Orleães, o homem disse: — Está a contar cartas? — sorrindo enquanto falava, a voz baixa, os olhos fixos nos meus, o crupiê substituindo caixas de cartas, a atenção noutro lado.

Passei os dedos ao longo das crescentes pilhas de fichas e disse: — Porque pergunta?

— Está a ganhar a um índice estatístico mais elevado do que é normal para o jogo.

— Trabalha para o casino?

Ele abanou a cabeça. — Dou aulas de Matemática do secundário. Estou aqui para um casamento. Perdi quinhentos dólares em vinte minutos e prometi a mim mesmo que bastava. Então vi-a, e pensei... está a contar?

— Não há nenhuma lei contra.

— Nenhuma lei, não. Espero que não me ache demasiado atrevido...?

O seu corpo, já meio virado. Agarrei-lhe o braço, puxei-o de volta para o meu lado. Se se fosse, esqueceria. — Não — disse eu. — Não. Fique. Observe.

*

Mais tarde, no elevador, a sua mão roçou-me o braço, e por um momento ele pareceu a ponto de me beijar, antes de desviar rapidamente os olhos. Peguei-lhe na mão e, quando estávamos no meu quarto, ele disse: — Jesus,

como foi arranjar um sítio tão chique para dormir?

— Pus um bom dinheiro no casino. Este lugar gosta de manter os seus peixes presos pelo anzol.

— Mas está a ganhar — respondeu ele. — Seguramente eles podem ver que está a ganhar?

— Os computadores podem ver — disse eu. — Mas os computadores não podem agir, e toda a gente se esquece.

Quando ele foi à casa de banho, eu do outro lado da porta, a cantar. — Quando danço, chamam-me Macarena! Todos me querem, não me podem ter, por isso vêm todos dançar ao meu lado!

O som da minha voz manteve a lembrança de mim fresca na sua mente, e quando ele saiu estava a rir, e disse: — É diferente de qualquer uma que eu jamais conheci.

Ele estava nervoso quando o puxei para a cama, e gentil. Depois, quando parecia a ponto de dormir, eu falei, e ele manteve-se acordado, pestanejando confuso para nada em especial, de maneira que continuei a falar, e descobri que não conseguia parar, que as palavras não paravam, até que finalmente às 4:30 da manhã eu ainda estava a falar e ele dormia profundamente.

Tirei um cobertor, e tapei-o com ele.

Pus os ténis de corrida e top, e saí para a rua, passando pelos restaurantes fechados e através do lixo espalhado, sob as luzes de rua de sódio e em torno das largas avenidas onde as jovens árvores começavam a crescer, e quando voltei, ele deixara o quarto, talvez tendo acordado e de nada se lembrado, e eu tomei duche e fiquei deitada acordada na cama que cheirava a ele, e não dormi até amanhecer.

Na noite seguinte vi-o na mesa de blackjack, a tentar contar cartas. Um entendimento básico das coisas que eu lhe dissera perdurara talvez, ainda que eu tivesse desaparecido. Encontro uma esperança extraordinária neste pensamento — não, mais que isso: encontro nele salvação, divindade.

Quando ele perdeu, sentei-me ao seu lado e disse: — Olá. Tenho estado a vê-lo jogar. Há de querer experimentar uma coisa um bocadinho diferente.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Já dei aulas de Matemática do secundário.

— Ei — isso é o que eu faço.

— Estou aqui para um casamento.

— Eu também!

Sorri e disse: — Que coincidência.

Nessa noite, fomos para o quarto dele, e enquanto jazia nos meus braços, disse: — Jesus, não costumo fazer isto, não sou esse tipo de homem — e adormeceu passados uns minutos. Eu esgueirei-me umas horas depois, para que ele não ficasse assustado ao acordar e dar com uma estranha na sua cama.

CAPÍTULO 64

Byron, um dia, enquanto tomávamos o pequeno-almoço sossegadas numa sala forrada de imagens de índios guerreando, orgulhosos cowboys, búfalos chacinados, ergueu os olhos e disse: — Ontem, ao subir a colina, dei comigo a parar e olhar para cada mulher que via.

Encolhi os ombros, nada disse.

— É desconcertante, não acreditarmos na nossa própria memória — cismou ela, os talheres pousados ao de leve no rebordo do prato mal tocado. — É... mais que desconcertante.

De novo, um encolher de ombros, uma dentada na tosta.

Ela observou-me, o café esfriando. Nas paredes à nossa volta, os povos nativos da América morriam, e esqueletos de búfalos cobriam os campos poeirentos. Pensamentos, para passar o silêncio: calcula-se que sessenta milhões de búfalos vagueassem pela América no século XV; em 1890 esse número decaíra para 750.

— Você é incrível — soprou Byron por fim, e eu ergui os olhos, e vi-lhe os olhos a brilhar.

— Já o disse várias vezes.

— Disse?

— Sim.

— Isso é... igualmente alarmante. Alarmante, quero eu dizer, que a sua condição não só me impeça de me lembrar de si, mas me impeça de me lembrar das nossas interações. Se fosse apenas uma parte dessa equação, quase poderia suportá-lo, mas ambas... Talvez devêssemos examinar o meu cérebro? Ver se haverá alguma parte de mim que sofra uma alteração na sua presença? Talvez... uma lesão. Passa bastante tempo com alguém? Já teve alguma oportunidade de observar os efeitos?

Luca Evard, os seus dedos entrelaçados nos meus, uma noite em Hong Kong.

— Não — repliquei. — Não tive.

— Para alguém na minha profissão, a sua condição é milagrosa. Se pudéssemos engarrafar a sua esquecibilidade e vendê-la... Mas não, não se inquiete. Não sou nenhuma capitalista de *laissez-faire*, isto não é a ilha do Dr. Moreau. Embora talvez você tenha considerado a possibilidade?

— De que me pudesse cortar aos bocados para ver como eu funcionava?

Sim, considere-o.

Uma pequena nota com a sua caneta de prata, minúscula no papel, como que a pôr um visto num item de uma lista. — E não fugiu?

— Corri o risco. Se eu sou assim tão notável, porquê ajudar-me?

— Estou interessada, fascinada, está claro. Para a tornar memorável, temos de perceber como é que é esquecida.

— Mas isso é irrelevante para o Perfection, não?

— Talvez. Mas descubro cada vez mais que a ciência cognitiva viceja em condições invulgares, digamos assim. As pessoas que sofreram lesões cerebrais são as mais queridas dos neurocientistas, porque na sua falta de função, pode ser atribuído sentido à região do cérebro que está lesada. Se, por exemplo, viéssemos a descobrir que há algo no seu cérebro que não funciona, ou funciona em excesso...

— Acha que seria assim tão fácil? Um interruptor mágico e bum, toda a gente pode ser esquecida ou lembrada?

— Não — cismou ela, vagarosa e gentilmente. — Não, duvido muito. Mas em resposta à sua primeira pergunta, a sua condição única pode ser de algum interesse em termos de desvelar como funcionam os tratamentos de Filipa. Eles tornaram o seu amigo memorável...

— O meu amigo morreu — dardejei, com mais brusquidão do que era minha intenção. — Parker morreu, e só restou o Perfeito Parker.

Um meio assentimento, um reconhecimento de que não tinha tempo para rodeios. — Mas o Perfeito Parker é memorável, e foram os tratamentos de Filipa que o conseguiram. Isso por si só é interessante. Embora esteja tecnicamente correta: a sua presença aqui é uma distração do propósito principal. E contudo uma distração na qual estou por de mais absorvida.

Esperei, e descobri que estava a segurar os talheres com força bastante para me magoar, ossos retesados contra a pele, músculos crispados, respiração sustida. Soltei tudo, tudo de uma vez, e ela viu-o, e os seus olhos brilharam e ela exclamou: — Fenomenal. Você — você própria. Não só a sua condição, mas você, a mente dentro da memória, você é fenomenal. Ter vivido. Ter sobrevivido. Mais — ter florescido! Ter-se tornado quem é, ter roubado o Perfection. Quer ser lembrada, e eu jurei ajudar, mas tem de compreender que isso poderia ser a mais pavorosa destruição de uma coisa linda, a sua esquecibilidade transformou-a em algo incrível.

— Os tratamentos...

— Encontraremos maneira — acrescentou ela, lesta, um meio assentimento de cabeça para nada em especial. — Tudo isto, os testes, as imagiologias, encontraremos a parte de si que é diferente, a parte que faz as pessoas esquecerem, e se pudermos desativá-la, dou-lhe a minha palavra de que o faremos. É o que quer, em última análise, não é?

— E ao encontrá-la...?

— Sim. Está claro. Sim — respondeu ela com uma torção dos dedos no ar. — Se pudermos desativá-la, poderemos igualmente ativá-la noutras pessoas.

Um momento, uma pausa enquanto eu tentava perceber. Uma ideia, quase demasiado terrível para nomear. — Você... quer ser esquecida? — gaguejei.

Ela não respondeu.

— É uma maldição — dardejei, fazendo frente ao seu silêncio. — É uma porra de uma sentença de morte.

Silêncio.

— Se me diz que quer o que eu tenho, então ir-me-ei embora esta noite.

Silêncio. Os dedos dela correram ao longo do rebordo da mesa, depois cruzaram-se, num gesto deliberado, no colo. Ergueu os olhos, susteve-me o olhar, o lábio inferior sobressaindo da boca para fora, um falso sorriso. — Eu vivo sozinha num lugar a que ninguém nunca vai. Trabalho sozinha. Ando à beira-mar, vou às lojas e escondo a cara. Esquivo-me às câmaras, viajo com passaporte falso, não faço amigos, não tenho necessidade de companhia. O meu trabalho é tudo o que importa. Daria a minha vida para o ver feito.

— E qual é o seu trabalho?

— Liberdade. Acho que é liberdade.

— O que significa isso? — perguntei, incapaz de a olhar nos olhos, a cabeça doendo-me da tequila, uma noite de que mal me lembrava. — O que *significa* isso?

Ela encolheu os ombros. — Acho... que é uma cruzada. Uma *jihad*. Lutar...

— Eu sei o que quer dizer *jihad*.

— Pois então. Lutar pela causa da liberdade de pensamento. Sendo a primeira batalha, claro está, mostrar que esse pensamento, neste mundo, neste tempo, não é livre.

— É por isso que persegue o Perfection?

— Sim.

— É por isso que me mantém por perto? Porque pensa... que eu sou livre?

Silêncio, momentâneo. Depois: — Sim. Penso que é a única mulher livre que jamais conheci.

Sentei-me, tremendo, e não tinha palavras.

Como uma criança, tudo o que logrei fazer foi levantar-me, e sair.

CAPÍTULO 65

Testes.

Mais testes.

Três semanas a entrar e sair de laboratórios e hospitais da Califórnia.

Imagiologias, químicos, esfregaços, injeções.

Tentei falar com Byron, mas nada obtive dela. Ela não se podia lembrar de construir uma relação comigo, e portanto não podia confiar. E assim fomos andando em silenciosa, empresarial eficiência, pondo vistos em itens da sua lista enquanto ela via e tornava a ver registros das nossas conversas, anotava e atualizava observações e pensamentos. Umas vagas impressões começaram a formar-se-lhe na mente, mas eram, conforme ela disse, como memórias de ver uma peça. Ela via Romeu morrer e Julieta desmaiar, mas não eram os seus lábios que o veneno beijava, o seu coração que se quebrava. Ela era uma testemunha de acontecimentos que a continham, não de que tomava parte.

Na quarta semana que passámos juntas, ela esgueirou-se por umas horas para fazer uma ressonância magnética funcional ao seu próprio cérebro, à procura de danos a longo prazo causados pela minha presença. Não me parecia que os encontrasse, e no dia seguinte lá estava ela de volta à mesa de pequeno-almoço, calma e composta como se nada fosse. A ciência, suspeitava eu, não lhe estava a dar as respostas que procurava.

Na quinta semana, os médicos deram-me LSD.

Não lhe chamavam LSD, mas os efeitos eram basicamente os mesmos. Acoplaram-me a uma dúzia de elétrodos e reclinaram-me numa cadeira confortável, e, pela primeira vez na minha vida, saboreei azul, e cheirei o som da voz de Byron, e sonhei acordada sonhos ainda por vir, e engoli tempo, engoli tanto o passado como o futuro, engoli todo o oxigénio do ar e senti-me absolutamente na maior até descobrir que estava a ter um ataque de pânico e não conseguia respirar, soluçando com falta de ar, incapaz de parar de chorar, arquejando, arfando, uma dor no peito que sabia me iria matar, ia morrer por isto, por Byron, pelo Perfection, até que o médico me deu algo para me acalmar e quando acordei, Byron disse simplesmente: — Continuamos a não nos lembrar de si, receio eu.

Mais tarde vi gravações do acontecimento. A viagem durara, pela minha palavra, menos de dez minutos, mas na gravação decorrem três horas em

que médicos, enfermeiras e estudantes da clínica entram e saem, entram e saem, e de cada vez Byron pergunta: «Já viu esta doente antes?» e todos eles abanam a cabeça, cada um deles, e retiram-se com um sorriso apoloético.

— Acaso um mecanismo diferente — sugeriu Byron enquanto nos conduzia de volta ao hotel. — Acaso algo elétrico.

*

Ela esgueirou-se cedo nessa noite, enquanto pensava que eu dormia à conta do remédio do dia, para outro dos seus encontros furtivos com contactos e servos. Interrogava-me onde ia ela buscar o dinheiro, se valeria a pena roubá-la, pensei em segui-la, decidi-me contra.

*

— Talvez outra coisa? — disse ela, no dia em que o médico sugeriu terapia eletroconvulsiva, mas observando-me pelo canto do olho, à espera de ver até onde eu iria.

Mais propriamente: terapia de eletrochoque. Tornada famosa como castigo por *Voando Sobre um Ninho de Cucos*, os doentes reduzidos a corpos a babarem-se. Algum risco; não muito. Comummente administrada bilateralmente, com correntes da ordem dos 800 miliampères, um aparelho de TEC consome menos eletricidade que um PC, e representa basicamente os mesmos riscos para um doente de um anestésico geral. No entanto, as recaídas são frequentes, em geral mais ou menos seis meses após o tratamento inicial, e há preocupações quanto à memória a longo prazo e danos cognitivos que poderão resultar do que é essencialmente um mecanismo desconhecido para induzir um ataque epilético.

— A menos que queira tentar...? — continuou Byron, suavemente, observando-me, à espera de ver para onde pendiam os meus pensamentos.

Valeria a pena? Seis meses a ser lembrada, talvez mais, pelo preço de um bit da minha memória, pela capacidade de usar uma colher? Seis meses de estranhos tornados amigos, de conhecidos sabendo o meu nome, seis meses a ser amada, a ser abraçada, a ser conhecida?

Valia a pena, é claro, mas quando me mostraram a sala em que teria lugar, pouco mais que um gabinete de dentista, uma cadeira, máscara de

oxigénio, agulhas, uma máquina, e me informaram das estatísticas — 100.000 pessoas nos EUA fazem isto anualmente, não há que ter medo — lembrei-me de Gracie, a minha maninha, sarampo aos quatro anos, as convulsões quando a febre chegou aos 42°, segurando-me a mão, a Força esteja sempre contigo — e fugi da sala e tive de ficar lá fora no corredor, contando os pontos nos mosaicos mesclados verdes e brancos sob os meus pés, enquanto Byron me pousava uma mão no ombro e dizia: — Tudo bem. Arranjaremos outra maneira.

*

Na sexta semana, tentaram estimulação magnética transcraniana. Os dois investigadores que a administraram disseram: — Conte até dez.

Um, dois, quatro, cinco, sete, oito...

— Parece que não consigo dizer... — disse eu, sem descobrir o que me escapava.

Eles soltaram uma risadinha. — Pois — exclamaram. — Nós sabemos!

Não parecia haver propósito médico em alterar magneticamente a parte do meu cérebro que podia contar até dez, mas eles desfrutaram do exercício e eu não senti dor enquanto eles me passavam a varinha sobre o topo do crânio, desencadeando variadamente o sabor de sumo de laranja efervescente, a memória de um concerto a que assistira em Roma, o som do mar, a incapacidade de recitar o alfabeto e, a determinada altura, um moderado ataque de riso que se prolongou por um minuto depois de terem desligado a varinha.

O que não podiam fazer, ao que parecia, era tornar-me memorável, e no dia seguinte, quando voltámos, eles sustiveram a varinha sobre o meu crânio de novo e disseram: — Conte até dez! — e acharam-no exatamente tão divertido como tinha sido no dia anterior.

*

À noite, Byron disse: — Já considerou a terapia de choque eletroconvulsiva?

Estávamos a comer costeletas de churrasco, arrancando carne de osso, descartando os restos cinzentos chupados para uma grande tigela no meio de nós, como vikings num festim.

— Já me perguntou isso ontem — disse eu.
— Desculpe — não me apercebi.
— Fomos ao hospital.
— Não, eu fui encontrar-me com um... Ah, mas você estava lá também, está claro. As minhas desculpas.

*

Na manhã seguinte ela disse: — Já considerou a terapia de choque eletroconvulsiva?

Eu disse: — Tenho de ir fazer chichi —, e quando voltei ela disse: — Já considerou a terapia de choque eletroconvulsiva? — e eu olhei primeiro para ela, depois para o seu telefone a gravar a conversa, e disse: — Sim. Mas não.

Ela tomou nota, e não voltou a perguntar.

*

No dia em que me sentaram para discutir a estimulação cerebral profunda, apercebi-me de que parara de ouvir passados uns minutos. Sorri e assenti e olhei para nada em especial, e quando Byron disse: — Quer ter esta conversa noutra altura? — sorri, levantei-me da cadeira e saí sem uma palavra.

*

Um dia adormeci na câmara de ressonância magnética. Não julguei que fosse possível, mas aconteceu.

E três dias depois disso, dormitei enquanto tentavam mais estimulação transcraniana, mas isso era normal, disseram eles.

E quando acordei, tinha uma dor de cabeça lancinante, que o ibuprofeno não atenuou minimamente.

CAPÍTULO 66

No sexagésimo segundo dia, ela disse: — Tenho uma coisa excitante para lhe mostrar.

Tinha alugado um carro, um apartamento também, arranjava uma carta de condução dos EUA — boa falsificação, fotografia à maneira, adaptada de uma mulher morta de Baltimore — e levou-me a uma clínica em Daly City. Ruas direitas e claras rodeadas de casas direitas em tons pastel a condizer. Com dois pisos, telhados inclinados cinzentos, os mesmos carros, as mesmas bandeiras, os mesmos caixotes do lixo, as mesmas plantas, as mesmas lojas, um subúrbio construído numa época em que os subúrbios pareciam boa ideia, um lugar para os confortavelmente velhos que não podiam fazer melhor e os novos em ascensão que esperavam alcançar mais. Era um lugar incongruente para Byron montar estaminé, mas ali, entre uma creche e uma oficina de reparação de motocicletas, estava um comezinho edifício branco de um piso que em tempos fora uma clínica dentária, e que era agora propriedade da Hydroponic Fertilizers Ltd., *A Água É o Nosso Futuro*, uma empresa fachada de fachada tão frágil que um sopro a poderia ter derrubado.

— Dantes adorava criar empresas — cismou Byron enquanto transpúnhamos o carreiro até à porta da frente fechada e trancada. — O feito de que mais me orgulho foi uma empresa de confeção de tartes de abóbora em Israel. Correu tão bem que pensava frequentemente que me reformaria e o faria a valer.

O espaço estava fechado, quase completamente vazio, o mobiliário do proprietário anterior retirado e não substituído. Uma mancha cor de café na parede fora grosseiramente encoberta por uma antiga fotografia de Ronald Reagan. Uma queimadela na carpete fora menos eficazmente protegida por uma cadeira de madeira de três pernas disposta casualmente, mas dando completamente nas vistas, por cima. Se Byron se ralava com estas dificuldades cosméticas, não o mostrava, mas conduziu-me para lá de uma pilha de caixotes de cartão e caixas de plástico vazias, para uma sala nas traseiras em que uma cadeira de dentista fora montada e convertida para um novo propósito sem nada de hidropónico.

Eu olhei para aquilo, ela olhou para mim, e eu contei para trás a partir de dez antes de dizer: — Onde é que a arranjou?

— Num intermediário no México. Funciona. Estou segura disso.

Uma cadeira de dentista, é certo, mas a aparelhagem à sua volta não era para arrancar dentes. Dei-lhe a volta uma, duas, três vezes, e concluí que era em tudo o que contava a mesma configuração que eu vira em Tóquio. As mesmas máquinas para remexer no cérebro, os mesmos dispositivos para alertar sobre a forma como a mente funciona, uma máscara para os olhos, um sensor para depositar na língua, auriculares e microfones, monitores e agulhas. Numa sala de traseiras em Daly City, Byron montara os seus próprios tratamentos do Perfection.

Contei para trás a partir de dez de novo, depois parei e disse: — Não é um risco roubá-lo?

— Enorme. Potencialmente catastrófico.

— Tomou precauções?

— Numerosas. Gauguin andarà a vasculhar a Carolina do Norte à minha procura enquanto falamos.

— Funcionará?

— Tenho todos os motivos para pensar que sim. As partes mecânicas não são assim tão complicadas; os dados que você roubou é que foram a parte difícil.

Calma na sua voz, orgulho também, curiosidade, à espera de ver o que eu faria. — Posso usá-lo? — perguntei.

— Ainda não.

— Porque não?

— Ainda estamos nos primeiros estádios de desfazer a programação de Filipa. Neste estádio, os tratamentos que lhe dermos, mesmo modificados, arriscam-se a reescrever-lhe o cérebro.

— Fá-lo soar simples.

A mão esquerda dela pousou ao de leve nas costas da cadeira; com a direita pegou nos óculos de proteção suspensos ao seu lado, revirou-os nos dedos. — Estimulação visual. Auditiva. Um elétrodo na língua; outro na nuca. Sedativos e estimulantes injetados basicamente em igual medida no sangue. Os tratamentos preliminares são pouco mais que hipnose medicamente aperfeiçoada. Imagens do seu eu perfeito, projetadas em lampejos enquanto sensações apazíveis são estimuladas. Imagens de imperfeição, correlacionadas com o sabor de bÍlis; esse tipo de coisa. Nada de extraordinário. Só no oitavo ou nono tratamento é que eles abrem um

orifício do tamanho de uma agulha na parte de trás do crânio, e inserem os elétrodos. Não os deixam lá muito tempo; umas poucas horas no máximo, e a pessoa está consciente apenas durante parte do processo. Estimulação cerebral profunda; um pacemaker cerebral, dantes era usado para a doença de Parkinson, dor crónica, mas Filipa é mais sofisticada que isso. O Perfection ajuda-os a mapear-lhe o cérebro, está a ver. Cada vez que o usa, cada compra que faz, cada decisão, cada recompensa reclamada e ação executada, dá-lhes uns poucos dados mais para quando chegar a altura dos seus tratamentos, de modo que eles sabem que parte do cérebro manter, e que parte queimar. Esse é o outro propósito do Perfection; por isso é necessário um milhão de pontos antes de lhe darem os tratamentos. Recolha de dados, tanto para marketing, como para visar os resultados. — A cabeça dela inclinou-se para o lado, observando a minha reação, nenhuma encontrando. — Nós apenas sabemos disto por sua causa — acrescentou gentilmente. — Antes de si, calculávamos.

— Nós? — perguntei.

— Tenho uma data de gente a trabalhar no problema.

— Como financia tudo isso?

— Roubo — replicou simplesmente. — Tal como você, eu sou uma ladra exceccionalmente boa, embora roube maioritariamente através dos mercados de ações, o que nem sequer conta como roubo.

A sua mão, pousada nas costas da cadeira, como a orgulhosa proprietária de um cavalo premiado, interrogando-se se é altura de vender.

Então ela disse: — Ainda quer tratamentos?

— Quero ser lembrada.

— Mas ainda quer tratamentos?

Não me lembro do que disse em resposta.

*

Dores de cabeça.

Um médico que já me vira onze vezes disse: — Ah, é nova aqui!

Sim, sou nova aqui. Sou sempre nova aqui.

Sangue tirado; quanto sangue me restava para tirar?

Cérebros, cérebros digitalizados, estudantes trazidos, apresentados, Olá, é nova aqui, ainda nova, ainda sempre nova, sempre e eternamente tal como

ontem, tal como amanhã, adeus, olá; olá, adeus.

Byron acordou de um pesadelo, fria e a tremer, viu-me no escuro ao lado dela, levou a mão à arma, imobilizou-se, os lábios movendo-se, lutando para se recordar. Vi os seus olhos brancos na obscuridade, ouvi o roncar de um grande camião a passar lá fora, esperei, ouvi a respiração dela abrandar, vi-a baixar a cabeça de volta para a almofada, fechar os olhos, tornar a adormecer, e eu não dormi.

Eu não dormi.

*

No sexagésimo oitavo dia da minha associação, quebrei a minha própria regra, e segui-a, discretamente, para um encontro. Era a noite perfeita para isso, a neblina elevando-se da baía, um ligeiro chuvisco obscurecendo as luzes no alto das colinas, o inverno chegando. Levei guarda-chuva, ocultei o rosto atrás de um lenço, vesti um casaco novo roubado de uma loja de que me podia desfazer no caminho para casa. Segui-a até ao limite de Berkeley, vi-a andar através da névoa até à porta da frente de uma moradia de madeira branca de dois pisos com uma bandeira americana adejando no alpendre e um cavalo de baloiço de plástico cor-de-rosa abandonado junto ao carreiro, e quando ela olhou para trás por sobre o ombro antes de bater, escondi-me atrás de um carro e contei até dez antes de espreitar para ver quem abria.

O homem tinha os seus cinquenta e tal anos, pele morena e cabelo grisalho, camisa de xadrez e calças de treino cinzentas, um par de chinelos com focinho de coelho e um par de grandes orelhas à frente. Apertou rapidamente a mão de Byron, e conduziu-a para dentro.

Pesquisei o endereço quando cheguei a casa. Agustin Carrazza, professor aposentado do MIT, silenciosamente desaparecido na obscuridade quando foi sugerido que tinha umas quantas ligações a mais com experiências questionáveis, das quais o foco tinha de ser um caso de 1978 em que o fornecimento de água para uma cidadezinha no Missouri apresentava vestígios de um ligeiro alucinógeno, resultando em dois dias de confusão e caos, três mortes, seis mortes de animais de estimação incluindo uma iguana, dois acidentes de automóvel, noventa e quatro ferimentos de vários graus, o abate de duzentas e dezassete vacas leiteiras e um significativo salto estatístico na taxa de natalidade nove meses depois.

Quando interrogado numa entrevista em 1998 se alguma vez tomara parte em experiências antiéticas ou ilegais, a sua resposta foi classicamente nixoniana: «Se o governo diz que é ético, então isso basta-me.»

Nessa noite comprei uns comprimidos para dormir numa farmácia que se autopublicitava com a fotografia de duas risonhas serpentes com chapéus *Stetson* enroladas à volta de um crucifixo, e deitei um na água de Byron quando ela se deitou.

Cento e cinquenta ressonadelas depois, rolei para fora da cama, tirei-lhe o caderno de notas da mesa de cabeceira, liguei a lanterna na parte de trás do meu telefone e sentei-me, como uma criança, sob o edredom a ler.

O seu nome é Hope, dizia na primeira página. Vais-te esquecer dela.

Páginas de notas. Reflexões e cismas, rabiscos ao canto...

Com medo de TEC? Possível irmã? Ocasional sotaque do Norte de Inglaterra. Relutante em falar da família. Bebe chá com leite. Corre, em média, 10km por dia. Rouba habitualmente. Inconsciente do próprio hábito? Roubou par de ténis de corrida, tablete de chocolate, maçã, frasco de molho de carne, ferramenta multiusos e faca (escondida, metida debaixo da cama — arma?).

Chegou tarde esta noite.

Apontei-lhe uma arma? No meu sonho acordei, e apontei a minha arma a um intruso, mas não estava ali ninguém, e voltei a adormecer, mas de manhã a arma estava noutro lugar. Porquê?

Cheiro a álcool na camisa dela esta manhã.

Hoje gosto dela.

Hoje ela está inquieta.

Hoje ela está calma.

Hoje ela está divertida.

Hoje senti pena dela.

Hoje ela falou em honra.

Hoje ela roubou um novo telemóvel, escondido atrás do autoclismo. (Temos de mudar de hotel; ver como ela reage à mudança.)

Demasiadas gravações, demasiados vídeos, o tempo não chega para dar conta de tudo. Registarei aqui todas as notas, tentarei compilá-las.

Ela não confia em mim.

Ela está amedrontada.

Ela não ouviu a gritaria.
Ela não aceitará a TEC; não voltar a perguntar.
Ela começa a suspeitar que estes testes não a curarão da sua condição.

E logo logo:

Ela anda a seguir-me?

É ela a ela que eu penso que é? Atuação, um rosto na câmara, voz na gravação, o que é ela quando nada há de digital para a recordar? O que poderá ela porventura fazer? Quem é ela quando não me posso lembrar dela?

Após quase sessenta páginas de notas, a escrita transformou-se numa linguagem que não reconheci. Alfanumérica, caracteres e símbolos, números e traços. Tentei decifrá-la, mas resistiu à análise de frequência monoalfabética, e eu não tinha tempo nem perícia para a decompor em algo mais complicado. Era ainda a caligrafia de Byron, mas em código, e doía-me a cabeça, e estava cansada, de modo que fotografei as páginas e pus o caderno de notas no lugar, e recoliquei o cabelo que ela deixara a selar as páginas, e tentei voltar a adormecer.

*

No septuagésimo dia, ela disse: — Tem andado a seguir-me?

— Não.

— Hoje gritei para uma mulher na rua que julguei ser você.

— Lamento. Não era eu.

— Eu sei. Quando voltei no outro dia, ela estava a chorar ao telefone, e eu lembrei-me da cara dela.

Encolhi os ombros.

— O que quero dizer... a dizer alguma coisa, acho que devia pedir-lhe desculpas agora.

— Não disse nada que me incomode — respondi, e nessa mesma noite ela disse: — Tem andado a seguir-me? — e eu disse não, e tivemos a conversa de novo, mas desta vez ela não logrou não parecer amedrontada.

Nessa noite roubei um livro sobre criptografia, e à luz branca da casa de banho, estudei enquanto ela dormia.

*

No septuagésimo primeiro dia, sozinha num cibercafé em Bayview, comecei a escrever um email para Luca Evard. Escrevi-o cinco vezes, e, à sexta tentativa, apaguei o rascunho e fui correr em vez disso. Nessa noite, enquanto Byron tinha o seu encontro secreto de duas vezes por semana com um grupo de subempregados estudantes de pós-graduação de Ciências Informáticas de Berkeley que andavam atarefados a decompor o Perfection nas suas partes componentes, apanhei um táxi para as colinas de San Rafael, e com duzentos dólares roubados entrei no China Creek Casino. Conteí cartas, não fiz qualquer esforço para ocultar os meus métodos. As câmaras CCTV observavam, mas não veio ninguém. Eu era uma estranha com sorte a apostar

agora

e agora

e agora

todos os padrões passados esquecidos.

Aos cinco mil dólares americanos, estava pronta para ir para casa, quando vi o Clube 106. Estavam isolados do resto do casino por uma divisória de correr de vidro, fazendo jogos de alto risco numa sala de eventos em que água limpa rolava no interior das paredes e champanhe borbulhava de uma fonte montada numa cama de gelo. Considerei ir-me embora, não fui. Roubei o telemóvel a uma mulher bêbeda, usei o convite gravado em formato píxel na sua memória para me fazer passar as portas do clube.

As luzes eram de um azul-luar, os jogos eram póquer e roleta. Jogavam horivelmente. Apostas ridículas, \$7000, \$10.000, e porquê? Porque vales isso, meu doce, ei, meu doce, é só dizer a palavra. Perdidos \$15.000 num ridículo volte-face de cartas, vai, disse ela, conquanto tivesse dezassete na mão e o crupiê não pudesse carregar mais de quinze num lançamento, e o crupiê foi, e ao ser-lhe tirado o dinheiro, ela riu, gritou de riso e disse: «Quem me dera que o meu ex estivesse aqui para ver isto!»

Um homem aproximou-se de mim e disse: — Não parece feliz.

— Não estou certa de gostar de ver dinheiro desperdiçado.

— É apenas dinheiro — disse ele. — É apenas papel.

— É tempo — disse eu, mais brusca do que era minha intenção. — É o

meio de comprar tempo. É o custo de uma nova cama num hospital, de um painel solar num telhado; é um ano de salário para um alfaiate em Dhaka, é o preço de um barco de pesca, o custo de uma educação, não é dinheiro. É o que poderia ter sido.

O homem fitou-me, fisicamente recuando a cabeça do pescoço, como uma ave protegendo-se de um potencial predador, e era lindo, e fora submetido a tratamentos — claro que fora submetido a tratamentos, olha para ele, carisma, confiança, sentido do seu próprio valor, valor, ser valioso — de uma qualidade que é louvável, admirável, respeitada, e ele disse:

— Uau, isso é muito profundo.

Falava a sério, é claro.

— Você é realmente real — acrescentou esbaforido. — Diga mais qualquer coisa.

Decidi que ele não valia a energia despendida, e fui-me embora.

CAPÍTULO 67

Enterrei \$5000 num saco de plástico sob um cipreste no alto da colina de Marin City. Viria a precisar deles? Não sabia. Nunca faz mal ter um plano de reserva.

Quando regresssei ao apartamento, o Sol nascia e Byron estava acordada, a sua pele tão cinzenta como o céu matinal, e duvidei que tivesse dormido. Quando transpus a porta, ela levantou-se, rapidamente, abriu a boca, estacou, e, por um momento, ficámos as duas a olhar uma para a outra, a minha fotografia na mão direita dela, os seus lábios comprimindo-se.

Contei lentamente para trás a partir de dez, e quando cheguei ao um, ela também chegou, e disse: — Seguiu-me ontem?

— Não — respondi.

— Eu vi... mulheres. Uma mulher. Mulheres. Que julguei...

— Condizerem com as palavras que me descrevem?

— Sim.

— Não era eu.

— Como posso eu saber isso? Como posso alguma vez *saber*?

Lá estava ele. Medo nos seus olhos. Uma mulher que vivia sozinha, que nada tem além dos seus pensamentos e deste instante. Terror da coisa que se senta no ombro de todos os viajantes solitários na noite. Sou louca? Sou louca e não o sei?

Você — você é real?

Você é real, estranha de que não me posso lembrar?

É isto real, este momento, é você, sou eu, é isto, é qualquer...?

Há uma arma na mesa junto à cama de Byron, e ela está tão assustada, tão, tão amedrontada.

— Está tudo bem — disse eu. — Está tudo bem. Ouça as suas gravações. Lembre-se do meu nome.

Ela passou a língua pelos lábios, e disse: — «A espada gasta a bainha», e no dia seguinte não havia compota ao pequeno-almoço, e eu estava com dores de cabeça.

*

No septuagésimo terceiro dia, apercebi-me de que vinha contando mal os

dias.

Não setenta e três dias, não dez semanas, não três meses desde que viera para São Francisco com Byron. Nada disso. Uma tempestade assolou a baía, e a chuva escorreu pelas colinas abaixo, e à medida que o urbano amarelo nublado do céu dava lugar a um implacável negro ensopado de mar, encontrei o bilhete picado do voo de Seul, e a data não fazia qualquer sentido, e comparei-a com a data no jornal, e tinha-me enganado, contara algo mal, não setenta e três dias, mas oitenta e nove, oitenta e nove dias na América.

De modo que subi as escadas e comecei a falar com Byron, mas Byron disse: — «A alma desgasta o peito»,

e havia compota ao pequeno-almoço, mas sem sementes, e eu nunca percebi qual era a ideia.

CAPÍTULO 68

Um dia num

café

snack-bar?

Chamemos-lhe snack-bar.

Nichos.

Balcão.

Máquina de café.

Bacon.

Xarope de ácer.

Empregada de mesa num engraçado avental branco de folhos e jaqueta verde com o seu nome bordado a ouro. Rainbow.

A princípio julguei que fosse um nome de marca, ou uma decisão de estilo, até que ela disse: — Olá, chamo-me Rainbow, o que lhe posso trazer hoje? — e

como vim eu parar a este lugar?

Estrada lá fora, quatro faixas de tráfego para cá, quatro faixas de tráfego para lá. Uma fina linha de arbustos enfezados no meio. Um passeio à justa para uma mãe ofegante e um estreito carrinho de bebé, para gente pobre andar

porque mesmo os mais pobres dos pobres têm de conduzir; isto é a América,

General Motors, Ford, Nicola Tesla, DC/AC, a vitória da autoestrada, a morte dos comboios, eu lera algo...

Um prato posto à minha frente, bacon, tomate, salsicha, batata, tosta, café preto forte eu não pedi isto, pedi?

— Quer mais alguma coisa?

Um prato vazio.

Alguém comeu a minha comida, quando pestanejei, e agora o prato está vazio e eu disse: — Não —, porque estava cheia, cheia a valer, como deve ser, cheia como deve ser e doía-me a cabeça e era

agora

que eram duas horas mais tarde do que

então

que fora um agora

que estava morto.

E uma mulher cujos pais haviam decidido chamar-lhe Rainbow disse: — Mais café, doçura?

E eu respondi: — «Fosse embora a noite feita para amar, E retorne cedo demais o dia, Não iremos mais vaguear, Sob o luar que nos alumia.»

Ela disse: — Oh que coisa mais amorosa...

mas um homem pisou-me o pé e eu disse: — Vai-te foder! — e ele simplesmente fez-me uma careta e continuou a andar.

E eu estava outra vez com fome, mas continuei a correr, simplesmente a correr, e de manhã Byron disse: — Tentamos outro hoje?

e eu não me lembro do que disse em resposta.

CAPÍTULO 69

Um

lugar.

Um

tempo.

Eu sou

este tempo.

Este lugar e a minha cabeça

está a matar-me.

Estas são as palavras que escrevi na palma da minha mão, grandes letras pretas.

A minha cabeça está a matar-me.

Quando escrevi eu estas palavras?

Olho em volta e está

escuridão.

Este agora, este tempo presente, este instante, este segundo, será para sempre agora assim que o realizar, não uma memória, não uma coisa embutida no passado, mas a eterna revelação, uma compreensão de que o tempo não diminui, um impacto que a distância não pode atenuar e é

agora.

Agora.

Agora.

Que eu realize que tenho vindo a esquecer.

*

Justiça: uma correção.

Acho que o sei há algum tempo.

Uma lacuna entre saber uma coisa, e apreendê-la. Entre percepção e convicção.

Indubitavelmente tem sido perdido tempo, mas diariamente as horas voam em inatividade

rotina de escritório

transportes

mandriice, rabiscos

olhar para nada

limpar

cozinhar

lavar

dormir

a lista é infundável, *okashi* como dizia a erudita, deliciosa, deliciosa, uma deliciosa listazinha

delicioso aplaudir de mãos uma contra a outra oh que engraçado

és tão real, tão excêntrica, tão querida tão

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se

foda-se

corro.

Corro, até que por fim acho um táxi, e esse táxi leva-me até uma árvore, e de debaixo da árvore recupero \$5000 e com eles arranjo um quarto num motel mesmo à saída da Route 101, El Camino Real, a Estrada Real, outrora usada por monges espanhóis para ligar missões e povoados, agora a estrada da Califórnia a sul, até à fronteira canadiana a norte, percorrendo a Costa Oeste ao longo de mais de mil milhas

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-se

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-segaitagaitagaitafoda-sefoda-se

O dono do motel, fitando-me uma vez da cabeça aos pés, diz cautelosamente: — Dinheiro primeiro.

Dou-lhe dinheiro.

— Tem identificação?

Não tenho identificação.

— Está em apuros?

Não estou em apuros. Ele ouve o meu sotaque britânico e fraqueja.

Discriminação casual está tudo muito bem, mas eu sou uma estrangeira, quem sabe que problemas poderei trazer?

Ponho mais dinheiro na mesa, e ele não se refere mais ao assunto, exceto: — Só lavamos as toalhas às terças-feiras.

No meu quarto, descubro que tenho bolhas nos pés. Na sua maior parte novas; algumas são antigas. Que distância corri? Há um telemóvel no meu bolso, mas eu já tirei o cartão SIM, raios me partam se cometo esse erro agora.

Tomo banho, examino o corpo inteiro, picadas de agulhas nos braços, nos tornozelos, no pulso, no pescoço, memória alguma de quando ocorreram. Exploro o topo do couro cabeludo com um espelho, palpando caminho entre os cabelos qual gorila à cata de piolhos, e sim, ali, e aqui atrás também, ligeiros galos onde foram inseridas agulhas, alguém andou a injetar coisas no meu cérebro e eu que me julgava tão esperta, tão esperta e no controlo, tão porra de gaita foda-se foda-se porra de esperta FODA-SE

Percorro as fotografias guardadas no meu telemóvel, encontro as imagens do caderno cifrado de Byron, e deito-me ao trabalho.

CAPÍTULO 70

Fragmentos de vidas alheias, num motel à saída da Route 101.

Uma família de três no quarto ao lado. Ele é vendedor, ela serve batatas fritas no *drive-through*. Ele diz, Amor, amor, prometo, para a semana, para a semana prometo...

Ela diz, Disseste o mesmo na semana passada, e na semana anterior, e na semana antes dessa.

Tesouro, tesouro, eu sei, mas posso fazê-lo, posso arranjar o dinheiro...

Dizes sempre isso, soluça ela, dizes sempre a mesma coisa.

Brigam madrugada dentro, e eu jazo acordada, à escuta através do tabique de cartão.

*

Um homem com chapéu de cowboy na televisão, magro como um palito, rijo como uma pedra, bigode tremendo sobre o lábio superior, patilhas até ao maxilar.

«Vamos falar como deve ser; vamos lá fazer sentido. O crime é cometido pelos pretos, isso é matemática, isso é estatística. De maneira que se a polícia quer usar caracterização racial, eu digo, pois, pois está certo, pois ela está apenas a usar uma verdade que todos sabemos para nos manter seguros.»

«O FBI diz que praticamente 70 por cento dos crimes nos EUA são cometidos por brancos.»

«Não, acho que encontrarás...»

«...mas há uma percentagem mais elevada de pretos na prisão pelos mesmos crimes...»

«Eu não sou racista, isto sou eu, a ter um debate, eu não sou racista, chamas-me racista e levo-te a tribunal...»

*

Tipos de código: cifra de César, monoalfabético, polialfabético, criptografia de chave única, cifra de uso único, código de livro, criptografia de número primo, SSL, etc.

De todas as cifras que parecia provável Byron estar a usar, a mais óbvia

era a polialfabética com uma palavra de código. De escrita lenta, de leitura lenta, mas com a prática podia adquirir-se velocidade e, sendo conhecida a palavra de código, um computador podia quebrá-la numa questão de segundos.

Sem a palavra de código, a análise de frequência levaria tempo, mas Byron escrevera uma grande quantidade de material e, que jeito que deu, não se incomodara a quebrar as palavras em grupos de cinco ou seis letras, mas deixara toda a gramática e espaços, como aqui: bwuwm ib tb ardjaur pjcfv xdlmcknbn sfvcey adbam.

Não há problema que o engenho humano não resolva.

Procurei uma repetição de padrões de palavras: «ib» «tb» — No? Ao? Me? Se? «ubl» «ebq» — Seu? Ela? Por? Procurei repetições de palavras de seis letras, buscando a palavra «Porquê», e no fim em vez disso encontrei uma repetição da mesma palavra de quatro letras, xbep, e decidi que era Hope. Cruzando «Hope» com «xbep» num quadrado alfabético, obtive as letras «libe». Outra combinação de três letras, pmt, tentei cruzá-la com «ela» e encontrei as letras «rda». No antigo PC na entrada do motel, teclei uma frase amostra do diário de Byron com a palavra-chave «liberdade», e vi o texto simples aparecer num ápice.

O que eu faço é antiético, dizia, e ao serviço da humanidade.

— São duas notas à hora pelo PC — disse o gerente, de esfregona ao ombro, balde na mão.

Deixei dez dólares sob o teclado, e continuei a escrever.

*

A América não tem bibliotecas públicas suficientes. Acabo a usar a impressora no armazém local, faça você mesmo, que serve também para vender cerveja, leite, artigos de toilette, animais embalsamados e armas. É um dólar a página, mas quem se rala, as resmas decifradas do diário de Byron caem da máquina nas minhas mãos.

Sozinha no motel, rodeada de papel, o noticiário ligado em surdina, o casal da porta ao lado a discutir, a discutir, sempre a discutir.

Não aguento mais, grita ele, não posso! Eu nasci para ser banqueiro!

«Agora há cidades em Inglaterra, cidades inteiras, que são islâmicas, onde têm a lei da Xariá», explicava um perito no noticiário, e o pivô parecia

chocado, horrorizado, como podia isto acontecer, como podia o Islão ter alastrado tão longe?

«Há bons muçulmanos, evidentemente, mas a fé em si, a religião...»

Mudar de canal.

*

Os meus atos são monstruosos, e não buscarei uma justificação moral. A história é o meu guia, escrevera Byron. Oliver Cromwell matou um rei; a Revolução Francesa foi liderada pelo terror. Os servos foram libertados e nasceu a democracia; Lenine travou uma guerra civil e os Aliados bombardearam Dresden com bombas incendiárias. A História está cheia de atos vis e estranhas consequências.

Tenho medo da Porquê. Hope — o seu nome é Hope, mas eu lembro-me dela como Porquê. E porquê isso? Recordo conversas mantidas com uma personagem chamada Porquê, o seu dom, ao que parece, não se estende aos computadores, tenho dados que se lembram dela, ao passo que eu não consigo. Nem é justo dizer que tenho medo DELA — não me posso lembrar dela para ter medo. Tenho medo do conceito dela. Da mulher de que não me posso lembrar. Mas isso é uma tolice. A minha imaginação desvaira-se com a questão do passado e as possibilidades do futuro, mas só agora, só quando dela me apercebo, a questão se torna real. Ela é tornada real pela perceção, este mundo é tornado real pela perceção do agora, deste instante, e isso é tudo o que posso permitir que importe.

Ela é livre, e não o sabe. Ela é uma deusa, olhando para o mundo de fora do mundo. O seu dom é lindo. O que lhe estou a fazer é vil, mas é simultaneamente a pedido dela, e necessário. A estrutura básica foi superficialmente bem-sucedida. Se conseguirmos implantar o gatilho na Porquê, então poderemos implantá-lo seja onde for.

Ela é sublime; ela é iluminação.

Dormi pesadamente uma noite, mas o meu diário não tinha sido mexido, e tu disseste ter perdido o telefone que te dei.

No meu pesadelo, tu és toda a gente, e eu estou sozinha no mundo enquanto te ris de mim.

Hope?

A palavra escrita, texto simples, de tal maneira embutida no caderno de notas que quase me escapou.

Hope? Se leres isto — talvez já o tenhas feito —, sabe que quiseste tratamentos. Concordaste com tudo isto. Eliminei a programação de Filipa do sistema. Não desejarás ser bela, não te tornarás ambiciosa, uma fanática, uma boneca, uma mulher perfeita, não matarei a tua alma. Mas a cada dia que te sentares naquela cadeira, ficamos mais perto de compreender o trabalho de Filipa, e a tua mente.

E depois, codificado, imediatamente a seguir:

Não Iremos Mais Vaguear.

*

Terror, sozinha na noite. Tranquei-me no meu quarto de motel, sentei-me com um novo telemóvel, contei para trás a partir de cem, de pernas cruzadas aos pés da cama, e procurei as palavras do poema, «Não Iremos Mais Vaguear», de Lord Byron, 1788-1824.

*Então, não sairemos mais vagueando
Tão tarde assim, noite dentro,
Mesmo que o coração continue amando,
E a lua brilhe no firmamento.*

*Pois a espada gasta a bainha,
E a alma desgasta o peito,
E o coração repousado melhor respira,
P'ra que o próprio amor tome alento.*

*Fosse embora a noite feita para amar,
E retorne cedo de mais o dia,
Não iremos mais vaguear
Sob o luar que nos alumia.²*

Li as palavras, e terminei as palavras, e nada aconteceu, conquanto o coração me batesse depressa, tão depressa, nem sequer respirar, nem sequer

contar a respiração o podia abrandar. Pousei o telefone, fui à casa de banho, lavei a cara, as mãos, água fria, fitei o meu próprio reflexo no espelho, achei-o distorcido e cinzento, endireitei o corpo, desafiadora, orgulhosa, fiz carranca à submissão, baixei os olhos para o telefone e vi que a lavagem tinha levado quase duas horas e meia.

*

Tremendo no chão da casa de banho.

foda-sefoda-sefoda-sefoda-sefoda-seLEVANTA-TEfoda-sefoda-sefoda-seLEVANTA-TEJÁfoda-sefoda-segaitafoda-segaitafoda-sefoda-se

O deserto.

O comboio.

E o que é valioso, e o que é justiça, e o que são palavras, no fim de contas?

Foda-se põe-te na porra dos pés, Hope Arden. Foda-se trata desta porra!

*

Arrastei-me de volta para os pés da cama, bebi um golinho de água, eu sou guerreira, eu sou corredora, eu sou profissional, eu sou disciplina, eu sou liberdade, fodam-se todos, procurei o poema no YouTube.

Várias pessoas tinham publicado leituras; escolhi a de uma mulher que a gravara para o filho como parte de um festival de família em Skye.

«Não sairemos mais vagueando», disse ela, e a sua voz não era treinada mas o sentido era claro. «Pois a espada gasta a bainha, e a alma desgasta o peito»,

e eu estava sentada no chão junto da televisão, e tinha estado a chorar, conquanto não soubesse porquê.

*

Horas, perdidas num segundo.

Escutei o poema de novo, e desta vez preendi um elástico no pulso, e puxei-o com força, abrasando-me a pele, e a leitora disse: «A alma desgasta o peito...»

estava na varanda do meu quarto de motel, observando o tráfego na

Route 101 para lá dos pinheiros, e o meu pulso estava vermelho em carne viva, e só trinta minutos se tinham passado.

*

De novo.

De novo.

Belisquei a pele com força suficiente para gritar de dor, e ela disse: «A alma desgasta...»

e eu estava no chão, arquejante, e claramente ligara a televisão, mas tudo bem, pois só se tinham passado quinze minutos e no ecrã um homem dizia: «Portanto duzentos dólares e transformámo-los em seiscentos e isso é arte, meu homem, isso é perícia, é estarmos à altura da situação quando a pressão se faz sentir...»

*

De novo.

De novo de novo de novo até estar feito, de novo, tirada esta coisa da cabeça de novo de novo de novo!!

Escutei a gravação e agora

na cama, silenciosa, olhos abertos, deitada de costas, vou nas quarenta e três contagens da minha respiração e pareço estar a contar para baixo a partir de cem, quem sabe para onde foram as últimas cinquenta e sete respirações?

De novo, a alma desgasta o peito e

lendo a *Bíblia*, calmamente agora, mais calma, conquanto a marca das minhas unhas na palma da minha mão esquerda tenha deixado um vergão vermelho, e haja equimoses em torno da parte de cima dos meus braços onde, talvez, me agarrei com força de mais a mim própria mas

de novo

o coração repousado melhor respira

e o Sol está a nascer, lindo dia californiano, não cinzento, não como em casa, não um nascer do Sol de neblinas e nuvens rasgadas, mas dourado de deusa, uma coisa a venerar, Amaterasu, Bast, Brígida, expulsando a escuridão.

De novo

canto ao som das palavras, desafinada, dançando à volta do quarto, «A alma desgasta o peito oh simmmm!»

e tropeço, mas não caio, tonta, a cabeça doendo, a cabeça matando-me mas foda-se isso, foda-se isto, que se lixem todos, eu sou Hope, eu sou Porquê, eu sou uma ladra, eu sou esquecida, eu sou eu, eu sou a porra de mim e isto é o agora, este agora em que danço e que canto de novo de novo de novo

De novo!

«A espada gasta a bainha...»

Mal há um tropeço desta vez, mal há um arquejo, encosto-me à parede por um momento, espero que o momento passe, depois rodo e rodo de novo, dançando no lugar, louca, membros agitando-se, respiração tremendo, joelhos vergando-se, a espada gasta a bainha e eu estou a dançar, a dançar, a dançar, o meu corpo é pedra, estou a dançar pedra de novo!

«...a alma desgasta o peito, e o coração repousado melhor respira, p'ra que o próprio amor tome alento EI MACARENA! A alma desgasta o peito *ei Macarena!*» Palavras substituindo palavras, foda-se esta dança foda-se isto a alma o peito substitui repete repete até estar feito *Macarena!* «O coração repousado melhor respira p'ra que o próprio amor vai-te foder vai-te foder vai-te foder vai-te foder foda-se foda-se foda-se *Macarena!*»

Um martelar na porta, a luz da alvorada através da cortina de poliéster transparente. — Mas que porra se passa? — grita o gerente do motel e depois, quando abro a porta, reluzindo de suor, rindo, tremendo, sibilando: — Quem porra é você?!

— Sou Hope! — exclamei, reprimindo uma risada. — Sou Hope!!

² Tradução adaptada ao contexto deste livro. (N. da T.)

CAPÍTULO 71

Uma pergunta para o chão, feita pelo homem à espera do autocarro de volta para São Francisco: «Como se sabe se se está louco?»

Anda acaso pelos trinta e poucos, mas com uma inocência acossada nos olhos que o faz parecer bem mais novo. Está agarrado a uma única mala de viagem azul-celeste, e enverga um blusão cinzento com capuz, e sapatos rasgados, e diz veementemente que estudava filosofia, mas os filósofos passaram ao largo, que não tinha a ver com regras, tinha a ver com ausências, os lugares em que as regras se rompiam, essa é que era a verdade, a verdade do universo.

«Todos fingimos que não somos loucos», sussurrou, «mas isso é porque temos medo!»

*

Uma pergunta em que matutei no autocarro, apertando o meu mísero saco de viagem contra mim, roupa suja, cabelo desgrenhado, rosto fechado. Como sabes que não és louca?

Quantas vidas tocara eu, que se consideravam agora insanas? Os meus pais, esquecendo lentamente a própria filha, pondo papel sobre o papel de parede do meu quarto, algo que sempre tinham pensado fazer. Pessoas a quem roubara, a polícia na sala de interrogatório — ela foi direita a ti, falou contigo, como podes não te lembrar da sua cara? A Princesa Leena no Dubai. Gauguin, que me apontara uma faca; pessoas que eu assaltara e pessoas que eu comprara. Uma falsificadora de passaportes num barco no Mar de Mármara, uma rapariga jogando jogos de vídeo em Tóquio, um amante bêbedo na cama do hotel à hora. Homens cujos corpos eu apertara contra o meu, Parker em Nova Iorque, um professor de Matemática que se interrogara se eu contaria cartas, companhia, calor, associação, camaradagem — disciplina.

Sou louca?

Tenho a disciplina para me proteger. A disciplina de pensamentos questionados, de companhia procurada, outro par de olhos, uma perspetiva diferente sobre o mundo, são a minha disciplina, a humanidade é a minha disciplina, Luca Evard é...

...um lapso de julgamento.

Sei-o, sempre o soube, vejo-o muito claramente agora. Não disciplina. Antidisciplina. Um acesso de irracional obsessão a que, nada tendo a longo prazo para comparar o termo, eu chamava amor. Como precisava dele agora. Como ele me deveria odiar, se se lembrasse de todo de como eu era.

Contei, até que só o contar permaneceu.

CAPÍTULO 72

Byron não estava no apartamento; pois claro.

Deixara um envelope colado à parede junto à porta, com a palavra HOPE escrita em grandes letras.

Cara Hope,

Parece que ou você se desvaneceu, ou eu deixei de registrar as nossas interações. Se a primeira, não sei porque partiu, embora possa especular. Se a segunda, então deveria saber que o medo de não saber quem você é ou porque não registro eu mais a nossa relação instigou a minha partida. Se é que a deixei, então espero ter clarificado de antemão que tem vindo a receber tratamentos. Não o programa todo como empreendido por Filipa e Rafe; não o Perfection. Mas um conjunto experimental de técnicas concebidas para mapear e alterar a sua química cerebral. Você o solicitou; pode igualmente não estar plenamente consciente disso, já que o processo ainda está em desenvolvimento.

Se é que me deixou, então é possível que um efeito secundário deste processo a tenha levado a afastar-se. Se assim for, espero que acredite em mim quando digo que não lhe queria causar dano, e que me sentiria honrada em continuar a trabalhar consigo para compreender a sua condição, e que desejo que a seu tempo venhamos a colaborar de novo.

Grande parte do que se encontra nesta carta acaso o saiba, ou acaso não saiba, ou acaso saiba mais, ou acaso julgue saber mais, ou acaso simplesmente não se rale. Apenas a posso perceber através dos meus registos, que são insubstanciais. Vejo nas minhas notas que um dia disse que precisava de se encontrar comigo cara a cara para me conhecer. Partilho esse sentimento, mas ao contrário de si não posso formar uma imagem sua a partir destes encontros. Por conseguinte quem você é é um vazio para mim, e não posso confiar num vazio. Não digo isto com rancor. Contudo, a minha missão é essencial e a descrição impõe-se, e portanto aqui estamos nós.

Saiba que desejo que esteja bem e em segurança, e imploro-lhe que evite qualquer uso de tratamentos salvo através dos protocolos que você e eu modificámos juntas. A sua vida e alma são demasiado preciosas para serem destruídas pelo Perfection.

Sinceramente sua,

Byron

Havia uma pen USB no fundo do envelope. Levei-a para o meu hotel, inseri-a no computador, pus auscultadores, escutei o ficheiro áudio que lá vinha.

Nada de surpreendente; o meu estômago apertou-se ao som mas não me retraí, não fugi, não me mexi.

«A espada gasta a bainha», dizia a voz de Byron, firme e resignada. «A alma desgasta o peito. Confia em mim. Sou a tua única esperança. Virás até mim.»

Ela disse esta última frase várias vezes, depois repetiu o poema, e eu escutei, impassível, e senti-me bem. Ei Macarena.

*

Fui até Daly City, à oficina vazia ao fundo do pequeno carreiro de betão, Hydroponic Fertilizers Ltd., *A Água É o Nosso Futuro*. A placa ainda lá estava, mas a oficina encontrava-se fechada. Entrei pela porta das traseiras, passei pelo lugar onde a cadeira de Byron estivera, um lugar de agulhas e drogas e...

...outras coisas de que me esquecera.

Senti horror?

Passei a mão pelas paredes, sob os parapeitos das janelas, e não senti. Pensei que talvez devesse, tentei forçar-me a sentir-me agoniada ou zangada ante o que acontecera, nada senti. Procurei qualquer coisa, alguma coisa, um sinal, e encontrei tudo lavado a lixívia, vazio, desaparecido.

Pesquisei a Hydroponic Fertilizers Ltd., mas a empresa eclipsara-se tão rapidamente como fora criada, os registos em branco. Bati à porta das casas vizinhas, perguntei se tinham visto alguém de partida, camiões ou caras mas nada tinham visto, à exceção de uma velha com insónia, que fora acordada às 3 da manhã por uma furgoneta branca a afastar-se, e julgara que eram ladrões, mas não, não havia ladrões por aqui, não onde era toda a gente tão simpática.

*

No fim de tudo, voltei ao trabalho de levantamento.

Durante duas semanas, fiquei sentada junto à casa de Agustin Carrazza, o ex-professor do MIT de eticamente dúbias práticas que Byron visitara durante aquelas longas, longas semanas de experiências. Vi-o entrar, vi-o sair, segui-o a reuniões e jantares, e escondi-me, não dele, mas de câmaras CCTV e telemóveis, escondi-me da máquina, pois a máquina jamais esquece.

Disciplina; todas as coisas, disciplina.

Se é que ele estava a trabalhar com Byron, não dava sinais disso, até uma tarde de quarta-feira, em que foi de carro a um laboratório sem nome, numa zona industrial à saída da Route 24, onde coisinhas vivaças de calças de treino acorreram ao seu encontro e lhe deram um aperto de mão, antes de o conduzirem lá para dentro para admirar a sua operação, a sua operação bem guardada e à porta fechada. E quando o laboratório ficou às escuras, arrombei-o, e encontrei a mesmíssima cadeira e as mesmas agulhas e as mesmas drogas e a mesma parafernália, parafernália elétrica de modificação cerebral que estivera na oficinazinha de Byron em Daly City, e canecas de café e talheres por lavar no lava-loiça, e um frasco cheio de detergente verde de loiça que começava a cristalizar de falta de uso, e um calendário dos Giants, porque toda a gente aqui apoiava a mesma equipa, e um PC protegido com palavra-passe que não cedeu a nada óbvio — password1, 123456, Giants001, etc. — e num contentor de risco biológico, agulhas sujas de sangue acabado de secar, à espera de serem levadas e incineradas.

Três mais dias de levantamento do edifício deram-me os nomes e identidades de toda a gente que trabalhava na instalação. Um par de estudantes de pós-graduação, um par de investigadores que deveriam ter mais juízo, um trio de estudantes universitários de Berkeley metidos naquilo pelo crédito nos seus currículos. Aproximei-me de todos, meti conversa na cantina, cruzei-me com eles na biblioteca, e ao fim de uns dias já os podia saudar calorosamente e perguntar-lhes pelo gato/lagarto/aranha/peixe de estimação pelo nome.

No coração do grupo estava Meredith Earwood. No segundo ano de Psicologia, com frequência de Literatura Inglesa, ela era o rato de laboratório na cadeira de tratamento, seu o sangue nas agulhas no contentor de risco biológico. Tinha o cabelo pintado, artisticamente produzido e vaporizado, cinco dólares por cada tesourada; os seus dentes eram luazinhas perfeitas na sua boca, a sua terra a Virgínia Ocidental, a sua ambição ser

conselheira dos famosos em LA, o seu CV adornado com vitórias em concursos de beleza, o seu estômago uma exibição de músculo de pedra esculpido, o seu lugar no topo da claque assegurado, ela dava saltos mortais e flic-flacs atrás rumo à popularidade e fama mas não bastava, não bastava, não bastava nunca.

Meti conversa com ela à porta da biblioteca com uma deixa fácil: tem o Perfection?

Claro que tinha, chegara aos 543.000 pontos ainda em casa, ninguém lá na terra chegara tão longe mas então, surpreendente, inesperado: — Mas já não uso essa porcaria.

Ergui as sobrancelhas, sentei-me na saliência da parede ao lado dela, apertei contra mim a minha pasta de estudante, comprada há três horas na loja do campus e esfregada contra os tijolos até parecer apropriadamente usada, e disse: — O que quer dizer, não o usa?

— O Perfection é uma ferramenta elitista de divisão social — explicou com a confiança absoluta de uma estudante do segundo ano de Humanidades destinada a governar o universo. — É quase impossível para os pobres atingirem mais que umas centenas de milhares de pontos, e a única forma de se atingir um milhão é acumulando tanto os bens materiais, como os valores materiais dos extremamente ricos e privilegiados. Sabe como é que a empresa por detrás do Perfection decidiu o que era «perfeito»?

Não, não sabia, como é que eles...?

— Pela internet. Pegaram no Google, Amazon, Bing, Yahoo, Twitter, Facebook, Weibo — em todos os algoritmos, todos os dados, e exploraram-nos para encontrar o sentido de «perfeito». Acharam que a mente nuvem saberia, pois as pessoas sabem sempre melhor, toda a gente, dados e números na web e sabe o que obtiveram?

Não, o que foi que eles...?

«George Clooney e Angelina Jolie, eis o quê. Obtiveram estrelas de cinema e modelos. Meninos ricos e meninas bonitas. Obtiveram moda e carros velozes, férias nas Caraíbas, céus azuis, águas límpidas, meias orgânicas e dietas vegan. Obtiveram contos de fadas — fantasias —, uma construção social de «perfeito» que é inatingível, que foi injetado à força pela televisão e cinema e revistas para nos fazer comprar, comprar comprar comprar mais coisas mais publicidade comprar comprar comprar comprar

uma casa comprar um carro comprar sapatos novos comprar perfeição — e programaram-no no seu algoritmo como a definição do que deveríamos todos ser. Quero dizer, merda, nada de novo, Hollywood há anos que o faz, o Perfection limita-se a cavalgar a onda. A perfeição é seja o que for que os homens do marketing dizem que é, e nós comprámo-la.

— De maneira que parou?

— Claro.

— Mas... — Dominei-me antes que as palavras «está a fazer tratamentos» me escapassem dos lábios, semicerrei os olhos, inclinei a cabeça para o lado, à procura de uma abordagem melhor.

— Mas sou linda? — adiantou ela, ante o meu silêncio.

Não era bem por aí que eu ia, mas...

— Escolho ter boa aparência — exclamou ela, realçando cada palavra com um golpe de dedo. — O mundo admira-me, e eu gosto de ser admirada. Eu sei que é treta, mas é fácil, ajuda-me a chegar onde quero estar, e eu quero estar no topo.

Contei tijolos no pavimento, apertei mais a pasta contra mim, o peso dos livros que nem sequer eram meus — devia tê-los roubado algures — fazendo-me vergar. — Já ouviu falar dos tratamentos? — murmurei.

Ela fitou-me, acutilante, depois sorriu, ocultando as facas nos seus olhos. — Claro.

— O 106, dizem...

— Claro, ouvi falar disso.

— Ouvi dizer que nos tornam perfeitos.

Ela não respondeu e, nessa noite, segui-a até ao laboratório, e observei através de um buraco que perfurara nas paredes três dias antes, câmara de fibra ótica enfiada pela abertura, ela a sentar-se na cadeira, sem se encolher quando lhe deram as injeções, a sorrir quando lhe colocaram os óculos de proteção sobre os olhos. Um homem de macaco de plástico azul — que eu nunca vira antes — apartou-lhe o cabelo em torno da coroa da cabeça, inseriu-lhe uma agulha, dez centímetros de comprimento, com uma espécie de antena redonda no cimo, pelo crânio dentro, até ao fim. A pulsação dela não subiu, a respiração estava constante, O₂ 99, PA 122/81. Puseram-lhe auscultadores, um nódulo metálico na língua, um tubo pelo nariz acima. Esperaram. Máquinas funcionavam e alguém fez café, e esperaram.

Trinta e seis minutos depois, desligaram-na, um pedacinho de cada vez, e nada mudara, mas quando ela abriu os olhos, o homem de macaco azul disse: «Uma criancinha que o ar respira, e em cada membro sente vida, o que da morte saberá ela?»¹⁰

E ela sorriu, sem dor aparente, e respondeu: «Conheci uma menininha de campo numa casita, tinha oito anos, disse ela; uma massa de caracóis de cabelo emoldurando-lhe a cabecita.»

Deram-lhe boleia para casa, após o procedimento, e ela acenou para eles da porta, e no dia seguinte teve um 78 na dissertação sobre cognição e cultura, que era uma nota ridiculamente alta, e foi para a aula de Inglês com um sorriso radioso, até que o professor disse:

«A pequena donzela tinha a sua vontade, e disse, “Não, somos sete!”»

Altura em que Meredith se virou, ainda sorrindo serenamente, e, com o canto do seu dispendioso portátil cinzento, esmagou os miolos do aluno sentado ao seu lado.

¹⁰ Excertos de poema de William Wordsworth, «We Are Seven» — «Somos Sete». (N. da T.)

CAPÍTULO 73

Uma ambulância à esquerda, o carro da polícia à direita.

Meredith gritou durante muito, muito tempo quando a arrastaram de cima do rapaz que estava a tentar matar. Gritou até a sedarem, e ficar, algemada, no assento da ambulância, a maca já ocupada pelo rapaz cujos miolos se viam róseos entre os ossos partidos do crânio. Fiquei na multidão de mirones, alguns em silêncio, alguns a chorar, mais a tentar tirar fotografias, até uma professora de Antropologia furiosa vociferar: «Se vir uma só fotografia desse pobre rapaz seja onde for, seja mesmo onde for, desanco-vos! Desanco-vos de tal maneira que ficarão feitos em papa!!»

A professora tinha cinquenta e cinco anos à vontade, era mínima, usava óculos e era uma perita no significado de significado, fosse o que fosse que isso significava. Tinha os pulmões de uma cantora de ópera e a fúria de um pitbull, e a multidão dispersou ante a sua ira, e o mesmo fiz eu.

*

À noite, voltei ao laboratório onde Meredith fora tratada, e encontrei-o vazio, desaparecido; apenas o cheiro a lixívia.

Fui de novo a casa de Agustin Carrazza, e também ele se eclipsara, partira à pressa, luzes apagadas, ninguém em casa.

Tranquei-me num quarto de motel, amontoei almofadas à roda de portas e paredes, e ouvi mais uma vez o som da voz de Byron, no volume máximo, proclamar: «Pois a espada gasta a bainha, e a alma desgasta o peito, e o coração repousado melhor respira, p'ra que o próprio amor tome alento...»

Ei Macarena!

Desta vez, a ânsia de vomitar veio inteiramente de mim, das experiências que eu, eu própria, encontrara, e não de qualquer implante na minha mente.

Depois preparei gravações de cada poema de Wordsworth e Lord Byron que encontrei, e deitei-me de costas a escutá-los todos, e não tive qualquer resposta adversa a nenhum, e mantive o relógio na minha linha de visão para me assegurar de que não perdia tempo.

Após seis horas de digestão poética, calcei os ténis de corrida, e fui visitar Meredith ao hospital.

*

Tinham-na num quarto particular, algemada à cama. Um homem ensonado de boné azul estava de vigia à porta, copos de cartão de café vazios amolgados na cadeira ao seu lado, uma embalagem de tortilhas fritas quase acabada, uma mancha de nicotina em torno dos dedos. Roubei um crachá de enfermeira a uma mulher na oncologia, um pijama cirúrgico de uma antessala de operações, e uma ficha dos pés de uma cama. Prendi o cabelo atrás, sorri ao polícia à porta, que não se incomodou a verificar o meu crachá ao deixar-me entrar.

Meredith dormitava o sono espasmódico de uma mulher que provavelmente nunca tornaria a dormir bem. Sentei-me ao seu lado, acordei-a suavemente, a minha mão na sua, e, ante o seu sobressalto, disse, baixinho, em americano da Costa Leste: — Está tudo bem. Queria ver como estava.

— Ele morreu? — perguntou ela. — Matei-o?

— Não.

— Cristo! Cristo oh Deus Cristo...

Alívio, julguei, no seu rosto, mas havia demasiada ansiedade para que o alívio durasse muito. — Meredith — disse eu —, o médico precisa de saber se está a seguir algum protocolo médico. Tem sido submetida a alguma espécie de tratamento para outras condições?

— Tratamentos? Não.

— Tem picadas de agulha no braço.

— Oh... pois, claro... dei sangue, ou algo assim.

— Há mais picadas de agulhas que isso.

— Eu... eu não estou a fazer tratamentos nenhuns.

Ou uma mentirosa boa como um raio, ou não se recorda. — Lembra-se de uma zona industrial para os lados de Walnut Creek? Pessoas de fatos-macacos, uma cadeira reclinável?

— Não. Não me lembro. Porquê, há... eu fiz alguma coisa? Quero dizer... eu fiz... há...

As palavras arrastam-se. Ela não faz ideia.

A rapariga não faz ideia de todo.

— Não — soprei, arredando-lhe o cabelo despenteado do rosto congestionado. — Não era você — não era você de todo.

Retirei-me, e não sorri ao polícia a caminho da saída.

CAPÍTULO 74

Uma pergunta, a única que importa: onde está Byron?

Talvez outra também: *porque* preciso eu de saber? Ela disse «virás a mim» e eu estou à procura dela, é uma simples compulsão? Embutiu-me ela algo no cérebro, agulhas e antenas e...

...mas não. Antes de tudo, faço um rápido exame geral médico, tudo num dia, para que os médicos não se esqueçam a meio. Nada invasivo, nada de chips, nada de fios, nada de nada, não é hoje que começo a usar chapéu de alumínio.

Disciplina: se não puderes confiar em ti própria, confia nos outros. Se não puderes confiar nos outros, confia no método científico. Tudo o mais é conjectura e dúvida, dogma, fantasia e medo. Eu não ficarei com medo. Eu *não* ficarei louca.

Procurei Byron, e Byron fora-se.

Eclipsara-se da América, eclipsara-se da darknet, simplesmente... eclipsara-se.

Procurei no 106, procurei em laboratórios e salas de conferências, bati aeroportos e postos alfandegários, vasculhei a internet, em busca dela, aliciando-a, e nada.

Eclipsara-se mais efetivamente do que eu alguma vez imaginara, e as pessoas podiam lembrar-se dela, e ela continuava desaparecida ainda assim. Acaso estivesse certa; acaso fosse uma espécie de liberdade.

*

Nada encontrando, de uma veneta, embarquei no autocarro Greyhound para Salt Lake City. O autocarro não era como nos filmes antigos; tinha ar condicionado, era confortável, com casa de banho lá atrás. «Olá», exclamou o motorista pelo intercomunicador, quando rumávamos para norte. «Há wi-fi para vosso entretenimento, revistas para vosso prazer, luzes sobre os assentos para lerem e um WC para uma experiência que jamais esquecerão!»

Salt Lake City: fundada por mórmones, sustentada pelo esquí e bancos industriais. Uma poça de linhas retas sob picos nevados. Comi um belíssimo cachorro-quente enquanto escolhia o meu próximo destino — tão

bom que voltei para pedir outro e a mulher que estava a servir exclamou:
«Querida, devia comer mais e engordar, ou não sobreviverá ao inverno!»

Deitei mais ketchup no pão, dei mais dois dólares de gorjeta, e apanhei o autocarro às 3 da manhã que seguia pela Interstate 80, rumando a leste, em direção a nenhum lugar em especial.

CAPÍTULO 75

Nomes na estrada. Evanston, Rock Springs, Rawlins, Laramie, Cheyenne, Ft. Collins. Lugares em que os pais fundadores cravaram uma bandeira, a que os construtores da via-férrea chegaram com pás e dinamite, em que antigas tribos lutaram e morreram, impelidos sempre mais para oeste em direção às montanhas e aos mares. Porque estou eu aqui? Porque viajo eu?

Viajando de, viajando para. Parece coisa que um peregrino faz. Dá a sensação de uma espécie de oração.

Uma lenta alteração na paisagem, o início de nomes ligados a uma espécie diferente de história. Lexington, Kearney, Grand Island, Lincoln, Omaha. Um centro industrial em decadência. Denver. Ft. Morgan. Sterling. Ogallala. As chaminés estão secas e empoeiradas, os portões estão trancados, avança com os tempos ou sê esmagado. Vendedores de seguros, de carros em segunda mão, equipas de televisão, peritos e mercadores de opinião e vaidade, venham para leste, venham para leste; há uma paragem para descanso de dez minutos em Des Moines, trinta minutos em Walcott se precisarem de fazer chichi, a casa de banho tresanda e daí, alguém limpará a porcaria, lixo na estrada, problema de amanhã, hoje é hoje é hoje, o que se segue?

Chicago. Sentei-me à beira do Lago Michigan, liso como seda bem esticada, e interroguei-me se os primeiros europeus a virem para aqui o teriam julgado mar, oceano, e que do outro lado estava o Japão.

Andei no L, maravilhada com a sua lentidão, que pudesse rolar tão próximo das torres do Loop, estendi o pescoço para ver um bocadinho de céu. Comi piza junto ao Wrigley Park e aclamei os Cubs, conquanto estivessem destinados a perder. Encontrei um homem que gostava de dançar a rumba, pensei, porque não, por que diabo não, e dancei a rumba com ele o caminho todo até ao seu apartamento, que cheirava a *habanero* e feijão, e foi só foder, nada mais, e ele não perguntou se me veria outra vez e eu não estava interessada em mais nada, e apanhei o autocarro na manhã seguinte na direção de South Bend, Toledo, Cleveland e Nova Iorque.

*

E em Nova Iorque, olhei para a estátua da Liberdade, e chorei.

Roupa de sete dias, o cheiro a pimenta e sexo na minha pele, há dias que não corria, tinha as pernas inertes do autocarro, a minha mente apenas via o passar do mundo lá fora, não a mim, não a mim de todo, disciplina, fora-se, respiração, fora-se, contagem, fora-se, conhecimento, verdade, ladra, tudo...

Nada.

De onde viera eu? Aonde ia eu?

De nenhures, para nenhures.

O passado era simplesmente um presente que fora, o futuro era um presente por vir ainda, e só o agora permanecia, e fiquei junto ao mar, recuperando as pernas bambas da estrada, e as lágrimas correram-me pela cara.

CAPÍTULO 76

Coisa estranhíssima.

Sensação curiosa.

Comprei um passaporte francês a um tipo no Bronx, um profissional como deve ser, a sua identificação na darknet um emaranhado alfanumérico que expirou no instante em que teve o dinheiro na mão. Fizera um bom trabalho também, ao ponto de o carimbar com um visto de entrada da fronteira canadiana, dois da Turquia e um da Índia. Elogiei-o pelos seus esforços, e ele encolheu os ombros, grandes e musculados ombros de basquetebol, e disse que, quando estava a trabalhar, nada o incomodava, iá.

Fui à Quinta Avenida à procura de alguma coisa glamorosa para roubar, mas nada me saltou à mente, e nessa noite fui a um casino para os lados da Oitava e 36.^a Oeste e contei cartas e perdi um pouco mas ganhei mais, e a dada altura um segurança postou-se atrás de mim, e contou cartas comigo, mas alguém entornou um cocktail e desatou a gritar com o homem que lhe dera um encontrão, e isso desviou brevemente a atenção do guarda, e quando ele se virou, tinha-se esquecido do que estava a fazer ali.

No aeroporto JFK à espera do avião, vi uma mulher com uma bonita pulseira de prata incrustada de âmbar, e ia para a roubar, e então detive-me, e não roubei, e sentei-me de volta, e quando uns minutos mais tarde ela me viu, e eu sorri, ela sorriu de volta, e o dia dela correu bem.

A caixa telefonou ao chefe quando eu paguei o voo para Londres em dinheiro vivo, mas eu mostrei-lhe a documentação do casino e expliquei que tinha tido sorte, mas nunca tivera conta bancária nos EUA.

— Sabe que não pode passar com esse dinheiro todo na alfândega, não sabe? — disse o chefe, e tudo bem, respondi eu, tinha um amigo na embaixada britânica que iria tratar disso por mim. Depois sentei-me na retrete e contei \$9990 do maço de notas, pus o resto (\$2681,55) num envelope castanho e meti-o na caixa de donativos para a «Bioliving New York — por uma cidade mais verde para todas as nossas crianças». Eles detiveram-me na alfândega, e contaram o meu dinheiro.

— Que beleza — disse a senhora que me ajudou a refazer a mala. — Dez dólares aquém de toda a papelada.

— Tive sorte no casino — expliquei com o meu melhor sotaque de comédia francês. — Vou começar de novo, uma nova vida. Só se pode levar

o que se carrega.

— Bestial — exclamou ela. — Eu sempre quis um corte radical, mas sabe, quem não quer?

Voei na classe económica, vi por alto um par de filmes. Um homem de fato cinzento remexeu-se todo o caminho até Londres, encolhendo-se a cada solavanco de turbulência. Por vezes olhava para mim e via uma pessoa nova, mas não se ralava. O seu medo teria apagado todos os detalhes desta viagem, mesmo não sendo eu sua companheira de assento na longa viagem para casa.

*

Casa.

Londres.

Hotéis, B&B, lugares que conheço, o rio, o Sol de inverno pondo-se atrás do London Eye, passeio de cães em Hampstead Heath, papagaios de papel a voar, é isto casa?

Apanhei o comboio para Manchester. Ruas direitas entre rígida arquitetura industrial. Pequena catedral metida entre um centro comercial e o rugido do tráfego. Museu dedicado ao futebol, galerias de armazéns, câmara municipal entre um serpentear de elétricos, colunas de pedra, tijolo vermelho, árvores insuficientes, atravessar os canais nas comportas, mãos bem agarradas às pegadas de ferro negro à medida que se avança, um pé de cada vez para o outro lado. O guinchar da via-férrea, os ciclistas prontos a pedalar através dos Peninos, é isto casa?

Comi batatas fritas na Albert Square enquanto tocava uma banda de tambores de aço, fui até ao pub para uma caneca sossegada, pus uma libra na fruit machine, perdi, e apanhei o comboio de Piccadilly para Derby quando o Sol se punha.

*

Derby.

É isto a minha casa, é isto algo que importe, um lugar com algum significado? Mais que lajes e betão, tijolos e alcatrão?

Arranjei um quarto de hotel perto da estação, um ExpressPremierExclusivoQualquerCoisa, quarto do tamanho de um

armário, lençóis supercolados à superfície da cama, tudo demasiado quente, cortinas demasiado grossas, noite demasiado escura, canos a ranger, dormi como uma pedra.

Andando pelas ruas pelas quais não andava sei lá há quanto tempo. Lojas nas quais parava em miúda — CD, DVD, três por uma nota de dez, quatro por quinze libras, uma pechincha, se se gostava do que vendiam. Loja de telefones, acessórios; capas com corujas, extensões de cabelo, anéis para dedos dos pés, o estúdio de tatuagens onde nunca lográramos entrar em miúdos, apesar de nos gabarmos.

É isto casa?

Andei, devagar, tomando o meu tempo, uma turista de novo, e deixei que os pés me levassem, uma longa e lenta viagem, passando pela minha antiga escola — as vozes dos meus professores, Não és muito académica, pois não? — se me pudessem ver agora. A biblioteca em que me refugiei naquelas primeiras semanas, o clube de taekwondo desaparecido, agora hatha yoga, sessão aberta a bebés às sextas-feiras. A casa dos meus pais. Uma luz acesa na sala de estar, mas ninguém lá. Mas espera, espera um bocadinho, olha, e alguém entra, um velho, um homem envelhecido, que decidiu que, bolas, se velho é o que ele é, então observem-no bem, ele faz tudo à maneira, as suíças, o casaco de malha, os chinelos, as calças de veludo cotelê — o meu pai esperou a vida inteira para usar calças de veludo cotelê, e agora que é velho, ninguém o deterá, vão ver. Vê televisão, um qualquer documentário médico, algo a ver com comida, bons alimentos, maus alimentos, alimentos gordos, alimentos magros, alimentos para o fígado, alimentos para o cérebro.

O rosto do papá está neutro, calmo, sereno. Estudo-o, fascinada. Difícil agora, quase impossível, imaginá-lo a perseguir bandidos. Este velhote inofensivo agarrou e levou gente ao chão, olhou nos olhos de homens maus que sabiam segredos sujos, arrancou-lhes a verdade com uma mentira de cada vez? Ou esteve sempre aqui, neste momento, bebendo chá e vendo televisão, e se eu voltar de novo noutro agora, ele ainda aqui estará, imobilizado para sempre?

A porta da sala abre-se; entra a mamã. O seu cabelo está todo branco, cortado rente junto ao crânio, e a idade fez do seu rosto algo extraordinário. Cada parte dele precisa de um atlas para o descrever; o seu queixo são muitos queixos, ainda pequeno e pronunciado mas esculpido de músculos e

rugos, em camadas uns sobre os outros. As faces são osso contornado e sedosos rios de pele, as sobrancelhas balançam contra grandes paralelas de pensamento na testa, a boca está engastada em rugas de sorrisos e rugas de amuos e rugas de carrancas e rugas de preocupação e rugas de riso e não há parte dela que não esteja de alguma forma gravada de histórias.

Ela diz alguma coisa ao papá, e o papá ajeita-se, e ela senta-se ao seu lado e ele rodeia-a com o braço, sem tirar os olhos da televisão, e ela senta-se com os joelhos enroscados em cima, os pés pendendo da beira do sofá, posição de criança que ela sempre me repreendia de ter, que afronta, hipócrita!

Ela mergulha a sua bolacha digestiva na caneca dele — isto sempre o irritou, faz o teu próprio chá, dizia ele, mas não, ela não bebe chá com leite, que sentido faz, como dizia George Orwell, se se quer leite e açúcar numa chávena, então que se ponha simplesmente leite e açúcar numa chávena, para quê desperdiçar chá? Mas leite e açúcar numa chávena não sabem tão bem embebidos em bolacha e por isso estás a ver, ela molha bolachas na caneca dele. Ele desistiu de discutir. Observo-os juntos, e estão felizes. Ainda apaixonados. Estão mais que bem.

Um momento, uma tentação. Os Stasi costumavam ser postos à prova pelos instrutores — «Dentro de cinco minutos quero ver-te na varanda daquele edifício a beber chá com o dono da casa» e lá iam eles, endrominando uma pessoa para lhe entrar em casa, até à varanda para discutirem... fosse que mentira fosse que pregavam para lá chegar.

Eu podia fazê-lo. A minha mãe não era lerdinha nenhuma, mas era uma cordial cidadã respeitadora da lei e se eu viesse da companhia da água ou do instituto de agrimensura, deixar-me-ia entrar, claro que deixaria, e eu assentiria e murmuraria perante coisas de que só eu me aperceberia com a minha excelente formação, e ela oferecer-me-ia uma chávena de chá e ainda mais confiaria por eu ser mulher, parecendo-se, talvez, dando um bocadinho ares à sua pequena Gracie...

...oh e que idade tem a sua filha, Sra. Arden?

...já é crescida agora. Teve algumas dificuldades em criança, mas agora vai tão bem, tão bem, é a nossa pequena delícia, a nossa perfeita maravilha. Nunca quis outro filho, ela foi sempre tão bonita...

E talvez no decurso da minha inspeção, eu fosse lá acima examinar o isolamento do telhado («posso isolar-lhe mais a casa, melhorá-la, faz parte

da intenção do instituto ter casas mais eficientes energeticamente...») e lá estaria o meu antigo quarto, agora quarto de hóspedes, ou talvez um escritório, um lugar para a mamã se sentar a dar conta dos impostos, ela decerto não deixaria o papá fazê-lo, não é bom para números, não guarda recibos de nada, um desastre, e eu diria:

Tem mesmo uma casa encantadora, Sra. Arden.

Um pouco grande para nós agora que a Gracie já cá não está, mas lá está, tem tantas memórias...

E se eu fosse memorável, seria neste momento que estabeleceríamos uma ligação. O momento em que eu lhe diria que quando era miúda, também eu tivera uma maninha que adoecera, mas que ia tão melhor agora, e cujo filme favorito era *Guerra das Estrelas* e cuja cor favorita era o azul, que não sabia mentir e ela diria:

«Podia estar a falar da minha Gracie!»

e tomaríamos outra chávena de chá — «Tem a certeza de que não estou a tomar-lhe tempo?»

e eu diria não, não, é a minha última visita do dia, se não for imposição...

E ela ficaria com o meu número e eu ficaria com o dela porque já se vê, sou interessada por todas as coisas por que ela é interessada também, revoltada contra a falta de habitação social disponível, revoltada contra tantas casas boas e baratas a serem deitadas abaixo e substituídas por más e caras, revoltada contra a linguagem de preconceito e intolerância na nossa política, revoltada contra a imprensa, os meios de comunicação — mas esperançosa no futuro, numa juventude criada com mais consciência do que nós tínhamos, uma geração vindoura que se sairá melhor que a anterior e ela dirá...

«Hope é um nome lindo; se tivesse tido outra filha, ter-lhe-ia chamado Hope.»

E eu diria: «A minha mãe atravessou uma vez o deserto.»

E ela diria, baixinho agora, não querendo empolar a coisa, não querendo forçar uma ligação, implausível, espantosa, maravilhosa: «Eu também percorri um longo caminho uma vez. Quando comecei a andar, estava com muito medo. No deserto há sempre o som de movimento, um silencioso burburinho de areia a cair-nos sob os pés. Quando estamos sós, mesmo a quietude está cheia de monstros.»

Então ela amar-me-ia, e eu amá-la-ia, e seríamos as melhores das amigas

e ela sorriria sempre que me abrisse a porta, e dar-me-ia um abraço e apresentar-me-ia ao papá e diria: «Esta é a Hope, e ela é maravilhosa!» e passaríamos o Natal juntos e iríamos passear nas montanhas e eu ajudá-los-ia nos seus afazeres e iríamos de férias e...

se eu fosse memorável.

E ao considerar isto, dois pensamentos acodem-me à mente, infiltrando-se com a quietude enquanto observo a casa dos meus pais do outro lado da rua.

1. Se eu tivesse o Perfection, e os tratamentos tivessem resultado, eu seria memorável.
2. Se eu fosse perfeita, jamais poderia ser amiga da minha mãe.

Está a fazer-se frio, a cair a escuridão. Vejo-os ver televisão. Eles são... à sua própria maneira, maneira medíocre, para a qual não se escrevem baladas nem se cantam canções, de uma maneira doméstica, diária, de vida vivida,

...felizes.

Vou-me embora.

CAPÍTULO 77

Há um lugar, na periferia de Nottingham: uma grandiosa e antiga casa com vista para o Trent, campos que frequentemente se inundam no inverno, carvalhos largando folhas enroladas e ressequidas, um cão brincando nos jardins, os residentes, por vezes felizes, por vezes tristes, por vezes nesse estranho lugar que não se coaduna com o nosso mísero entendimento emocional, mas vivendo — a despeito disto tudo —, vivendo.

Uma caminhada carreiro acima num dia tempestuoso, o meu guarda-chuva vira-se ao contrário, empurrado com força para baixo pelo vento de leste. Calças encharcadas até ao joelho com água e lama, onde é que estacionou o carro, clama a rececionista, não estacionei, respondo, apanhei o autocarro e essa é uma noção ultrajante mas quem é ela para argumentar?

Dou entrada como eu própria, Hope Arden, só por esta vez, neste preciso lugar, e subo as escadas até ao segundo andar, enquanto uma mulher, cinquenta anos, cabeça numa mão, dedos crispados, desce numa cadeira elevatória do outro lado, e sorri quando passamos uma pela outra a meio.

Uma casa antiga, mas os corredores foram convertidos à sensaboria médica e eu conto as portas, os passos, as janelas e as fendas nas paredes até chegar ao quarto dela, e bato duas vezes e entrom, e ao mesmo tempo que o faço,

Gracie, a minha maninha, olha da sua cadeira junto à janela, e o seu rosto irrompe num sorriso e ela diz: — Hope!

CAPÍTULO 78

Descubro que estou...

...a mudar.

Coisas que roubo por:

- Sobrevivência. Tentei, nos últimos meses, alguns empregos legítimos, mas é difícil — tão difícil. Tenho um perfil num website, com uma fotografia minha a sorrir para a câmara; limpo a sua casa, podo a sebe do jardim, vou buscar compras, lavo o seu carro, passeio o seu cão, entrego a sua encomenda, conserto a sua bicicleta. Por vezes as pessoas contactam-me, por vezes não contactam, e por vezes roubo para não morrer de fome, para manter um teto sobre a cabeça, e não sentirei remorsos por viver. Não sentirei.
- Informação. Byron14, onde estás? Roubo o banco de dados da polícia, roubo a identificação de um homem com bons contactos, roubo conhecimento, roubo imagens de CCTV, roubo um servidor, roubo uma estação televisiva, roubo o que for preciso para dar com ela. Byron14 — o que andas a fazer agora?
- Justiça. Vivo pelo meu próprio código. Sou uma deusa, os meus olhos límpidos porque ninguém me vê. Eu sou a iluminada. Eu sou uma criminosa e uma hipócrita. Eu sou uma peregrina, lutando numa *jihad*. Eu sou obscena. Eu sou transviada. Eu sou reta.

No dia em que roubei £65.000 a um advogado de defesa em Doncaster cuja especialidade era pôr traficantes humanos em liberdade, senti-me... orgulhosa. Não o orgulho extático de um trabalho bem feito, não o rejubilar do Dubai, não o ímpeto de adrenalina dos diamantes na minha mão. O orgulho de... mim própria. Da pessoa em que me estava a tornar. Não só ladra. Ladra que era igualmente eu.

Roubei-lhe o dinheiro e lavei-o através de quinze contas diferentes, desmantelando-o e reconstruindo-o, dispersando-o pela internet antes de por

fim o reamalgamar através de uma centena de multibancos diferentes por todo o Nordeste, enviando montantes fixos de £200-800 para o lar onde vivia Gracie, uma doação de caridade, uma promessa de mais no futuro.

A diretora do lar, uma senhora carente e nervosa, a princípio ficou entusiasmada, depois assustada, depois zangada com estas doações súbitas. Elas representavam o mais pavoroso dos problemas para qualquer pessoa comodamente instalada — *mudança*. Com a entrada de dinheiro, era agora possível *alterar* coisas, ter comida melhor ao jantar, ou pensar em colocar termóstatos novos nos quartos, ou consertar a infiltração no canto sul do telhado, ou acaso guardar o dinheiro para comprar uma carrinha para a casa para não terem sempre de alugar uma quando iam sair, ou arranjar outra enfermeira noturna para os doentes que precisavam de cuidados permanentes ou... ou...

«Não podemos gastá-lo! Pode parar!», exclamou ela depois de quase £6000 terem chegado no decurso de quatro meses de gentil doação. Na semana seguinte doei £1000, para marcar posição, e a diretora guinchou de desespero, as mãos tremendo-lhe como um mosquiteiro num vendaval, «Quem me está a fazer isto?!», e por voto unânime do conselho de administração na semana seguinte, o problema foi-lhe retirado das mãos e iniciaram-se imediatamente obras para instalar mais corrimões no corredor e áreas de casa de banho para doentes que de contrário se debateriam para andar ou usar a retrete sem supervisão.

Na semana em que deram à minha irmã uma cadeira de rodas nova, mais leve que a antiga, mais estreita nas ancas e com apoios de pés que se fixavam na posição, eu empurrei-a pelo jardim fora gritando: «Abalas-me os nervos, esfrangalhas-me os miolos! Santo Deus grandes bolas de fogo!»¹¹

Passado algum tempo, o NHS¹² declarou que era injusto o lar ter um tão generoso doador sem espalhar a bondade à sua volta, e eu até percebi a ideia, pelo que continuei com doações gentilmente à margem mesmo que os fundos fossem escoados para outros projetos, e à medida que o dinheiro desaparecia, comecei a procurar outra pessoa qualquer que parecesse um meritório

meritório, que estranho este novo uso de *valioso*,
alvo da minha nefasta perícia.

E então, onze meses depois de a ter perdido na Califórnia, Byron reapareceu.

¹¹ «Great Balls of Fire», de Jerry Lee Lewis. (N. da T.)

¹² *National Health Service*, Serviço Nacional de Saúde britânico. (N. da T.)

CAPÍTULO 79

Talvez nada.

Um artigo de trezentas palavras, lançado como uma trivialidade, menos importante do que qual celebridade fez o quê a quem, ou que esposa de primeiro-ministro foi desdenhada em que evento, ou se os imigrantes estavam ou não a sobrecarregar os serviços de autocarros de Tyneside.

Mas chamou-me a atenção, e olhei um pouco melhor, e era Byron.

A notícia do lançamento de um livro em Nîmes, com toda a ostentação, celebridades e a não celebrada elite rica reunidos para ouvir a sua guru espiritual, Marie Lefevre, curadora espiritual e mística, lançando o seu mais recente título: *Alma de Amor, Espírito de Verdade*, um livro demonstrando que o caminho para os grandes negócios e sucesso romântico passa pelo conhecimento das vidas passadas.

Olhei para uma fotografia de Marie Lefevre, e ela era linda, deslumbrante, perfeita. Com o homem perfeito pelo braço, o sorriso perfeito, a vida perfeita. E olhei para as fotografias das pessoas reunidas no evento, e também elas eram lindas, ricas e cheias de grandes ideias sobre o tempo e o espaço e a sua própria posição neles, e invejei-as, e desejei ser também assim bela, confiante e memorável, mas então vi as fotografias do depois, e mesmo os belos sangravam, ao que parecia, e mesmo os belos precisavam de dezassete pontos nos rostos e pescoços antes que os médicos os deixassem ir.

A atacante era Louise Dundas, uma exceccionalmente bela, exceccionalmente encantadora participante do encontro, que, ao ouvir Marie Lefevre ler um dos seus excertos favoritos de poesia, atacara subitamente, inexplicavelmente e sem aviso os seus companheiros de evento.

Não — não atacara simplesmente, sussurravam as redes sociais, rapidamente censuradas. A rapariga *ensancedera*.

Numa declaração emitida pela algo traumatizada Marie Lefevre depois:

«Lamentamos profundamente as ações de uma das participantes no lançamento de hoje. Por vezes as pessoas que não se conhecem a si próprias fazem coisas extraordinárias e violentas; o caminho para a verdade pode ser assustador e entristece-nos muito saber como é que tantos dos nossos leais leitores saíram feridos deste evento. Decerto cooperaremos plenamente com a investigação e desejamos paz, amor e a luz eterna a todos os apanhados

nestes trágicos acontecimentos.»

Passando em revista as fotografias dessa noite, o sangue e o caos, as imagens desfocadas enquanto as pessoas fugiam pela vida, um homem escorrendo sangue enquanto a insana rapariga o mordida suficientemente fundo para lhe perfurar as veias do pulso, vi terror e horror e caos e

Byron.

Lá mesmo, mesmo atrás, Byron, o rosto meio desviado, avançando como a multidão para a saída

ali estava ela

Byron.

Um exemplar do livro de Marie Lefevre debaixo do braço, cabeça baixa, colar de pérolas ao pescoço, uns meros píxeis contra o caos do ecrã mas era ela, era

Byron.

*

Uma pergunta para os sobreviventes do acontecimento.

O que se estava a passar antes de Louise Dundas ensandecer?

Uma resposta, unanimemente apresentada: Marie Lefevre estava a ler um poema.

Pergunta: que poema?

A resposta, menos unânime por via de ignorância poética. A seu tempo recolheram-se dados suficientes para extrair a resposta do caos, e era esta:

*Ela caminha em formosura, como uma noite
Em que o céu está sem nuvens e com estrelas palpitantes;
E o que há de bom em treva ou resplendor
Se encontra em seu olhar e em seu semblante:
Ela amadureceu à luz tão branda
Que o céu denega ao dia em seu fulgor.¹³*

«SHE WALKS IN BEAUTY» DE LORD BYRON, 1813

*

Encontrei o perfil de Facebook de Louise Dundas, vasculhei o seu conteúdo

— fotografias dela num iate, com amigos numa discoteca, abraçando o seu cão, experimentando sapatos novos, abrindo-se num sorriso radioso para a câmara sob o painel de partidas do aeroporto de Heathrow, um chapéu de palha enfeitado com rolhas em ângulo folgazão sobre a cabeça. Um catálogo de uma vida vivida nas alturas, pleno de acrónimos, OMG, LOL, WTF!¹⁴

E ali, claro está, ali, três meses antes, o post que eu procurava.

OMG tão excitada começo os tratamentos hoje!!!

Desse post em diante, os acrónimos diminuíram, assim como as fotografias dela armada em tolinha. Cada vez mais se tornava o que os tratamentos queriam que ela fosse — linda, confiante, inacessível, intocável, perfeita.

Vou esta noite à festa exclusiva de Marie Lefevre, escrevera ela, no dia do ataque. *Excitadíssima de a ouvir falar — tão inspiradora, tão verdadeira e generosa.*

*

Nessa noite, fui ao quarto da minha irmã — é nova aqui, não é? — disse a rececionista quando assinei o meu nome, e beijei Gracie na testa e disse que tinha de ir, voltaria brevemente, e ela repreendeu-me com um estalar de língua e respondeu:

«Tens de manter as tuas promessas.»

«Prometo», murmurei. «Voltarei o mais brevemente que puder.»

Segui em silêncio no comboio para Manchester.

¹³ Tradução de Fernando Guimarães. (N. da T.)

¹⁴ Respetivamente, *Oh My God, Laugh Out Loud, What The Fuck*. (N. da T.)

CAPÍTULO 80

Avião Manchester-Paris, comboio Paris-Nîmes.

TGV, cinzento e lustroso, inverno em França, a neve caindo silenciosa do lado de lá da janela, vales baixos no Norte, planícies planas no Sul, no sopé dos Alpes, as montanhas distantes contra a escuridão que se formava.

Comi um *croque monsieur*, por um preço exorbitante, e ressuscitei o meu enferrujado francês lendo o *Le Monde* e escutando rádio com auscultadores. Não tinha tido tempo de me preparar, de modo que roubei um par de carteiras na Gare de Lyon, guardando o dinheiro e descartando o resto; roubei um telemóvel, comprei um novo SIM na *tabac* na estação de Nîmes.

Isto não é indigno.

Sou uma mulher com uma causa, lutar com retidão, grandes lutas, lutas de trabalhadores, lutas raciais, lutas de género, direitos e batalhas e marchas e

isto não é indigno.

Roubo para viver, vivo por uma causa.

Sou uma ladra sublime.

*

Impressões de Nîmes:

Sem pompa mas bonita, uma pequena Paris do Sul sem o fardo de ser Paris. Herança medieval sobrevalorizada à romana. Fantásticas chocolaterias, com preços exorbitantes. O cheiro a perfume, o crepitar da carne na grelha, crianças exigindo o último brinquedo, a última novidade linda e fofa, as luvas cosidas umas às outras em longos cordões, um inverno frio a caminho.

O Hospital da Universidade, um megálito, uma cidade dentro de uma cidade, vergai-vos ante o sistema médico francês todos vós que aqui entraís, um monumento à brutalidade da década de 1960, é bom que se esteja deveras muito doente antes de nele dar entrada.

Este é o lugar para onde teriam sido levados os sobreviventes ao ataque do lançamento do livro de Lefevre. Prendo o cabelo atrás, aperto o casaco em torno do peito, e avanço lá para dentro.

Fácil encontrar o quarto de Louise Dundas; é o único quarto com vigilância policial à porta. Roubo pijama cirúrgico, crachá de identificação — hospitais como este são suficientemente grandes para que haja sempre algo que sirva — sorrio ao polícia, ele pergunta-me o que faço, eu digo, «Verificar fluidos», e ele ouve uma expressão médica, e acena-me que passe.

Louise Dundas jaz, tal como Meredith, algemada à cama, adormecida. A sua frequência cardíaca é de 72 BPM, a TA é de 118/79, ela está tão saudável e em forma como seria de esperar de uma mulher que tem o Perfection, que se pode dar ao luxo de ter o seu treinador pessoal e um plano de dieta vegan algoritmicamente construído entregue à porta. Uma rapariga, dos seus vinte e quatro, vinte e cinco anos, que simplesmente ensandeceu numa leitura de poesia e atacou sete outros convidados antes de ser contida, enquanto Byron observava.

Sinal algum de Byron agora, está claro, mas isso é de esperar. Sinal algum, lamentavelmente, do telefone ou pertences pessoais de Dundas, ainda que salpicados de sangue. Apreendidos pela polícia. Tento gentilmente acordar a rapariga, mas ela está profundamente adormecida. Interrogo-me se será de usar alguma droga, mas a porta abre-se antes que possa ir longe na minha busca, e um homem e uma mulher dão entrada, ela alguém desconhecido, ele...

...um rosto que conheço deveras muito bem.

— Boa-noite, minha senhora — o seu francês é perfeito, está claro, com inexpressiva entoação de pivô de noticiário —, como está a Menina Dundas?

Um momento em que tropeço nas minhas deixas, mas tudo bem, é aceitável, ele é um estranho num quarto vigiado pela polícia, conquanto curiosamente o polícia tenha desaparecido do seu lugar lá fora; é-me concedido um momento para contar rapidamente para trás a partir de cinco e dizer:

— Sedada, mas com bons valores. O senhor é...?

— Sou o Sr. Blanc — respondeu, estendendo-me a mão, que está claro, apertei, pois porque não o faria, eu sou enfermeira, ele é um estranho bem-educado querendo saber da saúde de uma doente, está claro que a apertei, por higienicamente duvidoso que seja.

— Não é parente?

— Não — trabalhamos para a companhia de seguros.

Ele não diz que companhia de seguros, e não mostra a identificação. A mulher contorna já a cama, examinando a cara da rapariga, as suas unhas, as suas mãos, os seus dedos. Eu assinto e sorrio, apressando-me a sair, depois hesito junto à porta. E porque não? Paro, viro-me, sorrio para o Sr. Blanc e digo: — É o Perfection?

A mulher ergue rapidamente os olhos, uma resposta de longe mais expressiva do que o vagaroso sorriso do Sr. Blanc, o seu meio virar de cabeça, o gentil arrastar de pés para posicionar o corpo, um bocadinho de cada vez, em pleno alinhamento de forma a olhar para mim. — Porque diz isso, senhora...?

— Jouda. Sra. Jouda.

— O que tem o Perfection, Sra. Jouda?

— Trabalha para lá? Sei que a Menina Dundas o usava — disse eu com um encolher de ombros, um ligeiro inclinar de cabeça, nada que ralar. — Sei que recebia tratamentos.

— E como sabe isso?

— Ela disse-o, antes de ser sedada.

— Disse? Ela disse isso?

A mulher, petrificada como uma ave pernalta, incerta quanto à morte rondar acima, ou comida nadar abaixo. Alimentar-se e morrer, costas expostas ao inimigo, ou imobilizar-se e morrer à fome?

O homem que se diz chamar Sr. Blanc já deu por uns quantos nomes antes: mugurski⁷¹, Matisse, Gauguin, um homem dos sete ofícios para Rafe Pereyra-Conroy, ex-espião, outrora amante de Byron¹⁴, claro está que faz sentido ele estar aqui. Andará também à procura de Byron.

Ele observa-me, e eu observo-o de volta. Não me importo de causar impressão.

Lembrar-se-á de mim?

Não, mas tal como Byron talvez tenha palavras arquivadas no fundo da mente, mantras, ações repetidas e nebulosos conceitos que declaram, *há uma mulher de que não te podes lembrar, estes são os seus atributos...*

Se este fosse um hospital na Islândia, ou na Rússia rural, ele estaria de certeza absoluta a fazer essas perguntas agora, interrogando-se como é que uma mulher com a minha descrição chegou a este lugar. Mas estamos em Nîmes, e os Franceses têm uma história colonial tão longa e ignóbil como

os Britânicos, e o Sul está cheio de exilados que atravessaram as águas vindos da Argélia na década de 1960, de viajantes da costa ocidental de África, de mulheres com o meu cabelo e a minha pele que são francesas até ao tutano.

De maneira que observa, e eu observo de volta, e por fim ele sorri e diz: — Ela fez alguma ressonância magnética?

— Não que eu saiba.

— Um psiquiatra...

— Está agendado vir vê-la.

— Gostaria que fosse um psiquiatra meu a assisti-la. — Estende-me um cartão de visita, Sr. Blanc, sem referência de empresa mas um número de telefone.

— Tem a sua documentação? — sugiro. — O P77, comprovante da apólice; terá de os entregar na receção.

Não faço ideia se esta papelada existe, mas ele também não faz. — Claro — responde. — O hospital está a par da minha visita. A Menina Dundas vai ser transferida, a pedido da família, para outra unidade.

— Não fui informada.

— Encontrará toda a papelada a postos.

— Ela ainda está...

— Toda a papelada — repetiu ele, o sorriso ainda colado à cara. — A ambulância estará aqui não tarda.

Imitei-lhe o sorriso. Ele era Gauguin, um servidor do Perfection, sorrirá o caminho todo até ao apocalipse. Rolei o seu cartão de visita entre os dedos, e fui à procura de uma motocicleta para roubar.

*

A moderna tecnologia torna simultaneamente mais fácil e mais difícil roubar carros. Mais difícil, porque os fechos elétricos e os códigos digitais requerem agora com demasiada frequência níveis mais elevados de tecnologia a superar. Mais fácil, porque os códigos digitais e os fechos elétricos, uma vez superados, tornam mais fácil fazer tudo com limpeza, um premir de botão, um toque de interruptor e olá portas abertas, quentes motores a ronronar. Não há nada que o engenho humano não possa fabricar, que o engenho humano não possa arrombar.

No Sul de França, contudo, a moda italiana das pequenas motorizadas aos traques, quase nem lambretas com motor, continuava em voga. Três minutos com uma chave de fendas trataram do assunto, e eu estava lá fora à espera no meu veículo roubado quando a ambulância particular chegou para levar Louise Dundas dali para fora.

Não a acordaram, mas transportaram-na numa maca, rampa acima até à carrinha. Gauguin e a mulher caminhavam uns passos atrás; a mulher assinou os papéis para o paramédico que a acompanhava, Gauguin olhava para a rua, viu-me, reparou em mim, olhou por alto, esqueceu-se. Ele não era Byron nenhum. Não vi sinal da família de Louise.

*

Seguindo a ambulância pelas ruas noturnas de Nîmes. Não tinha capacete. O ar enregelava-me através do casaco, entorpecia-me os dedos dos pés. Aprendera a andar de motorizada num curso intensivo de dez horas (há-os de outro tipo?) na Florida, mas já fora há uns tempos, e cada solavanco me chocalhava o cóccix. Cóccix: ligado ao nervo sacral. Joelho: nervo plantar medial, nervo plantar lateral. Uma batida no joelho no sítio certo estimula o nervo plantar, desencadeando o famoso reflexo automático do joelho. Cotovelo: nervo ulnar, cujo choque elétrico quando atingido deu possivelmente origem à expressão dor de cotovelo.

O conhecimento escoava-me pela mente, e constatei que era simplesmente... conhecimento.

Não palavras para acalmar, não pensamentos para focar, não conhecimento-vai-te-foder, não conhecimento-como-liberdade, conhecimento-como-orgulho, conhecimento-como-o-lugar-onde-deveria-estar-uma-alma, simplesmente...

pensamento.

Onde estamos?

Retas francesas construídas por cima das suas ancestrais romanas, árvores elevando-se e contorcendo-se, os ramos amassados numa curva descrevendo o tamanho e forma do mais alto e largo camião a aventurar-se por estas estradas, um túnel de folhas que obscurece o luar, o brilho da estrada principal lá ao longe, a ambulância detém-se subitamente, com força, e eu ultrapasso-a, demasiado perto para parar sem dar nas vistas.

Uma centena de metros, paro, desligo os faróis, espero, olho para trás para ver porque parou o veículo — mas foi por causa de uma coruja na estrada, um animal curiosamente estúpido pousado no alcatrão, a pestanejar, interrogando-se porque não sairá aquela máquina do caminho. A porta do passageiro abre-se, e Gauguin apeia-se. Encaminha-se para a criatura no asfalto, ajoelha-se a uns centímetros dela, estende o braço lentamente, muito lentamente, o rosto iluminado pelos faróis da ambulância, bondade impressa nele — mas a ave voa para longe antes que ele lhe possa tocar, e ele permanece de joelhos um momento mais, antes de voltar para o veículo, arrancar.

Deixo-os passar por mim, e sei que terei sido vista, e conto até vinte para deixar que se esqueçam, antes de ligar os faróis, e segui-los.

CAPÍTULO 81

Um lugar que fora em tempos uma escola, num lugarejo que fora em tempos uma aldeia. Um riacho descia das montanhas do Maciço Central, perdendo velocidade e alargando ao precipitar-se direito ao mar. Uma ponte atravessava-o no seu ponto mais alto, e na ponte havia candeeiros de rua de ferro forjado adornados com flores, e dentro de cada cesto suspenso flores brancas e roxas de inverno, um altifalante fora escondido que tocava, mesmo à uma da manhã, canções populares infantis entremeadas de mensagens de felicidades do presidente da junta.

As grades das lojas estavam corridas, o hotel sobranceiro ao rio estava fechado para a temporada, os grafítis na parede do banco diziam, «nous sommes morts». No cimo da colina, uma mansão vitoriana gótica estava praticamente toda entaipada, um sonho vampiresco de torres fortificadas, cataventos rachados. Muros altos rodeavam jardins que se espriavam feitos em matagal, lajes negras de lousa e tijolos vermelhos recurvados. No portão pendia um sinal *à vendre*, carcomido pela chuva e pelo tempo. Gauguin não se incomodara a removê-lo, calculando talvez que ninguém viria — que ninguém jamais vinha — mas um homem de chapéu cinzento abriu o portão quando a ambulância se aproximou, fechou-o atrás deles, e trancou o cadeado no lugar.

Havia algumas luzes acesas atrás das janelas entaipadas. Dei a volta ao local umas quantas vezes, uma vez de motorizada, duas a pé, à procura de câmaras e sinais de vida, mas só as luzes da ala leste estavam acesas, e não havia sinais de gente a patrulhar.

Saltei o muro por uma velha figueira sem folhas, deslizando pelo tronco cinzento para um solo enlameado de matéria vegetal em decomposição no outro lado. Enervante ter de fazer o trabalho sem a devida preparação ou os usuais instrumentos do ofício, mas excitante também. Um acelerar esbaforido dos pulmões, um disparar de coração, contei os passos, contei a pulsação no pescoço, forcei-a a abrandar, permaneci quieta por um momento à sombra das árvores, de costas para o muro, e deixei-me impregnar pelo frio e pelo escuro, de novo pondo o meu corpo sob controlo.

Fragmentos da vida na mansão, observados durante uma hora e meia da escuridão dos jardins.

- Um homem de bata branca, uma aba atravessada no peito e bem abotoada, como um chef, ou um farmacêutico, senta-se cá fora um bocado a fumar um cigarro e a olhar para o céu percorrido de nuvens.
- Uma mulher de fato cinzento e ténis cor-de-rosa sai para falar ao telemóvel. É reconfortante, consoladora, prometendo estar em casa brevemente, pois, amor, eu sei, eu sei, pois. Fala inglês, não francês, sotaque do Essex, e os seus olhos são penetrantes mesmo na obscuridade.
- Duas vozes elevam-se brevemente atrás de uma janela entaipada, discutindo em francês, não senhor, inaceitável, não, os testes, disseste, inaceitáveis, *inaceitáveis!* Uma terceira voz silencia-as, psiu, agora não, não é o lugar...
- A ambulância que veio com Louise Dundas, tendo-a depositado, vai-se embora.
- Uma mulher de azul, sozinha, e a tremer. Não de frio, ou de fadiga, mas uma vibração mais profunda que vem de dentro. Ergue a cabeça para olhar para as estrelas da manhã, depois saca do telefone, tecla-o com o polegar, o rosto iluminado a cinzento pela luz do ecrã, e liga para um número de marcação rápida. «Salut», sussurra. «Eu sei que é tarde — desculpa. Só queria... sim. Não, está bem, está... sim. Não, eu sei. Eu sei que amas. Eu amo-te também. Eu só... queria ouvir a tua voz. Sim. Não, volta lá para... amo-te. Amo-te. Vemo-nos dentro em breve.»
- Acabada a conversa, desliga, e fica sentada a tremer um bocadinho mais.

*

Um grito, súbito e furioso, suficientemente sonoro para fazer os corvos irromperem dos seus ninhos, suficientemente estridente para afogar o suave tilintar da incansável e alegre música popular do povoado. É de filme de terror dos anos 1950, intenso filme-B, mas é real, pleno de saliva e sangue, veias sobressaindo contra a pele, olhos esbugalhados, língua rolando, é o grito de alguém que talvez queira morrer, ou matar, ou ambos. Não para —

não para, ela continua a gritar, mal se detendo para inspirar, quem teria pensado que os pulmões humanos continham tal poder? (O grito de um bebé humano pode atingir 122dB. 120dB é o limiar da dor humana, 130dB é uma metralhadora a disparar, 150dB um avião a jato, *foco!*)

O grito extingue-se. Ouvem-se vozes murmurar, interrogar-se. Estou agora encostada à parede da mansão, procurando um orifício nos tapumes por onde espreitar.

Uma porta abre-se à minha direita, uma figura emerge, rápida, um homem já a um telemóvel, falando espanhol; não, não é — não, outra — bem, sim, claro que pode mas — ugh!

As suas palavras dissolvem-se num som animal, lança as mãos ao ar, desliga o telemóvel, parece por um momento tentado a atirá-lo com força contra a parede, esmagar uma coisa pelo prazer de esmagar, mas não, é um aparelho caro, £320 se o comprou novo (e claro está que comprou), de modo que, por um momento, a venalidade leva a melhor sobre o touro raivoso, e ele volta a entrar danado, deixando a porta aberta para uma mulher sair primeiro, Gauguin ao lado dela.

Ele segura na mão um copo de plástico com café, bem como ela, conquanto nem um nem outro o beba. O vapor evola-se da superfície do líquido e ficam ali os dois postados, olhando para nada em especial, até que por fim ele diz: «Ele tem de saber o que eu tenho para contar.»

A mulher, collants grossos pretos, saia cinzenta pelo joelho, o cabelo apanhado atrás num carrapito, sem anéis nos dedos ou joias ao pescoço, assente para nada em especial, e eu conheço-a também, lembro-me do seu nome, do seu sorriso, de partilharmos massa chinesa em Tóquio, és tu?

És tu, Filipa Pereyra-Conroy? És tu?

«Até sabermos a que ponto...»

Ela detém-no com um assentimento, os olhos fixos em nada de especial.

«Eu farei a chamada», diz ele, mas tarda em ir, hesitante, não a quer deixar sozinha.

«Vá», responde ela, vendo a dúvida dele. «Vá.»

Gauguin vai, e só Filipa fica.

Observo-a durante algum tempo, das sombras, e durante algum tempo isso é tudo o que existe entre nós. Pensamento sem palavras, silêncio sem sentido, ali estamos e as estrelas giram e este momento é para sempre, ela e eu, e eu estou bem com isso.

Então ela vira-se sem aviso, e vê-me, e dá um salto, derramando café quente sobre a mão, e arqueja de dor e recua, o rosto abrindo-se de surpresa, depois crispando-se de medo, antes de se abrir de novo de curiosidade. Avanço em frente, mãos vazias, e digo: — Filipa?

Um momento, café pingando-lhe da mão, em que ela me fita o rosto e tenta decifrar-me. Abarca os meus olhos, os meus lábios, o meu pescoço, os meus ombros, o meu casaco, os meus braços, os meus pulsos — e vê prata, uma fita de Möbius eternamente rolando na sua própria forma geométrica, e reconhece-a, tanto a coisa em si, como o significado do objeto, imbuído muito antes de eu aparecer a apagar-lhe a memória.

Uma realização.

Uma revelação, ela é brilhante, afinal de contas, Filipa é simplesmente brilhante.

— É você? — sussurra. — É você?

— Não se lembrará de mim, conhecemo-nos em...

— Você é aquela de quem as pessoas se esquecem, você é...

Parou, em plena frase, virou-se para olhar por sobre o ombro, subitamente consciente do tempo, do lugar. Depois marchou direita a mim, agarrou-me pela manga, puxou-me para longe da porta, para longe da luz. — É você? — soprou de novo, todo o seu ser marcado de assombro. — Veio aqui por mim?

Não era a reação que eu esperava. Há algo nela esta noite que sempre estive lá, uma impulsiva braveza, uma velocidade de palavras e brilho de olhos, mas mais amplo, pairando no ponto crítico entre brilhantismo e algo completamente à parte.

— Filipa — sussurrei —, eu roubei o Perfection.

— Eu sei! Eu sei que roubou! Rafe ficou *furioso*. Ele não acredita que você existe, mas eu vi as gravações, eu sei tudo — porque o roubou? Eu fiz parte do seu plano, disse-lhe alguma coisa?

Não havia qualquer rancor na sua voz, meramente curiosidade, uma mulher tentando decifrar uma coisa com que não tem grande ligação emocional. — Roubei-o por... dinheiro — menti. — E não, você não fez parte do meu plano. Apreciei a sua companhia.

— Apreciou? Eu julguei que tinha talvez apreciado a sua também, parecia muito feliz nas imagens que eles me mostraram, e recordava a noite com afeto e assumi que uma memória emocional porventura não tivesse

sido apagada ainda que o campo visual tivesse sido cortado, e que portanto talvez você fosse boa.

Malícia alguma, medo algum, o que diabo há de errado com ela? Agarrei-a pela parte de cima dos braços, apertei-a com força, olhei-a nos olhos. — Filipa — sibilei —, disse-me que o Perfection era o fim do mundo.

— Disse? Estava bêbeda? Rafe não me deixa beber, mas às vezes...

— Não estava bêbeda.

— Não, não posso imaginar que estivesse. É, evidentemente. É o fim do mundo. E agora você tornou-o pior. Embora, pensando nisso, penso que acaso seja um passo necessário, o plano correto, uma boa resposta à situação...

— O que se passou? O que se passa com Louise Dundas?

A cabeça dela, cabeça de ave, ligeiramente inclinada de lado. — Não sabe?

— Não, não sei. Vi uma mulher na América, Meredith Earwood...

Um lampejo de sobrolho franzido, um morder do lábio inferior. — Não a conheço.

— Passou-se, os tratamentos...

— Sabe que a culpa é minha? — interrompeu ela com ligeireza. — Embora a ciência seja apenas o que as pessoas fazem dela realmente, dividir o átomo e obter a bomba, salvar o planeta, matar o planeta, salvar gente, matar gente, é tudo o mesmo realmente fundamentalmente a menos que o pensamento humano o torne algo diferente...

Ela balbuciava, os olhos vagueando para algum lugar que eu não podia ver, os meus dedos bem firmes na sua carne, tentando sustê-la no lugar. — Filipa — sussurrei —, eu posso ajudar. Que diabo se passa aqui?

— Quer ver? As pessoas lá dentro esquecer-se-ão de si? Esquecer-se-ão de que eu estava consigo? — Uma minúscula risadinha ante uma ideia súbita e feliz. — Rafe ficaria tão danado!

— Há lá câmaras de segurança?

— Não.

— Então sim; toda a gente se esquecerá.

— Boa. Boa boa!

Agarrou-me na mão, os dedos roçando a pulseira que me dera, tantos meses atrás, arrastando-me na direção da porta. — Venha, venha! —

cacarejou. — Venha, venha, venha! — e puxou-me para dentro de casa.

*

Paredes, pintadas por cima de tinta verde-ervilha cozida. Tábuas rangentes de soalho coberto de linóleo sarapintado. Tetos altos, um candelabro de latão pendendo inquietantemente de lado no vestíbulo central. Casacos atirados para cima de um aparador junto à porta, na ausência de cabides para os pendurar. Pessoal: jovem, na sua maioria, uns quantos executivos de meia-idade, voltando-se para olhar enquanto Filipa me puxava pelo corredor fora.

— Esta é minha amiga — clamou para um homem que se nos interpôs no caminho. — É uma perita.

Uma curva no corredor, uma maca deixada junto de uma porta. Este lugar esteve outrora pleno do tagarelar das classes altas francesas, ou do sossegado silêncio de esposas abastadas deixadas a penar enquanto os seus homens se esgueiravam para climas mais interessantes e leitos mais quentes. Talvez na Segunda Guerra Mundial tivesse sido ocupado por soldados alemães, a família mandada acatar ou pôr-se a andar; ou não, talvez não, não tão para sul, talvez tivesse sido um viveiro de silenciosa resistência, de pequenas reuniões ao domingo em que homens e mulheres falavam em surdina das armas dos pais ainda escondidas sob as tábuas do soalho.

Como chegara ele a ser uma instalação médica, silenciosamente transformado na calada da noite, eu não sabia, mas era isso que aquilo era, um grande espaço, talvez um lugar que em tempos fora para dançar, transformado agora, seis camas contra a parede, cinco delas ocupadas. Eram lindos, mesmo adormecidos, mesmo com tubos nas veias e elétrodos nos crânios, mesmo com óculos de proteção nos olhos e nódulos acoplados nas línguas pendendo de fora, obviamente eram lindos, de uma forma cirúrgica. Cinco beldades adormecidas, três homens e duas mulheres, Louise Dundas na cama mais próxima da janela, olhos fechados, cabelo espalhado atrás dela na almofada branca, uma princesa adormecida.

Duas enfermeiras e um médico supervisionando-os, surpreendidos ao verem-me, mas deferentes para com Filipa que disse: — Podemos ficar sozinhas, por favor?

Filipa Pereyra-Conroy, por mais que não seja o irmão, é ainda assim membro do clã. Eles fizeram-lhe a vontade. — Filipa... — tentei de novo.

— Eles são todos perfeitos — explicou ela, abarcando as figuras adormecidas com um gesto de mão. — Alemanha, Espanha, dois de França, um de Itália. Nove na América, oito na China, quatro na Índia, um na Indonésia, três na Austrália, Rafe disse conserta-o, são as tuas máquinas, consertas tu, melhora-as, assim sem mais, puf, como se o átomo tivesse sido dividido num mês, como se a maçã simplesmente tivesse caído da árvore pás como...

— Filipa...

— Ele gritou comigo. Em geral ri-se, não grita. Foi você que o fez? Roubou o código base; com o código podia fazer isto, evidentemente — não estou zangada. Eu não o teria feito assim, nunca teria ousado, mas se resultar? Se Rafe retirar os tratamentos, então é uma coisa boa, é assim que deveria... é você?

Não me olhou nos olhos ao perguntar, manteve as costas direitas, cabeça virada para as figuras adormecidas. Bravura: coragem, valentia, ousadia, destreza, audácia, fibra, espírito, ardor, garra.

É preciso bravura para não olhar para uma mulher de quem se tem medo enquanto a acusamos de assassinato, e à sua maneira — sim — Filipa tem medo de mim também.

Segurei-lhe na mão, gentilmente, e ela olhou para o chão. — Eu não fiz isto — disse eu. — Roubei o Perfection para outra pessoa.

Os olhos dela, erguendo-se rapidamente, uma mulher numa missão. — Quem?

— Ela chamou-se a si própria Byron.

— Byron? Ah, sim, evidentemente, a mulher que assassinou o nosso pai. — Assentiu para nada em especial. — Matisse falou-me dela.

— Matisse...

— O seu verdadeiro nome é John, sabia? Mas ele faz todo este trabalho de espionagem. Achei que ele só podia estar enganado quanto a Byron, era tudo demasiado absurdo para pôr por palavras, mas... — Um meio abanar de cabeça, um pensamento diferente para outra altura. — E a poesia, sim? Eles ouviram todos algo que desencadeou a mudança, os tratamentos que vê, uma evolução da PNL básica, mas melhor, muito melhor. Pensamento é associação, ancora-se um conceito — beleza — repete-se repete-se repete-

se até se tornar verdade, podes ser beleza, és beleza, beleza beleza beleza beleza... — Apertei-lhe a mão com força, e ela parou tão rapidamente como começara, a cabeça virando-se para cima, depois para baixo de novo, rolando em torno do pescoço como uma coisa além do seu controlo.

Permanecemos momentaneamente em silêncio, fitando os adormecidos.

Depois, muito baixinho: — O Perfection foi pirateado, está a ver. Ajoelhei-me aos pés de Rafe, disse-lhe para parar, implorei, mas ele recusou-se. Vale demasiado dinheiro. Pânico se for retirado, disse ele, simplesmente põe os corpos de lado num sítio qualquer e conserta-o pela calada, conserta-o! Perda de confiança dos clientes. Incidência em pequena escala, um blip estatístico, casos individuais mais que uma questão de produto. Não só o Perfection, mas os dados recolhidos a partir do Perfection, o marketing evidentemente, acesso a telefone, email, termos de pesquisa, dados de localização, hábitos alimentares, compras, viagens, ambições, aspirações — ele vende-o por uma fortuna, colocação de produto dentro de aplicação, o cabelo, as roupas, as férias, os sapatos, as revistas, a maquilhagem. Ele disse-me para voltar para o laboratório e consertá-lo. Vai e mexe-te, disse ele. Vai lá brincar com os teus brinquedos. Por um momento pensei que fora eu, que era culpa minha. Pensei que os meus tratamentos estivessem a fazer isto — uma mão, abarcando a sala, cabeça de novo baixa, agora está envergonhada —, mas olhei de novo e havia uma adulteração. Dois meses atrás, algo mais posto nos tratamentos, oculto na beleza beleza beleza beleza beleza. Difícil de encontrar; difícil de consertar. Acho que faz enlouquecer as pessoas.

Facto. Aqui está o problema, ali está a verdade.

Tu és beleza tu és beleza tu és beleza...

Repetição fazendo de uma coisa verdade.

Tu és beleza tu és beleza tu és beleza...

Não se pode repetir por cinco corpos adormecidos numa casa em França até à exaustão. Eu sou lúcida eu sou lúcida eu sou lúcida eu sou lúcida...

Silêncio momentâneo entre nós.

Eu disse por fim: — Eu roubei-o. Não... fiz isto. — Palavras minhas, mortas antes sequer de serem proferidas.

— Tudo bem. — Encolheu os ombros. — Acho que o que está a fazer faz sentido.

— Acha?

— Evidentemente. O Perfection destrói a alma humana. Sabe que eu dantes ajudava miúdos com lesões cerebrais a encontrarem a sua voz? Isso foi antes de Rafe fazer de mim um monstro.

— Você não é...

— Eu matei a humanidade — corrigiu ela, ligeira como uma pena, antes que eu pudesse falar. — Dei às pessoas a ferramenta para extrair tudo o que era defeituoso, feio e amargo, e acontece que tudo o que resta é uma peça de marketing. Evidentemente que culpo Rafe também — ele escolheu os parâmetros, ele decidiu que o Perfection era o sonho de um publicitário. Se a sua Byron pudesse matar Rafe, talvez isto parasse, mas duvido. Acho que ela provavelmente o sabe. Acho que é provavelmente por isso que isto faz mais sentido.

— Pode consertá-lo? — perguntei. — Pode torná-los... melhores?

Os olhos dela lampejaram rapidamente para os meus, de surpresa. — Por que carga de água quereria eu fazê-lo? — soprou ela.

A sua mão caiu-me dos dedos. Dei um passo atrás, Filipa sustendo-me agora o olhar, clara e desafiadora. — O meu trabalho — explicou, firme, calma — precisa de ser destruído. É uma necessidade absoluta. Estou-lhe grata a si, por ter roubado o Perfection. Dá-me esperança de que um dia tudo isto acabe.

Olhei para os adormecidos nas suas camas, cinco homens e mulheres que tinham ouvido algumas palavras e ensandecido, olhei de volta para Filipa, vi algo que poderia ser loucura no canto do seu olho, virei-me para a porta, para desandar — para correr — para bem longe. Ela disse: — Matisse está determinado a encontrá-la, quase tanto como quer encontrar Byron. Quer mostrar que você é real. Se ele a encontrar — se Rafe a encontrar —, acho que poderá acabar na mesa de dissecação. Por favor tenha cuidado.

Parei, dedos na maçaneta da porta. — Não quer saber também como é que eu funciono?

— Sim. Evidentemente que quero. Mas você é humana, íntegra e verdadeira, e seja a sua condição artificial ou naturalmente induzida, é... extraordinária. Em Tóquio dei-lhe a minha pulseira. Não tenho memórias de si, mas posso conjecturar com base nos dados que tenho. Às vezes há cognição sem palavras; uma leitura de uma situação que não pode ser racionalizada pelos méritos artificiais da lógica. As palavras complicam as coisas, por vezes. Os números são mais simples, mas apenas pretos e

brancos. O pensamento é... constrangido, e jamais o vemos realmente. Mas consigo, vi-me a mim própria sorrir. Eu — eu por vezes faço-me sorrir a mim própria, porque é o que as pessoas esperam, sorrir sorrir sorrir para a câmara sorridente o tempo todo porque é isso que... mas consigo pareceu real. Acho que, por umas poucas horas, você pode ter sido minha amiga. E mesmo que não tenha sido, é ainda assim humana, ainda assim extraordinária como ser humano, e a humana é uma espécie que está atualmente ameaçada.

Abri a boca para responder, não tinha palavras, fiquei à frente dela como um manequim, presa no seu olhar.

Então ela disse: — Luca Evard tem andado à sua procura.

As palavras deslizaram tão facilmente, tão simplesmente, que me apanharam completamente desprevenida. Ela viu-o, o ligeiro inclinar para trás sobre os calcanhares, o fletir dos meus dedos ao ouvir o nome dele, e debateu-se momentaneamente para perceber. — Foi despedido da Interpol — acrescentou. — Matisse deu-lhe emprego em vez disso.

— Porquê?

— Disse aos chefes que uma ladra que ele perseguia tinha a faculdade de ser esquecida. Acha que porventura dormiu consigo. Dormiu?

— Está a gravar isto? — repliquei.

— Não — mas isso não é justo, isso significa que me quer contar algo que sabe que eu esquecerei, que... mas, seja como for, esquecer-me-ei disto tudo, portanto continue. Uma de nós bem pode ter uma experiência significativa esta noite.

— Dormi com ele.

— A sério? Porquê?

— Ele... ele é o único homem que alguma vez conheci que se interessou por mim.

— Estou certa de que isso não é verdade — disse ela com um estalar de língua, voltando-se para os doentes, um novo descartar de uma ideia pateta, e Filipa é uma mulher que não tem tempo para ideias patetas. — Você é tão bonita.

— Filipa... — As palavras morreram-me nos lábios antes de poderem sair, passei a língua à roda pelo interior da boca, tentei encontrá-las de novo. — Filipa. Os seus tratamentos podiam tornar-me memorável.

Surpresa; depois com igual velocidade, rejeição, um rápido abanar de

cabeça. — Oh não não não não. Isso não está certo de todo.

— Conheci uma pessoa, como eu, um homem de Nova Iorque, só que eu me lembrei dele e ele estava perfeito...

— Nem pensar. A sua condição — químicos, talvez, algum tipo de inibidor; ou elétrico, um dispositivo, um... um campo, sim, talvez algum tipo de campo gerado, deve ser artificial nesse caso seja qual for o caso que escolhe, mas tratamentos? Não, nem pensar. Eles não fazem nada... *cirúrgico*.

— Você é uma cientista; estou a dizer-lhe o que vi.

— Não seja... — começou ela, depois deteve-se, recuando. — Foi por isso que roubou o Perfection?

— Em parte, sim. Mas os tratamentos mudaram o Parker, tornaram-no... Pensei que acaso os tratamentos sem o Perfection...

— São apenas uma série de ideias, é tudo o que realmente são. Quimicamente aprimoradas, eletricamente auxiliadas, mas ainda assim apenas pensamentos. Se eu pudesse lembrar-me de si, podia estudá-la, podia fazer registos, podíamos... não quer isso?

Vendo algo no meu rosto, que eu não conseguia ocultar. — Byron estudou-me.

— E o que encontrou ela?

— Não sei. Ela disse que me tornaria memorável, mas havia... havia um poema que ela recitava, a alma desgasta o peito, e o coração repousado melhor respira p'ra que o próprio amor... — Tropecei nas palavras, arrastei a respiração, *Ei Macarena!*

— Programação. — Filipa cuspiu a palavra, nem um bocadinho impressionada. — Conceito grosseiro. Os publicitários programam-nos, vê a imagem de um frasco de perfume, pensa em mulheres belas. Vê imagens de ténis de corrida, pensa em sexo sexo sexo sexo sempre sexo, evidentemente, manipulação de baixo nível, mas os tratamentos — mais fundo, bem mais fundo. É difícil controlar consequências, estúpida ressaca de noções idiotas de hipnose, não é de todo disso que se trata, não é assim que funciona, ignorância, ingenuidade. Há aproximadamente oitenta e cinco mil milhões de neurónios no cérebro, e podemos mapeá-lo lindamente, mesmo lindamente, mas mapeamento não é compreensão, não é poder, apenas faz os cientistas sentirem-se bem!

Girou no lugar, lançando as mãos ao ar, uma académica deparando-se

com processos medíocres, uma mulher cuja vida, cuja respiração, cada alento, a levava ao lugar em que ela julgara querer estar, só para descobrir à chegada que não era nada como ela imaginara. Silêncio entre nós. Os meus dedos delinearam a curva da fita de Möbius em torno do meu pulso, rolando por cima e por baixo, por cima e por baixo.

Os ombros de Filipa descaíram, os olhos de novo voltados para o chão. — Eu queria — começou, e parou. Depois de novo: — Eu queria ser... que patetice agora, evidentemente.

— Perfeita? — sugeri.

— Não! Não isso — nunca isso! Eu só queria... queria fazer a diferença. Queria gostar de quem sou. — De novo, parando, a cabeça virando-se para o lado, procurando na memória, encerrando linhas de investigação. — Você gosta de quem é? — perguntou, os olhos fixos em algo longínquo, fora de vista.

— Eu... não sei. Durante algum tempo pensei... [as palavras tornam-se complicadas, tento descobrir caminho através delas e] ...pensei que não era digna.

— Digna? De quê?

— De tudo. Que a minha vida não tinha mérito. Andei de lugar em lugar, tomava o que queria, fazia o que me apetecia, fingia ser quem quer que eu quisesse ser, e era... bom, tão bom como podem ser as coisas quando se é... mas não tinha significado. Ou mérito. Uma vida indigna. Digna no sentido de honrosa. Íntegra. Uma vida meritória. Para mim própria. Para os outros.

— E agora?

Pensei nisso, endireitei as costas, mãos crispadas nos flancos. — Byron chamou-me iluminada. Achava que se o mundo se esquecia de mim, eu estava fora do mundo. Livre das suas cadeias, a minha vida moldada apenas por mim própria, a minha alma algo inteiramente da minha criação, não da... da gritaria. Da gritaria do mundo para mim para ser algo que não sou. Acho que ela estava errada, acho que ela está errada numa data de coisas. Mas igualmente... não tão errada como as palavras ou números porventura a fariam.

Ela assentiu, para quê não fiquei certa. — Eu não tenho levado uma vida digna — disse por fim. — Não ajustei contas com nada.

— Isso não é...

— É verdade — replicou ela simplesmente. — Em criança era um

desapontamento para o meu pai, depois para o meu irmão, e finalmente para mim própria. Tenho sido consistentemente informada de que sou um génio, e brilhante — não por pessoas importantes para mim, evidentemente, mas ainda assim por pessoas suficientes para que as palavras tenham adquirido uma certa bagagem — e com o meu brilhantismo, construí ferramentas para perpetrar o fim do mundo. É demasiado, é errado? Devastação, destruição, danação, morte. Mas é tolo deixar que se diga «génio» fora de um desenho animado. Perpetrei um dispositivo que oblitera as mentes de todos os que o usam, fazendo deles pouco mais que memes de internet, comissões de marketing ambulantes, placars humanos vendendo-nos o sexo, as roupas, os carros e as férias que os mercados exigem. O Clube 106 é um poiso para clones — física e mentalmente —, o bisturi do cirurgião, os meus tratamentos. Não tenho dúvidas de que são felizes. Dúvida interior, insegurança, carência, fragilidade emocional — estes não são traços de gente perfeita. Falou com alguém no 106? Podem responder na boa a qualquer situação com uma réplica de dois dólares de um livro de autoajuda. O seu pai morreu? Foi para um lugar melhor. Perdeu o emprego? Seja forte — se acreditar em si próprio, encontrará saída. O seu marido deixou-a, levando os miúdos? Pode lutar contra isto, e com a sua força interior e o amor dos seus filhos, pode ganhar. O mundo está reduzido a aforismos e contos de fadas. Eu observei-os, aos programadores do meu irmão, a vasculhar a web. «Como lidar com a ansiedade: retire os alimentos ansiosos da sua alimentação. Coma morangos.» As pessoas perfeitas têm sempre solução para um problema, está a ver? Mas o que se faz quando as palavras falham? Verdade: às vezes um assassino não pode ser encontrado. Verdade: a pobreza é uma prisão. Verdade: a doença e a idade chegam a todos. Isto é tudo tão aterrorizador, que o programamos para fora do cérebro humano. Os tratamentos tornam todos os que os têm felizes, e a felicidade é sempre sexy, não é? Feliz feliz sexy feliz lindo sexy sexo feliz lindo feliz sexo...

Lágrimas nos seus olhos, algo selvagem na sua voz. Um milhar de vezes olhou ela para o seu reflexo no espelho, e disse estas palavras a si própria, um milhar de vezes tentou pô-las de lado, dizer a si própria não, não, não é assim, veem, veem, há um lado positivo afinal de contas. E de novo: ela falhou. Só a verdade permaneceu.

Arrastei os pés direita a ela, incerta, parei, mãos inúteis pendendo de cada

lado do corpo. O que faziam as pessoas perfeitas deste mundo quando viam lágrimas?

Como Reconfortar Alguém: 4 Passos:

1. Pousar-lhe uma mão no ombro.
2. Ser compassivo e compreensivo. Mesmo que se pense que fez algo errado, não censurar a pessoa.
3. Pense no que faria se estivesse no seu lugar. Lembre à pessoa que estará sempre presente para ela.
4. Antes de se retirar, pergunte-lhe se há mais alguma coisa de que gostasse de falar. Mantenha contacto ocular.

Pousei-lhe a mão no ombro, e ela retraiu-se.

Tomei-lhe a cabeça entre as mãos, o seu cabelo nos meus dedos, e ela passou-me os braços pela cintura e chorou durante algum tempo, e eu não disse nada, e ela simplesmente chorou.

Passado um bocado, as lágrimas abrandaram, mas ela não me largou. Ranho e sal embeberam-me a camisa, e eu abracei-a, e soube bem.

— Quando danço — murmurei, oscilando ligeiramente com ela nos braços —, chamam-me Macarena. Todos me querem, não me podem ter, por isso vêm todos dançar ao meu lado.

Os dedos dela agarraram-se-me à base das costas, e não me largou ainda assim, mas deixou-me cantar, marcando o compasso com os pés e ela também, conquanto não erguesse a cabeça: — Ei Macarena!

Fi-la girar gentilmente, e ela deixou-se girar, rosto vermelho e inchado, um sorriso algures atrás das lágrimas.

— Vejo porque gostei de si — fungou, limpando o rosto com a manga.

— Podíamos ajudar-nos uma à outra.

— Podíamos?

— Eu conheço Byron. Vi a fotografia dela na festa em Nîmes, por isso vim aqui. Sei quem ela é, o que faz.

— Pode encontrá-la?

— Posso tentar.

— Matisse não conseguiu.

— Ela esconde-se dele, não de mim.

— E se ela tiver razão?

— Para se esconder?

— Para destruir o Perfection. E se o pensamento não for livre? E se a memória for uma prisão, a sociedade uma mentira? Às vezes olho à minha volta e tudo o que ouço é gritaria, gritaria, gritaria; e se você for a iluminada? — Sorria ao perguntar isto, mas o sorriso era vazio.

Finquei os calcanhares no chão, descobri que não tinha palavras, de modo que acenei para os doentes adormecidos nas cinco camas brancas, uma explicação mais eloquente do que qualquer outra que pudesse encontrar.

— O meu irmão não retirará o Perfection do mercado — soprou. — É demasiado valioso. Mas se Byron o piratear...

— Morreram pessoas — respondi eu. — Talvez o Perfection seja monstruoso, talvez os tratamentos sejam... mas eu sou uma ladra, podemos arranjar outra maneira.

— Quando se tiver ido embora, não me lembrarei de si.

Tirei a pulseira, guardei-lha na mão. — Confie em mim. Posso ajudá-la.

Os seus dedos fecharam-se sobre a pulseira, depois com a outra mão agarrou-me no pulso agora nu, e puxando-me contra si murmurou: — Há outro clube, mais que o 106. Para aqueles que foram até ao fim, terminaram todos os tratamentos, as pessoas mais perfeitas do planeta. Dois milhões de pontos — 2×10^6 . «O Perfeito Milhão.» Disse-lhe para parar mas ele... Vá a Veneza. Matisse pode ajudá-la, ele já está com medo, acha que Byron poderá... e eu acho que ela poderá também, acho... Luca Evard também, fale com Luca, diga-lhes o que sabe, eu sei que se esquecem de si, mas pode enviar fotografias, mensagens, coisas que ficam. Eu sei que eles... mas são bons homens também. Fá-lo-á?

— Farei.

— Prometa.

— Prometo.

Ela sorriu então, o corpo solto com súbita libertação, apertou-me o braço com força, depois largou-o, recuou, enfiou a pulseira no pulso. — Quem me dera poder lembrar-me disto — disse. — Quem me dera poder lembrar-me de tudo o que falámos as duas.

— Os tratamentos tornam-me memorável — repliquei. — Talvez quando

isto estiver acabado, quando for...

— Talvez — respondeu, um pouco rápido de mais, brusca, cortando a ideia. — Talvez.

Parecia não ter nada mais a dizer. Olhei para a sala à minha volta, os doentes adormecidos, perfeitos mesmo no sono, sangue ainda sob as unhas de Louise Dundas, ainda nas raízes do seu cabelo, Filipa de pé no meio, pequena e fria. Senti o lugar no meu pulso onde a sua pulseira estivera, uma súbita nudez, e sorri para ela, e ela sorriu de volta, um gesto fraco e imperfeito, e eu virei-me, e saí.

CAPÍTULO 82

Comboio, Nîmes-Veneza. Em Marselha comprei uma braçada de jornais locais e um novo telemóvel, e passei o resto da viagem para Nice a vistoriar cabeçalhos e a perscrutar a internet. Jantei num restaurante sobranceiro a um pequeno rio que corria para o mar, onde em tempos comera com um belo comerciante de madeira de Turim ao som de pequenas rãs verdes coaxando sob os nossos pés, cujo carro eu roubei depois de ele se recusar a pagar a conta.

O comboio de Ventimiglia para Génova abraçava o mar à direita, os Alpes à esquerda. Difícil trabalhar, rodeada de tais vistas, difícil manter-me concentrada com os penhascos mergulhando na água azul-cobalto e as vilas amarinhando direitas aos picos nevados. Quando o comboio virou na direção das monótonas planícies industriais de Milão, eu estava exausta de olhar embasbacada, e na estação de Milão, um monumento à arquitetura fascista e ambição imperial, toda ela monumentais tetos e chãos de mármore, interrompi a viagem para comer uma fatia de piza num engordurado pedaço de papel.

— Dobre-a! — exclamou o homem que me serviu a comida. — Não debique nela como um passarinho, enrole-a e coma-a devidamente, como uma mulher!

Fitei este indignado chef, com molho de tomate escorrendo-lhe pelo avental, e por um momento balancei entre o entusiasmo de turista por novos costumes, e o ressentimento de viajante pela intrusão. Ele tinha um relógio pateta que usava sob a luva de látex azul, e deixara o telemóvel insensatamente apoiado à caixa registadora. Não precisava nem de um nem de outro, mas a tentação de lhe causar inconveniência, a satisfação de o saber roubado e eu desaparecida espicaçaram-me o cérebro mas não

Não.

Hoje não.

*

A lagoa estava escura e conturbada, quando a atravessei. As luzes de Mestre lá atrás, chaminés e guindastes, armazéns vazios e navios adormecidos. Adiante, *Venezia*, paraíso de turistas, torres e pináculos,

canais e jantares a preços exorbitantes. Maravilha do mundo, saímos da estação e imediatamente contemplamos o Grande Canal. Caminhamos através de uma cidade onde os carros nunca vão, pedras amaciadas por centenas de anos de pedestres que passam, cheiramos o por vezes menos que fragrante aroma da laguna, enxotamos os mosquitos, postamo-nos na praça de São Marcos e sentimos os fantasmas dos mercadores e das meretrizes, soldados e assassinos, as sombras de doges todos de ouro vestidos, e homens menores sussurrando nas esquinas. Os pombos voam para longe de uma criança que se deleita a persegui-los; um grupo de turistas fotografa-se a si próprio com a câmara presa num bastão telescópico, o palácio do doge atrás, vendedores ambulantes vendendo camisolas do Manchester United e do Barcelona entrando e saindo do enquadramento. Os gondoleiros não se incomodam a anunciar os seus serviços; qualquer um suficientemente tolo para pagar tanto por um pequeno passeio pelos canais de Veneza (com extra opcional de cantor de ópera) irá ter com eles por iniciativa própria. Os gondoleiros sobreviveram à peste e ao fogo, conquista e decadência; sobreviverão ao turismo também.

Tentei um par de hotéis, e apesar dos turistas, encontrei quarto com alguma facilidade. A mulher atrás do balcão olhou de viés para o dinheiro que eu ofereci, mas dinheiro é dinheiro, o inverno à porta, por isso tudo bem, um pequeno quarto no cimo de umas escadas apertadas, chão que range, teto inclinado, corpo que se encolhe numa varandinha de metal que range alarmanamente sob os nossos pés. Pedi-lhe instruções para chegar ao supermercado mais próximo, e ela olhou de lado para mim, desesperando com esta mulher solitária que pagava em dinheiro vivo e não embarcava na exorbitante, desinteressante experiência de jantar veneziana.

— Tente no Cannaregio — disse com um estalar de língua, e logrou calar-se antes de acrescentar, *nada de comer no quarto*.

Em Cannaregio encontrei um supermercado, porta automática e logotipo verde vivo grosseiramente fixado numa guilda do século XVI. Escolhi fruta, dois pares de meias, uma tablete de chocolate, um pão, e quando ia para pagar, descobri que tinha a carteira vazia, apenas restavam umas moedas, e olhei para a mulher atrás da caixa e disse apologeticamente: — Desculpe —, e agarrei nas coisas e fugi.

«Polícia, polícia!», gritou ela, mas ninguém me seguiu e, ao fim de umas quantas ruas, abrandei para passo normal, e vagueei calmamente até ao pé

de uma igreja — santo qualquer coisa, edificada por alguém em honra de alguma coisa, em Veneza estas coisas começavam a esbater-se — para comer a minha mercadoria surripiada.

Precisava de dinheiro, mas o único casino local era um mau sítio para contar cartas. Dez euros de entrada, apostas baixas, uma atmosfera que sugeria que se devia estar grato por ali estar, o mais antigo casino da Europa — talvez.

Tentei ir a uns quantos bolsos nas apinhadas e tortuosas ruas em torno de São Marcos, mas só sacara duas carteiras quando uma equipa rival, um rapaz e uma rapariga, adolescentes se tanto, fez um mau passe numa ruela próxima e alguém gritou ladrão, ladrão, ladrão, e a polícia veio a correr, malditos amadores a meterem-se no meu caminho.

Assim, atravessei as águas para o Lido, mais novo, carros e iates, hotéis resort, praias no verão, um lugar para os opulentos sobrealimentados de demasiada arte renascentista, demasiados ticianos, corpos rebentando de músculos, panos azuis e brancos pendendo sobre seios e pénis, para ali estrategicamente soprados por uma modesta brisa.

Assaltei o primeiro hotel a que fui, um grandioso monólito de paredes brancas e janelas retangulares. Roubei uma chave mestra a um rapaz na receção, roubei dinheiro e algumas peças de roupa das suites de luxo no último andar.

Digno: fazer a coisa mais reta que nos é dado fazer, em circunstâncias difíceis.

Considerarei se estas palavras me soavam verdadeiras ou não, quando regressava atravessando as águas para Veneza.

CAPÍTULO 83

Preparação.

Um novo computador, roupa nova, nova ligação de internet, novo download do Tor através do wi-fi de San Servolo, um bom lugar para trabalhar, um pequeno campus universitário para pessoas à procura de três meses de História da Arte, ou dois meses de Italiano intensivo na cidade das maravilhas, fácil de passarmos despercebidos, é só comprar uma bebida, sentar no café e surfar a web.

Tor: O Roteamento Cebola. Tem as suas falhas.

Argumentos para a acrescida vigilância governamental da internet:

1. Cercear manuais de fabricação de bombas, terrorismo, pornografia, tráfico de droga e crime.
2. Trolls, rufias e piratas. Para uma bloguista feminista: «Vou violar-te até sangrares o teu endereço de casa é [REDACTED].» Crime de ódio: «Malditas cadelas pretas só servem para ser escravas.» É apenas o 1 por cento, dizem os apologistas. Enrijeçam. (Vai-te foder, vem a resposta. Vai-te foder por seres um cobarde da porra para assumires responsabilidade pela sociedade em que vives. Vai-te foder por te estares a lixar.)
3. Se não se tem nada a esconder, o que importa?

Argumentos contra:

As leis de privacidade online nos EUA declaram que qualquer email deixado por mais de seis meses num servidor propriedade de uma terceira entidade torna-se obsoleto, permitindo a essa companhia (Hotmail, Gmail, etc.) fazer o que quer que lhe dê na gana com esses dados. Emails pessoais escritos a amigos, amantes, colegas passam ao domínio público.

Amo-te. Quero a tua pele contra a minha, a tua língua na minha boca, as tuas mãos na minha

Envio o dinheiro hoje, aqui estão os detalhes

A minha porra de irmã está a dar-me cabo da porra da cabeça outra vez, a cabra

Ralo-me que o Google saiba a minha religião, se estou divorciada ou grávida, que o Facebook use a minha cara numa campanha publicitária?

Quando desafio o meu governo; quando ataco um magnata dos média, quando questiono uma crença que outros tomam como certa, ralo-me que a minha história familiar, finanças e endereço de casa possam ser imediatamente encontrados pelos meus inimigos? Claro que não: não tenho nada a esconder.

Ralo-me que a única forma de ser livre do medo da vigilância seja ser absolutamente inofensivo? Conformer-me a uma norma sociológica, e nunca dizer nada que seja pessoal, ou real, ou meio irrefletido, ou desafiador?

Pedi outro expresso, e esperei que o Tor carregasse.

*

Um novo endereço do qual contactar um velho amigo.

Escolhi Zenobia1862, e enviei a minha mensagem para o recanto mais plausível da infraestrutura da Prometheus.

Sou a _porquê. Sou a mulher de que o homem chamado Gauguin, também Matisse, se esquece. Desejo discutir Byron14.
Sinceramente,
_porquê

Levaram quase três dias a responder, mas mantive-me ocupada. Corri pela cidade, descobrindo as ruas, as pontes, os becos e os canais. Descobrindo onde me esconder e onde roubar. Acedendo a radiofrequências da polícia, contando os ricos e bonitos, os vulneráveis e criminosos que se misturavam sob os *palazzi* e dentro dos bares quentes e encharcados de vinho.

Procurei o 206, a elite de todas as elites, e foi fácil de encontrar, os jornais de glamour e os mexericos já de boca em boca, a Festa Perfeita, Perfeitos Milhões como lhe chamavam, e vejam, não era excitante, *ele* ia e *ela* ia, e a noiva *dele* não estava *linda*, batera claramente a celulite. E *ela* estaria lá e *ela* também embora tivesse dormido em tempos com o irmão *dele* e *ela* *lhe* tivesse chamado vadia mas isso tinham sido outros tempos, elas adoravam-se realmente uma à outra, está a ver, e ela perdera tanto peso desde que obtivera o Perfection viu as fotografias exclusivas das suas férias

na praia?

— Não quer ser fotografada, não dê espetáculo — disse um paparazzo a quem dei uma garrafa de uísque quando estava sentado à porta de um grande hotel no Grande Canal, câmaras ao pescoço.

— E então as pessoas que querem dar espetáculo em privado? — perguntei, e ele encolheu os ombros.

— São ricos, são famosos, têm de lidar com o que vem por arrasto.

No dia seguinte voltei, e lá estava ele de novo, um pouco trôpego às 11 da manhã, e eu dei-lhe outra garrafa de uísque e ele disse: — Hotel Madellena, é onde vai ser, vem realeza, todos os príncipes ricos e as suas lindas meninas, sabe como é, bichanas, bichanas quentes, todas elas.

Sorri polidamente, e pensei em roubar-lhe a câmara, atirá-la ao canal, mas não, seria indigno, tenho de me lembrar, ainda que fosse a modos que reto.

Contei os passos para longe dele, e aos trinta passos o ímpeto de roubar passara, e ri e desatei a correr de novo, de volta à cidade.

*

Quando regresssei ao meu hotel, Gauguin respondera à minha mensagem, com Luca Evard em cc a rematar.

CAPÍTULO 84

Encontro com espiões.

Paguei a uma prostituta cujo nome de trabalho era Portia («De... Porthos?», aventei, e ela fulminou-me com o olhar e disse: «De Shakespeare, idiota») quatrocentos euros por se sentar com um telemóvel junto de um café na Riva degli Schiavoni, a beber café forte e aconchegada num casaco forrado de pele. O tempo estava a ficar frio. Uma cuspidela de neve caiu na capota e derreteu de novo, mas por quatrocentos euros Portia não ia a lado nenhum, e por mais duzentos nem ia tão-pouco o meu táxi aquático, o condutor sentado com os pés no painel de bordo, um cigarro pendendo-lhe do canto da boca, um livro sobre deixar tudo para se tornar criador de alpacas aberto no colo.

Sentei-me na parte de trás do táxi com a esteira dos *vaporetti* fazendo-nos balançar de um lado para o outro, e observei o café através de um par de binóculos. Os primeiros a chegar foram três capangas de segurança, dois homens e uma mulher. Uma vez instalados, Gauguin aproximou-se a pé dos lados do Arsenal, sensatamente envergando botas de borracha e anoraque encerado castanho. Luca Evard caminhava meio passo atrás dele, blusão preto grosso e calças de ganga verdes desbotadas, uma ofensa à moda mesmo a quinhentos metros, cabeça para baixo, olhos para cima, um vislumbre de careca em vias de ser calvície declarada no crânio reluzente, olheiras em torno dos olhos insones.

Chegaram ao café, consultando os telemóveis, imagens do meu rosto lá guardadas, e enquanto olhavam liguei a Portia, e disse: «Esses dois.»

Portia resmungou, uma mulher ocupada a quem fazem desperdiçar tempo, levantou-se, marchou direita a Gauguin e estendeu-lhe o telefone com o ecrã para ele, braço bem esticado, e disse: «É para si.»

Gauguin agradeceu-lhe cordialmente, agarrou no telefone. Ela desandou, toda ela nádegas e coxas, queixo altivo e orgulho shakespeariano.

«Com quem estou a falar?», inquiriu Gauguin, inglês, polido, sucinto.

«O meu nome é Porquê», respondi eu, observando-o a virar-se, virar-se, através dos binóculos. «Quero falar a respeito de Byron¹⁴.»

Um arrastar de pés no local, Luca Evard atrás, Luca quer o telefone, olha de relance para o seu, para a minha cara nele, fita a multidão, não vê ninguém que conheça, olha para baixo. Uma coisa que bem podia ser raiva;

uma coisa que ele não quer que o mundo lhe veja no olhar.

Eu desvio o olhar também, e é obviamente vergonha, pura e dura.

«Pensei que nos fôssemos...»

«Encontrar pessoalmente? O senhor tem o hábito de usar facas e armas, Sr. Gauguin.»

«Tenho?»

«Viu as CCTV? Tóquio, Omã? Acaso não tenha imagens de Istambul, mas a sério — facas. Parto do princípio de que está a gravar isto?»

«Estou agora.»

«Bom: isso poupar-me-á repetições. Penso que Byron pirateou o Perfection, alterando os tratamentos dados aos 106. Louise Dundas foi uma de várias pessoas a ter reações violentas a palavras gatilho, provavelmente poesia, provavelmente de Byron ou Wordsworth. Sabe disto. O que não sabe é que o processo começou em Berkeley há onze meses. Procure uma estudante chamada Meredith Earwood, procure Agustin Carrazza, ex-professor do MIT. No telefone que tem na mão encontrará os endereços das instalações usadas na zona de São Francisco por Byron para levar a cabo a sua investigação. Não fui capaz de a encontrar a partir desta informação, mas você tem mais recursos. Há igualmente fotografias do diário dela, e a palavra de código para o ler. Tenho um inventário completo das coisas com que ela viajava, incluindo três passaportes diferentes com que o senhor talvez possa fazer alguma coisa.»

«Isto é tudo...», começou ele, mas eu passei por cima das banalidades.

«Preciso que ponha termo ao evento 206 que atualmente tem planeado para o Hotel Madellena dentro de duas semanas. Cancele-o. Mantenha a aplicação a funcionar se quiser, mas cancele todos os tratamentos e identifique todas as pessoas que nos últimos onze meses possam tê-los recebido.»

«Porquê?»

«Porque os tratamentos farão deles a porra de assassinos ensandecidos sempre que ouvirem um excerto de uma porra de poesia, é estúpido ou apenas irritante? Porque Byron quer destruir o Perfection, e o que irá fazer uma espia rancorosa?»

«O que acha que ela vai fazer?», perguntou ele, descontraído e calmo, um turista desfrutando de uma conversa agradável numa cidade aprazível.

«Vocês estão a lançar o 206. A imprensa mundial irá estar a olhar. Se eu

fosse Byron, e tivesse um espaço cheio de pessoas que tivessem sido sujeitas a tratamentos — os meus tratamentos —, fá-las-ia desfazerem-se em pedaços entre si.»

Uma pequena pausa, uma lenta inspiração.

«Ela fá-lo-á», acrescentei, quando o seu silêncio se prolongou. «Louise Dundas foi um teste e funcionou lindamente. Filipa consegue vê-lo — e eu também. Você põe os membros do 206 diante das câmaras, e Byron transformá-lo-á num banho de sangue.»

«Tem alguma prova?»

«Zero.»

«Mas parece muito confiante.»

«Conheci-a. Vivi com ela. Ela tem uma causa. Foda-se, seria de pensar que ter membros do 106 a ensandecer e tentar matar pessoas com os próprios dentes bastaria, mas não, Rafe tem os seus princípios, como a porra de idiota que é. De modo que aqui estamos nós, Gauguin, você e eu, a soprar fumo no nevoeiro.»

Uma longa quietude, interrompida por um barco da polícia a passar, um bocadinho próximo de mais, os chuis de sorriso arreganhado para o taxista enquanto o nosso barco balançava de um lado para o outro.

«Porque nos está a ajudar?», perguntou Gauguin por fim.

«Byron está a matar pessoas. Eu dei-lhe os meios. O que o torna, à sua maneira, culpa minha. Não sou inteiramente destituída de... honra.»

«Acho isso difícil de crer.»

Honra: honestidade, justeza, elevado respeito, valor, mérito, categoria, elevada estima, fama, glória. Integridade nas próprias convicções e ações.

Ditado: não há honra entre ladrões.

Eu disse: «Em Istambul, você descobriu que tinha os diamantes que eu roubei no Dubai. Tinha igualmente os meus passaportes, que usou para destruir a maior parte da vida que eu construía. Não sei que fantasia usou para justificar ter essas coisas, mas levou-as consigo quando se foi embora. Consegue lembrar-se do que fez a seguir?»

«Eu... fomos para o aeroporto e...»

«O que fez antes de ir para o aeroporto?»

«Fui atacado...»

«E?»

«Você atacou-me?»

«Sim. Para escapar às facas, se é que pergunta.»

«Como é que...»

«Escondi-me. No armazém.»

«Mas nós...» A sua voz fraquejou. «Nós incendiámo-lo. Incendiámos o armazém todo.» Frio na sua voz, frio nas águas, o roncar de um *vaporetto* que passava, o céu cinzento acima das nossas cabeças querendo nevar. «Você ainda estava lá dentro.»

«Sim. Você esqueceu-se.»

«Assim tão depressa? Em Tóquio, lembro-me de chegar demasiado tarde para evitar o seu roubo. Deixara armadilhas, explosivos, gás lacrimogéneo, mas você fora-se. Mas vi gravações de vídeo que mostram que eu cheguei a tempo.»

«Em Tóquio eu podia tê-lo matado. Lembra-se do que eu disse?»

«Não. Mas lembro-me de me tentar lembrar. Escrevi uma palavra, inúmeras vezes até me lembrar do ato de a escrever. O seu nome é Hope.»

«E só pelo que se lembra me pode julgar.»

«Não», dardejou ele, acutilante, girando nos calcanhares, perscrutando a rua. «Pelas consequências das suas ações», olhando novamente de relance para o seu telefone, tentando forçar a imagem da minha cara na memória, «é por elas que a podemos julgar.»

«Podem? Têm esse direito?»

Julguei ouvir um sorriso; difícil dizer através de binóculos. «Porventura», cismou ele, mais brando. «Você roubou o Perfection; você é uma ladra.»

«E agora estou a fazer o bem. Diga a Rafe que se eu fosse Byron, olharia para o Clube 206 e rejubilaria por aqui ter, finalmente, uma oportunidade de pintar um quadro encharcado de sangue. Diga-lhe que retire os tratamentos; diga-lhe que cancele o evento.»

«E se ele não der ouvidos?»

«Então terá de perguntar a si próprio o que considera certo, o que é meritório.»

Girando, girando, ele continuava a girar, e agora parou, e olhou diretamente para mim, e olhou para o seu telefone, e olhou de novo através da água, uma figura minúscula sem os binóculos, impossível que me pudesse ver claramente, mas então: «Está no canal?»

«Sim.»

«Acho que consigo vê-la.»

«Iá. Aposto que sim.»

Luca, seguindo o olhar fixo de Gauguin, também me encontrou. Saca uma pequena mira do bolso, um telescópio de ampliação x10, não mais comprida que o seu dedo médio esticado, e, por um momento, olha para mim, e eu olho para ele, os nossos rostos obscurecidos pela ótica.

«Byron disse-lhe porque está a fazer isto?», murmurou Gauguin, olhando ainda.

«Sim. Disse que o Perfection é obsceno.»

«Concorda?»

«Totalmente. O Perfection deriva de um consenso da sociedade. Perfeito — para perfeitamente encaixar no molde. Foda-se essa merda. O meu código, a minha honra, a minha... retidão. Ajudar-vos-ei a derrubar Byron, e encontrarei a minha solução para os meus problemas, e talvez o Perfection seja obsceno, o fim do mundo, e talvez não seja, mas eu decidirei à minha própria maneira, pelas minhas próprias razões.»

«Não estou certo se isso é o sentimento de um herói ou de um sociopata.»

«Julguem-me pelas minhas ações», repliquei com um encolher de ombros, «se isso é tudo o que têm.»

«O Hotel Madellena...», começou ele, com uma nota de cautela na voz.

«Fechem-no.»

«Posso não ser capaz de o fazer.»

«Então Byron virá. Destruirá tudo.»

«Talvez eu queira que ela tente; talvez os 206 possam servir de isco?»

«Ela é mais esperta do que você, não se ponha com tentativas e faça disto uma estúpida e sangrenta armadilha, Jesus que idiotice. Cancele o evento. Pare os tratamentos. Agora estou a ajudar-vos; não tenho de ser cooperativa.»

«Está a ameaçar-me?»

«O meu código, a minha honra, os meus feitos, as minhas ações», dardejei. «Filipa disse que o Perfection era o fim do mundo, e estava certa. Sociopata ou heroína, simplesmente não me ralo.»

Desliguei, e lancei o telefone à laguna antes que ele pudesse ligar de volta.

CAPÍTULO 85

Dei a Gauguin tudo o que prometera. Meredith Earwood, Agustin Carrazza, Berkeley, a clínica hidropónica, fotografias dos passaportes dela, surripiados de um quarto de hotel na Coreia, cópias do seu diário escrito em São Francisco. Ele respondeu através da darknet, agradecendo-me polidamente pela informação. Ativou mesmo o seu antigo nome: mugurski71, e eu respondi como _porquê, voltando tudo aonde começáramos, ao Dubai, a Reina, ao sol de verão e a um molho de diamantes roubados. Parecia tudo muito longínquo, agora.

Uma pergunta ocasional vai chegando de Gauguin. Descreva a aparência atual de Byron. Descreva os seus hábitos alimentares. Ela faz exercício? Que tal era o seu espanhol? Expressou quaisquer opiniões sobre política ou cultura popular? Admitiu o assassinato de Matheus Pereyra-Conroy? Disse alguma coisa a meu respeito?

Ela falou com pesar, respondi, mas não acho que chegasse a ser remorso.

Gauguin não perguntou mais nada.

Fale connosco, disse mugurski71 um dia. Venha falar connosco pessoalmente. Deixe-nos gravá-la. Nada de mal lhe acontecerá.

Memórias de Tóquio, Luca Evard, nada de mal lhe acontecerá.

Um tempo presente, uma memória que é como o tempo presente, ele disse antes, nada de mal lhe acontecerá, e agora di-lo de novo, e Gauguin é mugurski71 de novo e eu sou _porquê, o tempo nada mudou, o pesar nada muda, a esperança nada muda há apenas o agora, e agora, e agora, este momento, esta decisão quando digo

não.

*

Correndo por Veneza, de passagem pelo Hotel Madellena. Todos os dias pago os direitos de uma camareira chamada Yanna, passando-lhe à socapa cem euros em troca pela resposta à pergunta — o Clube 206 vem aqui?

«Oh sim», diz ela, «anda tudo num virote.»

As revistas de glamour, excitadas, celebridade isto, sensacional aquilo, estará ela grávida, estará ele a ter um caso, os 206 vindo pavonear a sua

perfeição e beleza, tão maravilhosos, todos podemos ser assim um dia...

Porquê isto ainda?!, clamo eu.

Não há prova de que Byron venha, responde Gauguin.

Se pudesse mailava-lhe uma porra de nariz em sangue seu cretino!!

*

Cinco dias antes da festa, Rafe Pereyra-Conroy chegou, uma mulher linda que eu nunca vira antes pelo seu braço, toda ela pernas e cabelo e dentes e vestido. A irmã dele vinha atrás.

Filipa parecia... algo na sua postura, talvez. Algo na sua maneira de vestir. Adereço de renda nas costas, até ao cóccix, por de mais sugestiva. Nunca antes reparara como ela era esguia, não magricela, mas esguia, uma palavra que significava coisas melhores. Se é que importavam palavras.

Eu sou esquecível!, gritei através das autoestradas de dados e ligações de rede, cabos secretos e satélites em espera, rugindo-o por toda a darknet para Gauguin.

Ligarei à polícia, dir-lhes-ei que há uma bomba. Roubarei o equipamento a cada jornalista, porei veneno nos acepipes da vossa festa, destruí-la-ei antes sequer de ter hipótese de começar, pararei isto tudo se não o pararem agora!!

O Sr. Pereyra-Conroy decidiu ir para a frente com o evento, respondeu Gauguin, não acha que o risco seja significativo.

O risco é significativo, seu covarde! Seu idiota, ela destruirá tudo e morrerão pessoas!!

O Sr. Pereyra-Conroy acha que mesmo que Byron atacasse os 206, esta é uma oportunidade de apanhar a assassina do seu pai. Estamos a monitorizar comboios, carros, barcos – não há assim tantas

formas de entrar e sair desta ilha; se Byron se aproximar do local, ela...

Ela é mais esperta do que vocês todos. Estão a avançar para a vossa perdição e ela destruir-vos-á!

Lamento, _porquê. O evento prosseguirá, e se Byron vier, detê-la-emos.

Atirei o portátil através do quarto com um arquejo de fúria, e sentei-me na cama, a tremer, a suar. Onde está o teu conhecimento agora, ladra, onde está a tua quietude, onde está a tua honra, o teu valor, o teu código, sua nada, esquecível nada, a fazer birra no quarto, menininha, atravessa esse deserto. O deserto comer-te-á inteira, ei, ei, ei, ei Macarena!

Preciso de um amigo com quem falar, preciso de Luca, preciso de Filipa, preciso de aclarar a cabeça, ir correr, ir a um bar e engatar um gajo, contar-lhe tudo, e ele assentirá e sorrirá e dirá: «Uau, isso é muito profundo», e foderemos e ele esquecerá e ficará tudo bem, não significará nada mas será bom, será fantástico, serei eu, o meu poder, eu, no controlo, eu, a usar o mundo para roubar, para falar, para viver, para sobreviver para viver vai-te foder, vão-se todos foder!

Na varanda, tremendo de fúria, lágrimas nos olhos.

Um barco no pequeno canal lá fora, debatendo-se para encontrar um lugar onde estacionar. Vai chover não tarda, cheiro-o no ar, os paralelepípedos estão escorregadios, difícil correr.

Eu sou a chuva.

Eu sou o frio.

Eu sou a minha respiração.

Apanho o portátil do chão. Ainda está a funcionar, para ali atirado, desculpa lá o amoque. Pesquiso «precisar de um amigo».

Precisa de um amigo? Escolha a sua opção:

1. Fale AGORA com um terapeuta, \$50 à hora online (paga e é servido).
2. Fale AGORA com um estranho (grátis!) e desenvencilhe-se de problemas no nosso chat online.

3. Fale AGORA com a nossa comunidade online (grátis!) e poste as suas perguntas, ansiedades e histórias no nosso fórum comunitário online mediante inscrição.

- Tento falar, mas ninguém ouve.
- Só quero ser julgada por quem sou.
- Ninguém parece nunca interessar-se.

Ia para fechar o portátil, mas antes que o fizesse, outra mensagem, de mugurski71.

Aqui Luca, dizia. Este é o meu número.

CAPÍTULO 86

Veneza à chuva. Os turistas fogem, os canais silvam como um ganso zangado, as torres desvanecem-se num cinzento esbatido, véus de água deslizando das pontes abaixo. Os vendedores ambulantes, cabelos colados às faces, rolam as suas mercadorias cobertas de encerados através de estreitas portas metálicas nas caves de casas sem distinção dadas ao armazenamento de mil máscaras de papel maché.

É difícil usar guarda-chuva, muitos outros competindo para passar pelos espaços estreitos; as lojas suficientemente espertas para armazenar chuços faturam agora, trinta euros e andar. Mais vale um anoraque, cabeça baixa, concentrarmo-nos em pôr os pés um adiante do outro, o Sol desaparecido, estonteante, norte-sul-este-oeste, Calle del Magazen, Calle Arco, Calle de la Pietà, Calle Crosera, virar à esquerda, virar à direita e estamos de volta ao Grande Canal conquanto pudéssemos ter jurado que avançávamos na direção oposta.

Tinha um novo telemóvel na mão, apenas guardado o número de Luca Evard, e caminhava.

Venha à Accademia, escrevi, arrombando o cadeado da torre da Chiesa di San Vidal enquanto a mensagem seguia. Ele veio à Accademia, chegando vinte minutos depois, sem chapéu, a água pingando-lhe da ponta do nariz.

Observei-o da torre e escrevi, *Campo Sant'Angelo*.

Ele recebeu a mensagem, olhou à volta, começou a andar, mãos enterradas nos bolsos, uma ténue tentativa de permanecer quente, rumo ao Campo Sant'Angelo, passando por mim, invisível no meu poleiro. Um quarteto barroco aquecia quando descí da torre, cordas de tripa e arcos de crina de cavalo. Restava um vendedor solitário a vender máscaras no Campo Santo Stefano: a *Bauta* (bom para se comer); a *Columbina*; o médico da peste e a *Moretta*, a *Arlecchino*, o *Arlequim* e *Pantalone*; a *Volto*, a mais famosa das máscaras venezianas, rosto totalmente branco com uma explosão de cores à volta, ouro e prata, verdes brilhantes e bronze polido, já te falei de

foco

Foco.

Passei por ele em Sant'Angelo, avancei umas ruas mais, refugiei-me num café que vendia panquecas recheadas de fruta e chocolate derretido, pedi

uma e, enquanto esperava, escrevi, *Campo Manin*.

Uns momentos depois, ele passou, abrindo caminho entre a multidão, e eu deixei-o passar, e procurei eventuais seguidores, sinais óbvios de proteção ou segurança, e não vi nenhuns.

Rialto, escrevi e segui cinquenta metros atrás dele, capuz na cabeça, comendo a panqueca do saco de papel, parando em soleiras de portas só duas vezes, quando ele olhou para trás.

Ele andou até ao meio da Rialto e deteve-se no cimo das escadas, olhando para baixo para ambas as extremidades da ponte. A Ponte de Rialto, completada em 1591, não a primeira no local, pelo menos quatro antecessoras de madeira se desmoronaram antes e foi prevista ruína para a evolução final mas aqui está ela colossal acima das águas

aqui estamos nós

colossal: mais que agigantado, que tem dimensões de colosso

juntos por fim

colosso de Rodes: símbolo de vitória que serviu de inspiração à estátua da liberdade

agora

Não posso protelar mais, estava capaz de pôr-me a andar, dar de frosques, mas ele mandou-me uma mensagem escrita, ele contactou-me, estou na sua consciência, ele lembrar-se-á que eu não apareci, lembrará?

Não se lembrará ele de facto de que foi à Ponte de Rialto e talvez nos tivéssemos encontrado e talvez tivéssemos falado e talvez tivesse sido maravilha e ele esqueceu-se de maneira que realmente eu podia pôr-me a andar, e acaso a sua fantasia seja melhor do que a realidade do que estavam todos à espera e

ele virou-se, postado no cimo da ponte, e viu-me, e reconheceu-me.

Não, talvez, a mim.

Palavras que me descreveram. Preto é a cor do cabelo do meu verdadeiro amor, os seus lábios são claros como algumas rosas...¹⁵

Se ele não adivinhou quem eu era antes, sabe-o agora, estou de olhos fitos nele e não os consigo desviar, e ele vê a verdade disso, e não se move, e eu tão-pouco, ambos decidindo talvez se vamos cair fora

zarpar

bazar

arrepiar caminho

dar à sola

fugir

escapar

desertar

cair do pano, 疋, uma peça de tecido, morfema, o chinês usa palavras de
medição ou morfemas ao fazer contas, mais comumente 个 igualmente 位
分本台 merda de merda que porra faço eu aqui

não consigo mover-me, pés petrificados no lugar, de maneira que desce
ele até mim. — Olá — diz Luca Evard. — Deve ser a Hope.

¹⁵ De «Black Is the Colour (of My True Love's Hair)», canção popular com possível
origem na Escócia e imortalizada por muitos cantores ao longo dos tempos. (N. da T.)

CAPÍTULO 87

Um café perto do Hotel Madellena.

Ele já está a pagar quando eu dou por isso.

Não, digo eu, não, eu vou buscar.

Demasiado tarde, ele pagou as bebidas, mas obrigado. Nunca antes teve uma ladra a oferecer-se para lhe pagar um café.

Sentamo-nos. Toalha de mesa de xadrez encarnado e branco. Luca pôs um pacote de açúcar mascavado no seu café, mexeu, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, quatro vezes, bateu com a colher duas vezes, segurou na chávena pela pequena asa, sorveu, quase aspirou com ruído, cabeça rolando para trás, pousou a chávena, o líquido escoado.

Eu observei tudo isto, como uma suplicante poderia observar um padre, depois olhei vagarosamente dos proféticos grãos de café deixados para trás na chávena para o rosto mais eloquente de Luca.

— Olá — disse eu.

— Olá.

Silêncio momentâneo.

Depois por fim: — Eu tenho um dictafone.

— Tudo bem.

— Bom. Eu... bom.

Pousou o gravador na mesa, digital, uma única luz vermelha a mostrar que estavas a ganhar, uma porta USB atrás.

Silêncio.

Por fim, uma risada, um abanar de cabeça. — Estou a ser um mau polícia — disse ele —, mas agora que aqui estamos, não estou realmente certo do que quero dizer.

Encolhi os ombros, e depois para preencher o silêncio escolhi as palavras erradas. — Ouvi dizer que saiu da Interpol.

A cabeça dele ergueu-se como um cão pondo-se em sentido ao disparar de uma arma, e o seu lábio inferior recurvou-se para dentro e para fora antes de dizer, baixinho: — Despedido. Não saí. Embora a altura se aproximasse, suponho eu.

— Fui eu?

— Sim. Em parte foi você.

— Lamento.

— Lamenta?

— Sim. Não era minha intenção... lamento.

Confusão: agora que aqui estamos, nada é como ele imaginou. Depois inclinando-se para diante, as mãos espalmadas na mesa, fazendo força nela como se o mundo lhe fosse escapar por baixo, agarrando-se pela vida. — Alguma vez a prendi?

— Sim, uma vez, em Viena.

Ele bateu no tampo da mesa com força, reclinou-se na cadeira, abanando a cabeça. — Eu sabia! Todas as notas, a papelada, as suas impressões digitais! Tínhamos isso tudo mas ninguém se lembrava — julguei que fosse um erro material mas o erro era tão grande, estava tudo tão limpo, tão perfeito, no fim deixámos para lá porque pensar em como acontecera era mais constrangedor do que ignorá-lo, eu disse-lhes, eu disse que nós... como é que eu o fiz? Como é que a apanhei?

— Fez-se passar por um potencial comprador.

— Tentei-o várias vezes, mas nunca...

— Funcionou. Em Viena eu caí na esparrela.

— E como é que você... — Gesticulou debilmente, à procura de uma palavra.

— Você deixou-me sozinha na sala de interrogatório. Esperei um bocado, depois exigi ser libertada. Dado que o oficial de serviço não se lembrava de quem eu era, assumiu que eu era quem clamava ser e deixou-me ir. Como você disse, é por vezes mais constrangedor lidar com uma coisa do que fingir que não existe.

— Portanto limitou-se a sair dali para fora.

— Já.

Ele deixou escapar um sopro de ar, um sorriso na cara, um homem lesado finalmente vindicado, justiça, a tua honra, justiça para o injuriado.

— E mais alguma vez? Apanhei-a no Brasil, ou em Omã?

— Não, receio que não.

— E quanto a Hong Kong? O ficheiro, a informação que recebi...

— Sim, fui eu.

— *Porquê?* — A pergunta queima, ele treme com o seu libertar, tantos anos, e agora, o dictafone entre nós, os seus dedos brancos premidos contra o tampo da mesa.

Encolhi os ombros. — O meu comprador traiu-me, tentou mandar-me

matar. Pareceu uma espécie de... justiça, acho eu. E eu queria que você fosse a Hong Kong. Queria que estivesse perto de mim. Você parecia um bom homem. Agora soa pateta. — Uma meia-verdade, uma meia frase, mordendo a língua, amedrontada com tudo o que a verdade possa significar, a verdade de mim, eu sou Hope, eu sou ladra, eu sou predadora, eu sou a estranha que não te lembras de beijar.

Ele reclinou-se na cadeira, os dedos agarrando-se agora ao rebordo da mesa, um alpinista que mal se firma. — Em Hong Kong... não — deteve-se. — Não é a ordem das coisas. Há um ano fui contactado pelo homem a quem chama Gauguin. Ele puxara uns cordelinhos, vira o dossiê de Viena, comparou impressões digitais que tinha do Dubai com o dossiê a seu respeito. Disse: «Olhe, você tem as impressões digitais dela, a documentação da sua detenção, você deteve esta mulher e agora não se consegue lembrar dela.» Foi muito persuasivo. E eu passei em revista os seus crimes, e passei em revista São Paulo, Hong Kong, lugares aonde a seguira e onde as coisas tinham parecido... estranhas. Em Hong Kong houve uma noite em que acordei e tinha batom no pescoço. Eu não tinha... mas ali estava o borrão e eu pensei... era loucura, claro, mas verifiquei as CCTV, vi... e lá estava você. Tive de pôr a sua fotografia no ecrã do computador, colá-la para comparar o seu rosto, mas percebi, porque não me conseguia lembrar de si. Entrámos juntos no elevador. Você coxeava, parto do princípio...

— Tinha sido alvejada no Cais Hung Hom, sim. Disse que tinha sido um acidente de trabalho.

— E eu acreditei nisso?

— Não acho que estivesse à espera que uma ladra lhe dissesse olá. Eu abordara-o em São Paulo, sabia...

— O que fez você em São Paulo? — Incredulidade, fúria, começando a assomar, mas ele mantém-na sob controlo, à justa, restando a tempestade.

— Nada. Bebemos um copo.

— Bebemos um *copo*? — Os dedos de uma mão fincam-se lívidos na mesa, depois saltam, como que picados, sustentam-se por um segundo no ar entre nós, e por um momento eu não sei se ele me vai agredir ou não.

Depois lá está, o suspiro do bófia, dominando-se, pondo tudo sob controlo, maxilar contraído, olhos semicerrados.

— Bebemos um copo — repeti. — Eu fiz-me passar por agente do

serviço local. Foi só um copo.

— Porquê?

— Você era...

— Investigador? Um *bom homem*? — As palavras saíram destilando bÍlis, e ele ouviu-o, e semicerrou os olhos de novo, e quando tornaram a abrir-se, ele estava calmo, inexpressivo, todo ele ouvidos, um chui de serviço.

O café girou, a porta abriu-se, a porta fechou-se, ar frio entrando do exterior. Uma mulher riu-se ao balcão, a caixa registadora fechou-se com um tlim, ficámos sentados em silêncio.

Então eu disse, rápida e categórica, surpreendida por me ouvir falar: — A breve trecho, estes feitos são seus, tanto como meus. — As sobranceiras dele tremeram, os dedos crispavam-se, mas ele nada disse. — Você conheceu-me. Falou comigo. Formou uma impressão. A sua memória de curto prazo pode reter-me tempo suficiente. Você fez um julgamento. Gostaria de mim se soubesse quem eu sou? Provavelmente não, tem impressões de longo prazo que uma experiência de curto prazo não pode suplantam. Mas por um segundo, esqueça isso. Conheça-me agora, pela primeiríssima vez. Neste momento, quem é que vê? Crie uma imagem minha segundo a segundo, nada de passado, nada de futuro, sem cuidados, sem responsabilidades. Fá-lo *você*; eu não o faço por si. Posso posicionar-me de determinada forma, dizer determinadas coisas, mas, no fim, a escolha é sua. Você escolheu isto. Em Hong Kong...

— Subimos juntos no elevador — interrompeu ele, cortando palavras que não queria ouvir.

Encolhi os ombros, deixei-o acabar.

— E seis horas e vinte e oito minutos depois, você entrou no elevador no meu piso, e foi para o seu.

Silêncio.

— Faria diferença se eu lhe contasse? — perguntei, o queixo pousado sobre as mãos entrelaçadas. — Tudo o que lhe posso dizer são meras palavras, e você não teria maneira de saber se era verdade. Só confiança, ou rejeição, ou algo duvidoso no meio. Escolha sua.

Silêncio momentâneo. Então: — Eu sou um bom homem. — Disse-o tão suavemente, interroguei-me se saberia que falara de todo. Depois olhou para cima, e um bocadinho mais alto: — Sou um bom homem. Não me

esqueço das pessoas com quem dormi; eu não sou assim.

— E aqui estamos nós. Foi por isso que se quis encontrar comigo? Para perguntar tudo isto?

— Sim.

— Porque pensou que eu viria?

— Por causa de Hong Kong. Porque acho que você é obsessiva e solitária.

Encolhi os ombros.

— Quer piedade? Um ladrão é um ladrão.

— Como viveria, no meu lugar? — repliquei. — É difícil receber subsídio de habitação quando ninguém no centro de emprego se lembra de si. Seria de julgar que essas coisas eram automatizadas, mas diabos não, o governo não pode ter mandriões, os mandriões têm de ser avaliados, entrevistados, catalogados. É difícil ser-se catalogado, quando as pessoas se esquecem de arquivar o relatório. Experimente arranjar gente para partilhar casa, fazer uma entrevista, ser tratado por um médico, fazer amigos — o que teria você feito?

— Não é culpa sua, ser esquecida? Não é algo que você escolha?

A minha vez de pensar em agredi-lo. Contemplei a ideia com frio desprendimento, e achei-a surpreendentemente fácil de descartar. — Não. Nunca escolhi nada disto.

— Escolheu roubar o Perfection.

— Sim.

— Escolheu manipular-me. Escolheu... escolheu...

A sua voz fraquejou. Rolou a colher entre os dedos, para um lado, depois para o outro; chegou a uma decisão, e desligou o dictafone. Meteu-o no bolso do casaco.

— Dormimos juntos em Hong Kong — disse por fim.

— Sim.

— E no Brasil?

— Não.

— Então e aqui?

— Não.

— Quer fazê-lo? — Não um convite; uma simples pergunta.

— Tem a certeza de que não quer continuar a gravar? — repliquei.

Um abanar de cabeça. — Não me quero lembrar disto.

— Se não se lembra, não significa nada.

— Significará alguma coisa para si.

— Isso chega?

— Não sei. Eu sou aquilo a que poderia chamar um cobarde. Você diz que é uma ladra, di-lo como se fosse... fosse parte do que é. Eu digo que fui polícia, um homem de carreira. Eles sabiam o meu nome no snack-bar local, fazia parte do coro comunitário, um potencial homem de família. Era muitas coisas que faziam de mim quem eu julgava ser, e agora não sou. Tudo isso foi arrebatado, e eu segui-a. Você puxou-me pelos cordelinhos e eu fui atrás, e perdi o emprego e tê-lo-ia feito de novo para a apanhar, você tornou-se... encontrá-la tornou-se uma parte de quem sou, tal como tudo o resto. Você era... a minha obsessão. Isso excita-a? Dá-lhe tusa, saber que eu precisava de si, precisava de a apanhar, tal como você precisava de alguém para uma foda?

Raiva, assomando, conquanto a voz dele a ocultasse, o rosto crispando-se, congestionando-se com o esforço de a refrear.

— Não — respondi calmamente. — Não me excita já.

— Acho que sou um cobarde. Se saísse daqui agora, eu esquecer-me-ia de si, e então poderia desfrutar de ser seduzido. Seria uma agradável interrupção de curto prazo para um mal-estar de longo prazo. Até podia odiar-me a seguir, descobrir que a realidade das minhas ações não está em conformidade com quem gosto de acreditar que sou; e depois esquecer-me-ia, e não me odiaria afinal de contas. Uma opção fácil, sim? A saída do cobarde. O homem que você perseguia é uma ilusão. Você criou-o a partir da sua própria solidão, fabricou alguém de quem precisava na sua vida. É tudo pateticamente óbvio, de facto. Como diz Matisse, você é infinitamente mais interessante para um cientista do que para um psiquiatra. Isto horroriza-a? Quis desligar o gravador para não me poder ouvir a dizer isto, odiar-me-ia por estas palavras também, está a ver, não é bom, não é cortês, não quem eu penso que gostaria de ser, mas claro está, consigo, posso dizer seja o que for agora e esquecer, não me lembrarei de mim a chamar-lhe cadela, rameira, criancinha fodida, serigaita, vagabunda, ladra. Sabe incrivelmente bem deixar sair estas palavras, é como — sinto vergonha e medo e excitação e deve ser isso que você sente, o que sente um criminoso! Cristo, é como... caralho! Porra de cadela, espero que arranque a porra dos seus próprios olhos. Que engula lâminas, mije fogo, se lembre e derrame as

suas lágrimas sozinha à noite, morra sozinha, isto é maravilhoso! Dizer isto é... vai-te foder, que se foda a minha porra de vida! — As suas mãos, firmemente agarradas ao rebordo da mesa, nós dos dedos brancos, olhos vermelhos, alagados de lágrimas, pestanejando para se livrar delas, mãos não se movendo para limpar o sal que lhe escorria pelas faces. — Eu sou um fiasco, por isso vá-se foder, seja você quem for, foda-se a verdade! — Mergulhou através da mesa, uma mão envolvendo-me o pescoço. Agarrei instintivamente num garfo, pronta a levar-lho a um olho, ao pescoço, qualquer alvo fácil — mas a sua mão não apertou, apenas exerceu pressão, pronta a carregar, o seu corpo arqueado para cima e para a frente num L desajeitado, apoiando-se no cotovelo do braço esquerdo para se sustentar, as lágrimas correndo livremente.

Rostos virados no café; alguém gritou, outro alguém disse, chamem a polícia.

Ele estava ali petrificado, e eu com o garfo na mão interrogando-me se precisaria de o magoar, e as lágrimas rolaram e os seus lábios moveram-se e ele nada disse e nada fez e finalmente, lentamente, largou-me. Largou-me, e sentou-se de volta na cadeira, e abraçou-se, envolvendo o peito com os braços, e chorou em silêncio.

Momentaneamente, ali ficámos.

O café olhava para nós, e como nós não nos mexêssemos, viraram-se.

Quietude, momentânea, salvo as lágrimas de Luca.

Quietude.

Pousei o garfo de volta na mesa. Disse: — Você é um bom homem.

Apenas o som de lágrimas, de pequenas respirações entrecortadas de um homem boneco de trapos.

— Curioso, as coisas que fazemos quando achamos que ninguém se lembrará — cisme. — Tentador, por vezes, simplesmente esmurrar um estranho na rua, só para ver qual é a sensação. Será como nos filmes? Ou dormir com o tipo que realmente, realmente, não deveria, mas diachos, força, hoje, só hoje. Ou roubar algo de uma loja. Um pacote de batatas fritas, uma tablete de chocolate, nada de monta, nada que rale quem quer que seja, realmente, mas simplesmente... força. Quebrar as regras. Só um bocadinho. Só hoje. A maior parte das vezes, as pessoas refreiam-se. Refreiam-se porque acham que serão apanhadas, ou porque têm medo. Ou porque a sua consciência esperneia e sussurra, se quebrares esta regra,

quebrará a confiança sobre a qual roda a sociedade. Não se tem medo de ir para a prisão — quero dizer, talvez se tenha, mas mais provavelmente tem-se medo de um mundo no qual qualquer pessoa poderia simplesmente atacar-nos ao passarmos. Ou no qual a nossa propriedade não nos pertencesse, e a única coisa que importasse fosse força e poder e a vontade de agir. O bem é um conceito tão vago como qualquer valor imposto pelo Homem ao longo das eras. Bom: correto ou apropriado. De elevada qualidade. Agradável. Aprazível. Virtuoso, louvável. É bom sujeito, esse aí. Travando uma boa guerra. Bom: boas esposas, boas filhas, boas empregadas domésticas, boas mulheres no seu lugar. Bom: queimar bruxas. Bom: apanhar ladrões, pôr esse drogado atrás das grades, fazer-se explodir em nome de... seja o que for. Alá ou Jesus, Vishnu ou Jeová, cada um tem a sua coisa. E cada um, não importa quem, a determinada altura, ouve o chamamento, *força, força, força, di-lo, fá-lo, desanca-o, esmaga-o, força!* E em geral refreia-se, ou, se não, lembra-se das suas ações mais tarde, e sente vergonha.

Estendi a mão para o seu casaco, tirei o dictafone. Liguei-o. Pu-lo entre nós. Sentei-me de volta na cadeira. Ele observou-o, sustendo a respiração, sufocando o som das lágrimas.

— Dois mandamentos — cisme. — Conhece-te a ti mesmo, e conhece todos os outros. Não tendo ninguém que me conheça, não tendo ninguém que me apanhe ou me levante, que diga se estou certa ou errada, não tendo ninguém que me defina os limites, tenho eu de me definir, de contrário nada sou, só um... líquido que se dissolve. Conhece-te a ti mesmo. Mas encontrar definição sem todas as... as coisas diárias que te dão forma — mamã, papá, amigo, irmã, amante, trabalho, passatempo, emprego, casa, viagem —, sem os limites de lugar ou sociedade, eu podia definir-me como fosse o que fosse. Eu sou respiração. Eu sou misericórdia. Eu sou o mar. Eu sou conhecimento. Eu sou beleza. Eu sou perfeição. Eu sou... tudo e mais alguma coisa. O que sou eu, então? Olho para o mundo e parece-me uma coisa distante vista da janela de um comboio a toda a velocidade. O vislumbre de um campo que uma mulher semeia, uma criança acenando do cais, um homem consertando o carro na berma da estrada, eu avanço e o mundo passa por mim, intocável. Mas no ato de ver, no ato de me mover, recolho memórias e elas transformam-se em mim. Os outros não se lembram de mim, portanto só eu permaneço. Você tenta lembrar-se de mim

por palavras, e só se lembra das palavras, não de mim. Eu torno-me informe. Não sei qual é o meu destino, mas continuo a viajar, rodeada pelas histórias das outras pessoas, absorvendo-as, e à sua maneira, conquanto elas não sejam eu, tornam-se eu. Eu estou só... a viajar. Nada mais. Eu sou eu. Dantes pensava que não havia virtude nos homens, não realmente — apenas leis e medos. Mas você é um bom homem, Luca Evard. Você é um bom homem.

Isto dizendo, levantei-me, desliguei o dictafone, empurrei-o para ele, deixei uma gorjeta na mesa, e saí.

CAPÍTULO 88

Corrida.

Um mau desporto, realmente. Terrível para os joelhos — diz-se que correr é grátis, o desporto mais barato que existe, mas bons ténis custam uma boa maquia nos dias de hoje

os aborígenes da Austrália fazendo a longa caminhada, um rito de passagem para se tornarem homens, descalços, seguindo as melodias, eles não precisavam de ténis caros

o que usava Fidípides quando correu para Maratona?

eu corro de

eu corro para

eu corro para ser livre

liberdade do pensamento

a mão de Luca Evard envolve-me o pescoço, e ele chora, e esquece, e eu carrego a memória do que ele fez ao passo que ele não carrega e tudo

bem

outra parte da viagem.

A sua viagem, mas eu fá-la-ei por ele, só desta vez. Farei a peregrinação que ele não tem coragem de fazer.

Olho através da laguna.

Conto as minhas pulsações

e paro.

Descubro que não preciso de contar. Já não.

CAPÍTULO 89

Um monge estava sentado num pilar na Indonésia.

O que está a fazer aí em cima?, perguntei.

Sou um homem num pilar, respondeu ele. Sento-me no pilar para estar mais próximo de Deus.

Como come?

Todos os dias desço o meu cesto, e ele é enchido de comida por devotos seguidores, e então como-a.

Como caga?

Isso é pergunta que se faça?

Estou simplesmente curiosa.

Baixo as calças e cago para o lado.

Como dorme?

Equilibro-me cuidadosamente, e ato-me. Por estes dias constato que preciso de dormir cada vez menos, no entanto.

Porque está aí em cima?

Já disse: para estar mais próximo de Deus.

Para quê?

Para encontrar um caminho para verdades espirituais.

Porquê?

Para que possa ir para o Céu.

Mas aqui em baixo há pessoas a sofrer e a morrer. Florestas ardem e os mares sobem, porque não está a ajudar?

Estou. Estou a mostrar-lhes o caminho. Deveria vir viver no cimo de um pilar quanto antes, sabe? As questões materiais apenas a amarram a esta vida, e esta vida é sofredora. Quão melhor seria a vida se nos sentássemos todos no cimo de pilares.

Quão melhor seria a vida se todos nos entreajudássemos a construir pilares juntos?

Exatamente! Já percebeu a ideia!

E então os livros?, perguntei, pois estava a passar por uma fase de aprendizagem. Os livros são objetos materiais. Se eu possuir livros, sou sofredora?

Se os desejar, sim, eles limitam-na!

Mas eles contêm o conhecimento do mundo. Quem sabe: algum dia

alguém poderá escrever um livro a seu respeito.

Espero que não o façam! Estariam bem melhor sentados no cimo de um pilar.

Pensei nesta afirmação, depois disse: Desça o seu cesto até mim, que eu lhe darei comida.

Nada de carne, disse ele, baixando o saco de plástico azul. Nada de bebidas efervescentes também.

Recebi o saco que ele desceu, e então estendi a mão e cortei a corda que o segurava, peguei no saco e fiz menção de me afastar.

Ei!, gritou ele nas minhas costas. O que está a fazer?

Não sei bem ao certo, gritei de volta. Mas acho que porventura será uma coisa boa.

*

Peregrinação: fazer uma viagem a um local sagrado.

Peregrino: um viajante ou caminhante, um estranho num local estrangeiro.

Cruzados: peregrinos com espadas que tentaram conquistar o Médio Oriente.

Hajj: a viagem para Meca, um dos cinco pilares do Islão. *Shahadah*, *Salat*, *Zakat*, *Sawm*, *Hajj*.

Agradável, talvez, dizer que sou uma peregrina, mas, vendo bem, contando o redemoinho branco quando os devotos se movem em torno da pedra sagrada em Meca, vendo os fãs a gritarem ante a estreia de um filme, ouvindo os velhos sentados nos seus bancos junto ao mar que relatam que tudo muda, e é mesmo assim...

que me foda quem não é afinal um maldito peregrino?

Corro, e a minha corrida leva-me até ao Hotel Madellena, e julgo ver Byron pelo canto do olho, a pular para fora de um táxi fluvial, mas quando torno a olhar, ela desapareceu.

CAPÍTULO 90

Contagem decrescente para o Armagedão.

É difícil levar a cabo uma ameaça de bomba convincente quando se é esquecível. As minhas duas primeiras tentativas para convencer a polícia de Veneza de que eu era uma louca determinada a fazer ir pelos ares o Hotel Madellena em nada deram. Talvez a pessoa que recebeu o meu telefonema se tenha esquecido dos detalhes quando correu a informar um superior. Talvez recebam mais chamadas falsas do que eu julgava. Escrevi em vez disso, uma boa e memorável mensagem datilografada. Incluía uma descrição detalhada do dispositivo que eu estava a construir, e dizia, isto é real, isto é real para foder. Se os 206 aqui vierem, mato-os a todos.

Não responderam, e quando fui inspecionar o hotel na manhã seguinte, não vi sinais de alguém a estar a levar a sério.

*

Gauguin estava lá, está claro.

Uma mensagem através da darknet:

Por favor, desista dessas palhaçadas. O evento irá para a frente quer o deseje ou não. Apanharemos Byron se ela vier.

Tomara ter tempo para chorar.

*

Fotografei as camareiras e criadas de mesa do hotel; recortei as fotografias das revistas de glamour dos fabulosos e perfeitos que já estavam a chegar à cidade. Fui ao bolso de um dos seguranças, e descobri a minha fotografia em plástico laminado, e um pedaço de papel com uma lista de palavras a descrever-me, um mandamento a memorizar, se não a minha cara, então pelo menos o ato de tentar fixá-lo.

Do lado de trás estava uma velha fotografia granulosa de Byron. Ela usará provavelmente cabeleira, diziam as notas. E óculos. E talvez próteses. E roupa diferente. E estará mais velha. Se vier de todo. Se não estiver a trabalhar com intermediários. À parte isto: ela será fácil de detetar, certo?

Guardei-a para me recordar do meu propósito, e fui aos meus afazeres.

*

Três ensaios de reconhecimento no hotel, nos quatro dias anteriores à festa.

Ensaio 1: como potencial hóspede, arrebicada com todos os adereços que consigo roubar, adornada com a informação pessoal de Awele Magalhães, surripiada do seu telemóvel. Awele trabalhava em marketing, mas casou com um rico magnata do carvão há três anos e deixou o emprego por uma vida de festas, altamente absorvente; obteve o Perfection há dois anos e meio, atingiu a perfeição há quatro meses, adora os tratamentos, adora a forma como eles a fazem sentir-se, é como... Oh, eles simplesmente fazem-me sentir *eu*.

A minha identidade passou sem um percalço, e eu explorei o hotel, espaventosa no meu casaco branco não exatamente de pele, cabeça ao alto, sapatos impraticáveis para correr. Uma escada de metal ornamentada no átrio principal, que se dividia nuns quantos degraus em curva ascendente para fora e depois para dentro como as pétalas de uma tulipa. Um patamar lá em cima, ornado com uma imitação de uma famosa representação de São Sebastião cravejado de flechas. Em baixo: uma série de autênticos elevadores do século XVII, forrados de espelhos de fundo prata e negro, simultaneamente convidando e desencorajando reflexo e autocontemplação. O piso de cima só acessível com uma chave de segurança (roubada à chefe das camareiras), a cave conduzindo diretamente lá fora a um cais privado onde os clientes podiam embarcar nos seus táxis.

Subi de elevador até lá acima, e ainda não tinha dado um passo para fora da cabina quando fui confrontada por seguranças, aqui não, minha senhora, este piso é reservado.

Chutei delicadamente para a frente, exclamei: — Estou aqui para ver o Sr. Pereyra-Conroy — e certinho, este era o piso privado reservado para Rafe e a sua comitiva mas como obteria eu sequer acesso a ele sem uma chave?

— Ele não está aqui, minha senhora — começou um, e eu soprei e resmunguei e premi o botão para o piso inferior e enquanto as portas do elevador se fechavam, eles mal tinham tempo de se confundirem antes de começarem a esquecer.

O piso inferior estava adornado de mais carpetes pretas, portas prateadas, a suave brisa do aquecimento contra o frio húmido lá de fora, cabos ao

longo de teto e chão, acabados de colocar. Espreitei por cada porta aberta com imperial confiança, reparei em câmaras de televisão e homens de preto, mulheres com tripés e blocos de notas, conjuntos de salas sendo preparadas com luzes brancas brilhantes como relâmpagos para as entrevistas com os grandes, os famosos, os fabulosos e ricos. Até que ponto adora ser perfeito? Oh, tanto, é simplesmente a sensação mais fantástica do mundo!

Um salão de baile, sendo preparado. Um teto baixo que se elevava rapidamente desde a porta de entrada na direção de uma cúpula de vidro e aço, uma extensão vitoriana de um edifício mais antigo, arcos de aço negro a toda a volta embutidos nas paredes como se alguém tivesse querido construir uma estufa, e desistido a meio e em vez disso prosseguido para uma igreja. Difícil ver o glamour em pessoas prendendo cortinas de veludo com fita adesiva e martelando plataformas de aço para a banda. Ferramentas espalhadas pelo chão, cabos ao longo do teto, mas mais uns dias e estaria tudo adequadamente

perfeito

para os convidados

Perfeito: sem mácula.

Um segurança avistou-me, e desta vez teve a presença de espírito para levar a mão ao bolso onde jazia uma pequena fotografia laminada, de maneira que me virei, e fugi, pelas escadas de tulipa abaixo e passando pelos hóspedes que esperavam, através das ruas de Veneza nos meus tolos sapatos, uma bola de neve num vestido roubado.

Ensaio 2: como técnica. Máscara bem mais fácil. Calças de ganga pretas, t-shirt preta, cinto de couro, ferramenta multiusos, rolo de fita adesiva. Acesso: universal. Segurança: completamente desinteressada. Explorei o hotel de alto a baixo, através dos corredores de serviço e atrás das escadas. Fotografei as principais entradas de energia, centrais de servidores, roubei mais algumas chaves, fanei um par de telemóveis, deslizei por todo o lado sem ser interrompida durante aproximadamente duas horas até que por fim, saciada de informação, guardei as minhas coisas num saco de plástico, e saí pela porta de serviço.

Um pensamento: se é assim tão fácil para mim, interrogo-me quão fácil será para Byron.

Ensaio 3: faltava um dia, e julguei, ao entrar com o meu uniforme azul de camareira, ter visto... mas não, fácil imaginar estas coisas, Byron não poderia permanecer escondida de vista, não de todos os homens de Gauguin, não de mim, ela é boa mas não tão boa assim. A mente é uma geringonça falível e suspeita para nela termos de nos fiar, e contudo não, complexidade, complexidade nas simples palavras que derramam sentido que *foco*

 passei quarenta minutos por camareira até que uma pessoa que deveria estar por dentro me viu, e não me reconheceu de todo e disse: — Ei! Quem diabo é você?

 Coisa boa na máscara de camareira: excelentes sapatos macios. Ele era um qualquer chefe de serviço, calçado de couro rijo e atacadores pretos apertados. Fugi-lhe sem verter uma gota de suor.

CAPÍTULO 91

Pois aqui está.

O fim da linha.

Ou o princípio, dependendo do ponto de vista.

Hin und zurück — ida e volta.

O comboio atinge o fim dos carris, e eu apeio-me, e um dia porventura embarcarei de novo, e regressarei a casa, e a viagem será diferente e a mesma, exatamente como eu.

Noite em Veneza. Decido-me por uma máscara de meio-termo, vestido de cocktail preto elegante mas sem dar nas vistas. Deito sub-repticiamente soporíferos na bebida de uma fotógrafa com cara amigável, roubo-lhe as câmaras e identificação, e apanho o *vaporetto* para uma festa.

Coisas que são ridículas mesmo no menos ridículo dos eventos:

- Cegueira seletiva. Um convidado numa grande festa tem de escolher não se aperceber do pessoal de serviço à sua volta. Criados e criadas, seguranças, gerentes de plantão, cozinheiros, músicos, técnicos, todos se esbatem em pano de fundo. Esta noite é tua, tem a ver contigo e os teus amigos, e a intrusão de olhos estranhos e perscrutadores, de olhos que não são do teu mundo — mais vale ser ignorada, não é de todo uma coisa viva.
- Canapés. Ridículos. Manga do Sri Lanka, caviar da Rússia, resmas de folhas de bananeira trazidas de avião de Kerala, arroz tailandês, salmão norueguês, vinho australiano, lulas chinesas. Um pequeno império ergueu-se e cairá em nome de um pedaço de comida não maior do que o círculo formado pelo meu polegar e indicador unidos, custo: \$17 a dentada.
- Música. Nem demasiado boa, nem demasiado má. Mozart é complexo, Beethoven um bocadinho apaixonado de mais. Os Russos têm boas melodias, mas por vezes despertam demasiadas emoções, os Britânicos tendem para o patético. Algo de meio-termo. Algo que todos possamos admirar, mas que ninguém se incomode a escutar, porque a beleza está no

escutar, na crescente complexidade, no desenrolar de uma história, e ninguém numa festa tem tempo para isso.

- Discursos. Sejam todos bem-vindos, honra-nos que estejam presentes em [x]. Estava a falar com [nome] sobre o que era esperado de mim esta noite e ele disse [inserir piada]. Não, agora a sério, esta noite tem tudo a ver com [assunto] e, claro, também convosco, e em honra disto temos uns espantosos eventos preparados, incluindo [x] e [y] sem esquecer [z].

Tomara esquecer-me de discursos tão depressa como se esquecem de mim.

- Fontes de champanhe: um desperdício de boa pinga.
- Esculturas de gelo, derretendo suavemente para taças de pedra.
- Toucados: no século XVIII, quantas mulheres morreram quando as suas grandes cabeleiras e penteados de colmeia foram apanhados na cera flamejante dos candelabros? Nos dias que correm as únicas ameaças a algum do cabelo em exibição eram portas baixas, habitáculos de automóveis, e a incapacidade de qualquer pessoa com esse penteado assentir com a cabeça.

Clique, clique, olhe para a fotografia, está a olhar para mim? E congele e sorria, dentes brilhantes, dores de sorriso, tu és o teu sorriso e clique linda fotografia, obrigada, muito obrigada...

Uma estrela de cinema chega tendo assinado um acordo de patrocínio com um joalheiro dos EUA. Valor dos diamantes em redor do seu pescoço: aprox. \$7,5 milhões. Nos velhos tempos teria querido saber disso, mas não esta noite. Não esta noite.

Viro-me e fotografo, clique clique, querida, está linda. Há CCTV por todo o lado, mas teriam de olhar para mim para me descobrirem, teriam de se lembrar do que procuram, saber para procurar. Outra fotografia, outra reviravolta, não era *ele* naquilo, não era *ela* naqueloutro, e aqui vem Rafe, aplauso à porta, oh Rafe como és maravilhoso (clique clique) diz-nos como fizeste (clique clique), ele sorri e aperta as mãos das pessoas perfeitas à sua volta e diz: «Nunca perdi a fé em mim.»

Eu perdi, penso eu, clique clique, reviravolta reviravolta. Avancei, recuei, atravessei o deserto e dei comigo aquém, postei-me na via-férrea e descobri que tinha medo de comboios, medo de viajar, viajei mesmo assim, deixei tudo para trás, tudo perdi de novo, até que só eu fiquei.

Rafe — o que tens vestido? Gucci. Ah: claro! Claro que Gucci, e o teu relógio de...?

Gauguin atrás de mim. Os seus olhos detêm-se em mim por um momento e, instantaneamente, leva a mão ao bolso. Pobre Gauguin, estás ralado com as tuas próprias reações? Vês uma mulher numa multidão e agora pensas: «É ela?» A ansiedade deve estar a dar cabo de ti. Mas tens a minha fotografia ainda assim, portanto, viro costas, deixar que as pessoas me engulam, esquecerás que me viste, conquanto te rales com isso, essa fotografia na tua mão, tiraste-a do bolso por mim? Provavelmente. Provavelmente tiraste. De pouco te servirá agora.

Onde está Byron?

Reviravolta, clique clique. Nem sinal de Luca, nem sinal de Byron.

Onde está ela?

Os 206 estão aqui, a elite de todas as elites, duzentos e seis ao todo, os mais bonitos dos bonitos, clique clique, ela com pele de ouro queimada («Fui fazer um brilho facial... o médico queimou-me... está a imaginar...?»), ele com sorriso de prata (branqueamento dentário: aplicar peróxido de carbamida, na boca decompõe-se em peróxido de hidrogénio (usado para tingir o cabelo) e ureia (usualmente expelida através da urina). Nos tempos antigos, os homens e mulheres ricos esfregavam os dentes com carvão para dar a impressão de dentes podres, demonstrando que tinham acesso a bens caros como o açúcar)

clique clique

eu sou conhecimento

eu sou eu

clique clique

o mundo gira e eu estou imóvel.

Olho para cima, e ali, anatomia de um salão de baile, vai! Para a esquerda, no balcão número um, fotógrafos e câmaras entrevistando as belezas selecionadas dos 206, um homem agora lá, um jogador de golfe, julgo eu, um pulso cruzado sobre o outro para melhor se ver o seu relógio (patrocínio, nada de dar muito nas vistas, e olha, pode-se ver a hora!)

no meio, balcão número dois, uma acrobata a aquecer, um quarteto de cordas completamente embalado, mesmo a fazer *pendant*, jazz mais tarde está claro, quando dançarem, os 206 sabem todos dançar

para a direita, delimitada por cortinas vermelhas, uma área de controlo, lembro-me de lá passar no meu segundo ensaio, um local de amplificadores e prateleiras de gradadores, cabos e tomadas elétricas, não muito de século XVII ter potência trifásica 63A nas tuas antigas paredes de pedra, não muito a condizer com a estética veneziana, por isso esconde-o, baixa as luzes e eu olho, inclino a câmara para cima para esconder o rosto

clique

e vejo talvez a cortina tremular.

Como o faria eu, se fosse Byron? Como estaria eu aqui?

Não pela primeira vez, sinto uma imensa admiração por ela, memorável, incrível espia.

Viro-me para sair, seguindo os meus instintos, belos e profissionais instintos,

e lá está Filipa.

Obviamente.

À porta.

Alguém lhe toma o casaco e ela sorri e instantaneamente

é fácil de ver

há algo de errado com o seu sorriso.

*

Filipa? A minha voz. Não a minha voz. A minha voz é forte e segura de si. Uma voz mais fraca, uma voz de criança. Filipa?

Ela olhou para mim, do cimo de dois pequenos degraus de pedra que conduziam ao salão, enquanto os fantásticos e belos fluíam à sua volta, e sorriu, um largo e amigável sorriso de dentes brancos e disse: — Mil desculpas, julgo...? — Deixou que a voz se esvaísse. Julga que porventura já nos conhecemos, mas talvez...? Lembre-me só, o nome...? — O meu nome é Hope — disse eu. — Você deu-me a sua pulseira... — Olho para o seu pulso, mas a fita de Möbius desapareceu, substituída por algo tipo escrava, ouro branco, sarapintada de rubis.

— Evidentemente! Hope! Peço mil desculpas, que tolce a minha, muito

prazer!

Desceu varrendo os degraus, prendeu um braço no meu, puxou-me com ela, exclamou: — Com tantas câmaras, por um momento julguei que fosse outra pessoa, como tem passado?

As suas palavras, agudas e fáceis, uma flauta cantando a sua canção de amor. — Estou ótima. Estou... porque está aqui?

— Porque não havia de estar aqui? É o grande evento do meu irmão, e não só isso, tão importante, não acha? Uma verdadeira oportunidade de falar às aspirações de todos, de fazer a diferença. Estou muito orgulhosa de tudo o que alcançámos, mas há sempre tão mais a fazer.

O seu passo puxou-nos para o centro da sala, na direção da fonte de champanhe, ténues nuvens de vapor desprendendo-se da escultura de gelo, uma imagem de Afrodite anelantemente agarrada ao pescoço de Ares armado da sua longa espada, o seu nariz começando a derreter, a derreter-se para os braços dele, ao estilo de... de alguém...

— Filipa — disse eu, apertando-lhe bem o braço no meu —, Byron está aqui.

Ela levantou rapidamente os olhos, o sorriso não vacilando, susteve o olhar por um segundo, depois exclamou vivamente: — Em espírito, ou em pessoa?

Uma piada. Fazendo daquilo uma piada.

Apertei-a mais, até me começarem a doer os dedos, um franzir lampejando-lhe o rosto, mexendo-se para soltar o braço, mas eu ainda apertei com mais força e sibilei: — O que lhe fizeram eles?

— Me fizeram a mim? — replicou ela. — Nada de nada! Importa-se?, está a magoar-me o braço.

— Filipa, quem sou eu?

— É a Hope; assim o disse.

— E quando nos encontrámos pela última vez?

— Eu... bem, sabe, eu encontro-me com tanta gente.

— Em Nîmes, no hospital, as pessoas em camas, Perfection, os tratamentos...

— Ah, sim, isso foi tudo resolvido.

Agarrei-a com força suficiente para a fazer arquejar, os meus dedos enterrando-se-lhe na pele. — *Que porra fizeram eles consigo?*

Sabendo já a resposta.

— Largue-me!

Ela soltou o braço do meu, cambaleou para trás, uma cena, éramos agora o centro de uma cena, as pessoas virando-se para olhar, os seguranças virando-se para olhar, não podia passar por aquilo, precisava de avançar, bolas bolas bolas!

Aninhei as câmaras mais junto do peito, e fugi.

*

E agora?

Sento-me no WC das senhoras e choro?

Quando se está sozinho, é difícil obter um pouco de perspetiva emocional. Como numa criança, cada golpe dói mais profundamente, cada ferida sangra do fundo do coração. As contusões não me inocularam força. A sociedade nunca me ensinou a esconder-me.

Foda-se isto.

Nada de mais porra de choros.

Nada de mais contagens, eu sou os meus pés!

Eu sou os meus pés nas suas botas pretas enquanto ando pelo hotel, eu sou justiça, eu sou vingança, vai-te foder mundo se pensas que me podes fazer isto, vai-te foder se pensas que eu não sei como ripostar, se pensas que simplesmente me deixarei rolar e morrer, o meu pai olhava assassinos nos olhos, a minha irmã seria capaz de trespassar com um sabre de luz a porra da cabeça do demónio, e eu

Ei Macarena!

Serei tudo o que sou.

Agora!

Escada acima para a sala de controlo, esgueiro-me sob o cordão vermelho que a separa de mim. Não há seguranças nesta escada — surpreendente, havia há dois dias, quando eu era técnica, mas agora, desapareceram, foram-se, interrogo-me porquê (não propriamente), lá para cima até uma porta de madeira, construída para uma espécie mais pequena num tempo mais antigo. A fechadura era antiga, demasiado pesada para abrir com delicadeza, mas forcei-a com uma faca de cozinha e entrei.

Uma varanda, do tamanho do meu quarto de infância. Teto de pedra baixo, um vislumbre de flor em revelo na pedra acima da porta, uma

sombra de antigos tijolos vermelhos rebocados por um homem com sandálias de palha e chapéu mole, nos recuados tempos da varíola. Uma cortina vermelha, isolando-a do salão de baile, uma estreita fenda a meio por onde se pode espreitar e ver a gente bonita com as suas vidas perfeitas, olhar e embasbacar, dançando, dançando, dançando.

Um frasco de spray de pimenta no estojo da minha câmara, que à segurança escapara como um rolo de filme (ridículo; estamos numa era digital, volta para a escola imbecil!). Olhei à minha volta, mas Byron não estava lá, claro que não estava. Gauguin sabe que ela vem aí, a segurança está apertada (mas eu entrei), ela não conseguiria passar a porta (contudo, aqui estou eu e onde estava a segurança?), provavelmente já foi apanhada de facto (ei Macarena!) e

começo a relaxar.

Um rápido inventário do espaço.

Amplificadores; mostradores que se alteram indicando o pico de som que é bombeado para o sistema a partir do quarteto de cordas

suportes de rádio, por ora emudecidos, para quando começarem os discursos

que desleixo — também a central para o sistema de rádio dos seguranças, deveria definitivamente ser vigiada, peculiar que não o seja

suportes de gradadores e cabos, extremidades gordas e vermelhas, cobre gordo em tubos pretos, tudo bem, tudo bem, tudo

duas fotografias, pregadas na parede

estou tão desejosa de que esteja tudo bem, que quase me escapam.

Uma mulher, a cara virada para baixo e para o lado, como que apanhada numa mentira. O sol atrás dela, enchendo-lhe o cabelo escuro encaracolado de teias de aranha avermelhadas. Na outra, ela olha diretamente para a câmara, mas não parece vê-la, a atenção focada noutra coisa qualquer, e aquilo foi em São Francisco, reconheço o cibercafé lá atrás — seguira-me Byron, ou seria a fotografia de outra altura, de maior confiança?

A mulher, adormecida numa cadeira. Ou, pelo menos, provavelmente adormecida, esperançosamente adormecida, dois elétrodos inseridos no crânio, um par de óculos de proteção em redor do pescoço, prontos a ser usados. Um sensor colado à língua, parece como morta, toda aquela tecnologia, nada de que eu me lembre

Ei Macarena!

nada que eu escolha lembrar, talvez
ela sou eu.

E sob as fotografias, mensagens, escritas numa letra familiar, em notas
post-it.

ELA É REAL
ELA É A _PORQUÊ
ELA VIRÁ

Movimento atrás de mim, e de imediato me virei, erguendo o spray de
pimenta, as câmaras balançando-me em torno do pescoço, batendo-me no
ventre com o solavanco.

A faca embateu numa câmara, mas logo deslizou, transportada pelo
ímpeto da mulher que a usava. Ao passar entre as costelas flutuantes no
meu lado direito, era maior que o mundo inteiro. Ela susteve-me quando eu
começava a cair, uma mão nas minhas costas, a outra suportando-me ainda
pela faca espetada no meu corpo.

— É você? — perguntou ela. — É você?

Não tanto sangue como eu julgara — ainda não —, não com a faca ainda
dentro de mim, um tampão a bloquear o fluxo. Olhei para cima para o rosto
de Byron, e ela escolhera uma via muito diferente da minha. Rapara a
cabeça, colara-lhe um solidéu, e depois uma peruca preta. Envergava um
vestido cinzento, de colarinho alto e coberto por um xaile preto, preso com
um alfinete em forma de borboleta. Um cartão de segurança pendia-lhe do
pescoço, declarando-a como membro da imprensa, e um longo nome
italiano que se esbateu quando nele me tentei focar. Usava uma faixa verde
no pulso a dar-lhe acesso a todas as áreas e — aqui ter-me-ia rido, se o
sangue não me estivesse a escoar do corpo — tinha colado um pedaço extra
de látex na cana do nariz, alterando-o para um bico romano, e agora levou a
mão à boca e removeu duas pequenas esponjas, esvaziando as bochechas
para as suas dimensões naturais, e descartando-as, agarrou-me com força na
mão de novo e inspecionou o lugar em que a faca se me espetara no flanco.

— É você — soprou, mas eu não consegui responder, e ela arrancou o
xaile e apertou-o em torno do golpe, comprimindo-o com força, embora eu
não estivesse em estado de poder processar a dor. — Interroguei-me se
viria.

Tentei falar.

Nada saiu. Apenas ruídos guturais, como um motor querendo arrancar, sem óleo no sistema, um tubo partido algures, feia mancha no asfalto, alguém terá de a limpar.

— Mantenha-se baixa — disse ela —, mantenha-se escondida. Isto acabará não tarda.

A sua mão direita, vermelha do meu sangue, roçou-me o lado da cara. Maternal. Zelosa, talvez. Uma espécie de amor.

Mas ela tinha que fazer, e eu gritei por Gauguin (nenhum som saiu) e eu gritei por Luca (que não ouviu) e eu gritei pare com isso, pare com isso, por amor de Deus pare com isso e nada parou e eu não emiti qualquer som.

Ela virou-se de costas para mim. Dirigiu-se a uma pequena mesa misturadora, manípulos e potenciómetros, botões e indicadores, um microfone acoplado para anúncios e emergências. Ligou-o. Baixou o som da música, conquanto o zunzum de conversas no salão lá em baixo não fraquejasse. Pigarreou.

*E os ídolos quebraram-se no templo de Baal,
E as viúvas de Assur em prantos erguem seu clamor,
E o poder do Infiel, sem que o tocasse a espada ao menos,
Qual neve derreteu-se ao pôr-lhe os olhos o Senhor.¹⁶*

Isto dizendo, pousou o microfone, e eu descobri que tremia de a ouvir falar, e fez-se um silencioso burburinho no salão lá em baixo quando começou a matança.

¹⁶ *The Destruction of Sennacherib*, in *Hebrew Melodies* — *A Destruição de Senaqueribe*, in *Melodias Hebraicas* de Lord Byron. Tradução de Franco Costa Meireles. (N. da T.)

CAPÍTULO 92

Por um momento, tivera esperança de estar errada, e de que Byron não viesse a Veneza.

Nem em sonhos.

Como se para um louco na rua?

Como se contém um lobo solitário?

Byron fala, e o mundo enlouquece, e ela comprime o xaile na minha ferida e sussurra: — Darei contigo — e desaparece.

*

Esvaindo-me em sangue.

(Morrendo.)

Factos e números, para passar o tempo.

Nos EUA quase um em cinco rapazes e uma em onze raparigas do ensino secundário são reportados como tendo tido um diagnóstico de distúrbio de défice de atenção: 6,5 milhões de crianças

das quais, 3,5 milhões estão medicadas

(Alguém gritando lá em baixo, calem-se lá)

Disseram os Cientologistas dos psiquiatras: «[eles cometem] extorsão, mutilação e assassinio.»

Do Relatório Anderson, conduzido pelo estado de Victoria contra a Igreja da Cientologia: «A Cientologia é maléfica, as suas técnicas são maléficas, a sua prática uma grave ameaça para a comunidade, médica, moral e socialmente.»

(O sangue escorrendo para a borda da varanda — engraçado isso, implica um declive, fluir e não formar poça; diminuição?)

Uso do oxigénio no corpo; fígado 20,4 por cento, cérebro 18,4 por cento, coração 11,6 por cento.

Funções hepáticas: decomposição da insulina, decomposição de toxinas, conversão de amoníaco em ureia, produção de fatores de coagulação, metabolismo proteico, metabolismo lipídico, síntese de aminoácidos, regulação de plaquetas, produção de fatores de crescimento, armazenamento de vitaminas, produção de albumina, produção de... produção de...

(algo a esmagar-se, a música parou e também as conversas mas engraçado, estava à espera de mais realmente)

Diabetes: suspeitada muito antes da sua identificação formal e descoberta pelos suspeitos do costume da medicina histórica, de Galeno a Avicena. 1910 *Sir* Edward Albert Sharpey-Schafer isola a insulina

(rastejando. Muito lentamente, empurrando uma ponta de dedo de cada vez em direção à varanda ignorar a dor ignorar a faca, não toques na faca a faca é que te mantém viva, impedindo o sangue de se derramar para todo o lado rastejando)

Elliott Joslin publica os primeiros textos sobre o tratamento
contudo não antes de algumas experiências interessantes em cães
remover o pâncreas observar os efeitos
que cães vivem
que cães morrem
como
porquê

(rastejando, um rasto de sangue atrás de mim, as minhas roupas coladas às minhas costas, silencioso lá em baixo agora, por de mais silencioso, até o soluçar parou)

Frederick Banting, Charles Best, J. J. R. Macleod, James Collip, purificação da insulina para uso em seres humanos, mas só dois deles ganharam o Prémio Nobel deve ter causado frémito no laboratório

(rastejando, tento levantar o braço esquerdo mas não, pulsar de sangue, olhos esbugalhados, agonia de estourar o corpo, levantar o braço esquerdo é mover músculos em torno da faca, mover músculos em torno da faca é morrer, sei isso agora, morrerei aqui neste lugar com uma faca no flanco e aí vem a dor, aí vem aí vem)

Três principais causas de morte por ferimento: choque, dor, perda de sangue

(Concentra-te!)

Choque: baixa perfusão de sangue nos tecidos. Pele pegajosa, elevada frequência cardíaca, palidez, confusão, perda de consciência, para um melhor diagnóstico medir a frequência cardíaca dividida pela pressão... pressão sanguínea sistólica para uma resposta de

tratamentos elevar pernas

(não posso)

essencial que o sangue que flui vá para os órgãos principais, paragem cardíaca, paragem respiratória

(a minha mão direita chega à cortina, arreda-a ligeiramente para o lado)

Choque: resposta de choque térmico como por ex. de queda através de gelo. Vasoconstrição devido a frio extremo. O coração tem de trabalhar mais para bombear sangue — o coração falha.

(Chego lá, mas não pareço movê-la o suficiente para ver o mundo além dela. Puxo com mais força grito não sai som puxo puxo com mais força grito nos meus olhos os meus olhos estão a gritar eu sou os meus olhos a gritar a minha mão a gritar a minha voz a gritar a minha)

a cortina cai.

Enredada por um momento no seu abraço. A cortina cai e eu olho, virando a cabeça lentamente para o lado, espreitando lá para baixo através da balaustrada da varanda.

Eu sou dor, e tudo bem.

Choque: reação de stress agudo — entorpecimento, amnésia, transtorno dissociativo, despersonalização, mudez.

Eu sou testemunha destes acontecimentos.

Eu sou os meus olhos, gritando.

Eu testemunho:

Uma mulher, de dourado vestida, agachada sobre o corpo do seu parceiro de dança, retorcendo o pé estilhaçado da sua taça de champanhe mais fundo, mais fundo na garganta dele. Ele já está morto, mas ela está fascinada pelo jogo de vidro e sangue, o brilho das gotas rubi na sua pele. Elas complementam o seu vestido: talvez alguém possa conceber um modelo baseado neste momento?

Um homem, o smoking tingido de vermelho, uma faca de caviar embutida na sua perna, mas ele não se rala, arrastando outro homem pelo pescoço pela sala fora. Chega à porta, e confunde-se com ela, e solta as mãos do homem, mas o corpo está morto e ele continua perplexo, pelo que volta pelo mesmo caminho, pisando a criada sem olhos que jaz junto à porta, e vê se pode encontrar iluminação noutro lado.

Iluminação: o estado espiritual final; uma ausência de sofrimento ou desejo.

Uma mulher, acorada junto ao homem cuja cabeça pende agora por um fio. Tem sangue à volta da boca, e sangue nos dentes, mas está satisfeita por

agora, apenas balançando suavemente para trás e para diante, acho que a vi uma vez num filme, acho que fazia o papel de uma esposa infeliz num drama sobre os subúrbios americanos

(o meu sangue pinga pela borda da varanda)

(não darão por ele)

Um homem cuja orelha foi arrancada do rosto mas tudo bem, não é esse o problema, bate suavemente com a cabeça contra a parede

balança sobre os calcanhares

para trás

para diante

bang

para trás

para diante

bang

Uma mulher mais bela que o luar, confusa, vê os mortos e os moribundos, vê alguém que julga conhecer, empalado na escultura de gelo a derreter no centro da sala. Ali morreu depois de afogar um homem em cubos de gelo, e olha, a sua vítima jaz agora por baixo dele, ainda de rosto para baixo, suavemente conservada em champanhe. A mulher levanta-se. Anda através da sala. Puxa o lenço de seda branca do pescoço do homem no gelo, depois anda para o outro lado, procurando forma de se enforcar com os outros três ou quatro que também escolheram essa via.

Uma rapariga estrangulada com pérolas.

Um homem, a sua caneta de ouro enfiada na espinha.

Não havia muita gritaria. Quando os 206 começaram a chacinar-se uns aos outros ao som da voz de Byron, estavam tão ocupados a matar que não se ralaram realmente de serem mortos. Só os imperfeitos, os técnicos e os criados, os fotógrafos e a imprensa, gritavam ao morrer.

Rafe Pereyra-Conroy morreu a gritar, desconfio, espancado até à morte com o seu próprio microfone mesmo antes de discursar. Quem teria pensado que uma coisinha tão pequena estivesse habituada a partir tantos ossos?

A sua assassina está agora sentada atrás dele, de pernas cruzadas no chão, roendo as unhas.

Os olhos de Filipa vagueiam pela sala, encontram os meus, mas não parece ver-me. Não parece ver grande coisa, já não.

As câmaras na área dos paparazzi continuam a disparar. O YouTube espera.

Eu sou testemunha.

Fecho os olhos.

CAPÍTULO 93

Tive frio durante algum tempo, agora estou quente.

Tenho a sensação de que isto não é bom sinal, mas foda-se, quem quer já saber?

Palavras de... algures.

Kafka, Franz, n. 1883, m. 1924, desconhecido em vida, famoso após a morte. «Um dos primeiros sinais de entendimento é o desejo de morrer.»

Ou outras chalaças de morrer a rir: «O meu princípio orientador é este: a culpa jamais deve ser posta em dúvida.»

Mas por outro lado: «A juventude é feliz porque tem a faculdade de ver a beleza. Quem quer que mantenha a faculdade de ver a beleza jamais envelhece.»

1924 foi um ano bissexto.

Lenine morre.

O Império Otomano dá lugar ao Estado Turco.

A Lei da Imigração nos EUA abre caminho para a discriminação racial contra as comunidades asiáticas, e será mais tarde citada pelos Japoneses como prova do imperialismo colonial americano.

Nellie Taylor Rose é eleita primeira governadora mulher nos EUA.

Edwin Hubble declara que Andrómeda (previamente acreditada ser uma nebulosa) é uma galáxia, e que a Via Láctea é meramente uma de milhões de milhares de milhões de galáxias girando através do universo.

Aproximadamente oitenta e seis mil milhões de neurónios no cérebro humano. Aproximadamente trezentos mil milhões de estrelas na Via Láctea. Aproximadamente duzentos mil milhões de galáxias no universo, assumindo ser infinidade um termo vão. Aproximadamente 7×10^{27} átomos no corpo humano.

Eu estou...

aqui.

Xadrez: após três jogadas num tabuleiro, há mais de nove milhões de diferentes possíveis posições que podem ser alcançadas no jogo seguinte. Num jogo de quarenta jogadas há mais posições possíveis do que o número de eletrões no universo observável.

Eu estou

desperta.

*

Os meus olhos.

Lentamente.

Não mais gritando.

Os gritos entraram na minha mente, mas tudo bem, há imenso espaço, e bastante peso de conhecimento que posso lançar-lhes para cima, se se avolumarem demasiado. Eu sou conhecimento, estás a ver. Acho-o menos nocivo do que muitas das outras coisas que eu podia ser.

Os meus olhos estão silenciosos, e eu também.

Abro-os, e vejo.

Hospital.

A modos que inesperado, realmente.

Todos os hospitais parecem iguais.

Cortinas azuis separam as camas. Uma mesa de cabeceira ao meu lado, um jarro de água e um copo de plástico. Um líquido de alguma coisa misturada com alguma coisa correndo numa cânula na minha mão esquerda, o tubo transparente passando sob a minha bata de hospital. Na cama oposta à minha, uma velha está acordada de sobrolho franzido, virada para um lado, os pés inchados sob as apertadas meias antitrombo que lhe contorcem a pele pálida e manchada. É difícil imaginar a sua cara, com as suas papadas e sobranceiras espessas sulcadas, dar ares de outra coisa que não ira, mas talvez lhe esteja a prestar um desserviço. Talvez estejam todos irados neste lugar, com a pardacenta luz de inverno entrando pela janela aos pés da cama. Talvez os médicos sejam brutos.

Uma televisão ligada na divisória ao meu lado. Reality tevê italiana, algo a ver com a sedução de um homem rico, uma ilha paradisíaca, um jantar desastroso — não interessa. Compasso de espera.

Tradicionalmente este momento, este acordar, é quando os médicos vêm e dizem, «Como está, sente muitas dores, lembra-se do seu nome?», e eu respondo, não, não, não me lembro, oh Deus em que ano estamos quem sou eu quem sou eu quem sou eu...?

Não grande coisa.

Passa uma enfermeira, vê que estou acordada, sorri animadamente e assume talvez que estou acordada há algum tempo, e que alguém mais já me disse olá. Sorrio de volta. Esquece-se de mim mal passa, mas tudo bem, há uma data de doentes nesta enfermaria, é fácil esquecer. Um milagre realmente não ter sido deixada na ambulância, coisa extraordinária estar aqui de todo.

Espero um bocado.

Fácil ser esquecida e deixada morrer no sistema médico, mas tudo bem, há papelada, metas do Serviço Nacional de Saúde (tê-las-ão em Itália?), nenhum doente deve ser deixado nas urgências mais de quatro horas, simplesmente rolar rolar rolar

a mulher à minha frente vira-se para o outro lado. Tinha-se esquecido de que eu estava ali, e não fica impressionada ao ver-me. No seu tempo livre, grita com crianças, decido eu. Elas fazem demasiado barulho. Estão sempre sorridentes e felizes e correndo livres e é para seu próprio bem que os seus sonhos são despedaçados o mais cedo possível.

Chega um médico sénior, com três novatos atrás.

— Como se sente? — pergunta, com as mãos nos bolsos, casual, descontraído, um tremeluzir no canto dos olhos ao tentar perceber se já antes me viu. Viu dezenas de milhares de doentes ao longo da sua carreira, e esqueceu-se de quase todos, mas todos eles sabem que ele se lembra deles pelo nome e se interessa profundamente pelo seu estado. Ele é assim tão bom. O seu crachá diz que o seu nome é Dino, mas a mim custa-me a crer.

Já estive melhor, admito. Acho que fui apunhalada.

Ah! O horror no hotel, sim claro está! O médico sénior sorri, os novatos recuam, subitamente um bocadinho alarmados por estarem ao pé de mim pois, é certo, eu fui apunhalada mas não há perigo de ter apunhalado alguém também?

Pois bem, sim, vamos dar uma olhada... podia ser pior, podia ser pior, penso impecavelmente limpo, bom aspeto, falhou o pulmão vejo que é bom, antibióticos claro está vamos mandar uma enfermeira vir fazer umas leituras

(a enfermeira não vem)

não tem nome, sussurra um novato

O Dr. Dino fica aliviado — não se esqueceu do meu nome, nunca o soube, talvez não tenha de fazer uma dieta com óleo de peixe para avivar a

mente afinal de contas.

Qual é o seu nome?

Faye, decido eu. Faye Cavarero. Que sítio é este?

Está no Ospedale dell'Angelo, em Mestre. O Paolo estava sobrecarregado pela escala da urgência médica, e os paramédicos conseguiram estancar a hemorragia no local, pelo que foi evacuada para aqui. Era uma convidada? Uma nota de cautela na sua voz.

Não: fotógrafa.

Alívio instantâneo. Oh, fotógrafa! Imagino que a polícia queira ver as suas fotografias.

Imagino que queira.

Precisa de apoio psicológico?, sugere ele cuidadosamente. Há um capelão, alguém com quem falar, posso enviar alguém

Claro, porque não?

Está claro! Lacaios! (Os novatos põem-se em sentido.) Alertar serviços psiquiátricos!

Retiram-se.

Ninguém vem.

*

Nome algum na minha ficha.

Nome algum no quadro acima da minha cama.

Os médicos não se incomodam a apontar estas coisas, têm pessoas para isso. Chamo uma enfermeira, mais água, por favor, ela aponta os dados enquanto ali está, anota-os, diz, não há aqui nome.

O meu nome é Faye Cavarero.

Ah, como o filósofo, sim!

Sim, precisamente como o filósofo.

É um bom nome, um nome forte. Pôr-se-á forte!

*

Chegado o jantar, pedi torradas, mas eles esqueceram-se do meu pedido, mil desculpas, vou agora tratar disso, esqueceram-se de novo, e eu passei sem elas.

Está visto: não posso ficar aqui para sempre. Morrerei à fome se ficar.

Enfermeira!, grita a mulher na cama oposta à minha. Dói-me a cabeça! Cabra — dê-me mais analgésicos! Cabra, porque não o faz dói-me a cabeça dói-me dói-me dói-me!

As suas palavras deterioram-se num gemido baixo, um som animal lá bem do fundo, um miado baixo que as enfermeiras não conseguem silenciar.

Por favor deem-lhe analgésicos, suspira a mulher na cama ao lado dela. Por favor: qualquer coisa para a fazer calar.

*

Quando as luzes são apagadas, a mulher geme ainda, e eu já não tenho água, e ninguém vem.

CAPÍTULO 94

No segundo dia, na calada da noite, ponho o pé esquerdo no chão.

Nas profundezas do espaço, nebulosas amalgamaram-se em estrelas, fusão de hidrogénio tendo início no núcleo, luz e calor explodindo através do universo.

Ponho o pé direito no chão.

Nos mais escuros lugares dos oceanos, fontes hidrotermais fenderam-se, derramando fogo na escuridão, e espécies de bactérias, amebas, protozoários e minúsculos, contorcidos organismos a que mal se poderia chamar vivos, salvo respirarem e moverem-se e reproduzirem-se e decomporem-se, acorreram em bando para esta erupção de calor, e alimentaram-se da sua energia, e evoluíram para algo novo.

Pus-me em pé.

Quase imediatamente, caí, sustendo-me na cama, a dor no meu flanco entorpecida por pontos e fármacos, cabeça a andar à roda, joelhos fortes mas cabeça fraca, estrelas nos olhos, oceanos no meu cérebro.

Sentei-me de volta.

Contei até sessenta.

Pus o pé esquerdo no chão.

Contei até trinta.

Pus o pé direito no chão.

Contei mais trinta.

Agarrei-me ao suporte de metal no qual tinham sido suspensos vários sacos de antibióticos e soro fisiológico, sangue e todas as delícias que a química podia fornecer. Usei-o como muleta.

Dei um passo.

Contei até vinte.

Dei mais outro.

Lições de ser corredora, lições da vida. Dividir o problema por partes. Não: hoje vou correr a maratona. Hoje vou correr até ao fim do parque e de volta. Amanhã vou correr até às lojas. Agora vou dizer alguma amabilidade a uma pessoa que odeio. Amanhã vou estudar compaixão e aprender francês.

Hoje vou a pé à casa de banho, repleta de ganchos, alças, cadeiras desdobráveis e assentos elevatórios para cada concebível cenário.

Hoje vou trancar a porta.

Dar uma mijada.

Beber água da torneira; abençoada água, beber água até doer, EU SOU A RAINHA DO UNIVERSO!

*

Vagueio pela obscuridade do hospital no turno noturno.

A enfermeira, pondo a papelada em dia à secretária, fica confusa comigo, mas eu não sou problema seu, e pareço andar devagar mas bem, volta à papelada.

Enfermarias adormecidas, doentes meio adormecidos.

Bip bip bip, um monitor detetou algo errado, acordando a sala inteira, que cerra firmemente os olhos e jaz imóvel, na esperança de que ao ignorar o som da máquina bip bip bip ele desapareça, simplesmente desapareça!

Um jorro de luz de uma cama onde uma mulher desistiu de dormir, pôs os auscultadores, aproximou o ecrã de televisão no seu braço artificial e vê agora filmes do ano passado, um dreno cirúrgico enchendo-se lentamente de fluido de um dos lados da cama, um saco de cinco litros enchendo-se suavemente de urina do outro lado, o tubo preso ao interior da sua coxa.

Eu sou os meus pés

dando passos

dando passos

dando passos.

Um momento para recuperar o fôlego. Sento-me no cadeirão castanho junto de uma mulher ligada a oxigénio, de olhos fechados, o cabelo encaracolado puxado para cima sobre a almofada atrás da cabeça, as mãos cruzadas uma sobre a outra e as costas direitas, como uma pia estátua funerária numa igreja antiga. Dormia, e quando consegui respirar um pouco melhor abri o pequeno armário ao lado da sua cama, tirei para fora o saco verde para os pertences dos doentes, e roubei-lhe as calças de ganga e uma camisola e uma nota de cinquenta euros. Deixei-lhe os cartões de crédito e o resto do dinheiro, pedi silenciosamente desculpas e enfiei tudo dentro do roupão.

Coxeando de volta para a cama.

Enfermarias segregadas por género, não faz sentido ir à unidade dos

homens, uma enfermeira à porta viu-me e sorriu, acaso arme confusão, esquecer-se-á. Uma médica novata, crachá pendurado ao pescoço, perguntou-me se me sentia bem. Eu disse que sim; só precisara de fazer chichi. Precisava de ajuda para voltar para a cama? Não. Eu safo-me, a sério.

A mulher da dor de cabeça estava finalmente a dormir na cama oposta à minha quando voltei. Roubei-lhe o smartphone — só por um bocadinho — e fiquei surpreendida ao ver a quantidade de chamadas que recebera, de pessoas com diminutivos familiares, mensagens escritas carregadas de amor e cuidado, às quais não se dignara responder. Com o volume no zero, sentei-me na cadeira junto à minha cama e comi ameixas e lambi os lábios e pesquisei Hotel Madellena.

Foi fácil de encontrar. Nem uma agência de notícias no mundo deixara de pegar na história e fazê-la correr. Abundavam explicações — sendo a favorita catástrofe ambiental — mas histeria em massa, terrorismo, um vírus, e por fim, e mais que desdenhada, lavagem cerebral, foram todas sugestões para explicar as imagens que estavam a ser bombeadas para o mundo exterior, transmitidas pelo YouTube e Twitter, Instagram e Facebook.

Imagens não apenas dos mortos; imagens da matança também.

Aqui: o CEO de uma fábrica de televisores a esmagar a cabeça da própria mulher contra a parede, e ela sem resistir, resignada quase parecia à sua sorte, caindo silenciosamente ao chão uma vez acabado o trabalho. Ali: uma meteorologista bebendo calmamente o sangue do homem cuja garganta acabara de rasgar com a lima de unhas. Senta-se de cócoras, depois olha subitamente para cima, sobressaltada, qual raposa apanhada a rondar por um lobo, vê a câmara, não a percebe como uma ameaça, e lentamente volta ao festim.

Aqui: um comentador de televisão, famoso pelas suas visões cómicas mas racistas sobre os imigrantes, as mulheres e a homossexualidade, um homem que se especializou em descartar pessoas e ideias com o imortal argumento, «Bem, di-lo-iam, não diriam?», vencedor do galardão «homem mais sexy da televisão de entretenimento» do ano passado, todo contente a desancar uma criada até à morte com uma cadeira. O assento almofadado caiu depois das primeiras pancadas, mas ele prossegue com a armação, não obstante, muito depois de ela parar de se mexer.

Factos e números.

Das trezentas e vinte e nove pessoas apanhadas nos acontecimentos do Hotel Madellena, só noventa e oito foram confirmadas mortas, com outras quarenta e duas em estado crítico. Um número surpreendentemente baixo, realmente; mas essa é a dificuldade de tentar matar fisicamente alguém com as próprias mãos.

Das restantes vítimas/suspeitos (a linha era esbatida), quinze estavam sob custódia, cento e onze estavam a receber tratamento para vários ferimentos não-críticos e os restantes sessenta e três tinham escapado ilesos e estavam a ser entrevistados pela polícia, quando não a ser entrevistados pelos meios de comunicação.

Diz o chefe da receção: *Simplesmente enlouqueceram. Enlouqueceram. Todos eles: simplesmente enlouqueceram.*

Pesquisei Rafe Pereyra-Conroy, e lá estava uma fotografia de um corpo a ser levado para a morgue.

Pesquisei Filipa Pereyra-Conroy, e não havia informação. Nada. Não um mero bloqueio dos meios de comunicação, mas silêncio na internet, um espaço morto onde deveria estar o seu nome, apenas a memória do Google recordando o mais ténue vestígio de artigos passados, histórias que porventura houvessem contido em tempos o seu nome.

Isso era interessante. Isso implicava que ela ainda estava viva.

Uma declaração da Prometheus:

sinceros pêsames

perdas

profundas condolências

investigação completa

atos criminosos

etc., etc., etc.

Palavras que não tinham qualquer sentido.

Desviei os olhos do telefone, e a mulher a quem o roubara estava acordada, observando em silêncio.

Levantei-me.

Coxeei até à sua cama.

Pu-lo de volta de onde o tirara.

Voltei para o meu recanto.

Subi para dentro dos lençóis.

Virei-me de lado.

Fechei os olhos.

Ela nada disse, e ninguém apareceu.

CAPÍTULO 95

De manhã, o Dr. Dino veio fazer a ronda, viu a minha ficha, disse que era uma desgraça, que estaria no meu direito de alegar negligência, e sendo tão sénior, as pessoas acorriam ao seu comando, e no drama do momento foi removida uma cânula, verificado um penso, enquanto ele fulminava com o olhar todos os que obedeciam antes de finalmente, com a informação já à sua frente, declarar que estava a progredir muito bem e precisava de falar com a minha seguradora o mais brevemente possível.

Assim falando, saiu, e eu interroguei uma novata, que tinha um inglês sem mácula, sobre como tratar-me, quando saísse do hospital.

— Não se preocupe — disse ela —, dar-lhe-emos toda essa informação quando tiver alta.

— Faça-me a vontade — respondi —, para que não me sinta negligenciada.

Ela empalideceu ligeiramente a isto, e respondeu a todas as minhas perguntas sem mais reclamações.

*

Ao meio-dia, chegaram três polícias, mas não foram à minha cama, e sim ao quarto ao lado, e eu arrastei-me nas minhas peúgas brancas justas até à enfermaria para espreitar, ficando de costas encostadas à porta enquanto eles falavam com uma mulher, uma estilista, que se encontrava no Hotel Madellena quando o mundo enlouqueceu, e partira uma perna ao cair numas escadas quando fugia do local.

Não, não vira grande coisa.

Sim, tinha sido terrível.

Não, não sabia como começara.

Sim, ajudaria no inquérito, se tivesse de ser.

Não, só queria ir para casa.

Não, não era uma dos 206. Estava ali apenas para ajudar uma cliente com a toilette e maquilhagem. Tinha uma associação com o Perfection. Funcionava bem — conseguira clientes incríveis, e tornara-os lindos.

Aquilo pareceu deixar os chuis contentes. Interroguei-me o que teriam eles feito se ela admitisse ter ela própria o Perfection.

*

Ao princípio da tarde, apareceu Byron.

Estava vestida como uma velha, fazia o papel de velha, arrastando-se com os restantes familiares que vinham visitar os seus entes queridos, apoiando-se numa bengala de que não precisava, exibindo uma curvatura de costas que não tinha, segurando uma fotografia do meu rosto, que verificava cuidadosamente, agora, e agora, e agora.

Devia ter ido a meia dúzia de enfermarias antes de me encontrar, e ao encontrar-me, inclinou-se para verificar a fotografia de novo, sorrindo para si própria como uma velha e querida avozinha que não estorvava ninguém, uma brilhante atriz, mentirosa consumada, tive de a admirar, e ao ver o meu rosto na sua mão, e depois ao ver o meu rosto a fitá-la da cama, sorriu de novo, e mancou para o meu lado.

A uns passos de distância, ergui a mão e disse em árabe: — Se se aproximar um passo mais, gritarei.

Ela respondeu na mesma língua, com um ligeiro sotaque sírio: — Não estou aqui para lhe fazer mal.

— Você deu-me uma porra de uma punhalada, sua louca cabra assassina em massa. — Não estava a berrar, não estava sequer zangada, as palavras saíram e eram verdade, e era tudo realmente.

As outras, olhando para nós. Tinham-se esquecido de mim, mas lembrar-se-iam dela, da senhora velhinha no hospital falando árabe, conquanto parecesse tão síria como um molho de brócolos. A reminiscência punha-a mais em perigo do que a mim, constatei, e sorri e acrescentei: — O seu coxear é lindo, mas eu posso torná-la memorável.

— Posso sentar-me? — perguntou.

— Não.

— Eu chamei a ambulância para si, no hotel. De contrário não a teriam descoberto.

— Não acredito em si.

— Tenho fotografias — você estava lá em cima, atrás de uma porta fechada, num lugar onde ninguém deveria estar. Eu pagara aos seguranças; eles não iriam voltar. Pessoas bonitas e importantes estavam mortas ou a morrer na sala abaixo de si. Ter-se-ia esvaído em sangue muito antes que alguém a visse, se eu não tivesse feito a chamada.

— Obrigada, fantástico, da próxima vez que alguém me apunhalar, só espero que tenham o mesmo instinto.

— Eu não queria fazer-lhe mal.

— Foda-se isso.

— Você ia deter-me. Compreende que eu não podia permitir que isso acontecesse.

— Bela coisa você fez. Porque está aqui?

— Queria encontrá-la, certificar-me de que estava viva. Procurei no Paolo em Veneza, mas estavam a rebentar pelas costuras, de modo que vim aqui. Queria pedir desculpas por ter de a ferir na execução da minha missão.

— Eu posso gritar — repliquei. — Bem posso simplesmente gritar só para ver o que acontece. A ver quanto tempo leva Gauguin a aparecer, podem fazer um concurso, vocês os dois. Com que rapidez consegue sair de um colete de forças? Com que velocidade consegue ele premir um gatilho?

— As minhas ações... — começou ela, dando meio passo na direção da cama.

Ergui uma mão de novo, detendo-a, prevenindo. — Juro — sibilei —, dou um grito que lhe arrebenta a porra dos ouvidos.

Ela parou, recuou, a mão esquerda erguendo-se suavemente, apaziguadora, a palma virada para mim, os dedos da direita ainda cravados na bengala.

Silêncio entre nós, momentâneo. Na cama oposta, a mulher de cara azeda estava a observar, fascinada. Ignorando a língua, talvez, mas os nossos corpos entoavam poemas. Forcei as feições para adotarem uma expressão neutra, senti as mãos cruzarem-se-me no colo, o lento exalar de ar que, noutra altura, porventura tivesse contado ao passar. Não agora.

Por fim ela disse: — Na América...

— Você tentou fazer-me uma lavagem cerebral.

Um lampejo de surpresa perpassou-lhe pelo rosto. — Não.

— Pois espada gasta a bainha, E a alma desgasta o peito, E o coração repousado melhor respira, P'ra que o próprio amor tome alento. — Algo no seu olhar, uma pequena exalação, continuei, porque podia, Ei Macarena, todos os rapazes querem dançar, Macarena Macarena. — Fosse embora a noite feita para amar, E retorne cedo de mais o dia, Não iremos mais vaguear sob o luar que nos alumia.

Ei.

Macarena.

Momentâneo silêncio. Então: — Você concordou com os tratamentos. Em São Francisco, você concordou.

— Como sabe isso?

— Escrevi-o.

— Acredita em tudo o que escreve?

— Confia em tudo em que acredita? — replicou ela.

É possível? Eu concordei com os tratamentos? É, claro está, possível. Está claro que é.

— Testou os seus protocolos em mim?

— Levámos a cabo alguns testes-limite básicos. Não para a tornar violenta. Mas para ver o que podia ser implantado. Segundo os meus registos, você concordou com isso também. Disse que valia a pena. Disse que se era isso que era preciso para destruir o Perfection, estava disposta, e não se importava de ser lembrada por isso, desde que fosse lembrada.

De novo, uma mentira?

Olho para trás para o passado, para o espaço morto que não posso lembrar, e vejo...

...outra Hope Arden, olhando de volta.

Uma mulher que não cantava ainda a Macarena, uma mentirosa e uma ladra, a sedutora de Luca Evard, uma mulher que sobrevive, que conta e respira e atravessa o deserto e as decisões que ela toma são

...questionáveis, na melhor das hipóteses.

Ela desvanece-se de vista, e só eu permaneço.

— Não estou certa de acreditar em si — disse por fim. — Mas não acho que importe realmente agora, pois não?

— Eu portei-me mal, no fim — suspirou ela. — Estava a ficar paranoica, a minha perda de memória na sua presença, estava... temerosa, testei coisas, ultrapassei limites, tenho notas que dizem...

— Portou-se bem — corriji eu. — Eu roubei-lhe o diário: portou-se bem. Não me importo de lho dizer agora. Deixa-me feliz saber que o esquecerá.

É isto?

Byron está postada aos pés da cama, silenciosa, vigilante, sem correr, sem atacar, sem defender ou negar, meramente uma mulher num tempo, neste momento.

É isto?

É isto o fim do meu caminho, é isto que a minha mãe sentiu quando chegou à orla do deserto, e olhou na direção da cidade e pensou, não é assim tanto, é?

Então ela disse: — Eu dantes adiantava dez minutos todos os relógios de minha casa. Andava sempre a correr atrasada para tudo, de modo que adiantei os relógios. Durante as primeiras semanas correu razoavelmente bem, e eu já conseguia mais ou menos chegar a tempo aos encontros. Passados alguns meses, esqueci-me de que o fizera, e chegava pontualmente a todo o lado. Até que um dia um amigo passou por lá e disse, «Tens o relógio dez minutos adiantado», e eu lembrei-me do que fizera, e de súbito comecei a atrasar-me para tudo de novo, pois sabia — e não me conseguia esquecer — que todos os meus relógios estavam adiantados, e no fim tive de os acertar de volta para o tempo real e simplesmente sair a horas apropriadas.

Calou-se, tão abruptamente como começara, e fez-se silêncio de novo.

Depois, de novo: — Julguei sonhar que tinha um rato morto no pão, e um dia cortei uma fatia de pão, e estava lá dentro um rato, e por um momento não discerni a diferença entre o meu sonho e a realidade. Tivera eu este sonho, ou no momento em que encontrei o rato, inventei o sonho, fazendo de mim um profeta? O pensamento pode viajar através do tempo, está a ver, a memória reinventa-se a si própria, fazendo do passado algo que sempre foi, agora, neste segundo, agora, para sempre. Não se pode nunca confiar realmente na própria memória, na própria mente. A realidade, o tempo, o passado, é tudo tão errático como um sonho, quando se olha para trás para ele.

De novo, parou.

De novo, silêncio.

— Depois de a ter conhecido, gravei-me durante dias, sozinha no meu chalé, só para ver se aquilo de que me lembrava era de facto o que fizera. Mas depois olhei para as gravações e apercebi-me da futilidade das minhas ações, dado que podia dizer a mim mesma que me lembrava de levar a cabo os atos que me via executar, no preciso instante em que me via a executá-los. A mente ilude-se para ter a certeza, penso eu. Penso que quando se está só, essa é a única coisa que a mente pode fazer.

Silêncio, de novo, momentâneo.

— Eu seria sua amiga de novo, se me deixasse — disse ela. — Você e eu.

Aos jurados é dito que desprezem o passado, os historiadores escrevem os seus livros como se o mundo antigo se desenrolasse agora. Hoje César cavalga para a Gália. Agora o Perfection morre em Veneza. O passado é um conceito muito lasso na melhor das hipóteses. Percebe?

Silêncio.

É isto?

Atravesso o deserto, espero pelo comboio e, no fim, a única pessoa que acena do cais, a miragem no pó que se revelou ser verdade, é ela?

Não. Não bem ela. Velha e curvada, ela está a precisar disto, a precisar de mim, e está tão terrivelmente, tão terrivelmente sozinha.

Falta uma coisa: algo que tenho de dizer.

— Filipa fez os tratamentos.

Dei comigo incapaz de olhar diretamente para ela, tão focada em vez disso na parede atrás do seu ombro esquerdo, estudando a sua infinitamente insípida qualidade de cinzento.

— Oh?

Ligeiro interesse, não mais.

— Ela matou o irmão, julgo eu.

De novo: — Oh.

— Eu tentei detê-la, Byron.

— Eu sei. Eu vi-a, a observar. Sabia que era você. Não me lembrava da sua cara, mas sabia que tinha de ser você. Escrevi-o. Provavelmente vi-a mais vezes, esqueci-me de escrever. Agora não me lembro; tudo bem.

— Eu tê-la-ia matado, se tivesse oportunidade.

— Lamento ouvir isso.

— Destruí-la-ei, se puder. Está a gravar isto? Não importa que esteja ou não. Lembrar ou esquecer, uma coisa e outra têm as suas crueldades. Se puder, destruí-la-ei. É... quero dizer «correto». Dantes julgava saber o que significava correto. Depois não sabia. Agora acho que o entendo de novo. Vá-se embora, Byron¹⁴. Vá-se embora e esqueça.

— Você é... — começou ela.

— Milagrosa?

— Sim.

— Inveja-me?

— Sim.

— Está enganada. Está enganada. Vá-se embora. Quando tiver chegado à

porta, ter-se-á esquecido de que me viu. Quando aqui regressar, eu terei partido. Vá-se embora e esqueça, Byron. Vá-se embora.

Ela permaneceu, momentaneamente petrificada, apoiando-se agora na bengala para verdadeiramente se sustentar, um ombro mais elevado que o outro, o sobrolho carregado.

— O Perfection morreu — disse ela por fim. — Matámo-lo.

— Matámos muito mais do que isso — repliquei eu, e, como ela não parecesse mover-se, virei a cabeça, desviei o olhar.

Um movimento ao fundo da minha cama. Olhei de relance para baixo. Ela pousou o gravador de voz sobre os lençóis entre os meus pés, ligado ainda, luz acesa. Não sorriu, não me olhou nos olhos, mas deixou-o ali e, com o coxear de velhinha, foi-se embora.

CAPÍTULO 96

Dei alta a mim própria no meu quarto dia de internamento. Tinham-se esquecido de me alimentar, esquecido de verificar as minhas notas, esquecido de mudar a minha cânula, e após quatro dias de os médicos se passarem com o estado das coisas, e nada mudar, fui-me embora.

Roupas roubadas, dinheiro roubado.

Conseguia andar, mas dei comigo com dores por todo o lado, pernas pesadas como que de uma maratona, conquanto mal tivesse percorrido uma centena de metros.

Chamei um táxi, olhei para a planura de nada de Mestre, casas beges atrás de muros beges, apartamentos beges olhando para armazéns fechados. O Norte de Itália é lindo, onde a História perdura, e industrial e pardacento onde os tempos modernos se impuseram.

Na estação não havia muitos lugares para onde ir. Apanhei o comboio para Milão, onde há tantos anos roubara diamantes a um homem que acreditava na beleza, de volta para o meu hotel favorito, para o quarto contíguo ao quarto onde em tempos me deitara em lençóis lavadinhos e com joias pendendo-me entre os dedos, rindo do meu brilhantismo.

Agora deitei-me de novo, os mesmos lençóis, universo diferente, e fechei os olhos e dormi.

*

Vi as notícias. Um jornal em França foi o primeiro que ousou publicar a história de que o massacre no Hotel Madellena fora criado pelo uso do Perfection. A Prometheus ameaçou processar couro e cabelo do ofensivo jornal, mas a ação judicial depressa morreu quando outros jornais se lhe juntaram, citando com grande e minuciosamente investigado detalhe a natureza do Perfection, a aplicação dos tratamentos.

Byron estava por trás da história, obviamente, e à medida que o escândalo se desenrolava, entendidos de todos os recantos acorreram.

- Entendidos em privacidade: o Perfection é um exemplo paradigmático da intrusão corporativa nas vidas privadas.
- Entendidos em moda: não se pode pôr um preço no

individualismo.

- Entendidos políticos: é tão difícil defendermo-nos contra o terrorismo nesta era difícil.
- Entendidos em celebridades: fomos visados por sermos bonitos. A sociedade enlouqueceu.
- Entendidos legais: pode haver acusações contra os sobreviventes? Seguramente eles são vítimas também (requerido novo código legal, honorários a negociar).
- Entendidos online: gente, estas estúpidas cabras fizeram uma lavagem à porra dos CÉREBROS que porra esperam que porra aconteça eu sou perfeito tal como sou, estúpidos!

Sentei-me na cabina do duche com um frasco de antisséptico, um punhado de compressas e algodão, um rolo de fita cirúrgica e todos os analgésicos que consegui encontrar, e tirei o penso do golpe de faca no meu flanco.

Longe de ser tão mau como eu julgaria. Contara ver um grande talho, uma coisa abjeta a supurar — mas porventura Byron não tivesse tido intenção de matar afinal de contas. A faca entrara, e a faca saíra, e permanecera um franzido escuro, bem fechado com sutura absorvível, com nem três centímetros de largura. Mais espetacular era o hematoma, o inchaço, a vermelhidão violácea à volta, à medida que a carne nas proximidades da perfuração tentara discernir o que significava esta mudança de estado, e descobrira confusa que muito pouco significava de todo.

Refiz o penso, e pesquisei documentos científicos sobre programas de recuperação deste tipo de lesão. Fisioterapia, antibióticos, tempos de tratamento, coisas a fazer e não fazer, e num pequeno bloco de notas azul comprado no armazém das redondezas elaborei um plano de ação.

Disciplina.

Viverei.

*

Na minha sexta noite em Milão, fui a um casino.

Contagem de cartas — um método básico:

- Atribuir às cartas do baralho um valor, isto é, cartas 2-6 têm um valor de +1, 7-9 não têm valor, e 10-ases têm um valor de -1.
- À medida que as cartas baixas vão saindo, acrescentar valor ao restante baralho, isto é, se dez cartas com um valor de 2-6 forem jogadas de seguida, o restante baralho tem um valor de +10. Quanto mais alto o valor do baralho, mais alta a probabilidade de que cartas melhores estejam prestes a sair. À medida que as cartas de valor mais alto forem saindo, deduzir pontos do valor do baralho, isto é, quando todos os ases tiverem sido jogados, terá deduzido -4 pontos. Um baralho de valor negativo é mais suscetível de fornecer cartas baixas.

Regras para se safar com isso:

- Ajustar as apostas. Apostar alto quando o baralho tiver um valor alto, baixo quando estiver a entrar no negativo. Não fugir da mesa; isso chama a atenção.
- Aprender a contar cartas *enquanto se faz outras coisas*. Os crupiês conseguem identificar os contadores de cartas; tagarelar com eles atenuará as suspeitas. Gorjetas generosas podem reduzir as probabilidades de ser denunciado; os crupiês também são humanos.
- Considerar quantas cartas restam para serem jogadas da caixa. Se estiver com uma contagem de +10 e restarem apenas algumas mãos para serem jogadas, as suas hipóteses de um grande ganho são mais altas.
- Restabelecer a contagem a cada baralhar de cartas. Se o baralhar parecer inesperado, o crupiê pode estar desconfiado.

Nessa noite ganhei quase €3000 antes de desconfiarem de mim, pelo que arrebanhei os meus ganhos e fui para os lavabos das senhoras, e esperei vinte minutos para que se esquecessem, e fui jogar de novo para elevar o meu total a €8500 até me começar a doer o flanco e dar por finda a noite.

Fisioterapia num quarto de hotel.

Hotel diferente, quarto diferente, difícil perceber a diferença.

Levantamento de pernas.

Alongamentos.

Pesos.

Levantamento de braços — lentamente, a princípio, só em frente, para não exercer demasiada pressão na ferida.

Frustrante, frustrante! Posso correr quilómetros de uma vez, sempre no controlo, e aqui estou eu

levantando os braços até aos ombros como se isso fosse uma façanha, como se significasse algo do arco da velha

*

sentar momentâneo

e respirar.

De novo.

De volta de novo.

*

No meu décimo dia em Milão, e mais de duas semanas após o massacre de Veneza, contactei Gauguin.

CAPÍTULO 97

E agora para onde?

Um lugar de longe não tão impressionante de alcançar como de lá chegar.

O comboio através dos Alpes leva-nos até Biasca, abraçando o fundo da floresta negra, os cumes das montanhas perdidos nas nuvens. Frio, está a esfriar, a janela enchendo-se de vapor.

Em Biasca uma viagem por ruas sinuosas, minúsculas aldeias, um telefone na berma da estrada numa cabina amarela, ligue se vir uma avalanche. Montanhas acima, Sol pondo-se atrás, o meu rosto na janela do táxi à medida que ondulamos através das montanhas.

Uma aldeia, agarrada a uma estrada estreita. A estrada propriamente dita mal se sustém na orla da montanha. Cai uma neve espapaçada. O táxi deixa-me à porta do único hotel. O hotel tem sete quartos, todos vazios. A patroa fala um inglês perfeito; vou dar-lhe a suite nupcial, diz ela, devia tomar um banho quente.

A suite nupcial são duas divisões, um quarto de cama e uma casa de banho. A banheira situa-se no meio da casa de banho, um terrível desperdício de espaço, mas fico fascinada com ela; por onde passam os canos?

Sabe?, disse a patroa, genuinamente não sei.

CAPÍTULO 98

A casa de Gauguin ficava mesmo à saída da povoação.

Agarrava-se a um íngreme declive de penhasco negro, dando a impressão de um zigurate invertido. Uma garagem no piso térreo era encimada por um mais largo primeiro andar, encimado por um ainda mais largo segundo andar embutido na pedra recortada da montanha, coroado por meio terraço/quarto do topo do qual se podia vistoriar o vale em toda a sua glória, perscrutando por sobre coníferas até à fita amarela da estrada lá em baixo.

Encontrar a porta da frente requeria subir por um carreiro a pé até ao segundo andar, onde se tinha a escolher entre uma pequena ponte levadiça para dentro de casa, ou uma escada por uma ravina abaixo até à calidez de uma entrada de cozinha.

A porta da cozinha não estava trancada; o motorista esperava lá fora.

Entrei.

Cheirava a amêndoas. Um fogo de lenha ardia num fogão preto. Molhos de ervas secas intocadas estavam suspensos na parede, como adereços, demasiado perfeitos para alguma vez serem usados em cozinhados. Um bloco de facas, cada lâmina encaixada na sua respetiva ranhura; um lava-loiça brilhante como um espelho de tão esfregado, uma longa bancada na qual estavam dispostos ovos frescos, carnes frescas, espinafre fresco e uma tigela com nozes, prontas a comer. Uma chaleira no fogão, vapor saindo pelo bico.

Uma segunda casa.

Óbvio, fácil, um olhar de assaltante faz um diagnóstico instantâneo, uma segunda — porventura terceira — casa, um chalé de esquiador, um lugar onde vir no inverno, mantido em condições por uma empregada doméstica, coisas raramente usadas, canecas nunca lascadas, mesa nunca manchada, todo o conjunto agora aquecido num aconchego lavado e acolhedor sem conter qualquer humanidade, um lugar que é...

Sorri, e fechei a porta atrás de mim.

Perfeito.

Está claro.

O lugar perfeito para encontrar Gauguin.

Sem medo — já não.

Gauguin trabalhava na cozinha com as mangas enroladas nos pulsos,

preparando uma omelete — ergueu os olhos quando entrei, e não me conheceu, mas soube quem eu tinha de ser, e não ficou surpreso, nem eu fiquei com medo.

— Olá — disse eu.

— Olá — respondeu ele, fazendo uma pausa no bater dos ovos numa tigela. — Deve ser a Porquê.

— Isso mesmo.

— Obrigado por vir.

— Sem preocupações.

Um único assentimento, as suas sobrancelhas presas numa carranca — não para mim, senti, não para a minha aparição, simplesmente uma carranca instalada há um tempo e até à data sem ordens em contrário. Retomou o bater, à mão, sucos amarelos voando em torno das paredes da tigela, ameaçando transbordar. Sentei-me num banco à frente dele, observei durante algum tempo, disse: — A chaleira já ferveu.

— Sim — obrigado, importa-se...?

— Onde guarda o chá?

— Deve haver algum num armário, algures. Não sei dizer como será. Estamos num mundo de café.

— Verei o que há.

Vasculhei armários. Atrás de um frasco de tâmaras conservadas e ao lado de uma embalagem de luxuosa bebida suíça de chocolate branco e canela, encontrei chá preto. A pega da chaleira estava agradavelmente escaldante. Verti água, pousei as duas canecas entre nós.

— Obrigado — disse ele.

Um encolher de ombros; de nada.

Ele bateu a mistura cuidadosamente para o lado da tigela, verteu-a para uma caçarola, pousou a caçarola no fogão, falou baixinho, quase para si próprio, enquanto trabalhava. — Enquanto procurava o chá, ouvi-a mexer-se, e lembrei-me de que estava aqui, mas não olhei, e esqueci-me da sua aparência — cismou. — Sei, claro está, que é você, aqui sentada à minha frente, mas tive de me familiarizar de novo com as suas feições. Já disse isto antes, não disse?

— Não é nada de novo.

— Tem de me dizer se eu me repetir.

— Não faria muitos amigos se fizesse isso.

— Tem muitos amigos? — Não respondi. — Desculpe, fui rude.

— A rudeza não me incomoda.

— Importa-se que eu...? — Levou a mão ao bolso, sacou um telemóvel, pousou-o entre nós.

— À vontade.

— Obrigado.

Uma pausa para ligar o telemóvel, pô-lo a gravar, deixá-lo a gravar entre nós.

Enquanto cozinhava, ia falando. — Tenho registos — disse —, demonstrando que você tentou deter o evento dos 206 em Veneza. Emails, telefonemas, cartas — foi persistente.

— Fui.

— Eu... lamento as minhas decisões a esse respeito, mais do que posso expressar.

— Não era você que mandava.

— Não, era o Sr. Pereyra-Conroy, mas eu tinha uma responsabilidade para com ele, os seus convidados e a sua empresa, e falhei.

— Não poderia ter sabido que Byron se iria infiltrar.

— Pelo contrário, estava seguro de que o faria. Ela sempre foi imensamente capaz.

— Como o fez ela?

— Minou o meu pessoal. Eu não sou uma ilha, Menina Porque; não posso estar em todo o lado.

— Minou o seu pessoal? — repeti eu, soprando o vapor do cimo da caneca.

— Para ser exato, a Dra. Pereyra-Conroy fê-lo por ela.

— Filipa?

— Deu a Byron todos os detalhes da operação de segurança que eu estava a dirigir, sim, até ao mais ínfimo pormenor.

Abriu a porta do forno, empurrou a caçarola lá para dentro. Fiquei sentada, gelada apesar do calor da cozinha. Gauguin virou-se, olhou para mim, de novo, de fresco, de novo, primeira vez que me via, agora, assimilando-me o rosto, sorriu sem sentimento, sentou-se, envolvendo a caneca sobre a mesa com os dedos, com ar lívido, esgotado.

— Onde está Filipa agora? — perguntei.

— Lá em cima, a dormir.

— A dormir como?

— Sedada. É possível que seja acusada pelo assassinio do irmão — as provas contra ela são irrefutáveis. Mas os advogados foram capazes de argumentar que ela estava a agir sob uma influência maligna, o cérebro baralhado pelos tratamentos. Os esforços deles deram-lhe uma breve trégua na qual pode permanecer aqui, a salvo da lei, até à altura em que for estabelecido um enquadramento jurídico apropriado. Como irá ela pagar os honorários dos advogados... mas arranharemos maneira.

— Ela ajudou Byron.

— Sim. Eu só descobri após o facto, está claro. Ela entrou no computador do irmão, roubou-lhe a senha, acedeu aos servidores da empresa e roubou tudo de que Byron poderia vir a precisar para executar o seu plano.

— Porquê?

— Julgo que foi por ter concordado com ela. Julgo que decidira desde há algum tempo que o Perfection era uma coisa vil, e que os tratamentos eram a destruição da humanidade. Julgo que no dia em que foi ter com Rafe e lhe implorou de joelhos — e pôs-se de joelhos, eu estava lá, vi tudo —, julgo que se apercebeu de que ele jamais veria o perigo, jamais desistiria do que o Perfection lhe oferecia. Que era dinheiro e influência, está claro, mas igualmente um mundo em que ele queria viver — um mundo igualzinho ao dos filmes. Rafe jamais teve — jamais foi — fã das realidades mais sórdidas desta vida. Eu deveria ter dito alguma coisa, mas não me competia, está a ver. Eu... sempre soube o meu lugar. De maneira que ela se virou para Byron em vez disso. Viu o que Byron viu, que a única maneira de verdadeiramente destruir o Perfection não era reescrever o sistema, mas despedaçar o sonho. Deu a Byron tudo de que ela poderia vir a precisar para chacinar os 206, e, feito o trabalho, fez tratamentos a si própria.

Um meio inclinar de cabeça, de novo, um ligeiro tremor, que triste, nada a fazer, as sobancelhas franzidas, o olhar não sustendo completamente o meu.

— Julgava que os tratamentos levavam tempo — murmurei.

— Oh... levam. Meses. Filipa fez o curso completo. Acoplou-se às suas próprias máquinas, e pô-las a funcionar. Ali ficou durante trinta e seis horas. Encontrámo-la ainda acoplada ao programa. Quando a tirámos de lá, ela já lá não estava. Rafe ficou furioso, disse que ela não tinha agora qualquer

préstimo para ele, mas que ainda era sua irmã e... — A voz fraquejou-lhe. A sua maçã de adão subiu e desceu, os olhos desviaram-se para o lado, a cabeça inclinou-se. — «Pelo menos agora está apresentável.» Foi isso que ele disse. Acho que foi quando eu deixei de procurar também. Acho que foi quando percebi que não ia dar luta. Byron viria a Veneza; você conhecia-a, bem como eu, e eu trabalhei, trabalhei mesmo, trabalhei tanto para a deter mas... mas julgo que poderia ter trabalhado ainda mais. Entende?

— Sim. Acho que entendo.

Ele fitou a sua caneca, como alguém tentando ler a sina no chá, o forno crepitando lá atrás, as sombras girando lá fora.

— Filipa falou de si — disse ele por fim. — Estava segura de que a vira em todo o lado. Não só em Tóquio, disse ela. Sentia que você estivera sempre presente, na vida dela, sussurrando-lhe. Não se lembrava de si, mas em Nîmes encontrou a pulseira de novo, a que a mãe lhe tinha dado, e disse... disse que achava que você era uma amiga, talvez a melhor que alguma vez tivera, se ao menos se pudesse lembrar de si. Julgo que, para o fim... a culpa faz coisas curiosas a uma mente. Há anos que ela não dormia bem. Agora dorme, no entanto. Valha isso o que valer. Esteve em Nîmes?

— Sim. Estive. Encontrámo-nos no hospital.

— Encontrámos? Eu não me... Mas claro que não. Que estúpido.

Um minúsculo estender do lábio inferior, uma espécie de encolher de ombros facial, as mãos soldadas à caneca de chá, que não bebia.

Por fim perguntei: — A companhia apoiá-la-á?

— Provavelmente não. A revelação de que o Perfection pode ter conduzido ao massacre em Veneza fez cair as ações. Os diretores de várias holdings mexeram-se para se separarem do que veem como um navio a afundar-se. Estão a ter lugar fusões. Aquisições, noutras. O negócio manter-se-á de pé ainda assim, numa qualquer outra forma, propriedade de quaisquer outras pessoas. Banqueiros, sem dúvida. Homens ricos sem rosto de... seja de que lugar for.

— Você ainda aqui está — observei.

— Falhei-lhe a ela e à sua família — murmurou. — Devo... penitência.

Penitência: punição sofrida para redimir um pecado. Sentimento de pesar pelas próprias transgressões. Punição ou disciplina imposta por crimes cometidos. Automortificação como sinal de arrependimento.

Silêncio momentâneo, enquanto a omelete assava no forno.

Ele disse: — Porque está aqui? — e não me olhou nos olhos.

— Para ver Filipa.

— Porquê?

— Ela... entenderia o que eu quero dizer se lhe dissesse que ela é minha amiga?

— Não sei. Não consigo imaginar o seu mundo. A sua vida.

— Eu posso ajudar a encontrar Byron.

— Ela desapareceu; já fez o que queria.

— Ela foi ver-me ao hospital, em Mestre.

— O que estava você...? — começou, depois parou. — Estava no hotel? Ficou ferida?

— Byron apunhalou-me. Sabia que eu iria, e... Ela não me matará, penso eu. Posso ajudá-lo a encontrá-la. Já tentei antes, mas não tinha os seus recursos, e você não tinha as minhas informações. Agora temos uma e outra coisa.

De novo, silêncio. De novo, o passar do tempo. Chá que arrefece, sombras que giram, montanhas que se elevam, montanhas que caem, e o tempo passou.

— Acho-a estranhamente convincente, agora que a vejo cara a cara, Porquê. Eu achei-a convincente antes?

— Não.

— É uma coisa peculiar, mas acho a emoção, quando se trata de si, algo muito difícil com que lidar, dado que, não me lembrando de quem você é, tenho pouco apego à questão. Em vez de sentimentos, acho que consigo há apenas factos. Não acho que possa encontrar Byron. Entende? Quis fazê-lo, durante tantos anos, quando ela matou Matheus — estávamos juntos nessa altura, achei que devia ter visto o que aí vinha, deveria ter havido... mas não vi. — Uma risadinha, um único sacudir de ombros, descartar com uma risada uma ideia que não tem graça. — Penitência — declarou. — Eu deveria tê-la detido, e não detive, e ela fugiu, e eu passei anos a dar-lhe caça, anos da minha vida para fazer... alguma coisa. Alguma coisa certa, talvez. Já não sei realmente, de todo. E aqui estamos.

Semicerrei os olhos, cheirei as dispendiosas folhas de chá e os ovos ligeiramente tostados. Pensei em Filipa Pereyra-Conroy, na geometria da fita de Möbius, uma expressão de não-euclidiano... de euclidiano...

conhecimento, ali, mas não adianta.

Não para isto.

Abri os olhos, disse: — Onde está Filipa?

*

Filipa adormecida numa cama.

Veste pijama verde pálido, de seda, sem padrão ou costuras visíveis.

Está deitada de lado, o cabelo em redor da cabeça, os cobertores puxados bem até cima.

Pergunto: ela deixou alguma coisa, uma nota, uma mensagem, qualquer coisa de todo, antes de se submeter ao Perfection?

Não, respondeu ele. Nada.

Pergunto: Ela tem a pulseira da mãe? Prata, lisa — uma fita de Möbius?

Não, não a tem aqui.

Sabe onde ela está?

Não. Quando ela... depois dos tratamentos, não pareceu mais interessada nela.

*

Filipa dormindo.

Penso em acordá-la.

O que dirá ela?

Nada, penso eu, que importe já.

*

Ajude-me, disse eu.

Não posso...

Ajude-me.

Não...

Ajude-me. Maldito seja, seu estúpido homem da porra, seu desperdício de espaço, onde está o tipo que seguiu o rasto de uma ladra através do Médio Oriente, onde está mugurski71, onde está Gauguin, onde está o espião, o segurança, o manipulador, o instinto matador, onde está a sua fome de vingança?

Byron derrotou-me, disse ele. Byron venceu.

Ela apunhalou-me e deixou-me a sangrar num chão veneziano, repliquei eu. Ela acoplou-me elétrodos ao cérebro e tentou fazer de mim a sua máquina. Ela usou-me e fez de mim a sua boneca mas não me derrotou porra nenhuma, agora recomponha a porra da sua pessoa!

Ele fitou-me através dos dedos entrelaçados das suas mãos, e disse, Quantas vezes tivemos nós esta conversa?

Uma porra de centena de vezes, dardejei, e você esqueceu-as a todas, mas de cada vez eu estava certa, e de cada vez juntou-se a mim no fim. De modo que antes que a Prometheus seja esfrangalhada, antes que Filipa vá para a prisão, antes que o último centimo e o último contacto que você tem se eclipsem para sempre, *ajude-me*.

E eu estava a gritar, mas não para ele.

E ele disse: do que precisa?

CAPÍTULO 99

Gauguin tem muitas luzidias ferramentas às suas ordens.

Um perito em CCTV captou um vislumbre de Byron ao embarcar num comboio em Sta. Lucia, três horas depois do Hotel Madellena, então perdeu-a algures no Norte de Itália, depois de ela não ter desembarcado em nenhuma das paragens regulares.

Pensamos que saltou enquanto o comboio estava parado num sinal encarnado, explicou ele. Gauguin reuniu as suas tropas, expandiu a busca: centros de transportes, aeroportos, estações de comboio, portos de ferries. Uma mulher julgou ter captado um vislumbre de Byron passando por Lugano, mas era a parte de trás da cabeça, vista de um ângulo inclinado, e quem poderia dizer, realmente, no grande esquema das coisas? Quem poderia dizer?

— Provavelmente é ela — cismou Gauguin. — Quanto mais não seja porque não a tornamos a ver.

Postei-me ao lado de Gauguin, e ele manteve a gravação a correr, substituindo telemóveis por gravadores USB sempre que as baterias chegavam ao fim, vigiando-me, vigiando sempre, pelo canto do olho.

Eu disse: — Tudo bem. Byron ficou paranoica ao fim de um certo tempo também.

— Eu não... — começou ele, e parou.

— Você tem medo de quem eu sou, quando se esquece de mim. Tem medo de que eu possa dizer alguma coisa, fazer alguma coisa, e desapareça, e quando voltar, você não se lembrará. Os gravadores são a sua arma, mas e se eles pararem? E se eles pararem e eu lhe fizer a folha, e você jamais vier a saber? Eu teria medo. Tudo bem.

Ele virou-se, semicerrando os olhos, e não disse uma palavra.

*

Virá o tempo em que Gauguin esquecerá.

Mantenho-me sobre ele enquanto ele escreve em letras grandes, capitais, todas as suas impressões a meu respeito. Usa uma pesada caneta de prata de tinta permanente, tinta preta. Recorda-me alguma coisa — a caneta que Byron usava para escrever, ao registar as suas notas na América. Não

meramente uma associação — ele está a usar a caneta gêmea. Penso em perguntar, depois deixo passar.

Ele tira uma fotografia de nós os dois, de pé juntos na cozinha, o relógio atrás e sem sorrisos nas nossas caras. Resisto ao impulso de erguer os dois polegares para a câmara, ou de lhe fazer corninhos atrás da cabeça, e quando as estrelas giram e a Lua se fixa, volto para o meu hotel na povoação, dois caixotes de papel enfiados debaixo de um e outro braço.

*

Não durmo.

A vida e tempos de Byron no chão.

Tudo o que Gauguin tinha, a começar por um nome.

Siobhan Maddox. Que estranho pensar nela como algo humano. Siobhan Maddox, nascida em Edimburgo de uma professora de escola primária e um instalador de caixilhos de janelas. Estudou Francês e Russo na UCL, viveu três anos na Alemanha, trabalhando de dia como ama na Embaixada Britânica, e à noite a aperfeiçoar o alemão e o russo para o nível de fluência nativa. Teve um breve e inteiramente amigável caso com um adido, encontrou uma certa curiosidade no mundo da diplomacia, candidatou-se ao SIS.

Disse o oficial de recrutamento, nas notas esbatidas do seu esbatido dossiê: no papel não há qualquer razão para aceitar esta candidata. É em pessoa que constatamos que poderia ser inestimável.

Uma série de fotografias. Byron fitando sombriamente a câmara. Byron, com dezassete anos de idade, com a mãe e o pai em Newington, dispostos em triângulo à porta de casa, orgulhosos proprietários no dia em que a mãe acabou de pagar a hipoteca. Byron era magra como um pau de virar tripas, cabelo quase até à cintura, botas de couro pelo joelho, minissaia de couro, incongruentes camisola de lã e boina de malha puxada frouxamente para trás na cabeça, uma expressão nos olhos de orgulho, e desafio. A sua casa; a sua família; venham tomá-las se se atreverem.

Documentos, censurados. Faixas de tinta preta sobre detalhes operacionais.

Beirute, Teerão, Moscovo, São Petersburgo, Dallas, Washington, Paris, Berlim.

Uma agente coordenadora. A princípio, de acordo com o tempo, ela era usada para dirigir principalmente ativos femininos. *Um toque feminino*, escreveu o seu diretor. *Tão mais reconfortante para as senhoras*.

Com o tempo, agentes masculinos foram adicionados à sua rota, e por vezes eram apanhados, e por vezes morriam — um piloto enforcado no Iraque, um engenheiro militar que se eclipsou nas Forças de Defesa Israelitas e jamais reapareceu — mas acima de tudo viviam, e reformavam-se felizes, a sua traição jamais conhecida. A traição de um homem é a lealdade de outro homem, afinal de contas.

Datas, mais notas.

Considerada para chefe de secção — rejeitada.

Considerada para chefe de secção — rejeitada.

Considerada para...

Serão os nossos colegas masculinos capazes de aceitar uma chefe feminina?, escreveu um diretor, considerando a sua candidatura a chefe de contraespionagem. *Pessoalmente penso que não*.

Eram esses os tempos, pelo que

...chefe de secção — rejeitada.

Mais tarde, quando as fotografias mudaram mostrando uma Byron de cabelo mais curto, a embranquecer nas raízes, um rosto perfeitamente liso na testa mas começando a enrugar vincadamente em torno dos olhos e dos lábios, levantou-se uma preocupação diferente.

Ideológica, dizia. *Ideologicamente determinada*.

Duas palavras que, noutro contexto, poderiam ter sido motivo para promoção instantânea, mas os espões conheciam os perigos de se ter uma opinião.

Quão depressa essas palavras passaram de mera nota de rodapé a problema.

Decisões operacionais comprometidas com base em opiniões políticas, escrevia um relatório disciplinar. *Ordens recusadas*.

E então, pela letra de Gauguin ao lado: *ela deixou-os morrer*.

Não havia explicação para estas palavras, o texto a que se referia desaparecido, e talvez Gauguin jamais tivesse tido intenção que mais alguém lesse estas cismas, mas lá estava, simples e verdadeiro, em tal tempo e tal lugar, que Byron deixara alguém morrer por causa desconhecida, e nessa palavra *deixara* residia o problema — desejasse-o

ela, tê-los-ia salvado a todos.

Uma silenciosa partida dos serviços governamentais, uma oferta de um lugar de bastidores numa ONG, mas não, obrigada, ela tomará o seu modesto pacote de indemnização e far-se-á alegremente ao caminho, adeus e passem bem, Lei do Segredo de Estado assinada, crachá de identificação queimado, *adiós* altos cargos e olá estrada menos percorrida.

Siobhan Maddox deixou o mundo da espionagem com a idade de quarenta e seis anos, e três anos mais tarde Matheus Pereyra-Conroy morria, e Byron nascia.

*

Vislumbres de Byron.

Um instantâneo de uma mulher a comprar café na Gare du Nord, Paris.

Um lampejo de um passaporte a dar entrada na alfândega dos EUA via Nova Orleães.

Um blip num cartão de crédito em Lagos, o cartão cancelado logo no dia seguinte.

Um sinal de um telemóvel em Xangai.

E Gauguin? Deixou o mundo dos homens obscuros uma semana depois de Matheus Pereyra-Conroy morrer, para dar caça à mulher que ele julgava tê-lo matado. Houve um tempo, disse ele, em que imaginei que ela se casaria comigo. Mas nunca reuni coragem para fazer o pedido, e acho que ela se fartou de esperar.

*

Oito dias depois de eu me encontrar com Gauguin na casa abaixo dos penhascos, não estávamos mais perto de encontrar Byron.

Telefonei antes, e como carro algum viesse buscar-me, chamei um táxi e fui até à casa ter com ele.

Não na cozinha desta vez; um escritório, coroadado com um retrato de Matheus Pereyra acima da lareira, pintado por um homem pago para gostar do seu objeto, mas não inteiramente capaz de o fazer. Uma imagem dúbia, em que régio era tirânico, e sorriso era esgar escarninho, dependendo do ponto de vista.

Gauguin, de grossas pantufas forradas de coelho e casaco de malha

verde, ergueu os olhos quando entrei, fitou-me as feições pela primeiríssima vez, disse: — Você deve ser a Porquê. Não me apercebi de que viria.

— Falámos ao telefone.

— Não tomei nota. As minhas desculpas.

Encolhi os ombros, sentei-me num sofá acolchoado encostado a uma parede forrada de livros de dispendiosa encadernação, não amados nem lidos. — Tenho andado a pensar em Byron.

Ele pôs a caneta de lado, ergueu uma mão a pedir paciência, abriu uma gaveta, tirou para fora um caderno de notas e um gravador USB, abriu o primeiro, ligou o outro. Deixei-o folhear as suas notas, ordenar pensamentos, antes de finalmente erguer os olhos e dizer: — Leu todo o material de fundo que lhe dei?

— Sim.

— Discutimo-lo?

— Sim.

— Ah — bom.

Tomou outra nota, depois empurrou o caderno cuidadosamente para um lado e girou na cadeira, de costas para a secretária, gravador no colo. — Estava a dizer?

Calmo — tão calmo. Uma calma feita de fina camada branca sobre um lago gelado, perfeitamente lisa até ser aplicada pressão. Esta é a primeira vez que Gauguin me conhece de todo, mas vê uma nota dizendo que não é e por isso aqui está ele, falando como um velho amigo, e calmo — muito, muito calmo.

— Acho que estamos a seguir o caminho errado.

— Estamos?

— Acho que devíamos ir atrás de Agustin Carrazza.

— O homem do MIT?

— Já.

— Muito bem; porquê?

— Acho que ele será mais fácil de encontrar. Ele não é Byron — cometerá erros.

— Não há razão para pensar que ele ainda está ligado a ela.

— E razão alguma para pensar portanto que o seguiríamos.

— Já tivemos esta conversa antes? — perguntou Gauguin. — Isto é uma velha sugestão?

— Não. Descurámo-lo porque o seu trabalho está feito, e ele desapareceu na clandestinidade há meses. Acho que o devíamos juntar de volta à equação. Ele é um acadêmico, há de contactar família, amigos, usar o mesmo telemóvel, ser filmado por câmaras, em alfândegas...

— Mas contactará Byron?

— Acho que o fará se a isso levado.

— Uma armadilha?

— Se lhe quiser chamar isso...

A porta abriu-se. Calei-me. Filipa estava no limiar, envergando um robe cor de vinho e nada nos pés. Olhou pestanejando para a divisão, viu Gauguin, viu-me a mim, disse: — Podem indicar-me o lugar mais conveniente para tomar o pequeno-almoço?

Os olhos de Gauguin lampejaram para mim, depois de volta para ela e disse: — Lá em baixo há muesli.

O lábio superior dela recurvou-se. — De difícil digestão, acho eu. Com elevado teor de açúcares também. — Depois os seus olhos fixaram-se em mim de novo, e por um momento ela contemplou a minha existência, tentando situar-me nesta divisão, e, não encontrando resposta, brindou-me com um sorriso deslumbrante e disse em vez disso: — Mil desculpas, creio que não fomos apresentadas? Eu sou a Filipa, e você...?

— O meu nome é Hope.

— Um lindo nome para uma linda mulher! Não é destes lados; bem o vejo.

— Não, sou de Inglaterra.

— Inglaterra? De onde em Inglaterra?

— Derby.

— Ah — maravilhoso; eu nunca lá fui, mas sempre pensei fazê-lo.

Sorri, longe de fazer sombra à sua resplandecência. — Bem — disse ela, um segundo antes de o silêncio se tornar constrangedor —, Hope, é um prazer conhecê-la, espero vê-la imensas vezes brevemente e poderemos todos falar de Inglaterra. Mas agora tenho mesmo de tomar o pequeno-almoço; confio que não levará a mal as minhas desgraçadas horas e apresentação, esta noite foi uma provação e tanto.

— Não levo a mal.

— É uma querida — vamos ser tão boas amigas.

Assim falando, abriu-se num sorriso radioso para mim, para Gauguin,

virou costas, e retirou-se, fechando a porta atrás de si.

Olhei para Gauguin, que desviou o olhar.

— Ela lembra-se de matar Rafe? — perguntei.

— Sim.

— Mas ela...

— Ela diz que irá processar quem quer que tenha arruinado a festa, e que irá precisar de ajuda psicológica. Usou o Perfection para descobrir para si um terapeuta adequado — ele providencia esse tipo de coisa. Escolheu um em Paris, e recebeu quatro mil pontos quando reservou um curso de dez semanas. Eu tive de cancelar a reserva — a polícia não a deixará ir, com as coisas como estão — mas embora ela tenha perdido os pontos, não disse que estava chateada. As pessoas perfeitas não choram. Chorar é feio.

— Condói-se de Byron? — cisme. — Do que Filipa fez?

— Eu... não. Byron é uma assassina. A sua causa — podemos chamá-la causa? Causa é uma palavra reta, uma palavra que implica...

— Razão suficiente?

— Suficiente é redutor.

— Agustin Carrazza — repeti firmemente. — Ele gosta de correr.

*

Três dias foi quanto bastou para encontrar o nosso professor desaparecido.

O seu erro foi espantoso na sua estupidez; ligara-se ao seu acervo de música a partir de um computador na Guatemala, tendo concluído, talvez, que valia a pena arriscar a sua localização a fim de reclamar o valor de vários milhares de dólares de canções armazenadas na nuvem.

Gauguin voou para a Guatemala no dia seguinte. Eu segui no mesmo avião, mas eu própria reservei as minhas passagens. Uma abordagem mãos livres, suave e leve.

Ele chegou à porta de Agustin Carrazza às dez da noite no meio de um dilúvio, bateu três vezes, esperou, bateu três vezes de novo.

«Já vai, já vai!», rosnou o professor e, abrindo a porta, ali estava ele, de camisola sem mangas branca e calções beges, um par de chinelos de dedo roxos nos pés, cabelo e barba compridos.

Gauguin sorriu. — Posso entrar? — disse.

*

Esteve dentro de casa durante vinte minutos, e dois dias mais tarde, voltou com companhia.

Luca Evard sorriu ao olhar pela janela da cozinha enquanto Agustin lhe fazia café, e disse, não, Interpol, a investigação expandiu-se, uma possível ligação entre Meredith Earwood e os ataques de Veneza, deve ter visto as notícias, deve ter ouvido...

Não, não ouvi nada, replicou Agustin, absolutamente nada.

Escutei através do microfone que colocara na luz da cozinha de Agustin. Teria posto mais no telefone, radiadores, computadores, parte de trás do televisor — mas Gauguin chegara lá primeiro, a casa toda sob escuta, pelo que me contentei.

Luca foi persuasivo e amável, apresentando gentilmente relatórios de associações entre Agustin e Meredith Earwood, ligações que iam aos poucos sendo provadas, as vantagens da cooperação, as oportunidades de ajudar a resolver este caso. O professor era um perito, evidentemente, um perito, seria tão útil obter a sua informação... e porque se mudara ele para a Guatemala?

As pessoas, dardejou Agustin, com mais brusquidão do que era sua intenção, e no silêncio que se seguiu imaginei as expressões pacientes tanto na cara de Gauguin como na de Luca, os sorrisos de dois homens que sabem que o seu alvo cometeu um erro, que vai ceder, mas que nada dizem, nada adiantam, limitando-se a esperar que ele desabroche como uma prímula noturna, abra as pétalas da sua verdade e morra à luz do dia.

— Maravilhoso café, obrigado — disse Luca, quando se retiravam. — Bem vejo porque gosta disto aqui.

Observei à distância Luca e Gauguin voltarem para o carro, e segui-os numa motorizada roubada na cidade. Num café adornado de flores roxas suspensas, sentei-me a duas mesas de distância e escutei Gauguin dizendo: — Creio que tenho vindo a trabalhar com a Porquê.

Luca não respondeu.

— Isso constitui um problema? — perguntou Gauguin no silêncio que se fez. — Eu quis dizer-lhe, mas se constitui um problema...

— Não constitui um problema — replicou ele, rapidamente. — Não constitui um problema.

Gauguin mexeu o açúcar no café, e assentindo para nada em especial, ergueu os olhos, e viu-me. Um ligeiro retesar, um movimento de corpo ao fitar-me. Seria eu a mulher em discussão? Levou a mão ao bolso, instintivamente, depois deteve-se, pousou a mão de volta na mesa.

Luca Evard voou de volta para a Suíça na manhã seguinte, e eu deixei-o ir.

*

Coisas que eu sou:

Eu sou as minhas pernas quando corro à chuva.

Eu sou escuridão, rompida.

Eu sou a sombra de uma figura sob a luz.

Eu sou agitação para a mente sonhadora de um homem que perdeu hoje o emprego, e que se vira e revira no seu sono entrecortado e se interroga, e agora, e agora, e agora, e julga ouvir uma mulher passar a correr, e vira-se, e esquece-se.

Eu sou o fugidio produto da contemplação de uma mulher quando olha pela janela da sua cozinha a cidade que se espraia, através do labirinto de fios telefónicos e cabos elétricos no ar todos enrolados ao longo da rua qual teia de aranha sob o efeito de LSD

ela olha e vê as luzes da cidade e por um momento pensa que pode conceber um mundo de infinita possibilidade, de infinitas vidas, de corações tão reais como o dela, pensamentos tão claros, pulsando, vivendo, movendo-se contra aquela luz

e ela olha para baixo

e vê-me

e eu aceno

e ela acena de volta, um momento de ligação, duas estranhas que são, por um momento, a mesma

mas eu continuo a correr

e ela esquece-se

mas eu não esqueço.

Eu sou memória; eu sou a soma das minhas memórias.

Eu sou a soma dos meus feitos.

Eu sou pensamentos para o futuro.

Compilações do passado.
Eu sou este momento.
Eu sou agora.
Por fim acho que sei o que isso significa.

*

Três horas depois de Luca partir da Guatemala, Gauguin ligou-me através de um telemóvel descartável.

— É a Porquê? — perguntou.

— Sim.

— Agustin Carrazza acabou de ligar para um número em Londres. Está a tentar contactar Byron. A nota diz que você desejaria saber.

*

Gauguin explica.

Carrazza liga para um telefone em Londres, o telefone é atendido por um homem desconhecido.

O telefone é do escritório de um advogado em Wapping a umas ruas de distância do rio. Dali um rapaz de camisa branca com botões de punho em forma de cabeça de cão anota a mensagem de Carrazza, dobra-a num quadradinho perfeito, apanha o metropolitano ligeiro para a Ilha dos Cães, túnel pedonal sob o rio, segue para o Mercado de Greenwich, compra guiozas fritos numa banca, que come à mão, contorna a orla da colina, o observatório no topo, e finalmente esgueira-se para dentro de uma cabina de telefone, uma das muito poucas que ainda restam em Londres.

Insere moedas.

Liga.

Diz: «Os melhores dias da vida nossos foram, os piores não podem ser senão meus».¹⁷

Se é que há alguém do outro lado da linha, não atendem.

«O seu primo diz olá de Trieste», continua, e prossegue lendo a mensagem de Carrazza. Quando termina, desliga o telefone, põe as mãos nos bolsos, curva a cabeça contra o vento e afasta-se.

¹⁷ In *And Thou Art Dead, as Young and Fair*, de Lord Byron. (N. da T.)

CAPÍTULO 100

Um telefone em Greenwich.

Passadas três horas, Gauguin tinha tudo o que queria a respeito do telefone, o número marcado, o rapaz com botões de punho caninos, tudo.

Disse o tipo dos botões de punho: «Oh merda merda foda-se merda eu só atendo o telefone, meu, é só essa merda porra que eu faço foda-se. Por favor, era só um trabalho, um trabalho fácil, não era minha intenção...»

Disse Gauguin: «Tudo bem. Tudo bem para si. Agora respire. Okay? Quero que continue a atender o telefone, e me conte tudo.»

*

Um telefone no chão de uma sala de estar em Morningside.

Um simples telefone, assente na sua base no meio do chão.

Lá fora: neve. Neve cinzenta de Edimburgo não suficientemente fria para assentar, não ainda, não nas pedras da calçada, mas amontoando-se nos carros, mais espessa nas sombras, frio na sala também, um apartamento perto do Observatório que não é aquecido há meses.

A senhoria resmungou: «Ora, arrendei-o há nove meses, e as rendas chegaram sempre bem, e se se quer apenas ter um telefone então quem sou eu para me queixar, nunca houve festas nem barulho nem problemas com a conta de eletricidade!»

Gauguin olhou para a senhoria sem palavras, e a senhoria saiu.

— É tudo? — perguntei.

— Encaminhou a chamada de Londres — mas não sabemos para onde.

— Não pode... — Um gesto, um sacudir de braços, vá lá, não pode...?!

Gauguin desviou o olhar. — Algures na Escócia — murmurou.

Abri a boca para dizer vá-se foder, foda-se isto, foda-se a porra do maldito deserto a porra de travessia do maldito deserto a porra de viagem de maldito comboio...

e detive-me.

Esperei que o silêncio assentasse quando teria de costume contado para trás a partir de dez.

Fui-me embora.

CAPÍTULO 101

Andando por Edimburgo, a última vez que aqui estive roubei a fivela do cinto de Mary Stewart, em grande parte porque podia, e pedi um resgate até que o Museu da Escócia muito relutantemente pagou um preço com desconto de £12.000 pelo seu retorno a salvo, tudo muito pela calada, muito contra o conselho da Polícia de Lothian.

A neve começou a cair com mais força, e eu andei. Por Morningside acima, passando por lojas vendendo fio de alpaca e botas de bebê, passando por alfarrabistas e salões de cabeleireiro, £95 por aparar, £130 pela experiência de spa completa. Passando pelos fornecedores de quinquilharia e piroseiras, pelos vendedores de ventosaterapia e limpezas de ouvidos, pelos aromaterapeutas que curam o síndrome do intestino irritável, os espaços de ioga para gente bonita que procura encontrar-se através de alongamentos, passando pelas lojas de iogurte orgânico e autênticos revendedores do melhor tartã, feito nas Filipinas. Por um momento, estava capaz de pegar fogo a tudo. Iogurte é agradável; ioga é bom, mas isto não é iogurte, isto é a experiência do iogurte orgânico, coma-o e seja belo. Seja belo. Seja perfeito.

Estava capaz de reduzir a cinzas a porra da cidade.

Andei até chegar a Bruntsfield Links, a neve cada vez mais espessa fazendo retroceder o último calor do dia, começando a assentar na relva, só restava um jogador de golfe ao pé da igreja, um último resistente da paixão desportiva escocesa que nem o cair da noite pode arredar.

Andei, o castelo elevando-se à minha esquerda, e os blocos de apartamentos mais altos e densos de Newington elevando-se à minha direita, e apercebi-me passado um bocado de que estava a contar os passos, e parei, e fiquei no meio da rua e gritei um grito sem palavras de frustração e fúria, e as pessoas viraram-se para olhar para mim, e eu gritei de novo e então parei, e senti-me um bocadinho melhor, e continuei a andar.

Reservara um quarto no hotel em que Gauguin estava hospedado, e agora cancelei essa reserva.

— Filipa é indiciada amanhã — resmungou ele. — O dinheiro — está a desaparecer todo. As pessoas já não me atendem o telefone, e ela está, eu sei que não é ela, mas ela está... Não é grande coisa, mas eu deveria estar

lá, para o fim, simplesmente deveria... — A sua voz fraquejou. Um homem sombra, que passara a vida a caçar sombras e não encontrara iluminação no processo.

Mudei-me para uma residência abaixo dos Penhascos.

Olhei lá para cima para o Assento de Artur, pensei em escalá-lo, pensei em neve e gelo, senti o Sol pondo-se, permaneci no quentinho do meu quartinho de estudante com carpete espessa e secretária de contraplacado, senti-me em casa. Isto era melhor do que um hotel; no período de aulas, viviam aqui pessoas, trabalhavam aqui, faziam sexo aqui, comiam feijão guisado aqui, pregavam posters à parede, sujavam o lavatório de pasta de dentes, tornavam-se esqueléticos e acomodados. Quase podia fechar os olhos, e fingir que era a modos que casa.

Abri um portátil, liguei-me ao lento wi-fi, descarreguei cada nota e cada fotografia que tirara da vida de Byron durante o tempo que a conhecera, e comecei de novo.

Conhecimento.

O que deveria eu fazer com este lugar dentro de mim em que a experiência — lágrimas de alegria, risadas estridentes, a ansiedade do trabalho, o calor dos amigos, o amor da família, as expectativas do mundo —, o que deveria eu fazer com esse lugar que nunca foi preenchido?

Ponho lá conhecimento.

E no conhecimento, encontro-me.

Isto soa a vazio intelectual onde deveria estar coração, mas procura e porventura encontres...

Os discursos de Martin Luther King.

Não chafurdemos no vale do desespero... Digo-vos eu, meus amigos... eu tenho um sonho de que um dia cada vale será exaltado, e cada colina e montanha será nivelada, os lugares acidentados serão aplanados, e os lugares tortuosos serão endireitados.

*

A história do Taj Mahal. Shah Jahan erigiu-o por amor à sua mulher.

Busque aqui o culpado asilo, como alguém perdoado, ele se torne

livre de pecado. A visão desta mansão cria pesarosos suspiros; e o sol e a lua vertem lágrimas dos seus olhos.

A Agência Espacial Europeia lançou a missão Rosetta em março de 2004, e dez anos mais tarde esta acordou após uma viagem de 6 mil milhões de quilómetros para aterrar uma sonda num cometa viajando a 15.000km/h à volta do Sol.

Depois de matar centenas de milhares de milhões de pessoas ao longo dos tempos, a varíola foi erradicada em 1980. Antes de Edward Jenner testar a sua primeira vacina de varíola bovina; antes de *Lady* Mary Wortley Montagu se maravilhar por os físicos otomanos do século XVII inocularem as suas crianças com o pus de uma crosta de varíola, uma monja budista no topo de uma montanha da China tentou as suas próprias inoculações, moendo crostas de varíola e soprando-as pelo nariz acima de doentes a isso dispostos, tornando-se uma mãe anónima da variolação.

«Reserve o seu direito a pensar, pois mesmo pensar erradamente é melhor do que não pensar de todo.» Hipátia de Alexandria — filósofa, matemática, astrónoma. Morreu enquanto a grande biblioteca ardia.

Pesquisa no Google de feminismo:

o feminismo é

- *errado*
- *para todos*
- *mau*
- *sexismo*
- *uma noção radical*
- *destruidor da América*

O que é conhecimento?

É inspiração. É um chamado para a batalha. É um lembrete de que nada há que não possa ser alcançado. É a humanidade em todas as suas formas, no meu coração.

*

Byron está na Escócia.

Estou segura disso, e estando segura, vasculho cada ficheiro, cada nota,

tudo o que jamais tive sobre ela.

«Eu vivo sozinha num lugar a que ninguém nunca vai. Trabalho sozinha. Ando à beira-mar, vou às lojas e escondo a cara. Esquivo-me às câmaras, viajo com passaporte falso, não faço amigos, não tenho necessidade de companhia. O meu trabalho é tudo o que importa. Daria a minha vida para o ver feito.»

A conta bancária com que ela arrendou um apartamento em Morningside foi aberta com dinheiro líquido e uma falsa identidade; a falsa identidade veio da darknet, difícil de localizar, nem mesmo os vendedores sabem a quem estão a vender, desde que o preço seja certo.

Ficheiros e becos sem saída, registos telefónicos indo a lado nenhum, rastros de papel acabando em nada, Gauguin envia-me mensagens, onde está, está aí, nós vamos partir agora, vamos partir. Vão abrir processos contra Filipa na terça-feira, terei de lá estar. Virá? Está aí? (É real?)

Vejo as notícias de televisão das primeiras audições aos 206 em Milão. Filipa sorri para as câmaras, aparentemente alheia ao facto de que é mais que suspeita, e Gauguin está à margem da objetiva, segurando-lhe a mão enquanto ela sobe os degraus para o tribunal. Onde estão os teus advogados agora, a tua máquina de RP e os teus homens que abrem portas de par em par? Todos em fuga, todos fugidos, enquanto a Prometheus morre.

Uma semana, mais uma, simplesmente a ler, planear, procurar, Byron, Byron, onde estás?

Uma comissão é estabelecida na América; outra em Bruxelas para investigar o Perfection. Disse o chefe do inquérito nos EUA: «Não só a América, mas todas as nações do mundo sofreram uma perda quando as vítimas dos 206 foram tão vilmente atacadas e chacinadas, e é dever de qualquer nação amante da liberdade fazer inquéritos a estes acontecimentos.»

Disse a Fox News: «Pois, sim, pensamos que o Perfection está, acaso, a reprogramar o seu cérebro.»

(E dez minutos depois: «Esta noite fazemos a pergunta: Será o Islão fundamentalmente violento e incompatível com o estilo de vida americano?»)»

No fim, assentei nos óculos de Byron. Fotografei-os, quando foi isto? Coreia — a primeira vez que arrombei o quarto de Byron, fotografei tudo o que ela tinha, mas os óculos serão porventura a melhor coisa que eu tenho para continuar.

Comprei um mapa da Escócia na loja da associação de estudantes, preguei-o na parede do meu quarto. Assinalei cada oculista do país. Não tantos como temera, realmente, não encontrando-me a norte de Dundee. Uns duzentos no máximo.

Imprimi a fotografia de Byron, de vários ângulos, ao longo de vários anos.

Imprimi uma fotografia ampliada dos seus óculos.

Imprimi em papel grosso envolto em plástico uma razoável aproximação da insígnia da Polícia de Lothian, e depois comprei um crachá antigo que parecia suficientemente legal para fixar ao interior da minha carteira e passar diante da cara de um estranho. Quantas pessoas sabiam como era uma verdadeira insígnia?

Fiz o check-out da residência depois de um pequeno-almoço de feijão guisado, ovos estrelados, salsichas fritas, bacon frito, batatas fritas e um copo de leite frio, e com a mochila dos meus bens mundanos às costas, fui fazer a minha ronda de oculistas.

CAPÍTULO 102

Em Edimburgo, a pobreza é cuidadosamente escondida, empurrada pela gentrificação para os blocos de torres e complexos, fora de vista, fora do pensamento, a limpeza das ruas, o rastejar insolvente do elétrico para Leith, a expansão de carrinhos de bebé de alta performance.

Há quarenta e dois oculistas a visitar, e apenas vinte e nove se dignam olhar para a minha insígnia, perguntar a natureza da minha incursão. Os restantes olham simplesmente para a fotografia dos óculos, a imagem da mulher na minha mão e dizem não, não, não. Mesmo que ela cá tivesse vindo, não vendemos essas armações. Tudo bem: não me parecia provável que ela fizesse exames aos olhos em Edimburgo, ela falara num chalé, em solidão, no mar — mas serei minuciosa. Eliminarei todas as opções.

Nas lojas da moda, as prateleiras recheadas de armações de parede a parede, uma mulher com pernas sem fim, um tronco minúsculo equilibrado nas protuberâncias de saltos altos, abana a cabeça e diz: — São muito do ano passado, não são? — e fala a sério, e olha de viés quando vê a expressão na minha cara e acrescenta: — Bem, quero dizer, em termos do que nós venderíamos, sim? — e fica vermelha, apanhada a dizer estupidezes por hábito de trabalho.

Em Leith, um homem com tez bem escura do Sul asiático e um turbante na cabeça dá um estalido de língua e diz: — Ah, uma mulher desaparecida. Aconteceu com a minha mãe há uns anos, mas aí, demos com ela outra vez.

No Aeroporto de Edimburgo há um vendedor de óculos do lado errado da alfândega. Compro um bilhete para Londres, atravesso a fronteira, vou à loja, não encontro nada, aceno o meu crachá de polícia para sair do outro lado.

Roubo um carro do parque de estacionamento de longo prazo do aeroporto, e conduzo para Livingston, Bathgate, Armadale, Whitburn. Os sotaques ao longo da fronteira, em Lindsay e Jedburgh, são mais cerrados e difíceis de penetrar do que em Edimburgo, como se, tão perto de Inglaterra, estas pequenas aldeias escocesas tenham jurado ser mais escocesas que os Escoceses, usando a sua identidade cultural como uma espada e escudo. Tomem lá, Ingleses!

Em Jedburgh bebo chá com scones junto de um córrego esculpido através de um vale encharcado de neve. O talhante do outro lado da rua foi o

campeão do «Melhor *Haggis* da Escócia» durante quase dez anos seguidos, salvo o único ano em que foi empurrado para segundo lugar. O açougueiro usa avental branco, mangas às riscas vermelhas e brancas e um pequeno chapéu de palha. Quando ele entra para tomar o seu chá, a neve agarra-se à orla do chapéu, e o seu nariz está brilhante e vermelho.

Em Hawick, refugio-me do tempo cada vez pior num hotel-pub, e conto à senhora atrás do balcão a minha viagem pelo Sul da Escócia, seguindo o curso de um córrego desde o mar até Teviothead, onde finalmente se fragmenta pelas montanhas dentro.

Ela serve-me vinho quente e diz: — E o que fez essa mulher, de quem anda à procura?

— É procurada relativamente a um inquérito de assassinio.

— A sério? Mas ela parece inofensiva!

— Pensamos que ela ajudou a matar aquelas pessoas em Veneza.

— Não — os 206?

Toda a gente sabe dos 206, mesmo em Hawick, com os seus concursos florais e cestos vazios suspensos, à espera da primavera; o seu monumento às crianças-soldados que rechaçaram os invasores ingleses, as suas lojas de apostas e os seus moinhos têxteis girando silenciosamente, o seu orgulho em ser o que é — mesmo aqui.

— Sabe, acho chocante o que aquelas pessoas fizeram umas às outras — cismou a minha hospedeira, enquanto o odor a fumo de lenha se insinuava pelo pub e um homem de cabelo louro pálido amaldiçoava duas cerejas na fruit machine. — Quero dizer, as coisas que se ouvem — cirurgia, cirurgia ao cérebro também, viver a vida pelo que uma máquina nos diz e para quê? Para ser perfeito? Quando é que deixámos de aprender a simplesmente amarmo-nos a nós próprios pelo que somos, é isso que quero saber.

Sorri por sobre o rebordo do meu copo bem quente, e interroguei-me se esta mulher saberia o que é amar-se a si próprio, perdoar-se a si próprio, estar em paz consigo próprio, ou se estas palavras também não seriam meramente o produto final de outro algoritmo despejando palavras no vazio. Ame-se a si próprio, sussurra o Perfection, perdoe-se a si próprio — aqui, tenha um desconto de £5 pela sua primeira sessão de perdão «ame-se a si próprio», dois mil pontos uma vez completado o curso...

Em Newton Stewart tirei um dia para andar pela região, trepei até à floresta, olhei para baixo para pinhal e charneca, encontrei um obelisco de betão erigido no ponto mais elevado, sentei-me sozinha e comi sanduíches de compota com manteiga de amendoim, cruzei-me com um passeador de cães na volta para baixo disse, de onde vem?

Oh, por aí, por aí, respondeu ele. Já não penso muito por onde ando.

*

O ferry para a Ilha de Arran saiu de Ardrossan. O mar estava batido e encrespado, os céus cinzentos, o vento ululante, deixando-me presa em Brodick durante a noite. Percorri a povoação de uma ponta à outra e de volta em vinte minutos, encontrei o B&B já todo reservado, dormi no banco de trás do meu carro, fui acordada à meia-noite por uma gaivota a pousar, o seu corpo branco e gordo embatendo com força no tejadilho de metal. O meu bafo tremeluzia no ar e de manhã o oculista estava fechado de qualquer maneira, pelo que dei a volta à ilha, e comi peixe e batatas fritas em Blackwaterfoot, e fui a um perfumista e fiz a visita guiada, ouvi uma explicação de todas as suas artes («odores florais, frutados, amadeirados, fecais, oh sim, disse fecais, a nota baixa capta a atenção e então as fragrâncias mais elevadas fixam-na; âmbar-gris é simplesmente caca de baleia, sabem?»), disse, obrigada, muito interessante, comi um ovo de pato ao pequeno-almoço na manhã seguinte e fui finalmente ao oculista, que disse não, nunca a vi, lamento.

Embarquei no ferry de volta para Ardrossan, depois fiz-me às águas de novo, para Campbeltown, e por essa estreita língua de terra acima rumo às terras altas e ao Norte.

*

Um mês, mais dois carros roubados.

Fiquei uma noite num hotel spa na orla do Loch Tay, porque tresandava, porque não lavava a minha roupa há semanas, porque me doíam os olhos e tinha as costas doridas. Custou mais do que gastara nos últimos quatro dias de viagem, mas corri ao longo da margem norte do lago, dez quilómetros até meio caminho, e outros dez de volta, e de regresso caí na sauna e distendi cada osso até estalar, e levei a roupa lá abaixo à lavandaria e sentei-

me de pijama e roupão do hotel a vê-la girar, girar, girar, e comi mirtilos ao pequeno-almoço e falei com marido e mulher dos seus setenta e tais, ele ex-neurocirurgião, ela ex-cirurgiã cardíaca, que se tinham casado em Glasgow depois da Crise dos Mísseis de Cuba e agora vinham até cá acima uma vez por ano, todos os anos, para andar pela charneca antes de crescerem as flores roxas.

— Há quem lhe chame um ermo — disse ela —, mas eu acho que há uma espécie de beleza no vazio. Permite-nos lembrarmo-nos de que ali estamos, que importamos.

— Ouviram falar dos 206? — perguntei, e o neurocirurgião deu um estalido com a língua e disse, que trágico desperdício. Desperdício de vidas. Desperdício de sonhos. Desperdício de... tudo, realmente.

— Nos dias que correm, oferecemos soluções para tudo — concordou ela. — Incluindo coisas que não precisam realmente de conserto.

Nessa manhã, a neve caiu com mais força, e eles ficaram deliciados com esta reviravolta de acontecimentos, e apertaram as suas melhores botas de caminhada e saíram, de mãos dadas, rumo à beira do lago.

Acenei-lhes em despedida, e continuei viagem na direção de Perth.

*

Um mês virou dois.

A imprensa perdeu o interesse no caso dos 206, cada detalhe mais que mastigado, cada imagem empolada e analisada.

«Cenas perturbadoras», dizia a notícia, «não ver se for de espírito sensível», e olá, sim por favor, aqui estamos nós a ver hmm hmm hmm.

Filipa foi confinada a uma instituição mental, e libertada quase logo a seguir, e de novo confinada. O mesmo aconteceu a uns quantos outros sobreviventes.

«É claro que estes indivíduos não estavam no seu perfeito juízo, quando perpetraram estes atos sangrentos», disse um perito legal, requisitado à Universidade de Bolonha. «A questão parece clara — não fosse os 206 terem *escolhido* alterar a sua química cerebral. Torna-os esta escolha culpados? É isto que os advogados argumentarão...»

Umas contas rápidas.

Cinco advogados por equipa jurídica, £200 à hora, oito horas por dia,

cinco dias por semana, um ano de julgamento — £2.080.000 anuais em custos judiciais, se se tiver sorte. Diz a lenda que a equipa jurídica de O. J. Simpson ganhava \$20.000 por dia.

Ordenado mensal médio em:

- EUA: \$3263
- Turquia: \$1731
- Cazaquistão: \$753
- Índia: \$295
- Paquistão: \$255

PIB, segundo o Fundo Monetário Internacional:

- Gâmbia: \$850.000.000
- Djibuti: \$1.457.000.000
- Apple Inc.: \$182.795.000.000

Fundos doados para o combate ao surto de Ébola de 2014-15:

- Estados Unidos: £466.000.000
- Banco Mundial: £248.000.000
- Banco de Desenvolvimento Africano: £91.000.000
- Alemanha: £81.000.000
- Fundação Gates: £31.000.000
- China: £20.000.000
- Mark Zuckerberg: £16.000.000

*

Liguei a rádio.

«Ei Macarena!»

Conduzi pela noite fora.

CAPÍTULO 103

No meu terceiro mês de condução pela Escócia, e no meu décimo terceiro carro roubado, apanhei o ferry de Ullapool para Stornoway, postei-me no convés da popa e aspirei o odor a primavera, sal, vapores de gasolina e cerveja barata, vi a terra afastar-se para trás do barco, senti o vento assolar-me o cabelo, e soube

bem.

Nada de raiva, nada de frustração, apenas o mar aberto.

Em Stornoway (população 9000; equipas de futebol Stornoway Athletic vs. Stornoway United, renhidos rivais) percorri a pé os duzentos metros do porto do ferry até ao primeiro oculista, abri a porta ao tilintar de uma campainha, saquei da minha fotografia amarrotada de Byron, dos seus óculos e do meu crachá da polícia e disse: — Procuro...

— A Sra. MacAuley, *aye*!

O oculista, um homem jovial de pelagem branca em torno do queixo e sobrancelhas que se destacavam do rosto como duas sombrinhas cinzentas, abrigando-lhe os olhos de chuva e sol, fitou-me no meu mutismo, olhos arregalados e face curiosa, um homem não acostumado a estranhos, quanto mais à Polícia de Lothian tão longe de casa.

O silêncio alongou-se entre nós, um longo, longo tempo, até que por fim ele deixou escapar: — Está morta ou quê?

— Desculpe-me um momento — disse eu, e saí da loja.

Dei a volta ao quarteirão, contei até cem, depois marchei de volta lá para dentro e tentei de novo, com crachá da polícia na mão.

— Olá — disse. — Procuro a Sra. MacAuley.

— *Aye* — respondeu ele, fitando-me de novo, amistoso, curioso, vendome pela primeiríssima vez. — Ela vem aqui aviar-se.

Mostrei o crachá da polícia. — Estou a investigar uma fraude de identidade — disse. — Pensamos que a Sra. MacAuley pode ter sido uma vítima.

— Está muito longe de casa.

— A investigação é grande. Os ladrões têm vindo a alargar o perímetro. Algumas das suas vítimas podem nem sequer saber que foram visadas, os seus detalhes usados em crimes.

— Que tipo de crimes?

— Fraudes de seguros, principalmente.

— E diz que ela poderá ser uma vítima? Porque haveria alguém de querer roubar a identidade da Sra. MacAuley? — Não negação, não rejeição da minha premissa — meramente um homem que passava uma data de tempo sozinho numa loja, falando consigo mesmo, falando agora alto, matutando um dilema.

— Pode ajudar-me a encontrá-la? — perguntei. — Sabe onde ela vive?

— Oh, claro, tenho o endereço algures por aí.

Abriu um monitor de computador, uma coisa velha e roncadora, cuja memória se esforçava por formar palavras enquanto se teclava.

— Aqui está — é um grande esticão, sabe onde vai?

— Posso descobri-lo.

— Eu não me fiaria no telefone, se é nisso que está a pensar. Por aqui não há grande sinal.

— Eu tenho um mapa — respondi, copiando o endereço. — Tudo bem.

— Boa sorte para si, então.

— Obrigada.

E pronto: estava descoberta.

CAPÍTULO 104

Conduzo como que num sonho.

Não consigo decidir: esta terra é bela, ou um ermo desolado? É um ermo desolado belo?

Pedra cinzenta projeta-se da espessa erva verde, cutucando um céu cinzento.

Uma árvore definhada, curvada de lado pelo vento, varre dedos em garra de galhos negros para um tufo de erva castanha e eriçada que cresce do nada.

Uma fiada de postes de alta tensão ao longo da frente de uma colina rasa.

A água de uma lagoa, ou charco, ou de uma protuberância aquática sem nome que se altera tantas vezes com as estações que ninguém se dignou nomeá-la, transborda para a estrada, inundando-a até meia altura dos meus pneus. Avanço lentamente, escutando o chapinhar em torno das rodas, e de novo retomo velocidade do outro lado, rumando direita à baliza de um campo murado abandonado.

Planura, pardaça, vazia. Por vezes o terreno eleva-se bruscamente, e logo se afunda com igual rapidez. Quase o tempo todo é alagado de água, salpicado de sal que se lançou terra dentro quais baldes de Poseidon.

Pedras caídas dos montes, como chegaram elas ali? Dentes brancos aguçados, qual catedral fendida por trovão, assento de musgo que se faz amarelo, vindo de nenhures, de nenhures surgido.

Um chalé em forma de colmeia, sem estrada até à porta, sem eletricidade tão-pouco, sobranceiro a um *loch* lá em baixo, a embocadura da baía em que alcança o mar, castanha de lama e areia.

É este lugar belo?

É o fim do mundo?

*

Com o cair da noite, refugio-me numa casa de quinta, o número que me foi dado pela mulher que me vendeu uma empada de carne (que espécie de carne? — não, esqueça que perguntei) numa furgoneta estacionada à beira da estrada.

Tem muita clientela?, perguntei.

As pessoas vêm à minha procura, respondeu ela, com o rádio aos berros lá atrás.

Sabe onde posso ficar esta noite?

Tente os MacKenzies, respondeu ela. Têm um quarto disponível.

*

O quarto era £10 a noite, e a dona da quinta deu-me um cobertor suplementar, «pois provavelmente não está acostumada ao frio».

Uma aranha tecia pacientemente a sua teia num canto do meu quarto, tão acostumada à solidão que não conseguia processar a presença de um ser humano no seu reduto. Curvei-me para passar sob a porta da casa de banho, sentei-me na sanita e fitei um bordado na parede com a declaração:

ESTES IRÃO PARA O SUPLÍCIO ETERNO, E OS JUSTOS, PARA A VIDA ETERNA.¹⁸

Não tinha sinal de telemóvel, mas deixaram-me usar a linha fixa.

Fiz uma chamada, breve e concisa, agradeci-lhes a hospitalidade, e fui para a cama.

*

Acordei com o sol, porque a minha anfitriã assim fez, marchando para cima e para baixo sob a minha janela grasnando furiosamente para os patos.

Os patos grasnaram, e ela grasnou de volta, e eles enxamearam à sua volta quando lhes atirou comida, declarando quáquá!

Quáquáquá, cantando ao som do seu clamor. Fui ter com ela e disse: — Olá. Sou nova aqui. Posso pagar por um pequeno-almoço?

Um gato preguiçoso estava sentado junto ao fogão na cozinha, enroscado na solitária cadeira de baloiço, um olho aberto, desafiando fosse quem fosse a sequer tentar depô-lo dali, a parte mais quentinha do seu domínio. Mantive as distâncias, mas a mulher franziu o sobrolho e ele afastou-se de um pulo, pressentindo a batalha perdida antes de começar.

— Coma, raios, coma! — exclamou ela, vendo-me hesitar, e eu comi pão caseiro com mel caseiro, recolhido das colmeias antes que as abelhas morressem com a chegada do inverno, e ela ligou o rádio bem alto e pôs-se a lavar a loiça e não falámos, e não vi o seu marido.

No fim desta refeição, quando me dirigia para o carro, ela perguntou: —

Para onde vai?

— Até ao fim da ilha.

— Férias, é?

— Não. Ver uma pessoa amiga.

— Amiga, é? — Estalou a língua. — Bem, assim o dizem.

O que diziam, e se era bom ou não, não perguntei, mas agradeçi-lhe o pequeno-almoço e liguei o aquecimento dentro do carro, antes de me meter lá dentro e seguir viagem.

*

Céus cinzentos que se fazem um.

Erva que se faz uma.

Pintura abstrata, cores todas misturadas.

Movimento de pincel, esborratam-se, da direita para a esquerda com a viagem, da esquerda para a direita com o vento que sopra do mar.

Pés nos pedais, mão no volante, nunca passei o exame mas sei conduzir, uma aptidão de sobrevivência, uma disciplina, o meu pai havia de ficar furioso, a infringir a lei, uma filha minha, mas a minha mãe entenderia.

Faz-se o que se tem de fazer, ao atravessar o deserto, diz ela. Os rituais que se praticam, as devoções que se levam a cabo, são eles que nos ligam a nós próprios. Se não os temos, se não os encontrámos dentro de nós, não somos nada, e o deserto é tudo.

Tenho orgulho em ti, diz a mamã do lugar do passageiro, sorrindo para o céu esborratado. Tenho orgulho em ti, Hope Arden.

Obrigada, mamã. Ei — mamã?

Sim, querida?

Quando viu a orla do deserto, o que sentiu?

Honestamente? Senti-me triste por deixar o deserto para trás. Mas continuei a andar mesmo assim.

*

Um chalé na orla do mar.

Estacionei no cimo de um carreiro, demasiado estreito para deixar passar um carro. Como se trazia mobília para esta casa?, interroguei-me, enquanto percorria caminho em direção aos sons da água a rebentar numa praia de

cascalho.

Carregava-la tu, repliquei. Pedias ajuda aos amigos, e juntos faziam-no.

Dois pisos numa casa de pedra, telhas de ardósia no telhado, pedras arredondadas com líquen na parede, minúsculas janelas quadradas, carcomidas pelo sal, o vidro lá dentro a querer soltar-se. Uma porta de entrada branca. Um gato de cerâmica estava fixado à parede acima do batente, antigo e maligno. Umas quantas ervas daninhas cresciam entre os tijolos. Cortinas de renda pendiam nas janelas. Uma luz estava acesa num quarto lá em cima. Um bueiro a cinquenta metros de distância sugeria que, não há tanto tempo assim, canalizações e eletricidade tinham sido colocadas debaixo de terra, longe do furioso vento de inverno.

Bati com um batente de ferro de sorriso arreganhado sob os meus dedos.

Truz truz.

Esperei.

Uma luz acendeu-se na entrada, conquanto fosse de dia, manhã, mas os céus estavam suficientemente cerrados para projetar sombras que mais cerradas se faziam dentro de casa.

Uma sombra passou através da frincha de luz na moldura da porta. Uma tranca foi levantada, uma corrente feita deslizar para trás.

A porta abriu-se.

Byron espreitou para mim de dentro de um fulgor quente e enfumado de lareira e disse: — Sim? — O seu sotaque, escocês, reforçado pelo tempo passado na ilha; o rosto, curioso, aberto, não reconhecedor.

— Olá — disse eu. — O meu nome é Hope.

*

Um momento.

Memória.

Ela não se lembra de mim, mas lembra-se talvez
de um mantra repetido: o seu nome é Hope o seu nome é Hope o seu
nome é Hope o seu nome
lembrando o ato de tentar lembrar.

Olha para mim, para a minha cara, a minha mochila, a minha roupa desgastada da viagem, o meu cabelo já a crescer que não tive tempo de urdir em algo mais composto, o meu carro roubado estacionado lá mais para

cima, e conquanto não se consiga lembrar, sabe.

— Oh — disse. Depois: — É melhor entrar.

Entrei lá para dentro, e ela fechou a porta atrás de mim.

¹⁸ São Mateus 25:46, *Nova Bíblia dos Capuchinhos*. (N. da T.)

CAPÍTULO 105

Ela fez chá. Deixou a saqueta de chá no dela, e mal lhe juntou leite.

Sentei-me à sua mesa de cozinha, vendo-a trabalhar, enchendo canecas verdes a condizer com uma chaleira cheia de calcário, antes de pousar as canecas em bases redondas de croché e de se instalar à minha frente.

— Obrigada — disse eu, e bebi.

— Não tem de quê. Tenho biscoitos, se...?

— Estou bem, obrigada.

— Se soubesse que aí vinha, teria passado os olhos pelos meus trabalhos de casa. Assim sendo, sinto que nada sei de si.

Esforço algum para disfarçar o sotaque, já não. Uma perna cruzada sobre a outra, uma mão pousada sobre a outra, o corpo de viés na cadeira, virado para mim, mas com espaço para se levantar, para se mover, para se debater, se necessário fosse.

— O meu nome é Hope — repeti. — Sou uma ladra. Passámos algum tempo juntas na América.

— Eu sei que passei tempo com alguém de quem não me posso lembrar — tenho meses de notas e gravações no sótão. Apunhalei-a? Há uma nota dizendo que a apunhalei.

— Sim, apunhalou.

— Lamento-o muito. Parto do princípio de que foi necessário?

— Eu estava prestes a impedi-la de cometer assassínio em massa.

— Ah — certo. Como está agora?

— Curei-me.

— Fui à sua procura pelos hospitais. Lembro-me disso. Mas não a encontrei.

— Encontrou. Não guardou a gravação.

— Porque não?

— Julgo que não queria lembrar o seu conteúdo.

— Porquê, disse alguma estupidez? — Um lampejo de dúvida, um pensamento súbito. — Eu disse-lhe como me encontrar?

— Não, não, nada disso. Mas parecia querer algo de mim que eu não estava disposta a dar.

— Não pode ser críptica, não quanto a coisas destas.

— Está a gravar esta conversa?

— Não — tal como disse, apanhou-me de surpresa.

— Então o que importa? Não se vai lembrar.

— Então o que importa — replicou ela — se contar?

Bebi mais um golinho de chá.

Silêncio momentâneo, salvo o assobiar do vento do mar, a promessa de chuva por vir.

— Está aqui para me matar, Hope? — perguntou ela.

— Não.

— Porque está aqui?

Não respondi.

— Como me encontrou?

— Os seus óculos.

— Os meus...

— Fui a todos os oculistas da Escócia.

— A sério?

— A sério.

— Quanto tempo isso lhe levou?

— Uns meses.

— Porquê a Escócia?

— A sua história. A forma como descreveu a sua casa. O telefone de Wapping, o sinal vinha aqui dar. Por vezes é perigoso atravessar fronteiras internacionais; mais vale ater-se a território familiar. Tinha de eliminar possibilidades.

— E alguém se lembrou — não, claro que se lembraram. É um dilema, quando precisamos de desaparecer. Se tentamos eclipsar-nos numa grande cidade, diluirmo-nos na multidão, aumentamos as probabilidades de sermos detetados pela tecnologia. Câmaras, cartões, chips e pins — os dados são difíceis de evitar, hoje em dia. De modo que nos mudamos para um lugar remoto, um lugar onde as câmaras não tenham chegado ainda, e, claro está...

— As pessoas lembram-se.

— Sim.

— Você disse invejar-me, uma vez.

— Invejo. Você pode eclipsar-se sem deixar rasto, e evitar conflitos como este.

— E pessoalmente? Inveja-me pessoalmente?

Ela hesitou, chupando o lábio inferior, rolando a caneca de chá cuidadosamente entre os dedos. Então: — Sim. De certa forma. Imagino que a sua condição a deixe livre de certas considerações. Não pode planejar — não, pode planejar, mas não pode... agonizar, digamos assim, pelo futuro, porque não o tem. Estou a ser demasiado dura? Estou a ser injusta?

Encolhi os ombros; nem justa nem injusta, verdadeira nem falsa — continue.

— Nem pode chafurdar nos erros do seu passado, porque a única pessoa que deles sabe é você. Aqueles que lesou, cujas vidas destruiu — os que buscariam vingança ou clamariam por justiça — esqueceram-na. Cometeu dano material, sim, mas emocionalmente é um espaço em branco. As suas ações são um golpe de relâmpago, para eles, um ato de Deus, ou do acaso, não uma coisa humana, não uma mente ativamente conspiradora buscando a sua ruína.

Actus reus: ato doloso.

Mens rea: intenção dolosa.

Cometo um crime, e só eu me lembro da minha culpa.

— Você tem uma espécie de liberdade — disse ela. — Livre dos olhos do mundo; livre de uma espécie de sofrimento. É, à sua maneira, invejável.

Silêncio momentâneo.

Perguntei: — É difícil? Acha-o difícil?

— O quê?

— Responder a si mesma.

— Não — replicou ela, branda como o mar, firme como a pedra. — Já não.

— O que você fez...

— Tenho a consciência limpa. Você é esquecida, e ninguém vem à sua procura. Eu sou lembrada, e aqui está você. E tudo bem por mim.

— Eu acho que me desprezo, parte do tempo — disse eu.

Ela encolheu os ombros: e daí? Ultrapasse isso.

— Olho para a minha vida, e encontro-a cheia de falhas.

Outro meio inclinar da sua cabeça. De novo: lide com isso.

— Acho que a única maneira como posso sobreviver é no tempo presente. Se olho para o meu passado, vejo solidão. Solidão e... e erros feitos de solidão. Se olho para o meu futuro, vejo medo. Luta. A possibilidade de muita dor. E por isso olho só para agora, neste tempo

presente, e pergunto-me, o que faço agora? Quem sou eu agora? Durante algum tempo esta foi a minha grande disciplina, agora, e agora, e agora, quem sou eu agora, agora sou profissional, agora sou calma, agora estou a fazer exercício, agora estou a falar com aqueles que se esquecerão. Agora sou um eu que desejo ser, agora sou uma imagem de quem tenho de ser, agora. Agora. Agora.

» Então conheci-a e agora sou todas as coisas, penso eu. Agora sou uma mulher que, no passado, fez algumas coisas pouco limpas. Agora sou uma mulher que, no futuro, fará melhor, onde puder. Agora estou neste momento e sou simplesmente isto. Simplesmente eu. Falando. Simplesmente falando, para si. Você esquecerá e agora passará, o tempo consumirá a sua memória e, com ela, qualquer realidade de que este momento possa ter existido, mas por agora, aqui, sentamo-nos, você e eu, e somos inteiramente nós próprias, falando. Isto faz sentido?

— Sim.

— O tempo todo que andei à sua procura, nunca perguntei a mim mesma o que faria quando a encontrasse. Nunca. Recusava-me a perguntar. Era uma pergunta para um agora diferente, um momento diferente, não o construiria baseado em fantasia. Acha que estou aqui para a matar?

— É uma possibilidade — cismou ela.

— Não estou.

— Porque está aqui, Hope?

— Queria vê-la.

— Porquê?

— Parecia-me necessário.

— De novo: porquê? Se não é vingança que quer, então não vejo... — A sua voz fraquejou. Eu fitei a minha caneca.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Então: — Todo o pensamento é associação e retroalimentação — disse ela.

Ergui os olhos, rapidamente, estudando-lhe o rosto, mas os seus olhos estavam algures noutra lugar, a sua mente contemplando um caminho diferente. — A solidão não é mais do que uma construção de ideias. Eu estou só porque não estou com pessoas. Preciso de estar com pessoas para

me sentir preenchida. E a seu tempo você diz: eu não estou com pessoas, e contudo estou preenchida. Tenho os meus livros, tenho as minhas caminhadas, tenho as minhas rotinas, tenho os meus pensamentos, e conquanto esteja sozinha, não estou só. E a seu tempo você diz: eu tenho-me a mim, o meu corpo e a minha mente, e as pessoas invadi-lo-iam, e sou só, e é pelo bem supremo. É um paraíso. Sabe porque é que escolhi ser Byron?

— Não.

— Ele viveu uns tempos num mosteiro arménio. Ele era um casanova tão sedutor como qualquer um desse lote, mas por uns tempos escolheu... ele escreveu que há um prazer nas florestas desconhecidas, há um êxtase na solitária praia. Conhece?

*— Há uma sociedade, por ninguém invadida,
Junto ao mar profundo, e música no seu bramido:
Não amo menos o homem, mas mais a Natureza,
Destas nossas entrevistas, em que capturo
De tudo o que porventura sou, ou terei sido
P'ra com o universo me fundir, e sentir
O qu'jamais pod'rei expressar, mas nem tudo poss'ocultar.¹⁹*

Ela abriu-se num sorriso radioso. — Leu a poesia dele.

— Li-a enquanto a procurava. Achei que podia ajudar.

— E contudo os oculistas levaram a melhor.

— Até ao fim.

Os seus olhos regressaram agora a mim, a cabeça virando-se ligeiramente para o lado. — Teme-o, não? Os perigos de estar sozinha. De não ter ninguém para a ajudar a encontrar o seu caminho. Amigo algum a dizer «foste um bocadinho longe de mais», amante algum a dizer «podias ser terna com as tuas palavras», não? Patrão algum a dizer «trabalha mais» e psiquiatra algum a dizer «trabalha menos», sociedade... sociedade alguma a dizer-lhe como escolher, ou o que vestir, julgamento... julgamento algum, a ajudar a guiar o seu? Teme-o?

— Sim. Temo as falibilidades da minha própria razão.

— Está claro — sim, a loucura que provém de um processo de pensamento não controlado, de lógica que não é lógica, mas assim não lho

dizem, está claro, muito avisado.

— Eu imponho disciplinas sobre mim própria, discurso, razão, conhecimento...

— Para preencher o lugar onde deveria estar a sociedade?

— Sim. E para me manter lúcida. Para me ajudar a ver-me a mim própria, como os outros porventura veriam.

— Pelos olhos da lei, razão, filosofia?

— Sim. O que veem os estranhos, quando me veem? Quase nunca dizem, não a verdade, e portanto busco entendê-los, para que porventura me entenda a mim própria.

— Falácia sua — interrompeu ela, virando agora o corpo de modo que tudo se distendeu, tudo de frente para mim. — Erro seu. Você tem um dom, Hope, um dos maiores jamais concedidos. Está fora disso tudo; está livre disso.

— Livre de...

— Das pessoas. Da sociedade. Não tem necessidade de se conformar, para quê? Ninguém lhe agradecerá por isso, ninguém se lembrará de si, e portanto tem a liberdade de escolher o seu próprio caminho, a sua própria humanidade, de ser quem *você* quer ser, não qualquer fantoche moldado pela televisão e pelas revistas, pelos publicitários, pela mais recente definição de trabalho ou lazer, por ideias de sexo, género, por...

— Perfeição?

— Por perfeição. Você escolhe o seu perfeito. Escolhe ser quem é, e o mundo não a pode moldar, a menos que o permita. O mundo não a pode afetar, a menos que seja por acolhimento seu. Você é livre, Hope. É mais livre do que qualquer ser vivo.

Silêncio momentâneo. Então eu disse: — Foi por isso que os matou? — Ela reclinou-se na cadeira, desapontada, um sopro de ar. — Foi por isso que quis destruir o Perfection? Para libertar as pessoas?

— Nós sacrificámos o pensamento — replicou ela categoricamente, voz dura, olhos firmes. — Vivemos numa terra de liberdade, e as únicas liberdades que podemos escolher são gastar, foder e comer. O resto é tabu. Bicho do mato. Vagabunda. Tarado. Larilas. Rameira. Puta. Drogado. Borlista. Feio. Pobre. Muçulmano. *Outro*. Odiar o outro. Matar o outro. Aspirar, como nós, a estar juntos, a ser melhores, a ser... perfeitos. Perfeição. Um ideal unificado. Perfeição: sem mácula. Perfeição: branco,

rico, homem. Perfeição: carro, sapato, vestido, sorriso. Perfeição: a morte do pensamento. Eu programei os 206 para se matarem uns aos outros. Se tiver oportunidade, reunirei todos os membros do 106 que puder encontrar, e fá-los-ei comerem-se uns aos outros inteiros.

Os seus olhos, ardentes nos meus, desafiando-me, vá lá, fala.

Eu disse: — Achei que acaso... — E parei. — Achei que talvez... — Tropecei nas palavras.

— Vá lá.

— Achei que acaso havia aqui outra espécie de história. Achei que talvez tivesse visto coisas ou feito coisas ou coisas lhe tivessem sido feitas — mas não é isso, é? Você destruiu o Perfection porque precisava de ser destruído. Não há tragédia pessoal ou antigo juramento a ser cumprido. Viu algo vil, e pegou em armas contra ele. Acho que poderia admirar isso, se as coisas tivessem sido diferentes.

Silêncio.

O chá arrefeceu nas suas canecas, o vento soprou vindo do mar.

Então: — Liguei a Gauguin.

Silêncio.

— A noite passada — acrescentei. — Contei-lhe tudo.

Silêncio.

— Porquê? — Incompreensão — nunca antes vira tal coisa nela, incompreensão, incredulidade, contenção por um fio, dedos brancos, as veias ressaltando nas pregas macias do pescoço, o corpo tremendo com a própria rigidez. — Porquê?

— Porque... porque... — Tomei fôlego de um trago. — Porque conquanto concorde consigo em respeito a quase tudo, relativamente a tudo — Perfection, solidão, liberdade, poder, escolha — praticamente tudo, acho que tem de haver um lugar em que para. Acho que tem de haver um momento em que damos a volta e nos permitimos ser definidos pelo mundo que nos rodeia. Eu sou livre. Escolho honrar a liberdade daqueles que vivem em meu redor. Escolho honrá-los. Acho que a sua liberdade não o faz.

Silêncio.

Então ela levantou-se, rapidamente, virou-se, verteu o resto do chá no lava-loiça, pousou a caneca de lado, virou-se, inspirou profundamente e exclamou, numa rápida explosão:

*Pois a espada gasta a bainha,
E a alma desgasta o peito,
E o coração repousado melhor respira,
P'ra que o próprio amor tome alento.*

Parou, os dedos tremendo de cada lado do corpo, retomando ar, como se essas poucas palavras lhe tivessem sugado o oxigénio dos pulmões. Pousei a caneca, pus-me em pé, os meus olhos não se despregando dos dela, e repliquei suavemente: — Ei Macarena.

Silêncio.

Ela pôs a cabeça de lado, olhou para ver se as suas palavras desencadeavam alguma coisa mais — obediência, talvez, uma abertura ao comando — e como não visse sinais disso, simplesmente sorriu e abanou a cabeça e disse: — Vamos dar uma volta à beira-mar?

Ergui as sobrancelhas.

— Isto aqui é muito bonito, acho eu. Com a luz certa — podendo ver-se as estrelas. Às vezes tira-me a respiração. Às vezes é vil. Muda, de momento para momento. Como... — Parou, calou-se antes que as palavras saíssem disparadas, esboçou um sorriso trémulo. — Como o tempo presente.

— Vamos dar uma volta — disse eu. — Temos tempo.

— Vou buscar o casaco.

*

Andámos.

Ela usava grandes botas castanho pálido e um grosso casaco verde-escuro.

— Feito em Stornoway — esqueça a alta tecnologia, os Escoceses têm equipamento para todos os climas desde há quinhentos anos. O único outro povo que sabe o que faz são os Escandinavos, e mesmo eles se renderam ao lixo de polímero e vidros polarizados nos tempos que correm.

Eu nada disse, e caminhei a seu lado, o casaco bem apertado em torno do peito, mãos enterradas nos bolsos. O céu tornava-se mais pesado e gotas de chuva gelada, desesperada por se tornar neve, começaram a cair, mordendo com dentes gordos e brancos quando incidiam em pele exposta, tamborilando-me nas costas. O mar abaixo de nós exalava como um troll,

chocalhando as pedras quando a água era sugada de volta para as profundezas, cortando a respiração quando rebentava contra os penhascos. Podia ver a beleza naquilo agora, o escuro-sobre-escuro-sobre-escuro sem fim. Lá longe, um petroleiro arrastava-se entre a ilha e o continente, rumando a norte, em direção a Kirkwall e Lerwick, ao Circulo Ártico e aos poços de petróleo, arrotando fogo através do mar.

— Gauguin disse que queria casar consigo — disse eu por fim, elevando a voz acima do soprar do vento.

Ela sorriu. — Nunca pediu.

— Mas ia fazê-lo?

— Nunca pediu — repetiu ela.

Continuámos a andar, o seu chalé cada vez mais pequeno e longínquo.

Eu disse: — Vai fugir?

— Fugir? Da Ilha de Lewis, e John a caminho? Suponho que poderia fazê-lo. Se houvesse alguma coisa a fazer. Mas duvido. Um refúgio é uma prisão, com qualquer outro nome.

— Quanto tempo aqui viveu?

— Cerca de três anos.

— Como pagava tudo? O equipamento, os peritos, os passaportes, os...

— Roubava — explicou ela simplesmente. — Era necessário.

Continuámos a andar.

Abaixo de nós, o mar recolhia-se sob o penhasco, as gaivotas empoleiradas sob os nossos pés. As ondas desfaziam-se e as nuvens precipitavam-se no céu, correndo para algum encontro desconhecido. A erva longa sibilava e os seixos embatiam, embatiam contra o vento, um código Morse de correntes interrompidas e reformadas, pum pum faz o mar, bum bum faz a terra, corre corre vai o céu e nós, minúsculas figuras num mundo vasto e revolto, andamos.

Andámos.

E por um momento, eu era o céu.

Eu era o mar.

Eu era a erva, curvando-se ao vento.

Eu era o frio.

Eu era Byron, andando ao meu lado, e ela parou e virou-se de frente para o oceano, depois elevou a cabeça para o céu, cerrou os olhos com a chuva a cair-lhe contra o rosto, inspirou o ar bem fundo pelo nariz, e contou para

trás a partir de dez.

Observei-a a contar, e ouvi-a dizer, com os olhos ainda fechados: — Se me encontrarem, haverá um julgamento.

— Não terão muitas provas — imagino que a matem em vez disso.

— Não importa — replicou ela. — A imprensa, os média, a internet — eles farão o barulho, farão a gritaria, a gritaria o tempo todo, e a verdade e a minha voz perder-se-ão. A censura e o barulho, coisas humanas, a tudo atribuirão coisas humanas, não a verdade. Como pode alguém viver com isso? Como pode alguém viver com tanta gritaria na sua vida, o tempo todo? Matheus Pereyra adorava a gritaria. Acho que nos dias que correm as pessoas adoram sentir-se a arder.

— Siobhan — disse eu, e hesitei, quando ela não se moveu, não pestanejou. — Byron — corriji. — Podemos arranjar uma maneira melhor.

Ela abriu os olhos, sorriu para mim, pareceu prestes a falar, hesitou, ergueu a cabeça, fitou o céu lá no alto.

Um som, meio perdido além das nuvens. Um ronc ronc ronc contra o rugido do mar.

Um helicóptero.

— Olhe — disse ela. — Aí estão eles.

— Byron...

Ela ergueu uma mão, silenciando-me, e, sorrindo, voltou o rosto para o oceano, e com um pequeno sopro de ar, correu para o mar.

Fechou os olhos, mesmo antes de alcançar a beira do penhasco, e se fez algum som ao cair, as águas atroadoras engoliram-no.

¹⁹ In *Childe Harold's Pilgrimage — A Peregrinação de Childe Harold*, de Lord Byron. (N. da T.)

CAPÍTULO 106

Um corpo entre as rochas.

Um carro da polícia, conduzido o caminho todo através da ilha.

Uma ambulância, duas horas mais tarde.

Sentei-me na orla da colina, e tudo observei.

Gauguin veio a correr, tombou de joelhos à beira do penhasco, meios lamentos engasgando-se-lhe na garganta, um velho num casaco inapropriadamente leve, a cabeça nas mãos, chorando.

Observei, mas ele não pareceu ver-me.

E quando, a seu tempo, os polícias se haviam esquecido e lembrado da minha presença o bastante para ficarem confusos, peguei na mochila e fui-me embora.

Caminhei para norte, junto à orla do mar.

Caminhei sobre pedras cinzentas e ervas desbotadas.

Caminhei para lá da furgoneta que vendia empadas de carne de proveniência incerta, de que as pessoas iam à procura.

Caminhei com os olhos semicerrados contra a chuva.

Caminhei à medida que o Sol se punha.

Caminhei quando ele de novo nasceu.

Caminhei terra dentro até não poder mais ver o mar, depois caminhei até estar de novo na água, e só o céu me ser dado a contemplar, tão longe quanto a vista podia abarcar.

Caminhei.

E ao caminhar, senti o deserto sob os meus pés, e o sol no rosto mesmo chovendo.

E caminhei até ao ferry, e nele sulquei a água.

E caminhei até à estação, e apanhei o comboio.

E olhei pelas janelas do comboio, e vi as vidas alheias por mim passar.

Um homem de bicicleta pedalando para o trabalho.

Um par de crianças com bonés escolares, lutando por um pacote de batatas fritas.

Um homem arranjando o seu camião à beira da estrada.

Uma mulher ao telemóvel, no meio de uma ponte sobre um regato, gesticulando zangada, triste, frustrada.

Uma velhota e o seu marido, o neto entre ambos, acenando às pessoas

que passavam.

Comprei um jornal em dado ponto, e li-o no meu assento à janela, e os cabeçalhos estavam...

cheios de gritaria.

De modo que o pus de lado.

E em Edimburgo Waverley, comprei um caderno de notas na papelaria, e uma embalagem de canetas, e enquanto o motor berrava a sua vitória sobre a inércia e o comboio começava a arrastar-se para sul, de volta a Inglaterra, de volta ao tempo morno, de volta a Derby e à minha irmã que esperava, comecei a escrever.

Escrevi sobre o passado.

Sobre as coisas que me haviam trazido aqui.

Sobre ser esquecida, e ser lembrada.

Sobre diamantes no Dubai, e incêndios em Istambul. Sobre passeios por Tóquio, as montanhas da Coreia, as ilhas dos mares do Sul. Sobre a América e o autocarro greyhound, sobre Filipa e Parker, Gauguin e Byron¹⁴.

Escrevi, para tornar a minha memória verdadeira.

O passado, vivo.

Agora.

Aqui, nestas palavras.

Escrevi para me tornar real.

E quando por fim o meu comboio chegou a Nottingham, amarinhei da estação para fora e entrei num táxi, e quando cheguei ao local onde vive a minha irmã, ela estava sonolenta, mas reconheceu-me quando entrei pela porta, e disse: — Hope! Mentiste; estiveste longe séculos.

Pedi desculpas, e mostrei-lhe os presentes que comprara — filmes de aventura, e de bravura, do bem triunfante, da beleza vencendo o mal, de heróis e vilãos, de...

um mundo mais fácil.

E quando ela adormeceu, escrevi um pouco mais, depondo a verdade entre a gritaria.

Lembra-te disto, das minhas palavras.

Agora que estou em casa.

Agora que sou, por fim, eu mesma.

Agora que sou Hope²⁰.
Lembra-te de mim.

²⁰ Esperança. (N. da T.)

DIREITOS DE AUTOR

«Macarena», de Los Del Rio (1993); remix em língua inglesa de Bayside Boys (1994). Arranjo e direção musical de Jesus Bola e Manuel Soler; remix produzido e misturado por The Bayside Boys: Carlos A. de Yarza e Mike Triay com base no Fangoria River Fe-Mix; conceito: Jammin Johnny Caride; letra inglesa: Carlos A. de Yarza. Copyright © Novas Ediciones Musicales Sa, Warner/Chappell Music Espanha S.A., Universal MCA Music Publishing, Universal Music Publishing Mgb Espanha S.A., BMG Music Publishing Espanha S.A., Canciones Del Mundo S.A.

«Great Balls of Fire», cantada por Jerry Lee Lewis (1957). Escrita por Jack Hammer, Otis Blackwell; produzida por Jack Clement. Copyright © Mystical Light Music, Mijac Music, Chappell & Co. Inc., Donna Dijon Music Publications, Unichappell Music Inc.

«Eu Tenho Um Sonho», do Rev. Martin Luther King na «Marcha sobre Washington», proferido a 28 de agosto de 1963, no Lincoln Memorial, Washington D.C.

BIOGRAFIA



CLAIRE NORTH é um dos dois pseudónimos de Catherine Webb – uma autora britânica nascida em 1986.

Estudou História na London School of Economics e Teatro na RADA. A sua estreia, *Mirror Dreams*, foi publicada quando tinha apenas 14 anos. O livro foi publicado em 2002 e granjeou comparações a Terry Pratchett e Philip Pullman. Webb publicou mais sete romances, conquistando as críticas, o público e mais duas nomeações para a medalha Carnegie. Sob o pseudónimo Kate Griffin, publicou seis obras de fantasia. Em 2014 publicou o primeiro romance de ficção científica sob o pseudónimo de Claire North, *As Primeiras Quinze Vidas de Harry August*, tendo sido um bestseller. Em 2015 e 2016, publicou *Touch* e *A Súbita Aparição de Hope Arden*.

Mais informações em

WWW.SDE.PT